

# O MAHABHARATA

de

Krishna-Dwaipayana Vyasa

LIVRO 1

## ADI PARVA

Traduzido para a Prosa Inglesa do Texto Sânscrito Original

por

Kisari Mohan Ganguli

[1883-1896]

### **AVISO DE ATRIBUIÇÃO**

Escaneado em sacred-texts.com, 2004. Verificado por John Bruno Hare, Outubro 2004. Este texto é de domínio público. Estes arquivos podem ser usados para qualquer propósito não comercial, desde que este aviso de atribuição seja mantido intacto.

Traduzido para o Português por Eleonora Meier.

<b>Capítulo</b>	<b>Conteúdo</b>	<b>Página</b>
	<b>Prefácio da Tradução Inglesa.</b>	<b>8</b>
<b>1</b>	Sumário, lamento de Dhritarashtra “nenhuma esperança de êxito”.	<b>12</b>
<b>2</b>	Visão geral dos capítulos e conteúdo.	<b>25</b>
<b>3</b>	Janamejaya, filho de Parikshit, provações Brahman, história de Utanka e brincos. Leva ao sacrifício de cobras.	<b>40</b>
<b>4</b>	Sauti se prepara para começar.	<b>51</b>
<b>5</b>	Brhigu, Rakshasa planeja levar sua esposa Puloma.	<b>52</b>
<b>6</b>	Nascimento de Chyavanna. Maldição sobre Agni (por informar o Rakshasa).	<b>54</b>
<b>7</b>	Resolução da maldição de Agni por Brahma.	<b>55</b>
<b>8</b>	Ruru e a donzela Pramadvara. Morte dela.	<b>57</b>
<b>9</b>	Pramadvara volta à vida.	<b>58</b>
<b>10</b>	Ruru não mata uma cobra que uma vez foi um Brahmana, agora amaldiçoado.	<b>59</b>
<b>11</b>	História da cobra – volta para forma humana.	<b>60</b>
<b>12</b>	Ruru pergunta por que Janamejaya quer destruir as cobras.	<b>61</b>
<b>13</b>	Jaratkaru, pai de Astika, é informado de que deve gerar um filho.	<b>61</b>
<b>14</b>	É oferecida uma moça, irmã do rei das cobras.	<b>63</b>
<b>15</b>	Astika deixado por Jaratkaru.	<b>63</b>
<b>16</b>	Filhas de Prajapati na Era Dourada – mil filhos e dois filhas.	<b>64</b>
<b>17</b>	Saunaka pergunta sobre o batimento do oceano de leite.	<b>65</b>
<b>18</b>	Batimento do oceano.	<b>66</b>
<b>19</b>	Combate com Asuras por causa do Amrita.	<b>68</b>
<b>20</b>	Kadru e Vinata apostam.	<b>69</b>
<b>21</b>	Descrição do oceano.	<b>70</b>
<b>22</b>	Descrição do oceano.	<b>71</b>
<b>23</b>	Vinata perde a aposta e se torna uma escrava. Garuda se torna uma ave enorme.	<b>72</b>
<b>24</b>	Surya resolve queimar os mundos.	<b>74</b>
<b>25</b>	Garuda e sua mãe, Vinata. Divisões de tempo.	<b>75</b>
<b>26</b>	Indra faz chuva cair sobre os Nagas.	<b>76</b>
<b>27</b>	Garuda questiona ordem das cobras.	<b>76</b>
<b>28</b>	Garuda ataca os Nishadas pelo Amrita.	<b>77</b>
<b>29</b>	Garuda ouve história do elefante e da tartaruga.	<b>79</b>
<b>30</b>	Garuda devora elefante e tartaruga. Os deuses se preparam para proteger o Soma.	<b>81</b>
<b>31</b>	Ato de descuido de Indra.	<b>83</b>
<b>32</b>	Garuda luta com os deuses.	<b>85</b>
<b>33</b>	Garuda pega o Amrita. Narayana lhe concede bênçãos. Indra pede amizade.	<b>86</b>
<b>34</b>	Garuda liberta sua mãe da maldição. Soma levado de volta para o céu. Línguas das cobras divididas por lamber erva Kusa.	<b>88</b>
<b>35</b>	Nomes das cobras são recitados.	<b>89</b>
<b>36</b>	A cobra mais velha, Sessa, sustenta o mundo.	<b>90</b>
<b>37</b>	Vasuki consulta com as cobras como evitar sua maldição.	<b>91</b>
<b>38</b>	As cobras são informadas como Astika abortará o sacrifício.	<b>93</b>
<b>39</b>	Vasuki planeja entregar irmã para Jaratkaru.	<b>94</b>
<b>40</b>	O rei Parikshit caçando joga uma cobra em um Muni. Ele é amaldiçoado.	<b>95</b>
<b>41</b>	A maldição.	<b>96</b>

<b>42</b>	Parikshit se prepara para evitar a mordida da cobra.	<b>98</b>
<b>43</b>	Parikshit é mordido.	<b>100</b>
<b>44</b>	Janamejaya é coroado.	<b>102</b>
<b>45</b>	Jaratkaru mandado gerar filhos por seus ancestrais.	<b>103</b>
<b>46</b>	Para Jaratkaru é oferecida a irmã de Vasuki.	<b>104</b>
<b>47</b>	A esposa de Jaratkaru concebe. Jaratkaru a deixa.	<b>105</b>
<b>48</b>	Astika cresce.	<b>107</b>
<b>49</b>	Janamejaya pergunta sobre a morte de seu pai.	<b>109</b>
<b>50</b>	Repetição da morte de Parikshit; Janamejaya resolve destruir as cobras.	<b>110</b>
<b>51</b>	Preparativos para o sacrifício.	<b>113</b>
<b>52</b>	Sacrifício – cobras queimam.	<b>114</b>
<b>53</b>	Rishis no sacrifício.	<b>114</b>
<b>54</b>	Astika é avisado de sua missão, e enviado.	<b>115</b>
<b>55</b>	Louvor ao sacrifício.	<b>117</b>
<b>56</b>	Para Astika é concedido um benefício: parar o sacrifício.	<b>118</b>
<b>57</b>	Nomes das cobras levadas pelo sacrifício.	<b>120</b>
<b>58</b>	Sacrifício das cobras termina.	<b>121</b>
<b>59</b>	Saunaka pede para o Mahabharata ser narrado.	<b>123</b>
<b>60</b>	Krishna-Dvaipayana vai até Janamejaya depois do sacrifício, e é pedido para relatar a história dos Kurus e Pandavas.	<b>123</b>
<b>61</b>	Sumário da história.	<b>125</b>
<b>62</b>	Sumário da história.	<b>127</b>
<b>63</b>	Rei Vasu, nascimento de Satyavati, nascimento de Vyasa. Resumo dos nascimentos dos personagens principais.	<b>130</b>
<b>64</b>	Criação de Parasurama. Era Krita. Terra vai até Brahma porque está ficando superlotada. Brahma promete encarnações.	<b>135</b>
<b>65</b>	Nascimento de todas as criaturas.	<b>138</b>
<b>66</b>	Genealogia de deuses e criaturas.	<b>140</b>
<b>67</b>	Relato da encarnação das divindades na terra, incluindo os cinco Pandavas.	<b>144</b>
<b>68</b>	Dushmanta, fundador da linhagem Paurava.	<b>150</b>
<b>69</b>	Vida de Dushmanta, caçando.	<b>151</b>
<b>70</b>	Dushmanta entra em uma floresta de ascetas.	<b>153</b>
<b>71</b>	Filha do Rishi, Sakuntala, relata seu nascimento.	<b>155</b>
<b>72</b>	Término da história do nascimento de Sakuntala.	<b>157</b>
<b>73</b>	Oito tipos de casamento. Dushmanta se casa com Sakuntala. Rishi retorna.	<b>158</b>
<b>74</b>	Sakuntala apresenta o filho para Dushmanta, que a recusa. Ela fala sobre a esposa, o filho, a verdade. Voz do céu confirma as palavras dela. Dushmanta a aceita e chama o filho de Bharata.	<b>160</b>
<b>75</b>	Genealogia de Daksha. Yati troca de idade com Puru.	<b>166</b>
<b>76</b>	Sukra, Kacha, Devayani. Comido e devolvido à vida.	<b>169</b>
<b>77</b>	Kacha recusa Devayani, que pede a ele para casar com ela.	<b>173</b>
<b>78</b>	Devayani é jogada no poço.	<b>174</b>
<b>79</b>	Sukra para Devayani.	<b>176</b>
<b>80</b>	Sarmishtha é feita servir Devayani.	<b>177</b>
<b>81</b>	Yayati se casa com Devayani.	<b>179</b>
<b>82</b>	Yayati faz Sarmishtha conceber.	<b>181</b>
<b>83</b>	Yayati é amaldiçoado por Sukra. Para evitar a decrepitude, Yayati pode transferi-la para outro, que será o governante sucessivo.	<b>182</b>
<b>84</b>	Puru é o único filho a aceitar a velhice de Yayati.	<b>184</b>

<b>85</b>	Puru recebe de volta sua juventude, e o reino.	<b>186</b>
<b>86</b>	Yayati na floresta.	<b>188</b>
<b>87</b>	Pedido por Indra, Yayati relata o que ele disse para Puru.	<b>189</b>
<b>88</b>	Yayati é derrubado do céu.	<b>190</b>
<b>89</b>	Yayati questionado por Ashtaka.	<b>191</b>
<b>90</b>	Yayati relata nascimento.	<b>192</b>
<b>91</b>	Ashtaka pergunta sobre Grihasthas, Bhikshus, Brahamacharins, Vanaprashthas e modos de vida Muni.	<b>194</b>
<b>92</b>	Ashtaka e Pratardana oferecem presentes para Yayati – Yayati recusa.	<b>196</b>
<b>93</b>	Vasumat e Sivi também oferecem para Yayati – todos eles ascendem para o céu.	<b>198</b>
<b>94</b>	Linhagem de Puru a Santanu.	<b>200</b>
<b>95</b>	Linhagem mais adiante em maiores detalhes.	<b>202</b>
<b>96</b>	Ganga e Mahabhisha são amaldiçoados a nascerem sobre a Terra.	<b>207</b>
<b>97</b>	Pratipa promete Santanu para Ganga.	<b>208</b>
<b>98</b>	Ganga afoga os primeiros 7 filhos, parte quanto o oitavo nasce.	<b>210</b>
<b>99</b>	Explicação do pecado (vaca da abundância) que causou o nascimento dele.	<b>211</b>
<b>100</b>	Santanu, Bhishma, e casamento de Satyavati com Santanu.	<b>213</b>
<b>101</b>	Santanu morre. Chitranganda morre em combate com Ghandarvas.	<b>218</b>
<b>102</b>	Bhishma rouba três filhas do rei de Kasi. Concede duas para Vichitravirya, que morre sem filhos logo depois. Oito tipos de casamento.	<b>218</b>
<b>103</b>	Satyavati pede para Bhishma casar e gerar filhos.	<b>222</b>
<b>104</b>	Bhishma relata história de Vali.	<b>223</b>
<b>105</b>	Vyasa é chamado para gerar filhos em Ambika e Ambalika.	<b>225</b>
<b>106</b>	Vyasa gera três filhos.	<b>228</b>
<b>107</b>	História de como Dharma veio a nascer. Empalação de Mandavya.	<b>229</b>
<b>108</b>	Deus da Justiça é amaldiçoado. Nenhum pecado nos primeiros 14 anos de vida das crianças.	<b>230</b>
<b>109</b>	Crescimento dos três filhos. Pandu se torna rei.	<b>231</b>
<b>110</b>	Dhritarashtra recebe uma esposa.	<b>233</b>
<b>111</b>	Kunti recebe bênção de invocar Deuses. Karna nasce.	<b>233</b>
<b>112</b>	Kunti escolhe Pandu.	<b>235</b>
<b>113</b>	Pandu recebe Madri. Pandu começa a conquistar o mundo.	<b>236</b>
<b>114</b>	Pandu vai para as florestas.	<b>238</b>
<b>115</b>	Cem filhos para Dhritarashtra. Ele é avisado para abandonar Duryodhana.	<b>239</b>
<b>116</b>	Filha de Dhritarashtra.	<b>241</b>
<b>117</b>	Filhos de Dhritarashtra.	<b>242</b>
<b>118</b>	Pandu é amaldiçoado por matar um veado.	<b>242</b>
<b>119</b>	Pandu se torna um asceta.	<b>244</b>
<b>120</b>	Quatro dívidas que nós temos neste mundo. Seis tipos de filhos. Pandu manda Kunti produzir descendência.	<b>247</b>
<b>121</b>	Kunti pede filhos de Pandu.	<b>249</b>
<b>122</b>	Pandu relata como as mulheres uma vez foram livres, mas devem agora aderir a um homem. Kunti é mandada chamar o Deus da Justiça.	<b>251</b>
<b>123</b>	Nascem os primeiros três filhos de Kunti. Adorações quando Arjuna nasce.	<b>253</b>
<b>124</b>	Madri dá à luz aos Aswins: Nakula e Sahadeva.	<b>256</b>
<b>125</b>	Pandu morre em relação sexual com Madri. Madri sobe na pira fúnebre.	<b>258</b>
<b>126</b>	O restante da família volta para Kurujungala.	<b>260</b>
<b>127</b>	Funeral.	<b>261</b>

<b>128</b>	Vyasa avisa Satyavati da aniquilação da linhagem. Duryodhana conspira contra os Pandavas. Tenta matar Bhima.	<b>263</b>
<b>129</b>	Bhima retorna depois de beber néctar da força. Todos os garotos são enviados para estudarem sob Gautama (Kripa).	<b>265</b>
<b>130</b>	Nascimento de Kripa e Kripí.	<b>267</b>
<b>131</b>	Nascimento de Drona, Aswatthaman. Drona recebe conhecimento de armas.	<b>269</b>
<b>132</b>	Drupada recusa amizade com Drona.	<b>271</b>
<b>133</b>	Drona é aceito por Bhishma para treinar os Kurus.	<b>272</b>
<b>134</b>	Kurus aprendem de Drona. Príncipe Nishada pratica na floresta, mas dá polegar direito quanto pedido. Teste com a ave na árvore.	<b>275</b>
<b>135</b>	Arjuna salva Drona de jacaré. Recebe arma Brahmasira.	<b>279</b>
<b>136</b>	Torneio para mostrar façanhas dos príncipes.	<b>280</b>
<b>137</b>	Torneio.	<b>281</b>
<b>138</b>	Karna entra na arena. Arjuna e Karna se preparam para combate.	<b>283</b>
<b>139</b>	Karna coroado rei de Anga.	<b>285</b>
<b>140</b>	Drupada é levado para Drona como taxa do preceptor.	<b>286</b>
<b>141</b>	Drona faz Arjuna prometer que lutará com ele quando chegar a hora.	<b>290</b>
<b>142</b>	Discurso de Kanika para Dhritarashtra sobre como lidar com inimigos.	<b>291</b>
<b>143</b>	Sumário da conspiração para queimar os Pandavas na casa de laca.	<b>297</b>
<b>144</b>	Duryodhana e Dhritarashtra tramam exilar os Pandavas.	<b>299</b>
<b>145</b>	Pandavas decidem ir para Varanavata.	<b>300</b>
<b>146</b>	Duryodhana planeja para a casa de laca ser construída.	<b>301</b>
<b>147</b>	Pandavas partem para Varanavata, tendo sido avisados por Vidura.	<b>302</b>
<b>148</b>	Pandavas na casa de laca.	<b>304</b>
<b>149</b>	Mineiro vai até os Pandavas.	<b>305</b>
<b>150</b>	Pandavas põe fogo na casa, queimando uma mulher Nishada. Eles escapam.	<b>306</b>
<b>151</b>	Pandavas fogem em um barco.	<b>307</b>
<b>152</b>	A notícia do incêndio chega a Dhritarashtra.	<b>308</b>
<b>153</b>	Bhima consegue água para os irmãos. Eles dormem no chão.	<b>310</b>
<b>154</b>	Irmã de Rakshasa se apaixona por Bhishma.	<b>312</b>
<b>155</b>	Bhima luta com Hidimva (Rakshasa).	<b>314</b>
<b>156</b>	Bhima mata o Rakshasa.	<b>316</b>
<b>157</b>	Bhima casa com Hidimva; nascimento de Ghatotkacha.	<b>317</b>
<b>158</b>	Vyasa os manda para Ekachakra.	<b>320</b>
<b>159</b>	Pandavas moram na casa de um Brahmana.	<b>321</b>
<b>160</b>	Família do Brahmana dá discursos moralistas a respeito de quem deve ser sacrificado.	<b>323</b>
<b>161</b>	Filha e filho pedem para ser sacrificados.	<b>324</b>
<b>162</b>	Brahmana fala para Kunti sobre Vaka.	<b>326</b>
<b>163</b>	Kunti promete que Bhima entregará a comida.	<b>327</b>
<b>164</b>	Kunti tranquiliza Yudhishtira.	<b>328</b>
<b>165</b>	Luta com Vaka.	<b>329</b>
<b>166</b>	Cidadãos vêem Vaka morto e questionam Brahmana.	<b>330</b>
<b>167</b>	Resumo da história de Draupadi.	<b>331</b>
<b>168</b>	Rememoração de Drona e Drupada (e linhagem).	<b>332</b>
<b>169</b>	Draupadi (Krishna) e Dhrishtadyumna nascem para Drupada.	<b>334</b>
<b>170</b>	Kunti e Yudhishtira decidem partir.	<b>337</b>
<b>171</b>	Pandavas partem para Panchala.	<b>337</b>
<b>172</b>	Arjuna derrota o rei dos Gandharvas.	<b>338</b>

<b>173</b>	História de Tapati.	<b>342</b>
<b>174</b>	História de Tapati.	<b>344</b>
<b>175</b>	História de Tapati.	<b>345</b>
<b>176</b>	Lenda de Viswamitra e Vasishtha (linhagem).	<b>347</b>
<b>177</b>	...continua.	<b>348</b>
<b>178</b>	Vasishtha incapaz de se matar.	<b>351</b>
<b>179</b>	Reconciliado com Kalmashapada.	<b>353</b>
<b>180</b>	Vasishtha consola filho com história de Kshatriyas destruindo Bhriagus.	<b>355</b>
<b>181</b>	Aurva decide destruir todas as criaturas.	<b>357</b>
<b>182</b>	Aurva é apaziguado pelos Pitris.	<b>358</b>
<b>183</b>	Sacrifício destruidor de Rakshasas de Parasara é parado.	<b>359</b>
<b>184</b>	Kalmashapada é amaldiçoado por devorar um Brahmana.	<b>360</b>
<b>185</b>	Pandavas escolhem Dhaumya como seu sacerdote.	<b>362</b>
<b>186</b>	Pandavas partem para o swayamvara de Draupadi.	<b>362</b>
<b>187</b>	Cerimônia começa: teste é atirar cinco flechas através de um alvo.	<b>363</b>
<b>188</b>	Nomes daqueles que tentarão.	<b>365</b>
<b>189</b>	Tentativas de encordoar o arco. Karna é recusado por Draupadi.	<b>366</b>
<b>190</b>	Arjuna atira e ganha Draupadi.	<b>368</b>
<b>191</b>	Monarcas avançam em Drupada com raiva. Arjuna e Bhima resistem para protegê-lo.	<b>369</b>
<b>192</b>	O combate para. Krishna aquieta a multidão.	<b>371</b>
<b>193</b>	Todos os cinco decidem se casar com Draupadi. Krishna vai até eles.	<b>373</b>
<b>194</b>	Dhrishtadyumna segue Draupadi até a residência dos Pandavas.	<b>375</b>
<b>195</b>	...continua.	<b>376</b>
<b>196</b>	Preparação para o casamento.	<b>378</b>
<b>197</b>	Pandavas revelam sua identidade. Confusão sobre como casá-la com cinco homens.	<b>379</b>
<b>198</b>	Vyasa aparece para explicar casamento quártuplo para Drupada.	<b>381</b>
<b>199</b>	Vyasa explica sobre os cinco Indras, e Deuses de onde Draupadi e os Pandavas surgiram.	<b>382</b>
<b>200</b>	Drupada consente. O casamento acontece.	<b>386</b>
<b>201</b>	...continua.	<b>387</b>
<b>202</b>	Notícias levadas para Duryodhana e Dhritarashtra.	<b>388</b>
<b>203</b>	Conspiração contra os Pandavas.	<b>390</b>
<b>204</b>	Conspiração.	<b>391</b>
<b>205</b>	Bhishma dá o veredicto – o reino ser dividido ao meio.	<b>392</b>
<b>206</b>	Drona e Karna falam.	<b>393</b>
<b>207</b>	Vidura fala.	<b>395</b>
<b>208</b>	Vidura convida os Pandavas a voltarem para o reino.	<b>396</b>
<b>209</b>	Aos Pandavas é dada metade do reino. Eles constroem Indraprastha.	<b>397</b>
<b>210</b>	Narada visita os Pandavas.	<b>400</b>
<b>211</b>	História de Sunda e Upasunda.	<b>401</b>
<b>212</b>	Irmãos Asura conquistam o mundo e os céus.	<b>403</b>
<b>213</b>	Tilottama é criada.	<b>405</b>
<b>214</b>	Irmãos Asura se destroem por ciúmes.	<b>406</b>
<b>215</b>	Para capturar ladrões Arjuna entra no aposento onde Yudhishtira estava com Draupadi. Arjuna tem que ir para as florestas.	<b>408</b>
<b>216</b>	Ulupi recebe Arjuna por uma noite.	<b>409</b>
<b>217</b>	Arjuna tem um filho com Chitrangada.	<b>411</b>

<b>218</b>	História de Vaga e quatro companheiras que foram transformadas em crocodilos.	<b>412</b>
<b>219</b>	...continua.	<b>414</b>
<b>220</b>	Arjuna e Krishna se encontram.	<b>415</b>
<b>221</b>	Arjuna se apaixona por Bhadra, irmã de Krishna.	<b>416</b>
<b>222</b>	Arjuna rouba Bhadra.	<b>417</b>
<b>223</b>	Reunidos. Ciúmes de Draupadi. Filhos de todos os Pandavas.	<b>419</b>
<b>224</b>	Piquenique e festa.	<b>423</b>
<b>225</b>	Agni vai até Krishna e Arjuna. Explicação do motivo pelo qual Agni deve queimar a floresta.	<b>424</b>
<b>226</b>	Brahman diz para Agni pedir a ajuda de Krishna e Arjuna.	<b>428</b>
<b>227</b>	Krishna e Arjuna recebem carro e armas.	<b>429</b>
<b>228</b>	O fogo começa. Krishna e Arjuna impedem as criaturas de escapar.	<b>431</b>
<b>229</b>	Eles lutam com os celestiais.	<b>432</b>
<b>230</b>	O fogo continua. Maya é protegido.	<b>434</b>
<b>231</b>	Quatro aves, filhos de Mandapala, escapam.	<b>436</b>
<b>232</b>	Quatro aves pequenas e mãe.	<b>438</b>
<b>233</b>	Mãe pássaro parte.	<b>439</b>
<b>234</b>	Agni deixa as quatro aves que se dirigem a ele com um hino.	<b>441</b>
<b>235</b>	Aves pais retornam. Pai repreende mãe por rejeitá-lo.	<b>442</b>
<b>236</b>	Agni queima a floresta. Concede benefícios para Krishna e Arjuna. Deixa Arjuna, Krishna e Maya na margem do rio.	<b>444</b>

Índice escrito por Duncan Watson.  
Traduzido por Eleonora Meier.

## **Prefácio da Tradução Inglesa**

O objetivo de um tradutor deve ser sempre espelhar a obra do autor. Sendo assim, seu dever principal é representar tanto quanto possível a maneira na qual as idéias do autor estão expressas, retendo se possível, pelo sacrifício da expressão idiomática e elegância, todas as peculiaridades das imagens do autor e da língua também. Em relação a traduções do Sânscrito, nada é mais fácil do que apresentar de maneira atrativa as idéias Hindus, assim como fazê-las agradáveis para gosto Inglês. Mas o esforço do presente tradutor tem sido dar nas páginas seguintes uma versão tão literal quanto possível do grande trabalho de Vyasa. Ao leitor puramente Inglês há muito nas páginas seguintes que soará ridículo. Aqueles não familiarizados com qualquer língua exceto a sua são geralmente muito exclusivos em questões de gosto. Não tendo conhecimento de outros modelos além daqueles que encontram na sua própria língua, o padrão que eles formaram de pureza e critério em composição deve ser necessariamente estreito. O tradutor, no entanto, cumpriria mal seu dever se, pelo motivo de evitar o ridículo, ele sacrificasse a fidelidade ao original. Ele deve representar o autor como ele é e não como ele deveria ser para satisfazer o gosto estreito daqueles não familiarizados com ele. O senhor Pickford, no prefácio da sua tradução Inglesa do Mahavira Charita, defende habilmente uma aderência precisa ao original mesmo com o sacrifício do idioma e elegância, contra as pretensões do que tem sido chamado de "Tradução Livre", o que significa vestir o autor em um estranho traje para contentar aqueles a quem ele é apresentado.

No prefácio da sua tradução clássica do Niti Satakam de Bhartrihari e Vairagya Satakam, o Sr. C.H. Tawney diz, "Eu sou consciente de que no presente empreendimento eu retive muito do colorido local. Por exemplo, as idéias de adoração aos pés de um deus ou de grandes homens, embora ela ocorra frequentemente na literatura Indiana, sem dúvida causarão o riso dos homens ingleses não familiarizados com o Sânscrito, especialmente se acontecer deles pertencerem àquela classe de leitores que deleitam sua atenção no incidental e permanecem cegos ao essencial. Mas certa medida de fidelidade ao original mesmo com o risco de se fazer ridículo é melhor do que a desonestidade estudada que caracteriza tantas traduções de poetas orientais."

Nós concordamos completamente com o que está escrito acima, embora, isso deve ser observado, a censura enviada à classe indicada de tradutores é um tanto imerecida, não havendo nada como uma "desonestidade estudada" em seus esforços, os quais procedem somente de uma visão errada dos seus deveres, e como tal revelam somente um erro da cabeça e não do coração. Há mais de doze anos atrás quando Babu Pratapa Chandra Roy, com Babu Durga Charan Banerjee, foi ao meu retiro em Seebpore para me contratar para traduzir o Mahabharata para o Inglês eu fiquei assombrado com a grandeza do esquema. Meu primeiro questionamento a ele foi de onde viria o dinheiro, caso minha competência para a tarefa. Pratapa então desdobrou para mim os detalhes do seu plano, as esperanças que ele podia legitimamente nutrir de ajuda de diferentes partes. Ele estava cheio de entusiasmo. Ele me mostrou uma carta do Doutor

Rost, o qual, ele disse, tinha lhe sugerido o empreendimento. Eu conhecia Babu Durga Charan há muitos anos e tinha a mais elevada opinião sobre sua erudição e senso prático. Quando ele calorosamente tomou o lado de Pratapa para me convencer da viabilidade do esquema eu o escutei pacientemente. Os dois queriam completar todos os arranjos comigo no mesmo dia. Com isto eu não concordei. Eu tirei o tempo de uma semana para considerar. Eu consultei alguns dos meus amigos literários, o principal entre eles era o recentemente falecido Doutor Sambhu C. Mookherjee. O último, eu percebi, tinha sido visitado por Pratapa. O Dr. Mookherjee me falou de Pratapa como um homem de energia e perseverança indomáveis. O resultado da minha reunião com o Doutor Mookherjee foi que eu escrevi para Pratapa pedindo a ele para ir me ver novamente. Naquela segunda entrevista as estimativas foram esboçadas, e tudo o que dizia respeito à minha parte no trabalho foi planejado. Meu amigo deixou comigo um exemplar da tradução que ele tinha recebido do professor Max Muller. Este eu comecei a estudar, cuidadosamente comparando-o frase por frase com o original. Sobre seu caráter literal não podia haver dúvida, mas ele não tinha fluência e, portanto, não podia ser lido com prazer pelo leitor comum. A tradução tinha sido realizada trinta anos atrás por um jovem alemão amigo do grande sábio. Eu tive que retocar cada frase. Isto eu fiz sem prejudicar em absoluto a fidelidade ao original. Minha primeira 'cópia' foi impressa e uma dúzia de folhas foi tirada. Estas foram submetidas ao julgamento de diversos escritores eminentes, europeus e nativos. Todos eles, eu estava contente de ver, aprovaram o exemplar, e então a tarefa de traduzir o Mahabharata para o Inglês havia começado a sério.

Antes, no entanto, do primeiro fascículo ser distribuído, surgiu a questão se a autoria da tradução deveria ser reconhecida publicamente. Babu Pratapa Chandra Roy foi contra o anonimato. Eu fui a favor. As razões que eu apresentei eram principalmente fundadas sobre a impossibilidade de uma pessoa traduzir todo o trabalho gigantesco. Apesar da minha resolução de cumprir até a máxima extensão o dever que eu havia começado eu podia não viver para terminá-lo. Levava muitos anos antes que o fim pudesse ser alcançado. Outras circunstâncias além da morte podiam surgir por consequência das quais minha ligação com o trabalho poderia cessar. Não era desejável pôr em circulação fascículos sucessivos com os nomes de uma sucessão de tradutores aparecendo nas páginas de rosto. Estas e outras considerações convenceram meu amigo de que, afinal, meu ponto de vista estava correto. Foi consequentemente resolvido reter o nome do tradutor. Como um meio-termo, no entanto, entre os dois pontos de vista, foi resolvido pôr em circulação o primeiro fascículo com dois prefácios, um com a assinatura do editor e o outro intitulado 'Prefácio do tradutor'. Isto, supunha-se, guardaria eficazmente contra concepções erradas de todo tipo. Nenhum leitor cuidadoso então confundiria então o editor com o autor.

Embora este plano fosse adotado, ainda antes que um quarto da tarefa tivesse sido concluída, um influente jornal indiano caiu sobre o pobre Pratapa Chandra Roy e acusou-o abertamente de ser um partícipe de uma grande impostura literária, de posar perante o mundo como o tradutor do trabalho de Vyasa quando, realmente, ele era somente o editor. A acusação veio sobre meu amigo como uma

surpresa, especialmente porque ele nunca fez segredo da autoria em sua correspondência com estudiosos orientais em todas as partes do mundo. Ele escreveu prontamente ao jornal em questionamento, explicando as razões que havia para o anonimato, e apontando os dois prefácios com os quais o primeiro fascículo tinha sido dado ao mundo. O redator logo admitiu seu erro e se desculpou satisfatoriamente.

Agora que a tradução foi terminada não há mais qualquer razão para reter o nome do tradutor. A tradução inteira é praticamente o trabalho de uma mão. Em partes do Adi e do Sabha Parvas eu fui ajudado por Babu Charu Charan Mookerjee. Cerca de quatro partes do Sabha Parva foram feitas pelo professor Krishna Kamal Bhattacharya, e cerca da metade de um fascículo durante minha doença foi feito por outra mão. Eu devo declarar, no entanto, que antes de passar para a impressora a cópia recebida destes cavalheiros eu comparei cuidadosamente cada frase com o original, fazendo as alterações que eram necessárias para manter uma uniformidade de estilo com o resto do trabalho.

Eu devo aqui observar que ao traduzir o Mahabharata para o Inglês eu derivei muito pouca ajuda das três versões Bengali que supostamente foram realizadas com cuidado. Cada uma delas está cheia de inexatidões e gafes de todos os tipos. No Santi em particular, o qual é de longe o mais difícil dos dezoito Parvas, foi feita uma confusão pelos sábios que o traduziram. Centenas de gafes ridículas podem ser apontadas nas seções Rajadharmā e Mokshadharmā. Algo disto eu indiquei em notas aos pés das páginas.

Eu não posso clamar por infalibilidade. Há versos no Mahabharata que são extremamente difíceis de traduzir. Eu derivei muita ajuda do grande comentarista Nilakantha. Eu sei que a autoridade de Nilakantha não é incapaz de ser desafiada. Mas quando é lembrado que as interpretações dadas por Nilakantha vieram a ele de preceptores dos tempos antigos deve-se pensar duas vezes antes de rejeitar Nilakantha como um guia.

Sobre as versões que eu adotei, eu devo dizer que quanto à primeira metade do trabalho eu geralmente aderi aos textos Bengal; quanto à última metade, à edição impressa Bombay. Às vezes seções individuais, como se acham nas edições Bengal, diferem amplamente, em relação à ordem dos versos, das correspondentes na edição Bombay. Em tais casos eu aderi aos textos Bengal, convencido de que a sequência das idéias está mais bem preservada nas edições Bengal do que na Bombay.

Eu devo expressar minhas dívidas específicas para com Ram Pandit Nath Tarkaratna, o autor de 'Vasudeva Vijayam' e outros poemas, Pandit Shyama Charan Kaviratna, o douto redator de Kavyaprakasha com o comentário do professor Mahesh Chandra Nayaratna, e Babu Aghore Nath Banerjee, o gerente do Bharata Karyalaya. Todos estes estudiosos foram meus árbitros em todos os pontos de dificuldade. A sólida erudição de Pandit Ram Nath é conhecida por aqueles que entram em contato com ele. Eu nunca apresentei a ele uma dificuldade que ele não pôde aclarar. Infelizmente, ele não estava sempre por

perto para consulta. Pandit Shyama Charan Kaviratna, durante minha residência em Seebpore, me ajudou a examinar as seções Mokshadharma do Santi Parva. Despretensioso ao extremo, Kaviratna é realmente o exemplo de um Brahman erudito da Índia antiga. Babu Aghore Nath Banerjee também, de tempos em tempos, me prestou ajuda valiosa em aclarar minhas dificuldades.

Gigantesco como o trabalho é, teria sido extremamente difícil continuá-lo se eu não tivesse sido encorajado pelo senhor Stuart Bayley, senhor Auckland Colvin, senhor Alfred Croft, e entre os eruditos orientais pelo falecido Dr. Reinhold Rost, e Mons. A. Barth de Paris. Todos estes homens eminentes sabiam desde o início que a tradução estava procedendo da minha caneta. Apesar do entusiasmo, com o qual meu pobre amigo, Pratapa Chandra Roy, sempre se esforçou para me encher, eu estou certo de que minhas energias teriam esmorecido e a paciência se esgotado sem as palavras animadoras que eu sempre recebi destes patrocinadores e amigos da empresa.

Finalmente, eu devo mencionar meu chefe literário e amigo, Doutor Sambhu C. Mookherjee. O gentil interesse que ele tomou em meus trabalhos, as repetidas exortações que ele me endereçou inculcando paciência, o cuidado com o qual ele lia cada fascículo assim que era publicado, notando todas aquelas passagens que lançavam luz sobre tópicos de interesse antigo, e as palavras de elogio que ele proferia quando alguma expressão particularmente feliz encontrava seus olhos, serviram para me estimular mais do que qualquer outra coisa a continuar com uma tarefa que às vezes me parecia interminável.

Kisari Mohan Ganguli

Calcutá.

# ADI PARVA

## 1

Om! Reverenciando Narayana e Nara, o mais sublime ser masculino, e também a deusa Saraswati, a palavra Jaya deve ser proferida.

Ugrasrava, filho de Lomaharshana, de sobrenome Sauti, bem versado nos Puranas, se curvando com humildade, um dia se aproximou dos grandes sábios de votos rígidos, reunidos tranquilamente em assembléia, que tinham ajudado no sacrifício de doze anos de Saunaka, de sobrenome Kulapati, na floresta de Naimisha. Aqueles ascetas, desejando ouvir suas narrações extraordinárias, logo começaram a se dirigir a ele que tinha assim chegado àquela reclusa residência dos habitantes da floresta de Naimisha. Tendo sido acolhido com o devido respeito por aqueles homens santos, ele saudou aqueles Munis (sábios) com as palmas unidas, todos eles, e perguntou sobre o progresso do seu ascetismo. Então todos os ascetas estando sentados novamente, o filho de Lomaharshana ocupou humildemente o assento que lhe foi designado. Vendo que ele estava confortavelmente sentado e recuperado da fadiga, um dos Rishis, iniciando a conversação, lhe perguntou, “De onde tu vens, ó Sauti de olhos de lótus, e onde tu tens passado o tempo? Conte a mim, que te pergunta, em detalhes.”

Talentoso em discurso, Sauti, assim questionado, deu em meio àquela grande assembléia de Munis contemplativos uma resposta completa e adequada em palavras consoantes com seu modo de vida.

Sauti disse, “Tendo ouvido as diversas histórias sagradas e maravilhosas que foram compostas por Krishna-Dwaipayana em seu Mahabharata, as quais foram narradas integralmente por Vaisampayana no sacrifício de cobras do nobre sábio de grande alma Janamejaya, e na presença também daquele principal dos príncipes, o filho de Parikshit, e tendo vagado, visitando muitos rios e santuários sagrados e santos, eu viajei para o país venerado pelos Dwijas, (duas vezes nascidos) chamado Samantapanchaka, onde antigamente foi lutada a batalha entre os filhos de Kuru e Pandu, com todos os comandantes da terra alinhados em ambos os lados. De lá, ansioso para vê-los, eu vim até sua presença. A vocês sábios veneráveis, todos os quais são para mim como Brahma; vocês imensamente abençoados que brilham neste lugar de sacrifício com o esplendor do fogo solar, vocês que terminaram as meditações silenciosas e alimentaram o fogo sagrado; e vocês que estão sentados sem preocupações, qual, ó Dwijas, eu devo repetir: eu devo relatar as histórias sagradas reunidas nos Puranas contendo preceitos do dever religioso e do lucro mundano, ou os atos dos santos ilustres e soberanos da humanidade?”

O Rishi respondeu, “O Purana, primeiro promulgado pelo grande Rishi Dwaipayana, e que depois de ser ouvido pelos deuses e Brahmarshis foi muito

estimado, sendo a narrativa mais eminente que existe, diversificado em dicção e divisão, possuindo significados sutis logicamente combinados, e colhido dos Vedas, é um trabalho sagrado. Composto em linguagem elegante, ele contém os assuntos dos outros livros. Ele é elucidado por outros Shastras, e compreende o sentido dos quatro Vedas. Nós estamos desejosos de ouvir aquela história também chamada Bharata, a composição sagrada do admirável Vyasa, a qual dissipa o medo do mal, exatamente como ela foi alegremente recitada pelo Rishi Vaisampayana, sob a direção do próprio Dwaipayana, no sacrifício de cobras de Raja Janamejaya!"

Sauti então disse, "Tendo me curvado ao ser primordial Isana, a quem multidões fazem oferendas, e que é adorado pela multidão; que é o verdadeiro incorruptível, Brahma, perceptível, imperceptível, eterno; que é ambos: um ser não-existente e um ser existente-não-existente; que é o universo e também distinto do universo existente e não existente; que é o criador do alto e do baixo; o antigo, exaltado, inesgotável; que é Vishnu, beneficente e a própria beneficência, digno de toda preferência, puro e imaculado; que é Hari, o regente das faculdades, o guia de todas as coisas móveis e imóveis; eu declamarei os pensamentos sagrados do ilustre sábio Vyasa, de feitos notáveis e adorado aqui por todos. Alguns bardos já publicaram esta história, alguns estão ensinando-a agora, e outros, de maneira semelhante, vão promulgá-la daqui por diante sobre a terra. Ela é uma grande fonte de conhecimento, estabelecida por todas as três regiões do mundo. Ela é possuída pelos duas vezes nascidos em formas detalhadas e resumidas. Ela é o deleite dos eruditos por ser embelezada com expressões elegantes, conversações humanas e divinas, e uma variedade de ritmos poéticos.

Neste mundo, quando ele era desprovido de claridade e luz, e envolto por toda parte em total escuridão, formou-se, como a causa primária da criação, um ovo potente, a única semente inesgotável de todos os seres criados. Ele é chamado Mahadivya, e foi formado no início do Yuga, no qual nós estamos manifestados. Ele era a verdadeira luz Brahma, o ser eterno, extraordinário e inconcebível presente igualmente em todos os lugares; a causa invisível e sutil, cuja natureza partilha de entidade e não-entidade. Daquele ovo saiu o senhor Pitamaha Brahma, o único Prajapati; com Suraguru e Sthanu. Então apareceram os vinte e um Prajapatis, Manu, Vasishtha e Parameshthi; dez Prachetas, Daksha, e os sete filhos de Daksha. Então apareceu o homem de natureza inconcebível a quem todos os Rishis conhecem, e então os Viswedevas, os Adityas, os Vasus, e os gêmeos Aswins; os Yakshas, os Sadhyas, os Pisachas, os Guhyakas, e os Pitris. Depois destes foram produzidos os sábios e os mais santos Brahmarshis, e os numerosos Rajarshis distintos por todas as qualidades nobres. Então a água, os céus, a terra, o ar, o firmamento, os pontos dos céus, os anos, as estações, os meses, as quinzenas, chamadas Pakshas, com dia e noite em devida sucessão. E desta maneira foram produzidas todas as coisas que são conhecidas pela humanidade.

E o que é visto no universo, seja animado ou inanimado, das coisas criadas, no fim do mundo, e depois do término do Yuga, será novamente misturado. E, no começo de outros Yugas, todas as coisas serão renovadas, como os vários frutos

da terra sucedem uns aos outros na devida ordem de suas estações. Assim continua perpetuamente a girar o mundo, sem início e sem fim, esta roda que causa a destruição de todas as coisas.

A geração dos Devas, em resumo, foi de trinta e três mil, trezentos e trinta e três. Os filhos de Div eram Brihadbhanu, Chakshus, Atma Vibhvasu, Savita, Richika, Arka, Bhanu, Asavaha, e Ravi. Destes Vivaswans de antigamente, Mahya era o mais jovem cujo filho era Devavrata. O último teve por seu filho Suvrata que, nós sabemos, teve três filhos, Dasajyoti, Satajyoti, e Sahasrajyoti, cada um deles produzindo numerosa prole. O ilustre Dasajyoti teve dez mil, Satajyoti dez vezes este número, e Sahasrajyoti dez vezes o número da prole de Satajyoti. Destes são descendentes a família dos Kurus, dos Yadus, e de Bharata; a família de Yayati e de Ikshwaku; e também todos os Rajarshis. Numerosas também foram as gerações produzidas, e muito abundantes eram as criaturas e seus lugares de residência. O mistério que é triplo, os Vedas, Yoga, e Vijnana Dharma, Artha, e Kama, também vários livros sobre o assunto de Dharma, Artha, e Kama; também regras para a conduta da humanidade; também histórias e discursos com vários srutis; todos os quais tendo sido vistos pelo Rishi Vyasa são aqui mencionados na devida ordem como um exemplar do livro.

O Rishi Vyasa publicou essa massa de conhecimento em uma forma detalhada e em uma forma resumida. É o desejo dos eruditos no mundo possuir os detalhes e o resumo. Alguns lêem o Bharata começando com o mantra inicial (invocação), outros com a história de Astika, outros com Uparichara, enquanto alguns Brahmanas estudam o total. Homens de erudição expõem seus vários conhecimentos dos institutos em comentários sobre a composição. Alguns são habilidosos em explicá-lo, enquanto outros, em lembrar de seus conteúdos.

O filho de Satyavati (Vyasa) tendo, por meio de penitência e meditação, analisado o Veda eterno, compôs subsequentemente esta história sagrada. Quando aquele Brahmarshi erudito de votos severos, o nobre Dwaipayana Vyasa, filho de Parasara, tinha terminado esta mais grandiosa das narrações, ele começou a considerar como ele poderia ensiná-la para seus discípulos. E o possuidor dos seis atributos, Brahma, o preceptor do mundo, sabendo da ansiedade do Rishi Dwaipayana, foi pessoalmente ao lugar onde o último estava para gratificar o santo e beneficiar o povo. E quando Vyasa, circundado por todas as tribos de Munis, o viu, ele se surpreendeu; e, permanecendo com palmas unidas, ele se curvou e ordenou que um assento fosse trazido. E Vyasa, tendo circungirado ele que é chamado Hiranyagarbha sentado naquele assento notável, ficou perto dele; e sendo ordenado por Brahma Parameshthi ele se sentou perto do assento, cheio de afeição e sorrindo em alegria. Então o imensamente glorioso Vyasa, se dirigindo a Brahma Parameshthi, disse: 'Ó Brahma divino, por mim um poema foi composto, o qual é muito respeitado. O mistério do Veda e outros assuntos foram explicados por mim; os vários rituais dos Upanishads com os Angas; a compilação dos Puranas e histórias formadas por mim, e que receberam o nome das três divisões do tempo, passado, presente, e futuro; a determinação da natureza da decadência, medo, doença, existência e não-existência, uma descrição dos credos e dos vários modos de vida; regras para as quatro castas, e

a significação de todos os Puranas; a importância do ascetismo e dos deveres de um estudante religioso; as dimensões do sol e da lua, os planetas, constelações, e estrelas, junto com a duração das quatro eras; o Rik, Sama e Yajur Vedas; também o Adhyatma; as ciências chamadas Nyaya, Ortoepia e o Tratamento de Doenças; caridade e Pasupatadhama; nascimento celeste e humano para propósitos específicos; também uma descrição de lugares de peregrinação e outros lugares sagrados de rios, montanhas, florestas, o oceano, as cidades celestiais e os kalpas; a arte da guerra; as diferentes espécies de nações e línguas, a natureza dos costumes do povo; e o espírito que permeia tudo; tudo tem sido relatado. Mas, afinal, nenhum escritor deste trabalho é encontrado na terra.'

Brahma disse, 'Eu te estimo pelo teu conhecimento dos mistérios divinos, perante todo o grupo de Munis célebres eminentes pela santidade de suas vidas. Eu sei que tu tens revelado a palavra divina, mesmo desde sua primeira expressão vocal, na linguagem da verdade. Tu chamaste teu presente trabalho de poema, pelo que ele será um poema. Não haverá poetas cujos trabalhos possam se igualar às descrições deste poema, assim como os três outros modos chamados Asrama são sempre desiguais em mérito ao Asrama doméstico. Que Ganesa seja considerado, ó Muni, para o propósito de escrever o poema.'"

Sauti disse, "Brahma, tendo falado dessa maneira para Vyasa, se retirou para sua própria residência. Então Vyasa começou a lembrar de Ganesa. E Ganesa, o removedor de obstáculos, pronto para cumprir os desejos de seus devotos, imediatamente ao pensamento se dirigiu para o lugar onde Vyasa estava. E quando ele havia sido saudado, e estava sentado, Vyasa se dirigiu a ele assim, 'Ó guia dos Ganas! Sejas tu o escritor do Bharata o qual eu formei em minha mente, e que estou prestes a repetir.'

Ganesa, após ouvir as palavras que lhe eram dirigidas, respondeu assim, 'Eu me tornarei o escritor do teu trabalho, contanto que minha caneta em nenhum momento pare de escrever.' E Vyasa disse para aquela divindade, 'Onde haja qualquer coisa que tu não compreendas pares de continuar a escrever.' Ganesa tendo expressado seu assentimento por repetir a palavra Om começou a escrever; e Vyasa iniciou (a recitação); e a propósito de diversão, ele uniu os laços da composição muito apertados; e fazendo isso, ele ditou este trabalho segundo sua promessa."

"Eu (Sauti continuou) conheço oito mil e oitocentos versos, e assim é com Suka, e talvez com Sanjaya. Por causa do caráter misterioso do significado deles, ó Muni, ninguém é capaz, até hoje, de penetrar naqueles difíceis slokas intimamente entrelaçados. Até o onisciente Ganesa tomou um momento para considerar; Vyasa, no entanto, continuou a compor outros versos em grande abundância.

A sabedoria deste trabalho, como um instrumento de aplicar colírio, tem aberto os olhos do mundo inquisitivo cegado pela escuridão da ignorância. Como o sol dissipa a escuridão, assim o Bharata com seus discursos sobre religião, lucro, prazer, e libertação final, dissipa a ignorância dos homens. Como a lua cheia por meio de sua luz suave expande os brotos do nenúfar, assim este Purana, por

expor a luz do Sruti, tem expandido o intelecto humano. Pela lâmpada da história, que destrói a escuridão da ignorância, toda a mansão da natureza é devidamente e completamente iluminada.

Este trabalho é uma árvore, da qual o capítulo de conteúdos é a semente; as divisões chamadas Pauloma e Astika são as raízes; a parte chamada Sambhava é o tronco; os livros chamados Sabha e Aranya são os poleiros para as aves; os livros chamados Arani são os nós dos ramos; os livros chamados Virata e Udyoga o cerne; o livro chamado Bhishma, o ramo principal; o livro chamado Drona, as folhas; o livro chamado Karna, as flores formosas; o livro chamado Salya, seu perfume doce; os livros intitulados Stri e Aishika, a sombra refrescante; o livro chamado Santi, o fruto vigoroso; o livro chamado Aswamedha, a seiva imortal; o denominado Asramavasika, o lugar onde ela cresce; e o livro chamado Mausala é um epítome dos Vedas e considerado com grande respeito pelos Brahmanas virtuosos. A árvore do Bharata, inesgotável para a humanidade como as nuvens, será como uma fonte de vida para todos os poetas eminentes.”

Sauti continuou, “Eu vou falar agora das produções eternas floridas e frutíferas desta árvore, que possuem sabor puro e agradável, e que não podem ser destruídas nem pelos imortais. Antigamente, o determinado e virtuoso Krishna-Dwaipayana, pelas injunções de Bhishma, o filho sábio de Ganga, e de sua própria mãe, se tornou o pai de três meninos que eram como três chamas por meio das duas esposas de Vichitravirya; e tendo assim gerado Dhritarashtra, Pandu e Vidura, ele voltou para sua residência reclusa para dar seguimento ao seu exercício religioso.

Não foi até depois que eles nasceram, cresceram, e partiram na viagem suprema que o grande Rishi Vyasa publicou o Bharata nesta região da humanidade; quando, sendo solicitado por Janamejaya e milhares de Brahmanas, ele instruiu seu discípulo Vaisampayana, que estava sentado perto dele; e ele, se sentando junto com os Sadasyas, recitou o Bharata, durante os intervalos das cerimônias do sacrifício, sendo repetidamente incitado a prosseguir.

Vyasa descreveu totalmente grandeza da casa de Kuru, os princípios virtuosos de Gandhari, a sabedoria de Vidura, e a constância de Kunti. O nobre Rishi também descreveu a divindade de Vasudeva, a retidão dos filhos de Pandu, e as práticas más dos filhos e partidários de Dhritarashtra.

Vyasa realizou a compilação do Bharata, exclusiva dos episódios originalmente em vinte e quatro mil versos; e tanto somente é chamado pelos eruditos como o Bharata. Depois, ele compôs um epítome em cento e cinquenta versos, consistindo na introdução com o capítulo de conteúdos. Este ele ensinou primeiro ao seu filho Suka; e depois ele o comunicou a outros de seus discípulos que possuíam as mesmas qualificações. Depois ele realizou outra compilação, consistindo em seis milhões de versos. Destes, três milhões são conhecidos no mundo dos Devas; um milhão e quinhentos mil no mundo dos Pitris, um milhão e quatrocentos mil entre os Gandharvas, e cem mil nas regiões da humanidade. Narada recitou-os aos Devas, Devala aos Pitris, e Suka os difundiu para os

Gandharvas, Yakshas, e Rakshasas, e neste mundo eles foram recitados por Vaisampayana, um dos discípulos de Vyasa, um homem de princípios justos e o principal entre todos aqueles familiarizados com os Vedas. Saibam que eu, Sauti, também tenho repetido cem mil versos.

Yudhishtira é uma árvore vasta, formada de religião e virtude; Arjuna é seu tronco; Bhimasena, seu ramos; os dois filhos de Madri são seus frutos e flores crescidos; e suas raízes são Krishna, Brahma, e os Brahmanas.

Pandu, depois de ter conquistado muitos países por meio de sua sabedoria e bravura tomou sua residência com os Munis em certa floresta como um esportista, onde ele ocasionou a si mesmo uma desgraça muito grave por ter matado um veado copulando com sua companheira, o que serviu como uma advertência para a conduta dos príncipes da sua casa enquanto eles viveram. As mães deles (dos Pandavas), para que as ordenanças da lei pudessem ser cumpridas, admitiram como substitutos para seus abraços os deuses Dharma, Vayu, Sakra, e as divindades gêmeas Aswins. E quando seus filhos cresceram, sob os cuidados de suas duas mães, na sociedade dos ascetas, no meio de arvoredos sagrados e santas residências reclusas de homens religiosos, eles foram conduzidos por Rishis até a presença de Dhritarashtra e seus filhos, seguindo como estudantes no hábito de Brahmacharis, tendo seu cabelo amarrado em nós em suas cabeças. 'Estes nossos pupilos', disseram eles, 'são como seus filhos, seus irmãos, e seus amigos; eles são Pandavas.' Assim dizendo, os Munis desapareceram.

Quando os Kauravas os viram apresentados como os filhos de Pandu a classe eminente de cidadãos gritou muito de alegria. Alguns, no entanto, disseram que eles não eram os filhos de Pandu; outros disseram que eles eram; enquanto uns poucos perguntaram como eles podiam ser filhos dele, visto que ele estava morto há tanto tempo. Ainda assim por todos os lados vozes eram ouvidas gritando: 'Eles são totalmente bem vindos! Pela Divina Providência nós vemos a família de Pandu! Que suas boas vindas sejam proclamadas!' Quando estas aclamações cessaram os aplausos de espíritos invisíveis, fazendo os pontos dos céus ressoarem, foram tremendos. Houve chuvas de flores de perfume doce, e o som de conchas e timbales. Tais foram as maravilhas que aconteceram na chegada dos jovens príncipes. O barulho alegre de todos os cidadãos, em expressão da sua satisfação na ocasião, foi tão grande que alcançou os céus em aplausos calorosos.

Tendo estudado a totalidade dos Vedas e vários outros shastras, os Pandavas residiram lá, respeitados por todos e sem receio de ninguém.

Os homens dirigentes estavam satisfeitos com a pureza de Yudhishtira, a coragem de Arjuna, a atenção submissa de Kunti para com seus superiores, e a humildade dos gêmeos, Nakula e Sahadeva; e todo o povo se regozijava em suas virtudes heróicas.

Depois de algum tempo Arjuna obteve a donzela Krishna no swayamvara, no meio de uma multidão de Rajas, por realizar uma façanha muito difícil de tiro de arco. E daquele tempo em diante ele se tornou muito respeitado neste mundo

entre todos os arqueiros; e em campos de batalha também, como o sol, ele era difícil de ser olhado pelos inimigos. E tendo derrotado todos os príncipes vizinhos e toda tribo considerável, ele realizou tudo o que era necessário para o Raja (o rei, seu irmão mais velho) realizar o grande sacrifício chamado Rajasuya.

Yudhishtira, depois ter, pelos sábios conselhos de Vasudeva e pela bravura de Bhimasena e Arjuna, matado Jarasandha (o rei de Magadha) e o orgulhoso Chaidya, obteve o direito de realizar o grandioso sacrifício Rajasuya, abundante em provisões e oferendas, e repleto de méritos transcendentais. E Duryodhana foi àquele sacrifício; e quando ele viu a vasta riqueza dos Pandavas espalhada por toda parte, as oferendas, as pedras preciosas, ouro e jóias; a abundância em vacas, elefantes, e cavalos; as curiosas texturas, peças de roupa, e mantos; os preciosos xales e casacos e tapetes feitos da pele de Ranku; ele se encheu de inveja e ficou muito descontente. E quando ele viu a sala de reuniões elegantemente construída por Maya (o Asura arquiteto) seguindo o estilo de uma corte celeste, ele ficou inflamado com raiva. E tendo caído em confusão por causa de certas ilusões arquitetônicas dentro daquela construção ele foi ridicularizado por Bhimasena na presença de Vasudeva, como alguém de descendência inferior.

E foi relatado para Dhritarashtra que seu filho, enquanto partilhando de vários objetos de prazer e diversas coisas preciosas, estava se tornando magro, doentio e pálido. E Dhritarashtra, algum tempo depois, por afeição por seu filho, deu seu consentimento para o jogo de dados (com os Pandavas). E Vasudeva, vindo a saber disso, ficou extremamente irado. E estando descontente, ele não fez nada para impedir as disputas, mas deixou acontecer o jogo e vários outros procedimentos horríveis e injustificáveis surgidos deste, e a despeito de Vidura, Bhishma, Drona, e Kripa, o filho de Saradwan, ele fez os Kshatriyas matarem uns aos outros na guerra terrível que se seguiu.

E Dhritarashtra, ouvindo as más notícias do êxito dos Pandavas e se lembrando das resoluções de Duryodhana, Kama, e Sakuni, ponderou por um momento e dirigiu a Sanjaya o seguinte discurso:

'Preste atenção, ó Sanjaya, em tudo o que eu vou dizer, e não te ficará bem me tratar com desprezo. Tu és bem versado na arte dos shastras, inteligente e dotado de sabedoria. Minha inclinação nunca foi para a guerra, nem eu me deleitei na destruição da minha família. Eu não fiz distinção entre meus próprios filhos e os filhos de Pandu. Meus próprios filhos eram propensos à teimosia e me desprezavam porque eu sou velho. Cego como eu sou, por causa da minha situação miserável e por afeição paterna, eu tolerei tudo aquilo. Eu fui tolo assim como o imprudente Duryodhana sempre cheio de tolice. Tendo sido um observador das riquezas dos filhos poderosos de Pandu, meu filho foi ridicularizado por seu embaraço enquanto percorria a mansão. Incapaz de tolerar isso e incapaz ele mesmo de vencer os filhos de Pandu no campo, e embora um soldado, porém sem vontade de obter fortuna por seu próprio esforço, com a ajuda do rei de Gandhara ele planejou um jogo de dados injusto.

Ouçã, ó Sanjaya, tudo o que aconteceu depois e que veio ao meu conhecimento. E quando tu tiveres ouvido tudo o que eu disser, lembrando como tudo aconteceu, tu então me reconhecerás como uma pessoa de visão profética. Quando eu soube que Arjuna, tendo curvado o arco, tinha trespassado o curioso alvo e o trazido ao solo, e levado embora em triunfo a donzela Krishna, à vista dos príncipes reunidos, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Subhadra da família de Madhu, depois de captura forçada, tinha se casado com Arjuna na cidade de Dwaraka, e que os dois heróis da linhagem de Vrishni (Krishna e Balarama, os irmãos de Subhadra) sem se ressentirem disso entraram em Indraprastha como amigos, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Arjuna, por meio de suas flechas celestes impedindo a chuva de Indra o rei dos deuses, tinha satisfeito Agni por dar a ele a floresta de Khandava, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que os cinco Pandavas com sua mãe Kunti tinham escapado da casa de laca, e que Vidura estava engajado na realização dos planos deles, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Arjuna, depois de perfurar o alvo na arena tinha ganhado Draupadi, e que os bravos Panchalas se uniram aos Pandavas, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Jarasandha, o principal da linha real de Magadha, e resplandecente em meio aos Kshatriyas, tinha sido morto por Bhima somente com seus braços nus, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que em sua campanha geral os filhos de Pandu conquistaram os chefes da terra e realizaram o grandioso sacrifício Rajasuya, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Draupadi, com sua voz sufocada pelas lágrimas e coração cheio de agonia, no período de impureza e vestida com uma única peça de roupa, tinha sido arrastada para a corte e, embora tivesse protetores, foi tratada como se não tivesse nenhum, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que o patife vil Duhsasana, se esforçando para despi-la daquela única peça de roupa, somente tirou do corpo dela uma grande pilha de tecido sem ser capaz de chegar a seu fim, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Yudhishtira, vencido por Saubala no jogo de dados e privado do seu reino como consequência disso ainda era servido por seus irmãos de bravura incomparável, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que os Pandavas virtuosos chorando aflitos tinham seguido seu irmão mais velho para a selva e se esforçado de várias formas para mitigar seus desconfortos, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito.

Quando eu soube que Yudhishtira foi seguido à selva por Brahmanas Snatakas e de nobres almas que viviam de esmolas, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Arjuna, tendo, em combate, agradado ao deus dos deuses, Tryambaka (o de três olhos) no disfarce de um caçador, obteve a grande arma Pasupata, então ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que o justo e renomado Arjuna, depois de ter ido às regiões celestes, obteve lá armas celestes do próprio Indra então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Arjuna venceu em seguida os Kalakeyas e os Paulomas orgulhosos com a bênção que tinham obtido e que os

tornava invulneráveis até para os celestiais, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Arjuna, o castigador de inimigos, tendo ido para as regiões de Indra para a destruição dos Asuras voltou de lá bem sucedido, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Bhima e os outros filhos de Pritha (Kunti) acompanhados por Vaisravana, tinham chegado àquele país que era inacessível para os homens, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que meus filhos, guiados pelos conselhos de Karna, durante sua viagem de Ghoshayatra, foram feitos prisioneiros pelos Gandharvas e libertados por Arjuna, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Dharma (o deus da justiça), tendo tomado a forma de um Yaksha propôs certas questões para Yudhishtira então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que meus filhos falharam em descobrir os Pandavas sob seus disfarces enquanto residiam com Draupadi nos domínios de Virata, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que os principais homens do meu lado foram todos derrotados pelo nobre Arjuna com uma única carruagem enquanto residia nos domínios de Virata, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Vasudeva da linhagem de Madhu, que cobriu esta terra inteira com um passo estava entusiasticamente interessado no bem-estar dos Pandavas, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que o rei de Matsya ofereceu sua filha virtuosa Uttara para Arjuna e que Arjuna a aceitou para seu filho, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Yudhishtira, derrotado nos dados, desprovido de riquezas, exilado e separado de suas conexões, ainda tinha reunido um exército de sete Akshauhinis, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu ouvi Narada declarar que Krishna e Arjuna eram Nara e Narayana e que ele (Narada) tinha visto eles juntos nas regiões de Brahma, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Krishna, ansioso pela paz, pelo bem-estar da humanidade, tinha se dirigido aos Kurus e ido embora sem ter sido capaz de efetuar seu propósito, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que quando Kama e Duryodhana resolveram aprisionar Krishna ele mostrou em si mesmo todo o universo, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que na hora de sua partida, Pritha (Kunti) estando de pé, cheia de tristeza perto de sua carruagem, recebeu consolo de Krishna, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Vasudeva e Bhishma, o filho de Santanu, eram os conselheiros dos Pandavas, e que Drona, o filho de Bharadwaja, pronunciou bênçãos sobre eles, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando Kama (Karna) disse a Bhishma: 'Eu não lutarei enquanto tu estiveres lutando' e, deixando o exército, foi para longe, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Vasudeva e Arjuna e o arco Gandiva de destreza incomensurável, aqueles três de energia aterradora tinham se reunido, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que após Arjuna ser tomado pelo remorso em sua carruagem e estar disposto a declinar Krishna mostrou a ele todos os mundos dentro do seu corpo, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Bhishma, o desolador de inimigos, matando dez mil quadrigários todo dia no campo de batalha não tinha matado nenhum dos Pandavas, então, ó Sanjaya, eu

não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Bhishma, o virtuoso filho de Ganga, indicou os meios da sua própria derrota no campo de batalha e que os mesmos foram realizados pelos Pandavas com júbilo, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Arjuna, tendo colocado Sikhandin diante de si em sua carruagem feriu Bhishma de coragem infinita e invencível em batalha, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que o velho herói Bhishma, que reduziu os números da raça de Shomaka a uns poucos, dominado por vários ferimentos estava jazendo em um leito de flechas, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Bhishma jazia no chão sedento por água, e Arjuna, sendo requisitado, perfurou o solo e aliviou sua sede, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando Bayu junto com Indra e Suryya se uniram como aliados para o sucesso dos filhos de Kunti, e os animais predadores (por meio de sua presença inauspiciosa) estavam pondo medo em nós, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando o admirável guerreiro Drona, mostrando vários modos de luta no campo, não matou quaisquer dos Pandavas superiores, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que os Maharathas Sansaptakas do nosso exército designados para a derrubada de Arjuna foram todos mortos pelo próprio Arjuna, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que nossa disposição de forças, impenetrável para outros, e defendida pelo próprio Bharadwaja bem armado, tinha sido forçada e penetrada pelo corajoso filho de Subhadra sozinho, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que nossos Maharathas, incapazes de derrotar Arjuna, com rostos jubilantes tinham em conjunto cercado e matado o menino Abhimanyu, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que os cegos Kauravas estavam gritando de alegria depois de terem matado Abhimanyu e que após isso Arjuna furioso fez seu discurso célebre referente à Saindhava, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando soube que Arjuna tinha prometido a morte de Saindhava e cumprido seu voto na presença de seus inimigos, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que após os cavalos de Arjuna estarem cansados, Vasudeva os soltando fez eles beberem água e trazendo-os de volta e pondo novamente os arreios neles continuou a guiá-los como antes, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que enquanto seus cavalos estavam fatigados, Arjuna permanecendo em sua carruagem deteve todos os seus atacantes, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Yuyudhana da linhagem Vrishni, depois de ter jogado em confusão o exército de Drona tornado insuperável em bravura devido à presença de elefantes, se retirou para onde Krishna e Arjuna estavam, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Karna teve Bhima em seu poder e permitiu a ele escapar depois de somente se dirigir a ele em termos desdenhosos e de arrastá-lo com a ponta de seu arco, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Drona, Kritavarma, Kripa, Karna, o filho de Drona, e o valente rei de Madra (Salya) permitiram que Saindhava fosse morto, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que a Sakti celeste dada por Indra (para Karna) foi, pelas maquinações de Madhava, lançada sobre o Rakshasa Ghatotkacha de rosto pavoroso, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito.

Quando eu soube que no combate entre Karna e Ghatotkacha, aquela Sakti foi lançada contra Ghatotkacha por Karna, a mesma que sem dúvida teria matado Arjuna em batalha, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Dhristadyumna, transgredindo as leis de batalha, matou Drona quando ele estava sozinho em sua carruagem e decidido a morrer, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de sucesso. Quando eu soube que Nakula, o filho de Madri, tendo na presença do exército inteiro se engajado em duelo com o filho de Drona e se mostrando igual a ele dirigiu sua carruagem em círculos, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando na morte de Drona seu filho fez mau uso da arma chamada Narayana mas falhou em realizar a destruição dos Pandavas, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Bhimasena bebeu o sangue de seu irmão Duhsasana no campo de batalha sem alguém ser capaz de impedi-lo, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que o infinitamente bravo Karna invencível em batalha foi morto por Arjuna naquela guerra de irmãos misteriosos até para os deuses, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito.

Quando eu soube que Yudhishthira o Justo superou o heróico filho de Drona, Duhsasana, e o feroz Kritavarman, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que o bravo rei de Madra que sempre desafiava Krishna em batalha foi morto por Yudhishthira, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de sucesso. Quando eu soube que o perverso Suvala de poder mágico, a causa do jogo e da animosidade, foi morto em batalha por Sahadeva, o filho de Pandu, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Duryodhana, cansado, tendo ido para um lago e feito um refúgio para si mesmo dentro de suas águas, estava jazendo lá sozinho, sem forças e sem uma carruagem, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que os Pandavas tendo ido àquele lago acompanhados por Vasudeva e permanecendo em sua margem começaram a se dirigir desdenhosamente ao meu filho que era incapaz de tolerar afrontas, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que enquanto mostrando em círculos uma variedade de modos curiosos (de ataque e defesa) em um combate com maçãs, ele foi morto injustamente segundo os conselhos de Krishna, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que o filho de Drona e outros, por matarem os Panchalas e os filhos de Draupadi em seu sono, cometeram um ato horrível e infame, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que Aswatthaman, enquanto sendo perseguido por Bhimasena tinha descarregado a principal das armas chamadas Aishika, pela qual o embrião no útero (de Uttara) foi ferido, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que a arma Brahmashira (descarregada por Aswatthaman) foi repelida por Arjuna com outra arma sobre a qual ele tinha pronunciado a palavra "Sasti" e que Aswatthaman teve que desistir da excrescência semelhante à jóia em sua cabeça, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito. Quando eu soube que após o embrião no útero da filha de Virata ser ferido por Aswatthaman com uma arma poderosa, Dwaipayana e Krishna pronunciaram maldições sobre ele, então, ó Sanjaya, eu não tive esperança de êxito.

Ai! Gandhari, desprovida de filhos, netos, pais, irmãos e parentes, é de dar pena. Difícil é a tarefa que foi realizada pelos Pandavas: por eles um reino foi recuperado sem um rival.

Ai! Eu soube que a guerra só deixou dez vivos: três do nosso lado, e dos Pandavas, sete. Naquele conflito terrível dezoito Akshauhinis de Kshatriyas foram mortos! Tudo ao meu redor é escuridão total, e um tipo de desmaio me assalta: a consciência me deixa, ó Suta, e minha mente está distraída.”

Sauti disse, “Dhritarashtra, lamentando seu destino nestas palavras, foi dominado por angústia extrema e perdeu seus sentidos por algum tempo; mas sendo reanimado, ele se dirigiu a Sanjaya nas seguintes palavras.

‘Depois do que aconteceu, ó Sanjaya, eu desejo pôr fim à minha vida sem demora; eu não encontro a menor vantagem em mantê-la mais.’”

Sauti disse, “O filho sábio de Gavalgana (Sanjaya) então se dirigiu ao angustiado senhor da Terra no momento em que ele assim falava e lamentava, suspirando como uma serpente e arquejando repetidamente, em palavras de profundo significado.

‘Tu tens ouvido, ó Raja, a respeito dos homens imensamente poderosos de vastos esforços, citados por Vyasa e pelo sábio Narada; homens nascidos em grandes famílias reais, resplandcentes com qualidades dignas, versados na ciência das armas celestes, e em gloriosos emblemas de Indra; homens que tendo conquistado o mundo pela justiça e realizado sacrifícios com oferendas dignas (para os Brahmanas), obtiveram renome nesse mundo e no final sucumbiram ao domínio do tempo. Tais foram Saivya; o valente Maharatha; Srinjaya, grande entre os conquistadores. Suhotra; Rantideva, e Kakshivanta, grandes em glória; Valhika, Damana, Saryati, Ajita, e Nala; Viswamitra o destruidor de inimigos; Amvarisha, grande em força; Marutta, Manu, Ikshaku, Gaya, e Bharata; Rama o filho de Dasaratha; Sasavindu, e Bhagiratha; Kritavirya, o imensamente afortunado, e Janamejaya também; e Yayati de bons feitos que realizou sacrifícios, sendo ajudado nisso pelos próprios celestiais, e por cujos altares e estacas sacrificais essa terra com suas regiões habitadas e inabitadas foi completamente marcada. Estes vinte e quatro Rajas foram antigamente citados pelo Rishi celeste Narada para Saivya quando ele estava muito aflito pela perda de seus filhos. Além desses, outros Rajas morreram antes, ainda mais poderosos do que eles, quadrigários poderosos de mente nobre, e resplandcentes com todas as qualidades louváveis. Estes eram Puru, Kuru, Yadu, Sura e Viswasrawa de grande glória; Anuha, Yuvanaswu, Kakutstha, Vikrami, e Raghu; Vijava, Virihorta, Anga, Bhava, Sweta, e Vripadguru; Usinara, Sata-ratha, Kanka, Duliduha, e Druma; Dambhodbhava, Para, Vena, Sagara, Sankriti, e Nimi; Ajeya, Parasu, Pundra, Sambhu, e o santo Deva-Vridha; Devahuya, Supratika, e Vrihad-ratha; Mahatsaha, Vinitatma, Sukratu, e Nala, o rei dos Nishadas; Satyavrata, Santabhaya, Sumitra, e o chefe Subala; Janujangha, Anaranya, Arka, Priyabharitya, Chuchi-vrata, Balabandhu, Nirmardda, Ketusinga, e Brhidbala; Dhristaketu, Brihatketu, Driptaketu, e Niramaya; Abikshit, Chapala, Dhurta, Kritbandhu, e Dridhe-shudhi; Mahapurana-sambhavya,

Pratyanga, Paraha e Sruti. Estes, ó chefe, e outros Rajas, nós ouvimos enumerados às centenas e milhares, e outros ainda aos milhões, príncipes de grande poder e sabedoria, abandonando prazeres abundantes encontraram a morte como teus filhos fizeram! Seus feitos celestiais, coragem e generosidade, sua magnanimidade, fé, verdade, pureza, simplicidade e piedade, são difundidos para o mundo nos registros dos tempos antigos por bardos santos de grande conhecimento. Embora dotados de todas as virtudes nobres eles perderam suas vidas. Teus filhos eram malévolos, cheios de ira, avarentos, e de inclinação muito má. Tu és versado nos Sastras, ó Bharata, e és inteligente e sábio; nunca caem sob desgraças aqueles cujas mentes são guiadas pelos Sastras. Tu és conhecedor, ó príncipe, da indulgência e severidade do destino; essa ansiedade, portanto, pela segurança dos teus filhos é inapropriada. Além do mais, não cabe a ti te afligir pelo que deve acontecer, pois quem pode evitar, por meio de sua sabedoria, os decretos do destino? Ninguém pode deixar o caminho marcado para ele pela Divina Providência. Existência e Não-Existência, prazer e dor, todos têm o Tempo como sua base. O Tempo cria todas as coisas e o Tempo destrói todas as criaturas. É o Tempo que queima as criaturas e é o Tempo que extingue o fogo. Todos os estados, o bem e o mal, nos três mundos são causados pelo Tempo. O Tempo ceifa todas as coisas e as cria novamente. Somente o Tempo está desperto quando todas as coisas estão adormecidas; de fato, o Tempo é incapaz de ser superado. O Tempo atravessa todas as coisas sem ser retardado. Sabendo, como tu sabes, que todas as coisas passadas e futuras e tudo o que existe no momento presente são o resultado do Tempo, não cabe a ti perder tua razão.”

Sauti disse, “O filho de Gavalgana tendo dessa maneira dado consolo ao nobre Dhritarashtra dominado pela dor por causa de seus filhos, então devolveu sua mente à paz. Tomando estes fatos como seu assunto, Dwaipayana compôs um santo Upanishad que tem sido divulgado para o mundo por bardos sábios e santos nos Puranas sagrados compostos por eles.

O estudo do Bharata é um ato de devoção. Aquele que lê mesmo uma margem inferior (de uma página dele), com fé, tem seus pecados totalmente eliminados. Aqui Devas, Devarshis, e Brahmarshis impecáveis de bons feitos, são mencionados; e igualmente Yakshas e grandes Uragas (Nagas). Aqui também é descrito o eterno Vasudeva possuidor de seis atributos. Ele é o verdadeiro e justo, o puro e santo, o eterno Brahma, a alma suprema, a verdadeira luz constante, cujos atos divinos sábios e eruditos relatam; de quem veio o universo não-existente e o universo existente-não-existente, com princípios de geração e progressão, e nascimento, morte e renascimento. Aqui também é tratado do que é chamado Adhyatma (o espírito superintendente da natureza), que partilha dos atributos dos cinco elementos. Aqui também é descrito quem é Purusha que está acima de tais epítetos como 'imanifesto' e semelhantes; também aquilo que os principais yatis livres do destino comum e dotados do poder da meditação e Tapas contemplan habitando em seus corações como uma imagem refletida no espelho.

O homem de fé, dedicado à piedade, e constante no exercício da virtude, ao ler este capítulo é liberto do pecado. O crente que constantemente ouve recitada esta

parte do Bharata, chamada de Introdução, desde o início, não cai em dificuldades. O homem repetindo alguma parte da introdução nos dois crepúsculos é durante tal ato liberto dos pecados contraídos durante o dia ou à noite. Esta seção, o corpo do Bharata, é verdade e néctar. Como a manteiga entre as coalhadas, Brahmana entre os bípedes, o Aranyaka entre os Vedas, e o néctar entre os remédios; como o mar é eminente entre os receptáculos de água, e a vaca entre os quadrúpedes; como são estes (entre as coisas mencionadas) assim é considerado o Bharata entre as histórias.

Para aquele que faz mesmo uma única margem dele ser recitada para Brahmanas durante um Sradha, as oferendas de alimento e bebida para os espíritos de seus ancestrais se tornam inesgotáveis.

Por meio da ajuda da história e dos Puranas o Veda pode ser interpretado; mas teme-se que o Veda tenha menos informação do que deveria. O homem erudito que recita para outro este Veda de Vyasa colhe vantagens. Ele pode sem dúvida destruir até o pecado de matar o embrião e semelhantes. Aquele que lê este capítulo sagrado da lua lê todo o Bharata, eu penso. O homem que diariamente ouve com reverência este trabalho sagrado obtém vida longa e renome e ascende para o céu.

Nos tempos passados, tendo colocado os quatro Vedas de um lado e o Bharata no outro, estes foram pesados na balança pelos celestiais reunidos para aquele propósito. E como o último era mais pesado do que os quatro Vedas com seus mistérios, desde aquele período ele tem sido chamado no mundo de Mahabharata (o grande Bharata). Sendo considerado superior em substância e gravidade de significação ele é denominado Mahabharata por causa de tal substância e importância de significação. Aquele que conhece seu significado é salvo de todos os seus pecados.

Tapa (disciplina) é inofensivo, estudo é inofensivo, a ordenança dos Vedas prescrita para todas as tribos é inofensiva, a aquisição de riquezas por meio de esforço é inofensiva; mas quando estes são excessivos em suas práticas é então que eles se tornam fontes de mal.”

## 2

(Parva-sangraha)

Os Rishis disseram, “Ó filho de Suta, nós desejamos ouvir um relato completo e circunstancial a respeito do lugar mencionado por você como Samanta-panchaya.”

Sauti disse, “Ouçam, ó Brahmanas, às descrições sagradas que eu profiro, ó melhores dos homens, vocês são dignos de ouvir a respeito do lugar conhecido como Samanta-panchaka. No intervalo entre os Yugas Treta e Dwapara, Rama (o filho de Jamadagni) grande entre todos os que manejam armas, impelido por impaciência pelos males, atacou repetidamente a classe nobre de Kshatriyas. E

quando aquele meteoro flamejante, por meio da sua própria bravura, aniquilou a tribo inteira dos Kshatriyas, ele formou em Samanta panchaka cinco lagos de sangue. Nós ouvimos que sua razão estando dominada pela raiva ele ofereceu oblações de sangue para os espíritos de seus antepassados, permanecendo no meio das águas cor de sangue daqueles lagos. Foi então que seus antepassados, dos quais Richika era o principal, tendo chegado lá se dirigiram a ele dessa forma, 'Ó Rama, ó abençoado Rama, ó progênie de Bhrigu, nós estamos gratos pela reverência que tu tens demonstrado por teus ancestrais e por teu grande heroísmo, ó poderoso! Bênçãos estejam sobre ti. Ó ilustre, peça a bênção que tu desejas.'

Rama disse, 'Se, ó pais, vocês estão dispostos favoravelmente em direção a mim, o benefício que eu peço é que eu seja absolvido dos pecados gerados por ter aniquilado os Kshatriyas em fúria, e que os lagos que eu formei possam se tornar famosos no mundo como santuários sagrados.' Os Pitris então disseram, 'Assim será. Mas fiques apaziguado.' E Rama conseqüentemente ficou pacificado. A região que se encontra próxima daqueles lagos de água sangrenta daquele tempo em diante é célebre como Samanta-panchaka, a sagrada. Os sábios declaram que todo país deve ser distinguido por um nome significativo de alguma circunstância que possa tê-lo tornado famoso. No intervalo entre os Yugas Dwapara e Kali aconteceu em Samanta-panchaka o combate entre os exércitos dos Kauravas e dos Pandavas. Naquela região sagrada, sem asperezas de qualquer tipo, foram reunidos dezoito Akshauhinis de soldados ávidos pela batalha. E, ó Brahmanas, tendo ido até lá, eles foram todos mortos no local. Assim o nome daquela região, ó Brahmanas, é explicado, e o país descrito para vocês como sagrado e encantador. Eu mencionei tudo referente a como a região é célebre por todos os três mundos."

Os Rishis disseram, "Nós desejamos saber, ó filho de Suta, o que é implicado pelo termo Akshauhini que é usado por ti. Conte-nos integralmente qual é o número total de cavalos e soldados de infantaria, carruagens e elefantes, que compõem um Akshauhini, pois tu estás completamente informado."

Sauti disse, "Uma carruagem, um elefante, cinco soldados de infantaria e três cavalos formam um Patti; três pattis fazem um Sena-mukha; três sena-mukhas são chamados de Gulma; três gulmas, de Gana; três ganas, de Vahini; três vahinis juntos são chamados de Pritana; três pritanas formam um Chamu; três chamus, um Anikini; e dez anikini formam, como é chamado por aqueles que conhecem, um Akshauhini. Ó melhores dos Brahmanas, matemáticos calculam que o número de carruagens em um Akshauhini é vinte e um mil oitocentos e setenta. A quantidade de elefantes deve ser fixada no mesmo número. Ó puros, vocês devem saber que o número de soldados de infantaria é cento e nove mil trezentos e cinquenta, o número de cavalos é sessenta e cinco mil seiscentos e dez. Estes, ó Brahmanas, como totalmente explicados por mim, são os números de um Akshauhini como dito por aqueles familiarizados com os princípios dos números. Ó melhores dos Brahmanas, segundo esse cálculo foram compostos os dezoito Akshauhinis dos exércitos Kaurava e Pandava. O Tempo, cujos atos são extraordinários, os reuniu naquele local e tendo feito dos Kauravas a causa, destruiu todos. Bhishma conhecedor de uma grande variedade de armas lutou por

dez dias. Drona protegeu os Vahinis Kaurava por cinco dias. Kama, o desolador de exércitos hostis lutou por dois dias; e Salya por metade de um dia. Depois durou metade de um dia o combate com maçãs entre Duryodhana e Bhima. No fim daquele dia, Aswatthaman e Kripa destruíram o exército de Yudhishtira à noite enquanto dormia sem suspeitar do perigo.

Ó Saunaka, esta melhor das narrações chamada Bharata que começou a ser repetida no teu sacrifício foi antigamente repetida no sacrifício de Janamejaya por um discípulo inteligente de Vyasa. Ele é dividido em várias seções; no início são Paushya, Pauloma, e Astika parvas, descrevendo integralmente a coragem e renome dos reis. Este é um trabalho cuja descrição, dicção, e sentido são variados e esplêndidos. Ele contém um relato de vários costumes e ritos. Ele é aceito pelos sábios como o estado chamado Vairagya é aceito por homens desejosos da libertação final. Como o Ser entre as coisas a serem conhecidas, como a vida entre as coisas que são preciosas, assim esta história que fornece os meios de chegar ao conhecimento de Brahma é o principal dentre todos os sastras. Não há uma história circulante neste mundo que não dependa desta história assim como o corpo dos pés que ele usa. Como os senhores de boa linhagem são sempre servidos por empregados desejosos de promoção assim o Bharata é apreciado por todos os poetas. Como as palavras constituindo os vários ramos de conhecimento concernentes ao mundo e os Vedas mostram somente vogais e consoantes, assim esta história excelente mostra somente a mais elevada sabedoria.

Escutem, ó ascetas, aos resumos das várias divisões (parvas) desta história chamada Bharata, dotada de grande sabedoria, de seções e bases que são admiráveis e variadas, de significados sutis e conexões lógicas, e embelezadas com a substância dos Vedas.

O primeiro parva é chamado de Anukramanika; o segundo, Sangraha; então Paushya; então Pauloma; o Astika; então Adivansavatarana. Então vem o Sambhava de incidentes extraordinários e emocionantes. Então vem Jatugrihadaha (incêndio na casa de laca) e então Hidimbabadha (o assassinato de Hidimba) parvas; então vem Baka-badha (morte de Baka) e então Chitraratha. O próximo se chama Swayamvara (escolha de marido por Panchali), no qual Arjuna pelo exercício de virtudes Kshatriyas obtém Draupadi como esposa. Então vem Vaivahika (casamento). Então vem Viduragamana (chegada de Vidura), Rajyalabha (aquisição do reino), Arjuna-banavasa (exílio de Arjuna) e Subhadraharana (o rapto de Subhadra). Depois destes vem Harana-harika, Khandava-daha (o incêndio na floresta de Khandava) e Maya-darsana (encontro com Maya o Asura arquiteto). Então vem Sabha, Mantra, Jarasandha, Digvijaya (campanha geral). Depois de Digvijaya vem Raja-suyaka, Arghyaviharana (o roubo do Arghya) e Sisupala-badha (o assassinato de Sisupala). Depois destes Dyuta (jogo), Anudyuta (seguinte ao jogo), Aranyaka, e Krimira-badha (destruição de Krimira). O Arjuna-vigamana (as viagens de Arjuna), Kairati. No último é descrita a batalha entre Arjuna e Mahadeva no disfarce de um caçador. Depois disso Indralokavigamana (a viagem às regiões de Indra); então aquela mina de religião e virtude, o muito emocionante Nalopakhyana (a história de Nala). Depois desse

último Tirtha-yatra ou a peregrinação do sábio príncipe dos Kurus, a morte de Jatasura, e a batalha dos Yakshas. Então a batalha com os Nivata-kavachas, Ajagara, e Markandeya-Samasya (reunião com Markandeya). Então o encontro de Draupadi e Satyabhama, Ghoshayatra, Mirga-Swapna (sonho do veado). Então a história de Brihadaranyaka e então Aindradrumsa. Então Draupadi-harana (o sequestro de Draupadi), Jayadratha-bimoksana (a libertação de Jayadratha). Então a história de 'Savitri' ilustrando o grande mérito da castidade conjugal. Depois destes a história de 'Rama'. O parva que vem em seguida é chamado de 'Kundala-harana' (o roubo dos brincos). Aquele que vem em seguida é 'Aranya' e então 'Vairata'. Então a entrada dos Pandavas (na cidade de Virata) e o cumprimento de sua promessa (de viver desconhecidos por um ano). Então a destruição dos 'Kichakas', então a tentativa de roubar o gado (de Virata pelos Kauravas). O próximo é chamado de 'o casamento de Abhimanyu com a filha de Virata'. O seguinte, vocês devem saber, é o mais notável parva chamado Udyoga. O próximo deve ser conhecido pelo nome de 'Sanjaya-yana' (a chegada de Sanjaya). Então vem 'Prajagara' (a insônia de Dhritarashtra devido à sua ansiedade). Então Sanatsujata, no qual se encontram os mistérios de filosofia espiritual. Então 'Yanasaddhi', e então a chegada de Krishna. Então a história de 'Matali' e então de 'Galava'. Então as histórias de 'Savitri', 'Vamadeva', e 'Vainya'. Então a história de 'Jamadagnya e Shodasarajika'. Então a chegada de Krishna na corte, e então Bidulaputrasasana. Então a reunião das tropas e a história de Sheta. Então, vocês devem conhecer, vem a briga de Karna de grande alma. Então a marcha para o campo das tropas de ambos os lados. O seguinte é chamado de 'contando os Rathis e Atirathas'. Então vem a chegada do mensageiro Uluka que acendeu a ira (dos Pandavas). O próximo, vocês devem saber, é a história de Amba. Então vem a emocionante história da instalação de Bhishma como comandante-chefe. O próximo é chamado de 'a criação da região insular Jambu'; então Bhumi; então o relato sobre a formação de ilhas. Então vem o 'Bhagavat-gita'; e então a morte de Bhishma. Então a instalação de Drona; então a destruição dos 'Sansaptakas'. Então a morte de Abhimanyu; e então a promessa de Arjuna (matar Jayadratha). Então a morte de Jayadratha, e então de Ghatotkacha. Então, vocês devem saber, vem a história da morte de Drona de força surpreendente. O próximo é chamado de 'o disparo da arma chamada Narayana'. Então, vocês sabem, vem Karna, e então Salya. Então vem a imersão no lago, e então o combate (entre Bhima e Duryodhana) com maças. Então vem Saraswata, e então as descrições de santuários sagrados, e então genealogias. Então vem Sauptika descrevendo incidentes vergonhosos (para a honra dos Kurus). Então vem o 'Aisika' de incidentes dolorosos. Então vem 'Jalapradana', oblações de água para os espíritos dos mortos, e então as lamentações das mulheres. O próximo deve ser conhecido como 'Sraddha', descrevendo os ritos fúnebres realizados para os Kauravas mortos. Então vem a destruição do Rakshasa Charvaka que tinha assumido o disfarce de um Brahmana (para enganar Yudhishtira). Então a coroação do sábio Yudhishtira. O próximo é chamado de 'Grihapravibhaga'. Então vem 'Santi', então 'Rajadharmanusana', então 'Apaddharma', então 'Mokshadharmas'. Aqueles que seguem se chamam respectivamente 'Suka-prasna-abhigamana', 'Brahma-prasnanusana', a origem de 'Durvasa', e as disputas com Maya. O próximo deve ser conhecido como

'Anusasanika'. Então a ascensão de Bhisma para o céu. Então o sacrifício de cavalos, o qual quando lido elimina todos os pecados. O próximo deve ser conhecido como 'Anugita', no qual há palavras de filosofia espiritual. Aqueles que seguem são chamados 'Asramvasa', 'Putradarshana' (encontro com os espíritos dos filhos falecidos), e a chegada de Narada. O próximo é chamado 'Mausala', que é cheio de incidentes terríveis e cruéis. Então vem 'Mahaprasthanika' e ascensão para céu. Então vem o Purana que é chamado Khilvansa. Nesse último estão contidos 'Vishnuparva', divertimentos e façanhas de Vishnu como uma criança, a destruição de 'Kansa', e finalmente, o maravilhoso 'Bhavishyaparva' (no qual há profecias com relação ao futuro).

Vyasa de grande alma compôs estes cem parvas dos quais acima há somente um resumo; tendo dividido eles em dezoito, o filho de Suta os recitou consecutivamente na floresta de Naimisha como segue:

No Adi parva estão contidos Paushya, Pauloma, Astika, Adivansavatara, Samva, o incêndio da casa de Iaca, a morte de Hidimba, a destruição do Asura Vaka, Chitraratha, o Swayamvara de Draupadi, seu casamento depois da derrota de rivais em guerra, a chegada de Vidura, a restauração, o exílio de Arjuna, o sequestro de Subhadra, a doação e recebimento do dote do casamento, o incêndio na floresta de Khandava, e o encontro com (o Asura arquiteto) Maya. O Paushya parva trata da grandeza de Utanka, e o Pauloma, dos filhos de Bhrigu. O Astika descreve o nascimento de Garuda e dos Nagas (cobras), o batimento do oceano, os incidentes relativos ao nascimento do corcel celeste Uchchaisrava, e finalmente, a dinastia de Bharata, como descrita no sacrifício de cobras do rei Janamejaya. O Sambhava parva narra o nascimento de vários reis e heróis, e do sábio Krishna Dwaipayana, as encarnações parciais de divindades, a geração de Danavas e Yakshas de grande bravura, e serpentes, Gandharvas, aves, e de todas as criaturas; e por fim, da vida e aventuras do rei Bharata, o progenitor da linhagem que recebe seu nome, o filho nascido de Sakuntala no eremitério do asceta Kanwa. Este parva também descreve a grandeza de Bhagirathi, e os nascimentos dos Vasus na casa de Santanu e sua ascensão para o céu. Neste parva também é narrado o nascimento de Bhisma unindo em si mesmo porções das energias dos outros Vasus, sua renúncia da realeza e adoção do modo de vida Brahmacharya, sua fidelidade aos seus votos, sua proteção a Chitrangada, e depois da morte de Chitrangada, a proteção de seu irmão mais novo, Vichitravirya, e a colocação do último no trono; o nascimento de Dharma entre os homens por causa da maldição de Animandavya; os nascimentos de Dhritarashtra e Pandu através da potência das bênçãos de Vyasa e também o nascimento dos Pandavas; as conspirações de Duryodhana para enviar os filhos de Pandu para Varanavata, e os outros conselhos sombrios dos filhos de Dhritarashtra em relação aos Pandavas; então o conselho dado para Yudhishtira em seu caminho pelo benquerente dos Pandavas, Vidura, na língua mlechcha, a escavação do buraco, a queima de Purochana e da mulher adormecida da casta de caçadores, com seus cinco filhos, na casa de Iaca; o encontro dos Pandavas na floresta pavorosa com Hidimba, e a morte do irmão de Hidimba (também chamado Hidimba) por Bhima de grande heroísmo. O nascimento de Ghatotkacha; a reunião

dos Pandavas com Vyasa e de acordo com seus conselhos sua permanência disfarçados na casa de um Brahmana na cidade de Ekachakra; a destruição do Asura Vaka, e o assombro do povo à visão; os nascimentos extraordinários de Krishna e Dhrishtadyumna; a partida dos Pandavas para Panchala em obediência à injunção de Vyasa, e movidos igualmente pelo desejo de ganhar a mão de Draupadi ao ouvirem as notícias sobre o swayamvara dos lábios de um Brahmana; vitória de Arjuna sobre um Gandharva, chamado Angaraparna, na margem do Bhagirathi, a contração de amizade com seu adversário, e a audição do Gandharva da história de Tapati, Vasishtha e Aurva. Este parva trata da viagem dos Pandavas em direção a Panchala, a aquisição de Draupadi no meio de todos os Rajas, por Arjuna, depois de ter acertado o alvo com sucesso; e na luta seguinte, a derrota de Salya, Kama, e de todos os outros chefes coroados nas mãos de Bhima e Arjuna de grande heroísmo; a averiguação por Balarama e Krishna, à visão daquelas façanhas inigualáveis, que os heróis eram os Pandavas, e a chegada dos irmãos na casa do ceramista onde os Pandavas estavam permanecendo; o desânimo de Drupada ao saber que Draupadi devia se casar com cinco maridos; a notável história dos cinco Indras relatada na sequência; o casamento extraordinário e divinamente ordenado de Draupadi; o envio de Vidura pelos filhos de Dhritarashtra como mensageiro para os Pandavas; a chegada de Vidura e sua visão de Krishna; a residência dos Pandavas em Khandava-prastha, e então seu governo sobre metade do reino; a fixação de turnos pelos filhos de Pandu, em obediência à injunção de Narada, para união conjugal com Draupadi. De maneira semelhante à história de Sunda e Upasunda é recitada nele. Este parva então trata da partida de Arjuna para a floresta de acordo com a promessa, ele tendo visto Draupadi e Yudhishtira juntos quando entrou no quarto para pegar armas para salvar as vacas de certo Brahmana. Este parva então descreve o encontro de Arjuna no caminho com Ulupi, a filha de um Naga (serpente); e ele então relata suas visitas a vários lugares sagrados; o nascimento de Vabhruvahana; a libertação por Arjuna das cinco donzelas celestes que tinham sido transformadas em jacarés pela imprecação de um Brahmana, o encontro de Madhava e Arjuna no local santo chamado Prabhasa; o rapto de Subhadra por Arjuna, incitado a isto pelo irmão dela: Krishna, no maravilhoso carro que se movia na terra e na água, e pelo ar, de acordo com o desejo do passageiro; a partida para Indraprastha, com o dote; a concepção no útero de Subhadra daquele prodígio de coragem, Abhimanyu; Yajnaseni dando nascimento a filhos; então segue a viagem de divertimento de Krishna e Arjuna para as margens do Jamuna e a obtenção por eles do disco e do célebre arco Gandiva; a queima da floresta de Khandava; o resgate de Maya por Arjuna, e a fuga da serpente, e a geração de um filho por aquele melhor dos Rishis, Mandapala, no útero da ave Sarngi. Este parva é dividido por Vyasa em duzentos e vinte e sete capítulos. Estes duzentos e vinte e sete capítulos contêm oito mil oitocentos e oitenta e quatro slokas (versos).

O segundo é o extenso parva chamado Sabha ou a assembléia, cheio de importância. Os assuntos deste parva são a fundação da grandiosa mansão pelos Pandavas; o exame de seus retentores; a descrição dos lokapalas por Narada bem familiarizado com as regiões celestes; os preparativos para o sacrifício Rajasuya; a destruição de Jarasandha; a libertação por Vasudeva dos príncipes

confinados na passagem da montanha; a campanha de conquista geral pelos Pandavas; a chegada dos príncipes no sacrifício Rajasuya com tributo; a destruição de Sisupala na ocasião do sacrifício, em relação à oferta de arghya; Bhimasena zombando de Duryodhana na assembléia; a tristeza e inveja de Duryodhana à visão da magnífica escala na qual os arranjos tinham sido feitos; a indignação de Duryodhana em consequência, e os preparativos para o jogo de dados; a derrota de Yudhishtira no jogo pelo astuto Sakuni; a libertação por Dhritarashtra de sua nora aflita Draupadi mergulhada em um mar de angústia causado pelo jogo, como de um barco atirado pelas ondas tempestuosas. Os esforços de Duryodhana para envolver Yudhishtira novamente no jogo; e o exílio do derrotado Yudhishtira com seus irmãos. Estes constituem o que foi chamado por Vyasa de Sabha Parva. Este parva é dividido em setenta e oito capítulos, o melhor dos Brahmanas, e em dois mil, quinhentos e sete slokas.

Então vem o terceiro parva chamado Aranyaka (referente à floresta). Este parva trata da viagem dos Pandavas à floresta e dos cidadãos seguindo o sábio Yudhishtira, a adoração de Yudhishtira ao deus do dia; de acordo com as injunções de Dhaumya, para ser dotado do poder de manter os dependentes Brahmanas com comida e bebida; a criação de alimento através da graça do Sol, a expulsão por Dhritarashtra de Vidura que sempre falava para o bem de seu senhor; a ida de Vidura aos Pandavas e seu retorno para Dhritarashtra por solicitação do último; as conspirações do vil Duryodhana para destruir os Pandavas que vagavam na floresta, sendo incitado a isto por Karna; o aparecimento de Vyasa e a dissuasão da determinação de Duryodhana de ir para a floresta; a história de Surabhi; a chegada de Maitreya; sua declaração para Dhritarashtra do curso de ação; e sua maldição sobre Duryodhana; Bhima matando Kirmira em combate; a ida dos Panchalas e dos príncipes da linhagem Vrishni até Yudhishtira ao saberem da sua derrota no jogo injusto por Sakuni; Dhananjaya acalmando a fúria de Krishna; as lamentações de Draupadi diante de Madhava; Krishna encorajando-a; a queda de Sauva também é aqui descrita pelo Rishi; também Krishna levando Subhadra com seu filho para Dwaraka; e Dhristadyumna levando o filho de Draupadi para Panchala; a entrada dos filhos de Pandu na fantástica floresta Dwaita; conversa de Bhima, Yudhishtira, e Draupadi; a ida de Vyasa aos Pandavas e dotando Yudhishtira do poder de Pratismriti; então, depois da partida de Vyasa, a remoção dos Pandavas para a floresta de Kamyaka; as viagens de Arjuna de bravura imensurável à procura de armas; sua luta com Mahadeva no disfarce de um caçador; seu encontro com os lokapalas e recebimento das armas deles; sua viagem para as regiões de Indra em busca de armas e a consequente ansiedade de Dhritarashtra; as lamentações de Yudhishtira na ocasião de seu encontro com o venerável grande sábio Brihadhaswa. Aqui se encontra a sagrada e muito emocionante história de Nala ilustrando a paciência de Damayanti e o caráter de Nala. Então a obtenção por Yudhishtira dos mistérios dos dados do mesmo grande sábio; então a chegada do Rishi Lomasa dos céus onde os Pandavas estavam, e o recebimento por aqueles moradores de grande alma nas florestas das notícias trazidas pelo Rishi de seu irmão Arjuna que estava nos céus; então a peregrinação dos Pandavas para vários lugares sagrados de acordo com a mensagem de Arjuna, e sua

obtenção de grande mérito e virtude consequentes de tal peregrinação; então a peregrinação do grande sábio Narada ao santuário Putasta; também a peregrinação dos Pandavas de grande alma. Aqui há a privação de Karna de seus brincos por Indra. Aqui também é recitada a magnificência sacrificial de Gaya; então a história de Agastya na qual o Rishi come o Asura Vatapi, e sua ligação conjugal com Lopamudra pelo desejo de filhos. Então a história de Rishyasringa que adotou modo de vida Brahmacharya desde sua meninice; então a história de Rama de grande bravura, o filho de Jamadagni, na qual é narrada a morte de Kartavirya e Haihayas; então o encontro entre os Pandavas e os Vrishnis no local sagrado chamado Prabhasa; então a história de Sukanya na qual Chyavana, o filho de Bhrigu, faz os gêmeos Aswins beberem, no sacrifício do rei Saryati, o suco Soma (do qual eles tinham sido excluídos pelos outros deuses), e no qual, além disso, é mostrado como o próprio Chyavana obteve juventude perpétua (como uma bênção dos Aswins agradecidos). Então é descrita a história do rei Mandhata; então a história do príncipe Jantu; e como o rei Somaka por oferecer seu filho único (Jantu) em sacrifício obteve cem outros; então a história excelente do falcão e do pombo; então o exame do rei Sivi por Indra, Agni, e Dharma; então a história de Ashtavakra, na qual ocorre a disputa, no sacrifício de Janaka, entre aquele Rishi e o principal dos especialistas em lógica, Vandī, o filho de Varuna; a derrota de Vandī pelo grande Ashtavakra, e a libertação pelo Rishi de seu pai das profundidades do oceano. Então a história de Yavakrita, e então aquela do grande Raivya; então a partida (dos Pandavas) para Gandhamadana e sua residência no retiro chamado Narayana; então a viagem de Bhimasena para Gandhamadana a pedido de Draupadi (em busca da flor de perfume doce). O encontro de Bhima em seu caminho, no bananal, com Hanuman, o filho de Pavana de grande bravura; o banho de Bhima no tanque e a destruição das flores naquele local para obter a flor de doce perfume (que ele estava procurando); sua consequente batalha com os poderosos Rakshasas e os Yakshas de grande destreza incluindo Hanuman; a destruição do Asura Jata por Bhima; o encontro (dos Pandavas) com o sábio nobre Vrishaparva; a partida deles para o retiro de Arshtishena e residência lá; o incitamento de Bhima (para atos de vingança) por Draupadi. Então é narrada a subida nas colinas de Kailasa por Bhimasena, sua magnífica batalha com os Yakshas poderosos liderados por Hanuman; então o encontro dos Pandavas com Vaisravana (Kuvera), e o encontro com Arjuna depois que ele tinha obtido muitas armas celestes para o propósito de Yudhishtira; então o terrível combate de Arjuna com os Nivatakavachas que moravam em Hiranyaparva, e também com os Paulomas, e os Kalakeyas; sua destruição nas mãos de Arjuna; o começo da exibição das armas celestes por Arjuna diante de Yudhishtira, o impedimento do mesmo por Narada; a descida dos Pandavas de Gandhamadana; a captura de Bhima na floresta por uma poderosa serpente enorme como uma montanha; sua libertação das espirais da cobra após Yudhishtira responder certas questões; a volta dos Pandavas para as florestas Kamyaka. Aqui é descrita a reaparição de Vasudeva para ver os filhos poderosos de Pandu; a chegada de Markandeya, e vários recitais, a história de Prithu o filho de Vena, narrada pelo grande Rishi; as histórias de Saraswati e do Rishi Tarkhya. Depois destas a história de Matsya; e outras velhas histórias recitadas por Markandeya; as histórias de Indradyumna e Dhundhumara; então a história da esposa casta; a história de Angira, o encontro e

conversação de Draupadi e Satyabhama; a volta dos Pandavas para a floresta de Dwaita; então a procissão para ver os bezerros e a prisão de Duryodhana; e quando o patife estava sendo raptado, seu resgate por Arjuna; aqui se encontra o sonho de Yudhishtira com o veado; então a reentrada dos Pandavas na floresta Kamyaka, aqui também há a longa história de Vrihidraunika. Aqui também é recitada a história de Durvasa; então o sequestro por Jayadratha de Draupadi do retiro; a perseguição do raptor por Bhima veloz como o ar e a raspagem ruim da cabeça de Jayadratha pela mão de Bhima. Aqui há a longa história de Rama na qual é mostrado como Rama matou Ravana em batalha por meio de sua destreza. Aqui também é narrada a história de Savitri; então a privação de Karna por Indra de seus brincos; então o oferecimento a Karna pelo grato Indra de uma Sakti (arma míssil) a qual tinha a virtude de matar somente uma pessoa contra quem ela fosse lançada; então a história chamada Aranya na qual Dharma (o deus da justiça) dá conselhos para seu filho (Yudhishtira); na qual, além disso, é narrado como os Pandavas depois de terem obtido uma bênção vão em direção ao oeste. Estes estão todos incluídos no terceiro Parva chamado Aranyaka, consistindo em duzentos e sessenta e nove capítulos. O número de slokas é onze mil, seiscentos e sessenta e quatro.

O extenso Parva que vem em seguida é chamado Virata. Os Pandavas chegando nos domínios de Virata vêm em um cemitério nos arredores da cidade uma grande árvore shami na qual eles guardam suas armas. Aqui é narrada sua entrada na cidade e sua estadia lá disfarçados. Então a morte por Bhima do vil Kichaka que, irracional pela luxúria, procurou Draupadi; a designação pelo príncipe Duryodhana de espiões inteligentes; e seu envio para todas as partes para localizar os Pandavas; o fracasso deles em descobrir os filhos poderosos de Pandu; o primeiro roubo do gado de Virata pelos Trigartas e a terrível batalha que se segue; a captura de Virata pelo inimigo e seu resgate por Bhimasena; a libertação também do gado pelo Pandava (Bhima); o roubo do gado de Virata novamente pelos Kurus; a derrota em batalha de todos os Kurus por Arjuna sozinho; a libertação do gado do rei; a concessão por Virata de sua filha Uttara para aceitação de Arjuna em nome de seu filho com Subhadra, Abhimanyu, o destruidor de inimigos. Estes são os conteúdos do extenso quarto Parva, o Virata. O grande Rishi Vyasa compôs nele sessenta e sete capítulos. O número de slokas é os dois mil e cinquenta.

Ouçam então (os conteúdos do) quinto Parva o qual deve ser conhecido como Udyoga. Enquanto os Pandavas, desejosos de vitória, residiam no lugar chamado Upaplavya, Duryodhana e Arjuna foram ao mesmo tempo até Vasudeva, e disseram, 'Você deve nos ajudar nessa guerra.' E Krishna de grande alma, após estas palavras serem proferidas, responde, 'Ó principais dos homens, um conselheiro em mim mesmo que não lutará e um Akshauhini de tropas, qual desses eu darei para qual de vocês?' Cego para seus próprios interesses o tolo Duryodhana pede as tropas; enquanto Arjuna solicita Krishna como um conselheiro que não lutaria. Então é descrito como, quando o rei de Madra estava indo ajudar os Pandavas, Duryodhana, tendo iludido ele no caminho por meio de presentes e hospitalidade o induz a conceder um benefício e então solicita sua

ajuda na batalha; como Salya, tendo dado sua palavra a Duryodhana, vai até os Pandavas e os conforta por narrar a história da vitória de Indra (sobre Vritra). Então vem o envio pelos Pandavas de seu Purohita (sacerdote) aos Kauravas. Então é descrito como o rei Dhritarashtra de grande coragem, tendo ouvido a palavra do purohita dos Pandavas e a história da vitória de Indra decide enviar seu purohita e ao final despacha Sanjaya como mensageiro aos Pandavas por desejar a paz. Aqui é descrita a insônia de Dhritarashtra por ansiedade ao saber tudo sobre os Pandavas e seus amigos, Vasudeva e outros. Foi nessa ocasião que Vidura endereçou ao rei sábio Dhritarashtra vários conselhos que eram cheios de sabedoria. E foi aqui também que Sanat-sujata recitou para o ansioso e entristecido monarca as verdades excelentes da filosofia espiritual. Na manhã seguinte Sanjaya fala, na corte do rei, da identidade de Vasudeva e Arjuna. É então que o ilustre Krishna, movido por bondade e desejo de paz, vai ele mesmo à capital Kaurava, Hastinapura, para trazer paz. Então vem a rejeição pelo príncipe Duryodhana da missão diplomática de Krishna, que tinha chegado para pedir paz para o benefício de ambos os partidos. Aqui é narrada a história de Damvodvava; então a história da procura de Matuli de grande alma por um marido para sua filha; então a história do grande sábio Galava; então a história do treinamento e disciplina do filho de Bidula. Então a exposição por Krishna, perante os Rajas reunidos, de seus poderes de Yoga após saber dos planos perversos de Duryodhana e Karna; então Krishna colocando Karna em sua carruagem e lhe oferecendo conselho, e a rejeição de Karna do mesmo por orgulho. Então o retorno de Krishna, o destruidor de inimigos, de Hastinapura para Upaplavya, e sua narração para os Pandavas de tudo o que tinha acontecido. É então que aqueles opressores de inimigos, os Pandavas, tendo ouvido tudo e deliberado devidamente entre si fazem toda a preparação para a guerra. Então vem a marcha de Hastinapura, para a batalha, de soldados de infantaria, cavalos, quadrigários e elefantes. Então a contagem das tropas de ambos os partidos. Então o despacho pelo príncipe Duryodhana de Uluka como enviado aos Pandavas no dia anterior à batalha. Então a contagem de quadrigários de diferentes classes. Então a história de Amba. Isso tudo é descrito no quinto Parva chamado Udyoga do Bharata, cheio de incidentes referentes à guerra e paz. Ó ascetas, o grande Vyasa compôs cento e oitenta e seis capítulos neste Parva. O número de slokas também compostos nele pelo grande Rishi é seis mil, seiscentos e noventa e oito.

Então é narrado o Bhishma Parva repleto de incidentes admiráveis. Nele é narrada por Sanjaya a formação da região conhecida como Jambu. Lá é descrita a grande depressão do exército de Yudhishtira, e também uma batalha violenta por dez dias sucessivos. Nele Vasudeva de grande alma por meio de fundamentos baseados na filosofia da libertação final acaba com o escrúpulo de Arjuna surgido da consideração do último por seus parentes (a quem ele estava prestes a matar). Nele o magnânimo Krishna, atento ao bem-estar de Yudhishtira, vendo a perda infligida (ao exército Pandava), desce rapidamente da sua carruagem ele mesmo e corre destemido, com seu chicote de guiar na mão, para efetuar a morte de Bhishma. Nele, Krishna também atinge com palavras cortantes Arjuna, o manejador do Gandiva e o principal em batalha entre todos os manejadores de armas. Nele, o principal dos arqueiros, Arjuna, colocando Shikandin em sua frente

e perfurando Bhishma com suas flechas afiadas o derruba de sua carruagem. Nele, Bhishma jaz estendido em seu leito de flechas. Este Parva extenso é conhecido como o sexto no Bharata. Nele foram compostos cento e dezessete capítulos. O número de slokas é cinco mil, oitocentos e oitenta e quatro como contado por Vyasa conhecedor dos Vedas.

Então é narrado o admirável Parva chamado Drona, cheio de incidentes. Primeiro vem a instalação no comando do exército (Kuru) do grande instrutor em armas: Drona; então o voto feito por aquele grande mestre de armas de capturar o sábio Yudhishtira em batalha para agradar Duryodhana; então a retirada de Arjuna do campo perante os Sansaptakas, então a derrubada de Bhagadatta como um segundo Indra no campo, com o elefante Supritika, por Arjuna; então a morte do herói Abhimanyu em sua adolescência, sozinho e sem ajuda, nas mãos de muitos Maharathas incluindo Jayadratha; então depois da morte de Abhimanyu, a destruição por Arjuna, em batalha, de sete Akshauhinis de tropas e então de Jayadratha; então a entrada, por Bhima de braços poderosos e por aquele principal dos guerreiros em carruagem, Satyaki, nas fileiras Kaurava impenetráveis até para os deuses, à procura de Arjuna em obediência às ordens de Yudhishtira, e a destruição do resto dos Sansaptakas. No Drona Parva se encontra a morte de Alambusha, de Srutayus, de Jalasandha, de Shomadatta, de Virata, do grande guerreiro em carruagem Drupada, de Ghatotkacha e outros; neste Parva, Aswatthaman, excitado além da medida pela morte de seu pai em batalha, dispara a terrível arma Narayana. Então a glória de Rudra com relação à queima (das três cidades). Então a chegada de Vyasa e a narração por ele da glória de Krishna e Arjuna. Este é o grandioso sétimo Parva do Bharata no qual todos os chefes e príncipes heróicos citados são enviados para sua prestação de contas. O número de capítulos neste Parva é cento e setenta. O número de slokas compostos no Drona Parva pelo Rishi Vyasa, o filho de Parasara possuidor do conhecimento verdadeiro depois de muita meditação, é oito mil novecentos e nove.

Então vem o magnífico Parva chamado Karna. Nele é narrada a nomeação do sábio rei de Madra como quadrigário (de Karna). Então a história da queda do Asura Tripura. Então o emprego um ao outro por Karna e Salya de palavras duras em sua saída do campo, então a história do cisne e do corvo narrada em alusão insultante; então a morte de Pandya nas mãos de Aswatthaman de grande alma; então a morte de Dandasena; então a de Darda; então o risco iminente de Yudhishtira em duelo com Karna na presença de todos os guerreiros; então a ira mútua de Yudhishtira e Arjuna; então a pacificação de Arjuna por Krishna. Neste Parva, Bhima, em cumprimento de sua promessa, tendo aberto o peito de Dussasana em batalha, bebe o sangue de seu coração. Então Arjuna mata o grande Karna em duelo. Leitores do Bharata chamam este de oitavo Parva. O número de capítulos nele é sessenta e nove e o número de slokas é quatro mil, novecentos e sessenta e quatro.

Então é recitado o admirável Parva chamado Salya. Depois que todos os grandes guerreiros tinham sido mortos o rei de Madra se torna o líder do exército (Kaurava). Os combates um depois do outro, de quadrigários, são aqui descritos. Então vem a queda do grande Salya nas mãos de Yudhishtira, o Justo. Aqui

também se encontra a morte de Sakuni em batalha nas mãos de Sahadeva. Após somente um pequeno resto das tropas permanecer vivo depois do imenso massacre, Duryodhana vai para o lago e criando para si mesmo um espaço dentro de suas águas deita esticado lá por algum tempo. Então é narrado o recebimento desta notícia por Bhima dos caçadores; então é narrado como, movido pelas palavras insultuosas do inteligente Yudhishtira, Duryodhana sempre incapaz de suportar afrontas sai das águas. Então vem o combate com maças entre Duryodhana e Bhima; então a chegada, na hora de tal combate, de Balarama; então é descrita a santidade do Saraswati; então a continuação do combate com maças; então a fratura das coxas de Duryodhana em batalha por Bhima com (um terrível arremesso de) sua maça. Isso tudo é descrito no maravilhoso nono Parva. Nele o número de capítulos é cinquenta e nove e o número de slokas compostos pelo grande Vyasa, o propagador da fama dos Kauravas, é três mil duzentos e vinte.

Então eu descreverei o Parva chamado Sauptika de incidentes pavorosos. Após os Pandavas terem ido embora, os poderosos quadrigários, Kritavarman, Kripa, e o filho de Drona, vão ao campo de batalha à noite e vêem lá o rei Duryodhana jazendo no chão, com suas coxas quebradas e coberto de sangue. Então o formidável quadrigário, o filho de Drona, de ira terrível, promete: 'Sem matar todos os Panchalas incluindo Dhrishtadyumna, e os Pandavas também com todos os seus aliados, eu não tirarei a armadura.' Tendo falado estas palavras, os três guerreiros deixando o lado de Duryodhana entram na grande floresta exatamente quando o sol estava se pondo. Enquanto sentados sob uma grande árvore banian (figueira de bengala) à noite, eles vêem uma coruja matando numerosos corvos um depois do outro. À visão daquilo Aswatthaman, com seu coração cheio de raiva ao pensar no destino de seu pai, resolve matar os Panchalas adormecidos. E se dirigindo ao portão do acampamento, ele vê lá um Rakshasa de aparência aterrorizante, sua cabeça alcançando os próprios céus, guardando a entrada. E vendo aquele Rakshasa obstruindo todas as suas armas, o filho de Drona rapidamente pacifica por meio de adoração o Rudra de três olhos. E então acompanhado por Kritavarman e Kripa ele mata todos os filhos de Draupadi, todos os Panchalas com Dhrishtadyumna e outros, junto com seus parentes, que dormiam sem suspeitar à noite. Todos perecem naquela noite fatal exceto os cinco Pandavas e o grande guerreiro Satyaki. Estes escaparam devido aos conselhos de Krishna, então o quadrigário de Dhrishtadyumna leva aos Pandavas a notícia do massacre dos Panchalas adormecidos pelo filho de Drona. Então Draupadi aflita pela morte de seus filhos e irmãos e pai se senta diante de seus maridos decidida a se matar por meio de jejum. Então Bhima de bravura terrível, movido pelas palavras de Draupadi, se decide, para satisfazê-la; e pegando sua maça rapidamente segue em fúria o filho de seu preceptor em armas. O filho de Drona por medo de Bhimasena e impelido pelo destino e movido também por raiva dispara uma arma celeste dizendo, 'Isso é para a destruição de todos os Pandavas'; então Krishna dizendo, 'Isso não acontecerá', neutraliza as palavras de Aswatthaman. Então Arjuna neutraliza aquela arma por meio da sua própria. Vendo as intenções destrutivas do vil Aswatthaman, Dwaipayana e Krishna pronunciam maldições sobre ele as quais o último responde. Os Pandavas então

privam o poderoso guerreiro em carruagem Aswatthaman da jóia em sua cabeça, e ficam muito satisfeitos, e, orgulhosos de seu sucesso, fazem um presente dela para a entristecida Draupadi. Assim o décimo Parva, chamado Sauptika, é recitado. O grande Vyasa o compôs em dezoito capítulos. O número de slokas também compostos (nele) pelo grande narrador das verdades sagradas é oitocentos e setenta. Neste Parva foram colocados juntos pelo Rishi os dois Parvas chamados Sauptika e Aishika.

Depois disso é recitado o Parva muito emocionante chamado Stri; Dhritarashtra de visão profética, aflito pela morte de seus filhos, e movido por inimizade em relação a Bhima, quebra em pedaços uma estátua de ferro destramente colocada diante dele por Krishna (como substituto de Bhima). Então Vidura, removendo a afeição do aflito Dhritarashtra por coisas mundanas por meio de argumentos aludindo à libertação final, consola aquele monarca sábio. Então é descrita a ida do angustiado Dhritarashtra acompanhado pelas senhoras de sua casa para o campo de batalha dos Kauravas. Aqui seguem os lamentos emocionantes das esposas dos heróis mortos. Então a ira de Gandhari e Dhritarashtra e sua perda de consciência. Então as damas Kshatriya vêem aqueles heróis, seus filhos, irmãos, e pais que não retornariam, jazendo mortos no campo. Então a pacificação por Krishna da fúria de Gandhari angustiada pela morte de seus filhos e netos. Então a cremação dos corpos dos Rajas falecidos com os ritos devidos por aquele monarca (Yudhishtira) de grande sabedoria e o principal também de todos os homens virtuosos. Então, depois que o oferecimento de água aos espíritos dos príncipes falecidos tinha começado, a história da confissão de Kunti de que Karna era seu filho nascido em segredo. Tudo isso é descrito pelo grande Rishi Vyasa no emocionante décimo primeiro Parva. Sua leitura atenta comove todo coração sensível com tristeza e até tira lágrimas dos olhos. O número de capítulos compostos é vinte e sete. O número de slokas é setecentos e setenta cinco.

Décimo segundo em número vem o Santi Parva, que aumenta a compreensão e no qual é narrado o desalento de Yudhishtira por ele ter matado seus pais, irmãos, filhos, tios maternos e parentes matrimoniais. Neste Parva é descrito como de seu leito de flechas Bhishma explica vários sistemas de deveres dignos do estudo de reis desejosos de conhecimento; este Parva explica os deveres relativos a emergências, com indicações completas de época e motivos. Por compreendê-los, uma pessoa atinge conhecimento perfeito. Os mistérios também da emancipação final são descritos com detalhes. Este é o décimo segundo Parva, o favorito dos sábios. Ele consiste de trezentos e trinta e nove capítulos, e contém catorze mil, setecentos e trinta e dois slokas.

Próximo em ordem é o excelente Anusasana Parva. Nele é descrito como Yudhishtira, o rei dos Kurus, foi reconciliado consigo mesmo após ouvir a exposição dos deveres por Bhishma, o filho de Bhagirathi. Este Parva trata de regulamentos em detalhes e de Dharma e Artha; então das regras de caridade e seus méritos; então das qualificações dos donatários, e das doações supremas relativas a transporte. Este Parva também descreve os cerimoniais de dever individual, as regras de conduta e o mérito inigualável da veracidade. Este Parva

mostra o grande mérito de Brahmanas e vacas, e elucida os mistérios dos deveres em relação à hora e lugar. Estes estão incorporados no Parva excelente chamado Anusasana de incidentes variados. Nele é descrita a ascensão de Bhishma para o Céu. Este é o décimo terceiro Parva o qual declara com precisão os vários deveres dos homens. O número de capítulos nele é cento e quarenta e seis. O número de slokas é oito mil.

Então vem o décimo quarto Parva, Aswamedhika. Nele está a excelente história de Samvarta e Marutta. Então é descrita a descoberta (pelos Pandavas) de tesouros preciosos; e então o nascimento de Parikshit que foi revivido por Krishna depois de ter sido queimado pela arma (celeste) de Aswatthaman. As batalhas de Arjuna, o filho de Pandu, enquanto segue o cavalo sacrificial solto, com vários príncipes que em fúria o apanham. Então é mostrado o grande risco de Arjuna em seu combate com Vabhruvahana, o filho de Chitrangada (com Arjuna) a designada filha do chefe de Manipura. Então a história do mangusto durante a realização do sacrifício de cavalos. Este é o mais notável Parva chamado Aswamedhika. O número de capítulos é cento e três. O número de slokas compostos (nele) por Vyasa de conhecimento verdadeiro é três mil, trezentos e vinte.

Então vem o décimo quinto Parva chamado Asramvasika. Nele, Dhritarashtra, abdicando do reino, e acompanhado por Gandhari e Vidura vai para as florestas. Vendo isso a virtuosa Pritha também, sempre empenhada em cuidar de seus superiores, deixando a corte de seus filhos, segue o velho casal. Nele é descrito o fenomenal encontro, por bondade de Vyasa, do rei (Dhritarashtra) com os espíritos de seus filhos mortos, netos, e outros príncipes, retornados do outro mundo. Então o monarca abandonando suas tristezas alcança com sua esposa o fruto mais elevado de seus atos meritórios. Neste Parva, Vidura, depois de ter confiado na virtude durante toda sua vida alcança o estado mais meritório. O filho erudito de Gavgana, Sanjaya, também de paixões sob total controle, e o principal dos ministros, alcança, neste Parva, ao estado abençoado. Neste Yudhishtira o justo encontra Narada e ouve dele a respeito da extinção da linhagem dos Vrishnis. Este é o notável Parva chamado Asramvasika. O número de capítulos nele é quarenta dois, e o número de slokas compostos por Vyasa conhecedor da verdade é mil quinhentos e seis.

Depois disso, vocês sabem, vem o Maushala de incidentes dolorosos. Neste, aqueles heróis de coração de leão (da linhagem Vrishni), com as cicatrizes de muitos campos (de batalha) em seus corpos, oprimidos pela maldição de um Brahmana, enquanto privados de juízo pela bebida, impelidos pelo destino, matam uns aos outros nas margens do Mar de Sal com a erva Eraka a qual (nas mãos deles) se torna (dotada com os atributos fatais do) raio. Neste, Balarama e Kesava (Krishna) depois de causarem o extermínio de sua linhagem, sua hora tendo chegado, eles mesmos não se elevam acima do domínio do Tempo todo-destrutivo. Neste, Arjuna, o principal entre os homens, indo para Dwaravati (Dwaraka), vê a cidade desprovida de Vrishnis e fica muito abalado e extremamente triste. Então depois do funeral do seu tio materno Vasudeva o principal entre os Yadus (Vrishnis), ele vê os heróis da raça Yadu jazendo estirados mortos no lugar onde eles tinham estado bebendo. Ele então faz a

cremação dos corpos dos ilustres Krishna e Balarama e dos membros principais da linhagem Vrishni. Então quando ele estava viajando de Dwaraka com as mulheres e as crianças, os velhos e os decrepitos, os remanescentes da raça Yadu, ele é encontrado no caminho por uma grande calamidade. Ele testemunha também a desgraça de seu arco Gandiva e a inauspiciosidade de suas armas celestes. Vendo tudo aquilo Arjuna fica abatido e, conforme o conselho de Vyasa, vai até Yudhishtira e solicita permissão para adotar o modo de vida Sannyasa. Este é o décimo sexto Parva chamado Maushala. O número de capítulos é oito e o número de slokas compostos por Vyasa conhecedor da verdade é trezentos e vinte.

O próximo é Mahaprasthanika, o décimo sétimo Parva. Nele, aqueles principais entre os homens, os Pandavas, abdicando de seu reino partem com Draupadi em sua grande jornada chamada Mahaprasthana. Nisto eles cruzam com Agni, tendo chegado à margem do mar de águas vermelhas. Neste, pedido pelo próprio Agni, Arjuna o reverenciando devidamente devolve a ele o excelente arco celeste chamado Gandiva. Neste, deixando seus irmãos que caíram um depois do outro e Draupadi também, Yudhishtira segue sua jornada sem olhar uma vez para trás para eles. Este décimo sétimo Parva é chamado Mahaprasthanika. O número de capítulos nele é três. O número de slokas também compostos por Vyasa conhecedor da verdade é trezentos e vinte.

O Parva que vem depois deste, vocês devem saber, é o extraordinário chamado Svarga de incidentes celestiais. Então vendo o carro celeste vindo para levá-lo, Yudhishtira movido por bondade em direção ao cão que o acompanhava se recusa a subir nele sem seu companheiro. Observando a firme aderência do ilustre Yudhishtira à virtude, Dharma (o deus da justiça) abandonando sua forma canina se mostra ao rei. Então Yudhishtira ascendendo para o céu sente muita aflição. O mensageiro celeste mostra a ele o inferno por meio de um ato de ilusão. Então Yudhishtira, a alma da justiça, ouve os lamentos de partir o coração de seus irmãos habitando naquela região sob a disciplina de Yama. Então Dharma e Indra mostram a Yudhishtira a região designada para os pecadores. Então Yudhishtira, depois de deixar o corpo humano por meio de um mergulho no Ganges celeste, alcança aquela região que suas ações mereciam, e começa a viver em alegria, respeitado por Indra e todos os outros deuses. Este é o décimo oitavo Parva como narrado pelo ilustre Vyasa. O número de slokas compostos, ó ascetas, pelo grande Rishi nesse Parva é duzentos e nove.”

Acima estão os conteúdos dos Dezoito Parvas. No apêndice (Khita) estão o Harivansa e o Vavishya. O número de slokas contidos no Harivansa é doze mil. Estes são os conteúdos da seção chamada Parva-sangraha.

Sauti continuou, "Dezoito Akshauhini de tropas se reuniram para lutar. O combate que se seguiu foi terrível e durou dezoito dias. Aquele que conhece os quatro Vedas com todos os Angas e Upanishads, mas não conhece esta história (Bharata), não pode ser considerado como sábio. Vyasa de inteligência incomensurável falou do Mahabharata como um tratado a respeito de Artha, Dharma, e Kama. Aqueles que escutam a esta história nunca podem aguentar

escutar a outras, como, de fato, aqueles que escutaram a voz doce do Kokila (melro) macho nunca podem ouvir a dissonância do grasnado do corvo. Como a formação dos três mundos procede dos cinco elementos, assim as inspirações de todos os poetas procedem desta composição excelente. Ó Brahmanas, como as quatro espécies de criaturas (vivíparas, ovíparas, nascidas da umidade quente e vegetais) são dependentes do espaço para sua existência, assim os Puranas dependem desta história. Como todos os sentidos dependem para seu exercício das várias modificações da mente, também todos os atos (cerimoniais) e qualidades morais dependem deste tratado. Não há uma história corrente no mundo que não dependa desta história, assim como o corpo do alimento que recebe. Todos os poetas tratam o Bharata assim como empregados desejosos de promoção sempre servem patrões de boa linhagem. Assim como o abençoado Asrama familiar nunca pode ser superado pelos outros três Asramas (modos de vida) assim nenhum poeta pode superar este poema.

Ó ascetas, se livrem de toda inação. Que seus corações se fixem na virtude, porque a virtude é o único amigo daquele que vai para o outro mundo. Mesmo o mais inteligente por criar riqueza e esposas nunca pode fazer destes sua propriedade, nem estas posses são duráveis. O Bharata proferido pelos lábios de Dwaipayana é sem paralelo; ele é a própria virtude e sagrado. Ele destrói o pecado e produz o bem. Aquele que o ouve enquanto está sendo narrado não tem necessidade de um banho nas águas sagradas de Pushkara. Um Brahmana, quaisquer pecados que ele possa cometer durante o dia através de seus sentidos, é liberto deles todos pela leitura do Bharata à noite. Quaisquer pecados que ele possa cometer também durante a noite por ações, palavras, ou mente, ele é liberto deles todos por ler o Bharata no primeiro crepúsculo (manhã). Aquele que dá cem vacas com chifres engastados com ouro para um Brahmana bem informado nos Vedas e todos os ramos de conhecimento, e aquele que ouve diariamente as narrações sagradas do Bharata adquirem mérito igual. Como o oceano amplo é facilmente transitável por homens que tem navios, assim é esta extensa história de grande excelência e profunda importância com a ajuda deste capítulo chamado Parva sangraha.”

Assim termina a parte chamada Parva-sangraha do Adi Parva do Mahabharata abençoado.

### 3

(Paushya Parva)

Sauti disse, “Janamejaya, o filho de Parikshit, estava, com seus irmãos, se dedicando ao seu longo sacrifício nas planícies de Kurukshetra. Seus irmãos eram três, Srutasena, Ugrasena, e Bhimasena. E quanto eles estavam sentados no sacrifício chegou lá no local um filho de Sarama (a loba celeste). E espancado pelos irmãos de Janamejaya, ele correu para sua mãe, chorando de dor. E sua mãe vendo ele chorando muito perguntou, ‘Por que tu choras assim? Quem te

bateu?' E sendo assim questionado, ele disse para sua mãe, 'Eu fui espancado pelos irmãos de Janamejaya.' E sua mãe respondeu, 'Tu cometeste alguma falha pela qual tu apanhaste!' Ele respondeu, 'Eu não cometi nenhuma falha. Eu não toquei na manteiga sacrificial com minha língua, nem mesmo lancei um olhar sobre ela.' Sua mãe Sarama ouvindo aquilo e muito angustiada pela aflição de seu filho foi ao local onde Janamejaya com seus irmãos estavam no sacrifício de longa duração. E ela se dirigiu a Janamejaya com raiva, dizendo, 'Meu filho não cometeu nenhum erro; ele não olhou para tua manteiga sacrificial, nem a tocou com sua língua. Por qual razão ele apanhou?' Eles não disseram uma palavra em resposta; depois do que ela disse, 'Como vocês bateram no meu filho que não cometeu nenhuma falha, portanto o mal virá sobre vocês, quando vocês menos o esperarem.'

Janamejaya, assim endereçado pela loba celeste, Sarama, ficou muito alarmado e abatido. E depois do sacrifício ter acabado ele voltou para Hastinapura, e começou a ter grandes tormentos na procura por um Purohita que pudesse, por obter absolvição para seu pecado, neutralizar o efeito da maldição.

Um dia Janamejaya, o filho de Parikshit, enquanto caçava, observou em uma parte específica de seus domínios um eremitério onde morava certo Rishi famoso, Srutasrava. Ele tinha um filho chamado Somasrava profundamente engajado em devoções ascéticas. Estando desejoso de nomear aquele filho do Rishi como seu Purohita, Janamejaya, o filho de Parikshit, saudou o Rishi e se dirigiu a ele, dizendo, 'Ó possuidor dos seis atributos, que esse teu filho seja meu Purohita.' O Rishi respondeu, 'Ó Janamejaya, esse meu filho, profundo em devoções ascéticas, ilustre no estudo dos Vedas, e dotado de toda a força do meu ascetismo, é nascido (do útero de) uma cobra fêmea que bebeu meu fluido vital. Ele é capaz de te absolver de todos os delitos salvo aqueles cometidos contra Mahadeva. Mas ele tem um hábito particular, ele concederá para qualquer Brahmana o que quer que seja pedido dele. Se tu puderes suportar isso, então tu o levarás.' Janamejaya assim endereçado respondeu ao Rishi, 'Será assim mesmo.' E aceitando-o como seu Purohita, ele voltou para sua capital; e ele então se dirigiu aos seus irmãos, dizendo: 'Esta é a pessoa que eu escolhi para meu mestre espiritual; qualquer coisa que ele possa dizer deve ser cumprida por vocês sem exame.' E seus irmãos fizeram como foram instruídos. E dando estas ordens para seus irmãos, o rei marchou em direção a Takshyashila e trouxe aquele país sob sua autoridade.

Por essa época havia um Rishi de nome Ayoda-Dhaumya. E Ayoda-Dhaumya tinha três discípulos, Upamanyu, Aruni, e Veda. E o Rishi mandou um destes discípulos, Aruni de Panchala, tapar uma brecha em um curso d'água de certo campo. E Aruni de Panchala, assim ordenado por seu preceptor, se dirigiu ao local. E tendo chegado lá ele viu que não podia tapar a brecha no curso d'água por meios comuns. E ele estava aflito porque não poderia cumprir a ordem de seu preceptor. Mas finalmente ele viu um jeito e disse, 'Bem, vou fazer desse jeito.' Ele então desceu na brecha e se deitou lá. E a água foi assim contida.

Algum tempo depois, o preceptor Ayoda-Dhaumya perguntou a seus outros discípulos onde Aruni de Panchala estava. E eles responderam, 'Senhor, ele foi

enviado por você mesmo dizendo, 'Vá, tape a brecha no curso de água do campo.' Assim lembrado, Dhaumya, se dirigindo aos seus pupilos, disse, 'Então vamos nós todos para o local onde ele está.'

E tendo chegado lá ele gritou, 'Ó Aruni de Panchala! Onde tu estás? Venha para cá, meu filho.' E Aruni ouvindo a voz de seu preceptor saiu rapidamente do curso d'água e ficou diante de seu preceptor. E se dirigindo ao último, Aruni disse, 'Aqui estou eu na brecha do curso d'água. Não tendo sido capaz de encontrar quaisquer outros meios, eu mesmo entrei para o propósito de impedir que a água escape. E foi somente ao ouvir tua voz que deixando-a e permitindo que as águas escapem, eu estou diante de ti. Eu te saúdo, mestre; me digas o que eu tenho que fazer.'

O preceptor, assim endereçado, respondeu, 'Porque ao levantar do fosso tu abriste o curso d'água, daqui em diante tu te chamarás Uddalaka como um símbolo da proteção do teu preceptor. E porque minhas palavras foram obedecidas por ti, tu obterás boa sorte. E todos os Vedas brilharão em ti e todos os Dharmasastras também.' E Aruni, assim endereçado por seu preceptor, foi para o país para o qual queria ir.

O nome de outro dos discípulos de Ayoda-Dhaumya era Upamanyu. E Dhaumya o designou dizendo, 'Vá, meu filho Upamanyu, cuidar das vacas.' E segundo as ordens de seu preceptor ele foi cuidar das vacas. E tendo vigiado elas o dia inteiro, ele voltou à noite para a casa de seu preceptor e ficando diante dele o saudou respeitosamente. E seu preceptor o vendo em boa condição de corpo perguntou, 'Upamanyu, meu filho, do que tu te sustentas? Tu estás muito roliço.' E ele respondeu, 'Senhor, eu me sustento por pedir esmolas.' E seu preceptor disse, 'O que é obtido em esmolas não deve ser usado por ti sem oferecê-lo para mim.' E Upamanyu, assim falado, foi embora. E tendo obtido esmolas, ele ofereceu as mesmas para seu preceptor. E seu preceptor pegou dele precisamente o total. E Upamanyu, assim tratado, foi cuidar do gado. E tendo cuidado dele o dia inteiro, ele voltou à noite para a residência de seu preceptor. E ele ficou na frente de seu preceptor e o saudou com respeito. E seu preceptor percebendo que ele ainda continuava a estar em boa condição de corpo disse a ele, 'Upamanyu, meu filho, eu pego de ti tudo o que tu obtém em esmolas, sem deixar nada para ti. Como então tu, no momento, consegues te sustentar?' E Upamanyu disse para seu preceptor, 'Senhor, tendo dado a você tudo o que eu obtenho em esmolas, eu vou esmolar uma segunda vez para me sustentar.' E seu preceptor então respondeu, 'Este não é o modo no qual tu deves obedecer ao preceptor. Dessa maneira tu estás diminuindo o sustento de outros que vivem de esmolas. Realmente tendo te sustentado dessa maneira, tu tens demonstrado ser avarento.' E Upamanyu, tendo expressado sua concordância com tudo o que seu preceptor disse foi embora cuidar do gado. E tendo observado o gado o dia inteiro ele voltou à casa de seu preceptor. E ele ficou diante de seu preceptor e o saudou respeitosamente. E seu preceptor observando que ele ainda estava gordo lhe disse outra vez, 'Upamanyu, meu filho, eu pego de ti tudo o que tu obténs em esmolas e tu não vais esmolar uma segunda vez, e tu ainda estás em condição saudável. Como tu te sustentas?' E Upamanyu, assim questionado, respondeu, 'Senhor, eu agora

vivo do leite daquelas vacas.' E seu preceptor então disse a ele, 'Não é lícito para ti te apropriar do leite sem ter primeiro obtido meu consentimento.' E Upamanyu tendo concordado com a justiça daquelas observações foi embora cuidar das vacas. E quando ele voltou para a residência de seu preceptor, ele ficou diante dele e o saudou como de hábito. E seu preceptor vendo que ele ainda estava gordo, disse, 'Upamanyu, meu filho, tu não te alimentas mais de esmolas, nem vais esmolar uma segunda vez, nem mesmo bebes do leite; mas ainda estás gordo. De que meios tu te utilizas para viver agora? E Upamanyu respondeu, 'Senhor, eu agora sorvo a espuma que aqueles bezerros expulsam, enquanto chupam as tetas de suas mães.' E o preceptor disse, 'Aqueles bezerros generosos, eu suponho, por compaixão por ti, expulsam grandes quantidades de espuma. Tu atralharias suas refeições completas por agires como tu tens feito? Saiba que é ilícito para ti beber a espuma.' E Upamanyu, tendo expressado sua concordância com isso, foi como antes cuidar das vacas. E reprimido por seu preceptor, ele não se alimentou de esmolas, nem tinha alguma outra coisa para comer; ele não bebeu do leite, nem provou da espuma!

E Upamanyu, um dia, oprimido pela fome, quando estava em uma floresta, comeu das folhas da Arka (Asclepias gigantea). E seus olhos foram afetados pelas propriedades pungentes, acres, cruas e salinas das folhas que tinha comido, e ele ficou cego. E quando estava se movendo lentamente em volta ele caiu em um buraco. E por ele não ter voltado naquele dia quando o sol estava mergulhando atrás do topo das montanhas do oeste o preceptor observou para seus discípulos que Upamanyu ainda não tinha chegado. E eles disseram a ele que ele tinha saído com o gado.

O preceptor então disse, 'Upamanyu foi reprimido por mim do uso de tudo, e não veio para casa até agora. Vamos nós então à procura dele.' E tendo dito isso ele foi com seus discípulos à floresta e começou a gritar, dizendo, 'Ó Upamanyu, onde tu estás?' E Upamanyu ouvindo a voz de seu preceptor respondeu em um tom alto, 'Estou aqui no fundo de um poço!' E seu preceptor perguntou como aconteceu dele cair lá. E Upamanyu respondeu, 'Eu comi das folhas da planta Arka e fiquei cego, e assim eu caí nesse poço.' E seu preceptor então disse a ele, 'Glorifique os gêmeos Aswins, os médicos em comum dos deuses, e eles restaurarão tua visão.' E Upamanyu assim instruído por seu preceptor começou a glorificar os gêmeos Aswins, nas seguintes palavras do Rig Veda:

'Vós existíeis antes da criação! Ó seres primogênitos, vós estais manifestados neste universo maravilhoso de cinco elementos! Eu desejo alcançar-vos pela ajuda do conhecimento derivado da audição e da meditação, porque vós sois Infinitos! Vós sois o próprio curso da Natureza e a Alma inteligente que permeia esse curso! Vós sois aves de belas penas pousadas no corpo que é como uma árvore! Vós não possuís os três atributos comuns de toda alma! Vós sois incomparáveis! Vós, através do vosso espírito em cada coisa criada, permeais o Universo!

Vós sois Águias douradas! Vós sois a essência na qual todas as coisas desaparecem! Vós estais livres do erro e não conheceis deterioração! Vós possuís

belos bicos que não golpeariam injustamente e sois vitoriosos em todos os combates! Vós sem dúvida prevaleceis sobre o tempo! Tendo criado o sol, vós teceis o maravilhoso tecido do ano por meio do fio branco do dia e do fio preto da noite! E com o pano assim tecido, vós estabelecestes dois cursos de ação referentes respectivamente aos Devas e aos Pitris. A ave da Vida apanhada pelo Tempo a qual representa a força da alma Infinita, vós libertais para entregá-la à grande felicidade! Aqueles que estão em ignorância profunda, enquanto estão sob as ilusões de seus sentidos, supõem que vós, que sois independentes dos atributos da matéria, sois dotados com forma! Trezentas e sessenta vacas representadas por trezentos e sessenta dias produzem um bezerro entre elas o qual é o ano. Este bezerro é o criador e destruidor de tudo. Buscadores da verdade seguindo rotas diferentes tiram o leite do conhecimento verdadeiro com sua ajuda. Vós Aswins, vós sois os criadores daquele bezerro!

O ano é apenas o cubo de uma roda à qual estão ligados setecentos e vinte raios representando os dias e as noites. A circunferência desta roda representada pelos doze meses é sem fim. Esta roda é cheia de ilusões e não conhece deterioração. Ela afeta todas as criaturas sejam deste ou dos outros mundos. Ó Aswins, esta roda do tempo é posta em movimento por vós!

A roda do Tempo como representada pelo ano tem um cubo representado pelas seis estações. O número de raios anexados àquele cubo é doze como representados pelos doze signos do Zodíaco. Esta roda do Tempo manifesta os frutos dos atos de todas as coisas. As divindades que presidem o Tempo moram naquela roda. Sujeito como eu estou a essa influência aflitiva, ó Aswins, me libertais desta roda do Tempo. Ó Aswins, vós sois esse universo de cinco elementos! Vós sois os objetos que são desfrutados neste e no outro mundo! Tornem-me independente dos cinco elementos! E embora vós sejais o Brahma Supremo, vós ainda vos moveis sobre a Terra em formas desfrutando dos prazeres que os sentidos fornecem.

No início, vós criastes os dez pontos do universo! Então vós colocastes o Sol e o Céu acima! Os Rishis, segundo o curso do mesmo Sol, realizam seus sacrifícios, e os deuses e homens, de acordo com o que foi designado para eles, realizam seus sacrifícios também desfrutando dos frutos daqueles atos!

Misturando as três cores, vós produzistes todos os objetos de visão! É destes objetos que o Universo surgiu no qual os deuses e homens estão engajados em suas respectivas ocupações, e, de fato, todas as criaturas dotadas com vida!

Ó Aswins, eu vos adoro! Eu também adoro o Céu que é vossa obra! Vós sois os ordenadores dos resultados de todas as ações dos quais nem mesmo os deuses estão livres! Vós mesmos sois livres dos frutos de vossas ações!

Vós sois os pais de todos! Como machos e fêmeas sois vós que engolis o alimento o qual subsequentemente se desenvolve na vida criando fluido e sangue! O bebê recém nascido chupa o seio de sua mãe. De fato sois vós que tomais a forma do bebê! Ó Aswins, me concedeis minha visão para proteger minha vida!

Os gêmeos Aswins, assim invocados, apareceram e disseram, 'Nós estamos satisfeitos. Aqui está um bolo para ti. Pegues e coma.' E Upamanyu respondeu, 'Vossas palavras, ó Aswins, nunca demonstraram ser falsas. Mas sem primeiro oferecer este bolo para meu preceptor eu não ousou comê-lo.' E os Aswins disseram, 'Antigamente, teu preceptor tinha nos invocado. Nós então demos a ele um bolo como esse; e ele o comeu sem oferecê-lo para seu mestre. Faça tu o que teu preceptor fez.' Assim endereçado, Upamanyu novamente disse a eles, 'Ó Aswins, eu rogo vosso perdão. Sem oferecê-lo para meu preceptor eu não ousou comer esse bolo.' Os Aswins então disseram, 'Ó, nós estamos satisfeitos com esta tua devoção por teu preceptor. Os dentes do teu mestre são de ferro preto. Os teus serão de ouro. Tua visão será restaurada e terá boa sorte.'

Como dito pelos Aswins ele recuperou a visão, e indo à presença de seu preceptor ele o saudou e lhe contou tudo. E seu preceptor ficou muito satisfeito e disse, 'Tu obterás prosperidade assim como os Aswins disseram. Todos os Vedas brilharão em ti e todos os Dharma-sastras.' E essa foi a prova de Upamanyu.

Então Veda, o outro discípulo de Ayoda-Dhaumya, foi chamado. Seu preceptor se dirigiu a ele uma vez dizendo, 'Veda, meu filho, fiques algum tempo em minha casa e sirvas teu preceptor. Isso será para teu benefício.' E Veda tendo mostrado seu assentimento ficou muito tempo na família de seu preceptor atento em servi-lo. Como um boi sob as cargas de seu dono, ele suportou calor e frio, fome e sede, em todas as horas sem um murmúrio. E não muito tempo depois seu preceptor estava satisfeito. E como consequência daquela satisfação, Veda obteve boa sorte e conhecimento universal. E essa foi a prova de Veda.

E Veda, tendo recebido permissão de seu preceptor, e deixando a residência do último depois do término de seus estudos, entrou no modo de vida familiar. E enquanto vivia em sua própria casa ele teve três pupilos. E ele nunca lhes dizia para realizar qualquer trabalho ou obedecer implicitamente suas próprias ordens; por ter ele mesmo sentido muita aflição enquanto residia com a família de seu preceptor, ele não gostava de tratá-los com severidade.

Depois de certo tempo, Janamejaya e Paushya, ambos da classe de Kshatriyas, chegando à sua residência designaram o Brahmana Veda como seu guia espiritual (Upadhyaya). E um dia quando prestes a partir em algum negócio relacionado a um sacrifício, ele encarregou um de seus discípulos, Utanka, para cuidar de sua família. 'Utanka', disse ele, 'O que quer que deva ser feito em minha casa, que seja feito por ti sem negligência.' E tendo dado estas ordens para Utanka, ele partiu em sua jornada.

Assim Utanka, sempre consciente da injunção de seu preceptor, tomou sua residência na casa do último. E enquanto Utanka estava residindo lá, as mulheres da casa de seu preceptor tendo se reunido se dirigiram a ele e disseram: 'Ó Utanka, tua preceptora está naquele período quando a ligação conjugal pode ser frutífera. O preceptor está ausente; então fique em seu lugar e faça o necessário.' E Utanka, assim endereçado, disse àquelas mulheres, 'Não é apropriado para

mim fazer isso à convite de mulheres. Eu não fui encarregado por meu preceptor de fazer qualquer coisa imprópria.'

Depois de um tempo o preceptor voltou de sua viagem. E o preceptor tendo sabido tudo o que tinha acontecido, ficou bem satisfeito e se dirigindo a Utanka, disse, 'Utanka, meu filho, que benefício eu te concederei? Eu fui servido por ti devidamente; portanto nossa amizade um pelo outro aumentou. Por isso eu te concedo permissão para partir. Vá, e que teus desejos se realizem!'

Utanka assim endereçado respondeu dizendo, 'Me deixe fazer algo que você deseje, porque é dito: 'Aquele que concede instrução em desacordo com o costume e aquele que a recebe em desacordo com o costume, um dos dois morre, e surge inimizade entre os dois.' Eu, portanto, que recebi sua permissão para partir, desejo te trazer algum honorário devido a um preceptor.' Seu mestre, ao ouvir isso, respondeu, 'Utanka, meu filho, espere algum tempo.' Algum tempo depois, Utanka se dirigiu novamente a seu preceptor, dizendo, 'Me mande trazer por honorário aquilo que você deseja.' E seu preceptor então disse, 'Meu caro Utanka, tu tens frequentemente me falado do teu desejo de trazer alguma coisa em reconhecimento pela instrução que recebeste. Vá então e pergunte para tua preceptora o que tu deves trazer. E traga o que ela mandar.' Assim instruído por seu preceptor Utanka se dirigiu à sua preceptora, dizendo, 'Senhora, eu obtive permissão do meu mestre para ir para casa, e eu desejo trazer alguma coisa agradável para ti como honorário pela instrução que recebi, para que eu não possa partir como seu devedor. Portanto, por favor me mande o que eu devo trazer.' Assim endereçada sua preceptora respondeu, 'Vá até o rei Paushya e peça dele o par de brincos usado por sua rainha, e traga-os para cá. O quarto dia a partir de hoje é um dia sagrado quando eu desejo aparecer perante os Brahmanas (que possam jantar em minha casa) enfeitada com aqueles brincos. Então faça isto, ó Utanka! Se tu fores bem sucedido, a boa sorte te acompanhará; se não, que bem tu poderás esperar?'

Utanka assim comandado, partiu. E quando ele estava passando pela estrada ele viu um touro de tamanho extraordinário e um homem de estatura incomum montado nele. E aquele homem se dirigiu a Utanka e disse, 'Coma do estrume deste touro.' Utanka, no entanto, estava relutante em concordar. O homem falou novamente, 'Ó Utanka, coma disto sem escrutínio. Teu mestre comeu disto antes.' E Utanka consentiu e comeu do estrume e bebeu da urina daquele touro, e ele se ergueu respeitosamente, e lavando suas mãos e boca foi para onde o Rei Paushya estava.

Ao chegar ao palácio, Utanka viu Paushya sentado (em seu trono). E se aproximando dele Utanka saudou o monarca por pronunciar bênçãos e disse, 'Eu venho como um requerente a ti.' E o rei Paushya, tendo retornado as saudações de Utanka, disse, 'Senhor, o que posso fazer por ti?' E Utanka disse, 'Eu vim pedir de ti um par de brincos como um presente para meu preceptor. Cabe a ti me dar os brincos usados pela rainha.'

O rei Paushya respondeu, 'Vá, Utanka, aos apartamentos femininos onde a rainha está e os peça para ela.' E Utanka entrou no apartamento das mulheres. Mas como ele não pôde achar a rainha ele se dirigiu ao rei novamente, dizendo, 'Não é adequado que eu seja tratado por ti com falsidade. Tua rainha não está nos apartamentos particulares, porque eu não pude encontrá-la.' O rei assim endereçado considerou por um instante e respondeu, 'Lembre, senhor, com atenção se tu não estás em um estado de corrupção por causa do contato com as impurezas de uma refeição. Minha rainha é uma esposa casta e não pode ser vista por alguém que esteja impuro devido ao contato com os resíduos de um repasto. Nem ela aparece na vista de alguém que esteja maculado.'

Utanka, assim informado, refletiu por um instante e então disse, 'Sim, deve ser isso. Tendo estado com pressa eu realizei minhas abluções (após a refeição) em uma postura em pé.' O rei Paushya então disse, 'Aqui há uma transgressão, a purificação não é devidamente efetuada em uma postura em pé, nem por alguém que está seguindo adiante.' E Utanka, tendo concordado com isso, sentou com sua face em direção ao leste, e lavou seu rosto, mãos, e pés minuciosamente. E ele então, sem um barulho, sorveu três vezes da água livre de espuma, e não quente, e apenas o suficiente para alcançar seu estômago e limpou seu rosto duas vezes. E ele então tocou com água os orifícios de seus órgãos (olhos, orelhas, etc). E tendo feito tudo isso ele mais uma vez entrou nos apartamentos das mulheres. E dessa vez ele viu a rainha. E quando a rainha o notou, ela o saudou respeitosamente e disse, 'Bem vindo, senhor, me ordenes o que eu tenho que fazer.' E Utanka disse a ela, 'Cabe a ti me dar esses teus brincos. Eu os peço como um presente para meu preceptor.' E a rainha estando muito satisfeita com a conduta de Utanka, e, considerando que Utanka como um objeto de caridade não podia ser ignorado, tirou seus brincos e os deu a ele. E ela disse, 'Esses brincos são muitíssimo procurados por Takshaka, o rei das serpentes. Portanto tu deves carregá-los com o maior cuidado.'

E Utanka ouvindo isso disse à rainha, 'Senhora, não fique apreensiva. Takshaka, o chefe das serpentes, não é capaz de me alcançar.' E tendo dito isso, e se despedindo da rainha, ele voltou à presença de Paushya, e disse, 'Paushya, eu estou grato.' Então Paushya disse para Utanka, 'Um objeto digno de caridade somente pode ser tido a longos intervalos. Tu és um convidado qualificado, portanto eu desejo realizar um Sraddha. Fique um pouco. E Utanka respondeu, 'Sim, eu ficarei, e peço que os mantimentos limpos que estejam prontos possam ser trazidos logo.' E o rei demonstrando sua aprovação entreteve Utanka devidamente. E Utanka vendo que a comida colocada diante dele tinha um cabelo, e também que ela estava fria, a considerou impura. E ele disse a Paushya, 'Tu me deste comida que é impura, portanto tu perderás tua visão.' E Paushya em resposta disse, 'E porque tu atribuíste impurezas à comida que está limpa, então tu não terás herdeiros.' E Utanka imediatamente replicou, 'Não cabe a ti, depois de ter me oferecido comida impura, me amaldiçoar de volta. Te satisfaças por meio da prova ocular.'

E Paushya vendo a comida alegada ser impura, se convenceu de sua impureza. E Paushya tendo verificado que a comida estava realmente impura,

estando fria e misturada com cabelo, preparada como ela foi por uma mulher com o cabelo desentrançado, começou a acalmar o Rishi Utanka, dizendo, 'Senhor, a comida colocada diante de ti está fria, e contém cabelo, tendo sido preparada sem cuidado suficiente. Portanto eu te peço para me perdoar. Que eu não me torne cego.' E Utanka respondeu, 'O que eu disse haverá de passar. Tendo te tornado cego, tu poderás, no entanto, recuperar a visão dentro de pouco. Conceda que tua maldição também não tenha efeito em mim.' E Paushya disse a ele, 'Eu sou incapaz de revogar minha maldição. Pois minha raiva até agora não foi apaziguada. Mas tu não sabes disso. Porque o coração de um Brahmana é macio como manteiga recém batida, embora suas palavras portem uma navalha de lâmina afiada. É o contrário em relação a isso com o Kshatriya. Suas palavras são macias como manteiga recém batida, mas seu coração é como uma ferramenta de lâmina afiada, tal sendo o caso, eu sou incapaz, por causa da dureza do meu coração, de neutralizar minha maldição. Então siga teu próprio caminho.' A isso Utanka respondeu, 'Eu te mostrei a impureza do alimento oferecido a mim, e eu fui acalmado por ti. Por outro lado, tu disseste a princípio que porque eu imputei impurezas à comida que estava limpa eu não teria herdeiros. Mas como a comida era realmente impura, tua maldição não pode me afetar. Disso eu estou certo.' E Utanka tendo dito isso partiu com os brincos.

Na estrada Utanka percebeu vindo em sua direção um mendigo ocioso nu que às vezes aparecia e às vezes desaparecia de vista. E Utanka pôs os brincos no chão e foi buscar água. Entrementes o mendigo alcançou rapidamente o local e pegando os brincos correu para longe. E Utanka tendo terminado suas abluções na água, se purificado e tendo também venerado reverentemente os deuses e seus mestres espirituais perseguiu o ladrão com a maior velocidade possível. E o tendo alcançado com grande dificuldade, ele o agarrou à força. Mas naquele instante a pessoa apanhada, abandonando a forma de um mendigo e assumindo sua forma real, a de Takshaka, entrou rapidamente em um buraco grande aberto no chão. E tendo conseguido entrar, Takshaka procedeu para sua própria residência, a região das serpentes.

Imediatamente, Utanka, lembrando das palavras da rainha, perseguiu a serpente e começou a cavar para abrir o buraco com um graveto, mas não pôde fazer muito progresso. E Indra vendo sua aflição enviou seu raio (Vajra) para ajudá-lo. Então o raio entrando naquele graveto aumentou aquele buraco. E Utanka começou a entrar no buraco atrás do raio. E tendo entrado, ele viu a região das serpentes infinita em extensão, cheia de centenas de palácios e mansões elegantes com torrinhas e cúpulas e portões, cheia de lugares maravilhosos para vários jogos e entretenimentos. E Utanka então glorificou as serpentes por meio dos seguintes slokas:

‘Ó serpentes, súditos do rei Airavata, esplêndidos em batalha e despejando armas no campo como nuvens carregadas de relâmpagos dirigidas pelos ventos! Belos e de várias formas e enfeitados com muitos brincos coloridos, ó filhos de Airavata, vocês brilham como o Sol no firmamento! Nas margens norte do Ganges se encontram muitas habitações de serpentes. Lá eu constantemente adoro as grandes serpentes. Quem exceto Airavata desejaria se mover nos raios ardentes

do Sol? Quando Dhritarashtra (irmão de Airavata) sai, vinte e oito mil e oito serpentes o seguem como seus servidores. Vocês que se movem perto dele e vocês que ficam a uma distância dele, eu adoro a todos vocês que têm Airavata como seu irmão mais velho.

Eu adoro a ti também, para obter os brincos, ó Takshaka, que antigamente morava em Kurukshetra e na floresta de Khandava! Takshaka e Aswasena, vocês são companheiros constantes que moram em Kurukshetra nas margens do Ikshumati! Eu também adoro o ilustre Sutasena, o irmão mais novo de Takshaka, que residiu no lugar santo chamado Mahadyumna para obter a liderança das serpentes.'

O Brahmana Rishi Utanka tendo saudado as principais serpentes dessa maneira, não obteve, no entanto, os brincos. E ele então ficou muito pensativo. E quando ele viu que não obteve os brincos embora tivesse adorado as serpentes, ele então olhou em volta e viu duas mulheres em um tear tecendo um pedaço de tecido com uma lançadeira fina, e no tear havia linhas pretas e brancas. E ele igualmente viu uma roda, com doze raios, girada por seis meninos. E ele também viu um homem com um belo cavalo. E ele começou a dirigir a eles os seguintes mantras:

'Esta roda cuja circunferência é marcada por vinte e quatro divisões representando tantas mudanças lunares é provida de trezentos raios! Ela é colocada em movimento contínuo por seis garotos (as estações)! Estas donzelas representando a natureza universal estão tecendo sem intervalo um tecido com fios pretos e brancos, e assim trazendo à existência os vários mundos e os seres que habitam neles! Tu manejador do trovão, o protetor do universo, o matador de Vritra e Namuchi, tu ilustre que usas o traje preto e mostras verdade e inverdade no universo, tu que possuis como teu carregador o cavalo que foi recebido das profundidades do oceano, o qual é somente outra forma de Agni (o deus do fogo), eu me curvo a ti, Senhor supremo, Senhor dos três mundos, ó Purandara!'

Então o homem com o cavalo disse a Utanka, 'Eu estou grato por essa tua adoração. Que bem eu farei para ti?' E Utanka respondeu, 'Que as serpentes sejam trazidas sob meu controle.' Então o homem replicou, 'Sobre dentro deste cavalo.' E Utanka soprou naquele cavalo. E do cavalo assim soprado, lá emergiram, de todas as aberturas de seu corpo, chamas de fogo com fumaça pelas quais a região dos Nagas estava prestes a ser consumida. E Takshaka, desmedidamente surpreso e apavorado pelo calor do fogo, saiu rapidamente de sua residência levando os brincos com ele, e disse para Utanka, 'Rogo, senhor, tomes de volta os brincos.' E Utanka os pegou de volta.

Mas Utanka tendo recuperado os brincos pensou, 'Ó, esse é aquele dia sagrado da minha preceptora. Eu estou longe. Como eu posso, portanto, mostrar minha consideração por ela?' E quando Utanka estava ansioso sobre isso, o homem se dirigiu a ele e disse, 'Monte neste cavalo, Utanka, e ele levá-lo-á em um instante para a casa do teu mestre.' E Utanka, assentindo, montou no cavalo e logo alcançou a casa de seu preceptor.

E sua preceptora naquela manhã depois de ter se banhado estava sentada enfeitando seu cabelo, pensando em proferir uma maldição sobre Utanka se ele não retornasse dentro do tempo. Mas, naquele momento Utanka entrou na residência de seu preceptor e prestou seus respeitos à sua preceptora e lhe ofereceu os brincos. 'Utanka', disse ela, 'tu chegaste na hora apropriada e no local apropriado. Bem vindo, meu filho; tu és inocente e, portanto eu não te amaldiço! Que a boa sorte esteja sempre diante de ti. Que teus desejos sejam coroados com êxito!'

Então Utanka visitou seu preceptor. E seu preceptor disse, 'Tu és bem vindo! O que ocasionou tua longa ausência?' E Utanka respondeu para seu preceptor, 'Senhor, na realização desse meu propósito obstrução foi oferecida por Takshaka, o rei das serpentes. Portanto eu tive que ir à região dos Nagas. Lá eu vi duas donzelas sentadas em um tear, tecendo um tecido com fios pretos e brancos. (Me diga), por favor, o que é aquilo? Lá igualmente eu vi uma roda com doze raios girada incessantemente por seis meninos, o que aquilo significa? Quem é também o homem que eu vi? E qual o cavalo de tamanho extraordinário igualmente visto por mim? E quando eu estava na estrada eu também vi um touro com um homem montado nele, por quem fui amavelmente abordado dessa maneira, 'Utanka, coma do estrume desse touro, o qual foi também comido por teu mestre?' Assim eu comi do estrume daquele touro em conformidade com as palavras dele. Quem é ele? Portanto, esclarecido por ti, eu desejo ouvir tudo sobre eles.'

E seu preceptor assim endereçado disse: 'As duas donzelas que tu viste são Dhata e Vidhata; os fios pretos e brancos denotam noite e dia; a roda de doze raios girada pelos seis meninos significa o ano encerrando seis estações. O homem é Parjanya, a divindade da chuva, e o cavalo é Agni, o deus do fogo. O touro que tu viste na estrada é Airavata, o rei dos elefantes; o homem montado nele é Indra; e o estrume do touro que foi comido por ti era Amrita. E foi certamente por este (último) que tu não encontraste a morte na região dos Nagas; e Indra que é meu amigo tendo estado misericordiosamente inclinado te mostrou benevolência. É por isso que tu retornaste salvo, com os brincos junto a ti. Então, ó amável, eu te dou permissão para partir. Tu obterás boa sorte.'

E Utanka, tendo obtido permissão de seu mestre, movido pela raiva e decidido a se vingar de Takshaka, foi em direção a Hastinapura. Aquele Brahmana excelente logo alcançou Hastinapura. E Utanka então visitou o rei Janamejaya que tinha algum tempo antes voltado vitorioso de Takshashila. E Utanka viu o monarca vitorioso cercado por todos os lados por seus ministros. E ele pronunciou bênçãos sobre ele de uma forma apropriada. E Utanka se dirigiu ao monarca no momento adequado em palavras de pronúncia correta e sons melodiosos, dizendo, 'Ó tu o melhor dos monarcas! Como é que tu passas teu tempo como uma criança quando há outro assunto que demanda urgentemente tua atenção?'

Sauti disse, "O monarca Janamejaya, assim endereçado, saudando aquele Brahmana excelente respondeu a ele, 'Ao cuidar destes meus súditos eu cumpro os deveres da minha nobre tribo. Diga, qual é este negócio a ser feito por mim e que o trouxe aqui?'

O principal dos Brahmanas e distinguido mais do que todos por boas ações, assim endereçado pelo monarca excelente de grande coração, respondeu para ele, 'Ó rei! O assunto é teu próprio que demanda tua atenção; portanto faça-o, por favor. Ó tu rei de reis! Teu pai foi privado da vida por Takshaka; portanto vingue a morte do teu pai naquela serpente vil. Chegou a hora, eu penso, para o ato de vingança ordenado pelos Destinos. Então vingue a morte do teu pai magnânimo que, sendo mordido sem motivo por aquela serpente vil, foi reduzido aos cinco elementos assim como uma árvore atingida pelo raio. O perverso Takshaka, o mais vil da raça das serpentes, intoxicado pelo poder cometeu um ato desnecessário quando mordeu o rei, aquele pai divino, o protetor classe de santos nobres. Pecaminoso em seus atos, ele até fez Kasyapa (o príncipe dos médicos) voltar quando ele estava vindo ajudar teu pai. Cabe a ti queimar o canalha perverso no fogo ardente de um sacrifício de cobras. Ó rei! Dê nesse instante ordens para o sacrifício. É desta maneira que tu podes vingar a morte do teu pai. E uma generosidade muito grande também será mostrada para comigo. Pois por aquele desgraçado maligno, ó príncipe virtuoso, um assunto meu também foi, em uma ocasião, obstruído, enquanto eu agia no interesse do meu preceptor.'"

Sauti continuou, "O monarca, tendo ouvido essas palavras, se enfureceu com Takshaka. Pelas palavras de Utanka o príncipe foi inflamado, assim como o fogo sacrificial com manteiga clarificada. Movido também pelo pesar, na presença de Utanka, o príncipe pediu a seus ministros os detalhes da jornada de seu pai para as regiões dos abençoados. E quando ele ouviu tudo acerca das circunstâncias da morte de seu pai dos lábios de Utanka, ele foi tomado pela dor e tristeza."

E assim termina o capítulo chamado Paushya do Adi Parva do Mahabharata abençoado.

## 4

(Pauloma Parva)

Ugrasrava Sauti, o filho de Lomaharshana, versado nos Puranas, enquanto presente na floresta de Naimisha, no sacrifício de doze anos de Saunaka, sobrenome Kulapati, ficou diante dos Rishis em serviço. Tendo estudado Puranas com devoção meticulosa e assim sendo totalmente familiarizado com eles, ele se dirigiu a eles (aos Rishis) com as mãos unidas dessa maneira, "Eu descrevi graficamente para vocês a história de Utanka que é uma das causas do sacrifício de cobras do rei Janamejaya. O que, veneráveis senhores, vocês desejam ouvir agora? O que eu narrarei para vocês?" Os homens santos responderam, "Ó filho de Lomaharshana, nós perguntaremos a ti acerca do que nós estamos ansiosos para ouvir e tu narrarás as histórias uma a uma. Saunaka, nosso mestre venerável está no momento cuidando do recinto do fogo sagrado. Ele é conhecedor daquelas histórias divinas que se relacionam com os deuses e Asuras. Ele conhece adequadamente as histórias de homens, serpentes, e Gandharvas. Além disso, ó Sauti, neste sacrifício aquele Brahmana erudito é o chefe. Ele é hábil, fiel

para com seus votos, sábio, um mestre dos Sastras e do Aranyaka, um falador da verdade, um amante da paz, um mortificador da carne, e um cumpridor de penitências de acordo com os decretos autorizados. Ele é respeitado por todos nós. Cabe a nós, portanto, esperar por ele. E quando ele estiver sentado em seu assento muito respeitado, tu responderás o que aquele melhor dos Dwijas te perguntar.”

Sauti disse, “Assim seja. E quando o mestre de grande alma estiver sentado eu narrarei, questionado por ele, histórias sagradas de uma variedade de assuntos.” Depois de algum tempo aquele Brahmana excelente (Saunaka) tendo terminado devidamente todos os seus deveres, e tendo propiciado os deuses com orações e os espíritos dos mortos com oblações de água, voltou ao lugar de sacrifício, onde com Sauti sentado diante dela estava a assembléia de santos de votos rígidos sentados comodamente. E quando Saunaka estava sentado no meio dos Ritwiks e Sadhyas, que também estavam em seus assentos, ele falou o seguinte.

## 5

(Continuação do Pauloma Parva)

Saunaka disse, “Filho, teu pai antigamente leu o total dos Puranas, ó filho de Lomaharshana, e o Bharata com Krishna-Dwaipayana. Tu também fizeste deles teu estudo? Naqueles registros antigos são narradas histórias interessantes e a história das primeiras gerações de homens sábios, todas as quais nós ouvimos narradas detalhadamente por teu pai. Em primeiro lugar, eu desejo ouvir a história da linhagem de Bhrigu. Narre aquela história, nós te escutaremos atentamente”.

Sauti respondeu, “Por mim foi adquirido tudo o que foi estudado antigamente pelos Brahmanas de grande alma, incluindo Vaisampayana, e repetido por eles; por mim foi adquirido tudo o que foi estudado por meu pai. Ó descendente da linhagem de Bhrigu, escutes então a tudo o que se relaciona com a exaltada linhagem de Bhrigu, reverenciada por Indra e todos os deuses, pelas tribos de Rishis e Maruts (Ventos). Ó grande Muni, eu primeiro relatarei devidamente a história daquela família como contada nos Puranas.

O grande e abençoado santo Bhrigu, nós estamos informados, foi produzido pelo auto-existente Brahma do fogo no sacrifício de Varuna. E Bhrigu teve um filho chamado Chyavana, a quem ele amava ternamente. E de Chyavana nasceu um filho virtuoso chamado Pramati. E Pramati teve um filho chamado Ruru com Ghrithachi (a dançarina celeste). E para Ruru também com sua esposa Pramadvara nasceu um filho cujo nome era Sunaka. Ele foi, ó Saunaka, teu grande antepassado extremamente virtuoso em seus hábitos. Ele era devotado ao ascetismo, de grande reputação, versado em leis, e eminente entre aqueles que tinham conhecimento dos Vedas. Ele era virtuoso, verdadeiro, e de alimentação bem regulada.”

Saunaka disse, “Ó filho de Suta, eu te pergunto por que o filho ilustre de Bhrigu era chamado Chyavana. Conte-me tudo”.

Sauti respondeu, “Bhrigu tinha uma esposa de nome Puloma a quem ele amava afetosamente. Ela ficou grávida de Bhrigu. E um dia enquanto a casta e virtuosa Puloma estava naquela condição, Bhrigu, notável entre aqueles que são fiéis à sua religião, deixando ela em casa saiu para realizar suas abluções. Foi então que o Rakshasa chamado Puloma chegou à residência de Bhrigu. E entrando na residência do Rishi, o Rakshasa viu a esposa de Bhrigu, impecável em tudo. E vendo ela ele ficou cheio de luxúria e perdeu sua razão. A bela Puloma entreteve o Rakshasa assim chegado com raízes e frutas da floresta. E o Rakshasa que queimava de desejo ao vê-la ficou muito encantado e decidiu, ó bom sábio, raptar a ela que era tão irrepreensível em todos os aspectos.

'Meu plano está realizado' disse o Rakshasa, e assim agarrando aquela bela matrona ele a levou. E, de fato, ela de sorrisos agradáveis tinha sido prometida a ele pelo próprio pai dela, embora o primeiro a concedesse subsequentemente, segundo os ritos devidos, a Bhrigu. Ó tu da linhagem Bhrigu, aquela injúria doía profundamente na mente do Rakshasa e ele achou o momento presente muito oportuno para levar embora a senhora.

E o Rakshasa viu o recinto no qual o fogo sacrificial era mantido queimando brilhantemente. O Rakshasa então questionou o elemento flamejante, 'Diga-me, ó Agni, esposa de quem essa mulher legitimamente é. Tu és a boca dos deuses; portanto tu és obrigado a responder minha pergunta. Esta dama de natureza superior tinha sido primeiro aceita por mim como esposa, mas seu pai posteriormente a entregou ao falso Bhrigu. Diga-me realmente se esta pessoa formosa pode ser considerada como a esposa de Bhrigu, pois tendo encontrado ela sozinha eu resolvi levá-la à força do eremitério. Meu coração queima com raiva quando eu penso que Bhrigu tomou posse dessa mulher de cintura fina, primeiro prometida a mim.'

Sauti continuou, 'Desta maneira o Rakshasa perguntou ao deus flamejante do fogo repetidas vezes se a dama era esposa de Bhrigu. E o deus estava com medo de dar uma resposta. 'Tu, ó deus do fogo,' disse ele, resides constantemente dentro de toda criatura, como testemunha dos méritos e deméritos dele ou dela. Ó tu respeitado, então responda verdadeiramente minha pergunta. Bhrigu não se apropriou dela que foi escolhida por mim como minha esposa? Tu deve declarar realmente se, portanto, ela é minha esposa por primeira escolha. Depois da tua resposta quanto a se ela é a esposa de Bhrigu, eu a levarei embora deste eremitério mesmo em vista de ti. Portanto responda verdadeiramente.'

Sauti continuou, 'O deus de sete chamas tendo ouvido estas palavras do Rakshasa ficou extremamente aflito, estando com medo de dizer uma mentira e igualmente com medo da maldição de Bhrigu. E o deus finalmente respondeu em palavras que saíram lentamente. 'Esta Puloma foi, de fato, escolhida primeiro por ti, ó Rakshasa, mas ela não foi tomada por ti como esposa com ritos e invocações sagrados. Mas esta dama muito afamada foi entregue por seu pai a Bhrigu como

um presente por desejo de bênção. Ela não foi entregue a ti, ó Rakshasa, esta dama foi devidamente feita sua esposa pelo Rishi Bhrigu com ritos Védicos na minha presença. Esta é ela, eu a reconheço. Eu não ousou falar uma falsidade. Ó tu melhor dos Rakshasas, a falsidade nunca é respeitada nesse mundo.'

## 6

(Continuação do Pauloma Parva)

Sauti disse, 'Ó Brahmana, tendo ouvido aquelas palavras do deus do fogo, o Rakshasa assumiu a forma de um javali, e agarrando a senhora a carregou para longe com a velocidade do vento, até do pensamento. Então o filho de Bhrigu que se encontrava no corpo dela, enfurecido por tal violência, caiu do útero de sua mãe, pelo que ele obteve o nome de Chyavana. E o Rakshasa percebendo o bebê caído do útero da mãe, brilhando como o sol, soltou a mulher, caiu e foi instantaneamente convertido em cinzas. E a bela Pauloma, perturbada pela angústia, ó Brahmana da linhagem Bhrigu, ergueu seu filho Chyavana, o filho de Bhrigu, e caminhou para longe. E Brahma, o Avô de todos, viu ela, a impecável esposa de seu filho, chorando. E o Avô de todos consolou a ela que estava unida ao seu filho. E as gotas de lágrimas que rolaram de seus olhos formaram um grande rio. E aquele rio começou a seguir os passos da esposa do grande asceta Bhrigu. O Avô dos mundos vendo aquele rio seguir o caminho da esposa de seu filho deu-lhe um nome ele mesmo, e ele o chamou Vadhusara. E ele passava pelo eremitério de Chyavana. E desta maneira nasceu Chyavana de grande poder ascético, o filho de Bhrigu.

E Bhrigu viu seu filho Chyavana e sua bela mãe. E o Rishi com raiva a questionou, 'Por quem tu foste identificada para aquele Rakshasa que resolveu te levar? Ó tu de sorrisos agradáveis, o Rakshasa não poderia te reconhecer como minha esposa. Portanto me diga quem foi que disse isso ao Rakshasa, para que eu possa amaldiçoá-lo devido à raiva.' E Pauloma respondeu, 'Ó possuidor dos seis atributos! Eu fui identificada para o Rakshasa por Agni (o deus do fogo). E ele (o Rakshasa) levou embora a mim, que gritava como a Kurari (águia pescadora). E foi somente pelo esplendor ardente deste teu filho que eu fui salva, porque o Rakshasa (vendo este bebê) me largou e ele mesmo caindo no chão foi transformado em cinzas.'"

Sauti continuou, "Bhrigu, após ouvir esse relato de Pauloma, ficou muito furioso. E em excesso de ira o Rishi amaldiçoou Agni, dizendo, 'Tu comerás de todas as coisas.'"

Assim termina o sexto capítulo chamado "A maldição sobre Agni" no Adi Parva.

## 7

(Continuação do Pauloma Parva)

Sauti disse, “O deus do fogo, enraivecido por causa da maldição de Bhrigu, se dirigiu ao Rishi dessa maneira, 'O que significa essa impulsividade, ó Brahmana, que tu mostraste em direção a mim? Que transgressão pode ser imputada a mim que estava trabalhando para fazer justiça e falar a verdade imparcialmente? Sendo questionado eu dei a resposta verdadeira. Uma testemunha que quando interrogada acerca de um fato do qual ela tem conhecimento o relata de maneira diferente da que é, arruína seus antepassados e descendentes até a sétima geração. Aquele, também, que, conhecendo completamente todos os detalhes de um caso, não revela o que sabe quando perguntado, é sem dúvida manchado pela culpa. Eu também posso te amaldiçoar, mas Brahmanas são tidos por mim em grande respeito. Embora estes sejam conhecidos por ti, ó Brahmana, eu ainda falarei deles, assim por favor prestes atenção! Tendo, por meio de poder ascético, me multiplicado, eu estou presente em várias formas, nos lugares do homa diário, em sacrifícios que se estendem por anos, em lugares onde ritos sagrados são realizados (tais como casamento, etc.), e em outros sacrifícios. Com a manteiga que é derramada sobre minha chama segundo as injunções prescritas nos Vedas, os Devas e os Pitris são satisfeitos. Os Devas são as águas; os Pitris também são as águas. Os Devas têm com os Pitris um direito igual aos sacrifícios chamados Darshas e Purnamasas. Os Devas, portanto, são os Pitris e os Pitris, os Devas. Eles são seres idênticos, adorados juntos e também separadamente nas mudanças da lua. Os Devas e os Pitris comem o que é derramado sobre mim. Eu sou, portanto chamado a boca dos Devas e dos Pitris. Na lua nova os Pitris, e na lua cheia os Devas são alimentados através da minha boca, comendo da manteiga clarificada que é despejada em mim. Sendo, como eu sou, a boca deles, como eu posso ser um comedor de todas as coisas (puras e impuras)?’

Então Agni, depois de refletir por um tempo, se retirou de todos os lugares; dos lugares do homa diário dos Brahmanas, de todos os sacrifícios de longa extensão, dos lugares de ritos sagrados, e de outras cerimônias. Sem seus Oms e Vashats, e privados de seus Swadhas e Swahas (mantras sacrificais durante oferendas), todas as criaturas ficaram muito angustiadas pela perda de seu fogo (sacrificial). Os Rishis em grande ansiedade foram até os deuses e se dirigiram a eles dessa maneira, 'Ó seres impecáveis! As três regiões do universo estão confusas pela cessação de seus sacrifícios e cerimônias por causa da perda do fogo! Ordenem o que deve ser feito com relação a este assunto, para que não possa haver perda de tempo.' Então os Rishis e os deuses foram juntos à presença de Brahma. E eles explicaram para ele tudo acerca da maldição sobre Agni e da consequente interrupção de todas as cerimônias. E eles disseram, 'Ó tu imensamente afortunado! Agni foi amaldiçoado por Bhrigu por alguma razão. De fato, sendo a boca dos deuses e também o primeiro que come o que é oferecido em sacrifícios, o comedor também da manteiga sacrificial, como Agni será reduzido à condição de alguém que come de todas as coisas promiscuamente?' E o criador do universo ouvindo essas palavras deles chamou Agni à sua presença. E Brahma se dirigiu a

Agni, o criador de tudo e eterno como ele mesmo, nessas palavras gentis, 'Tu és o criador dos mundos e tu és seu destruidor! Tu preservas os três mundos e tu és o promotor de todos os sacrifícios e cerimônias! Portanto te comporte de maneira que as cerimônias não sejam interrompidas. E, ó comedor da manteiga sacrificial, por que tu ages tão tolamente, sendo, como tu és, o Senhor de tudo? Somente tu és sempre puro no universo e tu és seu esteio! Tu, com todo teu corpo, não serás reduzido ao estado de alguém que come de todas as coisas promiscuamente. Ó tu de chamas, só a chama que está nas tuas partes mais vis comerá de todas as coisas igualmente. O teu corpo que come carne (estando no estômago de todos os animais carnívoros) também comerá de todas as coisas promiscuamente. E como todas as coisas tocadas pelos raios do sol se tornam puras, assim será puro tudo o que for queimado por tuas chamas. Tu és, ó fogo, a energia suprema nascida do teu próprio poder. Então, ó Senhor, por este teu poder faça a maldição do Rishi se realizar. Continue a receber tua própria porção e aquela dos deuses, oferecidas à tua boca.'"

Sauti continuou, "Então Agni respondeu ao Avô, 'Assim seja.' E ele então partiu para obedecer a ordem do Senhor supremo. Os deuses e os Rishis também voltaram em deleite para o local de onde eles tinham vindo. E os Rishis começaram a realizar como antes suas cerimônias e sacrifícios. E os deuses no céu e todas as criaturas do mundo se regozijaram muito. E Agni também se regozijou de tal maneira, pois ele estava livre da probabilidade do pecado.

Assim, ó possuidor dos seis atributos, Agni foi amaldiçoado nos tempos antigos por Bhrigu. E tal é a antiga história ligada à destruição do Rakshasa, Pauloma e ao nascimento de Chyavana."

Assim termina o sétimo capítulo do Pauloma Parva do Adi Parva do Mahabharata abençoado.

## 8

(Continuação do Pauloma Parva)

Sauti disse, 'Ó Brahmana, Chyavana, o filho de Bhrigu gerou um filho no útero de sua esposa Sukanya. E aquele filho era o ilustre Pramati de energia resplandecente. E Pramati gerou no útero de Ghritachi um filho chamado Ruru. E Ruru gerou em sua esposa Pramadvara um filho chamado Sunaka. Eu relatarei para vocês em detalhes, ó Brahmana, toda a história de Ruru de energia abundante. Ó, ouçam a ela então integralmente!

Antigamente havia um grande Rishi chamado Sthulakesa possuidor de poder ascético e erudição e bondosamente disposto em direção a todas as criaturas. Naquela época, ó Brahmana sábio, Viswavasú, o rei dos Gandharvas, é dito, teve intimidade com Menaka, a dançarina celeste. E a Apsara Menaka, ó tu da linhagem Bhrigu, quando chegou a hora, deu à luz um bebê perto do eremitério de

Sthulakesa. E deixando o bebê recém-nascido nas margens do rio, ó Brahmana, Menaka, a Apsara, sendo desprovida de piedade e vergonha, foi embora. E o Rishi, Sthulakesa, de grande poder ascético, descobriu o bebê jazendo abandonado em uma parte solitária ao lado do rio. E ele percebeu que era uma menina, brilhante como o filho de um Imortal e resplandecente, por assim dizer, com beleza. E o grande Brahmana, Sthulakesa, o principal dos Munis, vendo aquela menina, e cheio de compaixão, a pegou e a criou. E a criança encantadora cresceu em sua habitação sagrada. O abençoado Rishi Sthulakesa de mente nobre realizou na devida sucessão todas as cerimônias começando com aquela de nascimento como ordenado pela lei divina. E porque ela superava todas as de seu sexo em bondade, beleza, e em todas as qualidades, o grande Rishi a chamou pelo nome de Pramadvara. E o virtuoso Ruru tendo visto Pramadvara no eremitério de Sthulakesa se tornou alguém cujo coração tinha sido trespassado pelo deus do amor. E Ruru por meio de seus companheiros fez seu pai Pramati, o filho de Bhrigu, saber de sua paixão. E Pramati a pediu do afamado Sthulakesa para seu filho. E o pai adotivo deu a donzela Pramadvara para Ruru, fixando as núpcias para o dia quando a estrela Varga-Daivata (Purva-phalguni) estaria ascendente.

Então dentro de poucos dias do tempo fixado para as núpcias, a bela donzela enquanto brincava com companheiras de seu próprio sexo, sua hora tendo chegado, impelida pelo destino, pisou em uma serpente que ela não percebeu porque estava enrolada. E o réptil, incitado a executar a vontade do Destino, fincou violentamente suas presas envenenadas no corpo da moça desatenta. E picada por aquela serpente ela imediatamente caiu ao chão sem sentidos, sua cor sumiu e todas as belezas de seu corpo a deixaram. E com cabelo desgrenhado ela se tornou um espetáculo de dor para suas companheiras e amigas. E ela que era tão agradável de olhar se tornou, em sua morte, o que era doloroso demais de se olhar. E a moça de cintura fina jazendo no chão como uma pessoa adormecida, sendo dominada pelo veneno da cobra, uma vez mais se tornou mais bela do que em vida. E seu pai adotivo e os outros ascetas santos que estavam lá, todos a viram jazendo inerte sobre a terra com o esplendor de um lótus. E então lá chegaram muitos Brahmanas notáveis cheios de compaixão, e eles ficaram em volta dela. E Swastyatreya, Mahajana, Kushika, Sankhamekhala, Uddalaka, Katha, e Sweta de grande renome, Bharadwaja, Kaunakutsya, Arshtishena, Gautama, Pramati, e o filho de Pramati, Ruru, e outros habitantes da floresta, foram lá. E quando eles viram aquela donzela jazendo morta no chão dominada pelo veneno do réptil que a tinha mordido, eles todos choraram cheios de compaixão. Mas Ruru, mortificado além da conta, se retirou da cena.”

Assim termina o oitavo capítulo do Pauloma Parva do Adi Parva do Mahabharata abençoado.

## 9

(Continuação do Pauloma Parva)

Sauti disse, 'Enquanto aqueles Brahmanas ilustres estavam sentados em volta do corpo morto de Pramadvava, Ruru, extremamente aflito, se retirou para um bosque profundo e lamentou alto. E dominado pela dor ele se entregou a muitas lamentações comoventes. E, lembrando de sua amada Pramadvava, ele deu vazão à sua tristeza nas seguintes palavras, 'Ai! A delicada e formosa que aumenta minha aflição jaz sobre o solo nu. O que pode ser mais deplorável para nós, seus amigos? Se eu tenho sido caridoso, se eu tenho realizado atos de penitência, se eu tenho sempre reverenciado meus superiores, que o mérito desses trabalhos restaure à vida minha amada! Se desde o meu nascimento eu tenho estado controlando minhas paixões, aderindo aos meus votos, que a bela Pramadvava se levante do chão.'

E enquanto Ruru estava lamentando a perda de sua noiva, um mensageiro do céu chegou até ele na floresta e se dirigiu a ele dessa maneira, 'As palavras que tu proferes, ó Ruru, em tua aflição são sem dúvida ineficazes. Pois, ó homem pio, alguém pertencente a este mundo cujos dias terminaram nunca pode voltar à vida. Os dias daquela pobre filha de um Gandharva e uma Apsara terminaram! Portanto, ó filho, tu não deves entregar teu coração à tristeza. Os grandes deuses, no entanto, providenciaram com antecedência um meio de sua restauração à vida. E se tu concordares com isso tu poderás receber de volta tua Pramadvava.'

E Ruru respondeu, 'Ó mensageiro do céu! O que é que os deuses ordenaram? Diga-me o que é integralmente para que (ao ouvir) eu possa concordar com isto. Cabe a ti me livrar da aflição!' E o mensageiro celeste disse a Ruru, 'Renuncie à metade da tua própria vida por tua noiva, e então, ó Ruru da família de Bhrigu, tua Pramadvava se levantará do chão.' 'Ó melhor dos mensageiros celestes, eu ofereço de bom grado metade da minha vida em favor da minha noiva. Então que minha querida se levante mais uma vez em sua forma alinhada e adorável.'"

Sauti disse, "Então o rei dos Gandharvas (o pai de Pramadvava) e o mensageiro celeste, ambos de qualidades excelentes, foram ao deus Dharma (o juiz dos mortos) e se dirigiram a ele, dizendo, 'Se for tua vontade, ó Dharmaraja, que a amável Pramadvava, a esposa prometida de Ruru, agora jazendo morta, se levante com a metade da vida de Ruru.' E Dharmaraja respondeu, 'Ó mensageiro dos deuses, se esse é teu desejo, que Pramadvava, a noiva de Ruru, se levante dotada da metade da vida de Ruru.'"

Sauti continuou, "E quando Dharmaraja tinha dito isso aquela moça de natureza superior, Pramadvava, dotada com metade da vida de Ruru, se levantou como de seu sono. Esta concessão por Ruru de uma metade do seu próprio período de vida para ressuscitar sua noiva levou posteriormente, como seria visto, ao encurtamento da vida de Ruru.

E em um dia auspicioso seus pais alegremente os casaram com os ritos devidos. E o casal passava seus dias devotados um ao outro. E Ruru tendo obtido tal esposa que é difícil de ser encontrada, bela e clara como os filamentos do lótus, fez uma promessa para a destruição da raça das serpentes. E toda vez que ele via uma serpente ele ficava cheio de grande ira e sempre a matava com uma arma.

Um dia, ó Brahmana, Ruru entrou em uma floresta extensa. E lá ele viu uma velha serpente da espécie Dundubha deitada esticada no chão. E nisso Ruru ergueu em fúria seu bastão, como o bastão da Morte, na intenção de matá-la. Então a Dundubha, se dirigindo a Ruru, disse, 'Eu não te fiz mal, ó Brahmana! Então porque tu vais me matar por raiva?'"

Assim termina o nono capítulo do Pauloma Parva do Adi Parva do Mahabharata abençoado.

## 10

(Continuação do Pauloma Parva)

Sauti disse, 'E Ruru, ao ouvir aquelas palavras, respondeu, 'Minha esposa, preciosa para mim como a vida, foi mordida por uma cobra; após o que eu fiz, ó cobra, um voto terrível, que eu mataria toda cobra que pudesse encontrar. Por essa razão eu vou te bater e tu serás privada de vida.'

E a Dundubha respondeu, 'Ó Brahmana, as cobras que mordem homens são muito diferentes em espécie. Não cabe a ti matar Dundubhas que são serpentes só no nome. Sujeitas como outras serpentes às mesmas calamidades mas não dividindo sua boa sorte, no infortúnio as mesmas mas na alegria diferentes, as Dundubhas não devem ser mortas por ti sob uma concepção errada.'"

Sauti continuou, "E o Rishi Ruru ouvindo estas palavras da serpente, e vendo que ela estava desnortada com medo, embora uma cobra da espécie Dundubha, não a matou. E Ruru, o possuidor dos seis atributos, confortando a cobra se dirigiu a ela, dizendo, 'Me diga detalhadamente, ó cobra, quem és tu que estás assim metamorfoseado?' E a Dundubha respondeu, 'Ó Ruru! Eu era antigamente um Rishi de nome Sahasrapat. E foi pela maldição de um Brahmana que eu fui transformado em uma cobra.' E Ruru perguntou, 'Ó tu melhor das cobras, por que tu foste amaldiçoado por um Brahmana enfurecido? E por quanto tempo também tua forma continuará assim?'"

E assim termina o décimo capítulo do Pauloma Parva do Adi Parva.

## 11

(Continuação do Pauloma Parva)

Sauti continuou, “A Dundubha então disse, 'Antigamente eu tinha um amigo de nome Khagama. Ele era impetuoso em suas palavras e possuidor de poder espiritual em virtude de suas austeridades. E um dia quando ele estava engajado no Agni-hotra (sacrifício do fogo), eu fiz uma cobra falsa de folhas de erva, e em uma brincadeira tentei assustá-lo com ela. E sem demora ele caiu em um desmaio. Ao recuperar seus sentidos, aquele asceta falador da verdade e cumpridor de votos, queimando com fúria, exclamou, 'Já que tu fizeste uma cobra falsa impotente para me assustar, tu mesmo te tornarás uma serpente sem veneno pela minha maldição.' Ó asceta, eu conhecia bem o poder das punições dele; por isso com o coração agitado eu me dirigi a ele desse modo, me curvando com mãos unidas, 'Amigo, eu fiz isso como uma piada, para despertar tua risada. Cabe a ti me perdoar e revogar tua maldição.' E me vendo extremamente preocupado, o asceta foi persuadido, e ele respondeu, com a respiração quente e difícil: 'O que eu disse deve acontecer. Ouças o que eu digo e tomes seriamente em consideração. Ó virtuoso! Quando Ruru, o filho puro de Pramati, aparecer, tu serás liberto da maldição no momento em que o vir.' Tu és o próprio Ruru e o filho de Pramati. Ao recuperar minha forma natural, eu te direi algo para o teu benefício.’

E aquele homem ilustre e o melhor dos Brahmanas então deixou seu corpo de cobra, e obteve sua própria forma e esplendor original. Ele então dirigiu as seguintes palavras para Ruru de poder incomparável, 'Ó tu principal dos seres criados, em verdade a maior virtude do homem é respeitar a vida dos outros. Por esta razão um Brahmana nunca deve tirar a vida de qualquer criatura. Um Brahmana deve sempre ser compassivo. Esta é a mais sagrada injunção dos Vedas. Um Brahmana deve ser versado nos Vedas e Vedangas, e deve inspirar todas as criaturas com fé em Deus. Ele deve ser benevolente para todas as criaturas, sincero, e clemente, assim como é seu dever supremo reter os Vedas em sua memória. Os deveres de um Kshatriya não são seus. Ser inflexível, brandir o cetro e governar os súditos devidamente são os deveres do Kshatriya. Ouças, ó Ruru, ao relato da destruição de cobras no sacrifício de Janamejaya nos dias de outrora, e a libertação dos répteis apavorados por aquele melhor dos Dwijas, Astika, profundo em conhecimento Védico e poderoso em energia espiritual.’”

E assim termina o décimo primeiro capítulo do Pauloma Parva do Adi Parva.

## 12

(Continuação do Pauloma Parva)

Sauti continuou, “Ruru então perguntou, ‘Ó melhor dos Dwijas, por que o rei Janamejaya estava decidido a destruir as serpentes? E por que e como elas foram salvas pelo sábio Astika? Eu estou ansioso para ouvir tudo isso em detalhes.’

O Rishi respondeu, ‘Ó Ruru, a importante história de Astika você ouvirá dos lábios dos Brahmanas.’ Dizendo isso, ele desapareceu.”

Sauti continuou, “Ruru correu de um lado para outro à procura do Rishi desaparecido, e tendo falhado em encontrá-lo em todas as florestas, ele caiu ao chão, fatigado. E revolvendo em sua mente as palavras do Rishi ele estava muito confuso e parecia estar privado de seus sentidos. Recuperando a consciência, ele voltou para casa e pediu a seu pai para relatar a história em questão. Assim pedido, seu pai relatou tudo a respeito da história.”

Assim termina o décimo segundo capítulo no Pauloma Parva do Adi Parva.

## 13

(Astika Parva)

Saunaka disse, “Por que razão aquele tigre entre os reis, o nobre Janamejaya, resolveu tirar as vidas das cobras por meio de um sacrifício? Ó Sauti, nos conte integralmente a verdadeira história. Diga-nos também por que Astika, aquele melhor dos regenerados, aquele principal dos ascetas, resgatou as cobras do fogo ardente. De quem era filho aquele monarca que celebrou o sacrifício de cobras? E de quem era filho também aquele melhor dos regenerados?”

Sauti disse, “Ó melhores dos oradores, esta história de Astika é longa. Eu a narrarei devidamente na íntegra, ouçam!”

Saunaka disse, “Eu estou desejoso de ouvir minuciosamente a história fascinante daquele Rishi, aquele Brahmana ilustre chamado Astika.”

Sauti disse, “Esta história (primeiro) recitada por Krishna-Dwaipayana, é considerada um Purana pelos Brahmanas. Ela foi antigamente narrada por meu sábio pai, Lomaharshana, o discípulo de Vyasa, diante os habitantes da floresta Naimisha, a seu pedido. Eu estava presente no recital, e, ó Saunaka, já que tu me pediste, eu narrarei a história de Astika exatamente como eu a ouvi. Ó, escutem enquanto eu recito integralmente esta história destruidora de pecado.

O pai de Astika era poderoso como Prajapati. Ele era um Brahmacharin, sempre engajado em devoções austeras. Ele comia frugalmente, era um grande asceta, e tinha sua luxúria sob controle completo. E ele era conhecido pelo nome

de Jaratkaru. Aquele principal entre os Yayavaras, virtuoso e de votos rígidos, muito abençoado e dotado de grande poder ascético, uma vez empreendeu uma viagem pelo mundo. Ele visitou diversos lugares, se banhou em diversas águas sagradas, e descansava onde a noite o alcançava. Dotado de grande energia, ele praticava austeridades religiosas difíceis de serem praticadas por homens de almas desregradas. O sábio vivia ao ar somente, e renunciou ao sono para sempre. Assim passando de um lugar para outro como um fogo ardente, um dia aconteceu dele ver seus antepassados com as cabeças pendendo para baixo em um grande buraco, seus pés apontando para cima. Ao vê-los, Jaratkaru se dirigiu a eles, dizendo:

'Quem são vocês assim pendentes de cabeça para baixo neste buraco por uma corda de fibras virana, que está, além disso, sendo roída secretamente por todos os lados por um rato que vive aqui?'

Os antepassados disseram, 'Nós somos Rishis de votos rígidos, chamados Yayavaras. Nós estamos caindo dentro da terra por falta de descendentes. Nós temos um filho de nome Jaratkaru. Desgraça para nós! Aquele infeliz entrou em uma vida de austeridades somente! O tolo não pensa em criar descendentes por meio de casamento! É por esta razão, o medo da extinção da nossa linhagem, que nós estamos suspensos nesse buraco. Possuidores de meios, nós passamos mal como infelizes que não têm ninguém! Ó excelente, quem és tu que te entristeces dessa maneira como um amigo por nossa causa? Nós desejamos saber, ó Brahmana, quem és tu que estás ao nosso lado, e por que, ó melhor dos homens, tu te entristeces por nós que somos tão infelizes.'

Jaratkaru disse, 'Vocês são meus pais e avós e eu sou Jaratkaru! Ó, me digam como eu posso servi-los.'

Os pais então responderam, 'Tente o máximo, ó filho, gerar um descendente para prolongar nossa linhagem. Tu terás então, ó excelente, feito um trabalho meritório para ti mesmo e para nós. Nem pelos frutos da virtude nem por penitências ascéticas bem acumuladas se obtém o mérito que alguém adquire por se tornar pai. Portanto, ó filho, por nossa ordem, fixe teu coração em casamento e progênie. Este mesmo é o nosso maior benefício.'

Jaratkaru respondeu, 'Eu não casarei por minha causa, nem ganharei riqueza para divertimento, mas eu farei isso somente para seu bem-estar. De acordo com esta compreensão, eu, conforme os decretos dos Sastras, tomarei uma esposa para alcançar tal objetivo. Eu não agirei de outra maneira. Se a noiva tiver o mesmo nome que eu, cujos amigos, além disso, a oferecerem de bom grado para mim como uma doação em caridade, eu casarei com ela devidamente. Mas quem dará sua filha como esposa para um homem pobre como eu? Eu, no entanto, aceitarei qualquer filha dada a mim como esmolas. Eu me esforçarei, ó pais, assim mesmo para me casar com uma moça! Tendo dado minha palavra, eu não agirei de outra maneira. Nela eu criarei progênie para sua redenção, para que, ó pais, vocês possam alcançar as regiões eternas (de bem-aventurança) e se regozijar como lhes agradar.'

Assim termina o décimo terceiro capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

## 14

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “Aquele Brahmana de votos rígidos então vagou sobre a terra em busca de uma esposa, mas ele não encontrou. Um dia ele entrou na floresta, e lembrando-se das palavras de seus antepassados, ele rezou três vezes em voz fraca por uma noiva. Então Vasuki veio à superfície e ofereceu sua irmã para a aceitação do Rishi. Mas o Brahmana hesitou em aceitá-la, pensando que ela não tinha o mesmo nome que ele. Jaratkaru de grande alma pensou consigo mesmo, ‘Eu não tomarei como mulher alguém que não tenha o mesmo nome que eu.’ Então aquele Rishi de grande sabedoria e penitências austeras o questionou, dizendo, ‘Me digas realmente qual é o nome desta tua irmã, ó cobra.’

Vasuki respondeu, ‘Ó Jaratkaru, esta minha irmã mais nova se chama Jaratkaru. Oferecida por mim, aceites esta donzela de cintura fina como tua esposa. Ó melhor dos Brahmanas, eu a reservei para ti. Portanto, aceite-a.’ Dizendo isto ele ofereceu sua bela irmã para Jaratkaru que então a desposou com os ritos ordenados.”

Assim termina o décimo quarto capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

## 15

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, ‘Ó principal das pessoas conhecedoras de Brahma, a mãe das cobras tinha amaldiçoado elas no passado, dizendo, ‘Aquele que tem o Vento como seu quadrigário (Agni) queimará vocês todos no sacrifício de Janamejaya!’ Foi para neutralizar aquela maldição que o chefe das cobras casou sua irmã com aquele Rishi de grande alma de votos excelentes. O Rishi casou com ela segundo os ritos ordenados (nas escrituras), e deles nasceu um filho de grande alma chamado Astika. Um asceta ilustre; versado nos Vedas e seus ramos, ele respeitava a todos igualmente, e pôs fim aos temores de seus pais.

Então, depois de um longo espaço de tempo, um rei descendente da linhagem Pandava celebrou um grande sacrifício conhecido como sacrifício de cobras. Depois que aquele sacrifício tinha iniciado para a destruição das cobras, Astika salvou os Nagas, seus irmãos e tios maternos e outras cobras (de uma morte no fogo ardente). E ele salvou seus pais também por gerar descendentes. E por suas austeridades, ó Brahmana, e vários votos e estudo dos Vedas, ele se livrou de

todas as suas dívidas. Por meio de sacrifícios, nos quais várias espécies de oferendas foram feitas, ele propiciou os deuses. Por praticar o modo de vida Brahmacharya ele conciliou os Rishis; e por gerar filhos ele gratificou seus antepassados.

Assim Jaratkaru de votos rígidos se livrou da dívida pesada que tinha com seus antepassados, que sendo assim libertos do cativo ascenderam para o céu. Tendo assim obtido grande mérito religioso, Jaratkaru, depois de muitos anos, foi para o céu, deixando Astika para trás. Esta é a história de Astika que eu narrei devidamente. Agora, me fale, ó tigre da linhagem de Bhrigu, o que mais eu narrarei.”

Assim termina o décimo quinto capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

## 16

(Continuação do Astika Parva)

Saunaka disse, “Ó Sauti, conte mais uma vez em detalhes esta história do erudito e virtuoso Astika. Nossa curiosidade para ouvi-la é grande. Ó amável, tu falaste gentilmente, com pronúncia e ênfase apropriadas; e nós estamos bem satisfeitos com teu discurso. Tu falaste assim como teu pai. Teu pai estava sempre disposto a nos agradar. Conte-nos agora a história como teu pai a relatou.”

Sauti disse, “Ó tu que és abençoado com longevidade, eu narrarei a história de Astika como eu a ouvi do meu pai. Ó Brahmana, na era de ouro, Prajapati teve duas filhas. Ó impecável, as irmãs eram dotadas com beleza extraordinária. Chamadas Kadru e Vinata, elas se tornaram esposas de Kasyapa. Kasyapa derivou grande prazer de suas duas esposas e estando satisfeito, ele, parecendo o próprio Prajapati, se ofereceu para dar a cada uma delas uma bênção. Sabendo que seu marido desejava dar a elas suas bênçãos seletas, aquelas damas excelentes sentiram muita alegria. Kadru desejou ter como filhos mil cobras todas de esplendor igual. E Vinata desejou ter dois filhos que superassem os mil filhos de Kadru em força, energia, tamanho de corpo e coragem. Para Kadru seu marido deu aquele benefício de uma multidão de filhos. E para Vinata também, Kasyapa disse, 'Assim seja!' Então Vinata, tendo obtido seu rogo, se regozijou muito. Obtendo dois filhos de destreza superior, ela considerou seu benefício obtido. Kadru também obteve seus mil filhos de esplendor igual. 'Mantenham os embriões cuidadosamente,' disse Kasyapa, e então ele foi para a floresta, deixando suas duas esposas satisfeitas com suas bênçãos.”

Sauti continuou, “Ó melhor dos regenerados, depois de um longo tempo Kadru gerou mil ovos, e Vinata dois. Suas criadas depositaram os ovos separadamente em recipientes aquecidos. Quinhentos anos se passaram, e os mil ovos produzidos por Kadru se romperam e saiu a progênie. Mas os gêmeos de Vinata

não apareceram. Vinata estava com ciúmes, e, portanto, ela quebrou um dos ovos e encontrou nele um embrião com a parte superior desenvolvida, mas com a parte inferior não desenvolvida. Por isto, a criança no ovo ficou zangada e amaldiçoou sua mãe, dizendo: 'Já que tu quebraste este ovo prematuramente, tu servirás como uma escrava. Tu deverás esperar quinhentos anos e não destruir ou rachar o outro ovo meio desenvolvido por quebrá-lo por impaciência; então o filho ilustre dentro dele te libertará da escravidão! E se tu quiseres ter o filho forte, tu deverás cuidar delicadamente do ovo por todo este tempo!' Assim amaldiçoando sua mãe, o filho subiu ao céu. Ó Brahmana, ele mesmo é o quadrigário de Surya, sempre visto no período da manhã!

Então no término dos quinhentos anos, rompendo o outro ovo, saiu Garuda, o comedor de serpentes. Ó tigre da linhagem de Bhriгу, imediatamente ao ver a luz, aquele filho de Vinata deixou sua mãe. E o senhor das aves, se sentindo faminto, levantou vôo em busca do alimento designado para ele pelo Grande Ordenador de tudo.”

Assim termina o décimo sexto capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

## 17

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “Ó asceta, por volta dessa época as duas irmãs viram se aproximar aquele cavalo de aparência complacente chamado Uchchaisravas que era reverenciado pelos deuses, aquela jóia dos corcéis, que surgiu no batimento do Oceano em busca de néctar. Divino, gracioso, perpetuamente jovem, obra prima da criação, de energia irresistível, e que era abençoado com todas as marcas auspiciosas.”

Saunaka perguntou, “Por que os deuses bateram o Oceano em busca de néctar, e sob quais circunstâncias e quando como tu dizes, surgiu aquele melhor dos corcéis tão poderoso e resplandecente?”

Sauti disse, “Há uma montanha chamada Meru, de aparência refulgente, e parecendo com uma pilha de refulgência. Os raios do Sol caindo em seus picos de brilho dourado são dispersos por eles. Ornada com ouro e extremamente bela, aquela montanha é o retiro dos deuses e Gandharvas. Ela é imensurável e inalcançável por homens de muitos pecados. Terríveis animais predadores vagam sobre seu leito, e ela é iluminada por muitas ervas divinas dadoras de vida. Ela se mantém beijando os céus com sua altura e é a principal das montanhas. Pessoas comuns não podem nem pensar em subi-la. Ela é ornada com árvores e rios, e ressoa com a melodia encantadora de coros alados. Uma vez os celestiais se sentaram em seu topo enfeitado com pedras preciosas, em um conclave. Eles que tinham praticado penitências e observado votos excelentes por amrita agora pareciam ser ávidos procuradores de amrita (ambrosia celeste). Vendo a

assembléia celeste em estado de espírito ansioso Narayana disse para Brahman, 'Bata o Oceano com os deuses e os Asuras. Fazendo isso amrita será obtido como também todos os remédios e pedras preciosas. Ó deuses, batam o Oceano, vocês acharão amrita.'

Assim termina o décimo sétimo capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

## 18

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, "Há uma montanha chamada Mandara adornada com picos como nuvens. Ela é a melhor das montanhas, e é totalmente coberta com ervas entrelaçadas. Lá inúmeras aves emitem suas melodias, e animais predadores vagam. Os deuses, as Apsaras e os Kinnaras visitam o lugar. Para cima ela se eleva onze mil yojanas, e para baixo desce o mesmo tanto. Os deuses queriam arrancá-la e usá-la como uma vara para bater, mas fracassando em fazer o mesmo eles foram até Vishnu e Brahman, que estavam sentados juntos, e disseram a eles, 'Inventem algum esquema eficiente, considerem, ó deuses, como Mandara pode ser desalojada para o nosso bem.'

Sauti continuou, "Ó filho de Bhrgu! Vishnu e Brahman concordaram com isso. E aquele de olhos de lótus (Vishnu) atribuiu a difícil tarefa ao poderoso Ananta, o príncipe das cobras. O poderoso Ananta, instruído para isso por Brahman e Narayana, ó Brahmana, arrancou a montanha com as florestas sobre ela e com os habitantes daquelas florestas. E os deuses chegaram à margem do Oceano com Ananta e se dirigiram ao Oceano dizendo, 'Ó Oceano; nós viemos bater tuas águas para obter néctar.' E o Oceano respondeu, 'Que assim seja, porque eu não ficarei sem uma parte disso. Eu sou capaz de suportar a agitação prodigiosa das minhas águas produzida pela montanha.' Os deuses então foram ao rei das tartarugas e disseram a ele, 'Ó rei tartaruga, tu terás que segurar a montanha em tuas costas!' O rei tartaruga concordou, e Indra planejou colocar a montanha nas costas do primeiro.

E os deuses e os Asuras fizeram de Mandara um bastão para bater e de Vasuki a corda, e começaram a bater o fundo do mar em busca de amrita. Os Asuras seguraram Vasuki pelo capelo e os deuses o seguraram pelo rabo. E Ananta, que estava ao lado dos deuses, a intervalos levantava o capelo da cobra e subitamente o baixava. E por causa do estiramento que Vasuki recebeu nas mãos dos deuses e dos Asuras, vapores pretos com chamas saíram de sua boca. Estes, convertidos em nuvens carregadas de relâmpagos, despejaram chuvas que refrescaram os deuses cansados. E flores também que caíam sobre os celestiais, das árvores no rodopio de Mandara, os revigoraram.

Então, ó Brahmana, das profundezas veio um rugido tremendo semelhante ao ribombar das nuvens na Dissolução Universal. Diversos animais aquáticos sendo

esmagados pela grande montanha morreram nas águas salgadas. E muitos habitantes das regiões mais baixas e do mundo de Varuna foram mortos. Grandes árvores com aves no giro de Mandara foram arrancadas pelas raízes e caíram na água. A fricção mútua daquelas árvores também produziu fogos que resplandeciam frequentemente. A montanha assim parecia com uma massa de nuvens escuras carregadas com relâmpagos. Ó Brahmana, o fogo se espalhou e consumiu os leões, elefantes e outras criaturas que estavam na montanha. Então Indra extinguiu aquele fogo por derramar chuvas pesadas.

Depois que o batimento, ó Brahmana, tinha seguido por algum tempo, exsudações pastosas de várias árvores e ervas investidas com as propriedades de amrita se misturaram com as águas do Oceano. E os celestiais alcançaram a imortalidade por beber da água misturada com aquelas resinas e com o extrato líquido de ouro. Gradualmente, a água leitosa do mar agitado se converteu em manteiga clarificada em virtude daquelas resinas e sucos. Mas o néctar não apareceu mesmo então. Os deuses foram perante o dador de bênçãos, Brahman, sentado em seu assento e disseram, 'Senhor, nós estamos exaustos, nós não temos força restante para bater mais. O néctar ainda não surgiu pelo que agora nós não temos recurso salvo Narayana.'

Ao ouvi-los Brahman disse para Narayana, 'Ó Senhor, aceite conceder aos deuses força para bater o mar novamente.'

Então Narayana, concordando em atender seus vários rogos, disse, 'Ó sábios, eu lhes concedo força suficiente. Vão, ponham a montanha em posição de novo e batam a água.'

Restabelecidos assim em força, os deuses recomeçaram a bater. Depois de algum tempo a Lua suave de mil raios emergiu do Oceano. Depois saiu Lakshmi vestida de branco, então Soma, então o Corcel Branco, e então a jóia celeste Kaustubha que orna o peito de Narayana. Então Lakshmi, Soma e o Corcel, veloz como a mente, todos chegaram diante dos deuses no alto. Então se ergueu o próprio Dhanwantari divino com o recipiente branco de néctar em sua mão. E vendo ele, os Asuras soltaram um grito alto, dizendo, 'Este é nosso.'

E finalmente surgiu o grande elefante, Airavata, de corpo enorme e com dois pares de presas brancas. E Indra o manejador do raio o pegou. Mas com o batimento ainda continuando, o veneno Kalakuta apareceu finalmente. Engolfando a Terra ele subitamente se inflamou como fogo acompanhado por fumaça. E por causa do cheiro do pavoroso Kalakuta os três mundos estavam entorpecidos. E então Siva, sendo solicitado por Brahman, engoliu aquele veneno pela segurança da criação. O divino Maheswara o reteve em sua garganta, e é dito que desde daquele tempo ele é chamado Nilakantha (de garganta azul). Vendo todas estas coisas extraordinárias, os Asuras estavam cheios de desespero, e se prepararam para entrar em hostilidades com os deuses pela posse de Lakshmi e Amrita. Então Narayana chamou sua fascinante Maya (poder ilusório) para ajudá-lo, e assumindo a forma de uma mulher sedutora, ele flertou com os Danavas. Os

Danavas e os Daityas encantados com sua graça e beleza requintada perderam a razão, e unanimemente colocaram o Amrita nas mãos daquela donzela formosa.”

Assim termina o décimo oitavo capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

## 19

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “Então os Daityas e os Davanas equipados com várias armas de primeira classe atacaram os deuses. Entrementes o valente Senhor Vishnu na forma de uma mulher sedutora acompanhado por Nara enganou os Danavas poderosos e tirou o Amrita das mãos deles.

E todos os deuses naquela hora de grande pavor beberam o Amrita com prazer, recebendo ele de Vishnu. E enquanto os deuses estavam compartilhando dele, pelo qual eles tinham ansiado tanto, um Danava de nome Rahu também o estava bebendo entre eles no disfarce de um deus. E quando o Amrita tinha alcançado a garganta de Rahu somente, Surya e Soma (o reconheceram e) anunciaram o fato aos deuses. E Narayana instantaneamente cortou com seu disco a cabeça bem enfeitada do Danava que estava bebendo o Amrita sem permissão. E a cabeça enorme do Danava, cortada pelo disco e parecendo um pico de montanha, então se ergueu até o céu e começou a proferir gritos aterrorizantes. E o tronco sem cabeça do Danava, caindo sobre o solo e rolando sobre ele, fez a Terra tremer com suas montanhas, florestas e ilhas. E desde aquela época há uma longa disputa entre a cabeça de Rahu e Surya e Soma. E até hoje ela engole Surya e Soma (durante eclipses solares e lunares).

Então Narayana, abandonando sua encantadora forma feminina e arremessando muitas armas terríveis nos Danavas fez eles tremerem. E dessa maneira, nas margens do mar de sal, começou a batalha terrível dos deuses e dos Asuras. E dardos de ponta afiada e lanças e várias armas às milhares começaram a ser lançadas por todos os lados. E mutilados pelo disco e feridos por espadas, dardos e maças, os Asuras em grande número vomitavam sangue e jaziam prostrados sobre a terra. Cortadas dos troncos com espadas afiadas de dois gumes, cabeças adornadas com ouro brilhante caíam continuamente no campo de batalha. Seus corpos encharcados de sangue, os grandes Asuras jaziam mortos em todos os lugares. Parecia como se montanhas de topos tingidos de vermelho jazessem espalhadas por toda parte. E quando o Sol se ergueu em seu esplendor, milhares de guerreiros atingiam uns aos outros com armas. E gritos de angústia eram ouvidos em todos os lugares. Os guerreiros lutando a uma distância uns dos outros derrubavam uns aos outros com projéteis de ferro afiados, e aqueles lutando muito perto matavam uns aos outros com golpes de seus punhos. E o ar estava cheio com gritos de aflição. Em todos os lugares eram ouvidos sons alarmantes, 'Cortem!', 'Perfurem!', 'Neles!', 'Arremessem no chão!', 'Avancem!'

E quando a batalha estava seguindo ferozmente, Nara e Narayana entraram no campo. E Narayana, vendo o arco celeste na mão de Nara, se recordou da sua própria arma, o disco destruidor de Danavas. E vejam! O disco, Sudarsana, destruidor de inimigos, semelhante à Agni em refulgência e terrível em batalha, veio do céu logo que foi pensado. E Narayana de energia feroz, possuindo braços parecidos com trombas de elefantes, arremessou com grande força aquela arma de brilho extraordinário, refulgente como o fogo ardente, terrível e capaz de destruir cidades hostis. E aquele disco brilhando como o fogo que consome todas as coisas no fim do Yuga, arremessado com força das mãos de Narayana, e caindo constantemente em todos os lugares, destruiu os Daityas e os Danavas aos milhares. Às vezes ele ardia como fogo e consumia eles todos; às vezes ele os derrubava enquanto percorria o céu; e às vezes, caindo na terra, ele bebia seu sangue vital como um trasgo.

Por outro lado, os Danavas, brancos como as nuvens das quais a chuva tinha caído, possuindo grande força e corações audaciosos, subiram ao céu, e por arremessar para baixo milhares de montanhas, atormentavam os deuses continuamente. E aquelas montanhas formidáveis, como massas de nuvens, com suas árvores e topos planos, caindo do céu, colidiam umas com as outras e produziam um ribombar tremendo. E quando milhares de guerreiros gritavam sem intervalo no campo de batalha e montanhas com as florestas sobre elas começaram a cair em volta, a terra com suas florestas tremeu. Então o divino Nara apareceu na cena do conflito terrível entre os Asuras e os Ganas (os seguidores de Rudra), e reduzindo a pó aquelas rochas por meio de suas flechas de pontas de ouro, cobriu os céus com poeira. Assim desbaratados pelos deuses, e vendo o disco furioso voando sobre os campos do céu como uma chama brilhante, os poderosos Danavas entraram nas entranhas da terra, enquanto outros mergulharam no mar de águas salgadas.

E tendo obtido a vitória, os deuses ofereceram o devido respeito a Mandara e a colocaram de volta em sua própria base. E os deuses possuidores de néctar fizeram os céus ressoarem com seus gritos, e foram para suas próprias residências. E os deuses, ao retornarem para os céus, se regozijaram muito, e Indra e as outras divindades transferiram para Narayana o recipiente de Amrita para preservação cuidadosa.”

E assim termina o décimo nono capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

## 20

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “Assim eu narrei para vocês toda a história de como Amrita foi produzido do Oceano, e a ocasião na qual o cavalo Uchchaihsravas de grande beleza e destreza incomparável foi obtido. Foi aquele cavalo a respeito do qual Kadru questionou Vinata, dizendo, ‘Diga-me, amável irmã, sem demora, de que

cor é Uchchaishravas.’ E Vinata respondeu, ‘Aquele príncipe dos corcéis certamente é branco. O que tu achas, irmã? Diga qual é a cor dele. Vamos apostar sobre isso.’ Kadru respondeu, então, ‘Ó tu de doces sorrisos. Eu acho que aquele cavalo é preto em seu rabo. Bela, aposte comigo que aquela que perder se tornará escrava da outra.’

Sauti continuou, 'Assim apostando entre si sobre serviço como escrava as irmãs foram para casa e resolveram examinar o cavalo no dia seguinte. E Kadru, disposta a praticar uma fraude, mandou que seus mil filhos se transformassem em cabelos pretos e cobrissem rapidamente o rabo do cavalo de modo que ela não se tornasse uma escrava. Mas seus filhos, as cobras, se recusaram a cumprir sua ordem, e ela os amaldiçoou, dizendo, 'Durante o sacrifício de cobras do sábio rei Janamejaya da linhagem Pandava Agni destruirá todos vocês.' E o próprio Avô (Brahman) ouviu aquela maldição extremamente cruel pronunciada por Kadru, impelida pelos destinos. E vendo que as cobras tinham se multiplicado muito, o Avô, movido por consideração bondosa por suas criaturas, sancionou com todos os deuses a maldição de Kadru. De fato, como as cobras tinham veneno virulento, grande destreza e excesso de força, sempre dispostas a morder outras criaturas, a conduta de sua mãe em direção a elas, aquelas perseguidoras de todas as criaturas, era muito correta para o bem de todas as criaturas. O Destino sempre inflige punição de morte àqueles que procuram a morte de outras criaturas. Os deuses, tendo partilhado tais sentimentos uns com os outros, apoiaram a ação de Kadru (e partiram). E Brahman, chamando Kasyapa, lhe falou essas palavras, 'Ó puro que assolas todos os inimigos, aquelas cobras geradas por ti, que são de veneno virulento e corpos enormes, e sempre empenhadas em morder outras criaturas, foram amaldiçoadas por sua mãe. Ó filho, não te aflijas por isso. A destruição das cobras no sacrifício, de fato, foi ordenada há muito tempo atrás.' Dizendo isso, o divino Criador do Universo confortou Kasyapa e comunicou àquele ilustre o conhecimento de neutralizar veneno.”

E assim termina o vigésimo capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

## 21

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “Então quando a noite tinha passado e o sol tinha surgido de manhã, ó tu cuja riqueza é ascetismo, as duas irmãs Kadru e Vinata, tendo feito uma aposta sobre escravidão, foram com pressa e impaciência ver o cavalo Uchchaishravas de um ponto próximo. Em seu caminho elas viram o Oceano, aquele receptáculo de águas, vasto e profundo, ondulando e bramindo terrivelmente, cheio de peixes grandes o suficiente para engolir baleias, e cheio de makaras enormes e criaturas de várias formas às milhares, e tornado inacessível pela presença de outros animais aquáticos terríveis, de formas monstruosas, escuros e ferozes, cheio de tartarugas e crocodilos, com minas de todos os tipos

de pedras preciosas, o lar de Varuna (o deus da água), a excelente e bela residência dos Nagas, o senhor de todos os rios, a residência do fogo subterrâneo, o amigo (ou refúgio) dos Asuras, o terror de todas as criaturas, o grande reservatório de água, e sempre imutável. Ele é santo, benéfico para os deuses, e é a grande fonte de néctar; sem limites, inconcebível, sagrado, e muito extraordinário. Ele é escuro, terrível com o som de criaturas aquáticas, bramindo tremendamente, e cheio de remoinhos profundos. Ele é um objeto de terror para todas as criaturas. Movido pelos ventos soprando de suas margens e se erguendo alto, agitado e perturbado, ele parece dançar com mãos erguidas representadas por suas ondas. Cheio de formidáveis vagalhões causados pelo crescer e diminuir da lua, o pai da grande concha de Vasudeva chamada Panchajanya, a grande mina de pedras preciosas, suas águas foram antigamente perturbadas por causa da agitação causada nelas pelo Senhor Govinda de destreza incomensurável quando ele assumiu a forma de um javali selvagem para erguer a Terra (submersa). Seu fundo, mais baixo do que as regiões mais profundas, o regenerado Rishi Atri cumpridor de votos não poderia sondar depois (de labutar por) cem anos. Ele se torna o leito de Vishnu de umbigo de lótus, quando no término de cada Yuga aquela divindade de poder imensurável desfruta de ioganidra, o sono profundo sob o encanto da meditação espiritual. Ele é o refúgio de Mainaka receosa do trovão cadente, e o retiro dos Asuras superados em combates violentos. Ele oferece água como manteiga sacrificial para o fogo ardente emanado da boca de Varava (a água do oceano). Ele é insondável e sem limites, vasto e imensurável, o senhor dos rios.

E elas viram que para ele corriam rios imensos aos milhares com passo orgulhoso, como competidores amorosos, cada um ávido para encontrá-lo, antecipando-se aos outros. E elas viram que ele estava sempre cheio, e sempre dançando em suas ondas. E elas viram que ele era profundo e cheio de baleias e makaras ferozes. E ele ressoava constantemente com os sons terríveis de criaturas aquáticas. E elas viram que ele era vasto, e amplo como a extensão do espaço, insondável, e ilimitado, o grandioso reservatório de água.”

E assim termina o vigésimo primeiro capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

## 22

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “Os Nagas depois de deliberação chegaram à conclusão que eles deviam cumprir a ordem de sua mãe, porque se ela falhasse em obter seu desejo ela poderia retirar sua afeição e queimar eles todos. Se, por outro lado, ela estivesse inclinada com benevolência, ela poderia libertá-los da maldição. Eles disseram, ‘Nós certamente tornaremos preto o rabo do cavalo.’ E é dito que eles então partiram e se tornaram pêlos no rabo do cavalo.

Assim sendo as duas co-esposas tinham feito a aposta. E tendo feito a aposta, ó melhor dos Brahmanas, as duas irmãs Kadru e Vinata, as filhas de Daksha, procederam em grande alegria pelo céu para ver o outro lado do Oceano. E em seu caminho elas viram o Oceano, aquele receptáculo de águas, incapaz de ser facilmente perturbado, poderosamente agitado de repente pelo vento, e rugindo tremendamente; cheio de peixes capazes de engolir uma baleia e cheio de makaras; contendo também criaturas de diversas formas contadas às milhares; assustador pela presença de monstros horríveis, inacessível, profundo e terrível, a mina de todos os tipos de pedras preciosas, o lar de Varuna (o deus da água), as maravilhosas habitações dos Nagas, o senhor dos rios, a residência do fogo subterrâneo; a residência dos Asuras e de muitas criaturas pavorosas; o reservatório de água, não sujeito à decadência, aromático e extraordinário, a grande fonte de amrita dos celestiais; imensurável e inconcebível, contendo águas que são sagradas, cheio até a borda por muitos milhares de grandes rios, dançando por assim dizer em ondas. Tal era o Oceano, cheio de ondas rolantes, vasto como a extensão do céu, profundo, de corpo iluminado com as chamas do fogo subterrâneo, e bramindo, sobre o qual as irmãs passaram rapidamente.”

E assim termina o vigésimo segundo capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

## 23

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “Tendo cruzado o Oceano, Kadru de velocidade rápida, acompanhada por Vinata, logo desceu perto do cavalo. Elas então contemplaram aquele principal dos corcéis de grande velocidade, com corpo branco como os raios da lua, mas tendo pêlos pretos (no rabo). E observando muitos cabelos pretos no rabo, Kadru pôs Vinata, que estava profundamente abatida, na escravidão. E dessa maneira Vinata, tendo perdido a aposta, entrou em um estado de escravidão e ficou muito triste.

Entrementes, quando chegou sua hora, irrompeu do ovo sem (a ajuda de sua) mãe, Garuda de grande esplendor, inflamando todos os pontos do universo, aquele ser poderoso dotado de força, aquela ave capaz de assumir à vontade qualquer forma, de ir à vontade a todos os lugares, e de chamar em seu auxílio à vontade qualquer quantidade energia. Refulgente como uma pilha de fogo, ele brilhava terrivelmente. De brilho igual àquele do fogo no fim da Yuga, seus olhos eram brilhantes como o clarão do raio. E logo depois do nascimento, aquela ave cresceu em tamanho, e aumentando seu corpo subiu aos céus. Feroz e rugindo veementemente, ele parecia tão terrível como um segundo oceano de fogo. E todas as divindades, ao vê-lo, procuraram a proteção de Vibhvasu (Agni). E eles reverenciaram aquela divindade de muitas formas sentada em seu assento e falaram a ele estas palavras, 'Ó Agni, não estenda teu corpo! Tu nos consumirás? Olhe, esta pilha enorme de tuas chamas está se expandindo amplamente!' E Agni

respondeu, 'Ó perseguidores dos Asuras, não é como vocês imaginam. Este é Garuda de grande força e igual a mim em esplendor, dotado de grande energia, e nascido para promover a alegria de Vinata. Mesmo a visão desta pilha de refulgência causou essa ilusão em vocês. Ele é o filho poderoso de Kasyapa, o destruidor dos Nagas, dedicado ao bem-estar dos deuses e o inimigo dos Daityas e dos Rakshasas. Não temam de modo algum. Venham comigo e vejam.' Assim endereçados, os deuses junto com os Rishis foram em direção a Garuda e o adoraram de uma distância.

Os deuses disseram, 'Tu és um Rishi (alguém conhecedor de todos os mantras), partilhas da maior porção em sacrifícios, sempre resplandecente, o controlador das aves, o espírito que preside o universo animado e inanimado. Tu és o destruidor de tudo, o criador de tudo; tu és o próprio Hiranyagarbha; tu és o progenitor da criação na forma de Daksha e outros Prajapatis; tu és Indra (o rei dos deuses), tu és Hayagriva a encarnação de pescoço de cavalo de Vishnu; tu és a flecha (o próprio Vishnu, porque ele se tornou tal nas mãos de Mahadeva no incêndio de Tripura); tu és o senhor do universo; tu és a boca de Vishnu; tu és Padmaja de quatro faces; tu és o Brahmana (sábio), tu és Agni, Pavana, etc. (as divindades presidentes de todos os objetos no universo). Tu és conhecimento, tu és a ilusão à qual nós todos estamos sujeitos; tu és o espírito que permeia tudo; tu és o senhor dos deuses; tu és a grande Verdade; tu és destemido; tu és sempre imutável; tu és Brahma sem atributos; tu és a energia do Sol; tu és as funções intelectuais; tu és nosso grande protetor; tu és o oceano de santidade; tu és pureza; tu és privado dos atributos da escuridão; tu és o possuidor dos seis atributos elevados; tu és aquele que não pode ser resistido em disputa. De ti todas as coisas emanaram; tu és de atos excelentes; tu és tudo o que não é e tudo o que é. Tu és conhecimento puro; tu revelas para nós, como Surya faz por meio de seus raios, este universo animado e inanimado; tu escureces o esplendor de Surya a todo o momento, e tu és o destruidor de tudo; tu és tudo o que é perecível e tudo o que é imperecível. Ó tu resplandecente como Agni, tu queimas tudo assim como Surya em sua fúria queima todas as criaturas. Ó terrível, tu resistes assim como o fogo que destrói tudo na época da Dissolução Universal. Ó Garuda poderoso que te moves nos céus, nós buscamos a tua proteção. Ó senhor das aves, tua energia é extraordinária, teu esplendor é aquele do fogo, teu brilho é como aquele do relâmpago do qual nenhuma escuridão pode se aproximar. Tu alcanças as próprias nuvens, e és a causa e o efeito; o distribuidor de bênçãos e invencível em bravura. Ó Senhor, todo esse universo se tornou quente por causa do teu esplendor, brilhante como o esplendor do ouro aquecido. Protejas estes deuses de grande alma, que dominados por ti e também apavorados, estão voando pelos céus em diferentes direções em seus carros celestes. Ó tu melhor das aves, tu Senhor de tudo, tu és o filho do piedoso Rishi Kasyapa de grande alma; portanto, não te enfureças, mas te apiedes do universo. Tu és Supremo. Ó, pacifiques tua raiva e nos preserva. Por meio da tua voz, alta como o ribombo do trovão, os dez pontos, os céus, a Terra e nossos corações, ó ave, tu estás fazendo tremer continuamente. Ó, diminuas este teu corpo parecido com Agni. À vista do esplendor parecendo aquele de Yama quando em fúria, nossos corações

perdem toda equanimidade e tremem. Ó tu senhor das aves, sejas propício para nós que pedimos tua piedade! Ó ilustre, nos concedas boa sorte e alegria.'

E aquela ave de belas penas, assim adorada pelas divindades e diversos grupos de Rishis, reduziu sua própria energia e esplendor.”

E assim termina o vigésimo terceiro capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

## 24

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “Então tomando conhecimento e observando seu próprio corpo, aquela ave de belas penas diminuiu seu tamanho.

E Garuda disse, ‘Que nenhuma criatura tema; e porque vocês estão assustados à visão da minha forma terrível, eu diminuirei minha energia.’”

Sauti continuou, “Então aquela ave capaz de ir a todo lugar à vontade, aquele explorador dos céus capaz de chamar em seu auxílio qualquer medida de energia, levando Aruna em suas costas, viajou até a casa de seu pai e chegou ao lado de sua mãe na outra margem do grande oceano. E ele colocou Aruna de grande esplendor nas regiões do leste, justo na hora em que Surya tinha resolvido queimar os mundos com seus raios ardentes.”

Saunaka disse, “Quando o venerável Surya resolveu queimar os mundos? Que ofensa foi feita a ele pelos deuses que provocou sua ira?”

Sauti disse, “Ó impecável, quando Rahu estava bebendo o néctar entre os deuses no momento do batimento do oceano ele foi apontado aos deuses por Surya e Soma, e daquela hora em diante ele concebeu uma inimizade em relação àquelas divindades. E após isto Rahu procurou devorar aquele que o afligia (Surya), que se enfureceu e pensou, ‘Oh, esta inimizade de Rahu em relação a mim surgiu do meu desejo de beneficiar os deuses. E esta consequência terrível eu tenho que suportar sozinho. De fato, nesta situação difícil eu não obtenho ajuda. E diante dos próprios olhos dos habitantes do céu eu vou ser devorado e eles toleram isto quietamente. Portanto, eu devo me esforçar para a destruição dos mundos.’ E com esta resolução ele foi para as montanhas do oeste.

E daquele local ele começou a irradiar seu calor para a destruição do mundo. E então os grandes Rishis, se aproximando dos deuses, falaram para eles, ‘Vejam, no meio da noite surge um grande calor enchendo de medo todos os corações, e destrutivo dos três mundos.’ Então os deuses, acompanhados pelos Rishis, foram até o Avô, e disseram a ele, ‘O que é este grande calor hoje que causa tal pânico? Surya ainda não surgiu, ainda assim a destruição (do mundo) é óbvia. Ó Senhor, o que acontecerá quando ele surgir?’ O Avô respondeu, ‘De fato, Surya está

preparado para surgir hoje para a destruição do mundo. Logo que ele aparecer ele reduzirá tudo a um monte de cinzas. Por mim, no entanto, a solução foi providenciada com antecedência. O inteligente filho de Kasyapa é conhecido por todos pelo nome de Aruna. Ele é enorme de corpo e de grande esplendor; ele ficará na frente de Surya, cumprindo o dever de seu quadrigário e tirando toda a energia do primeiro. E isto assegurará o bem-estar dos mundos, dos Rishis, e dos habitantes do céu.”

Sauti continuou, “Aruna, por ordem do Avô, fez tudo o que lhe foi ordenado fazer. E Surya surgiu encoberto pelo corpo de Aruna. Eu te contei agora por que Surya estava com raiva, e como Aruna, o irmão de Garuda, foi nomeado como seu quadrigário. Ouças agora a respeito daquela outra pergunta feita por ti há pouco tempo atrás.”

E assim termina o vigésimo quarto capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

## 25

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “Então aquela ave de grande força e energia e capaz de ir a todo lugar à vontade foi para o lado de sua mãe na outra margem do grande oceano. Lá vivia Vinata em aflição, derrotada na aposta e colocada em um estado de escravidão. Uma vez Kadru chamando Vinata que tinha se prostrado diante da primeira, dirigiu a ela estas palavras na presença de seu filho, 'Ó amável Vinata, há no meio do oceano, em uma área remota, uma região encantadora e formosa habitada pelos Nagas. Me leve até lá!' Nisto a mãe da ave de bela plumagem carregou (em seus ombros) a mãe das cobras. E Garuda também, guiado pelas palavras de sua mãe, carregou (em suas costas) as cobras. E aquele explorador dos céus nascido de Vinata começou a subir em direção ao Sol. E nisso as cobras, chamuscadas pelos raios do Sol, desmaiaram. E Kadru vendo seus filhos naquele estado rezou para Indra, dizendo, 'Eu reverencio a ti, Senhor de todos os deuses! Eu reverencio a ti, matador de Vritra! Eu reverencio a ti, matador de Namuchi! Ó tu de mil olhos, consorte de Sachi! Por meio de tuas chuvas, seja o protetor das cobras chamuscadas pelo Sol. Ó tu melhor das divindades, tu és o nosso grande protetor. Ó Purandara, tu és capaz de conceder chuva em torrentes. Tu és Vayu (o ar), as nuvens, o fogo, e o relâmpago dos céus. És tu que impulsionas as nuvens, e tens sido chamado de a grande nuvem (aquela que escurecerá o universo no fim do Yuga). Tu és o feroz e incomparável trovão, e as nuvens retumbantes. Tu és o Criador dos mundos e seu Destruidor. Tu és inconquistável. Tu és a luz de todas as criaturas, Aditya, Vibhvasu, e os elementos extraordinários. Tu és o soberano de todos os deuses. Tu és Vishnu. Tu tens mil olhos. Tu és um deus, e o recurso final. Tu és, ó divindade, todo o amrita, e o mais adorado Soma. Tu és o momento, o dia lunar, o bala (minuto), tu és o kshana (4 minutos). Tu és a quinzena iluminada, e também a quinzena escura. Tu és kala, kashtha, e Truti (divisões de

tempo). Tu és o ano, as estações, os meses, as noites, e os dias. Tu és a Terra formosa com suas montanhas e florestas. Tu és também o firmamento, resplandecente com o Sol. Tu és o grande Oceano com vagalhões violentos e cheio de baleias, engolidores de baleias, e makaras, e vários peixes. Tu és de grande renome, sempre adorado pelos sábios e pelos grandes Rishis com as mentes absortas em contemplação. Tu bebes, pelo bem de todas as criaturas, o suco Soma em sacrifícios e a manteiga clarificada oferecida com invocação sagrada. Tu és sempre adorado em sacrifícios por Brahmanas movidos pelo desejo de resultado. Ó tu de incomparável massa de força, tu és cantado nos Vedas e Vedangas. É por esta razão que Brahmanas eruditos determinados a realizar sacrifícios, estudam os Vedas com todo o cuidado.”

E assim termina o vigésimo quinto capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

## 26

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “E então Indra, o rei dos deuses, tendo o melhor dos cavalos como seu transportador, assim adorado por Kadru, cobriu o firmamento inteiro com massas de nuvens azuis. E ele comandou as nuvens, dizendo, ‘Derramem suas gotas vivificantes e abençoadas!’ E aquelas nuvens, luminosas com relâmpagos, e rugindo incessantemente umas contra as outras no céu, despejaram água abundante. E no céu, por causa daquelas nuvens extraordinárias rugindo terrivelmente que estavam gerando sem cessar vastas quantidades de água, parecia que o fim do Yuga tinha chegado. E por causa das miríades de ondas causadas pelas torrentes caindo, do rugido profundo das nuvens, dos lampejos de relâmpago, da violência do vento, e da agitação geral, o céu parecia estar dançando em loucura. O céu ficou obscurecido, e os raios do Sol e da Lua desapareceram totalmente por causa daquele aguaceiro incessante.

E por Indra causar aquele aguaceiro os Nagas ficaram muito encantados. E a Terra estava cheia de água por toda parte. A água fria e límpida alcançou até as regiões inferiores. E houve inúmeras ondas de água por toda a Terra. E as cobras com sua mãe alcançaram (em segurança) a ilha chamada Ramaniyaka.”

E assim termina o vigésimo sexto capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

## 27

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “Então os Nagas, encharcados por aquela chuva, ficaram muito contentes. E levados por aquela ave de belas penas, eles logo chegaram à ilha. Aquela ilha tinha sido fixada pelo Criador do Universo como a residência dos

makaras. Lá eles viram o terrível Lavana Samudra (oceano de sal). Ao chegarem lá com Garuda, eles viram uma bela floresta banhada pelas águas do mar e ressoando com a música de coros alados. E havia grupos de árvores por todos os lados carregadas com várias frutas e flores. E lá havia também belas mansões por toda parte, e muitos tanques cheios de lotos. E ela era também adornada com muitos lagos de água pura, e refrescada por brisas puras perfumadas com incenso. E ela era adornada com muitas árvores que cresciam somente nas colinas de Malaya, que pareciam por sua altura alcançar os próprios céus. E havia também várias outras árvores cujas flores eram espalhadas por toda parte pela brisa. Aquela floresta era encantadora e preciosa para os Gandharvas e sempre lhes dava prazer. E ela estava cheia de abelhas enlouquecidas pelo mel que elas sugavam. E a visão de tudo aquilo era muito agradável. E por causa de muitas coisas lá, capazes de encantar a todos, aquela floresta era bela, fascinante, e sagrada. E, ecoando com as notas de várias aves, ela agradou muito os filhos de Kadru.

E as cobras, depois de chegarem àquela floresta, começaram a se divertir. E elas ordenaram o senhor das aves, Garuda de grande energia, dizendo, 'Nos transporte para alguma outra ilha bela com água pura. Tu, explorador dos céus, deves ver muitas regiões belas enquanto percorre (o céu)'. Garuda, depois de refletir por poucos instantes, questionou sua mãe Vinata, dizendo, 'Por que, mãe, eu tenho que fazer o que as cobras mandam?' Vinata, assim questionada por ele falou para aquele explorador dos céus, seu filho, investido com todas as virtudes, de grande energia e grande força, o seguinte. Vinata disse, 'Ó tu melhor das aves, eu me tornei, por desgraça, a escrava da minha co-esposa. As cobras, por meio de um ato fraudulento, me fizeram perder uma aposta e me fizeram isso.' Quando sua mãe havia lhe dito a razão, o explorador dos céus, abatido pela dor, se dirigiu às cobras, dizendo, 'Me digam, ó cobras, por trazer que coisa, ganhar conhecimento de que coisa, ou fazer qual ato de bravura, nós podemos ser libertos desta condição de escravidão a vocês.' Sauti continuou, 'As cobras, ouvindo ele, disseram: 'Traga amrita pela força. Então, ó ave, vocês serão libertos da escravidão.'"

E assim termina o vigésimo sétimo capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

## 28

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, "Garuda, assim endereçado pelas cobras, então disse para sua mãe, 'Eu trarei amrita, mas desejo comer alguma coisa no caminho. Instrua-me como fazer isso.' Vinata respondeu, 'Em uma região remota no meio do oceano, os Nishadas têm sua bela casa. Tendo comido os milhares de Nishadas que vivem lá, tragas amrita. Mas que teu coração nunca decida tirar a vida de um Brahmana. De todas as criaturas um Brahmana não deve ser morto. Ele é, de fato,

como fogo. Um Brahmana, quando zangado, se torna como o fogo ou o Sol, como veneno ou uma arma afiada. Um Brahmana, é dito, é o mestre de todas as criaturas. Por essas e outras razões, um Brahmana é venerado pelos virtuosos. Ó filho, ele nunca deve ser morto por ti mesmo que estejas com raiva. Hostilidade com Brahmanas, portanto, não seria apropriada sob quaisquer circunstâncias. Ó impecável, nem Agni nem Surya podem destruir tanto quanto um Brahmana de votos rígidos, quando zangado. Por essas várias indicações tu deves reconhecer um bom Brahmana. De fato, o brahmana é o primogênito de todas as criaturas, a principal das quatro classes, o pai e o mestre de todos.' Garuda então perguntou, 'Ó mãe, de que forma é um Brahmana, de que comportamento, e de que destreza? Ele brilha como fogo, ou ele é de aparência tranquila? E, ó mãe, cabe a ti dizer à minha pessoa inquiridora aqueles sinais auspiciosos pelos quais eu posso reconhecer um Brahmana.' Vinata respondeu, dizendo, 'Ó filho, tu reconhecerás como o melhor dentre os Brahmanas aquele que tendo entrado na tua garganta te torturará como um anzol ou te queimará como carvão ardente. Um Brahmana nunca deve ser morto por ti mesmo que estejas com raiva.' E Vinata, por afeição por seu filho, novamente lhe disse essas palavras, 'Deve ser reconhecido por ti como um bom Brahmana aquele que não for digerido no teu estômago.' Embora ela conhecesse a força incomparável de seu filho, ainda ela o abençoou sinceramente, porque, enganada pelas cobras, ela estava muito aflita. E ela disse, 'Que Marut (o deus dos ventos) proteja tuas asas, e Surya e Soma tuas regiões vertebrais; que Agni proteja tua cabeça, e os Vasus todo o teu corpo. Eu também, ó filho (ocupada em cerimônias benéficas), me sentarei aqui pelo teu bem-estar. Vá então, ó filho, em segurança realizar teu propósito.'"

Sauti continuou, "Então Garuda, tendo ouvido as palavras de sua mãe, esticou suas asas e ascendeu aos céus. E dotado de grande força, ele logo caiu sobre os Nishadas, faminto e como outro Yama. E determinado a matar os Nishadas, ele ergueu uma grande quantidade de poeira que se espalhou pelo firmamento, e aspirando água do meio do oceano, sacudiu as árvores que cresciam nas montanhas adjacentes. E então aquele senhor das aves obstruiu as principais ruas da cidade dos Nishadas com sua boca, aumentando sua abertura à vontade. E os Nishadas começaram a se lançar com muita pressa na direção da boca aberta do grande comedor de serpentes. E como aves em grande aflição sobem às milhares para os céus quando as árvores em uma floresta são sacudidas pelos ventos, assim aqueles Nishadas cegos pela poeira erguida pela tempestade entraram na fissura amplamente estendida da boca de Garuda aberta para recebê-los. E então o faminto senhor de todos os exploradores dos céus, aquele opressor de inimigos, dotado de grande força, e se movendo com a maior rapidez para alcançar seu objetivo, fechou sua boca, matando inúmeros Nishadas que eram pescadores."

Assim termina o vigésimo oitavo capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

(Continuação do Astika Parva)

Sauti continuou, “Certo Brahmana com sua esposa tinha entrado na garganta daquele explorador dos céus. O primeiro começou a queimar a garganta da ave como um pedaço de carvão ardente. Garuda se dirigiu a ele, dizendo, ‘Ó melhor dos Brahmanas, saia logo da minha boca a qual eu abro para ti. Um Brahmana nunca deve ser morto por mim mesmo que esteja envolvido em práticas pecaminosas.’ Para Garuda que tinha se dirigido a ele desta maneira o Brahmana disse, ‘Ó, que esta mulher da casta Nishada, que é minha esposa, também saia comigo.’ E Garuda disse, ‘Levando a mulher também da casta Nishada contigo, saia logo. Salve a ti mesmo sem demora já que tu ainda não foste digerido pelo calor do meu estômago.’”

Sauti continuou, “E então aquele Brahmana, acompanhado por sua mulher da casta Nishada, saiu, e louvando Garuda seguiu seu caminho. E quando aquele Brahmana tinha saído com sua mulher, aquele senhor das aves, veloz como a mente, esticando suas asas subiu aos céus. Ele então viu seu pai, e, saudado por ele, Garuda, de destreza incomparável, deu as respostas apropriadas. E o grande Rishi (Kasyapa) então perguntou, ‘Ó filho, está tudo bem contigo? Tu consegues comida suficiente todo dia? Há alimento em abundância para ti no mundo dos homens?’

Garuda respondeu, ‘Minha mãe está sempre bem. E assim está meu irmão, e assim estou eu. Mas pai, eu nem sempre obtenho bastante comida, por isso minha paz é incompleta. Eu fui enviado pelas cobras para buscar o excelente amrita. De fato, eu buscá-lo-ei hoje para emancipar minha mãe da escravidão. Minha mãe me mandou, dizendo, ‘Coma os Nishadas.’ Eu os comi aos milhares, mas minha fome não está satisfeita. Portanto, ó venerável, indique para mim algum outro alimento, por comer o qual, ó mestre, eu possa ser forte o suficiente para trazer amrita pela força. Tu deves indicar algum alimento com o qual eu possa satisfazer minha fome e sede.’

Kasyapa respondeu, ‘Este lago que tu procuras é sagrado. Ele é conhecido até nos céus. Lá há um elefante, com face para baixo, que arrasta continuamente uma tartaruga, seu irmão mais velho. Eu te falarei em detalhes sobre a hostilidade deles em uma vida anterior. Apenas escute enquanto eu te conto por que eles estão lá.

Havia antigamente um grande Rishi de nome Vibhvasu. Ele era extremamente colérico. Ele tinha um irmão mais novo de nome Supritika. O último era avesso a manter sua riqueza juntamente com a de seu irmão. E Supritika ia sempre falar de divisão. Depois de algum tempo seu irmão Vibhvasu disse a Supritika, ‘É por grande tolice que pessoas cegas por amor pela riqueza sempre desejam fazer uma divisão de seu patrimônio. Depois de efetuarem a divisão elas brigam entre si, iludidas pela riqueza. Então também, inimigos no disfarce de amigos causam desavenças entre homens ignorantes e egoístas depois que eles se tornam

separados em riqueza, e indicando falhas fortalecem suas rixas, desse modo os últimos logo caem um a um. A ruína absoluta logo traga os separados. Por essas razões os sábios nunca falam com aprovação sobre a divisão entre irmãos que, quando divididos, não respeitam os Sastras mais autorizados e vivem sempre com medo um do outro. Mas como tu, Supritika, sem respeitar meu conselho impelido pelo desejo de separação, sempre desejavas fazer um arranjo acerca da nossa propriedade, tu te tornarás um elefante.' Supritika, assim amaldiçoado, então falou a Vibhavasú, 'Tu também virarás uma tartaruga se movendo no meio das águas.'

E assim por causa da riqueza aqueles dois tolos, Supritika e Vibhavasú, por causa da maldição um do outro, se tornaram um elefante e uma tartaruga respectivamente. Devido à sua ira, eles viraram animais inferiores. E eles estão envolvidos em hostilidades um com o outro, orgulhosos de sua força excessiva e do peso de seus corpos. E naquele lago aqueles dois seres de corpos enormes agem segundo sua antiga hostilidade. Olhe lá, um entre eles, o belo elefante de corpo enorme, está agora mesmo se aproximando. Ouvindo seu rugido, a tartaruga também de corpo enorme, vivendo dentro das águas, vem para fora, agitando o lago violentamente. E vendo ele, o elefante, torcendo seu tronco, se lança na água. E dotado de grande energia, com o movimento de suas presas e da parte dianteira de seu tronco e rabo e pés, ele agita a água do lago cheio de peixes. E a tartaruga também de grande força, com cabeça erguida, se adianta para um combate. E o elefante tem seis yojanas de altura e duas vezes essa medida de circunferência. E a altura da tartaruga é três yojanas e sua circunferência dez. Coma ambos que estão envolvidos loucamente no combate e inclinados a matar um ao outro, e então realize a tarefa que tu desejavas. Comendo aquele elefante feroz que parece com uma montanha enorme e se assemelha a uma massa de nuvens escuras, traga o amrita."

Sauti continuou, "Tendo dito isso para Garuda, ele (Kasyapa) o abençoou, dizendo, 'Seja abençoado quando estiveres em combate com os deuses. Que jarros de água cheios até a borda, Brahmanas, vacas e outros objetos propícios te abençoem, ovíparo. E, ó tu de grande força, quando tu estiveres em combate com os deuses, que os Riks, os Yajus, os Samas, a manteiga sacrificial sagrada e todos os mistérios (Upanishads) constituam tua força.'

Garuda, assim endereçado por seu pai, se dirigiu para o lado daquele lago. Ele viu aquela extensão de água clara com aves de várias espécies em volta. E lembrando-se das palavras de seu pai, aquele explorador dos céus possuidor de grande rapidez de movimento agarrou o elefante e a tartaruga, um em cada garra. E aquela ave então se elevou alto no ar. E ele chegou a um lugar sagrado chamado Alamva e viu muitas árvores divinas. E atingidas pelo vento erguido por suas asas, aquelas árvores começaram a tremer de medo. E aquelas árvores divinas tendo ramos dourados temeram se quebrar. E o explorador dos céus vendo que aquelas árvores capazes de conceder todo desejo estavam tremendo com medo, foi até outras árvores de aparência incomparável. Aquelas árvores gigantescas eram adornadas com frutos de ouro e prata e ramos de pedras preciosas. E elas eram banhadas com a água do mar. E havia uma grande figueira de bengala (banian) entre elas, que tinha crescido a proporções gigantescas, que

falou àquele senhor das aves que seguia em direção a ela com a velocidade da mente, 'Sente neste meu ramo largo que se estende por cem yojanas e coma o elefante e a tartaruga.' Quando aquela melhor das aves, de grande rapidez e de corpo parecendo uma montanha, desceu rapidamente sobre um ramo daquela árvore banian, o refúgio de milhares de criaturas aladas, aquele ramo também cheio de folhas tremeu e se quebrou.”

Assim termina o vigésimo nono capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

## 30

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “Ao próprio toque de Garuda de grande força com seus pés, o ramo da árvore quebrou e foi pego por Garuda. Olhando em volta admirado ele viu Rishis Valakhilya suspensos dali com cabeças para baixo e engajados em penitências ascéticas. Refletindo que se aquele ramo caísse os Rishis estariam mortos, o poderoso segurou o elefante e a tartaruga ainda mais firmemente com suas garras. E por medo de matar os Rishis e desejando salvá-los, ele segurou aquele ramo em seu bico, e se ergueu em suas asas. Os grandes Rishis estavam admirados à visão daquele ato dele que estava além até do poder dos deuses, e deram àquela ave poderosa um nome. E eles disseram, ‘Como este explorador dos céus se eleva em suas asas carregando uma carga pesada, que esta principal das aves que tem cobras como seu alimento seja chamada de Garuda (carregador de grande peso)’.

E sacudindo as montanhas com suas asas, Garuda percorreu calmamente os céus. E quando ele voou com o elefante e a tartaruga (em suas garras), e viu várias regiões abaixo. Desejando salvar os Valakhilyas, ele não viu um local sobre o qual pousar. Finalmente ele foi àquela principal das montanhas chamada Gandhamadana. Lá ele viu seu pai Kasyapa ocupado em devoções ascéticas. Kasyapa também viu seu filho, aquele explorador dos céus, de forma divina, possuidor de grande esplendor, e energia e força, e dotado da velocidade do vento ou da mente, enorme como um topo de montanha, um atacante preparado como a maldição de um Brahmana, inconcebível, indescritível, assustador para todas as criaturas, possuidor de grande coragem, terrível, do esplendor do próprio Agni, e incapaz de ser vencido pelas divindades, Danavas, e Rakshasas invencíveis, capaz de partir picos de montanha e sugar o próprio oceano e destruir os três mundos, feroz, e parecendo com o próprio Yama. O ilustre Kasyapa, vendo ele se aproximar e sabendo também seu motivo, falou para ele essas palavras:

Kasyapa disse, 'Ó filho, não cometa um ato precipitado, pois então tu terias que sofrer. Os Valakhilyas, se sustentando por beberem os raios do sol, se zangados, podem te destruir.'”

Sauti continuou, “Kasyapa então conciliou, por causa de seu filho, os Valakhilyas de excelente boa sorte e cujos pecados tinham sido destruídos por penitências ascéticas. E Kasyapa disse, ‘Vocês cuja riqueza é ascetismo, o trabalho de Garuda é para o bem de todas as criaturas. É grande a tarefa que ele está se esforçando para realizar. Cabe a vocês conceder a ele sua permissão.’”

Sauti continuou, “Aqueles ascetas assim endereçados pelo ilustre Kasyapa abandonaram aquele ramo e foram para a montanha sagrada de Himavat para propósitos de penitências ascéticas. Depois que aqueles Rishis tinham ido embora, o filho de Vinata, com a voz obstruída pelo ramo em seu bico, questionou seu pai Kasyapa dizendo, 'Ó ilustre, onde eu jogo este ramo da árvore? Ó ilustre, indique para mim alguma região sem seres humanos.' Então Kasyapa falou de uma montanha sem seres humanos com cavernas e vales sempre cobertos de neve e incapaz de ser alcançada por criaturas comuns mesmo em pensamento. E a grande ave carregando aquele ramo, e aquele elefante e aquela tartaruga, foi com grande velocidade em direção àquela montanha. O grande galho da árvore com o qual aquela ave de corpo enorme voou não poderia ser circundado por uma corda feita de cem peles (de vaca). Garuda, o senhor das aves, então voou por centenas de milhares de yojanas dentro do tempo mais curto. E seguindo de acordo com as indicações de seu pai para aquela montanha quase em um instante, aquele explorador dos céus deixou cair o ramo gigantesco. E ele caiu com um grande barulho. E aquele Príncipe das montanhas tremeu atingido pela tempestade erguida pelas asas de Garuda. E as árvores sobre ele derramaram chuvas de flores. E os picos decorados com pedras preciosas e ouro adornando aquela grande montanha se desprenderam e caíram para todos os lados. E o ramo caindo derrubou numerosas árvores que, com flores douradas em meio à folhagem escura, brilharam lá como nuvens carregadas de relâmpagos. E aquelas árvores, brilhantes como ouro, caindo ao solo e, tingidas com os metais da montanha, brilhavam como se elas estivessem banhadas nos raios do sol.

Então aquela melhor das aves, Garuda, pousando no topo daquela montanha, comeu o elefante e a tartaruga e se ergueu em suas asas com grande velocidade do topo da montanha.

E vários presságios começaram a aparecer entre os deuses predizendo temor. O raio predileto de Indra se inflamou em terror. Meteoros com chamas e fumaça, soltos do céu, caíam durante o dia. E as armas dos Vasus, Rudras, Adityas, Sabhyas, Maruts, e dos outros deuses começaram a gastar sua força umas contra as outras. Tal coisa nunca tinha acontecido nem durante a guerra entre os deuses e os Asuras. E os ventos sopraram acompanhados com trovões, e meteoros caíam aos milhares. E o céu, embora sem nuvens, rugia tremendamente. E até ele que era o deus dos deuses despejou chuvas de sangue. E as guirlandas floridas nos pescoços dos deuses murcharam e a coragem deles sofreu diminuição. E terríveis massas de nuvens derramaram chuvas grossas de sangue. E o pó erguido pelo vento escureceu o esplendor das próprias coroas dos deuses. E ele de mil sacrifícios (Indra), com os outros deuses, perplexos com medo ao ver aqueles maus presságios falaram para Vrihaspati dessa maneira, 'Por que, ó venerável, estes distúrbios naturais surgiram de repente? Eu não vejo um inimigo

que possa nos oprimir em guerra.' Vrihaspati respondeu, 'Ó chefe dos deuses, ó tu de mil sacrifícios, é por tua falha e descuido, e também devido às penitências ascéticas dos Rishis de grande alma, os Valakhilyas, que o filho de Kasyapa e Vinata, um explorador dos céus dotado de grande força e que possui a capacidade de assumir qualquer forma à vontade, está se aproximando para roubar o Soma. E aquela ave, mais notável entre todos os que são dotados com grande força, é capaz de roubar o Soma de vocês. Tudo é possível para ele; ele pode alcançar o inalcançável.'"

Sauti continuou, "Indra, tendo ouvido essas palavras, então falou para aqueles que guardavam o amrita, dizendo, 'Uma ave dotada de grande força e energia decidi roubar o amrita. Eu aviso a vocês com antecedência para que ele não possa ter êxito em levá-lo pela força. Vrihaspati me disse que a força dele é imensurável.' E os deuses ouvindo isso ficaram assombrados e tomaram precauções. E eles permaneceram cercando o amrita, e Indra também de grande bravura, o manejador do trovão, ficou com eles. E os deuses usavam curiosos peitorais de ouro, de grande valor, e ornamentados com pedras preciosas, e brilhantes armaduras feitas de couro de grande resistência. E as divindades poderosas manejavam várias armas de gume afiado de formas terríveis, inumeráveis, emitindo, todas elas, faíscas de fogo com fumaça. E eles estavam também armados com muitos discos e maçãs de ferro equipados com pontas, e tridentes, machados de batalha, e várias espécies de mísseis de pontas afiadas e espadas e maçãs brilhantes de formas aterradoras, todas sendo apropriadas para seus respectivos corpos. E enfeitados com ornamentos celestes e resplandecentes com aquelas armas brilhantes, os deuses esperaram lá, seus temores diminuídos. E os deuses de força, energia e esplendor incomparáveis, resolveram proteger o amrita. Capazes de rachar as cidades dos Asuras, todos se mostravam em formas resplandecentes como o fogo. E por causa dos deuses permanecendo lá, aquele (suposto) campo de batalha, devido a centenas de milhares de maçãs equipadas com pontas de ferro, brilhava como outro firmamento iluminado pelos raios do Sol."

Assim termina o trigésimo capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

## 31

(Continuação do Astika Parva)

Saunaka disse, "Ó filho de Suta, qual foi a falha de Indra, qual seu ato de negligência? Como Garuda nasceu em consequência das penitências ascéticas dos Valakhilyas? Por que também Kasyapa, um Brahman, teve o rei das aves como filho? Por que, também, de todas as criaturas ele era invencível e impossível de ser morto? Por que também aquele explorador dos céus era capaz de ir a todos os lugares à vontade e de reunir à vontade qualquer quantidade de energia? Se isto é descrito no Purana, eu gostaria de ouvir."

Sauti disse, “O que tu me perguntas é, de fato, assunto do Purana. Ó duas vezes nascido, escute enquanto eu narro tudo isto resumidamente.

Uma vez, quando o senhor da criação, Kasyapa, estava ocupado em um sacrifício por desejo de filhos, os Rishis, os deuses e os Gandharvas, todos o ajudaram. E Indra foi designado por Kasyapa para trazer o combustível sacrificial; e com ele aqueles ascetas Valakhilyas, e todas as outras divindades. E o senhor Indra, erguendo em conformidade com sua própria força, um peso que era como uma montanha, o carregou sem qualquer fadiga. E ele viu no caminho alguns Rishis, de corpos da medida do polegar, todos juntos carregando um único talo de uma folha de Palasa (Butea frondosa). E aqueles Rishis eram, por falta de alimento, muito magros e quase imersos em seus próprios corpos. E eles eram tão fracos que ficavam muito aflitos quando caíam na água acumulada em um entalhe na estrada produzido pelo casco de uma vaca. E Purandara, orgulhoso de sua força, os observou com surpresa, e dando risada deles em escárnio logo os deixou para trás os insultando, além disso, por passar sobre suas cabeças. E aqueles Rishis sendo insultados dessa maneira se encheram de raiva e tristeza. E eles fizeram preparativos para um grande sacrifício pelo que Indra ficou assustado. Ouça, ó Saunaka, a respeito do desejo pela realização do qual aqueles sábios cumpridores de votos e excelentes ascetas derramaram manteiga clarificada no fogo sacrificial com mantras ruidosamente proferidos, 'Haverá outro Indra de todos os deuses, capaz de ir a todos os lugares à vontade, e de reunir à vontade qualquer quantidade de energia, e de encher de medo o (atual) rei dos deuses. Pelo fruto de nossa penitência ascética, que ele surja veloz como a mente, e, além disso, feroz.' E o senhor dos celestiais de cem sacrifícios, vindo a saber disso, ficou muito alarmado e procurou a proteção de Kasyapa cumpridor de votos. E o Prajapati Kasyapa, ouvindo tudo de Indra, foi até os Valakhilyas e perguntou a eles se seu sacrifício tinha sido bem sucedido. E aqueles Rishis faladores da verdade responderam a ele, dizendo, 'Que seja como tu disseres!' E o Prajapati Kasyapa, os acalmando, falou a eles o seguinte, 'Pela palavra de Brahman, este (Indra) foi feito o Senhor dos três mundos. Ó ascetas, vocês também estão se esforçando para criar outro Indra! Ó excelentes, não cabe a vocês falsificar a palavra de Brahman. Também que este propósito, para (realizar) o qual vocês estão se esforçando, não se torne inútil. Que surja um Indra (Senhor) das criaturas aladas, dotado de excesso de força! Sejam benevolentes com Indra que é um suplicante perante vocês.' E os Valakhilyas, assim endereçados por Kasyapa, depois de oferecerem reverência àquele principal dos Munis, o Prajapati Kasyapa, falaram.

Os Valakhilyas disseram, ‘Ó Prajapati, este sacrifício de nós todos é por um Indra! De fato ele também foi destinado para um filho nascer para ti! Que esta tarefa agora seja deixada para ti. E nesta questão faça o que quer que tu aches bom e apropriado.’”

Sauti continuou, “Enquanto isso, movida pelo desejo de filhos, a boa filha de Daksha, a cumpridora de votos, amável, e afortunada Vinata, com suas penitências ascéticas terminadas, tendo se purificado com um banho naquela época quando a companhia conjugal podia ser produtiva, se aproximou de seu

marido. E Kasyapa falou a ela, 'Respeitada, o sacrifício começado por mim deu frutos. O que é desejado por ti acontecerá. Dois filhos heróicos nascerão para ti, que serão os senhores dos três mundos. Pelas penitências dos Valakhilyas e em virtude do desejo com o qual eu comecei meu sacrifício, aqueles filhos serão muito afortunados e adorados nos três mundos!' E o ilustre Kasyapa falou a ela novamente, 'Mantenha estas sementes auspiciosas com grande cuidado. Estes dois serão os senhores de todas as criaturas aladas. Estes heróicos exploradores dos céus serão respeitados em todos os mundos, e capazes de assumir qualquer forma à vontade.'

E o Prajapati, satisfeito com tudo o que aconteceu então se dirigiu a Indra de cem de sacrifícios, dizendo, 'Tu terás dois irmãos de grande energia e coragem, que serão para ti assim como colaboradores. Deles nenhuma injúria resultará para ti. Que tua tristeza acabe; tu continuarás como o senhor de tudo. No entanto, que os que pronunciam o nome de Brahma nunca mais sejam desdenhados por ti. Nem que os próprios coléricos, cujas palavras são como o raio, sejam outra vez insultados por ti.' Indra, assim endereçado, foi para o céu, com seus temores dissipados. E Vinata também, com seu objetivo alcançado, estava muito contente. E ela deu à luz a dois filhos, Aruna e Garuda. E Aruna, de corpo não desenvolvido, se tornou o precursor do Sol. E Garuda foi investido com o domínio sobre as aves. Ó tu da linhagem de Bhrigu, ouça atentamente agora à poderosa realização de Garuda."

Assim termina o trigésimo primeiro capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

## 32

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, "Ó principal dos Brahmanas, os deuses tendo se preparado para a batalha daquela maneira, Garuda, o rei das aves, logo se aproximou daqueles sábios. E os deuses vendo ele de força excessiva começaram a tremer de medo, e atacaram uns aos outros com todas as suas armas. E entre aqueles que protegiam o Soma estava Brahmana (o arquiteto celeste), de poder incomensurável, refulgente como o fogo elétrico e de grande energia. E depois de um combate terrível que durou apenas um instante, conduzido pelo senhor das aves com suas garras, bico, e asas, ele (Brahmana) jazia como morto sobre os campos. E o explorador dos céus, fazendo os mundos ficarem escuros com a poeira erguida pelo furacão de suas asas, oprimiu os celestiais dessa forma. E os últimos, subjugados por aquela poeira, desmaiaram. E os imortais que protegiam o amrita, cegados por aquele pó, não podiam mais ver Garuda. Assim Garuda agitou a região dos céus. E assim mesmo ele mutilou os deuses com os ferimentos infligidos por suas asas e bico.

Então o deus de mil olhos comandou Vayu (o deus do vento), dizendo, 'Dissipe logo essa chuva de poeira. Ó Maruta, esta é de fato, tua tarefa.' Então o poderoso

Vayu logo afastou a poeira. E quando a escuridão tinha desaparecido, os celestiais atacaram Garuda. E quanto ele de grande poder foi atacado pelos deuses, ele começou a rugir alto, como a grande nuvem que aparece no céu no fim do Yuga, aterrorizando toda criatura. E aquele rei das aves, de grande energia, aquele matador dos heróis hostis, então se ergueu em suas asas. Todos os sábios (os celestiais) com Indra entre eles, armados com espadas largas de dois gumes, maças de ferro equipadas com pontas afiadas, lanças pontudas, maças, flechas brilhantes, e muitos discos da forma do sol, o viram acima. E o rei das aves os atacou por todos os lados com chuvas de várias armas e lutou muito duramente sem vacilar um momento. E o filho de Vinata, de grande coragem brilhando no céu, atacou os deuses com suas asas e bico. E sangue começou a fluir copiosamente dos corpos dos deuses mutilados pelas garras e pelo bico de Garuda. Vencidos pelo senhor das aves, os Sadhyas com os Gandharvas fugiram para o leste, os Vasus com os Rudras em direção ao sul, os Adityas em direção ao oeste, e os gêmeos Aswins em direção ao norte. Dotados com grande energia, eles se retiraram da luta, olhando para trás a todo o momento para seu inimigo.

E Garuda teve combates com os Yakshas, Aswakranda de grande coragem, Rainuka, o audacioso Krathanaka, Tapanas, Uluka, Swasanaka, Nimesha, Praruja, e Pulina. E o filho de Vinata os mutilou com suas asas, garras, e bico, como o próprio Siva, aquele castigador de inimigos, e o manejador de Pinaka em fúria no fim do Yuga. E aqueles Yakshas de grande força e coragem, completamente mutilados por aquele explorador dos céus, pareciam com massas de nuvens negras derramando chuvas grossas de sangue.

E Garuda, os privando de vida, então foi até onde o amrita estava. E ele viu que ele (o amrita) estava totalmente cercado por fogo. E as chamas terríveis daquele fogo cobriam o céu inteiro. E movidas por ventos violentos, elas pareciam dispostas a queimar o próprio Sol. O ilustre Garuda então assumiu noventa vezes noventa bocas e bebendo rapidamente as águas de muitos rios com aquelas bocas e retornando com grande velocidade, aquele castigador de inimigos, tendo asas como seu veículo, extinguiu aquele fogo com aquela água. E extinguindo aquele fogo, ele assumiu uma forma muito pequena, desejoso de entrar no (local onde o Soma estava).”

Assim termina o trigésimo segundo capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

## 33

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “E aquela ave, assumindo um corpo dourado brilhante como os raios do Sol, entrou com grande força (na região onde o Soma estava), como uma corrente entrando no oceano. E ele viu colocada perto do Soma uma roda de aço de gume afiado, e afiada como a navalha, girando incessantemente. E aquele instrumento violento, do esplendor do sol brilhante e de forma terrível, tinha sido

planejado pelos deuses para cortar em pedaços todos os ladrões de Soma. Garuda, vendo uma passagem através dela, parou lá por um momento. Diminuindo seu corpo, em um instante ele passou pelos raios daquela roda. Dentro da linha da roda, ele viu posicionadas lá para guardar o Soma duas grandes cobras da refulgência do fogo ardente, com línguas brilhantes como o clarão do relâmpago, de grande energia, com bocas emitindo fogo, com olhos ardentes, contendo veneno, muito terríveis, sempre com raiva, e de grande presteza. Seus olhos estavam sempre inflamados com ira e também não piscavam. Aquele que pudesse ser visto mesmo por uma das duas seria imediatamente reduzido a cinzas. A ave de belas penas de repente cobriu seus olhos com poeira. E despercebido por elas ele as atacou de todos os lados. E o filho de Vinata, aquele explorador dos céus, atacando seus corpos, as mutilou em pedaços. Ele então se aproximou do Soma sem perda de tempo. Então o poderoso filho de Vinata, tirando o Amrita do lugar onde ele era mantido, se elevou em suas asas com grande velocidade, quebrando em pedaços a máquina que o tinha circundado. E a ave logo saiu, levando o Amrita, mas sem beber dele. E ele então tomou seu caminho sem a menor fadiga, escurecendo o esplendor do Sol.

E o filho de Vinata então encontrou Vishnu em seu caminho pelo céu. E Narayana estava satisfeito com aquele ato de desprendimento por parte de Garuda. E aquela divindade, que não conhece deterioração, disse ao explorador dos céus, 'Ó, eu estou inclinado a te conceder uma bênção.' O explorador dos céus então disse, 'Eu ficarei acima de ti.' E ele novamente falou para Narayana estas palavras, 'Eu serei imortal e livre de doença sem (beber) Amrita.' Vishnu disse ao filho de Vinata, 'Assim seja.' Garuda, recebendo aqueles dois benefícios, disse a Vishnu, 'Eu também te concederei um benefício; portanto, que o possuidor dos seis atributos peça de mim.' Vishnu então pediu para o poderoso Garuda se tornar seu transportador. E ele fez a ave se sentar no mastro de bandeira do seu carro, dizendo, 'Assim tu ficarás acima de mim.' E o explorador dos céus, de grande velocidade, dizendo para Narayana, 'Assim seja' rapidamente seguiu seu caminho, zombando do vento com sua velocidade.

E enquanto aquele principal de todos os exploradores dos céus, aquela principal das criaturas aladas, Garuda, percorria o ar depois de levar à força o Amrita, Indra lançou seu raio nele. Então Garuda, o senhor das aves, atingido pelo raio, falou rindo para Indra dedicado ao combate, em palavras gentis, dizendo, 'Eu respeitarei o Rishi (Dadhichi) de cujo osso o Vajra foi feito. Eu também respeitarei o Vajra, e também a ti de mil sacrifícios. Eu deixo cair esta minha pena cuja ponta tu não alcançarás. Atingido pelo teu raio eu não senti a mínima dor.' E tendo dito isso o rei das aves lançou uma pena sua. E todas as criaturas ficaram muito contentes, vendo aquela pena excelente de Garuda assim deixada cair. E vendo que a pena era muito bela, elas disseram, 'Que esta ave seja chamada de Suparna (que tem belas penas)'. E Purandara de mil olhos, testemunhando esse incidente notável, pensou que aquela ave era algum grande ser e se dirigiu a ele dessa maneira.

E Indra disse, 'Ó melhor das aves, eu desejo conhecer o limite da tua grande força. Eu também desejo amizade eterna contigo.'"

Assim termina o trigésimo terceiro capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

## 34

(Continuação do Astika Parva)

Sauti continuou, “Garuda então disse, ‘Ó Purandara, que haja amizade entre nós como tu desejas. Minha força, saiba, é difícil de suportar. Ó tu de mil sacrifícios, os bons nunca devem falar muito da sua própria força, nem a respeito dos seus próprios méritos. Mas sendo um amigo, e perguntado por ti, ó amigo, eu te responderei, embora auto-elogio sem razão sempre seja impróprio. Eu posso carregar, sobre uma única pena minha, ó Sakra, esta Terra, com suas montanhas e florestas e com as águas do oceano, e contigo também posicionado sobre ela. Saiba, minha força é tal que eu posso carregar sem qualquer fadiga até todos os mundos colocados juntos, com seus objetos móveis e imóveis.’”

Sauti continuou, ‘Ó Saunaka, depois que Garuda de grande coragem tinha falado dessa maneira, Indra, o chefe dos deuses, o portador da coroa (celeste), sempre dedicado ao bem dos mundos, respondeu, dizendo, ‘É como tu disseste. Tudo é possível em ti. Aceite agora minha sincera e cordial amizade. E se tu não tens interesse pelo Soma, devolva-o para mim. Aqueles a quem tu o darias sempre se oporiam a nós.’ Garuda respondeu, ‘Há um motivo específico pelo qual o Soma está sendo levado por mim. Eu não darei o Soma para alguém beber. Mas, ó tu de mil olhos, depois de eu tê-lo colocado no chão, tu, ó senhor dos céus, poderás então pegá-lo e imediatamente levá-lo para longe.’ Indra então disse, ‘Ó ovíparo, eu estou muito grato por essas palavras agora faladas por ti. Ó melhor de todos os exploradores dos céus; aceite de mim qualquer bênção que desejares.’”

Sauti continuou, “Então Garuda, lembrando dos filhos de Kadru e lembrando também da escravidão de sua mãe causada por um ato de fraude devido à razão bem conhecida (a maldição de Aruna), disse, ‘Embora eu tenha poder sobre todas as criaturas, eu ainda cumprirei tua ordem. Que, ó Sakra, as cobras poderosas se tornem meu alimento.’ O matador dos Danavas tendo dito a ele, ‘Assim seja’, então foi até Hari, o deus dos deuses, de grande alma, e o senhor dos Yogins. E o último sancionou tudo o que tinha sido dito por Garuda. E o ilustre senhor do céu disse novamente a Garuda, ‘Eu levarei o Soma quando tu o colocares no chão.’ E tendo falado dessa maneira ele se despediu de Garuda. E a ave de belas penas então foi até a presença de sua mãe com grande velocidade.

E Garuda em alegria então falou para todas as cobras, ‘Aqui eu trouxe o Amrita. Deixem-me colocá-lo sobre alguma erva Kusa. Ó cobras, sentando aqui, bebam dele depois de terem realizado suas abluções e ritos religiosos. Como dito por vocês, que minha mãe se torne, deste dia em diante, livre, pois eu cumpri sua ordem.’ As cobras disseram a Garuda, ‘Assim seja’, e então foram realizar suas abluções. Enquanto isso, Sakra pegou o Amrita e voltou para o céu. As cobras

depois de realizarem suas abluções, suas devoções diárias, e outros ritos sagrados, voltaram em alegria, desejosas de beber o Amrita. Elas viram que o leito de erva kusa sobre o qual o Amrita tinha sido colocado estava vazio, o próprio Amrita tendo sido levado por um ato contrário de fraude. E elas começaram a lambe-lamber com suas línguas a erva kusa, porque o Amrita tinha estado sobre ela. E as línguas das cobras por causa daquele ato se dividiram em duas. E a erva kusa, também, pelo contato com Amrita, veio a ser sagrada desde então. Assim o ilustre Garuda trouxe Amrita (dos céus) para as cobras, e assim as línguas das cobras foram divididas pelo que Garuda fez.

Então a ave de belas penas, muito satisfeita, se divertiu naquelas florestas acompanhada por sua mãe. De realizações grandiosas, e profundamente reverenciado por todos os exploradores dos céus, ele satisfez sua mãe por devorar as cobras.

O homem que ouvir esta história, ou a ler para uma assembléia de bons Brahmanas, deve sem dúvida ir para o céu, adquirindo grande mérito da recitação (dos feitos de) Garuda.”

E assim termina o trigésimo quarto capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

## 35

(Continuação do Astika Parva)

Saunaka disse, “Ó filho de Suta, tu nos disseste a razão por que as cobras foram amaldiçoadas por sua mãe, e por que Vinata também foi amaldiçoada por seu filho. Tu também nos falaste acerca da concessão de bênçãos, por seu marido, a Kadru e Vinata. Tu igualmente nos falaste os nomes dos filhos de Vinata. Mas tu ainda não recitaste para nós os nomes das cobras. Nós estamos ansiosos para ouvir os nomes das mais importantes.”

Sauti disse, “Ó tu cuja riqueza é ascetismo, por recear me estender muito, eu não mencionarei os nomes de todas as cobras. Mas eu recitarei os nomes das principais. Ouça!

Sesha nasceu primeiro, e então Vasuki. (Então nasceram) Airavata, Takshaka, Karkotaka, Dhananjaya, Kalakeya, a serpente Mani, Purana, Pinjaraka, e Elapatra, Vamana, Nila, Anila, Kalmasha, Savala, Aryaka, Ugra, Kalasapotaka, Suramukha, Dadhimukha, Vimalapindaka, Apta, Karotaka, Samkha, Valisikha, Nisthanaka, Hemaguha, Nahusha, Pingala, Vahyakarna, Hastipada, Mudgarapindaka, Kamvala Aswatara, Kaliyaka, Vritta, Samvartaka, Padma, Mahapadma, Sankhamukha, Kushmandaka, Kshemaka, Pindaraka, Karavira, Pushpadanshtraka, Vilwaka, Vilwapandara, Mushikada, Sankhasiras, Purnabhadra, Haridra, Aparajita, Jyotika, Srivaha, Kauravya, Dhritarashtra, Sankhapinda, Virajas, Suvahu, Salipinda, Prabhakara, Hastipinda, Pitharaka, Sumuksha, Kaunapashana, Kuthara,

Kunjara, Kumuda, Kumudaksha, Tittri, Halika, Kardama, Vahumulaka, Karkara, Akarkara, Kundodara, e Mahodara.

Assim, ó melhor dos regenerados, eu disse os nomes das principais serpentes. Por receio de ser tedioso eu não dou os nomes do resto. Ó tu cuja riqueza é ascetismo, os filhos daquelas cobras, com seus netos, são incontáveis. Refletindo sobre isso eu não os mencionarei para ti. Ó melhor dos ascetas, neste mundo o número de cobras frustra o cálculo, havendo muitos milhares e milhões delas.”

Assim termina o trigésimo quinto capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

## 36

(Continuação do Astika Parva)

Saunaka disse, “Ó filho, tu citaste muitas das serpentes dotadas com grande energia e incapazes de serem facilmente vencidas. O que elas fizeram depois de ouvir aquela maldição?”

Sauti disse, “O ilustre Sessa entre elas, de grande renome, deixando sua mãe praticou penitências difíceis, vivendo do ar e cumprindo rigidamente seus votos. Ele praticou aquelas devoções ascéticas se dirigindo a Gandhamadana, Vadri, Gokarna, às florestas de Pushkara, e à base de Himavat. E ele passava seus dias naquelas regiões sagradas, algumas das quais eram sagradas por sua água e outras por seu solo na rígida observância de seus votos, com perseguição de um só fim, e suas paixões sob controle completo. E o Avô de todos, Brahma, viu o asceta com cabelo nodoso, vestido em trapos, e sua carne, pele, e tendões ressecados devido às duras penitências que ele estava praticando. E o Avô se dirigiu a ele, aquele praticante de penitências de grande fortaleza, e disse, ‘O que é que te atormenta, ó Sessa? Que o bem-estar das criaturas dos mundos também ocupe teus pensamentos. Ó impecável, tu estás afligindo todas as criaturas por causa das tuas duras penitências. Ó Sessa, me conte o desejo implantado em teu peito.’

E Sessa respondeu, ‘Meus irmãos uterinos são todos de corações perversos. Eu não desejo viver entre eles. Que isto seja permitido por ti. Como inimigos eles estão sempre ciumentos uns dos outros. Eu estou, portanto, engajado em práticas ascéticas. Eu nem mesmo verei eles. Eles nunca demonstram qualquer bondade para com Vinata e seu filho. De fato, o filho de Vinata capaz de viajar pelos céus é outro irmão nosso. Eles sempre o invejam. E ele, também, é muito mais forte devido à concessão daquela bênção por nosso pai, Kasyapa de grande alma. Por isto eu me dediquei a penitências ascéticas, e eu rejeitarei este meu corpo, para que eu possa evitar a companhia deles, até em outro estado de vida.’

Para Sessa que tinha dito isso o Avô disse, ‘Ó Sessa, eu sei do comportamento de todos os teus irmãos e do seu grande perigo devido à sua ofensa contra sua mãe. Mas, ó Cobra, uma reparação (para isso) foi fornecida por mim

antecipadamente. Não cabe a ti te afligir por causa dos teus irmãos. Ó Sesha, peça de mim a bênção que desejas. Eu estou muito satisfeito contigo e te concederei hoje um benefício. Ó melhor das cobras, é auspicioso que teu coração esteja estabelecido na virtude. Que teu coração esteja cada vez mais firmemente fixado na virtude.'

Então Sesha respondeu, 'Ó Avô divino, este é o benefício desejado por mim: que meu coração possa sempre se deleitar na virtude e em abençoadas penitências ascéticas, ó Senhor de tudo!'

Brahman disse, 'Ó Sesha, eu estou muito satisfeito com esta tua abnegação e amor pela paz. Mas, por minha ordem, que este ato seja feito por ti pelo bem das minhas criaturas: sustente, ó Sesha, devidamente e bem, esta Terra tão instável com suas montanhas e florestas, seus mares e cidades e retiros, para que ela possa ficar firme.'

Sesha disse, 'Ó Senhor divino de todas as criaturas, ó concessor de bênçãos, ó senhor da Terra, senhor de todas coisas as criadas, senhor do universo, eu, assim como tu disseste, mantereí a Terra estável. Portanto, ó senhor de todas as criaturas, coloque-a sobre minha cabeça.'

Brahman disse, 'Ó melhor das cobras, vá por baixo da Terra. Ela mesma te dará uma fenda para atravessar. E, ó Sesha, por segurares a Terra, tu farás sem dúvida o que é muitíssimo prezado por mim.'"

Sauti continuou, "Então o irmão mais velho do rei das cobras, entrando em um buraco, passou para o outro lado da Terra, e a segurando, sustentou com sua cabeça aquela deusa com sua faixa de mares passando em volta.

Brahman disse, 'Ó Sesha, ó melhor das cobras, tu és o deus Dharma, porque sozinho, com teu corpo enorme, tu sustentas a Terra com tudo sobre ela, assim como eu mesmo, ou Valavit (Indra), podemos.'"

Sauti continuou, "A cobra, Sesha, o senhor Ananta, de grande destreza, vive embaixo da Terra, sustentando sozinho o mundo por ordem de Brahman. E o Avô ilustre, o melhor dos imortais, então deu para Ananta a ave de belas penas, o filho de Vinata, para auxílio de Ananta."

Assim termina o trigésimo sexto capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

## 37

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, "Aquele melhor das cobras, Vasuki, ouvindo a maldição de sua mãe, refletiu como poderia malográ-la. Ele teve uma conversa com todos os seus irmãos, Airavata e outros, empenhados em fazer o que eles julgassem melhor para si mesmos.

E Vasuki disse, 'Ó impecáveis, o propósito da maldição é conhecido por vocês. Cabe a nós nos esforçarmos para neutralizá-la. Reparações certamente existem para todas as maldições, mas nenhuma reparação pode ser útil para aqueles amaldiçoados por sua mãe. Sabendo que essa maldição foi proferida na presença do Imutável, do Infinito, e do Verdadeiro, meu coração treme. Certamente, nossa aniquilação se aproxima. Do contrário, por que o Senhor Imutável não impediu nossa mãe enquanto ela proferia a maldição? Portanto, vamos estudar hoje como nós podemos assegurar a segurança das cobras. Não percam tempo. Todos vocês são sábios e perspicazes. Vamos deliberar e descobrir os meios de libertação como (fizeram) os deuses antigos para recuperar o perdido Agni que tinha se escondido dentro de uma caverna, para que o sacrifício de Janamejaya para a destruição das cobras não possa acontecer, e para que nós não sejamos destruídos.'"

Sauti continuou, "Assim endereçada toda a prole de Kadru se reuniu, e, sábios em conselhos, submeteram suas opiniões uns aos outros. Uma parte das serpentes disse; 'Nós devemos assumir o disfarce de Brahmanas superiores, e suplicar a Janamejaya, dizendo, 'Este seu sacrifício (planejado) não deve se realizar.' Outras cobras pensando ser sábias, disseram, 'Nós todos devemos nos tornar seus conselheiros prediletos. Ele então certamente pedirá nosso conselho em todos os projetos. E nós então o aconselharemos de maneira que o sacrifício possa ser obstruído. O rei, o principal dos homens sábios, pensando que somos legítimos certamente nos perguntará sobre seu sacrifício. Nós diremos, 'Isso não deve acontecer.' E indicando muitos males sérios neste e nos próximos mundos, nós tomaremos cuidado para que o sacrifício não possa se realizar. Ou, que uma das cobras, se aproximando, morda a pessoa que, dedicada ao bem do monarca, e bem familiarizada com os ritos do sacrifício de cobras, possa ser nomeada como o sacerdote sacrificial, pelo que ele morrerá. Morrendo o sacerdote sacrificial, o sacrifício não será completado. Nós também morderemos todos aqueles que, familiarizados com os ritos do sacrifício de cobras, possam ser nomeados Ritwiks do sacrifício, e por estes meios alcançaremos nosso objetivo.' Outras cobras, mais virtuosas e benignas, disseram, 'Ó, este seu conselho é mau. Não é apropriado matar Brahmanas. Em perigo, a solução apropriada é aquela que é abençoada nas práticas dos virtuosos. A injustiça ao final destrói o mundo.' Outras serpentes disseram, 'Nós extinguiremos o ardente fogo sacrificial por nos tornarmos nuvens luminosas com relâmpagos e derramarmos chuvas torrenciais.' Outras cobras, as melhores da sua espécie, propuseram, 'Iremos, à noite, roubar o recipiente do suco Soma. Isso perturbará o rito. Ou, naquele sacrifício, que as cobras, às centenas e milhares, mordam as pessoas, e espalhem terror em volta. Ou, que as serpentes maculem o alimento puro com sua urina e fezes poluidoras de alimento.' Outras disseram; 'Nos tornemos os Ritwiks do rei, e impeçamos este sacrifício por dizer no início, 'Nos dê a taxa sacrificial.' Ele (o rei), sendo colocado em nosso poder, fará o que quisermos.' Outros lá disseram, 'Quando o rei for se divertir nas águas, nós o carregaremos para nossa casa e o amarraremos, pelo que aquele sacrifício não se realizará!' Outras serpentes que se julgavam sábias, disseram, 'Nos aproximando do rei, vamos mordê-lo, pelo que nosso objetivo será

alcançado. Com a morte dele a raiz de todo o mal será arrancada. Esta é a deliberação final de todos nós, ó tu que ouves com teus olhos! Então, faça depressa o que tu consideras apropriado.' Tendo dito isso eles olharam atentamente para Vasuki, aquela melhor das cobras. E Vasuki também, depois de refletir, respondeu dizendo, 'Ó cobras, esta determinação final de vocês não parece digna de adoção. Nenhum dos seus conselhos é do meu agrado. Qual eu direi que será para o seu bem? Eu penso que somente a graça do ilustre Kasyapa (nosso pai) pode nos fazer bem. Ó cobras, meu coração não sabe qual de todas as suas sugestões é para ser adotada para o bem-estar da minha linhagem como também meu. Deve ser feito por mim aquilo que será para sua felicidade. É isso que me faz tão ansioso, porque o crédito ou o descrédito (da medida) é somente meu.'"

Assim termina o trigésimo sétimo capítulo no Astika Parva do Adi Parva.

## 38

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, 'Ouvindo os respectivos discursos de todas as cobras, e ouvindo também as palavras de Vasuki, Elapatra começou a se dirigir a eles, dizendo, 'Aquele sacrifício não é um que possa ser impedido. Nem o rei Janamejaya da família Pandava de quem este temor procede, é tal pessoa que pode ser impedida. A pessoa, ó rei, que é afligida pelo destino só pode recorrer ao destino; nada mais pode ser seu refúgio. Ó melhores das cobras, este seu medo tem o destino como sua causa. Só o destino deve ser nosso refúgio nisto. Escutem o que eu digo. Quando aquela maldição foi proferida, ó melhores das cobras, amedrontado eu fiquei abaixado no colo de nossa mãe. Ó melhores das cobras, e ó senhor (Vasuki) de grande esplendor, daquele local eu ouvi as palavras que os deuses entristecidos falaram ao Avô. Os deuses disseram, 'Ó Avô, deus dos deuses, quem mais além da cruel Kadru poderia, depois de gerar tais filhos queridos, amaldiçoá-los dessa forma, mesmo na tua presença? E, ó Avô, por ti também foi falado, com referência àquelas palavras dela, 'Assim seja.' Nós desejamos saber a razão por que tu não a impediste.' Brahman respondeu, 'As cobras se multiplicaram. Elas são cruéis, terríveis em forma e muito venenosas. Por desejar o bem das minhas criaturas eu não impedi Kadru então. Aquelas serpentes venenosas e outras que são pecaminosas, mordendo outros por nenhum erro, de fato, serão destruídas, mas não aquelas que são inofensivas e virtuosas. E ouçam também, como, quando chegar a hora, as cobras poderão escapar daquela calamidade terrível. Nascerá na linhagem dos Yayavaras um grande Rishi conhecido pelo nome de Jaratkaru, inteligente, com paixões sob controle completo. Aquele Jaratkaru terá um filho de nome Astika. Ele parará o sacrifício. E aquelas cobras que forem virtuosas escaparão de lá.' Os deuses disseram, 'Ó tu conhecedor da verdade, em quem Jaratkaru, aquele principal Muni, dotado de grande energia e ascetismo, gerará aquele filho ilustre?' Brahma

respondeu, 'Dotado de grande energia, aquele melhor Brahmana gerará um filho possuidor de grande energia em uma esposa do mesmo nome que ele. Vasuki, o rei das cobras, tem uma irmã de nome Jaratkaru; o filho, de quem eu falo, nascerá dela, e ele libertará as cobras.'

Elapatra continuou, 'Os deuses então disseram ao Avô, 'Assim seja.' E o senhor Brahman, tendo dito isso para os deuses, foi para o céu. Ó Vasuki, eu vejo diante de mim aquela tua irmã conhecida pelo nome de Jaratkaru. Para nos livrar do nosso medo, a entregues como esmolas para ele (o Rishi), Jaratkaru, de votos excelentes, que vagará pedindo por uma noiva. Este meio de libertação foi ouvido por mim!'"

## 39

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, "Ó melhor dos regenerados, ouvindo essas palavras de Elapatra todas as serpentes, em grande alegria, exclamaram, 'Bem dito, bem dito!' E daquele tempo em diante Vasuki começou a criar cuidadosamente aquela moça, sua irmã Jaratkaru. E ele teve grande prazer em educá-la.

E muito tempo não decorreu disto, quando os deuses e os Asuras, se reunindo, bateram a residência de Varuna. E Vasuki, o principal de todos dotados com força, se tornou a corda de bater. E logo que o trabalho estava terminado, o rei das cobras se apresentou perante o Avô. E os deuses, acompanhados por Vasuki, se dirigiram ao Avô, dizendo, 'Ó senhor, Vasuki está sofrendo grande aflição por medo (da maldição de sua mãe). Cabe a ti arrancar a tristeza, gerada da maldição de sua mãe, que tem perfurado o coração de Vasuki desejoso do bem-estar de sua raça. O rei das cobras é sempre nosso amigo e benfeitor. Ó Senhor dos deuses, seja benevolente para com ele e alivie a ansiedade da sua mente.'

Brahman respondeu, 'Ó imortais, eu tenho pensado, em minha mente, a respeito do que vocês disseram. Que o rei das cobras faça aquilo que lhe foi comunicado anteriormente por Elapatra. Chegou a hora. Só serão destruídos aqueles que são perversos, não aqueles que são virtuosos. Jaratkaru nasceu, e aquele Brahmana está engajado em difíceis penitências ascéticas. Que Vasuki, na hora apropriada, entregue sua irmã para ele. Ó deuses, o que foi falado pela cobra Elapatra para o bem das cobras é verdadeiro e não o contrário.'"

Sauti continuou, "Então o rei das cobras, Vasuki, aflito com a maldição de sua mãe, ouvindo essas palavras do Avô, e planejando entregar sua irmã ao Rishi Jaratkaru, mandou todas as serpentes, em grande número das quais eram sempre atentas aos seus deveres, vigiar o Rishi Jaratkaru, dizendo, 'Quando o senhor Jaratkaru pedir por uma esposa, venham imediatamente e me informem. O bem-estar da nossa raça depende disso.'"

## 40

(Continuação do Astika Parva)

Saunaka disse, “Ó filho de Suta, eu desejo saber por que o ilustre Rishi que tu mencionaste, Jaratkaru, veio a ser assim chamado sobre a terra. Cabe a ti nos dizer a etimologia do nome Jaratkaru.”

Sauti disse, “Jara é dito que significa perda, e Karu implica enorme. O corpo daquele Rishi tinha sido enorme, e ele gradualmente o reduziu por meio de severas penitências ascéticas. Pela mesma razão, ó Brahmanas, a irmã de Vasuki se chamava Jaratkaru.”

O virtuoso Saunaka, quando ouviu isso, sorriu e se dirigindo a Ugrasravas disse, “É isso mesmo.”

Saunaka então disse, “Eu ouvi tudo o que tu narraste antes. Eu desejo saber como Astika nasceu.”

Sauti, ao ouvir estas palavras, começou a narrar segundo o que estava escrito nos Sastras.

Sauti disse, “Vasuki, desejoso de entregar sua irmã ao Rishi Jaratkaru, deu às cobras as ordens (necessárias). Mas os dias se passaram, porém aquele Muni sábio de votos rígidos, profundamente envolvido em práticas ascéticas, ainda não havia procurado uma mulher. Aquele Rishi de grande alma, estudioso e profundamente dedicado ao ascetismo, com sua semente vital sob total controle, vagava destemidamente por toda a terra e não desejava uma esposa.

Posteriormente houve um rei, ó Brahmana, de nome Parikshit, nascido na linhagem dos Kauravas. E, como seu bisavô Pandu antigamente, ele tinha braços fortes, era o principal de todos os manejadores de arcos em batalha, e gostava de caçar. E o monarca vagava, caçando veados, javalis selvagens, lobos, búfalos e várias outras espécies de animais selvagens. Um dia, tendo perfurado um veado com uma flecha afiada e colocado seu arco em suas costas, ele penetrou na floresta profunda, procurando pelo animal aqui e ali, como o próprio Rudra ilustre antigamente perseguindo nos céus, arco na mão, o veado o qual era Sacrifício, ele mesmo transformado naquela forma, depois de perfurá-lo. Nunca um veado perfurado por Parikshit tinha escapado na floresta com vida. Aquele veado, embora ferido como o anterior, fugiu com velocidade, como a (aproximada) causa da ida do rei para o céu. E o veado que Parikshit, aquele rei de homens, tinha perfurado se perdeu da vista do monarca e o levou muito longe dentro da floresta. E cansado e com sede, ele encontrou um Muni, na floresta, sentado em um curral e bebendo para se satisfazer da espuma que escorria para fora das bocas de

bezerros chupando o leite de suas mães. E se aproximando dele apressadamente, o monarca, faminto e fatigado, e erguendo seu arco, questionou aquele Muni de votos rígidos, dizendo, 'Ó Brahmana, eu sou o rei Parikshit, o filho de Abhimanyu. Um veado que eu atingi está perdido. Tu o viste?' Mas aquele Muni estava cumprindo então o voto de silêncio, e não falou a ele uma palavra. E o rei com raiva por isso colocou sobre o ombro dele uma cobra morta, a erguendo com a ponta de seu arco. O Muni o permitiu fazer isto sem protesto. E ele não falou uma palavra, boa ou má. E o rei vendo ele naquele estado abandonou sua raiva e ficou desanimado. E ele voltou para sua capital, mas o Rishi continuou no mesmo estado. O Muni clemente, sabendo que o monarca que era um tigre entre os reis era fiel aos deveres da sua classe, não o amaldiçoou, embora insultado. Aquele tigre entre os monarcas, aquele principal da linhagem de Bharata, também não sabia que a pessoa que ele tinha insultado assim era um Rishi virtuoso. E foi por isso que ele o tinha insultado daquela maneira..

Aquele Rishi tinha um filho de nome Sringin, jovem, dotado de grande energia, profundo em penitências ascéticas, severo em seus votos, muito colérico, e difícil de ser apaziguado. Às vezes, ele reverenciava com grande atenção e respeito seu preceptor sentado em seu assento e dedicado ao bem das criaturas.

E ordenado por seu preceptor, ele estava indo para casa quando, ó melhor dos Brahmanas, um companheiro dele, o filho de um Rishi chamado Krisa, de um modo brincalhão falou rindo para ele (sobre seu pai). E Sringin, colérico e como o próprio veneno, ouvindo aquelas palavras em referência a seu pai, se enraiveceu.

E Krisa disse, 'Não te orgulhes, ó Sringin, pois asceta como tu és e possuidor de energia, teu pai leva em seus ombros uma cobra morta. Daqui em diante não fale uma palavra para filhos de Rishis como nós que temos conhecimento da verdade, somos profundos em penitências ascéticas, e temos alcançado êxito. Onde está aquela tua coragem, aquelas tuas grandes palavras geradas de orgulho, quando tu és obrigado a ver teu pai carregando uma cobra morta? Ó melhor de todos os Munis, teu pai também não fez nada para merecer esse tratamento, e é por isso que eu estou particularmente pesaroso como se o castigo fosse meu.'"

## 41

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, "Sendo assim endereçado, e sabendo que seu pai estava carregando uma cobra morta, o poderoso Sringin se inflamou com fúria. E olhando para Krisa, e falando suavemente, ele perguntou, 'Diga-me, por favor, por que meu pai leva hoje uma cobra morta?' E Krisa respondeu, 'Quando o rei Parikshit estava perambulando, com o objetivo de caçar, ó caro, ele colocou a cobra morta sobre o ombro do teu pai.'

E Sringin perguntou, 'Que injúria foi feita por meu pai àquele monarca pecaminoso? Ó Krisa, me diga isto, e testemunhe o poder do meu ascetismo.'

E Krisa respondeu, 'O rei Parikshit, o filho de Abhimanyu, enquanto caçava, tinha ferido um veado veloz com uma flecha e o perseguia sozinho. E o rei perdeu de vista o animal naquela selva extensa. Vendo então teu pai, ele o abordou imediatamente. Teu pai estava então cumprindo o voto de silêncio. Oprimido por fome, sede e esforço, o príncipe repetidas vezes questionou teu pai sentado imóvel, a respeito do veado perdido. O sábio, estando sob o voto de silêncio, não deu resposta. O rei por isso colocou a cobra no ombro do teu pai com a ponta de seu arco. Ó Sringin, teu pai dedicado à devoção ainda está na mesma postura. E o rei também foi para sua capital que tem o nome do elefante!'" (Hastinapura)

Sauti continuou, "Sabendo que uma cobra morta havia sido colocada sobre os ombros (de seu pai), o filho do Rishi, seus olhos avermelhados de raiva, se enfureceu. E possuído pela raiva, o pujante Rishi então amaldiçoou o rei, tocando a água e dominado pela ira.

E Sringin disse, 'Aquele canalha e pecaminoso monarca que colocou uma cobra morta nos ombros do meu velho e pobre pai, aquele ofensor de Brahmanas e maculador da fama dos Kurus, será levado dentro sete noites para as regiões de Yama (Morte) pela cobra Takshaka, o poderoso rei das serpentes, estimulado a isso pela força das minhas palavras!'"

Sauti continuou, "E tendo assim amaldiçoado (o rei) por raiva, Sringin foi até seu pai, e viu o sábio sentado no curral, portando a cobra morta. E vendo seu pai naquela situação, ele ficou outra vez inflamado com ira. E ele derramou lágrimas de angústia, e se dirigiu a seu pai dizendo, 'Pai, tendo sido informado desta tua desgraça nas mãos daquele canalha pecaminoso, o rei Parikshit, eu por raiva até o amaldiçoei; e aquele pior dos Kurus mereceu totalmente minha maldição potente. Dentro de sete dias a partir de hoje, Takshaka, o senhor das cobras, levará o rei pecaminoso para a residência horrível da Morte.' E o pai disse ao filho enfurecido, 'Filho, eu não estou satisfeito contigo. Ascetas não devem agir dessa maneira. Nós vivemos nos domínios daquele grande rei. Nós somos protegidos por ele com justiça. Em tudo o que ele faz, o rei predominante deve ser perdoado pelos semelhantes a nós. Se tu destróis Dharma, em verdade Dharma te destruirá. Se o rei não nos protegesse devidamente, nós passaríamos muito mal; nós não poderíamos realizar nossos ritos religiosos segundo nosso desejo. Mas protegidos por soberanos honrados nós alcançamos mérito imenso, e eles têm direito a uma parte disso. Portanto, a realeza reinante deve ser perdoada sem dúvida. E Parikshit como seu grande antepassado nos protege como um rei deve proteger seus súditos. Aquele monarca praticante de penitências estava cansado e oprimido pela fome. Ignorante do meu voto (de silêncio) ele fez isso. Um país sem rei sempre sofre de males. O rei pune os criminosos, e o medo das punições leva à paz; e as pessoas cumprem seus deveres e realizam seus ritos tranquilas. O rei estabelece a religião, estabelece o reino do céu. O rei protege os sacrifícios de distúrbios, e sacrifícios agradam aos deuses. Os deuses causam chuva, e a chuva produz grãos e ervas que são sempre úteis para o homem. Manu disse que um

soberano dos destinos de homens é igual (em dignidade) a dez sacerdotes que estudam os Vedas. Fatigado e oprimido pela fome, aquele príncipe praticante de penitências fez isto por ignorância do meu voto. Por que então tu estouvadamente fizeste esta ação injusta por infantilidade? Ó filho, de nenhum modo o rei merece uma maldição de nós.”

## 42

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “E Sringin então respondeu a seu pai, dizendo, ‘Se este é um ato de estouvamento, ó pai, ou uma ação imprópria que eu fiz, se tu gostaste ou não gostaste disso, as palavras faladas por mim nunca serão em vão. Ó pai, eu te digo (uma maldição) nunca pode ser contrariada. Eu nunca falei uma mentira nem em brincadeira.’

E Samika disse, 'Caro filho, eu sei que tu és de grande destreza, e sincero em palavras. Tu nunca falaste uma mentira antes, por isso tua maldição nunca será anulada. O filho, até quando ele alcança a velhice, deve ainda ser sempre aconselhado pelo pai, para que coroado com boas qualidades ele possa obter grande renome. Um filho como és, quanto mais tu precisarás de conselhos? Tu estás sempre engajado em penitências ascéticas. A ira mesmo dos ilustres possuidores dos seis atributos aumenta imensamente. Ó tu principal das pessoas cumpridoras da ordenança, vendo que tu és meu filho e um menor também, e vendo também tua impulsividade, eu vejo que eu devo te aconselhar. Vivas, ó filho, inclinado à paz e comendo frutas e raízes da floresta. Mates essa tua raiva e não destruas o resultado das tuas ações ascéticas desse modo. A raiva sem dúvida diminui a virtude que ascetas adquirem com grandes tormentos. E então para aqueles carentes de virtude o estado abençoado não existe. A calma sempre dá êxito para ascetas clementes. Portanto, te tornando clemente em teu temperamento e conquistando tuas paixões, tu deve sempre viver. Através do perdão tu alcançarás mundos que estão além do alcance do próprio Brahman. Tendo eu mesmo adotado a quietude, e com o desejo também de fazer o bem tanto quanto eu puder, eu devo fazer alguma coisa; devo mesmo enviar uma mensagem àquele rei, dizendo, 'Ó monarca, tu foste amaldiçoado por meu filho jovem de intelecto não desenvolvido, em fúria, ao ver teu ato de desrespeito com relação a mim.'”

Sauti continuou, “E aquele grande asceta, cumpridor de votos, movido pela bondade, enviou com instruções apropriadas um discípulo seu ao rei Parikshit. E ele enviou seu discípulo Gaurmukha de boas maneiras e dedicado também a penitências ascéticas, o instruindo para primeiro perguntar sobre o bem-estar do rei e então comunicar a mensagem real. E aquele discípulo logo se aproximou daquele monarca, o líder da família Kuru. E ele entrou no palácio do rei tendo primeiro enviado a notícia de sua chegada através do servo em serviço no portão.

E o duas vezes nascido Gaurmukha foi devidamente reverenciado pelo monarca. E depois de descansar por um tempo ele detalhou completamente ao rei, na presença de seus ministros, as palavras de Samika, de significação cruel, exatamente como ele havia sido instruído.

E Gaurmukha disse, 'Ó rei de reis, há um Rishi, de nome Samika, de alma virtuosa, com suas paixões sob controle, pacífico, e dado a difíceis devoções ascéticas, vivendo em teus domínios! Por ti, ó tigre entre homens, foi colocada nos ombros daquele Rishi que estava cumprindo no momento o voto de silêncio, uma cobra morta, com a ponta do teu arco! Ele mesmo te perdoou aquele ato. Mas seu filho não pôde. E pelo último hoje tu foste amaldiçoado, ó rei de reis, sem o conhecimento de seu pai, no sentido de que dentro de sete noites, (a cobra) Takshaka causará tua morte. E Samika repetidamente pediu a seu filho para te salvar, mas ninguém pode anular a maldição de seu filho. E porque ele foi incapaz de acalmar seu filho possuído pela raiva, portanto eu fui enviado a ti, ó rei, para o teu bem!'

E aquele rei da família Kuru, ele mesmo dedicado a práticas ascéticas, tendo ouvido essas palavras cruéis e lembrando sua própria ação pecaminosa, ficou extremamente pesaroso. E o rei, sabendo que aquele principal dos Rishis na floresta estava cumprindo o voto de silêncio, foi duplamente afligido pela tristeza e vendo a bondade do Rishi Samika, e considerando seu próprio ato pecaminoso em direção a ele, ficou muito arrependido. E o rei parecido com um verdadeiro deus não sofreu tanto por saber de sua morte quanto por ter feito aquele ato para o Rishi.

E então o rei expediu Gaurmukha, dizendo, 'Que o venerável (Samika) seja benevolente para comigo!' E quando Gaurmukha tinha ido embora, o rei, em grande ansiedade, sem perda de tempo, consultou seus ministros. E tendo os consultado, o rei, ele mesmo sábio em conselhos, fez uma mansão ser construída sobre uma coluna solitária. E ela era bem guardada dia e noite. E para sua proteção foram colocados lá médicos e remédios, e Brahmanas hábeis em mantras por toda parte. E o monarca, protegido por todos os lados, cumpria seus deveres reais daquele lugar cercado por seus ministros virtuosos. E ninguém podia se aproximar daquele melhor dos reis lá. Até o ar não podia ir lá, sendo impedido de entrar.

E quando o sétimo dia tinha chegado, ó melhor dos Brahmanas, o erudito Kasyapa estava indo (em direção à residência do rei), desejoso de tratar do rei (depois da mordida da cobra). Ele sabia de tudo o que havia acontecido, que Takshaka, aquela principal das cobras, enviaria aquele melhor dos monarcas para a presença de Yama (Morte). E ele pensou, 'Eu curarei o monarca depois que ele for mordido por aquela principal das cobras. Por meio disso eu posso obter riqueza e posso adquirir virtude também.' Mas aquele príncipe das cobras, Takshaka, na forma de um velho Brahmana, viu Kasyapa se aproximando em seu caminho, decidido a curar o rei. E o príncipe das cobras então falou àquele touro entre os Munis, Kasyapa, dizendo, 'Para onde tu vais com tal velocidade? Qual, além disso, é o negócio no qual tu estás envolvido?'

E Kasyapa, assim endereçado, respondeu, 'Takshaka, por meio de seu veneno, hoje queimará o rei Parikshit da família Kuru, aquele opressor de todos os inimigos. Eu vou rapidamente, ó amável, curar, sem perda de tempo, o rei de destreza imensurável, o único representante da linhagem Pandava, depois que ele for mordido por Takshaka semelhante ao próprio Agni em energia.' E Takshaka respondeu, 'Eu sou Takshaka, ó Brahmana, e queimarei aquele senhor da terra. Pare, pois tu és incapaz de curar alguém mordido por mim.' E Kasyapa replicou, 'Eu estou certo de que, possuidor (como eu sou) do poder da ciência, indo para lá eu curarei aquele monarca mordido por ti.'”

## 43

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse: “E Takshaka, depois disso, respondeu, ‘Se, de fato, tu és capaz de curar qualquer criatura mordida por mim, então, ó Kasyapa, reviva esta árvore mordida por mim. Ó melhor dos Brahmanas, eu queimo esta banian na tua vista. Tente o teu melhor e me mostre aquela habilidade em mantras da qual tu falaste.’

E Kasyapa disse, ‘Se tu estás tão disposto, morda então, ó rei das cobras, a árvore. Ó cobra, eu a reanimarei, embora mordida por ti.’”

Sauti continuou, “O rei das cobras, assim endereçado pelo ilustre Kasyapa, mordeu então aquela árvore banian. E aquela árvore, mordida pela ilustre cobra, e penetrada pelo veneno da serpente, queimou totalmente. E tendo queimado a banian daquela maneira a cobra então falou novamente a Kasyapa, dizendo, ‘Ó principal dos Brahmanas, tente o teu melhor e reviva este senhor da floresta.’”

Sauti continuou, “A árvore foi reduzida a cinzas pelo veneno daquele rei das cobras. Mas pegando aquelas cinzas Kasyapa falou estas palavras. ‘Ó rei das cobras, veja o poder do meu conhecimento quando aplicado a este senhor da floresta! Ó cobra, sob o teu próprio nariz eu o reviverei.’ E então aquele melhor dos Brahmanas, o ilustre e erudito Kasyapa, reanimou, por meio de seu vidya, aquela árvore que tinha sido reduzida a uma pilha de cinzas. E primeiro ele criou o broto, então ele o proveu com duas folhas, e então ele fez o caule, e então os ramos, e então a árvore totalmente crescida com folhas e tudo. E Takshaka, vendo a árvore revivida pelo ilustre Kasyapa, disse a ele, ‘Não é surpreendente em ti que tu destruas meu veneno ou aquele de qualquer um que seja como eu. Ó tu cuja riqueza é ascetismo, desejoso de que riqueza tu vais para lá? A recompensa que tu esperas ter daquele melhor dos monarcas eu mesmo te darei, mesmo que ela possa ser difícil de obter. Ornado com fama como tu és teu êxito pode ser duvidoso sobre aquele rei afetado pela maldição de um Brahmana e cujo próprio tempo de vida foi encurtado. Neste caso, tua fama resplandecente que tem se espalhado pelos três dos mundos desapareceria como o Sol quando privado de seu esplendor (na ocasião do eclipse)’.

Kasyapa disse, 'Eu vou lá por causa de riqueza, a dê para mim, ó cobra, para que levando teu ouro, eu possa retornar.' Takshaka respondeu, 'Ó melhor dos regenerados, eu te darei mais do que tu esperas daquele rei. Portanto não vá.'

Sauti continuou, "Aquele melhor dos Brahmanas, Kasyapa, de grande destreza e inteligência, ouvindo aquelas palavras de Takshaka, se sentou em meditação yoga a respeito do rei. E aquele principal dos Munis, Kasyapa, de grande coragem e dotado de conhecimento espiritual, verificando que o período de vida daquele rei da linhagem Pandava realmente tinha terminado, retornou, recebendo de Takshaka tanta riqueza quanto ele desejava.

E após o ilustre Kasyapa retroceder seus passos, Takshaka na hora apropriada entrou rapidamente na cidade de Hastinapura. E em seu caminho ele soube que o rei estava vivendo muito cautelosamente, protegido por meio de mantras e remédios neutralizadores de veneno."

Sauti continuou, "A cobra então refletiu deste modo, 'O monarca deve ser enganado por mim com poder de ilusão. Mas quais devem ser os meios?' Então Takshaka enviou ao rei algumas cobras no disfarce de ascetas levando com eles frutas, erva kusa, e água (como presentes). E Takshaka, se dirigindo a eles, disse, 'Vão vocês todos ao rei, sob o pretexto de negócios urgentes, sem qualquer sinal de impaciência, como se para fazer o monarca somente aceitar as frutas e flores e água (que vocês levarão como presentes para ele).'"

Sauti continuou, "Aqueles cobras, assim ordenadas por Takshaka, agiram de acordo. E eles levaram para o rei erva Kusa, água e frutas. E aquele principal dos reis, de grande coragem, aceitou aquelas oferendas. E depois que seu propósito estava terminado, ele disse a eles, 'Retirem-se.' Então depois que aquelas cobras disfarçadas como ascetas tinham ido embora, o rei se dirigiu a seus ministros e amigos, dizendo, 'Comam, comigo, todas estas frutas de gosto excelente trazidas pelos ascetas.' Impelidos pelo Destino e pelas palavras do Rishi, o rei, com seus ministros, sentiu desejo de comer aquelas frutas. A fruta específica, dentro da qual Takshaka tinha entrado, foi pega pelo próprio rei para comer. E quando ele a estava comendo, apareceu, ó Saunaka, um inseto feio nela, de forma mal perceptível, de olhos pretos, e de cor acobreada. E aquele principal dos reis, pegando aquele inseto, se dirigiu a seus conselheiros, dizendo, 'O sol está se pondo; hoje eu não tenho mais medo de veneno. Portanto, que este inseto se torne Takshaka e me morda, para que meu ato pecaminoso seja expiado e as palavras do asceta se tornem verdadeiras.' E aqueles conselheiros também, impelidos pelo Destino, aprovaram aquelas palavras. E então o monarca sorriu, perdendo seus sentidos, sua hora tendo chegado. E ele rapidamente colocou aquele inseto em seu pescoço. E enquanto o rei estava sorrindo, Takshaka, que tinha (na forma daquele inseto) saído da fruta que foi oferecida ao rei, se enrolou em volta do pescoço do monarca. E se enrolando rapidamente em volta do pescoço do rei e proferindo um rugido tremendo, Takshaka, aquele senhor das cobras, mordeu aquele protetor da terra."

## 44

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “Então os conselheiros vendo o rei nas espirais de Takshaka empalideceram com medo e lamentaram em extrema aflição. E ouvindo o rugido de Takshaka, os ministros todos fugiram. E quando eles estavam fugindo em grande aflição, eles viram Takshaka, o rei das cobras, aquela serpente notável, percorrendo o céu azul como uma faixa da cor do lótus, e parecendo muito com a linha vermelha alaranjada no topo da cabeça de uma mulher dividindo as massas escuras de seu cabelo ao meio.

E a mansão na qual o rei estava vivendo queimou com o veneno de Takshaka. E os conselheiros do rei, vendo aquilo, fugiram em todas as direções. E o próprio rei caiu, como se atingido pelo raio.

E quando o rei caiu sob o veneno de Takshaka, seus conselheiros com o sacerdote real, um santo Brahmana, realizaram todos os seus últimos ritos. Todos os cidadãos, se reunindo, fizeram o filho menor (de idade) do falecido monarca seu rei. E o povo chamou seu novo rei, aquele matador de todos os inimigos, aquele herói da linhagem Kuru, pelo nome de Janamejaya. E aquele melhor dos monarcas, Janamejaya, embora fosse uma criança era sábio em mente. E com seus conselheiros e sacerdote, o filho mais velho Parikshita, aquele touro entre os Kurus, governou o reino como seu heróico antepassado (Yudhishtira). E os ministros do jovem monarca, vendo que ele já podia manter seus inimigos sob controle, foram a Suvarnavarman, o rei de Kasi, e pediram a ele sua filha Vapushtama como noiva. E o rei de Kasi, depois das devidas perguntas, entregou com os ritos ordenados sua filha Vapushtama àquele herói poderoso da família Kuru. E o último, recebendo sua noiva, ficou muito contente. E ele não entregou seu coração em tempo algum para qualquer outra mulher. E dotado de grande energia ele vagava em busca de divertimento, com o coração alegre, por extensões de água e em meio a florestas e campos floridos. E aquele principal dos monarcas passava seu tempo em divertimento como Pururavas havia feito antigamente, ao receber a donzela celeste Urvashi. Ela mesma a mais formosa das formosas, a donzela Vapushtama também, devotada a seu marido e famosa por sua beleza, tendo obtido um marido desejável, o agradou por sua grande afeição durante o período que ele passou em busca de prazer.

(Continuação do Astika Parva)

Entrementes o grande asceta Jaratkaru viajava pela terra inteira fazendo do lugar em que a noite caísse seu lar pela noite. E dotado de poder ascético, ele vagava, praticando vários votos difíceis de serem praticados por imaturos, e se banhando também em várias águas sagradas. E o Muni tinha somente o ar como seu alimento e estava livre do desejo de divertimento mundano. E ele ficava diariamente emaciado e se tornou magro. E um dia ele viu os espíritos de seus antepassados, cabeças para baixo, em um buraco, (pendentes) por uma corda de raízes de virana tendo somente um único fio inteiro. E aquele único fio estava sendo gradualmente roído por um grande rato que morava naquele buraco. E os Pitris naquele buraco estavam sem comida, emaciados, deploráveis, e avidamente desejosos de salvação. E Jaratkaru, se aproximando dos deploráveis, ele mesmo de aparência humilde, perguntou: 'Quem são vocês que estão pendendo por esta corda de raízes de virana? A única raiz fraca que ainda resta nesta corda de raízes virana já comida pelo rato que mora nesse buraco, está sendo gradualmente roída pelo mesmo rato com seus dentes afiados. O pouco que resta daquele único fio logo será cortado. É claro então que vocês cairão nessa cova com rostos para baixo. Vendo vocês com rostos para baixo, e colhidos por esta grande calamidade, minha compaixão foi despertada. Que bem eu posso fazer a vocês? Digam-me rapidamente se esta calamidade pode ser evitada por um quarto, um terço, ou até pelo sacrifício da metade do meu ascetismo. Ó, salvem-se mesmo com todo o meu ascetismo. Eu concordo com tudo isso. Façam como lhes agradar.'

Os Pitris disseram, 'Venerável Brahmacharin, tu desejas nos salvar. Mas, ó principal dos Brahmanas, tu não podes dissipar nossa aflição por meio do teu ascetismo. Ó filho, ó principal dos oradores, nós também temos os frutos do nosso ascetismo. Mas, ó Brahmana, é pela perda de descendentes que nós estamos caindo nesse inferno terrível. O próprio avô disse que um filho é um grande mérito. Como nós estamos prestes a ser lançados nesse buraco, nossas idéias não estão mais claras. Entretanto, ó filho, nós não te conhecemos, embora tua virilidade seja bem conhecida sobre a terra. Tu és venerável e afortunado, tu que deste modo por bondade te afliges por nós que somos dignos de compaixão e imensamente afligidos. Ó Brahmana, escutes quem nós somos. Nós somos Rishis da seita Yayavara, de votos rígidos. E, ó Muni, por causa da perda de descendentes, nós caímos de uma região sagrada. Nossas penitências severas não foram destruídas; nós ainda temos um fio. Mas nós temos somente um único fio agora. Importa pouco, no entanto, quem ele é ou não. Desafortunados como nós somos, nós temos um fio em uma pessoa, conhecida como Jaratkaru. O infeliz estudou os Vedas e seus ramos e está praticando somente ascetismo. Ele sendo alguém com alma sob controle completo, desejos fixados no alto, cumpridor de votos, profundamente engajado em penitências ascéticas, e livre da cobiça pelos méritos

do ascetismo, nós fomos reduzidos a esse estado deplorável. Ele não tem esposa, nem filhos, nem parentes. Portanto, nós estamos pendurados neste buraco, nossa consciência perdida, como homens que não têm ninguém para cuidar deles. Se tu o encontrares, diga a ele, por tua bondade para conosco: 'Teus Pitris, em miséria, estão pendendo com faces para baixo em um buraco. Santo, tome uma esposa e gere filhos. Ó tu de riqueza ascética, tu és, ó amável, o único fio que resta da linhagem dos teus antepassados.' Ó Brahmana, a corda de raízes virana da qual tu vês que nós estamos pendendo representa nossa família multiplicada. E, ó Brahmana, estes fios da corda de raízes virana que tu vês como corroídas, somos nós mesmos que fomos comidos pelo Tempo. Esta raiz que tu vês que foi metade comida e pela qual nós estamos pendendo neste buraco é ele que adotou somente o ascetismo. O rato que tu viste é o Tempo de força infinita. E ele (o Tempo) está gradualmente enfraquecendo o infeliz Jaratkaru dedicado a penitências ascéticas atraído pelos méritos delas, mas sem prudência e coração. Ó excelente, o ascetismo dele não pode nos salvar. Veja nossas raízes sendo arrancadas, caídos das regiões superiores, privados de consciência pelo Tempo, nós estamos indo para baixo como pecaminosos miseráveis. E por nós cairmos nesse buraco com todos os nossos parentes, consumidos pelo Tempo, ele mesmo cairá conosco no inferno. Ó filho, seja ascetismo, ou sacrifício, ou quaisquer outros atos sagrados que existam, tudo é inferior. Eles não podem valer por um filho. Ó filho, tendo visto tudo isso, fale para aquele Jaratkaru de riqueza ascética. Tu deve dizer a ele em detalhes tudo o que tu viste. E, ó Brahmana, por tua bondade para conosco, tu deve dizer a ele tudo o que possa induzi-lo a tomar uma esposa e gerar filhos. Entre seus amigos, ou da nossa própria linhagem, quem és tu, ó excelente, que te afliges dessa maneira por nós como um amigo? Nós desejamos saber quem és tu que estás aqui.”

## 46

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “Jaratkaru, ouvindo tudo isso ficou extremamente abatido. E com tristeza ele falou àqueles Pitris em palavras obstruídas por lágrimas. Jaratkaru disse, ‘Vocês são meus pais e avôs mortos no passado. Portanto, me digam o que eu devo fazer pelo seu bem-estar. Eu sou aquele seu filho pecaminoso, Jaratkaru! Punam-me por meus atos pecaminosos, um canalha que eu sou.’

Os Pitris responderam, dizendo, ‘Ó filho, por boa sorte tu chegaste a este local no curso de tuas andanças. Ó Brahmana, por que tu não tomas uma esposa?’

Jaratkaru disse, ‘Ó Pitris, sempre existiu no meu coração o desejo de, com a semente vital parada, levar este corpo para o outro mundo. Minha mente foi possuída pela idéia de não tomar uma esposa. Mas avôs, tendo visto vocês pendurados como aves, eu desviei minha mente do modo de vida Brahmacharya. Eu realmente farei o que vocês querem. Eu certamente casarei, se alguma vez eu encontrar uma moça do meu próprio nome. Eu aceitarei aquela que, se

entregando por iniciativa própria, será como esmolas para mim, e a quem eu não terei que sustentar. Eu casarei se eu conseguir tal pessoa; de outra maneira, não. Essa é a verdade, ó avôs! E o filho que será gerado nela será sua salvação. E ó meus Pitris, vocês viverão para sempre em bem-aventurança e sem temor.”

Sauti continuou, “O Muni, tendo dito isso aos Pitris, vagou sobre a terra novamente. E, ó Saunaka, estando velho, ele não conseguia uma esposa. E ele se afligiu muito por não ser bem sucedido. Mas ordenado (como antes) por seus ancestrais, ele continuou a busca. E indo para a floresta ele lamentou alto em grande angústia. E tendo ido para a floresta, o sábio, movido pelo desejo de fazer o bem para seus antepassados, disse, 'Eu pedirei uma noiva', e claramente repetiu três vezes estas palavras. E ele disse, 'Quaisquer criaturas que estejam aqui, móveis e imóveis, assim quem quer que haja que seja invisível, ó, ouçam minhas palavras! Meus antepassados, afligidos pelo pesar, ordenaram a mim que estou engajado nas penitências mais severas, dizendo, 'Case para (a obtenção de) um filho.' E, sendo mandado por meus ancestrais, eu estou vagando em pobreza e tristeza pelo mundo inteiro para me casar com uma donzela que eu possa obter como esmola. Que a criatura, entre aquelas às quais eu me dirigi, que tenha uma filha, a entregue para mim que estou vagando por toda parte. Tal noiva que tenha o mesmo nome que eu, a ser concedida para mim como esmola, e a quem, além disso, eu não sustentarei, ó, entregue para mim!' Então aquelas cobras que tinham sido colocadas no rastro de Jaratkaru, averiguando a disposição dele, deram a notícia para Vasuki. E o rei das cobras, ouvindo suas palavras, levou com ele aquela donzela enfeitada com ornamentos, e foi até a floresta àquele Rishi. E, ó Brahmana, Vasuki, o rei das cobras, tendo ido lá, ofereceu aquela moça como esmola ao Rishi de grande alma. Mas o Rishi não a aceitou imediatamente. O Rishi, pensando que ela não tinha o mesmo nome que ele, e vendo que a questão do sustento dela também não estava decidida, refletiu por poucos momentos, hesitando em aceitá-la. E então, ó filho de Bhriгу, ele perguntou a Vasuki o nome da moça, e também disse a ele, 'Eu não a sustentarei.’”

## 47

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “Então Vasuki falou ao Rishi Jaratkaru essas palavras, ‘Ó melhor dos Brahmanas, esta moça tem o mesmo nome que tu. Ela é minha irmã e tem mérito ascético. Eu mantereі tua esposa; aceite-a. Ó tu de riqueza ascética, eu a protegerei com toda a minha habilidade. E, ó principal dos grandes Munis, ela foi criada por mim para ti.’ E o Rishi respondeu, ‘Está combinado entre nós que eu não a mantereі; e ela não deverá fazer qualquer coisa que eu não goste. Se ela fizer, eu a deixo!’”

Sauti continuou, “Quando a cobra tinha prometido, dizendo, 'Eu sustentarei minha irmã', Jaratkaru então foi à casa da cobra. Então aquele principal dos

Brahmanas conhecedores de mantras, cumprindo votos rígidos, aquele asceta virtuoso e veterano, tomou a mão dela oferecida a ele segundo os ritos das Escrituras. E levando sua noiva com ele, adorada pelo grande Rishi, ele entrou no aposento encantador reservado para ele pelo rei das cobras. E naquele aposento havia uma armação de cama coberta com cobertores muito valiosos. E Jaratkaru viveu lá com sua esposa. E o excelente Rishi fez um acordo com sua mulher, dizendo, 'Nada deve ser feito ou dito por ti que seja contra a minha vontade. E no caso de tu fazeres qualquer coisa assim, eu te deixarei e não continuarei a morar na tua casa. Mantenha em mente estas palavras que foram faladas por mim.'

E então a irmã do rei das cobras em grande ansiedade e muito angustiada, falou a ele, dizendo, 'Assim seja.' E movida pelo desejo de fazer o bem para seus parentes, aquela moça, de reputação imaculada, começou a servir seu marido com a vigilância de um cão, a timidez de um cervo, e o conhecimento de sinais possuído pelo corvo. E um dia, depois do período menstrual, a irmã de Vasuki, tendo se purificado com um banho segundo o costume, se aproximou de seu marido, o grande Muni; e então ela concebeu. E o embrião era como uma chama de fogo, possuidor de grande energia, e resplandecia como o próprio fogo. E ele cresceu como a lua na quinzena clara.

E um dia, dentro de pouco tempo, Jaratkaru de grande fama, colocando a cabeça no colo de sua mulher, dormiu, parecendo cansado. E enquanto ele estava dormindo, o sol entrou em seus aposentos na montanha Ocidental e estava prestes a se pôr. E, ó Brahmana, como o dia estava acabando, ela, a irmã excelente de Vasuki, ficou pensativa, temendo a perda da virtude de seu marido. E ela pensou, 'O que eu faço agora? Eu devo acordar meu marido ou não? Ele é exato e meticoloso em seus deveres religiosos. Como eu posso agir para não ofendê-lo? As alternativas são sua raiva e a perda da virtude de um homem virtuoso. A perda da virtude, eu penso, é o maior dos dois males. Porém, se eu o acordar, ele ficará zangado. Mas se o crepúsculo passar sem suas orações serem ditas, ele certamente sofrerá perda de virtude.'

E tendo resolvido finalmente, Jaratkaru de palavras gentis, a irmã de Vasuki, falou suavemente àquele Rishi resplandecente com penitências ascéticas, e deitado prostrado como uma chama de fogo, 'Ó afortunado, desperte, o sol está se pondo. Ó tu de votos rígidos, ó ilustre, faça tua oração da noite depois de te purificares com água e proferires o nome de Vishnu. A hora do sacrifício noturno chegou. O crepúsculo, ó senhor, está agora cobrindo gentilmente o lado ocidental.'

O ilustre Jaratkaru de grande mérito ascético, assim endereçado, falou para sua esposa essas palavras, seu lábio superior tremendo de raiva, 'Ó amável da raça Naga, tu me insultaste. Eu não viverei mais contigo, mas voltarei para o lugar de onde eu vim. Ó tu de belas coxas, eu acredito no meu coração que o sol não tem poder de se pôr na hora costumeira se eu estiver dormindo. Uma pessoa insultada nunca deve viver onde ela foi insultada, pelo menos eu, uma pessoa virtuosa, ou aqueles que são como eu.' Jaratkaru, a irmã de Vasuki, assim endereçada por seu marido, começou a tremer com terror, e ela falou a ele, dizendo, 'Ó Brahmana, eu

não te acordei desejando insultá-lo; mas eu fiz isso para que tua virtude não sofresse alguma perda.’

O Rishi Jaratkaru, grande em mérito ascético, possuído pela raiva e desejoso de abandonar sua esposa, assim endereçado, falou a ela, dizendo, ‘Ó formosa, eu nunca falei uma mentira. Portanto, eu devo partir. Isso também foi decidido entre nós. Ó amável, eu passei o tempo alegremente contigo. E, ó formosa, diga ao teu irmão, quando eu tiver partido, que eu te deixei. E depois de eu ter ido embora não caberá a ti sofrer por mim.’

Assim endereçada Jaratkaru, a irmã de Vasuki, de feições perfeitas, cheia de ansiedade e tristeza, tendo reunido suficiente coragem e paciência, embora seu coração ainda estivesse tremendo, então falou a Jaratkaru. Suas palavras foram obstruídas pelas lágrimas e seu rosto estava pálido de medo. E as palmas de suas mãos estavam unidas, e seus olhos estavam banhados em lágrimas. Ela disse, ‘Não cabe a ti me deixar sem (eu ter cometido) uma falha. Tu trilhas o caminho da virtude. Eu também tenho estado no mesmo caminho, com o coração fixo no bem dos meus parentes. Ó melhor dos Brahmanas, o objetivo pelo qual eu fui entregue a ti ainda não foi cumprido. Infeliz que eu sou, o que Vasuki dirá para mim? Ó excelente, o filho desejado por meus parentes afligidos pela maldição de sua mãe ainda não apareceu! O bem-estar dos meus parentes depende da aquisição de progênie de ti. E para que minha ligação contigo não seja inútil, ó ilustre Brahmana, movida pelo desejo de fazer o bem para minha raça eu te imploro. Ó excelente, tu és de grande alma; assim por que tu deixarás a mim que sou impecável? Isto é o que não está perfeitamente claro para mim.’

Assim endereçado, o Muni de grande mérito ascético falou para sua esposa Jaratkaru essas palavras que eram apropriadas e adequadas para a ocasião. Ele disse, ‘Ó afortunada, o ser que tu concebeste, assim como o próprio Agni, é um Rishi de alma muito virtuosa, e um mestre dos Vedas e seus ramos.’

Tendo dito isso, o grande Rishi Jaratkaru de alma virtuosa foi embora, seu coração firmemente fixado em praticar novamente as mais rígidas penitências.”

## 48

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “Ó tu de riquezas ascéticas, logo depois que seu marido a tinha deixado Jaratkaru foi até seu irmão. E ela contou a ele tudo o que tinha acontecido. E o príncipe das cobras, ouvindo as notícias calamitosas, falou para sua irmã miserável, ele mesmo mais miserável ainda.

E ele disse, ‘Tu sabes, ó amável, o propósito da tua concessão, a razão disso. Se, dessa união, pelo bem-estar das cobras, um filho nascer, então ele, possuidor de energia, salvará nós todos do sacrifício de cobras. O Avô disse isso antigamente no meio dos deuses. Ó afortunada, tu concebeste da tua união com

aquele melhor dos Rishis? O desejo do meu coração é que minha concessão de ti para aquele sábio não tenha sido inútil. Realmente, não é apropriado para mim te questionar sobre isso. Mas por causa da gravidade dos interesses eu te pergunto. Conhecendo também a obstinação do teu marido, sempre engajado em penitências rígidas, eu não o seguirei, para que ele não me amaldiçoe. Conte-me em detalhes tudo o que o teu marido, ó amável, tem feito, e extraias aquele terrível dardo da aflição que jaz plantado por um longo tempo no meu coração.’

Jaratkaru, assim endereçada, consolando Vasuki, o rei das cobras, finalmente respondeu, dizendo, ‘Questionado por mim sobre descendência, o asceta poderoso e de grande alma disse, ‘Aí está’ e então ele foi embora. Eu não me lembro dele ter falado antes mesmo em brincadeira qualquer coisa que fosse falsa. Por que ele, ó rei, falaria uma mentira em tal ocasião séria? Ele disse, ‘Tu não deves te afligir, ó filha da raça das cobras, sobre o resultado planejado da nossa união. Um filho nascerá para ti, resplandecente como o Sol brilhante.’ Ó irmão, tendo dito isso para mim, meu marido de riqueza ascética foi embora. Portanto, que a tristeza profunda nutrida no teu coração desapareça.’”

Sauti continuou, “Assim endereçado, Vasuki, o rei das cobras, aceitou aquelas palavras de sua irmã, e em grande alegria disse, ‘Assim seja!’ E o chefe das cobras então reverenciou sua irmã com seus melhores respeitos, presentes de riqueza, e elogios adequados. Então, ó melhor dos Brahmanas, o embrião dotado de grande esplendor começou a se desenvolver, como a lua nos céus na quinzena clara.

E no devido tempo, a irmã das cobras, ó Brahmana, deu nascimento a um filho do esplendor de uma criança celeste, que veio a ser aquele que mitigaria os temores de seus antepassados e parentes maternos. A criança cresceu na casa do rei das cobras. Ele estudou os Vedas e seus ramos com o asceta Chyavana, o filho de Bhrigu. E embora somente um menino, seus votos eram rígidos. E ele era dotado de grande inteligência, e com os vários atributos de virtude, conhecimento, liberdade das indulgências mundanas, e santidade. E o nome pelo qual ele foi conhecido no mundo era Astika. E ele foi conhecido pelo nome de Astika (quem quer que seja) porque seu pai tinha ido para as florestas, dizendo. ‘Aí está’, quando ele estava no útero. Embora somente um menino, ele tinha grande seriedade e inteligência. E ele foi criado com grande cuidado no palácio das cobras. E ele era como o senhor ilustre dos celestiais, Mahadeva de forma dourada, o manejador do tridente. E ele crescia dia a dia, para o deleite de todas as cobras.”

(Continuação do Astika Parva)

Saunaka disse, “Me conte novamente, em detalhes, tudo o que o rei Janamejaya perguntou para seus ministros sobre a ascensão de seu pai para o céu.”

Sauti disse, “Ó Brahmana, ouça tudo o que o rei perguntou a seus ministros, e tudo o que eles disseram a respeito da morte de Parikshit.

Janamejaya perguntou, ‘Vocês sabem tudo o que aconteceu ao meu pai. Como aquele rei famoso, no tempo, encontrou sua morte? Ouvindo de vocês os incidentes da vida do meu pai em detalhes, eu ordenarei alguma coisa, se isso for para o benefício do mundo. Do contrário eu nada farei.’

O ministro respondeu, 'Ouça, ó monarca, o que tu pediste, um relatório da vida do teu pai ilustre, e como também aquele rei de reis deixou este mundo. Teu pai era virtuoso e de grande alma, e sempre protegia seu povo. Ó, ouça como aquela pessoa de grande alma se comportava sobre a terra. Como uma personificação da virtude e justiça, o monarca, conhecedor da virtude, protegia virtuosamente as quatro classes, cada uma empenhada em cumprir seus deveres específicos. De coragem incomparável, e abençoado com fortuna, ele protegia a deusa Terra. Ninguém o odiava e ele mesmo não odiava ninguém. Semelhante a Prajapati (Brahma) ele era igualmente disposto para com todas as criaturas. Ó monarca, Brahmanas e Kshatriyas e Vaisyas e Sudras, todos engajados alegremente na prática de seus respectivos deveres, eram protegidos imparcialmente por aquele rei. Viúvas e órfãos, os mutilados e os pobres, ele sustentava. De belas feições, ele era para todas as criaturas como um segundo Soma. Cuidando dos seus súditos e mantendo eles satisfeitos, abençoado com boa sorte, sincero, de imensa coragem, ele foi discípulo de Saradwat na ciência de armas. E, ó Janamejaya, teu pai era querido para Govinda. De grande fama, ele era amado por todos os homens. E ele nasceu no útero de Uttara quando a linhagem Kuru estava quase extinta. E, portanto, o filho poderoso de Abhimanyu veio a ser chamado Parikshit (nascido em uma linhagem extinta). Bem versado na interpretação de tratados sobre os deveres dos reis, ele era dotado de todas as virtudes. Com paixões sob controle completo, inteligente, possuindo uma memória retentiva, praticante de todas as virtudes, conquistador das seis paixões, de mente poderosa, superando todos, e totalmente familiarizado com a ciência de moralidade e ciência política, teu pai governou seus súditos por sessenta anos. E ele então morreu, pranteado por todos os seus súditos. E, depois dele, ó principal dos homens, tu adquiriste este reino hereditário dos Kurus pelos últimos mil anos. Tu foste instalado quando criança, e estás dessa maneira protegendo todas as criaturas.'

Janamejaya disse, ‘Nunca nasceu em nossa linhagem um rei que não procurasse o bem de seus súditos ou que não fosse amado por eles. Vejam especialmente a conduta dos meus antepassados sempre empenhados em grandes realizações. Como meu pai, abençoado com muitas virtudes, encontrou

sua morte? Descrevam para mim como tudo aconteceu. Eu estou desejoso de ouvir isto de vocês!”

Sauti continuou, “Assim ordenados pelo monarca, aqueles conselheiros, sempre desejosos do bem do rei, contaram a ele tudo exatamente como tinha ocorrido.

E os conselheiros disseram, 'Ó rei, aquele teu pai, aquele protetor de toda a terra, aquela mais notável de todas as pessoas obedientes às escrituras, era viciado nos esportes de campo, assim como Pandu de braços poderosos, aquele principal de todos os manejadores de arco em batalha. Ele transferiu para nós todos os assuntos de estado, do mais trivial ao mais importante. Um dia, entrando na floresta, ele perfurou um veado com uma flecha. E o tendo perfurado ele o seguiu rapidamente a pé na floresta profunda, armado com espada e aljava. Ele não pôde, no entanto, alcançar o veado perdido. Com sessenta anos de idade e decrépito, ele logo ficou cansado e faminto. Ele então viu nas florestas profundas um Rishi de grande alma. O Rishi estava então observando o voto de silêncio. O rei o questionou acerca do veado, mas, embora questionado, ele não deu resposta. Finalmente o rei, já cansado com o esforço e a fome de repente ficou zangado com aquele Rishi sentado imóvel como um pedaço de madeira no cumprimento de seu voto de silêncio. De fato, o rei não sabia que ele era um Muni observando o voto de silêncio. Dominado pela raiva, teu pai o insultou. Ó excelente da linhagem Bharata, o rei, teu pai, erguendo do chão com a ponta de seu arco uma cobra morta a colocou nos ombros daquele Muni de alma pura. Mas o Muni não falou uma palavra boa ou má e não se enraiveceu. Ele continuou na mesma postura, portando a cobra morta.”

## 50

(Continuação do Astika Parva)

Sauti continuou, “Os ministros disseram, 'Aquele rei de reis então, exausto com fome e esforço, e tendo colocado a cobra sobre os ombros daquele Muni, voltou para sua capital. O Muni tinha um filho, nascido de uma vaca, de nome Sringin. Ele era amplamente conhecido, possuidor de grande destreza e energia, e muito colérico. Indo (todo dia) até seu preceptor ele tinha o hábito reverenciá-lo. Mandado por ele, Sringin estava voltando para casa quando ele soube de um amigo seu sobre o insulto ao pai dele por teu pai. E, ó tigre entre reis, ele soube que seu pai, sem ter cometido qualquer erro, estava levando, imóvel como uma estátua, sobre seus ombros uma cobra morta colocada sobre eles. Ó rei, o Rishi insultado por teu pai era rígido em penitências ascéticas, o principal dos Munis, controlador de paixões, puro, e sempre engajado em atos extraordinários. Sua alma era iluminada com penitências ascéticas, e seus órgãos e suas funções estavam sob total controle. Suas práticas e suas palavras eram ambas muito boas. Ele era contente e sem avareza. Ele não tinha cobiça de qualquer tipo e não

tinha inveja. Ele era idoso e costumava observar o voto de silêncio. E ele era o refúgio a quem todas as criaturas podiam procurar em aflição.

Tal era o Rishi insultado por teu pai. O filho, no entanto, daquele Rishi, furioso, amaldiçoou teu pai. Embora jovem em idade, o jovem poderoso era velho em esplendor ascético. Tocando a água rapidamente, ele falou, queimando por assim dizer com energia espiritual e raiva, essas palavras em alusão ao teu pai: 'Veja o poder do meu ascetismo! Dirigida por minhas palavras, a cobra Takshaka de energia poderosa e veneno virulento, dentro de sete noites a partir de hoje, queimará com seu veneno o canalha que colocou a cobra morta sobre meu pai que não ofendeu ninguém.' E tendo dito isso ele foi para onde seu pai estava. E vendo seu pai ele falou da sua maldição. O tigre entre os Rishis então enviou ao teu pai um discípulo dele, chamado Gaurmukha, de maneiras amáveis e possuidor de todas as virtudes. E tendo descansado um pouco (após a chegada na corte) ele contou tudo ao rei, dizendo nas palavras de seu mestre, 'Tu foste amaldiçoado, ó rei, por meu filho. Takshaka te queimará com seu veneno! Portanto, ó rei, tenha cuidado.' Ó Janamejaya, ouvindo aquelas palavras terríveis teu pai tomou todas as precauções contra a poderosa cobra Takshaka.

E quando o sétimo dia tinha chegado, um Rishi Brahmana, chamado Kasyapa, desejou ir até o monarca. Mas a cobra Takshaka viu Kasyapa. E o príncipe das cobras falou para Kasyapa sem perda de tempo, dizendo, 'Aonde tu vais tão rapidamente, e qual é o negócio para o qual tu vais?' Kasyapa respondeu, dizendo, 'Ó Brahmana, eu estou indo para onde o rei Parikshit, aquele melhor dos Kurus, está. Ele hoje será queimado pelo veneno da cobra Takshaka. Eu vou lá rapidamente para curá-lo, de fato, para que, protegido por mim, a cobra não possa mordê-lo e matá-lo.' Takshaka respondeu, dizendo, 'Por que tu procuras reviver o rei a ser mordido por mim? Eu sou Takshaka, ó Brahmana, veja o extraordinário poder do meu veneno. Tu serás incapaz de reviver aquele monarca quando ele for mordido por mim.' Assim dizendo, Takshaka imediatamente mordeu um senhor da floresta (uma árvore banyan, figueira da Índia). E a banyan, logo que foi mordida pela cobra, foi transformada em cinzas. Mas Kasyapa, ó rei, a reviveu. Takshaka então o tentou, dizendo, 'Conte-me teu desejo.' E Kasyapa, também, assim endereçado, falou novamente para Takshaka, dizendo, 'Eu vou lá pelo desejo de riqueza.' E Takshaka então falou para Kasyapa de grande alma essas palavras gentis, 'Ó impecável, recebe de mim mais riqueza do que tu espera daquele monarca, e volte!' E Kasyapa, aquele principal dos homens, assim endereçado pela cobra, e recebendo dele tanta riqueza quanto desejava seguiu seu caminho de volta.

E Kasyapa voltando, Takshaka, se aproximando disfarçado, destruiu, com o fogo de seu veneno, teu pai virtuoso, o principal dos reis, naquele período permanecendo em sua mansão com todas as precauções. E depois daquilo, tu foste, ó tigre entre homens, instalado (no trono). E, ó melhor dos monarcas, nós assim te dissemos tudo o que vimos e ouvimos, embora o relato seja cruel. E sabendo tudo acerca da derrota do teu nobre pai, e do insulto ao Rishi Utanka, decida o que deve vir em seguida!"

Sauti continuou, “O rei Janamejaya, aquele castigador de inimigos, então falou para todos os seus ministros. E ele disse, 'Como vocês souberam tudo o que aconteceu sobre aquela banian reduzida a cinzas por Takshaka, e que, admirável como ela é, foi posteriormente revivida por Kasyapa? Seguramente meu pai poderia não ter morrido, pois o veneno seria neutralizado por Kasyapa com seus mantras. Aquela pior das cobras, de alma pecaminosa, pensou que se Kasyapa ressuscitasse o rei mordido por ele, ele, Takshaka, seria um objeto de ridículo no mundo devido à neutralização de seu veneno. Seguramente, tendo pensado dessa forma, ele pacificou o Brahmana. Eu planejei um modo, no entanto, de infligir punição sobre ele. Eu gostaria de saber, no entanto, o que vocês viram ou ouviram, o que aconteceu na solidão profunda da floresta, as palavras de Takshaka e de Kasyapa. Sabendo isto, eu idearei os meios de exterminar a raça das cobras.'”

Os ministros disseram, ‘Ouça, ó monarca, a respeito daquele que nos falou do encontro entre aquele principal Brahmana e aquele príncipe das cobras nas florestas. Certa pessoa, ó monarca, tinha subido naquela árvore que continha alguns ramos secos com o objetivo de quebrá-los para combustível sacrificial. Ele não tinha notado nem a cobra nem o Brahmana. E, ó rei, aquele homem foi reduzido a cinzas junto com a própria árvore. E, ó rei de reis, ele foi revivido com a árvore pelo poder do Brahmana. Aquela pessoa, o criado de um Brahmana, tendo vindo até nós, descreveu integralmente como tudo aconteceu entre Takshaka e o Brahmana. Assim nós te dissemos, ó rei, tudo o que nós vimos e ouvimos. E tendo ouvido isto, ó tigre entre os reis, ordene aquilo que deve se seguir.’”

Sauti continuou, “O rei Janamejaya, tendo escutado as palavras de seus ministros, estava muito aflito pela angústia, e começou a chorar. E o monarca começou a apertar suas mãos. E o rei de olhos de lótus começou a respirar longamente e com dificuldade, derramou lágrimas, e gritou alto. E possuído pela dor e tristeza, e derramando lágrimas copiosas, e tocando a água segundo o ritual, o monarca falou. Refletindo por um momento, como se decidindo alguma coisa em sua mente, o monarca enfurecido se dirigindo a todos os ministros, disse estas palavras.

'Eu ouvi seu relato sobre a ascensão do meu pai para o céu. Saibam agora qual é a minha decisão definitiva. Eu penso que nenhum tempo deve ser perdido sem vingar esta injúria sobre o canalha Takshaka que matou meu pai. Ele queimou meu pai fazendo de Sringin somente uma causa secundária. Só por maldade ele fez Kasyapa retornar. Se aquele Brahmana tivesse chegado meu pai sem dúvida teria vivido. O que ele perderia se o rei fosse revivido pela graça de Kasyapa e as medidas de precaução de seus ministros? Por ignorância dos efeitos da minha ira ele impediu Kasyapa, aquele excelente entre os Brahmanas, a quem ele não podia derrotar, de vir até meu pai com o desejo de revivê-lo. O ato de agressão é grande da parte do vil Takshaka que deu riqueza para aquele Brahmana para que ele não revivesse o rei. Eu devo agora me vingar no inimigo do meu pai para satisfazer a mim mesmo, ao Rishi Utanka e a vocês todos.’”

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “O rei Janamejaya tendo falado dessa maneira, seus ministros expressaram sua aprovação. E o monarca então expressou sua determinação de realizar um sacrifício de cobras. E aquele senhor da Terra, aquele tigre da raça Bharata, o filho de Parikshit, então chamou seu sacerdote e Ritwiks. E talentoso em discurso, ele falou para eles essas palavras relativas à realização da sua grande tarefa; 'Eu devo me vingar no vil Takshaka que matou meu pai. Digam-me o que eu devo fazer. Vocês conhecem alguma ação pela qual eu possa lançar no fogo ardente a cobra Takshaka com seus parentes? Eu desejo queimar aquele desgraçado assim como ele queimou, antigamente, pelo fogo de seu veneno, meu pai.'

O principal sacerdote respondeu, 'Há, ó rei, um grande sacrifício para ti planejado pelos próprios deuses. Ele é conhecido como o sacrifício de cobras, e é lido nos Puranas. Ó rei, só tu podes realizá-lo, e ninguém mais. Homens versados nos Puranas têm nos dito, existe tal sacrifício.’”

Sauti continuou, “Assim endereçado, o rei, ó excelente, considerou Takshaka como já queimado e jogado na boca ardente de Agni, o comedor da manteiga sacrificial. O rei então disse para aqueles Brahmanas versados em mantras, 'Eu farei os preparativos para aquele sacrifício. Falem-me as coisas que são necessárias.' E os Ritwiks do rei, ó Brahmana excelente, versados nos Vedas e familiarizados com os ritos daquele sacrifício mediram, de acordo com as escrituras, a área para a plataforma sacrificial. E a plataforma foi decorada com artigos valiosos e com Brahmanas. E ela estava cheia de coisas preciosas e arroz com casca. E o Ritwika sentou comodamente sobre ela. E depois que a plataforma sacrificial tinha sido assim construída segundo as regras e como desejada, eles instalaram o rei no sacrifício de cobras para o alcance de seu objetivo. E antes do início do sacrifício de cobras que estava por vir, ocorreu lá um incidente muito importante pressagiando a obstrução do sacrifício, pois quando a plataforma sacrificial estava sendo construída, um construtor profissional de grande inteligência e bem versado no conhecimento de colocar alicerces, um Suta por casta, bem familiarizado com os Puranas, disse, 'O solo sobre o qual e a hora na qual a medição para a plataforma sacrificial foram feitas indicam que este sacrifício não será completado, sendo um Brahmana a razão disso.' Ouvindo isso, o rei, antes de sua instalação, deu ordens aos guardas do portão para não admitirem ninguém sem seu conhecimento.”

## 52

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “O sacrifício de cobras então começou segundo a forma devida. E os sacerdotes sacrificais, competentes em seus respectivos deveres de acordo com a ordenança, vestidos em roupas negras e com seus olhos vermelhos pelo contato com fumaça, despejaram manteiga clarificada no fogo ardente, proferindo os mantras apropriados. E, fazendo os corações de todas as cobras tremerem de medo, eles despejaram manteiga clarificada na boca de Agni proferindo os nomes das cobras. E as cobras então começaram a cair no fogo ardente, paralisadas e chamando lastimavelmente umas às outras. E inchadas e respirando com dificuldade, e se enrolando umas às outras com suas cabeças e rabos, elas vinham em grande número e caíam no fogo. As brancas, as pretas, as azuis, as velhas e as jovens, todas caíam igualmente dentro do fogo, proferindo vários gritos. Aquelas medindo um krosa, e aquelas medindo um yojana, e aquelas medindo um gokarna, caíam continuamente com grande violência naquele principal de todos os fogos. E centenas e milhares e dezenas de milhares de cobras, privadas de todo o controle sobre seus membros, pereceram naquela ocasião. E entre aquelas que pereceram, havia algumas que eram como cavalos, outras como trombas de elefantes, e outras de corpos enormes e força como a de elefantes enfurecidos. De várias cores e veneno virulento, terríveis e parecendo com maçãs equipadas com pontas de ferro, de grande força, sempre inclinadas a morder, as cobras, aflitas pela maldição de sua mãe, caíam no fogo.”

## 53

(Continuação do Astika Parva)

Saunaka perguntou, “Quais grandes Rishis se tornaram os Ritwiks no sacrifício de cobras do sábio rei Janamejaya da linha Pandava? Quem também foram os Sadasyas naquele sacrifício terrível, tão pavoroso para as cobras, e gerando tal tristeza nelas? Cabe a ti descrever tudo isso em detalhes, para que, ó filho de Suta, nós possamos saber quem era familiarizado com os rituais do sacrifício de cobras.”

Sauti respondeu, “Eu recitarei os nomes daqueles sábios que se tornaram os Ritwiks e Sadasyas do monarca. O Brahmana Chandabhargava se tornou o Hotri naquele sacrifício. Ele tinha grande reputação, e era nascido na linhagem de Chyavana e era o principal daqueles conhecedores dos Vedas. O velho Brahmana erudito, Kautsa, se tornou o Udgatri, o cantor dos hinos Védicos. Jaimini se tornou o Brahmana, e Sarngarva e Pingala os Adhvaryus, Vyasa com seu filho e discípulos, e Uddalaka, Pramataka, Swetaketu, Pingala, Asita, Devala, Narada, Parvata, Atreya, Kundajathara, o Brahmana Kalaghata, Vatsya, o idoso

Srutasravas sempre engajado em japa e no estudo dos Vedas, Kohala Devasarman, Maudgalya, Samasaurava, e muitos outros Brahmanas que tinham compreendido os Vedas se tornaram os Sadasyas naquele sacrifício do filho de Parikshit.

Quando os Ritwiks daquele sacrifício de cobras começaram a despejar manteiga clarificada no fogo, cobras terríveis, que causavam medo em todas as criaturas, começaram a cair nele. E a gordura e a medula das cobras assim caindo no fogo começaram a fluir em rios. E a atmosfera se encheu com um fedor insuportável devido à queima incessante das cobras. E incessantes também eram os gritos das cobras caídas no fogo e daquelas no ar prestes a caírem dentro dele.

Enquanto isso, Takshaka, aquele príncipe das cobras, logo que ele soube que o rei Janamejaya estava engajado no sacrifício, foi para o palácio de Purandara (Indra). E aquela melhor das cobras, tendo relatado tudo o que tinha acontecido, procurou aterrorizada a proteção de Indra depois de ter reconhecido seu erro. E Indra, satisfeito, disse a ele, 'Ó príncipe das cobras, ó Takshaka, aqui tu não deve temer aquele sacrifício de cobras. O Avô foi pacificado por mim por tua causa. Portanto, não tenha medo. Que este temor do teu coração seja aquietado.'

Sauti continuou, "Assim encorajado por ele, aquela melhor das cobras começou a morar na residência de Indra em alegria e felicidade. Mas Vasuki, vendo que as cobras estavam caindo incessantemente no fogo e que sua família estava reduzida somente a uns poucos, ficou muito triste. E o rei das cobras estava muito aflito, e seu coração estava prestes a se partir. E chamando sua irmã, ele falou a ela, dizendo, 'Ó amável, meus membros estão queimando e eu não vejo mais os pontos dos céus. Eu estou prestes a cair por causa da perda de consciência. Minha mente está turva, minha visão está fraquejando e meu coração está se partindo. Entorpecido, eu posso cair hoje no fogo ardente! Aquele sacrifício do filho de Parikshit é para o extermínio da nossa raça. É evidente que eu também terei que ir para a residência do rei dos mortos. Chegou a hora, ó minha irmã, por causa da qual tu foste entregue por mim a Jaratkaru para proteger a nós com nossos parentes. Ó melhor das mulheres da raça das cobras, Astika porá um fim no sacrifício que está ocorrendo. O Avô me disse isso antigamente. Portanto, ó criança, peça ao teu filho querido que conhece totalmente os Vedas e é respeitado mesmo pelos idosos, pela minha proteção e também daqueles que dependem de mim.'"

## 54

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, "Então a dama cobra Jaratkaru, chamando seu próprio filho, disse a ele as seguintes palavras de acordo com as instruções de Vasuki, o rei das cobras; 'Ó filho, chegou a hora da realização daquele objetivo pelo qual eu fui entregue ao teu pai por meu irmão. Portanto, faça o que deve ser feito.'

Astika perguntou, 'Por que tu foste, ó mãe, entregue ao meu pai por meu tio? Conte-me tudo realmente para que ao saber disso eu possa fazer o que é apropriado.'

Então Jaratkaru, a irmã do rei das cobras, ela mesma inalterada pelo infortúnio geral, e sempre desejosa do bem-estar de seus parentes, disse a ele, 'Ó filho, é dito que a mãe de todas as cobras é Kadru. Saiba por que ela amaldiçoou em fúria seus filhos. Se dirigindo às cobras ela disse, 'Como vocês se recusaram a representar falsamente Uchchaisravas, o príncipe dos cavalos, para ocasionar a escravidão de Vinata de acordo com a aposta, portanto, aquele cujo cocheiro é Vayu queimarão vocês todos no sacrifício de Janamejaya. E perecendo naquele sacrifício, vocês irão para a região dos espíritos não redimidos.' O Avô de todos os mundos falou a ela enquanto proferindo essa maldição, 'Assim seja', e assim aprovou suas palavras. Vasuki tendo ouvido aquela maldição e então as palavras do Avô, procurou a proteção dos deuses, ó filho, na ocasião quando o amrita estava sendo batido. E os deuses, com seu objetivo cumprido, pois eles tinham obtido o excelente amrita, com Vasuki à frente, se aproximaram do Avô. E todos os deuses, com o rei Vasuki, procuraram inclinar Ele que nasceu do lótus a ser propício, para que a maldição pudesse ser anulada.

E os deuses disseram, 'Ó Senhor, Vasuki, o rei das cobras, está pesaroso por causa de seus parentes. Como a maldição da mãe dele poderá ser abortada?'

Brahman respondeu, dizendo, 'Jaratkaru tomará para si mesmo uma esposa de nome Jaratkaru; o Brahmana nascido dela salvará as cobras.'

Vasuki, a melhor das cobras, ouvindo aquelas palavras, me entregou, ó tu de aspecto divino, ao teu pai de grande alma algum tempo antes do início do sacrifício. E daquele casamento tu nasceste de mim. Aquela hora chegou. Cabe a ti nos proteger deste perigo. Cabe a ti proteger meu irmão e eu mesma do fogo, para que o objetivo, nossa salvação, pelo qual eu fui concedida ao teu sábio pai, possa ser realizado. O que tu achas, ó filho?"

Sauti continuou, "Assim endereçado, Astika disse para sua mãe, 'Sim, eu o farei.' E ele então se dirigiu ao aflito Vasuki, e como se infundindo vida nele, disse, 'Ó Vasuki, tu melhor das cobras, grande ser, eu digo verdadeiramente, eu te salvarei daquela maldição. Acalma-te, ó cobra! Não há mais temor. Eu me esforçarei seriamente para que o bem sobrevenha! Ninguém nunca disse que minhas palavras, mesmo em brincadeira, se comprovaram falsas. Por isso em ocasiões sérias como essa eu não preciso dizer mais nada, ó tio, indo para lá hoje eu gratificarei, com palavras misturadas com bênçãos, o monarca Janamejaya instalado no sacrifício, para que, ó excelente, o sacrifício possa parar. Ó de grande alma, ó rei das cobras, acredite em tudo o que eu digo. Creia-me, minha resolução nunca pode deixar de ser realizada.'

E Vasuki então disse, 'Ó Astika, minha cabeça gira e meu coração se parte. Eu não posso discernir os pontos da terra, porque eu estou aflito pela maldição de minha mãe.'

E Astika disse, 'Tu melhor das cobras, não cabe a ti te afligir mais. Eu dissiparei esse teu medo do fogo ardente. Este castigo terrível, capaz de queimar como o fogo no fim do Yuga, eu extinguirei. Não nutra mais esse medo.'

Sauti continuou, "Então aquele melhor dos Brahmanas, Astika, abrandando o medo terrível do coração de Vasuki, e tomando-o, por assim dizer, sobre si mesmo, foi, para o alívio do rei das cobras, com velocidade para o sacrifício de Janamejaya abençoado com todo o mérito. E Astika tendo ido para lá, viu a excelente área sacrificial com numerosos Sadasyas sobre ela cujo esplendor era semelhante àquele do Sol ou Agni. Mas aquele melhor dos Brahmanas teve sua admissão recusada pelos guardas da porta. E o poderoso asceta os gratificou, estando desejoso de entrar na área sacrificial. E aquele melhor dos Brahmanas, aquele mais notável de todos os homens virtuosos, tendo entrado na excelente área sacrificial, começou a adorar o rei de realizações infinitas, Ritwiks, os Sadasyas, e também o fogo sagrado.

## 55

(Continuação do Astika Parva)

Astika disse, 'Soma e Varuna e Prajapati realizaram sacrifícios antigamente em Prayaga. Mas teu sacrifício, ó principal da linhagem de Bharata, ó filho de Parikshit, não é inferior a qualquer um deles. Que aqueles queridos para nós sejam abençoados! Sakra realizou cem sacrifícios. Mas esse teu sacrifício, ó principal da linhagem de Bharata, ó filho de Parikshit, é completamente igual a dez mil sacrifícios de Sakra. Que aqueles queridos para nós sejam abençoados! Semelhante ao sacrifício de Yama, de Harimedha, ou do rei Rantideva, é o teu sacrifício, ó principal da linhagem de Bharata, ó filho de Parikshit. Que aqueles queridos para nós sejam abençoados! Como o sacrifício de Maya, do rei Sasavindu, ou do rei Vaisravana, é esse teu sacrifício, ó principal da linhagem de Bharata, como o sacrifício de Nriga, de Ajamida, do filho de Dasaratha, é esse teu sacrifício, ó principal da linhagem de Bharata, ó filho de Parikshit. Que aqueles queridos para nós sejam abençoados! Como o sacrifício do rei Yudhishtira, o filho de um deus e pertencente à linhagem Ajamida, conhecido (até) nos céus, é esse teu sacrifício. Ó principal da linhagem de Bharata, ó filho de Parikshit, que aqueles queridos para nós sejam abençoados! Como o sacrifício de Krishna (Dwaipayana), o filho de Satyavati, no qual ele mesmo era o sacerdote principal, é esse teu sacrifício, ó principal da linhagem de Bharata, ó filho de Parikshit! Que aqueles queridos para nós sejam abençoados! Estes (Ritwiks e Sadasyas) que estão aqui empenhados em fazer teu sacrifício, como aquele do matador de Vritra, são de esplendor igual àquele do Sol. Agora não resta nada para eles conhecerem, e os presentes feios a eles se tornam inesgotáveis (em mérito). É minha convicção que não há Ritwik em todos os mundos que seja igual ao teu Ritwik, Dwaipayana. Seus discípulos, se tornando Ritwiks, qualificados para seus deveres, viajam pela terra. O transportador de grande alma da libação (Agni), chamado também de

Vibhvasu e Chitrabhanu, tendo ouro como sua semente vital e tendo seu caminho marcado por fumaça negra, resplandecendo com chamas inclinadas para a direita, leva essas libações de manteiga clarificada para os deuses. Neste mundo dos homens não há outro monarca igual a ti na proteção dos súditos. Eu estou sempre muito satisfeito com tua abstinência. De fato, tu és ou Varuna, ou Yama, o deus da Justiça. Como o próprio Sakra, raio nas mãos, tu és, nesse mundo, o protetor de todas as criaturas. Nesta terra não há homem tão grandioso quanto tu e nenhum monarca que seja igual a ti em sacrifícios. Tu és como Khatwanga, Nabhaga, e Dilipa. Em coragem tu és como Yayati e Mandhatri. Em esplendor igual ao sol, e de votos excelentes, tu és ó monarca, como Bhishma! Como Valmiki tu és de energia oculta. Como Vasishtha tu tens controlado tua ira. Como Indra é teu domínio. Teu esplendor também brilha como aquele de Narayana. Como Yama tu és proficiente com a dispensação de justiça. Tu és como Krishna adornado com todas as virtudes. Tu és o lar da boa sorte que pertence aos Vasus. Tu és também o refúgio dos sacrifícios. Em força tu és igual a Damvodbhava. Como Rama (o filho de Jamadagni) tu és concededor das escrituras e seus ramos. Em energia tu és igual a Aurva e Trita. Tu inspiras terror por meio dos teus olhares como Bhagiratha.”

Sauti disse, “Astika, tendo assim os adorados, agradeu eles todos, o rei, os Sadasyas, os Ritwiks e o fogo sacrificial. E o rei Janamejaya vendo os sinais e indicações manifestados por toda parte, se dirigiu a eles como segue.

## 56

(Continuação do Astika Parva)

Janamejaya disse, 'Embora este seja somente um menino, ele fala como um velho homem sábio. Ele não é um menino, mas uma pessoa sábia e idosa, eu penso, e desejo conceder a ele um benefício. Portanto, ó Brahmanas, me dêem a permissão necessária.'

Os Sadasyas disseram, 'Um Brahmana, embora um menino, merece o respeito dos reis. Os eruditos ainda mais. Este menino merece que todos os seus desejos sejam realizados por ti, mas não antes de Takshaka chegar com velocidade.'”

Sauti continuou, “O rei, estando disposto a conceder ao Brahmana um benefício, disse: 'Peça um benefício.' O Hotri, no entanto, estando um pouco descontente, disse: 'Takshaka não veio até agora a esse sacrifício.'

Janamejaya respondeu, 'Se esforcem o melhor que puderem para que esse meu sacrifício possa alcançar sua conclusão, e para que Takshaka também possa vir logo para cá. Ele é meu inimigo.'

Os Ritwiks responderam, 'Como as escrituras declaram para nós, e como o fogo também diz, ó monarca, (parece que) Takshaka está agora permanecendo na residência de Indra, afligido pelo medo.'

Sauti continuou, "O ilustre Suta chamado Lohitaksha também, conhecedor dos Puranas, tinha dito aquilo antes.

Questionado pelo rei na presente ocasião ele outra vez disse ao monarca, 'Senhor, é assim mesmo como os Brahmanas disseram, conhecendo os Puranas, eu digo, ó monarca, que Indra concedeu a ele esse benefício, dizendo, 'More comigo em segredo, e Agni não te queimará.'

Sauti continuou, "Ouvindo isso, o rei instalado no sacrifício ficou muito preocupado e incitou o Hotri a cumprir seu dever. E quando o Hotri, com mantras, começou a despejar manteiga clarificada no fogo o próprio Indra apareceu em cena. E o ilustre veio em seu carro, adornado por todos os deuses em volta, seguido por massas de nuvens, cantores celestes, e vários grupos de dançarinas celestes. E Takshaka ansioso se escondeu na parte superior da roupa de Indra e não estava visível. Então o rei enraivecido disse novamente para seus Brahmanas conhecedores de mantras essas palavras, determinado a destruir Takshaka, 'Se a cobra Takshaka estiver na residência de Indra, lance ele no fogo com o próprio Indra.'

Sauti continuou, "Instado assim pelo rei Janamejaya sobre Takshaka, o Hotri despejou libações, chamando pelo nome aquela cobra que então estava lá. E enquanto as libações eram despejadas, Takshaka, com o próprio Purandara, ansioso e aflito, ficou visível por um momento nos céus. Então Purandara, vendo aquele sacrifício, ficou muito alarmado, e rapidamente rejeitando Takshaka voltou para sua própria residência. Depois de Indra ter ido embora, Takshaka, o príncipe das cobras, insensível pelo medo, foi pela virtude dos mantras levado perto suficiente das chamas do fogo sacrificial.

Os Ritwiks então disseram, 'Ó rei de reis, o teu sacrifício está sendo realizado devidamente. Cabe a ti, ó Senhor, conceder um benefício agora para este principal dos Brahmanas.'

Janamejaya então disse, 'Tu incomensurável de tais feições belas e infantis, eu desejo te conceder um benefício digno. Portanto, peça aquilo que tu desejas no teu coração. Eu te prometo que eu o concederei mesmo que seja inconcessível.'

Os Ritwiks disseram, 'Ó monarca, veja, Takshaka está quase sob o teu controle! Seus gritos terríveis e rugidos altos estão sendo ouvidos. Seguramente, a cobra foi abandonada pelo manejador do raio. Seu corpo sendo incapacitado por seus mantras, ele está caindo do céu. Agora mesmo, girando nos céus, e privado de consciência, o príncipe das cobras vem, respirando ruidosamente.'

Sauti continuou, "Enquanto Takshaka, o príncipe das cobras estava prestes a cair no fogo sacrificial, durante aqueles poucos momentos Astika falou o seguinte,

'Ó Janamejaya, se tu me concederás um benefício, que este teu sacrifício tenha fim e que nenhuma outra cobra caia no fogo.'

Ó Brahmana, o filho de Parikshit, sendo assim endereçado por Astika, ficou muito pesaroso e respondeu a Astika dessa forma, 'Ó ilustre, ouro, prata, vacas, e quaisquer outras posses que tu desejares eu te darei. Mas não que meu sacrifício termine.'

Astika respondeu, 'Ouro, prata ou vacas eu não te peço, ó monarca! Mas que teu sacrifício termine para que meus parentes maternos sejam salvos.'

Sauti continuou, "O filho de Parikshit, sendo assim endereçado por Astika, repetidamente disse isso àquele principal dos oradores, 'Melhor dos Brahmanas, peça algum outro benefício. Ó, abençoado sejas tu!' Mas, ó tu da linhagem de Bhrigu, ele não pediu nenhum outro benefício. Então todos os Sadasyas conhecedores dos Vedas disseram ao rei em uma só voz, 'Que o Brahmana receba seu benefício!'"

## 57

(Continuação do Astika Parva)

Saunaka disse, "Ó filho de Suta, eu desejo ouvir os nomes de todas aquelas cobras que caíram no fogo daquele sacrifício de cobras!"

Sauti respondeu, 'Muitos milhares e dezenas de milhares e bilhões de cobras caíram no fogo. Ó Brahmana mais excelente, tão grande é o número que eu sou incapaz de enumerar elas todas. Por enquanto, porém, conforme eu lembro, ouça os nomes que eu menciono das principais cobras lançadas ao fogo. Ouça primeiro os nomes das principais da raça de Vasuki somente, de cor azul, vermelhas e brancas, de formas terríveis e corpo enorme e veneno mortal. Desamparadas e miseráveis e afligidas pela maldição de sua mãe, elas caíram no fogo sacrificial como libações de manteiga.

Kotisa, Manasa, Purna, Cala, Pala Halmaka, Pichchala, Kaunapa, Cakra, Kalavega, Prakalana, Hiranyavahu, Carana, Kakshaka, Kaladantaka, estas cobras nascidas de Vasuki caíram no fogo. E, ó Brahmana, numerosas outras cobras bem nascidas, e de forma terrível e grande força, foram queimadas no fogo ardente. Eu agora mencionarei aquelas nascidas na raça de Takshaka. Ouça seus nomes. Puchchandaka, Mandalaka, Pindasektri, Ravenaka; Uchochikha, Carava, Bhangas, Vilwatejas, Virohana; Sili, Salakara, Muka, Sukumara, Pravepana, Mudgara e Sisuroman, Suroman e Mahahanu. Estas cobras nascidas de Takshaka caíram no fogo. E Paravata, Parijata, Pandara, Harina, Krisa, Vihanga, Sarabha, Meda, Pramoda, Sauhatapana, estas nascidas na raça de Airavata caíram no fogo. Agora ouça, ó melhor dos Brahmanas, os nomes das cobras que eu cito nascidas na raça de Kauravya: Eraka, Kundala Veni, Veniskandha, Kumaraka, Vahuka, Sringavera, Dhurtaka, Pratara e Astaka. Estas nascidas na

raça de Kauravya caíram no fogo. Agora ouça os nomes que eu menciono, em ordem, daquelas cobras dotadas da velocidade do vento e de veneno virulento, nascidas na raça de Dhritarashtra: Sankukarna, Pitharaka, Kuthara, Sukhana, e Shechaka; Purnangada, Purnamukha, Prahasa, Sakuni, Dari, Amahatha, Kumathaka, Sushena, Vyaya, Bhairava, Mundavedanga, Pisanga, Udraparaka, Rishabha, Vegavat, Pindaraka; Raktanga, Sarvasaranga, Samriddha, Patha e Vasaka; Varahaka, Viranaka, Suchitra, Chitravegika, Parasara, Tarunaka, Maniskandha e Aruni.

Ó Brahmana, assim eu recitei os nomes das principais cobras amplamente conhecidas por suas façanhas; eu não sou capaz de nomear todas, o número é incontável. Os filhos destas cobras, os filhos daqueles filhos, que foram queimados tendo caído no fogo, eu sou incapaz de mencionar. Eles são tantos! Alguns de três cabeças, algum de sete, outros de dez, de veneno como o fogo no fim do yuga e de forma terrível, elas foram queimadas às milhares!

Muitas outras, de corpos enormes, de grande velocidade, altas como topos de montanha, do comprimento de um yama, de um yojana, e de dois yojanas, capazes de assumir qualquer forma que desejassem e de dominar à vontade qualquer intensidade de força, de veneno como o fogo ardente, afligidas pela maldição de uma mãe, foram queimadas naquele grande sacrifício.”

## 58

(Continuação do Astika Parva)

Sauti disse, “Escute agora outro incidente extraordinário em relação a Astika. Quando o rei Janamejaya estava para gratificar Astika lhe concedendo o benefício, a cobra (Takshaka), jogada pelas mãos de Indra, permaneceu no meio do ar sem realmente cair. O rei Janamejaya então ficou curioso, pois Takshaka, afligido pelo medo, não caiu imediatamente no fogo embora as libações fossem despejadas de forma apropriada no fogo sacrificial Agni.”

Saunaka disse, “Ó Suta, os mantras daqueles Brahmanas sábios não eram potentes; já que Takshaka não caiu no fogo?”

Sauti respondeu, “Ao inconsciente Takshaka, a melhor das cobras, depois que ele foi jogado das mãos de Indra, Astika disse três vezes, ‘fique’ ‘fique’ ‘fique.’ E ele conseguiu ficar nos céus, com o coração aflito, como um ser que podia ficar entre o firmamento e a terra.

O rei então, sendo repetidamente instado por seus Sadasyas, disse, 'Que seja feito como Astika disse. Que o sacrifício termine, as cobras sejam salvas, e Astika também seja satisfeito, ó Suta, e que as tuas palavras também sejam verdadeiras.' Quando o benefício foi concedido a Astika, muitas aclamações de alegria ressoaram pelo ar. Assim o sacrifício do filho de Parikshit, o rei da

linhagem Pandava, teve um fim. O rei Janamejaya da família Bharata estava satisfeito, e aos Ritwiks com os Sadasyas, e a todos os que haviam ido lá, o rei deu dinheiro às centenas e milhares. E ao Suta Lohitaksha, conhecedor das regras de construção e fundações, que no início havia dito que um Brahmana seria a causa da interrupção do sacrifício de cobras, o rei deu muita riqueza. O rei, por bondade rara, também deu a ele várias coisas, como comida e trajés de roupa, segundo o seu desejo, e ficou muitíssimo satisfeito. Então ele concluiu seu sacrifício de acordo com os ritos prescritos, e depois de tratá-lo com todo respeito, o rei em alegria mandou para casa o sábio Astika extremamente satisfeito por ter alcançado seu objetivo. E o rei disse a ele, 'Tu deves vir outra vez para tornar-te um Sadasya no meu grande sacrifício de cavalos.' E Astika disse, 'Sim' e então voltou para casa em grande alegria, tendo alcançado seu objetivo depois de agradecer o monarca. E voltando em alegria até seu tio e sua mãe e tocando seus pés, ele lhes contou como tudo tinha acontecido."

Sauti continuou, "Ouvindo tudo o que ele disse as cobras que foram lá ficaram muito encantadas, e seus medos foram aliviados. Elas estavam muito satisfeitas com Astika e pediram a ele para solicitar um benefício, dizendo, 'Ó erudito, que bem nós faremos para ti? Nós estamos muito gratos, tendo sido todos salvos por ti. O que nós realizaremos para ti, ó filho?'

Astika disse, 'Que os Brahmanas, e outros homens, que, de manhã ou à noite, alegremente e com atenção, lerem o sagrado relato desta minha ação não tenham medo de nenhum de vocês.' E as cobras em alegria disseram, 'Ó sobrinho, pela natureza do teu benefício, que seja exatamente como tu disseste. Isso que tu pediste todos nós faremos alegremente, ó sobrinho! E aqueles também que se lembrarem de Astika, Artiman e Sunitha, de dia ou durante a noite, não terão medo de cobras. Novamente, não terá medo de cobras aquele que disser, 'Eu me lembro do famoso Astika nascido de Jaratkaru, Astika que salvou as cobras do sacrifício de cobras. Portanto, cobras afortunadas, não cabe a vocês me morder. Mas vão embora, abençoadas sejam vocês, ou vão embora as cobras de veneno virulento, e lembrem-se das palavras de Astika depois do sacrifício de cobras de Janamejaya. Aquelas cobras que não pararem de morder depois de ouvirem tal menção a Astika terão seu capelo dividido em cem vezes como o fruto da árvore Sinsa."

Sauti continuou, "O principal dos Brahmanas, ouvindo isso dos principais chefes das cobras reunidos ficou muito grato. E aquele de grande alma então quis ir embora.

E aquele melhor dos Brahmanas, tendo salvado as cobras do sacrifício de cobras, ascendeu para o céu quando chegou sua hora, deixando seus filhos e netos para trás.

Assim eu narrei para ti essa história de Astika exatamente como aconteceu. De fato, a recitação desta história dispersa todo o medo de cobras."

Sauti continuou, "Ó Brahmanas, ó principal da linhagem Bhrigu, como teu antepassado Pramati alegremente a narrou ao seu filho inquiridor Ruru, e como eu

a ouvi, assim eu recitei esta história abençoada, desde o início, do erudito Astika. E, ó Brahmana, ó opressor de todos os inimigos, tendo ouvido esta história sagrada de Astika que amplia a virtude, e sobre a qual tu me perguntaste depois de ouvir a história do Dundubha, que a tua curiosidade ardente esteja satisfeita.”

## 59

(Adivansavatarana Parva)

Saunaka disse, “Ó filho, tu narraste para mim aquela extensa e maravilhosa história iniciando com a progênie de Bhrigu. Ó filho de Suta, eu estou muito satisfeito contigo. Eu peço a ti outra vez, para narrar para mim, ó filho de Suta, a história composta por Vyasa. As variadas e extraordinárias narrações que foram recitadas entre aqueles ilustres Sadasyas reunidos no sacrifício, nos intervalos de suas funções daquela longa cerimônia, e os objetos também daquelas narrações, eu desejo ouvir de ti, ó filho de Suta! Recite, portanto, tudo aquilo para mim de modo completo.”

Sauti disse, “Os Brahmanas, nos intervalos das funções, falaram de muitas coisas fundadas sobre os Vedas. Mas Vyasa recitou a maravilhosa e grandiosa história chamada Bharata.”

Saunaka disse, “A história sagrada chamada Mahabharata, que espalha a fama dos Pandavas, a qual Krishna-Dwaipayana, a pedido de Janamejaya, fez ser devidamente recitada depois da conclusão do sacrifício, eu desejo ouvir exatamente. Aquela história foi nascida da mente como um oceano do grande Rishi de alma purificada por ioga. Tu principal dos homens de bem, narre-a para mim, pois, ó filho de Suta, minha sede não foi apaziguada por tudo o que tu disseste.”

Sauti disse, “Eu narrarei para ti desde o início a história excelente e maravilhosa chamada Mahabharata composta por Vyasa. Ó Brahmana, escute-a integralmente, enquanto eu a recito. Eu sinto grande prazer em recitá-la.”

## 60

(Continuação do Adivansavatarana Parva)

Sauti disse, “Ao saber que Janamejaya estava no Sacrifício de cobras, o erudito Rishi Krishna-Dwaipayana foi para lá na ocasião. E ele, o grande pai dos Pandavas, havia nascido em uma ilha do Yamuna, da virgem Kali com o filho de Sakti, Parasara. E aquele ilustre desenvolveu por sua própria vontade seu corpo logo que nasceu, e dominou os Vedas e seus ramos, e todas as histórias. E ele facilmente obteve o que ninguém poderia obter por ascetismo, por estudo dos Vedas, por votos, por jejuns, por prole, e por sacrifício. E o principal dos

conhecedores do Veda, ele dividiu os Vedas em quatro partes. E o Brahmana Rishi tinha o conhecimento do Brahma supremo, conhecia o passado por intuição, era santo, e apreciador da verdade. De atos sagrados e grande fama, ele gerou Pandu e Dhritarashtra e Vidura para continuar a linhagem de Santanu.

E o Rishi de grande alma, com seus discípulos todos conhecedores dos Vedas e seus ramos, entraram no pavilhão do sacrifício do sábio real, Janamejaya. E ele viu o rei Janamejaya sentado na região do sacrifício como o deus Indra, circundado por Sadasyas numerosos, por reis de vários países cujas coroas trançadas haviam sido submetidas a um banho sagrado, e por competentes Ritviks como o próprio Brahman. E o principal da linha Bharata, o sábio real Janamejaya, ao ver o Rishi chegando avançou rapidamente com seus seguidores e parentes em grande alegria. E o rei com a aprovação de seus Sadasyas deu ao Rishi um assento dourado como Indra fez para Vrihaspati. E quando o Rishi, capaz de conceder bênçãos e adorado pelos próprios Rishis celestes estava sentado, o rei dos reis o reverenciou segundo os ritos das escrituras. E o rei então ofereceu a ele, seu avô Krishna, que realmente merecia, água para lavar seus pés e boca, e o Arghya, e vacas. E aceitando aquelas oferendas do Pandava Janamejaya e pedindo também para que as vacas não fossem mortas, Vyasa ficou muito satisfeito. E o rei, depois daquelas adorações curvou-se a seu grande antepassado, e em alegria o questionou sobre seu bem-estar. E o Rishi ilustre também, lançando seus olhos sobre ele e perguntando acerca de seu bem-estar, adorou os Sadasyas, tendo sido antes adorado por eles todos. E afinal, Janamejaya com todos os seus Sadasyas, questionou aquele principal dos Brahmanas, com as palmas unidas dessa forma:

'Ó Brahmana, tu viste com teus próprios olhos as ações dos Kurus e dos Pandavas. Eu estou desejoso de te ouvir recitar a história deles. Qual foi a causa da desunião entre eles e qual foi o resultado de tais atos extraordinários? Por que também aquela grande batalha que causou a morte de criaturas inumeráveis ocorreu entre todos os meus avôs, sua clareza de razão obscurecida pelo destino? Ó Brahmana excelente, me conte integralmente como tudo aquilo aconteceu.'

Ouvindo essas palavras de Janamejaya, Krishna-Dwaipayana ordenou a seu discípulo Vaisampayana que sentasse ao seu lado, dizendo, 'A discórdia que ocorreu entre os Kurus e os Pandavas antigamente, narre tudo ao rei como tu ouviste de mim.'

Então aquele Brahmana abençoado por ordem de seu preceptor recitou o total daquela história ao rei, aos Sadasyas, e a todos os comandantes lá reunidos. E ele disse a eles tudo sobre a hostilidade e a completa extinção dos Kurus e dos Pandavas.

## 61

(Continuação do Adivansavatarana Parva)

Vaisampayana disse, ‘Curvando-me em primeiro lugar a meu preceptor com as oito partes do meu corpo tocando o solo, com dedicação e reverência, e com todo meu coração adorando todos os Brahmanas reunidos e outras pessoas eruditas, eu recitarei integralmente o que eu ouvi do grande Rishi Vyasa de grande alma, o principal dos homens inteligentes nos três mundos. E por ter chegado ao teu alcance, ó monarca, tu também és uma pessoa digna de ouvir a composição chamada Bharata. Encorajado pela ordem do meu preceptor meu coração não sente medo.

Ouçã, ó monarca, por que aquela desunião ocorreu entre os Kurus e os Pandavas, e por que também aquele exílio às florestas ocorreu imediatamente após o jogo de dados incitado pelo desejo (dos Kurus) de governar. Eu narrarei tudo a ti que pediste isto, ó melhor da família Bharata!

Após a morte de seu pai aqueles heróis (os Pandavas) foram para sua própria casa. E dentro de pouco tempo eles se tornaram bem versados na arte de manejar arco e flecha. E os Kurus ao verem os Pandavas dotados com força física, energia e poder de mente, populares também com os cidadãos, e abençoados com boa sorte, ficaram muito ciumentos. Então Duryodhana de mente desonesta, e Karna, com (o tio do primeiro) o filho de Suvala começaram a persegui-los e planejar meios para seu exílio. Então o vil Duryodhana, guiado pelos conselhos de Sakuni (seu tio materno), perseguiu os Pandavas de várias maneiras para poder adquirir a soberania incontestável. O perverso filho de Dhritarashtra deu veneno para Bhima, mas Bhima de estômago de lobo digeriu o veneno com a comida. Então o canalha novamente amarrou Bhima adormecido na margem da Ganges e, jogando-o na água, foi embora. Mas quando Bhimasena de braços fortes, o filho de Kunti, acordou, ele rompeu as cordas com as quais ele estava atado e emergiu, sem sentir angústia. E enquanto esteve dormindo e na água serpentes negras de veneno virulento o morderam em todas as partes de seu corpo. Mas aquele matador de inimigos ainda assim não pereceu. E em todas essas perseguições aos Pandavas por seus primos, os Kurus, Vidura de grande alma atenciosamente se comprometeu a neutralizar os maus intentos e salvar os que eram perseguidos. E como Sakra dos céus mantém em felicidade o mundo dos homens, assim Vidura sempre manteve os Pandavas salvos do mal.

Quando Duryodhana, com vários meios, secretos e públicos, se viu incapaz de destruir os Pandavas que eram protegidos pelo destino e mantidos vivos para propósitos importantes no futuro (tal como o extermínio da raça Kuru), ele então reuniu seus conselheiros que eram Vrisha (Karna), Duhsasana e outros, e com o conhecimento de Dhritarashtra fizeram com que uma casa de laca fosse construída. E o rei Dhritarashtra, por afeição por seus filhos, e incitado pelo desejo de soberania, enviou os Pandavas diplomaticamente para Varanavata. E os Pandavas então saíram de Hastinapura com sua mãe. E quando eles estavam

deixando a cidade Vidura lhes deu uma idéia do perigo iminente e como eles poderiam sair disso.

Os filhos de Kunti alcançaram a cidade de Varanavata e viveram lá com sua mãe. E, de acordo com a ordem de Dhritarashtra, aqueles ilustres destruidores de todos os inimigos viveram no palácio de laca, enquanto estavam na cidade. E eles viveram naquele local por um ano, se protegendo de Purochana muito atentamente. E fazendo com que uma passagem subterrânea fosse construída, agindo segundo as indicações de Vidura, eles incendiaram aquela casa de laca e queimaram Purochana, (inimigo deles e espião de Duryodhana) que morreu. Aqueles matadores de todos os inimigos, ansiosos e com medo, então fugiram com sua mãe. Nas florestas junto de uma fonte eles viram um Rakshasa. Mas, alarmados com o risco que corriam de se exporem por uma ação os Pandavas fugiram na escuridão, com medo dos filhos de Dhritarashtra. E foi lá que Bhima ganhou Hidimva (a irmã do Rakshasa que ele matou) como sua esposa, e foi dela que Ghatotkacha nasceu. Então os Pandavas, de votos rígidos e conhecedores dos Vedas, foram para uma cidade de nome Ekachakra e moraram lá no disfarce de Brahmacharins. E aqueles touros entre os homens moraram naquela cidade na casa de um Brahmana por algum tempo, com moderação e abstinência. E foi lá que Bhima de braços poderosos enfrentou um faminto e poderoso Rakshasa comedor de homens chamado Vaka. E Bhima, o filho de Pandu, aquele tigre entre os homens, matou-o rapidamente com a força de seus braços e fez com que os cidadãos fossem salvos e libertos do medo. Então eles souberam de Krishna (a princesa de Panchala) que estava disposta a escolher um marido dentre os príncipes reunidos. E, sabendo disso, eles foram para Panchala, e lá eles obtiveram a moça. E tendo obtido Draupadi (como sua mulher em comum) eles então moraram lá por um ano. E depois de se tornarem conhecidos, aqueles vencedores de todos os inimigos voltaram para Hastinapura. E então o rei Dhritarashtra e o filho de Santanu (Bhishma) disseram a eles o seguinte: 'Em verdade, ó caros, desavenças não devem ocorrer entre vocês e seus primos, por isso nós decidimos que Khandavaprastha deve ser sua residência. Portanto, vão, deixando para trás todo o ciúme, para Khandavaprastha que contém muitas cidades servidas por muitas estradas amplas, para lá habitarem.' E conseqüentemente os Pandavas foram, com todos os seus amigos e seguidores, para Khandavaprastha levando com eles muitas jóias e pedras preciosas. E os filhos de Pritha moraram lá por muitos anos. E eles trouxeram, pela força das armas, muitos príncipes sob sua submissão. E assim, estabelecendo seus corações na virtude e firmemente aderindo à verdade, não perturbados por causa de riquezas, de comportamento calmo, e eliminando numerosos males, os Pandavas gradualmente se elevaram em poder. E Bhima de grande reputação subjugou o Leste, o heróico Arjuna, o Norte, Nakula, o Oeste; Sahadeva, o Sul. E isto tendo sido feito, sua dominação se espalhava sobre todo o mundo. E com os cinco Pandavas, cada um como o Sol, a Terra parecia ter seis Sóis.

Então, por alguma razão, Yudhishtira, o justo, dotado de grande energia e coragem, enviou seu irmão Arjuna que era capaz de sacar o arco com a mão esquerda, caro a ele como a própria vida, para as florestas. E Arjuna, aquele tigre

entre os homens, de alma firme, e dotado de todas as virtudes, viveu nas florestas por onze anos e meses. E durante aquele período, em certa ocasião, Arjuna foi até Krishna em Dwaravati. E Vibhatsu (Arjuna) lá obteve como esposa a irmã mais nova de Vasudeva, de olhos de lótus e voz suave, de nome Subhadra. E ela uniu-se em alegria com Arjuna, o filho de Pandu, como Sachi com o grande Indra, ou Sri com o próprio Krishna. E então, ó melhor dos monarcas, Arjuna, o filho de Kunti, com Vasudeva, satisfaz Agni; o carregador da manteiga sacrificial, na floresta de Khandava (por queimar as plantas medicinais daquela floresta para curar Agni de sua indigestão). E para Arjuna, ajudado como ele foi por Kesava, a tarefa não pareceu pesada de modo algum assim como nada é pesado para Vishnu, com muitos esquemas e recursos na questão de destruir seus inimigos. E Agni deu ao filho de Pritha o excelente arco Gandiva e uma aljava que era inesgotável, e uma carruagem de guerra portando a figura de Garuda em seu estandarte. E foi naquela ocasião que Arjuna salvou o grande Asura (Maya) do medo (de ser consumido pelo fogo). E Maya, em agradecimento, construiu (para os Pandavas) um palácio celeste ornamentado com todo tipo de jóias e pedras preciosas. E o vil Duryodhana, vendo aquela construção, foi tomado pelo desejo de possuí-la. E enganando Yudhishtira por meio dos dados jogados pelas mãos do filho de Suvala, Duryodhana mandou os Pandavas para as florestas por doze anos e um ano adicional para ser passado em segredo, deste modo fazendo um período de treze anos no total.

E no décimo quarto ano, ó monarca, quando os Pandavas voltaram e exigiram sua propriedade eles não a obtiveram. E então a guerra foi declarada, e os Pandavas, depois de exterminarem toda a raça de Kshatriyas e de matarem o rei Duryodhana, obtiveram de volta seu reino devastado.

Esta é a história dos Pandavas que nunca agiram sob a influência de más intenções; e esta é a causa, ó principal dos monarcas vitoriosos, da desunião que terminou com a perda do reino pelos Kurus e a vitória dos Pandavas.'

## 62

(Continuação do Adivansavatarana Parva)

Janamejaya disse, 'Ó excelente Brahmana, tu, de fato, me disseste, em resumo, a história, chamada Mahabharata, das grandes ações dos Kurus. Mas, ó tu de riqueza ascética, recite agora aquela narração maravilhosa inteiramente. Eu sinto uma grande curiosidade de ouvi-la. Cabe a ti narrá-la, portanto, integralmente. Eu não estou satisfeito em ouvir em poucas palavras esta grande história. Não seria por uma causa insignificante que os virtuosos matariam aqueles que eles não teriam matado, e pelo que eles ainda são elogiados pelos homens. Por que também aqueles tigres entre os homens, inocentes e capazes de se vingarem sobre seus inimigos tranquilamente, sofreram a perseguição dos perversos Kurus? Por que também, ó melhor dos Brahmanas, Bhima de braços

poderosos e com a força de dez mil elefantes, controlou sua ira, embora injustiçado? Por que também a casta Krishna, a filha de Drupada, injustiçada por aqueles desgraçados e capaz de queimá-los, não queimou os filhos de Dhritarashtra com seus olhos coléricos? Por que também os dois outros filhos de Pritha e os dois filhos de Madri (Nakula e Sahadeva), eles mesmos injuriados pelos Kurus, seguiram Yudhishtira que era viciado no mau hábito do jogo? Por que também Yudhishtira, o principal de todos os homens virtuosos, o filho do próprio Dharma, conhecedor de todos os deveres, sofreu aquela grande aflição? Por que também o Pandava Dhananjaya, tendo Krishna como seu quadrigário, que com suas flechas mandou para o outro mundo aquela destemida hoste de homens combatentes (sofreu tal perseguição)? Ó tu de riqueza ascética, fale de tudo isso e como isso ocorreu, e de tudo o que aqueles quadrigários poderosos realizaram.'

Vaisampayana disse, 'Ó monarca, estipule um tempo para ouvi-la. Esta história contada por Krishna-Dwaipayana é muito extensa. Todavia eu a recitarei do início. Eu repetirei o total da composição integralmente, do ilustre e grande Rishi Vyasa de incomensurável poder mental, e adorado em todos os mundos. Este Bharata consiste em cem mil slokas sagrados compostos pelo filho de Satyavati, de poder mental imensurável. Aquele que o lê para outros, e aquele que ouve a leitura alcançam o mundo de Brahman e se tornam iguais aos verdadeiros deuses. Este Bharata é igual aos Vedas, é sagrado e excelente; é digno de ser ouvido por todos, e é um Purana reverenciado pelos Rishis. Ele contém muitas instruções úteis sobre Artha e Kama (lucro e prazer). Esta história sagrada faz o coração desejar a salvação. Pessoas eruditas por recitarem este Veda de Krishna-Dwaipayana àqueles que são generosos, sinceros e crentes, ganham muita riqueza. Pecados, tais como matar o embrião no útero, são seguramente destruídos por isto. Uma pessoa, embora cruel e pecaminosa, por ouvir esta história, escapa de todos os seus pecados como o Sol de Rahu (depois do término do eclipse). Esta história é chamada de Jaya. Ela deve ser ouvida por aqueles desejosos de vitória. Um rei por ouvi-la pode trazer o mundo inteiro à sua submissão e conquistar todos os seus inimigos. Esta história em si mesma é uma ação poderosa de sacrifício expiatório, um sacrifício poderoso que produz frutos abençoados. Deve ser sempre ouvida por um jovem monarca com sua rainha, para então eles gerarem um filho heróico ou um filho para ocupar um trono. Esta história é a mais elevada e sagrada ciência do Dharma, Artha, e também de Moksha; isso foi dito pelo próprio Vyasa cuja mente é incomensurável. Esta história é recitada na era presente e será recitada no futuro. Aqueles que a ouvem, a lêem, têm filhos e servos sempre obedientes a eles e a cumprir suas ordens. Todos os pecados que são cometidos pelo corpo, palavra, ou mente, imediatamente deixam aqueles que ouvem esta história. Aqueles que ouvem, sem imperfeições em sua alma, a história do nascimento dos príncipes Bharata, não podem temer enfermidades, e muito menos temer o outro mundo.

Para estender a fama dos Pandavas de grande alma e de outros Kshatriyas versados em todos os ramos de conhecimento, corajosos, e conhecidos no mundo por suas realizações, Krishna-Dwaipayana, guiado também pelo desejo de fazer

bem ao mundo, compôs este trabalho que é excelente, produtivo de fama, que concede longevidade, e é sagrado e celestial. Aquele que, desejoso de adquirir mérito religioso faz com que esta história seja ouvida por Brahmanas santos adquire grande mérito e virtude inesgotáveis. Aquele que recita a famosa geração dos Kurus fica imediatamente purificado, adquire uma grande família e se torna respeitado no mundo. O Brahmana que regularmente estuda este Bharata sagrado pelos quatro meses da estação chuvosa é limpo de todos os seus pecados. Aquele que lê o Bharata pode ser considerado como alguém conhecedor dos Vedas.

Este trabalho apresenta um relato sobre os deuses e sábios reais e sagrados Rishis, o impecável Kesava; o deus dos deuses, Mahadeva e a deusa Parvati; o nascimento de Kartikeya que veio da união de Parvati com Mahadeva e foi criado por muitas mães; a grandeza dos Brahmanas e das vacas. Este Bharata é uma coleção de todos os Srutis, e deve ser ouvido por toda pessoa virtuosa. O homem erudito que o recita para Brahmanas durante as lunações sagradas fica limpo de todos os pecados, e, não se preocupando com o céu como antes, alcança a união com Brahma. Aquele que faz com que mesmo uma única página deste poema seja ouvida por Brahmanas durante o desempenho de um Sraddha torna tal Sraddha inesgotável, os Pitris ficando eternamente satisfeitos com os artigos uma vez oferecidos a eles. Os pecados que são cometidos diariamente por nossos sentidos ou mente, aqueles que são cometidos intencionalmente ou sem intenção por qualquer homem são todos destruídos pela audição do Mahabharata. A história do exaltado nascimento dos príncipes Bharata é chamada de Mahabharata. Aquele que conhece a etimologia deste nome está limpo de todos os seus pecados. E como esta história da família Bharata é tão extraordinária, ela, quando narrada, seguramente purifica os mortais de todos os pecados. O sábio Krishna-Dwaipayana completou seu trabalho em três anos. Levantando-se diariamente e se purificando e realizando suas devoções ascéticas, ele compôs este Mahabharata. Portanto, ele deve ser ouvido por Brahmanas com a formalidade de um voto. Aquele que recita aos outros esta narração sagrada composta por Krishna (Vyasa), e aqueles que a ouvem, em qualquer estado que ele ou eles possam estar, nunca podem ser afetados pelos frutos das ações, boas ou más. O homem desejoso de adquirir virtude deve ouvi-lo todo. Ele é equivalente a todas as histórias, e aquele que o ouve sempre alcança a pureza de coração. A satisfação que alguém deriva de alcançar o céu raramente é igual àquela que provém de se ouvir esta história sagrada. O homem virtuoso que com reverência a ouve ou faz com que ela seja ouvida obtém o fruto do Rajasuya e do sacrifício de cavalos. Diz-se que o Bharata é como uma mina de pedras preciosas como o vasto Oceano ou a grande montanha Meru. Esta história é sagrada e excelente, e é equivalente aos Vedas, digna de ser ouvida, agradável ao ouvido, sem pecado e cheia de virtude. Ó monarca, aquele que dá uma cópia do Bharata a alguém que lhe pediu faz de fato um presente de toda terra com seus mares. Ó filho de Parikshit, esta agradável narração que dá virtude e vitória eu estou prestes a narrar em sua totalidade, escute-a. O sábio Krishna-Dwaipayana regularmente por três anos compôs esta história extraordinária chamada Mahabharata. Ó touro entre os monarcas Bharata, qualquer coisa a respeito de virtude, riqueza, prazer, e

salvação pode ser vista em outros lugares; mas qualquer coisa que não esteja contida nesta história não pode ser encontrada em nenhum lugar.'

## 63

(Continuação do Adivansavatarana Parva)

Vaisampayana disse, 'Havia um rei de nome Uparichara. Aquele monarca era devotado à virtude. Ele também gostava muito de caçar. Aquele rei da linhagem Paurava, chamado também de Vasu, conquistou o excelente e encantador reino de Chedi sob ordens de Indra. Algum tempo depois o rei desistiu do uso de armas e, residindo em um retiro isolado praticou as mais severas austeridades. Os deuses com Indra à sua frente uma vez se aproximaram do monarca durante aquele período, crendo que ele procurava a autoridade dos deuses por meio daquelas austeridades severas. Os celestiais, ficando visíveis, por meio de palavras gentis conseguiram afastá-lo de suas austeridades ascéticas.

Os deuses disseram, 'Ó senhor da terra, tu deve tomar cuidado para que a virtude não sofra diminuição sobre a terra! Protegida por ti, a própria virtude em retorno protegerá o universo.' E Indra disse, 'Ó rei, proteja a virtude na terra atentamente e rigidamente. Sendo virtuoso, tu, por todo o tempo (após a morte), contemplarás muitas regiões sagradas. E embora eu seja do Céu, e tu sejas da terra, ainda tu és meu amigo e querido para mim. E, ó rei de homens, more naquela região sobre a terra que é encantadora, e com abundância de animais, sagrada, cheia de riquezas e cereais, bem protegida como o céu, que tem clima agradável, agraciada com todo objeto de prazer, e abençoada com fertilidade. E, ó monarca de Chedi, este teu domínio é cheio de riquezas, de jóias e pedras preciosas, e contém, além disso, muitas riquezas minerais. As cidades desta região são todas dedicadas à virtude; as pessoas são honestas e contentes; elas nunca mentem nem mesmo de brincadeira. Filhos nunca partilham da riqueza com seus pais e estão sempre atentos ao bem-estar de seus pais. Gados magros nunca estão unidos ao arado ou carroça ou impelidos a carregar mercadorias; por outro lado, eles são bem alimentados e engordados. Em Chedi as quatro classes estão sempre dedicadas a suas respectivas vocações. Que nada do que acontece nos três mundos seja desconhecido para ti. Eu te darei um carro de cristal tal como somente os celestiais são capazes de conduzir no ar. Somente tu, de todos mortais sobre a terra, dirigindo aquele melhor dos carros, percorrerás o céu como um celestial dotado de uma estrutura física. Eu também darei a ti uma guirlanda triunfal de lotos que não murcham, com a qual, em batalha, tu não serás ferido por armas. E, ó rei, esta abençoada e incomparável guirlanda, muito conhecida na terra como a guirlanda de Indra, será teu símbolo distintivo.'

O matador de Vritra (Indra) também deu ao rei, para sua satisfação, uma estaca de bambu para proteger os honestos e os pacíficos. Depois do término de um ano, o rei a plantou na terra com a finalidade de adorar aquele que a deu, Sakra.

Daquele tempo em adiante, ó monarca, todos os reis, seguindo o exemplo de Vasu, começaram a plantar uma estaca para a celebração do culto a Indra. Depois de erguer a estaca eles a decoravam com tecido dourado e perfumes e guirlandas e vários ornamentos. E o deus Vasava é adorado da forma devida com tais guirlandas e ornamentos. E o deus, para a satisfação do ilustre Vasu, assumindo a forma de um cisne, foi ele mesmo aceitar o culto assim oferecido. E o deus, vendo o culto auspicioso assim feito por Vasu, o principal dos monarcas, ficou encantado, e disse a ele, 'Os homens, e reis também, que me adorarem e alegremente celebrarem este meu festival como o rei de Chedi, terão glória e vitória para seus países e reinos. Suas cidades também se ampliarão e estarão sempre em alegria.'

O rei Vasu foi assim abençoado pelo satisfeito Maghavat, o chefe de grande alma dos deuses. De fato, os homens que fazem o festival de Sakra ser celebrado com doações de terra, de jóias e pedras preciosas, se tornam respeitados no mundo. E o rei Vasu, o senhor de Chedis concesso de benefícios, realizando grandes sacrifícios e celebrando o festival de Sakra, foi muito respeitado por Indra. E de Chedi ele governou o mundo todo virtuosamente. E para a satisfação de Indra, Vasu, o senhor dos Chedis, celebrava o festival de Indra.

E Vasu teve cinco filhos de grande energia e destreza imensurável. E o imperador instalou seus filhos como governadores de várias províncias.

E seu filho Vrihadratha foi instalado em Magadha e era conhecido pelo nome de Maharatha. Outro filho dele era Pratyagraha; e outro, Kusamva, que também se chamava Manivahana. E os outros dois eram Mavella, e Yadu de grande destreza e invencível em batalha.

Estes, ó monarca, foram os filhos daquele sábio real de energia poderosa. E os cinco filhos de Vasu mais tarde fundaram reinos e cidades com seus próprios nomes e fundaram dinastias separadas que duraram por longas eras.

E quando rei Vasu tomava seu lugar naquele carro de cristal, com o presente de Indra, e percorria o céu, dele se aproximavam Gandharvas e Apsaras (os cantores e dançarinas celestes). E porque ele percorria as regiões superiores ele era chamado de Uparichara. Por sua capital fluía um rio chamado Suktimati. E aquele rio foi uma vez atacado por uma montanha chamada Kolahala enlouquecida com luxúria. E Vasu, vendo a vil tentativa, bateu na montanha com seu pé. E pelo entalhe causado pela batida do pé de Vasu, o rio saiu (dos braços de Kolahala). Mas a montanha gerou no rio duas crianças que eram gêmeas. E o rio, agradecido a Vasu para ele tê-lo livrado dos braços de Kolahala, as deu para Vasu. E o filho foi feito o generalíssimo de seus exércitos por Vasu, aquele melhor dos sábios reais doador de riqueza e punidor de inimigos. E a filha chamada Girika foi casada com Vasu.

E Girika, esposa de Vasu, depois de seu curso menstrual, se purificando com um banho revelou seu estado a seu marido. Mas naquele mesmo dia os Pitris de Vasu foram àquele melhor dos monarcas e principal dos homens sábios, e pediram a ele para matar o veado (para seu Sradha). E o rei, pensando que a

ordem dos Pitris não deveria ser desobedecida, foi caçar pensando em Girika que era dotada com grande beleza e que era como outra Sri. E a estação era a primavera, os bosques dentro dos quais o rei estava vagando eram encantadores como o jardim do próprio rei dos Gandharvas. Havia Asokas e Champakas e Chutas e Atimuktas em abundância, e havia Punnagas e Karnikaras e Vakulas e Divya Patalas e Patalas e Narikelas e Chandanas e Arjunas e outras flores similares e árvores sagradas resplandecentes com flores fragrantes e frutas doces. E toda a floresta estava cheia das doces notas do kokila e ecoava com o zumbido das abelhas. E o rei foi possuído pelo desejo, e não tinha sua mulher diante dele. Enlouquecido pelo desejo ele estava vagando para lá e para cá quando viu uma bela Asoka com folhagem densa, seu ramos cobertos de flores. E o rei sentou tranquilamente à sombra daquela árvore. E excitado pela fragrância da estação e os encantadores odores das flores em volta, e excitado também pela brisa deliciosa, o rei não pôde manter sua mente longe do pensamento da bela Girika. E vendo que um veloz falcão estava descansando perto dele, o rei, familiarizado com as verdades sutis do Dharma e Artha, foi até ele e disse, 'Amável, carregue essa semente (sêmen) para minha mulher Girika e dê a ela. Seu tempo de gerar chegou.'

O falcão, com rapidez, o pegou do rei e rapidamente percorreu o ar. Naquele momento, o falcão foi visto por outro de sua espécie. Pensando que o primeiro estava carregando carne o segundo voou até ele. Os dois lutaram no céu com seus bicos. Enquanto eles estavam lutando, a semente caiu nas águas do Yamuna. E naquelas águas morava uma Apsara de grau superior, conhecida pelo nome de Adrika, transformada pela maldição de um Brahmana em um peixe. Logo que a semente de Vasu caiu na água das garras do falcão, Adrika rapidamente se aproximou e a engoliu. Aquele peixe foi, um tempo depois, pego pelos pescadores. E fazia dez meses que o peixe tinha engolido a semente. Do estômago daquele peixe saiu uma criança humana masculina e uma feminina. Os pescadores se espantaram muito, e foram ao rei Uparichara (do qual eles eram súditos) e disseram tudo a ele. Eles falaram, 'Ó rei, estes dois seres de forma humana foram achados no corpo de um peixe!' A criança masculina entre os dois foi pega por Uparichara. Aquela criança depois se tornou o virtuoso e sincero monarca Matsya.

Depois do nascimento dos gêmeos, a própria Apsara se livrou da maldição. Para ela tinha sido dito antes pelo ilustre (que a havia amaldiçoado) que ela, enquanto vivesse na forma de peixe, daria nascimento a duas crianças de forma humana e então seria liberada da maldição. Então, segundo aquelas palavras, tendo dado à luz às duas crianças, e sendo morta pelos pescadores, ela deixou sua forma de peixe e assumiu sua própria forma celeste. A Apsara então se elevou no caminho trilhado pelos Siddhas, os Rishis e os Charanas.

A filha da Apsara em forma de peixe e que cheirava a peixe foi então dada pelo rei aos pescadores, dizendo, 'Que esta seja sua filha.' Aquela menina era conhecida pelo nome de Satyavati. E dotada com grande beleza e possuidora de todas as virtudes, de sorrisos agradáveis, devido ao contato com os pescadores,

ela ficou por algum tempo com cheiro de peixe. Desejando servir seu pai (adotivo) ela trabalhava em um barco nas águas do Yamuna.

Enquanto ocupada naquele serviço, Satyavati foi vista um dia pelo grande Rishi Parasara em seu passeio. Como ela era dotada de grande beleza, um objeto desejo até para um eremita, e de belos sorrisos, o sábio, logo que a viu, desejou tê-la. E aquele touro entre os Munis se dirigiu à filha de Vasu de beleza celeste dizendo, 'Aceite meus abraços, ó abençoada!' Satyavati respondeu, 'Ó santo, veja os Rishis que estão na outra margem do rio. Vista por eles, como posso eu conceder teu desejo?'

Assim, o asceta criou um nevoeiro (que não existia antes e) que envolveu a região em escuridão total. E a moça, vendo o nevoeiro que foi criado pelo Rishi ficou muito admirada. E ela indefeza ficou rubra de vergonha por timidez. E ela disse, 'Ó santo, note que eu sou uma donzela sob o controle do meu pai. Ó impecável, por aceitar teus abraços minha virgindade será maculada. Ó melhor dos Brahmanas, com minha virgindade maculada, como, ó Rishi, eu voltarei para casa? De fato, eu então não serei capaz suportar a vida. Refletindo sobre tudo isso, ó ilustre, faça que deva ser feito.' Aquele melhor dos Rishis, satisfeito com tudo o que ela disse, respondeu, 'Tu permanecerás virgem mesmo que realize meu desejo. E, ó tímida, ó bela dama, peça a bênção que desejares. Ó tu de sorriso formoso, minha graça nunca antes foi infrutífera.' Assim, a moça pediu a bênção que seu corpo emitisse um doce perfume (em vez do odor de peixe que tinha). E o Rishi ilustre concedeu o desejo do coração dela.

Tendo obtido seu benefício, ela ficou muito satisfeita, e seu período fértil chegou imediatamente. E ela aceitou os abraços daquele Rishi de atos extraordinários. E ela daí em diante ficou conhecida entre os homens pelo nome de Gandhavati (a de doce perfume). E os homens podiam perceber seu perfume à distância de um yojana. E por isso ela foi conhecida por outro nome que era Yojanagandha (a que espalha seu perfume por um yojana em volta). E o ilustre Parasara, depois disso, foi para seu próprio abrigo.

E Satyavati, satisfeita, tendo obtido a excelente bênção em consequência da qual ela ficou docemente perfumada e com sua virgindade imaculada, concebeu pelos abraços de Parasara. E ela deu à luz um dia, em uma ilha do Yamuna, à criança gerada nela por Parasara e dotada com grande energia. E a criança, com a permissão de sua mãe, fixou sua mente no ascetismo. E ele foi embora dizendo, 'Tão logo tu te lembres de mim quando chegar a ocasião, eu aparecerei para ti.'

E foi desse modo que Vyasa nasceu de Satyavati com Parasara. E porque ele nasceu em uma ilha, ele foi chamado de Dwaipayana (Dwaipa ou nascido na ilha). E o erudito Dwaipayana, vendo que a virtude está destinada a ficar manca de uma perna a cada yuga (ela tendo quatro pernas ao todo) e que o período de vida e a força dos homens seguem os yugas, e movido pelo desejo de obter o favor de Brahman e dos Brahmanas, preparou os Vedas. E por isso ele veio a ser chamado Vyasa (o preparador ou compilador). O grande concessor de bênçãos então ensinou a Sumanta, Jaimini, Paila, seu filho Suka, e Vaisampayana, os Vedas

tendo o Mahabharata como o quinto deles. E a compilação do Bharata foi publicada por eles separadamente.

Então Bhishma, de grande energia e fama e de esplendor imensurável, e nascido das partes integrantes dos Vasus, nasceu no útero de Ganga pelo rei Santanu. E havia um Rishi de nome Animandavya de grande fama. Ele era familiarizado com as interpretações dos Vedas, era ilustre, dotado de grande energia, e de ótima reputação. E, acusado de roubo, embora inocente, o velho Rishi foi empalado. Ele então convocou Dharma e disse a ele estas palavras, 'Na minha infância eu perfurei um pequeno inseto em uma folha de grama, ó Dharma! Eu me lembro daquele pecado, mas eu não posso me lembrar de qualquer outro. Eu tenho, no entanto, praticado penitências às milhares. Aquele pecado não foi vencido pelo meu ascetismo? E porque o assassinato de um Brahmana é mais hediondo do que o de qualquer outra coisa viva, tu, ó Dharma, foste pecaminoso. Tu deverás, portanto, nascer na terra na classe Sudra.' E por causa dessa maldição Dharma nasceu como Sudra na forma do erudito Vidura de corpo puro e que era perfeitamente impecável. E o Suta (Karna) nasceu de Kunti em sua virgindade por intermédio de Surya. E ele saiu do útero de sua mãe revestido de uma armadura natural e com rosto embelezado por brincos. E o próprio Vishnu, de fama mundial, e adorado de todos os mundos, nasceu de Devaki por meio de Vasudeva para o benefício dos três mundos. Ele é sem nascimento e morte, de esplendor radiante, o Criador do universo e o Senhor de tudo! De fato, ele é que é a causa invisível de tudo, que não conhece deterioração, que é alma que tudo permeia, o centro ao redor do qual tudo se move, a substância à qual os três atributos de Sattwa, Rajas e Tamas pertencem, a alma universal, o imutável, o material do qual foi criado este universo, o próprio Criador, o senhor controlador, o habitante invisível em todo objeto, progenitor deste universo de cinco elementos, que é uno com os seis outros atributos elevados, é o Pranava ou o Om dos Vedas, é infinito, incapaz de ser movido por qualquer força além da sua própria vontade, ilustre, a encarnação do modo de vida chamado Sannyasa, que flutua nas águas antes da criação, que é a fonte da qual nasceu seu corpo poderoso, que é o grande combinador, o incriado, a essência invisível de tudo, o grande imutável, privado daqueles atributos que são conhecíveis pelos sentidos, que é o próprio universo, sem início, nascimento, e decadência, possuidor de riqueza infinita, o Avô de todas as criaturas, que se encarnou na linhagem dos Andhaka-Vrishnis para aumentar a virtude.

E Satyaki e Kritavarma, conhecedores (do uso de) armas e possuidores de energia poderosa, versados em todos os ramos de conhecimento, obedientes a Narayana em tudo e competentes no uso de armas, tiveram seus nascimentos de Satyaka e Hridika. E a semente do grande Rishi Bharadwaja de penitências severas, mantida em um vaso, começou a se desenvolver. E daquela semente veio Drona (o nascido do vaso). E da semente de Gautama, caída sobre uma moita de juncos, nasceram dois que eram gêmeos, a mãe de Aswatthaman (chamada Kripi), e Kripa de grande força. Então nasceu Dhrishtadyumna, do esplendor do próprio Agni, do fogo sacrificial. E o herói poderoso nasceu com o arco na mão para a destruição de Drona. E do altar sacrificial nasceu Krishna

(Draupadi) resplandecente e bonita, de feições claras e beleza excelente. Então nasceu o discípulo de Prahlada, Nagnajit, e também Suvala. E de Suvala nasceu um filho, Sakuni, que pela maldição dos deuses tornou-se o matador das criaturas e o inimigo da virtude. E para ele também nasceu uma filha (Gandhari), a mãe de Duryodhana. E ambos eram bem versados nas artes de adquirir lucros mundanos. E de Krishna (Dwaipayana) nasceram, das esposas de Vichitravirya, Dhritarashtra, o senhor dos homens, e Pandu de grande força. E de Dwaipayana também nasceu, na casta Sudra, o sábio e inteligente Vidura, conhecedor de religião e lucro, e livre de todos os pecados. E para Pandu de suas duas esposas nasceram cinco filhos como os celestiais. O mais velho deles era Yudhishtira. E Yudhishtira nasceu de Dharma (Yama, o deus de justiça); e Bhima de estômago de lobo nasceu de Marut (o deus do vento), e Dhananjaya, abençoado com boa sorte e o principal de todos os manejadores de armas, nasceu de Indra; e Nakula e Sahadeva, de belas feições e sempre dedicados ao serviço a seus superiores, nasceram dos gêmeos Aswins. E para o sábio Dhritarashtra nasceram cem filhos, Duryodhana e outros, e outro, chamado Yuyutsu, que nasceu de uma mulher vaisya. E entre aqueles cento e um, onze, Duhsasana, Duhsaha, Durmarshana, Vikarna, Chitrasena, Vivinsati, Jaya, Satyavrata, Purumitra, e Yuyutsu de uma mulher Vaisya, eram todos Maharathas (grandes guerreiros em carros). E Abhimanyu nasceu de Subhadra, a irmã de Vasudeva, com Arjuna, e era, portanto, o neto do ilustre Pandu. E para os cinco Pandavas nasceram cinco filhos de (sua mulher em comum) Panchali. E aqueles príncipes eram todos muito belos e conhecedores de todos ramos de conhecimento. De Yudhishtira nasceu Pritivindhya; de Vrikodara, Sutasoma; de Arjuna, Srutakirti; de Nakula, Satanika; e de Sahadeva, Srutasena de grande destreza; e Bhima, na floresta, gerou em Hidimva um filho de nome Ghatotkacha. E de Drupada nasceu uma filha Sikhandin que foi depois transformada em uma criança masculina. Sikhandini foi assim transformada em homem por um Yaksha de nome Sthuna desejoso de fazer bem para ela.

Naquela grande batalha dos Kurus centenas de milhares de monarcas lutaram uns contra os outros. Os nomes da inumerável hoste eu seria incapaz de narrar mesmo em dez mil anos. Eu citei, no entanto, os principais que são mencionados nessa história.'

## 64

(Continuação do Adivansavatarana Parva)

Janamejaya disse, 'Ó Brahmana, aqueles que tu nomeaste e aqueles que tu não nomeaste, eu desejo ouvir sobre eles em detalhes, como também de outros reis aos milhares. E, ó afortunado, cabe a ti me dizer integralmente o objetivo pelo qual aqueles Maharathas, iguais aos próprios celestiais nasceram na terra.'

Vaisampayana disse, 'É conhecido por nós, ó monarca, que isso que tu perguntaste é um mistério até para os deuses. Eu, no entanto, falarei sobre isso,

depois de me curvar (ao nascido por Si mesmo). O filho de Jamadagni (Parasurama), depois de fazer a terra ser privada de Kshatriyas por vinte e uma vezes foi àquela melhor das montanhas Mahendra e lá começou a praticar suas penitências ascéticas. E naquele tempo quando a terra estava desprovida de Kshatriyas, as mulheres Kshatriya, desejosas de prole, costumavam ir, ó monarca, aos Brahmanas e Brahmanas de votos rígidos, e se uniam com eles somente durante o tempo fértil feminino, mas nunca, ó rei, lascivamente ou fora do tempo apropriado. E as mulheres Kshatriya às milhares conceberam de tal ligação com os Brahmanas. Então, ó monarca, nasceram muitos Kshatriyas de grande energia, meninos e meninas, para que a linhagem Kshatriya pudesse prosperar. E deste modo nasceu a raça Kshatriya das mulheres Kshatriya com Brahmanas de penitências ascéticas. E a nova geração, abençoada com vida longa, começou a prosperar em virtude. E desse modo as quatro classes foram restabelecidas tendo os Brahmanas como os principais. E todo homem naquela época procurava sua mulher durante o período fértil dela e nunca por luxúria ou fora do tempo. E, ó touro da raça Bharata, do mesmo modo, as outras criaturas também, mesmo aquelas nascidas na raça das aves iam até suas companheiras somente durante o tempo apropriado. E, ó protetor da terra, centenas de milhares de criaturas nasceram, e todas eram virtuosas e começaram a se multiplicar em virtude, todas sendo livres de tristeza e doença. E, ó tu de passos de elefante, toda esta terra tendo o oceano como seus limites, com suas montanhas e florestas e cidades, foi mais uma vez governada pelos Kshatriyas. E quando a terra começou a ser outra vez governada virtuosamente pelos Kshatriyas, as outras classes tendo os Brahmanas como seus superiores se encheram de grande alegria. E os reis desistiram de todos os vícios nascidos da luxúria e da raiva e aplicando castigos com justiça àqueles que mereciam eles protegiam a terra. E aquele de cem sacrifícios, possuidor também de mil olhos, vendo que os monarcas Kshatriya governavam tão virtuosamente, despejava chuvas vivificantes no tempo e lugar apropriados e abençoava todas as criaturas. Então, ó rei, ninguém morria jovem, e ninguém conhecia uma mulher antes de alcançar a idade certa. E assim, ó touro da raça Bharata, a terra, até as margens do oceano, se encheu de homens que tinham toda vida longa. Os Kshatriyas realizavam grandes sacrifícios concedendo muita riqueza. E todos os Brahmanas estudavam os Vedas com seus ramos e os Upanishads. E, ó rei, nenhum Brahmana naqueles dias vendia os Vedas (ensinava por dinheiro) ou lia em voz alta os Vedas na presença de um Sudra. Os Vaisyas com a ajuda de bois cultivavam a terra. E eles nunca oprimiam o próprio gado. E eles alimentavam com cuidado todo o gado que estivesse magro. Os homens nunca ordenhavam as vacas enquanto os bezerros bebiam somente o leite de suas mães (sem ainda comerem grama ou outro alimento qualquer). E nenhum comerciante naquela época vendia seus artigos com um peso falso. E, ó tigre entre homens, todas as pessoas, se mantendo nos caminhos da virtude, faziam tudo com os olhos sobre a virtude. E, ó monarca, todas as classes eram conscientes de suas respectivas funções. Assim, ó tigre entre homens, a virtude naqueles dias nunca sofria qualquer diminuição. E, ó touro da raça Bharata, vacas e mulheres davam nascimento à sua prole no tempo certo. E as árvores davam flores e frutos devidamente segundo as estações. E assim, ó rei, a era krita tendo

então devidamente se manifestado, toda a terra estava cheia com numerosas criaturas.

E, ó touro da raça Bharata, quando tal era o estado abençoado no mundo terrestre, os Asuras, ó senhor de homens, começaram a nascer nas linhagens reais. E os filhos de Diti (Daityas) sendo repetidamente derrotados em guerra pelos filhos de Aditi (celestiais) e privados também da soberania e do céu começaram a se encarnar na terra. E, ó rei, os Asuras eram possuidores de grandes poderes, e desejosos de soberania começaram a nascer na terra em várias criaturas, tais como vacas, cavalos, jumentos, camelos, búfalos, entre criaturas tais como Rakshasas e outras, e entre elefantes e veados. E, ó protetor da terra, devido àqueles já nascidos e àqueles que estavam nascendo, a terra se tornou incapaz de se sustentar. E dentre os filhos de Diti e de Danu, caídos do céu, alguns nasceram na terra como reis de grande orgulho e insolência. Possuidores de grande energia, eles cobriram a terra de várias formas. Capazes de oprimir todos os inimigos, eles encheram a terra que tinha o oceano como seus limites. E por sua força eles começaram a oprimir Brahmanas e Kshatriyas e Vaisyas e Sudras e todas as outras criaturas também. Apavorando e matando todas as criaturas, eles atravessavam a terra, ó rei, em bandos de centenas e milhares. Desprovidos de verdade e virtude, orgulhosos de sua força, e embriagados com insolência, eles até insultavam os grandes Rishis em seus eremitérios.

E a terra, assim oprimida pelos Asuras poderosos, dotados com grande força e energia e possuidores de recursos abundantes, começou a pensar em visitar Brahman. A força unida das criaturas (tais como Sesha, a Tartaruga, e o enorme Elefante), e de muitos Seshas também, tornou-se capaz de suportar a terra com suas montanhas, carregada como ela estava com o peso dos Danavas. E então, ó rei, a terra, oprimida pelo peso e aflita pelo medo, procurou a proteção do Avô de todas as criaturas. E ela viu o divino Brahman, o criador dos mundos que não conhecia deterioração, cercado pelos deuses, Brahmanas, e grandes Rishis grandemente afortunados, e adorado pelos encantados Gandharvas e Apsaras sempre dedicados ao serviço dos celestiais. E a Terra, desejosa de proteção, então descreveu tudo para ele, na presença, ó Bharata, de todos os Regentes dos mundos. Mas, ó rei, o objetivo da Terra era conhecido antes ao Onisciente, Autocriado, e Senhor Supremo. E, ó Bharata, Criador como ele é do universo, por que ele não saberia de tudo o que há nas mentes de suas criaturas inclusive nas dos deuses e Asuras? Ó rei, o Senhor da Terra, o Criador de todas as criaturas, também chamado Isa, Sambhu, Prajapati, então falou a ela. E Brahman disse, 'Ó portadora de riqueza, para a realização do objetivo pelo qual tu te aproximaste de mim eu designarei todos os habitantes dos céus.'

Vaisampayana continuou, 'Tendo dito isso à Terra, ó rei, o divino Brahman se despediu dela. E o Criador então deu ordem a todos os deuses, dizendo: 'Para aliviar a Terra de sua carga, vão e nasçam nela segundo suas respectivas partes e procurem lutar (com os Asuras já nascidos lá)'. E o Criador de tudo, convocando também todas as tribos de Gandharvas e Apsaras, falou a elas estas palavras de

grande importância, 'Vão e nasçam entre os homens segundo as suas respectivas partes nas formas que lhes convierem.'

E todos os deuses com Indra, ao ouvirem estas palavras do Senhor dos celestiais, palavras que eram verdadeiras, desejáveis sob tais circunstâncias e repletas de benefícios, as aceitaram. E eles todos tendo resolvido descer à terra em suas respectivas partes, então foram até Narayana, o destruidor de todos os inimigos, em Vaikunth, àquele que tem o disco e a maça em suas mãos, que está vestido de púrpura, que é de grande esplendor, que tem o lótus em seu umbigo, que é o matador dos inimigos dos deuses, que está olhando para baixo para seu peito largo (em atitude de loga), que é o senhor do próprio Prajapati, o soberano de todos os deuses, de força poderosa, que tem a marca do remoinho auspicioso em seu peito, que é o removedor de todas as faculdades e que é adorado por todos os deuses. A ele, Indra, o mais exaltado dos seres, se dirigiu, dizendo, 'Encarne-se' e Hari replicou, 'Que assim seja.'

## 65

(Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Então Indra teve uma conferência com Narayana sobre a mencionada descida na terra do céu com todos os deuses de acordo com suas respectivas partes. E, tendo dado ordem a todos os habitantes do céu, Indra voltou da residência de Narayana. E os habitantes do céu gradualmente se encarnaram sobre a terra para a destruição dos Asuras e pelo bem-estar dos três mundos. E então, ó tigre entre reis, os celestiais nasceram, de acordo com o que lhes era agradável, nas linhagens de Brahmarshis e sábios nobres. E eles viram os Danavas, Rakshasas, Gandharvas e Cobras, e outros comedores de homens, e muitas outras criaturas. E, ó touro da raça Bharata, os Danavas, Rakshasas e Gandharvas e Cobras não podiam matar os celestiais encarnados nem em sua infância, de tão fortes que eles eram.'

Janamejaya disse, 'Eu desejo ouvir desde o início a respeito dos nascimentos dos deuses, dos Danavas, dos Gandharvas, das Apsaras, homens, Yakshas e Rakshasas. Portanto, cabe a ti me contar sobre o nascimento de todas as criaturas.'

Vaisampayana disse, 'De fato, tendo reverenciado o Autocriado, eu te contarei em detalhes a origem dos celestiais e outras criaturas. É sabido que Brahman teve seis filhos espirituais, Marichi, Atri, Angiras, Pulastya, Pulaha e Kratu. E o filho de Marichi é Kasyapa, e de Kasyapa nasceram todas estas criaturas. Para Daksha (um dos Prajapatis) nasceram treze filhas afortunadas. As filhas de Daksha são, ó tigre entre homens e príncipe da linha Bharata, Aditi, Diti, Danu, Kala, Danayu, Sinhika, Krodha, Pradha, Viswa, Vinata, Kapila, Muni, e Kadru. Os filhos e netos delas, dotados com grande energia, são inumeráveis. De Aditi nasceram os doze

Adityas que são os senhores do universo. E, ó Bharata, como eles são segundo seus nomes, eu os relatarei para ti. Eles são Dhatri, Mitra, Aryaman, Sakra, Varuna, Ansa, Vaga, Vivaswat, Usha, Savitri, Tvashtri, e Vishnu. O mais jovem, no entanto, é superior a eles todos em mérito. Diti teve um filho chamado Hiranyakasipu. E o ilustre Hiranyakasipu teve cinco filhos, todos famosos por todas as partes do mundo. O mais velho deles todos era Prahlada, o próximo era Sahradha; o terceiro era Anuhrada; e depois deve vinham Sivi e Vashkala. E, ó Bharata, é conhecido por todos os lugares que Prahlada teve três filhos. Eles eram Virochana, Kumbha, e Nikumbha. E para Virochana nasceu um filho, Vali, de grande destreza. E o filho de Vali é conhecido por ser o grande Asura Vana. E abençoado com boa sorte, Vana foi um seguidor de Rudra, e era também conhecido pelo nome de Mahakala. E Danu teve quarenta filhos, ó Bharata! Os mais velhos deles todos eram Viprachitti de grande fama, Samvara, e Namuchi e Pauloman; Asiloman, e Kesi e Durjaya; Ayahsiras, Aswasiras, e o poderoso Aswasanku; também Gaganamardhan, e Vegavat, e aquele chamado Ketumat; Swarbhanu, Aswa, Aswapati, Vrishaparvan, e então Ajaka; e Aswagriva, e Sukshama, e Tuhunda de grande força, Ekapada, e Ekachakra, Virupaksha, Mahodara, e Nichandra, e Nikumbha, Kupata, e então Kapata; Sarabha, e Sulabha, Surya, e então Chandramas; estes da linhagem de Danu estão em posição de serem bem conhecidos. Surya e Chandramas (o Sol e a Lua) dos celestiais são outras pessoas, e não os filhos de Danu como acima mencionado. Os dez seguintes dotados com grande força e energia foram também, ó rei, nascidos na linhagem de Danu; Ekaksha, Amritapa de coragem heróica, Pralamva e Naraka, Vatrapi, Satrutapana, e Satha, o grande Asura; Gavishta, e Vanayu, e o Danava chamado Dirghajiva. E, ó Bharata, os filhos e os netos destes que foram conhecidos são inumeráveis. E Sinhika deu à luz Rahu, o perseguidor do Sol e da Lua, e a outros três, Suchandra, Chandrahantri, e Chandrapramardana. E a inumerável prole de Krura (krodha) desonesta e perversa como ela mesma. E a tribo era colérica, de atos desonestos, e perseguidores de seus inimigos. E Danayu também teve quatro filhos que eram touros entre os Asuras. Eles eram Vikshara, Vala, Vira, e Vritra o grande Asura. E os filhos de Kala eram todos como o próprio Yama: castigadores de todos os inimigos. E eles tinham grande energia, e eram opressores de todos os inimigos. E os filhos de Kala eram Vinasana e Krodha, e então Krodhahantri, e Krodhasatru. E houve muitos outros entre os filhos de Kala. E Sukra, o filho de um Rishi, era o sacerdote chefe dos Asuras. E o célebre Sukra teve quatro filhos que eram sacerdotes dos Asuras. E eles eram Tashtadhara e Atri, e dois outros de feitos bravios. Eles eram como o próprio Sol em energia, e fixaram seus corações em alcançar as regiões de Brahman.

Assim foi narrado por mim, como conhecido no Purana, a respeito da prole dos deuses e dos Asuras, ambas de grande força e energia. Eu sou incapaz, ó rei, de contar os descendentes destes, inúmeros como são, e que não são muito famosos.

E os filhos de Vinata eram Tarkhya e Arishtanemi, e Garuda e Aruna, e Aruni e Varuni. E Sessa ou Ananta, Vasuki, Takshaka, Kumara, e Kulika são conhecidos como os filhos de Kadru; e Bhimasena, Ugrasena, Suparna, Varuna, Gopati, e

Dhritarashtra, e Suryavarchas o sétimo, Satyavachas, Arkaparna, Prayuta, Bhima, e Chitraratha conhecido pelo renome, de grande erudição, e um controlador de suas paixões, e então Kalisiras, e, ó rei, Parjanya, o décimo quarto na lista, Kali, o décimo quinto, e Narada, o décimo sexto, estes Devas e Gandharvas são conhecidos como sendo os filhos de Muni (a filha de Daksha como mencionado antes). Eu relatarei muitos outros, ó Bharata! Anavadya Manu, Vansa, Asura, Marganapria, Anupa, Subhaga, Vasi eram as filhas de Pradha, Siddha, e Purna, e Varhin, e Purnayus de grande renome, Brahmacharin, Ratiguna, e Suparna que foi o sétimo; Viswavasuu, Bhanu, e Suchandra que era o décimo, eram também os filhos de Pradha. Todos estes eram Gandharvas celestes. E é também conhecido que a afortunada Pradha, através do Rishi celeste (Kasyapa, seu marido), deu à luz às sagradas Apsaras, Alamvusha, Misrakesi, Vidyutparna, Tilottama, Aruna, Rakshita, Rambha, Manorama, Kesini, Suvahu, Surata, Suraja, e Supria que eram as filhas, e Ativahu e os célebres Haha e Huhu, e Tumvuru eram os filhos, os melhores dos Gandharvas, de Pradha e Amrita. Os Brahmanas, vacas, Gandharvas, e Apsaras nasceram de Kapila como declarado no Purana.

Assim foi narrado devidamente por mim para ti o nascimento de todas as criaturas, de Gandharvas e Apsaras, de Cobras, Suparnas, Rudras, e Maruts; de vacas e de Brahmanas abençoados, e de atos sagrados. E este relato (se lido) estende o tempo de vida, é sagrado, merecedor de todo louvor, e dá prazer aos ouvidos. Ele deve ser sempre ouvido e recitado a outros, em um estado de espírito apropriado.

Aquele que devidamente lê este relato do nascimento de todas as criaturas de grande alma na presença dos deuses e Brahmanas obtém grande progênie, boa sorte, e fama, e alcança também os mundos excelentes após a morte.'

## 66

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'É sabido que os filhos espirituais de Brahman eram os seis grandes Rishis (já mencionados). Há outro de nome Sthanu. E os filhos de Sthanu, dotados de grande energia, eram, é conhecido, onze. Eles eram Mrigavayadha, Sarpa, Niriti de grande renome: Ajaikapat, Ahivradhna, e Pinaki, o opressor de inimigos; Dahana e Iswara, e Kapali de grande esplendor; e Sthanu, e o ilustre Bharga. Eles são chamados de os onze Rudras. Já foi dito que Marichi, Angiras, Atri, Pulastya, Pulaha, e Kratu, aqueles seis Rishis de grande energia, são os filhos de Brahman. É bem conhecido no mundo que os filhos de Angiras são três, Vrihaspati, Utathya, e Samvarta, todos de votos rígidos. E, ó rei, é dito que os filhos de Atri foram numerosos. E, sendo grandes Rishis, eles eram todos conhecedores dos Vedas, coroados com êxito ascético, e de almas em perfeita paz. E, ó tigre entre reis, os filhos de Pulastya de grande sabedoria são Rakshasas, Macacos, Kinnaras (metade homens e metade cavalos), e Yakshas. E, ó rei, os filhos de Pulaha foram, é dito, os Salabhas (os insetos alados), leões,

os Kimpurushas (meio leões e meio homens), os tigres, ursos, e lobos. E os filhos de Kratu, sagrados como sacrifícios, eram os companheiros de Surya, (os Valikhilyas), conhecidos nos três mundos como devotados à verdade e votos. E, ó protetor da Terra, o ilustre Rishi Daksha, de alma em paz completa, e de grande ascetismo, nasceu do dedo do pé direito de Brahman. E do dedo esquerdo do pé de Brahman nasceu a mulher de Daksha de grande alma. E o Muni gerou nela cinquenta filhas; e todas aquelas filhas tinham feições e membros perfeitos e olhos como pétalas de lótus. E o senhor Daksha, não tendo quaisquer filhos, fez daquelas filhas suas Putrikas (para que os filhos delas pudessem pertencer tanto a ele mesmo como aos maridos delas). E Daksha entregou, segundo as leis sagradas, dez de suas filhas a Dharma, vinte e sete a Chandra (a lua), e treze a Kasyapa. Ouça enquanto eu relaciono as esposas de Dharma segundo seus nomes. Elas são dez ao todo, Kirti, Lakshmi, Dhriti, Medha, Pushti, Sraddha, Kria, Buddhi, Lajja, e Mali. Estas são as esposas de Dharma como nomeadas pelo Autocriado. É conhecido também por todo o mundo que as esposas de Soma (lua) são vinte e sete. E as esposas de Soma, todas de votos sagrados, são empregadas no tempo indicado; e elas são as Nakshatras e as Yoginis e elas se tornam assim para ajudar no progresso dos mundos.

E Brahman teve outro filho de nome Manu. E Manu teve um filho de nome Prajapati. E os filhos de Prajapati eram oito e eram chamados de Vasus os quais eu citarei em detalhes. Eles eram Dhara, Dhruva, Soma, Aha, Anila, Anala, Pratyusha, e Prabhasa. Estes oito são conhecidos como os Vasus. Deles, Dhara e Dhruva conhecedores da verdade nasceram de Dhumra; Chandramas (Soma) e Swasana (Anila) nasceram do inteligente Swasa; Aha era filho de Rata, e Hutasana (Anala) de Sandilya; e Pratyusha e Prabhasa eram os filhos de Prabhata. E Dhara teve dois filhos, Dravina e Huta-havya-vaha. E o filho de Dhruva é o ilustre Kala (tempo), o destruidor dos mundos. E o filho de Soma é o resplandecente Varchas. E Varchas gerou em sua mulher Manohara três filhos, Sisira, e Ramana. E os filhos de Aha eram Jyotih, Sama, Santa, e também Muni. E o filho de Agni era o belo Kumara nascido em uma floresta de juncos. E, ele é também chamado Kartikeya porque ele foi criado por Kritika e outros. E, depois de Kartikeya nasceram seus três irmãos Sakha, Visakha, Naigameya. E a mulher de Anila é Siva, e os filhos de Siva eram Manojava e Avijnataagati. Estes dois eram os filhos de Anila. O filho de Pratyusha, você deve saber, é o Rishi de nome Devala; e Devala teve dois filhos que eram ambos extremamente bondosos e de grande poder mental. E a irmã de Vrihaspati, a principal das mulheres, proferindo a verdade sagrada, dedicada a penitências ascéticas, vagou por sobre toda a terra; e ela se tornou esposa de Prabhasa, o oitavo Vasu. E ela deu à luz ao ilustre Viswakarman, o fundador de todas as artes. Ele foi o iniciador de mil artes, o engenheiro dos imortais, o fabricante de todas as espécies de ornamentos, e o principal dos artistas. E foi ele quem construiu os carros celestes dos deuses, e é permitido à humanidade viver em consequência das invenções daquele ilustre. E ele é adorado, por esta razão, pelos homens. E ele é eterno e imutável, Viswakarman.

E o ilustre Dharma, o distribuidor de toda a felicidade, assumindo a forma de um ser humano, saiu pelo peito direito de Brahman. E Ahasta (Dharma) teve três filhos excelentes capazes de encantar qualquer criatura. E eles são Sama, Kama, Harsha (Paz, Desejo, e Alegria). E com sua energia eles estão sustentando os mundos. E a mulher de Kama é Rati, de Sama é Prapti; e a mulher de Harsha é Nanda. E deles, de fato, os mundos dependem.

E o filho de Marichi é Kasyapa. E a prole de Kasyapa são os deuses e os Asuras. E, portanto, Kasyapa é o Pai dos mundos. E Tvashtri, da forma de Vadava (uma Égua), tornou-se a mulher de Savitri. E ela deu nascimento, nos céus, a gêmeos imensamente afortunados, os Aswins. E, ó rei, os filhos de Aditi são doze com Indra liderando eles todos. E o mais jovem deles todos é Vishnu do qual os mundos dependem.

Estes são os trinta e três deuses (os oito Vasus, os onze Rudras, os doze Adityas, Prajapati, e Vashatkara). Eu agora relatarei sua progênie segundo seus Pakshas, Kulas, e Ganas. Os Rudras, os Saddhyas, os Maruts, os Vasus, os Bhargavas, e os Viswedevas são contados cada um como um Paksha. Garuda, o filho de Vinata e o poderoso Aruna também, e o ilustre Vrihaspati são contados entre os Adityas. Os gêmeos Aswins, todas as plantas anuais, e todos os animais inferiores, são contados entre os Guhyakas.

Estes são os Ganas dos deuses narrados para ti, ó rei! Esta narração lava os homens de todos os pecados.

O ilustre Bhrigu apareceu rompendo o peito de Brahman. O erudito Sukra é filho de Bhrigu. E o erudito Sukra se tornando um planeta e agindo segundo a ordem do Auto-existente ao despejar e reter a chuva, e em dispensar e cancelar calamidades, atravessa, para sustentar as vidas de todas as criaturas nos três mundos, os céus. E o erudito Sukra, de grande inteligência e sabedoria, de votos rígidos, levando a vida de um Brahmacharin, se dividiu em dois pelo poder do ascetismo, e se tornou o guia espiritual dos Daityas e dos deuses. E depois de Sukra ser assim empregado por Brahman na busca do bem-estar (dos deuses e Asuras), Bhrigu gerou outro filho excelente. Este era Chyavana que era como o sol ardente, de alma virtuosa, e de grande renome. E ele saiu do útero de sua mãe com fúria e se tornou a causa da libertação de sua mãe, ó rei (das mãos dos Rakshasas). E Arushi, a filha de Manu, se tornou a mulher do sábio Chyavana. E nela foi gerado Aurva de grande reputação. E ele apareceu rompendo a coxa de Arushi. E Aurva gerou Richika. E Richika mesmo em sua juventude possuía grande poder e energia, e todas as virtudes. E Richika gerou Jamadagni. E Jamadagni de grande alma teve quatro filhos. E o mais jovem deles todos foi Rama (Parasurama). E Rama era superior a todos os seus irmãos na posse de boas qualidades. E ele era habilidoso com todas as armas, e se tornou o matador dos Kshatriyas. E ele tinha suas paixões sob controle completo. E Aurva teve cem filhos sendo Jamadagni o mais velho. E aqueles cem filhos tiveram uma prole de milhares que se espalhou sobre essa terra.

E Brahman teve dois outros filhos, Dhatri e Vidhatri que ficaram com Manu. A irmã deles é a auspiciosa Lakshmi que tem sua residência em meio aos lotos. E os filhos espirituais de Lakshmi são os cavalos que percorrem o céu. E a filha nascida de Sukra, de nome Divi, tornou-se a mulher mais velha de Varuna. Dela nasceu um filho de nome Vala e uma filha chamada Sura (vinho), para a alegria dos deuses. E Adharma (pecado) nasceu quando as criaturas (por falta de comida) começaram a devorar umas às outras. E Adharma sempre destrói todas as criaturas. E Adharma teve Niriti como sua mulher, por isso os Rakshasas são chamados Nairitas (prole de Niriti). E ela também teve outros três filhos cruéis sempre envolvidos em atos pecaminosos. Eles são Bhaya (medo), Mahabhaya (terror), e Mrityu (morte) que está sempre empenhado em matar toda coisa criada. E, como ele é o destruidor, ele não teve nenhuma mulher e nenhum filho. E Tamra deu à luz a cinco filhas conhecidas em todos os mundos. Elas são Kaki (corvo), Syeni (falcão), Phasi (galinha), Dhritarashtri (ganso), e Suki (papagaio). E Kaki deu à luz aos corvos; Syeni, aos falcões, aos galos e abutres, Dhritarashtri, a todos os patos e cisnes; e ela também deu à luz a todos os Chakravakas; e a formosa Suki, de qualidades amáveis, e que possuía todos os sinais auspiciosos deu à luz a todos os papagaios. E Krodha deu à luz nove filhas, todas de temperamento colérico. E seus nomes eram Mrigi, Mrigamanda, Hari, Bhadramana, Matangi, Sarduli, Sweta, Surabhi, e a agradável Surasa abençoada com todas as virtudes. E, ó principal dos homens, a prole de Mrigi são todos os animais da espécie do veado. E a prole de Mrigamanda são todos os animais da espécie do urso e chamados Srimara (de passos graciosos). E Bhadramana gerou o elefante celeste, Airavata. E a prole de Hari são todos os animais da espécie dos símios dotados com grande energia, assim também como todos os cavalos. E daqueles animais também, que são chamados Go-langula (com rabo de vaca), se diz que é a prole de Hari. E Sarduli gerou leões e tigres em grande número, e também leopardos e todos os outros animais fortes. E, ó rei, a prole de Matangi são todos os elefantes. Sweta gerou o grande elefante conhecido pelo nome de Sweta, dotado de grande velocidade. E, ó rei, Surabhi deu à luz duas filhas, a amável Rohini e a famosa Gandharvi. E, ó Bharata, ela teve também duas outras filhas chamadas Vimala e Anala. De Rohini nasceram todas as vacas, e de Gandharvi todos os animais da espécie do cavalo. E Anala gerou as sete espécies de árvores que produzem frutas polpudas. (Elas são a tamareira, a palmeira, a hintala, a tali, a pequena tamareira, a noz, e o coqueiro). E ela teve também outra filha chamada Suki (a mãe das espécies de papagaio). E Surasa deu à luz a um filho chamado Kanka (uma espécie de ave de longa plumagem). E Syeni, a mulher de Aruna, deu à luz dois filhos de grande energia e força, de nome Sampati e o poderoso Jatayu. Surasa também deu à luz aos Nagas, e Kadru, aos Punnagas (cobras). E Vinata teve dois filhos, Garuda e Aruna, muito conhecidos por toda parte. E, ó rei de homens, ó principal dentre as pessoas inteligentes, assim a genealogia de todas as principais criaturas foi completamente descrita por mim. Por escutar a isto um homem é completamente limpo de todos os pecados, adquire grande conhecimento, e finalmente alcança o principal dos estados depois da vida!

(Continuação do Sambhava Parva)

Janamejaya disse, 'Ó adorável, eu desejo ouvir de ti em detalhes sobre o nascimento, entre os homens, dos deuses, Danavas, Gandharvas, Rakshasas, leões, tigres, e outros animais, das cobras, aves, e realmente, de todas as criaturas. Eu desejo também ouvir a respeito das ações e realizações deles, na devida ordem, depois que eles se tornaram encarnados em formas humanas.'

Vaisampayana disse, 'Ó rei de homens, eu primeiro direi a ti tudo sobre aqueles celestiais e Danavas que nasceram entre os homens. O principal dos Danavas, que era conhecido pelo nome de Viprachitti, tornou-se aquele touro entre os homens, citado como Jarasandha. E, ó rei, o filho de Diti, que foi conhecido como Hiranyakasipu, era conhecido neste mundo entre os homens como o poderoso Sisupala. Aquele que tinha sido conhecido como Samhlada, o irmão mais novo de Prahlada, tornou-se entre os homens o famoso Salya, o touro entre os Valhikas. O corajoso Anuhlada que era o mais jovem tornou-se célebre no mundo como Dhrishtaketu. E, ó rei, aquele filho de Diti que era conhecido como Sivi tornou-se sobre a terra o famoso monarca Druma. E aquele que era conhecido como o grande Asura Vashkala se tornou na terra o grande Bhagadatta. Os cinco grandes Asuras dotados com grande energia, Ayahsira, Aswasira, o corajoso Aysanku, Gaganamurdhan, e Vegavat, nasceram todos na linhagem real de Kekaya e tornaram-se grandes monarcas. Aquele outro Asura de energia poderosa que era conhecido pelo nome de Ketumat se tornou na terra o monarca Amitaujas de atos terríveis. Aquele grande Asura que era conhecido como Swarbhanu tornou-se sobre a terra o monarca Ugrasena de feitos bravios. O grande Asura que era conhecido como Aswa tornou-se sobre a terra o monarca Asoka de excelente energia e invencível em batalha. E, ó rei, o irmão mais novo de Aswa que era conhecido como Aswapati, um filho de Diti, tornou-se na terra o poderoso monarca Hardikya. O grande e afortunado Asura que era conhecido como Vrishaparvan tornou-se conhecido na terra como o rei Dirghaprajna. E, ó rei, o irmão mais novo de Vrishaparvan que era conhecido pelo nome de Ajaka tornou-se conhecido na terra como o rei Salwa. O poderoso Asura que era conhecido como Aswagriva tornou-se conhecido na terra como o rei Rochamana. E, ó rei, o Asura que era conhecido como Sukshma, dotado de grande inteligência e cujas realizações também foram grandes, tornou-se na terra o famoso rei Vrihadratha. E aquele principal dos Asuras que era conhecido pelo nome de Tuhunda, tornou-se conhecido na terra como o monarca Senavindu. Aquele Asura de grande força que era conhecido como Ishupa se tornou o monarca Nagnajita de famosa coragem. O grande Asura que era conhecido como Ekachakra se tornou conhecido na terra como Pritivindhya. O grande Asura Virupaksha capaz de manifestar vários modos de luta tornou-se conhecido na terra como o rei Chitravarman. O principal dos Danavas, o heróico Hara, que rebaixava o orgulho de todos os inimigos se tornou na terra o famoso e afortunado Suvahu. O Asura Suhtra de grande energia e destruidor de inimigos se tornou conhecido sobre a terra como o afortunado

monarca Munjakesa. Aquele Asura de grande inteligência chamado Nikumbha, que nunca foi vencido em batalha nasceu na terra como o rei Devadhipa, o principal entre os monarcas. Aquele grande Asura conhecido entre os filhos de Diti pelo nome de Sarabha se tornou na terra o sábio real chamado Paurava. E, ó rei, o grande Asura de excelente energia, o afortunado Kupatha nasceu na terra como o famoso monarca Suparswa. O grande Asura, ó rei, que era chamado Kratha, nasceu sobre a terra como o sábio real Parvateya de forma resplandecente como uma montanha dourada. Aquele entre os Asuras que era conhecido como Salabha o segundo, se tornou sobre a terra o monarca Prahlada no país dos Valhikas. O principal entre os filhos de Diti conhecido pelo nome de Chandra e belo como o próprio senhor das estrelas se tornou conhecido sobre a terra como Chandravarman, o rei dos Kamvojas. Aquele touro entre os Danavas que era conhecido pelo nome de Arka se tornou na terra, ó rei, o sábio real Rishika. Aquele melhor dos Asuras que era conhecido como Mritapa se tornou na terra, ó melhor dos reis, o monarca Pascimanupaka. Aquele grande Asura de energia insuperável conhecido como Garishtha se tornou conhecido na terra como o rei Drumasena. O grande Asura que era conhecido como Mayura se tornou conhecido na terra como o monarca Viswa. Aquele que era o irmão mais novo de Mayura e chamado Suparna se tornou conhecido sobre a terra como o monarca Kalakirti. O Asura poderoso que era conhecido como Chandrahantri se tornou na terra o sábio real Sunaka. O grande Asura que se chamava Chandravinasana se tornou conhecido na terra como o monarca Janaki. Aquele touro entre os Danavas, ó príncipe da linhagem Kuru, que era chamado Dhirghajihva se tornou conhecido na terra como Kasiraja. Graha que nasceu de Sinhika e que perseguiu o Sol e a Lua se tornou conhecido na terra como o monarca Kratha. O mais velho dos quatro filhos de Danayu, que era conhecido pelo nome de Vikshara, se tornou conhecido na terra como o corajoso monarca Vasumitra. O segundo irmão de Vikshara, o grande Asura, nasceu na terra como o rei do país chamado Pandya. Aquele melhor dos Asuras que era conhecido pelo nome de Valina se tornou na terra o monarca Paundramatsyaka. E, ó rei, aquele grande Asura era conhecido como Vritra se tornou na terra o sábio real conhecido pelo nome de Manimat. Aquele Asura que era o irmão mais novo de Vritra e conhecido como Krodhantri se tornou conhecido na terra como o rei Danda. Aquele outro Asura que era conhecido pelo nome de Krodhavardhana se tornou conhecido na terra como o monarca Dandadhara. Os oito filhos dos Kaleyas que nasceram na terra todos se tornaram grandes reis com a bravura de tigres. O mais velho deles todos se tornou o rei Jayatsena em Magadha. O segundo deles, que em destreza era como o próprio Indra, se tornou conhecido na terra como Aparajita. O terceiro deles, dotado de grande energia e poder de produzir ilusão, nasceu sobre a terra como o rei dos Nishadas dotado de grande heroísmo. Aquele outro entre eles que era o quarto se tornou conhecido na terra como Srenimat, aquele melhor dentre os sábios reais. Aquele grande Asura entre eles que era o quinto se tornou conhecido sobre a terra como o rei Mahanjas, o opressor de inimigos. Aquele grande Asura possuidor de grande inteligência que era o sexto deles se tornou conhecido na terra como Abhiru, aquele melhor dos sábios reais. O sétimo deles ficou conhecido por toda a terra, do centro ao mar, como o rei Samudrasena bem familiarizado com as verdades das escrituras. O oitavo dos Kaleyas conhecido como Vrihat se

tornou na terra um rei virtuoso sempre dedicado ao bem de todas as criaturas. O poderoso Danava conhecido pelo nome de Kukshi se tornou conhecido sobre a terra como Parvatiya por seu brilho como o de uma montanha dourada. O poderoso Asura Krathana dotado de grande energia se tornou conhecido na terra como o monarca Suryaksha. O grande Asura de belas feições conhecido pelo nome de Surya, se tornou sobre a terra monarca dos Valhikas de nome Darada, o principal de todos os reis. E, ó rei, da tribo de Asuras chamada Krodhavaśa, sobre a qual eu já te falei, nasceram muitos reis heróicos sobre a terra. Madraka, e Karnaveshta, Siddhartha, e também Kitaka; Suvira, e Suvahu, e Mahavira, e também Valhika, Kratha, Vichitra, Suratha, e o belo rei Nila; e Chiravaśa, e Bhumi-pala; e Dantavakra, e aquele que se chamava Durjaya; aquele tigre entre os reis chamado Rukmi; e o rei Janamejaya, Ashada, e Vayuvega, e também Bhuritejas; Ekalavya, e Sumitra, Vatadhana, e também Gomukha; a tribo de reis chamados Karushakas, e também Khemadhurti; Srutayu, e Udvaha, e também Vrihatsena; Kshema, Ugratirtha, o rei dos Kalingas; e Matimat, e aquele que era conhecido como o rei Iswara; estes principais dentre os reis todos nasceram da classe Asura chamada Krodhavaśa.

Havia também nascido na terra um poderoso Asura conhecido entre os Danavas pelo nome de Kalanemi, dotado de grande força, de grandes realizações, e abençoado com muita prosperidade. Ele se tornou o poderoso filho de Ugrasena e foi conhecido na terra pelo nome de Kansa. E aquele que era conhecido entre os Asuras pelo nome de Devaka e que, além disso, tinha um esplendor como o do próprio Indra, nasceu sobre a terra como o principal rei dos Gandharvas. E, ó monarca, saiba que Drona, o filho de Bharadwaja, não nasceu de qualquer mulher, nasceu de uma porção do Rishi celeste Vrihaspati de grandes realizações. E ele foi o príncipe de todos os arqueiros, conhecedor de todas as armas, de realizações poderosas, de grande energia. Tu deves saber também que ele conhecia bem os Vedas e a ciência de armas. E ele fez atos extraordinários e foi o orgulho de sua linhagem. E, ó rei, seu filho o heróico Aswatthaman, de olhos como pétalas de lótus, dotado de insuperável energia, e o terror de todos inimigos, o grande opressor de todos os inimigos, nasceu na terra das porções unidas de Mahadeva, Yama, Kama, e Krodha. E pela maldição de Vasishtha e também pela ordem de Indra, os oito Vasus nasceram de Ganga com seu marido Santanu. O mais jovem deles era Bhishma, o dispersador dos medos dos Kurus, dotado de grande inteligência, conhecedor dos Vedas, o principal dos oradores, e aquele que diluiu as tropas do inimigo. E possuidor de energia poderosa e o principal dentre todos os conhecedores de armas, ele lutou com o próprio Rama ilustre, o filho de Jamadagni da linhagem Bhrigu. E, ó rei, aquele sábio Brahman que, sobre a terra, foi conhecido pelo nome de Kripa e era a encarnação de toda virilidade nasceu da tribo dos Rudras. E o poderoso guerreiro em carruagem e rei que na terra era conhecido pelo nome de Sakuni, aquele triturador de inimigos, tu deves saber, ó rei, era o próprio Dwapara (o terceiro yuga). E aquele que era Satyaki de pontaria certa, aquele protetor do orgulho da linha Vrishni, aquele opressor de inimigos, foi gerado da porção dos deuses chamados Maruts. E aquele sábio real Drupada que na terra foi um monarca, o principal entre todos os manejadores de armas, nasceu também da mesma tribo dos celestiais. E, ó rei, tu deves saber também

que Kritavarman, aquele príncipe entre os homens, de atos insuperáveis, e o principal dentre todos os touros entre os Kshatriyas, nasceu da mesma porção dos celestiais. E aquele sábio real também, de nome Virata, o destruidor dos reinos de outros, e o grande opressor de todos os inimigos, nasceu da mesma porção dos deuses. Aquele filho de Arishta que era conhecido pelo nome de Hansa nasceu na linhagem Kuru se tornou o monarca dos Gandharvas. Aquele que era conhecido como Dhritarashtra nasceu da semente de Krishna-Dwaipayana, e dotado de braços longos e grande energia, também um monarca, de visão profética, se tornou cego por causa do erro de sua mãe e da cólera do Rishi. Seu irmão mais novo que possuía grande força e que foi realmente um grande ser conhecido como Pandu, dedicado à verdade e virtude, foi o ser da Pureza. E, ó rei, tu deves saber que aquele que era conhecido na terra como Vidura, que era o principal de todos os homens virtuosos, que era o próprio deus da Justiça, era o excelente e imensamente afortunado filho do Rishi Atri. O rei perverso Duryodhana, o destruidor da justa fama dos Kurus, nasceu na terra de uma porção de Kali. Ele que foi o causador da morte de todas as criaturas e da devastação da terra; e foi ele quem atizou a chama de hostilidade que no final consumiu a todos. Aqueles que tinham sido os filhos de Pulastya (os Rakshasas) nasceram sobre a terra entre os homens como os irmãos de Duryodhana, aquela centena de indivíduos vis começando com Duhasasana como seu primeiro. E, ó touro entre os príncipes Bharata, Durmukha, Duhsaha, e outros que eu não menciono, que sempre apoiaram Duryodhana (em todas as suas intrigas), foram, de fato, os filhos de Pulastya. E além destes cem, Dhritarashtra teve um filho chamado Yuyutsu nascido de uma mulher Vaisya.'

Janamejaya disse, 'Ó ilustre, me diga os nomes dos filhos de Dhritarashtra segundo a ordem de seu nascimento iniciando do mais velho.'

Vaisampayana disse, 'Ó rei, eles são: Duryodhana, e Yuyutsu, e também Duhsasana; Duhsaha e Duhshala, e então Durmukha; Vivinsati, e Vikarna, Jalasandha, Sulochna, Vinda e Anuvinda, Durdharsha, Suvahu, Dushpradharshana; Durmarshana, e Dushkarna, e Karna; Chitra e Vipachitra, Chitraksha, Charuchitra, e Angada, Durmada, e Dushpradharsha, Vivitsu, Vikata, Sama; Urananabha, e Padmanabha, Nanda e Upanandaka; Sanapati, Sushena, Kundodara; Mahodara; Chitravahu, e Chitravarman, Suvarman, Durvirochana; Ayovahu, Mahavahu, Chitrachapa e Sukundala, Bhimavega, Bhimavala, Valaki, Bhimavikrama, Ugrayudha, Bhimaeera, Kanakayu, Dridhayudha, Dridhavarman, Dridhakshatra Somakirti, Anadara; Jarasandha, Dridhasandha, Satyasandha, Sahasravaeh; Ugrasravas, Ugrasena, e Kshemamurti; Aprajita, Panditaka, Visalaksha, Duradhara, Dridhahasta, e Suhasta, Vatavega, e Suvarchasa; Adityaketu, Vahvasin, Nagadatta e Anuyaina; Nishangi, Kuvachi, Dandi, Dandadhara, Dhanugraha; Ugra, Bhimaratha, Vira, Viravahu, Alolupa; Abhaya, e Raudrakarman, também aquele que era Dridharatha; Anadhrishya, Kundaveda, Viravi, Dirghalochana; Dirghavahu; Mahavahu; Vyudhoru, Kanakangana; Kundaja e Chitraka. Houve também uma filha chamada Duhsala além dos cem. E havia também Yuyutsu que era filho de Dhritarashtra com uma mulher Vaisya, além dos cem. Assim, ó rei, eu recitei os nomes dos cem filhos e também o da filha (de

Dhritarashtra). Tu conheces agora seus nomes segundo a ordem de seus nascimentos. Todos foram heróis e grandes guerreiros em carros, e hábeis na arte da guerra. Além disso, todos eles eram versados nos Vedas, e, ó rei, todos tinham conhecido as escrituras. Todos eram poderosos em ataque e defesa, e todos eram dotados de erudição. E, ó monarca, todos tinham esposas convenientes para eles em graça e talentos. E, ó rei, quando chegou o momento o monarca Kaurava entregou sua filha Duhsala para Jayadratha, o rei dos Sindhus, de acordo com conselhos de Sakuni.

E, ó monarca, saiba que o rei Yudhishtira era uma porção de Dharma; que Bhimasena o era da divindade do vento; que Arjuna era de Indra, o chefe dos celestiais; e que Nakula e Sahadeva, os mais belos entre todas as criaturas, inigualáveis em beleza na terra, eram da mesma maneira porções dos gêmeos Aswins. E aquele que era conhecido como o poderoso Varchas, o filho de Soma, se tornou Abhimanyu de atos extraordinários, o filho de Arjuna. E antes da sua encarnação, ó rei, o deus Soma disse estas palavras aos celestiais, 'Eu não posso dar (me desfazer do) meu filho. Ele é mais caro para mim do que a própria vida. Que seja este o pacto e que não seja violado: a destruição dos Asuras na terra é o trabalho dos celestiais, e, portanto, é nosso trabalho também. Que Varchas, portanto, vá para lá, mas que não fique muito tempo. Nara, cujo companheiro é Narayana, nascerá como filho de Indra e de fato, será conhecido como Arjuna, o filho poderoso de Pandu. Este meu menino será o filho dele e se tornará um poderoso guerreiro em carro em sua juventude. E o deixem, ó melhores dentre os imortais, ficar na terra por dezesseis anos. E quando ele alcançar seu décimo sexto ano se realizará a batalha na qual todos os que nasceram de suas porções realizarão a destruição de guerreiros poderosos. Mas certa batalha ocorrerá sem Nara e Narayana (que não tomarão parte nisto). E, de fato, suas porções, ó celestiais, lutarão, tendo feito aquela disposição das forças armadas que é conhecida pelo nome de Chakra-vyuha. E meu filho obrigará todos inimigos a se retirarem perante ele. O menino de braços poderosos tendo penetrado na impenetrável formação militar, se colocará dentro dela sem medo e enviará uma quarta parte da força hostil, no decurso de metade de um dia, às regiões do rei dos mortos. Então quando inumeráveis heróis e poderosos guerreiros em carros voltarem do dever no fim do dia, meu menino de braços poderosos reaparecerá diante de mim. E ele gerará um filho heróico em sua linhagem, que continuará a quase extinta linhagem Bharata.' Ouvindo estas palavras de Soma, os habitantes do céu responderam, 'Assim seja.' E então todos juntos aplaudiram e reverenciaram (Soma) o rei das estrelas. Assim, ó rei, eu recitei para ti (os pormenores do) nascimento do pai do teu pai.

Saiba também, ó monarca, que o poderoso guerreiro em carro Dhrishtadyumna era uma parte de Agni. E saiba também que Sikhandin, que foi a princípio uma mulher, era um Rakshasa. E, ó touro da raça Bharata, os que se tornaram os cinco filhos de Draupadi, aqueles touros entre os príncipes Bharata, eram os celestiais conhecidos como Viswas. Seus nomes eram Pritivindhya, Sutasoma, Srutakirti, Satanika, Nakula, e Srutasena, dotados com energia poderosa.

Sura, o principal dos Yadus, foi o pai de Vasudeva. Ele teve uma filha chamada Pritha, que por sua beleza, era inigualável sobre a terra. E Sura, tendo prometido na presença do fogo que daria seu primogênito para Kuntibhoja, o filho de sua tia paterna, que não tinha descendentes, deu sua filha ao monarca na expectativa de sua proteção. Kuntibhoja então a fez sua filha. E ela se tornou, desde então, na casa de seu pai (adotivo), dedicada a servir Brahmanas e convidados. Um dia ela teve que atender o colérico asceta de votos rígidos, de nome Durvasa, conhecedor da verdade e dos mistérios da religião. E Pritha com todo o cuidado possível satisfaz o colérico Rishi com alma sob controle completo. O santo, satisfeito com as atenções outorgadas a si pela moça, disse a ela, 'Eu estou satisfeito contigo, ó afortunada! Por meio deste mantra (que eu estou prestes a te dar), tu poderás convocar (para o teu lado) qualquer celestial que desejares. E, por sua graça, tu também obterá filhos.' Assim, a menina (pouco tempo depois), tomada de curiosidade, convocou, durante o tempo de sua virgindade, o deus Surya. E o senhor da luz a fez conceber e gerou nela um filho que se tornou o principal de todos os manejadores de armas. Por medo de seus parentes ela deu à luz sob sigilo àquela criança que nasceu com brincos e armadura. E ele era dotado da beleza de um bebê celeste, e em esplendor era como o próprio fazedor do dia. E todo o seu corpo era simétrico e bem adornado. E Kunti lançou a criança bonita à água. Mas a criança assim jogada na água foi pega pelo excelente marido de Radha e dado por ele à sua mulher para ser adotado como seu filho. E o casal deu a ele o nome de Vasusena, por qual título a criança logo se tornou conhecida por todos sobre a terra. E, quando ele cresceu, ele ficou muito forte e era excelente em todas as armas. A principal dentre todas as pessoas de sucesso, ele logo dominou todas as ciências. E quando aquele ser inteligente tendo a verdade como sua força recitava os Vedas, não havia nada então que ele não desse aos Brahmanas. Naquele tempo Indra, o iniciador de todas as coisas, movido pelo desejo de beneficiar seu próprio filho Arjuna, assumindo o disfarce de um Brahmana, foi até ele e pediu para o herói seus brincos e armadura natural. E o herói tirando seus brincos e armadura os deu ao Brahmana. E Sakra (aceitando o presente) ofereceu a ele uma flecha, surpreendido (com sua generosidade), e se dirigiu a ele nestas palavras, 'Ó invencível, entre os celestiais, Asuras, homens, Gandharvas, Nagas, e Rakshasas, aquele no qual tu arremessares (esta arma), será morto sem dúvida.' E o filho de Surya foi a princípio conhecido no mundo pelo nome de Vasusena. Mas, por seus feitos, ele posteriormente veio a ser chamado de Karna. E porque aquele herói de grande fama tirou sua armadura natural, portanto ele foi, o primeiro filho de Pritha, chamado de Kama. E, ó melhor dos reis, o herói começou a crescer na casta Suta. E, ó rei, saiba que Kama, o principal dentre todos os homens, exaltado entre todos os manejadores de armas, matador de inimigos, e a melhor porção do fabricante do dia, foi o amigo e conselheiro de Duryodhana. E ele, chamado Vasudeva, dotado de grande coragem, foi entre os homens uma parte daquele chamado Narayana, o deus dos deuses, eterno. E Valadeva de grande força era uma parte do Naga Sesha. E, ó monarca, saiba que Pradyumna de grande energia era Sanatkumara. E deste modo as porções de vários outros habitantes do céu se tornaram homens exaltados na linhagem de Vasudeva, aumentando sua glória. E, ó rei, uma parte da classe de Apsaras, que eu já mencionei, também se encarnou na terra segundo os comandos de Indra, e

dezesseis mil daquelas deusas se tornaram, ó rei, neste mundo dos homens, as esposas de Vasudeva. E uma parte da própria de Sri se encarnou na terra, para a satisfação de Narayana, na linha de Bhishmaka. E ela era por renome a casta Rukmini. E a impecável Draupadi, de cintura delgada como a de uma vespa, nasceu de uma parte de Sachi (a rainha dos celestiais), na linha de Drupada. Ela tinha estatura mediana e a fragrância do lótus azul, olhos grandes como pétalas de lótus, pernas formosas, e massas densas de cabelo negro ondulado. E dotada de traços venturosos e de natureza como a da esmeralda, ela se tornou a encantadora dos corações dos cinco principais dentre os homens. E as duas deusas Siddhi e Dhriti se tornaram as mães daqueles cinco, e eram chamadas Kunti e Madri. E aquela que era Mati se tornou a filha (Gandhari) de Suvala.

Assim, ó rei, eu recitei para ti tudo acerca da encarnação, segundo suas respectivas partes, dos deuses, Asuras, Gandharvas, Apsaras, e dos Rakshasas. Aqueles que nasceram sobre a terra como monarcas invencíveis em batalha, aqueles de grande alma que nasceram na ampla linhagem dos Yadus, aqueles que nasceram como poderosos monarcas em outras linhagens, aqueles que nasceram como Brahmanas e Kshatriyas e Vaisyas, todos foram recitados por mim devidamente. E este relato da encarnação (de seres superiores de acordo com suas respectivas partes) que é capaz de conceder riqueza, fama, prole, vida longa, e sucesso, deve sempre ser escutada em um estado de espírito apropriado. E tendo escutado esta narração da encarnação, segundo suas porções, de deuses, Gandharvas e Rakshasas, aquele que a ouve se torna conhecedor da criação, conservação e destruição do universo e adquire sabedoria, e nunca fica abatido mesmo sob as maiores tristezas.'

## 68

(Continuação do Sambhava Parva)

Janamejaya disse, 'Ó Brahmana, eu, de fato, ouvi de ti o relato da encarnação, segundo suas porções, dos deuses, Danavas, Rakshasas, e também dos Gandharvas e Apsaras. Eu, no entanto, desejo ouvir novamente a respeito do início da dinastia dos Kurus. Portanto, ó Brahmana, fale disto na presença de todos estes Rishis regenerados.'

Vaisampayana disse, 'Ó exaltado da linhagem Bharata, o fundador da linha Paurava foi Dushmanta que era dotado de grande energia. E ele era o protetor da terra limitada pelos quatro mares. E aquele rei tinha completo domínio sobre as quatro partes deste mundo. E ele era o senhor também de várias regiões no meio do mar. E aquele grande opressor de todos os inimigos tinha domínio mesmo sobre os países dos Mlechchhas.

E durante seu reinado não havia homens de castas misturadas, não havia lavradores da terra (a terra, por si mesma, produzia produtos agrícolas), não havia trabalhadores de minas (porque a superfície da terra produzia em abundância), e

nem homens pecaminosos. Todos eram virtuosos, e faziam tudo por motivos virtuosos, ó tigre entre homens. Não havia medo de ladrões, ó caro, nem medo da fome, nem medo da doença. E todas as quatro classes tinham prazer em cumprir suas respectivas funções e nunca realizavam atos religiosos para obter a realização de desejos. E seus súditos, dependendo dele, nunca sentiam qualquer medo. E Parjanya (Indra) derramava chuvas na época apropriada, e os produtos dos campos era sempre polpudos e suculentos. E a terra era cheia de todas as espécies de riqueza e todas as espécies de animais. E os Brahmanas eram sempre dedicados às suas funções e eles eram sempre sinceros. E o vigoroso monarca era dotado de destreza notável e uma estrutura física firme como o raio, por isso ele podia, erguendo a montanha Mandara com suas florestas e arbustos, a sustentar em seus braços. E ele era muito habilidoso nas quatro espécies de duelos com a maça (arremessá-la nos inimigos à distância, bater naqueles que estão perto, girá-la no meio de muitos, e atacar o inimigo diante de si). E ele era hábil também no uso de todas as espécies de armas e em guiar elefantes e cavalos. E em força ele era como Vishnu, em esplendor como o fazedor do dia, em gravidade como o oceano, e em paciência, como a terra. E o monarca era amado por todos os seus súditos, e ele governava seus cidadãos contentes virtuosamente.'

## 69

(Continuação do Sambhava Parva)

Janamejaya disse, 'Eu desejo ouvir de ti sobre o nascimento e vida de Bharata de grande alma e da origem de Sakuntala. E, ó santo, eu também desejo ouvir tudo sobre Dushmanta, aquele leão entre homens, e como o herói obteve Sakuntala. Cabe a ti, ó conhecedor da verdade e principal dentre todos os homens inteligentes, dizer-me tudo.'

Vaisampayana disse, 'Uma vez (o rei Dushmanta) de braços poderosos, acompanhado por uma grande força, entrou na floresta. E ele levava consigo centenas de cavalos e elefantes. E a força que acompanhava o monarca era de quatro espécies (soldados de infantaria, guerreiros em carros, cavalaria, e elefantes), heróis armados com espada e flechas e tendo em suas mãos maças e sólidos cassetetes. E circundado por centenas de guerreiros com lanças e arpões em suas mãos o monarca partiu em sua viagem. E com os rugidos leoninos dos guerreiros e as notas de conchas e som de baterias, com o estrépito das rodas dos carros e gritos de elefantes enormes, todos misturados com os relinchos dos cavalos e o som metálico das armas de vários servidores armados e vestidos de modos diversos, se ergueu um tumulto ensurdecedor enquanto o rei estava em sua marcha. E senhoras dotadas de grande beleza contemplavam dos terraços de belas mansões aquele monarca heróico, o empreendedor da sua própria fama. E as senhoras viram que ele era como Sakra, o matador de seus inimigos, capaz de repelir os elefantes dos inimigos, e elas acreditaram que ele era o próprio

manejador do raio. E elas disseram, 'Este é aquele tigre entre homens que em batalha é igual aos Vasus em coragem, e por causa do poder de cujos braços não restam inimigos.' E assim dizendo, as senhoras por afeição agradaram o monarca com chuvas de flores sobre sua cabeça. E seguido pelos principais Brahmanas proferindo bênçãos por todo o caminho, o rei em grande alegria de coração foi em direção à floresta, ávido para matar veados. E muitos Brahmanas, Kshatriyas, Vaisyas, e Sudras, seguiram o monarca que era como o rei dos celestiais sentado nas costas de um elefante orgulhoso. Os cidadãos e outras classes seguiram o monarca a uma distância. E eles finalmente se abstiveram de ir mais longe por ordem do rei. E o rei, então, subindo em sua rápida carruagem, encheu toda a terra e até os céus com o estrondo das rodas de sua carruagem. E, enquanto partia, ele viu à sua volta uma floresta como o próprio Nandana (o jardim celeste). E o jardim era cheio de árvores Vilwa, Arka, Khadira, Kapittha (bosques de macieiras) e Dhava. E ele viu que o solo era desigual e com blocos de pedras espalhadas, soltas do despenhadeiro vizinho. E ele viu que ela não tinha água e nem seres humanos e que se estendia por muitos Yojanas em volta. E ela era cheia de veados, leões, e outros terríveis animais predadores.

E o rei Dushmanta, aquele tigre entre homens, ajudado por seus seguidores e os guerreiros de sua comitiva, agitou aquela floresta, matando numerosos animais. E Dushmanta, perfurando-os com suas setas, derrubou numerosos tigres que eram feridos com tiros à distância. E o rei feriu muitos que estavam muito distantes, e também matou muitos que estavam perto com sua espada pesada. E aquele principal de todos os manejadores de flechas matou muitos por atirar suas flechas neles. E bom conhecedor da arte de girar a maçã, o rei de destreza incomensurável sem medo vagou pela floresta. E o rei a percorreu, matando os habitantes do ermo às vezes com sua espada e às vezes por golpes rápidos de sua maçã e clava pesadas.

E quando a floresta estava sendo assim perturbada pelo rei possuidor de energia notável e pelos guerreiros de sua comitiva que se divertiam com esportes marciais, os leões começaram a deixar a floresta em grande número. E bandos de animais privados de seus líderes, por medo e ansiedade começaram a proferir gritos altos enquanto fugiam em todas as direções. E cansados com a corrida, eles começaram a cair por todos os lados, incapazes de matar sua sede, tendo alcançado leitos de rios que estavam completamente secos. E muitos assim caídos foram comidos pelos guerreiros famintos. Enquanto outros foram comidos depois de terem sido devidamente esquartejados e assados em fogueiras. E muitos elefantes fortes, enlouquecidos com os ferimentos que receberam e alarmados além da conta, fugiram erguendo-se em seus troncos. E aqueles elefantes selvagens, mostrando os usuais sintomas de medo por urinar e ejetar o conteúdo de seus estômagos e vomitando sangue em grandes quantidades, esmagaram, enquanto corriam, muitos guerreiros, matando-os. E aquela floresta que havia estado cheia de animais, foi pelo rei com seus bandos de seguidores e com armas afiadas logo privada de leões e tigres e outros monarcas da selva.'

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Então o rei com seus seguidores, tendo matado milhares de animais, entrou em outra floresta com o objetivo de caçar. E servido por um único seguidor e cansado com fome e sede, ele chegou a um grande deserto nas fronteiras da floresta. E tendo cruzado aquela planície sem vegetação, o rei se viu em outra floresta cheia de retiros de ascetas, bela de se olhar, encantadora ao coração e de brisas agradáveis e frescas. E ela era cheia de árvores cobertas com flores, e a terra era coberta com vegetação macia e grama verde, se estendendo por muitas milhas em volta, e ecoava com as doces notas de coros alados. E ela ressoava com as notas do Kokila macho e com o som agudo das cigarras. E era cheia de árvores magníficas com ramos estendidos que formavam um dossel sombreado acima. E as abelhas pairavam sobre as plantas floridas que estavam por todos os lados. E havia belos caramanchões por todo lugar. E não havia árvore sem frutas, nem espinhos nelas, e todas tinham colméias em si. E toda a floresta ressoava com a melodia de coristas alados. E era decorada com flores de todas as estações. E havia sombras refrescantes das árvores floridas.

Tal era a deliciosa e excelente floresta na qual o grande arqueiro entrou. E árvores com ramos embelezados com ramalhetes começaram a se agitar suavemente à suave brisa e derramaram chuvas de flores sobre a cabeça do monarca. E as árvores, vestidas com seus trajes floridos de todas as cores, com pássaros de doces trinados pousados nelas, estavam lá em fileiras com os topos tocando os céus. E seus ramos pendiam com o peso das flores e das abelhas seduzidas pelo mel que zuniam em doces coros. E o rei, dotado de grande energia, vendo inumeráveis locais cobertos com caramanchões de trepadeiras cobertos com ramalhetes de flores, ficou muito feliz e muito encantado. E a floresta era muito bela por causa daquelas árvores extensas com ramos floridos que as juntavam umas às outras e pareciam vários arco-íris ostentando grande variedade de cores. Ela era o local de refúgio de grupos de Siddhas, Charanas, tribos de Gandharvas, e Apsaras, de macacos e Kinnaras cheios de encanto. Deliciosas brisas refrescantes e fragrantes, transportando a fragrância de flores frescas, sopravam em todas as direções como se elas tivessem ido se divertir com as árvores. E o rei viu a encantadora floresta dotada com tais belezas. E ela estava situada em um delta do rio, e os ramos das altas árvores que se juntavam faziam o lugar parecer um altar enfeitado erigido em honra de Indra.

E naquela floresta que era o retiro de todas as aves alegres, o monarca viu um encantador e belo retiro de ascetas. E havia muitas árvores em redor dele. E lá o fogo sagrado estava queimando. E o rei adorou aquele retiro sem igual. E ele viu numerosos Yotis, Valakhilyas e outros Munis. E ele era adornado com muitos aposentos contendo o fogo sacrificial. As flores caindo das árvores tinham formado um tapete espesso e extenso sobre o solo. E o local parecia bastante belo com aquelas árvores altas de troncos largos. E por ele fluía, ó rei, o sagrado e transparente Malini com todas as espécies de aves aquáticas se divertindo em seu

leito. E aquela corrente inspirava alegria nos corações dos ascetas que lá se refugiavam para propósitos de purificações religiosas. E o rei viu em suas margens muitos animais inocentes da espécie dos veados e estava extremamente encantado com tudo aquilo que viu.

E o monarca, cujo curso da carruagem nenhum inimigo poderia obstruir, então entrou naquele retiro que era como a região dos celestiais, sendo belo por todos os lados. E o rei viu que ele ficava na margem da corrente sagrada que era como a mãe de todas as criaturas vivas que residiam em sua proximidade. E em sua margem estava o Chakravaka, e ondas de espumas brancas como o leite. E lá ficavam também as habitações dos Kinnaras. E macacos e ursos se recreavam em grande número. E lá viviam também os santos ascetas dedicados a estudos e meditação. E lá podiam ser vistos também elefantes e tigres e cobras. E era nas margens daquele rio que ficava o excelente retiro do ilustre Kasyapa, oferecendo um lar para numerosos Rishis de grande mérito ascético. E vendo aquele rio, e também o retiro banhado por aquele rio que possuía muitas ilhas e margens tão belas, um retiro como o de Nara e Narayana banhado pela água do Ganga, o rei resolveu entrar naquela sagrada residência. E aquele touro entre homens, desejoso de ver o grande Rishi de riqueza ascética, o ilustre Kanwa da linhagem de Kasyapa, que possuía todas as virtudes e que, por seu esplendor, só podia ser olhado com dificuldade, se aproximou daquela floresta que ressoava com as notas dos pavões e que era como os jardins do grande Gandharva, o próprio Chitraratha. E detendo seu exército que consistia de bandeiras, cavalaria, infantaria, e elefantes na entrada da floresta, o monarca falou o seguinte, 'Eu verei o poderoso asceta da linhagem Kasyapa, que tem sabedoria. Fiquem aqui até a minha volta!'

E o rei tendo entrado naquela floresta que era como o jardim de Indra, logo esqueceu sua fome e sede. E ele estava muito satisfeito. E o monarca, pondo de lado todos os sinais de realeza, entrou naquele retiro excelente somente com seu ministro e seu sacerdote, desejoso de ver aquele Rishi que era uma massa indestrutível de mérito ascético. E o rei viu que o retiro era como a região de Brahman. Lá havia abelhas zunindo docemente e vários pássaros chilreantes de várias espécies cantando suas melodias. Em lugares específicos aquele tigre entre homens ouviu o canto dos hinos Rik por Brahmanas de primeira categoria segundo as regras justas de entonação. Outros lugares eram honrados com Brahmanas conhecedores das ordenanças do sacrifício, dos Angas e dos hinos do Yajurveda. Outros lugares estavam cheios com os harmoniosos acordes dos hinos Saman cantados por Rishis cumpridores de votos. Em outros lugares do retiro havia Brahmanas instruídos no Atharvan Veda. Em outro lugar havia Brahmanas também instruídos no Atharvan Veda e capazes de cantar os hinos sacrificais do Saman recitando os Samhitas segundo as regras vocálicas. E em outro lugar, outros Brahmanas bons conhecedores da ciência da Ortoepia estavam recitando mantras de outros tipos. Realmente, aquele retiro sagrado retumbante com aquelas notas sagradas era como uma segunda região do próprio Brahman. E havia muitos Brahmanas hábeis na arte de fazer plataformas sacrificais e nas regras de Krama em sacrifícios, conhecedores de lógica e das ciências mentais, e

possuidores de um completo conhecimento dos Vedas. Havia também aqueles que conheciam completamente os significados de todos os tipos de expressões; aqueles que eram conhecedores de todos os ritos especiais, aqueles também que eram seguidores de Moksha-Dharma; e aqueles que eram hábeis em estabelecer proposições; rejeitando causas supérfluas, e chegando a conclusões acertadas. Havia aqueles que tinham conhecimento da ciência das palavras (gramática), da versificação, de Nirukta; aqueles que eram conhecedores da astrologia e instruídos nas propriedades da matéria e nos resultados dos ritos sacrificais, que possuíam o conhecimento das causas e efeitos, capazes de compreender as vozes de aves e macacos, letrados em grandes tratados, e hábeis em várias ciências. E o rei, em seu caminho, ouvia suas vozes. E o retiro ressoava também com as vozes de seres humanos capazes de enfeitiçar os corações dos homens. E o matador de heróis hostis também viu à sua volta Brahmanas eruditos de votos rígidos dedicados ao Japa (o repetir murmurante dos nomes dos deuses) e ao Homa (oferendas ao fogo). E o rei maravilhou-se na contemplação dos tapetes belos que os Brahmanas ofereciam a ele respeitosamente. E aquele melhor dos monarcas, à visão dos ritos com os quais os Brahmanas adoravam os deuses e os grandes Rishis, pensou consigo mesmo que estava na região de Brahman. E quanto mais o rei via do auspicioso e sagrado retiro de Kasyapa protegido pelas virtudes ascéticas do Rishi, e que possuía todos os requisitos de um retiro sagrado, mais ainda ele desejava vê-lo. Realmente, ele não estava satisfeito com aquela rápida visão. E matador de heróis, finalmente, acompanhado por seu ministro e seu sacerdote, entrou no encantador e sagrado retiro de Kasyapa habitado por Rishis de riqueza ascética e votos elevados.'

## 71

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'O monarca então, enquanto prosseguia, deixou até a sua reduzida comitiva na entrada do eremitério. E entrando completamente só ele não viu o Rishi (Kanwa) de votos rígidos. E não vendo o Rishi e achando que a residência estava vazia, ele chamou ruidosamente, dizendo, 'Quem está aqui?' E o som de sua voz ecoou de volta. E ouvindo o som de sua voz, saiu da residência do Rishi uma moça bela como a própria Sri, mas vestida como a filha de um asceta. E aquela moça formosa de olhos negros, quando viu o rei Dushmanta, lhe deu as boas vindas e o recebeu devidamente. E, mostrando a ele o devido respeito por lhe oferecer um assento, água para lavar seus pés, e Arghya, ela perguntou sobre a saúde e paz do monarca. E tendo reverenciado o rei e perguntado a ele acerca da sua saúde e paz, a donzela com reverência perguntou, 'O que deve ser feito, ó rei? Eu espero tuas ordens.' O rei, devidamente reverenciado por ela, disse àquela moça de feições impecáveis e voz doce, 'Eu vim reverenciar o altamente abençoado Rishi Kanwa. Diga-me, ó amável e bela, onde foi o ilustre Rishi?'

Sakuntala então respondeu, 'Meu pai ilustre saiu do retiro para buscar frutas. Espere somente um momento e tu o verás chegar.'

Vaisampayana continuou, 'O rei não vendo o Rishi e ouvindo estas palavras dela, viu que a moça era extremamente bela e dotada com simetria de formas perfeitas. E ele viu que ela tinha doces sorrisos. E ela era dotada da beleza de suas feições impecáveis, suas penitências ascéticas, e sua humildade. E ele viu que ela estava na flor da idade. Ele, portanto perguntou a ela, 'Quem tu és? E de quem és filha, ó bela? Por que tu vieste para as florestas também? Ó bela, dotada de tanta beleza e virtudes, de onde tu vens? Ó encantadora, ao primeiro olhar tu roubaste meu coração! Eu desejo saber tudo sobre ti; portanto me diga tudo.' E assim, a moça sorridente respondeu nestas doces palavras, 'Ó Dushmanta, eu sou a filha do virtuoso, sábio, ilustre asceta Kanwa de grande alma.'

Dushmanta, ouvindo isso, respondeu, 'O Rishi universalmente adorado e altamente abençoado é um homem cuja semente foi parada. Até o próprio Dharma pode se desviar de seu curso, mas um asceta de votos rígidos nunca pode se desviar assim. Portanto, ó tu de aparência formosa, como foi que tu nasceste como filha dele? A esta minha grande dúvida cabe a ti dissipar.'

Sakuntala então respondeu, 'Ouça, ó rei, o que eu aprendi com relação a tudo o que me aconteceu antigamente e como eu me tornei filha do Muni. Uma vez um Rishi veio aqui e perguntou acerca do meu nascimento. Tudo o que o ilustre (Kanwa) disse a ele, ouça agora de mim, ó rei!

Meu pai Kanwa, em resposta às perguntas daquele Rishi, disse, 'Viswamitra, antigamente, tendo se dedicado a penitências austeras alarmou Indra, o chefe dos celestiais, que pensou que aquele asceta poderoso de energia resplandecente, por meio de suas penitências, o tiraria da sua alta posição no céu. Indra, assim alarmado, convocou Menaka e disse a ela, 'Tu, ó Menaka, és a principal das Apsaras celestes. Portanto, ó amável, me faça um favor. Ouça o que eu digo. Aquele grande asceta Viswamitra que é como o Sol em esplendor está dedicado às mais severas das penitências. Meu coração está tremendo de medo. De fato, ó Menaka de cintura delgada, este é teu serviço. Tu deves ir ver Viswamitra de alma absorta em contemplação e dedicado a penitências austeras, que pode me tirar da minha posição. Vá e o tentes e frustrando a continuação das austeridades dele realizes o meu bem. Tire-o de suas penitências, ó bela, por tentá-lo com tua beleza, juventude, amabilidade, jeito, sorrisos e voz.' Ouvindo tudo isso Menaka respondeu, 'O ilustre Viswamitra é dotado de grande energia e é um asceta poderoso. Ele é muito irritadiço também, como tu sabes. A energia, penitências e cólera dele fizeram com que mesmo tu ficasse ansioso. Por que eu não deveria ficar ansiosa também? Foi ele quem fez o ilustre Vasishtha suportar a dor de testemunhar a morte prematura de seus filhos. Foi ele que, embora a princípio nascido como Kshatriya, posteriormente se tornou um Brahmana em virtude de suas penitências ascéticas. Foi ele que, para purificação religiosa, criou um rio profundo que só pode ser vadeado com dificuldade, e aquela correnteza sagrada é conhecida pelo nome de Kausiki. Foi Viswamitra cuja esposa, em uma época de necessidade, foi sustentada pelo sábio real Matanga (Trisanku) que estava então

vivendo sob uma maldição de um pai como caçador. Foi Viswamitra que, ao retornar depois que a penúria havia passado, mudou o nome do rio que tinha em seu retiro de Kausik para Para. Foi Viswamitra que em retorno aos serviços de Matanga, ele mesmo se tornou o sacerdote do último para o propósito de um sacrifício. O senhor dos próprios celestiais foi lá por medo para beber o suco Soma. Foi Viswamitra que com raiva criou um segundo mundo e numerosas estrelas iniciando com Sravana. Foi ele que concedeu proteção para Trisanku que sofria sob a maldição de um superior. Eu estou com medo de me aproximar de alguém de tais feitos. Diga-me, ó Indra, os meios que devem ser adotados para que eu não seja queimada por sua cólera. Ele pode queimar os três mundos com seu esplendor, pode, por uma batida (de seu pé), fazer a terra tremer. Ele pode cortar a grande Meru da terra e arremessá-la a qualquer distância. Ele pode circundar os dez pontos da terra num momento. Como pode uma mulher como eu impressionar tal ser cheio de virtudes ascéticas, que é como um fogo ardente, e que tem suas paixões sob controle completo? Sua boca é como fogo; as pupilas de seus olhos são como o Sol e a Lua; sua língua é como o próprio Yama. Como, ó chefe dos celestiais, pode uma mulher como eu impressioná-lo de alguma forma? Ao pensamento de sua bravura Yama, Soma, os grandes Rishis, os Saddhyas, os Viswas, Valakhilyas, ficam apavorados! Como uma mulher como eu pode fitá-lo sem medo? Mandada, no entanto, por ti, ó rei dos celestiais, eu de alguma maneira me aproximarei daquele Rishi. Mas, ó chefe dos deuses, imagine um plano pelo qual protegida por ti, eu possa com segurança mexer com aquele Rishi. Eu penso que quando eu me apresentar perante o Rishi, Marut (o deus do vento) pode ir lá e roubar o meu traje, e Manmatha (o deus do amor) poderia também, por tua ordem, me ajudar então. Que Marut também nessa ocasião mande para lá a fragrância das florestas para tentar o Rishi.' Dizendo isto e vendo que tudo o que ela tinha falado havia sido devidamente fornecido, Menaka foi ao retiro do grande Kausika.'

## 72

(Continuação do Sambhava Parva)

Kanwa continuou, 'E Sakra então mandou aquele que podia se aproximar de todos os lugares (o deus do vento) estar presente com Menaka na hora em que ela estivesse perante o Rishi. E a tímida e bela Menaka então entrou no retiro e viu Viswamitra, que tinha queimado, por meio de suas penitências, todos os seus pecados, e ainda estava dedicado a penitências ascéticas. E saudando o Rishi ela então se mostrou perante ele. E justo nessa hora Marut a privou de suas peças de roupa que eram brancas como a Lua. E então ela correu, como se estivesse em grande acanhamento, para pegar suas vestes, e como se estivesse extremamente aborrecida com Marut. E ela fez tudo isto perante os olhos de Viswamitra que era dotado de uma energia como aquela do fogo. E Viswamitra a viu naquela atitude. E vendo-a sem suas roupas, ele viu que ela tinha aspecto impecável. E aquele

melhor dos Munis viu que ela era extremamente bonita, sem marcas da idade em seu corpo. E por contemplar sua beleza e talentos aquele touro entre os Rishis foi possuído pela luxúria e fez um sinal indicando que desejava sua companhia. E ele a convidou conseqüentemente, e ela também de feições impecáveis expressou sua aceitação ao convite. E eles então passaram muito tempo na companhia um do outro. E estando juntos, por terem tido muito prazer, um longo tempo foi como se fosse somente um único dia, e o Rishi gerou em Menaka uma filha de nome Sakuntala. E Menaka foi para as margens do rio Malini que corria por um vale das encantadoras montanhas de Himavat. E lá ela deu à luz àquela filha. E ela deixou o bebê recém nascido na margem daquele rio e foi embora. E vendo o bebê recém nascido naquela floresta desprovida de seres humanos e cheia de leões e tigres, vários urubus ficaram por perto para protegê-lo do mal. Nenhum Rakshasa ou animal carnívoro tirou sua vida. Aqueles urubus protegeram a filha de Menaka. Eu fui lá realizar minhas abluções e vi o bebê na solidão do ermo e cercada por urubus. Trazendo-a para cá eu a fiz minha filha. De fato, o fazedor do corpo, o protetor da vida, o doador de comida, são todos os três, pais em sua ordem, segundo as escrituras. E porque ela foi cercada na solidão do ermo por Sakuntas (aves), portanto, ela foi chamado por mim de Sakuntala (protegida pelas aves). Ó Brahman, saiba que foi assim que Sakuntala se tornou minha filha. E a impecável Sakuntala também me considera como seu pai.'

Foi isto o que meu pai disse ao Rishi, tendo sido questionado por ele. Ó rei de homens, e desta forma tu deves saber que eu sou filha de Kanwa. E não conhecendo meu verdadeiro pai, eu considero Kanwa como meu pai. Assim eu te disse, ó rei, tudo o que foi ouvido por mim a respeito do meu nascimento!'

## 73

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana continuou, 'O rei Dushmanta, ouvindo tudo isto, disse, 'Bem falado, ó princesa, isto o que tu disseste! Seja minha mulher, ó bela! O que eu farei para ti? Guirlandas douradas, mantos, brincos de ouro, brancas e belas pérolas, de vários países, moedas douradas, bons tapetes, eu te darei todos os dias. Que todo o meu reino seja teu hoje, ó bela! Venha a mim, ó tímida, case comigo, ó bela, segundo a forma Gandharva. Ó tu de belas pernas, de todas as formas de casamento, a Gandharva é considerada como a principal.'

Sakuntala, ouvindo isso, disse, 'Ó rei, meu pai saiu deste retiro para trazer frutas. Espere somente um momento; ele me entregará para ti.'

Dushmanta respondeu, 'Ó bela e impecável, eu desejo que tu sejas a companheira da minha vida. Saiba que eu existo para ti, e meu coração está em ti. Uma pessoa sem dúvida é sua própria amiga, e certamente pode depender de si mesma. Portanto, segundo as ordenanças, tu podes sem dúvida entregar a ti

mesma. Há, ao todo, oito tipos de casamento. Estes são Brahma, Daiva, Arsha, Prajapatya, Asura, Gandharva, Rakshasa, e Paisacha, o oitavo. Manu, o filho do autocrizado, falou da conveniência de todas estas formas segundo sua ordem. Saiba, ó impecável, que as primeiras quatro destas são adequadas para Brahmanas, e as seis primeiras para Kshatriyas. Com respeito aos reis, até a forma Rakshasa é permissível. A forma Asura é permitida para Vaisyas e Sudras. Das primeiras cinco três são apropriadas e as outras duas são impróprias. As formas Paisacha e Asura nunca devem ser praticadas. Estes são os institutos da religião, e se deve agir segundo eles. As formas Gandharva e Rakshasa são compatíveis com as práticas de Kshatriyas. Tu não precisas sentir o menor medo. Não resta dúvida que segundo qualquer uma destas últimas formas mencionadas, ou segundo uma união de ambas nosso casamento pode se realizar. Ó tu de aparência formosa, eu estou cheio de desejo, tu podes também de um modo similar vir a ser minha mulher segundo a forma Gandharva.'

Sakuntala, tendo escutado tudo isto, respondeu, 'Se esta é uma ação sancionada pela religião, se, de fato, eu posso dispor a mim mesma, ouça, ó tu principal da linhagem Puru, quais são meus termos. Prometa realmente me dar o que eu pedir a ti. O filho que será gerado em mim se tornará o herdeiro-presuntivo. Esta, ó rei, é minha decisão irrevogável. Ó Dushmanta, se tu concederes isto, então nossa união se realizará.'

Vaisampayana continuou, 'O monarca, sem tomar tempo para considerar disse a ela, 'Que seja assim. Eu te levarei, ó tu de agradáveis sorrisos, comigo para minha capital. Eu te digo realmente. Ó bela, tu mereces tudo isto.' E assim dizendo, aquele principal dos reis se casou com a bela Sakuntala de andar elegante, e a conheceu como marido. E assegurando a ela devidamente, ele foi embora, dizendo repetidamente, 'Eu enviarei a ti, para te acompanhar, minhas tropas de quatro classes. De fato, é deste modo que eu a levarei para minha capital, ó tu de doces sorrisos!'

Vaisampayana continuou, 'Ó Janamejaya, tendo prometido isto a ela o rei foi embora. E enquanto ele estava em seu caminho para casa, ele começou a pensar em Kasyapa. E ele se perguntou, 'O que o ilustre asceta dirá, depois que souber de tudo?' Pensando nisso ele entrou em sua capital.

No momento em que o rei tinha saído, Kanwa chegou à sua residência. Mas Sakuntala por senso de pudor não saiu para receber seu pai. Aquele grande asceta, no entanto, possuidor de conhecimento espiritual, sabia de tudo. De fato, vendo tudo com sua visão espiritual, aquele ilustre estava satisfeito, e se dirigindo a ela, disse, 'Amável, o que foi feito por ti hoje em segredo, sem ter esperado por mim, relação sexual com um homem, não foi destrutivo da tua virtude. De fato, a união segundo a forma Gandharva, de uma mulher cheia de desejo com um homem de desejo sensual, sem mantras de qualquer espécie, é dito que é a melhor para Kshatriyas. Aquele melhor dos homens, Dushmanta, é também virtuoso e de grande alma. Tu deves, ó Sakuntala, aceitá-lo como teu marido. O filho que nascerá de ti será poderoso e ilustre neste mundo. E ele deverá ter

domínio sobre o mar. E as forças armadas daquele ilustre rei dos reis, quando for contra seus inimigos será irresistível.'

Sakuntala então se aproximou de seu pai cansado e lavou seus pés. E descarregando o fardo que ele trazia consigo e colocando as frutas em ordem apropriada, ela disse, 'Cabe a ti dar tua honra a Dushmanta que eu aceitei como meu marido, assim como a seus ministros!'

Kanwa respondeu, 'Ó tu de bela compleição, por tua causa eu estou inclinado a abençoá-lo. Mas recebas de mim, ó abençoada, a bênção que desejas.'

Vaisampayana continuou, 'Sakuntala, então, movida pelo desejo de beneficiar Dushmanta, pediu a bênção que os monarcas Paurava fossem sempre virtuosos e nunca privados de seus tronos.'

## 74

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Depois que Dushmanta tinha deixado o retiro tendo feito aquelas promessas para Sakuntala, ela deu à luz a um menino de energia imensurável. E quando o menino tinha três anos ele se tornou em esplendor como o fogo ardente. E, ó Janamejaya, ele possuía beleza e magnanimidade e todas as habilidades. E aquele principal dos homens virtuosos, Kanwa, fez com que todos os ritos de religião fossem realizados a respeito daquela criança inteligente que vicejava dia a dia. E o menino dotado de dentes perolados e cabelos brilhantes, já capaz de matar leões, com todos os sinais auspiciosos na palma de sua mão, e muito expansivo, cresceu em beleza e força. E como uma criança celeste em esplendor, ele começou a crescer rapidamente. E quando ele tinha somente seis anos de idade, dotado de grande força ele costumava agarrar e amarrar às árvores que havia ao redor daquele retiro leões e tigres e ursos e búfalos e elefantes. E ele montava em alguns animais, e perseguia outros de modo esportivo. Os habitantes do retiro de Kanwa então lhe deram um nome. E eles disseram, 'Porque ele captura e reprime animais mesmo que sejam fortes, que ele seja chamado de Sarvadamana (o dominador de todos)'. E foi assim que o menino veio a ser chamado de Sarvadamana, dotado como era com destreza, energia e força. E o Rishi vendo o menino e também suas ações extraordinárias, disse para Sakuntala que havia chegado a hora da instalação dele como o herdeiro-presuntivo. E vendo a força do menino, Kanwa mandou seus discípulos, dizendo, 'Levem sem demora Sakuntala com seu filho desta residência àquela de seu marido, abençoado com todo sinal propício. Mulheres não devem viver muito tempo nas casas de parentes maternos ou paternos. Tal residência é destrutiva para sua reputação, sua boa conduta, sua virtude. Portanto, não percam tempo em levá-la lá.' Aqueles discípulos do Rishi então dizendo, 'Assim seja' foram em direção à cidade que mais tarde se chamaria Hastinapura com Sakuntala e seu

filho à frente deles. E então ela de belos olhos castanhos, levando consigo aquele menino de beleza celeste, dotado de olhos como pétalas de lótus, deixou as florestas onde havia sido conhecida por Dushmanta. E tendo se aproximado do rei, ela com seu menino que parecia em esplendor como o sol no alto foi apresentada a ele. E os discípulos do Rishi a tendo introduzido voltaram ao retiro. E Sakuntala tendo reverenciado o rei segundo a forma apropriada, disse a ele, 'Este é teu filho, ó rei! Que ele seja instalado como teu herdeiro-presuntivo. Ó rei, esta criança, como um celestial, foi gerado em mim por ti. Portanto, ó melhor dos homens, cumpras agora a promessa que me fizeste. Lembre, ó afortunado, do acordo que fizeste na ocasião da tua união comigo no retiro de Kanwa.'

O rei, ouvindo suas palavras e se lembrando de tudo, disse, 'Eu não me lembro de nada. Quem tu és, ó mulher vil em disfarce ascético? Eu não me lembro de ter ligação alguma contigo em relação a Dharma, Kama e Arthas. Vá ou fique ou faça o que quiseres.' Assim, aquela inocente ficou embaraçada. A dor a privou de sua consciência e ela ficou por um momento como uma estaca de madeira. Logo, no entanto, seus olhos ficaram vermelhos como cobre e seus lábios começaram a tremer. E os olhares que ela agora lançava sobre o rei pareciam queimar o último. Sua grande cólera, no entanto, pelo fogo de seu ascetismo, ela extinguiu dentro de si mesma por um esforço extraordinário. Reunindo seus pensamentos por um momento, seu coração possuído por tristeza e raiva, ela se dirigiu a seu marido com raiva, olhando para ele, 'Sabendo de tudo, ó monarca, como tu podes, como uma pessoa inferior, dizer desta forma que não sabes? Teu coração é uma testemunha da verdade ou mentira deste assunto. Portanto, fales a verdade sem te degradares. Aquele que sendo uma coisa demonstra ser outra coisa para os outros é como um ladrão de si mesmo. De que pecado ele não é capaz? Tu pensas que somente tu tens conhecimento do teu ato. Mas tu não sabes que o Antigo, o Onisciente (Narayana) vive no teu coração? Ele conhece todos os teus pecados, e tu pecaste em Sua presença. Aquele que peca pensa que ninguém o observa. Mas ele é observado pelos deuses e também por aquele está em todo coração. O Sol, a Lua, o Ar, o Fogo, a Terra, o Céu, a Água, o coração, Yama, o dia, a noite, o crepúsculo, e Dharma, todos testemunham as ações dos homens. Yama, o filho de Surya, não leva em consideração os pecados daquele com o qual Narayana, a testemunha de todas as ações, está satisfeito. Mas aquele com quem Narayana não está satisfeito é torturado por seus pecados por Yama. Aquele que se degrada por se revelar falsamente os deuses nunca abençoam. Mesmo sua própria alma não o abençoa. Eu sou uma esposa dedicada a meu marido. Eu vim por mim mesma, isto é verdade. Mas não, por essa razão, me trates com desrespeito. Eu sou tua mulher e, portanto, mereço ser tratada respeitosamente. Me tratarás assim porque eu vim para cá por minha própria decisão? Na presença de tantos, por que tu me tratas como uma mulher ordinária? Eu certamente não estou gritando na floresta. Tu não me ouves? Mas se tu recusares a fazer o que eu te suplico, ó Dushmanta, tua cabeça neste momento se partirá em cem pedaços! O marido entra no útero da mulher e gera a si mesmo na forma do filho. Portanto a esposa é chamada por aqueles conhecedores dos Vedas como Jaya (aquela da qual alguém é nascido). E o filho que assim nasce de pessoas conhecedoras dos Mantras Védicos resgata os espíritos dos antepassados

falecidos. E porque o filho resgata os antepassados do inferno chamado Put, portanto, ele é chamado pelo próprio Autocriado como Puttra (o que resgata de Put). Por um filho um homem conquista os três mundos. Por um neto ele desfruta da eternidade. E por um filho do neto os bisavôs desfrutam da felicidade eterna. É uma esposa verdadeira aquela que é habilidosa em assuntos de família. É uma esposa verdadeira aquela que dá luz a um filho. É uma esposa verdadeira aquela cujo coração está devotado a seu marido. É uma verdadeira esposa aquela que não conhece ninguém exceto seu marido. A mulher é a metade do homem. A mulher é a principal das amigas. A mulher é a base da religião, lucro, e desejo. A mulher é a base da salvação. Aquele que tem esposas pode realizar atos religiosos. Aqueles que têm esposas podem levar vidas domésticas. Aqueles que têm esposas têm os meios para serem alegres. Aqueles que têm esposas podem alcançar boa sorte. Esposas de voz doce são amigas nas ocasiões de alegria. Elas são como pais nas ocasiões de ações religiosas. Elas são mães na doença e na dor. Até nas florestas profundas para um viajante uma mulher é seu refresco e consolo. Aquele que tem uma esposa tem a confiança de todos. Uma esposa, portanto, é a posse de maior valor. Mesmo quando o marido deixando este mundo vai para a região de Yama, é a mulher leal que o acompanha até lá. Uma mulher que vai antes espera pelo marido. Mas se o marido vai antes, a casta esposa o segue de perto. Por estas razões, ó rei, o casamento existe. O marido desfruta da companhia da mulher neste e nos outros mundos. É dito por pessoas eruditas que um homem é ele mesmo nascido como seu próprio filho. Portanto, um homem cuja mulher gera um filho deve cuidar dela como sua mãe. Ao ver o rosto do filho gerado em sua mulher, que é como olhar seu próprio rosto em um espelho, um homem se sente feliz como um homem virtuoso, ao alcançar o céu. Homens acometidos por dor mental, ou sofrimento sob dor corpórea se sentem tão revigorados na companhia de suas esposas como uma pessoa suada em um banho frio. Nenhum homem, mesmo que enfurecido, deve fazer qualquer coisa que seja desagradável para sua mulher, visto que felicidade, alegria, e virtude, tudo depende da mulher. Uma mulher é o campo sagrado no qual o próprio marido nasce. Mesmo os Rishis não podem gerar criaturas sem mulheres. Que felicidade é maior do que a que o pai sente quando o filho, correndo em sua direção, mesmo que seu corpo esteja coberto com pó, o abraça? Por que então tu tratas teu filho com tal indiferença, que se aproximou de ti ele mesmo e que te lança olhares ansiosos para subir em teus joelhos? Mesmo as formigas sustentam seus próprios ovos sem destruí-los; então por que tu, um homem virtuoso que és, não podes sustentar teu próprio filho? O toque suave da pasta de sândalo, de mulheres, e de água (fresca) não é tão agradável como o toque que um homem sente ao ter o seu próprio filho ainda criança em seus braços. Como o Brahmana é o principal de todos os bípedes, a vaca o principal de todos os quadrúpedes, um protetor o principal de todos os superiores, assim o filho é o principal de todos os objetos agradáveis ao toque. Deixes, portanto, que esta bela criança te dê um abraço. Não há nada no mundo mais agradável ao toque do que o abraço de um filho. Ó destruidor de inimigos, eu dei à luz a esta criança, ó monarca, capaz de dissipar todas as tuas tristezas depois de levá-lo no meu útero por três anos completos. Ó monarca da linha Puru, 'Ele realizará uma centena de sacrifícios de cavalos' estas foram as palavras proferidas do céu quando eu estava jazendo no quarto (dando à

luz). De fato, homens que vão a lugares distantes de seus lares tomam outras crianças em seus colos e cheirando suas cabeças sentem grande felicidade. Tu sabes que Brahmanas repetem estes mantras Védicos na ocasião do consagrar ritos da infância: 'Tu és nascido, ó filho, do meu corpo! Tu nasceste do meu coração. Tu és eu mesmo na forma de um filho. Que tu vivas cem anos! Minha vida depende de ti, e o prolongamento da minha linhagem também. Portanto, ó filho, que tu vivas em grande felicidade por cem anos.' Ele nasceu do teu corpo, este segundo ser de ti mesmo! Veja a ti mesmo no teu filho, como tu vês tua imagem em um lago límpido. Como o fogo sacrificial é aceso do doméstico, assim esta criança veio de ti. Embora um, tu te dividiste. Na tua viagem de caça enquanto empenhado em perseguir veados tu te aproximaste de mim, ó rei, que era então uma virgem no retiro do meu pai. Urvasi, Purvachitti, Sahajanya, Menaka, Viswachi e Ghritachi, são as seis principais Apsaras. Entre elas, Menaka, nascida de Brahman, é a principal. Descendo do céu à Terra, depois de um relacionamento com Viswamitra, ela deu à luz a mim. Aquela célebre Apsara, Menaka, deu à luz a mim em um vale do Himavat. Desprovida de afeição ela foi embora, e me deixou lá como se eu fosse a filha de outra pessoa. Que ato pecaminoso eu fiz, antigamente, em alguma outra vida para que eu fosse abandonada na infância por meus pais e agora abandonada por ti? Descartada por ti, eu estou preparada para retornar ao retiro do meu pai. Mas cabe a ti não rejeitares este que é teu próprio filho.'

Ouvindo tudo isto Dushmanta disse, 'Ó Sakuntala, eu não reconheço ter gerado este filho em ti. Mulheres geralmente falam inverdades. Quem acreditará nas tuas palavras? Desprovida de todo o afeto, a luxuriosa Menaka é tua mãe, e ela te abandonou na superfície do Himavat como alguém joga fora, depois do culto, o oferenda florida feita para os seus deuses. Teu pai também da classe Kshatriya, o lascivo Viswamitra, que foi tentado a virar um Brahmana, é desprovido de todo o afeto. No entanto, Menaka é a principal das Apsaras, e teu pai também é o principal dos Rishis. Sendo sua filha, por que tu falas como uma mulher impudica? Tuas palavras não merecem crédito. Tu não estás envergonhada de tê-las falado, especialmente para mim? Fora daqui, ó mulher vil em disfarce ascético. Onde está o principal dos grandes Rishis, e onde também está aquela Apsara Menaka? E por que estás, vulgar como és, na aparência de uma asceta? Teu filho também é crescido. Tu dizes que ele é um menino, mas ele é muito forte. Como ele cresceu rápido como um broto de Sala? Teu nascimento é inferior. Tu falas como uma mulher impudica. Lascivamente tu foste gerada por Menaka. Ó mulher de aparência ascética, tudo o que tu disseste é completamente desconhecido para mim. Eu não te conheço. Vá para onde quiseres.'

Sakuntala respondeu, 'Tu vês, ó rei, a falha dos outros, mesmo que elas sejam pequenas como uma semente de mostarda. Mas vendo, tu não percebes tuas próprias falhas mesmo que elas sejam grandes como a fruta Vilwa. Menaka é uma das celestiais. De fato, Menaka é considerada como a principal das celestiais. Meu nascimento, portanto, ó Dushmanta, é de longe mais elevado do que o teu. Tu caminhas sobre a Terra, ó rei, mas eu vago nos céus! Veja a diferença entre nós é como aquela entre (a montanha) Meru e uma semente mostarda! Veja meu poder,

ó rei! Eu posso me dirigir às residências de Indra, Kuvera, Yama, e Varuna! O ditado que eu vou lhe apresentar é verdadeiro, ó impecável! Eu me refiro a isto para dar um exemplo e não por motivos maus. Portanto, cabe a ti me perdoares depois de tê-lo ouvido. Uma pessoa feia se considera mais bonita do que as outras até que vê seu próprio rosto no espelho. Mas quando vê seu próprio rosto feio no espelho, é então que percebe a diferença entre si mesma e as outras. Aquele que é realmente bonito nunca zomba de ninguém. E aquele que sempre fala o mal se torna um difamador. E como os porcos sempre procuram sujeira e lixo até quando estão no meio de um jardim florido, assim os perversos sempre escolhem o mal entre as coisas boas e más que os outros falam. Aqueles, no entanto, que são sábios, ao ouvirem as palavras dos outros que são misturadas com o bem e o mal aceitam somente o que é bom, como os gansos que extraem somente o leite, embora esteja misturado com água. Como os honestos sempre ficam atormentados por falarem mal dos outros, também os maus sempre se regozijam ao fazerem a mesma coisa. Como os honestos sempre sentem prazer em mostrar respeito pelos últimos, também os perversos sempre se deliciam em caluniar os bons. Os honestos são felizes em não procurar por falhas. Os maus são felizes em procurar por elas. Os maus sempre falam mal dos honestos. Mas os últimos nunca ofendem os primeiros, mesmo que ofendidos por eles. O que pode ser mais ridículo no mundo do que aqueles que são maus desprezarem os realmente honestos como maus? Quando até os ateístas se aborrecem com os que se desviam da verdade e virtude e que são realmente como cobras zangadas de veneno virulento, o que eu direi de mim mesma que sou educada na fé? Aquele que tendo gerado um filho que é sua própria imagem, não o respeita, nunca alcança aos mundos pelos quais anseia, e em verdade os deuses destroem sua boa sorte e posses. Os Pitris dizem que o filho continua a raça e a linhagem e é, portanto, o melhor de todos os atos religiosos. Portanto, ninguém deve abandonar um filho. Manu disse que há cinco espécies de filhos; aquele gerado por um homem na sua própria esposa, obtido (como presente) de outros, comprado por consideração, criado com afeto e gerado em outras mulheres que não suas esposas casadas. Filhos sustentam a religião e realizações dos homens, aumentam suas alegrias, e resgatam antepassados falecidos do inferno. Não cabe a ti, portanto, ó tigre entre reis, abandonar um filho que é tal. Portanto, ó senhor da Terra, cuide do teu próprio ser, verdade, e virtude por cuidares do teu filho. Ó leão entre monarcas, não cabe a ti manter esta falsidade. A oferenda de um reservatório é mais meritória do que aquela de uma centena de poços. Um sacrifício é mais meritório do que a oferenda de um reservatório. Um filho é mais meritório do que um sacrifício. A verdade é mais meritória do que cem filhos. Cem sacrifícios de cavalos foram uma vez pesados contra a Verdade, e foi descoberto que a Verdade é mais pesada do que cem sacrifícios de cavalos. Ó rei, a Verdade, eu creio, pode ser igual ao estudo dos Vedas inteiros e purificações religiosas em todos os locais sagrados. Não há virtude igual à Verdade; não há nada superior à Verdade. Ó rei, a Verdade é o próprio Deus; a Verdade é o voto mais alto. Portanto, não violes tua promessa, ó monarca! Que a Verdade e tu estejam sempre unidos. Se tu não puseres crédito nas minhas palavras eu irei embora daqui por minha própria vontade. De fato, tua companhia deve ser evitada. Porém,

ó Dushmanta, quando tu tiveres partido, este meu filho governará toda a Terra circundada pelos quatro mares e adornada com o rei das montanhas.'

Vaisampayana continuou, 'Sakuntala tendo falado com o monarca desta maneira deixou sua presença. Mas tão logo ela tinha saído uma voz dos céus, emanando de nenhuma forma visível, assim falou para Dushmanta enquanto ele estava cercado por seus sacerdotes ocasionais e da família, seus preceptores, e ministros. E a voz disse, 'A mãe é somente o revestimento de carne; o filho gerado do pai é o próprio pai. Portanto, ó Dushmanta, cuide do teu filho, e não insulte Sakuntala. Ó melhor dos homens, o filho, que é somente a forma de um homem na sua própria semente, resgata (os antepassados) da região de Yama. Tu és o progenitor daquele menino. Sakuntala falou a verdade. O marido, dividindo seu corpo em dois, nasce de sua mulher na forma do filho. Portanto, ó Dushmanta, cuides, ó monarca, do teu filho nascido de Sakuntala. Viver tendo abandonado um filho vivo é uma grande desgraça. Portanto, ó tu da linhagem Puru, reconheça teu filho de grande alma nascido de Sakuntala, e porque aquela criança será sustentada por ti por causa da nossa palavra, portanto aquele teu filho será conhecido pelo nome de Bharata (o sustentado)'. Ouvindo aquelas palavras proferidas pelos habitantes do céu, o monarca da linhagem de Puru ficou enlevado e falou o seguinte para seus sacerdotes e ministros, 'Ouviram estas palavras proferidas pelo mensageiro celeste? Eu mesmo estou ciente de que ele é meu filho. Se eu o tivesse aceitado como meu somente com base nas palavras de Sakuntala meu povo suspeitaria e meu filho também não seria considerado puro.'

Vaisampayana continuou, 'O monarca, então, ó tu da linhagem Bharata, vendo a pureza de seu filho determinada pelo mensageiro celeste, ficou muito contente. E ele tomou consigo seu filho com alegria. E o rei com o coração alegre então realizou todos aqueles ritos sobre seu filho que um pai deve realizar. E o rei cheirou a cabeça do filho e o abraçou com afeto. E os Brahmanas começaram a proferir bênçãos sobre ele e os bardos começaram a louvá-lo. E o monarca então experimentou o grande prazer que se sente ao toque de um filho. E Dushmanta também recebeu sua esposa com afeto. E ele disse a ela estas palavras, acalmando-a carinhosamente, 'Ó deusa, minha união contigo ocorreu em particular, portanto, eu estava pensando em como melhor podia estabelecer tua pureza. Meu povo pensaria que nós estivemos unidos só lascivamente e não como marido e mulher, e portanto, este filho que eu instalaria como meu herdeiro-presuntivo somente seria considerado como alguém de nascimento impuro. E querida, cada palavra dura que tu proferiste em tua raiva, eu, ó de olhos grandes, perdôo. Tu és minha bem amada!' E o nobre sábio Dushmanta, tendo falado assim para sua querida mulher, ó Bharata, a recebeu com oferendas de perfume, comida, e bebida. E o rei Dushmanta, então, deu o nome de Bharata ao seu filho, e oficialmente o instalou como herdeiro-presuntivo. E as famosas e brilhantes rodas do carro de Bharata, invencíveis e como as rodas dos carros possuídos pelos deuses, viajou por todas as regiões, enchendo toda a Terra com seu estertor. E o filho de Dushmanta reduziu todos reis da Terra à sua submissão. E ele governou virtuosamente e ganhou grande fama. E aquele monarca de grande coragem era conhecido pelos títulos de Chakravarti e Sarvabhauma. E ele realizou

muitos sacrifícios como o de Sakra, o senhor dos Maruts. E Kanwa era o principal sacerdote naqueles sacrifícios, nos quais as oferendas para os Brahmanas eram grandes. E o abençoado monarca realizou o sacrifício de vacas e de cavalos. E Bharata dava para Kanwa mil moedas de ouro como a taxa sacerdotal. É daquele Bharata de quem vieram tantas realizações poderosas. É pelo seu nome que a grande linhagem dele foi chamada depois do seu reinado. E na linhagem Bharata nasceram muitos monarcas semelhantes aos deuses dotados com grande energia, e como o próprio Brahman. Seu número não pode ser contado. Mas, ó tu da linhagem Bharata, eu citarei aqueles principais que eram abençoados com boa sorte, que eram como os deuses, e dedicados à verdade e honestidade.’

## 75

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Ouça agora enquanto eu recito a genealogia registrada, que é sagrada e útil à religião, lucro e prazer, daqueles sábios reais, Daksha, o senhor da criação, Manu, o filho de Surya, Bharata, Ruru, Puru, e Ajamidha. Eu também recitarei para ti, ó impecável, as genealogias dos Yadavas e dos Kurus e do rei da linha Bharata. Estas genealogias são sagradas e sua narração é um grande ato de sacrifício expiatório. Esta narração confere riqueza, fama e vida longa. E, ó impecável, todos estes que eu citei brilharam em seu esplendor e eram iguais aos grandes Rishis em energia.

Prachetas teve dez filhos que eram todos dedicados ao ascetismo e possuidores de todas as virtudes. Eles queimaram, antigamente, pelo fogo emanado de suas bocas, várias plantas venenosas e árvores grandes e inumeráveis que tinham coberto a Terra e virado uma fonte de grande desconforto para o homem. Depois destes dez nasceu outro de nome Daksha. E é de Daksha que todas as criaturas descendem. Portanto ele é, ó tigre entre os homens, chamado de Avô. Nascido dos Prachetas o Muni Daksha, se unindo com Virini gerou mil filhos de votos rígidos, todos como ele mesmo. E Narada ensinou àqueles mil filhos de Daksha a filosofia excelente de Sankhya como um meio de salvação. E, ó Janamejaya, o senhor da criação, Daksha, então, pelo desejo de fazer criaturas, gerou cinquenta filhas. E ele fez de todas elas suas filhas nomeadas (para que os filhos delas pudessem ser filhos dele também para o desempenho de todas as ações religiosas). E ele deu dez de suas filhas para Dharma, e treze para Kasyapa. E ele deu vinte e sete para Chandra, que foram todas casadas na época indicada. E Kasyapa, o filho de Marichi, gerou na mais velha de suas treze esposas, os Adityas, os celestiais dotados com grande energia e tendo Indra como seu líder e também Vivaswat (o Sol). E de Vivaswat nasceu o senhor Yama. E Martanda (Vivaswat) também gerou outro filho depois de Yama, dotado de grande inteligência e chamado Manu. E Manu era dotado de grande sabedoria e dedicado à virtude. E ele virou o progenitor de uma linhagem. E na raça de Manu nasceram todos os seres humanos, que foram, portanto,

chamados de Manavas. E é de Manu que todos homens incluindo Brahmanas, Kshatriyas, e outros descendem, e são, portanto, todos chamados de Manavas. Posteriormente, ó monarca, os Brahmanas se uniram com os Kshatriyas. E aqueles filhos de Manu que eram Brahmanas se dedicaram ao estudo dos Vedas. E Manu gerou dez outros filhos chamados Vena, Dhrishnu, Narishyan, Nabhaga, Ikshvaku, Karusha, Saryati, o oitavo, uma filha chamada Ila, Prishadhru o nono, e Nabhagarishta, o décimo. Eles todos se dedicaram às práticas de Kshatriyas. Além disso, Manu teve cinquenta outros filhos na Terra. Mas nós sabemos que eles todos pereceram lutando uns com os outros. O erudito Pururavas nasceu de Ila. E é conhecido por nós que Ila foi sua mãe e seu pai. E o grande Pururavas tinha domínio sobre treze ilhas do mar. E, embora um ser humano, ele estava sempre cercado por companheiros que eram sobre-humanos. E Pururavas embriagado pelo poder lutou com os Brahmanas e pouco se importando com a raiva deles os privou de suas riquezas. Vendo tudo aquilo Sanatkumara veio da região de Brahman e deu a ele bons conselhos, que foram, no entanto, rejeitados por Pururavas. Então a cólera dos grandes Rishis foi excitada, e o avarento monarca, que intoxicado com o poder tinha perdido sua razão, foi imediatamente destruído pela maldição deles.

Foi Pururavas quem primeiro trouxe da região dos Gandharvas as três espécies de fogo (para propósitos sacrificais). E ele trouxe de lá a Apsara Urvasi também. E o filho de Ila gerou em Urvasi seis filhos que são chamados Ayus, Dhimat, Amavasu e Dhridhayus, e Vanayus, e Satayus. E é dito que Ayus gerou quatro filhos chamados Nahusha, Vriddhasarman, Rajingaya, e Anenas, na filha de Swarbhanu. E, ó monarca, Nahusha, de todos os filhos de Ayus, sendo dotado de grande inteligência e coragem governou seu reino extenso virtuosamente. E o rei Nahusha manteve uniformemente os Pitris, os celestiais, os Rishis, os Brahmanas, os Gandharvas, os Nagas, os Rakshasas, os Kshatriyas, e os Vaisyas. E ele suprimiu todos os bandos de ladrões com uma mão poderosa. Mas ele fez os Rishis pagarem tributos e o carregarem em suas costas como burros de carga. E, conquistando os deuses pela beleza de sua pessoa, seu ascetismo, destreza, e energia, ele governou como se ele fosse o próprio Indra. E Nahusha gerou seis filhos, todos de voz gentil, chamados Yati, Yayati, Sanyati, Ayati, e Dhruva. Yati se dedicou ao ascetismo e virou um Muni como o próprio Brahman. Yayati virou um monarca de grande destreza e virtude. Ele governou toda a Terra, realizou sacrifícios numerosos, adorou os Pitris com grande reverência, e sempre respeitou os deuses. E ele trouxe o mundo sob seu domínio total e nunca foi vencido por qualquer inimigo. E os filhos de Yayati foram todos grandes arqueiros e resplandecentes com todas as virtudes. E, ó rei, eles foram gerados em (suas duas esposas) Devayani e Sarmishtha. E de Devayani nasceram Yadu e Turvasu, e de Sarmishtha nasceram Drahyu, Anu, e Puru. E, ó rei, tendo virtuosamente governado seus súditos por muito tempo, Yayati foi atacado por uma decrepitude terrível que destruiu sua beleza pessoal. E atacado pela decrepitude, o monarca então falou, ó Bharata, para seus filhos Yadu, Puru, Turvasu, Drahyu e Anu estas palavras: 'Caros filhos, eu desejo ser um homem jovem e satisfazer meus apetites na companhia de mulheres jovens. Ajudem-me nesse sentido.' A ele seu filho mais velho nascido de Devayani então disse, 'Do que tu precisas, ó rei? Tu queres ter

tua juventude?' Yayati então disse a ele, 'Aceite minha decrepitude, ó filho! Com tua juventude eu me divertirei. Durante a época de um grande sacrifício eu fui amaldiçoado pelo Muni Usanas (Sukra). Ó filho, eu me divertirei com tua juventude. Peguem qualquer um de vocês minha velhice e com meu corpo governe meu reino. Eu me deleitarei com um corpo renovado. Portanto, meus filhos, aceitem minha velhice.' Mas nenhum de seus filhos aceitou a velhice dele. Então seu filho mais novo Puru disse a ele, 'Ó rei, divirta-se outra vez com um corpo renovado e com a juventude de volta! Eu aceitarei tua decrepitude e por tua ordem governarei teu reino.' Assim, o nobre sábio, em virtude de seu poder ascético então transferiu sua própria velhice àquele seu filho de grande alma e com a juventude de Puru ficou jovem; enquanto que com a idade do monarca Puru governou seu reino.

Então, depois que mil anos haviam passado Yayati, aquele tigre entre reis, permaneceu tão forte e poderoso como um tigre. E ele desfrutou por um longo tempo da companhia de suas duas esposas. E nos jardins de Chitraratha (o rei dos Gandharvas), o rei também desfrutou da companhia da Apsara Viswachi. Mas mesmo depois de tudo aquilo os apetites do grande rei ainda não estavam satisfeitos. O rei então se lembrou das seguintes verdades contidas nos Puranas, 'Realmente, os apetites nunca são saciados pelo prazer. Por outro lado, como manteiga sacrificial despejada no fogo, suas chamas aumentam com a indulgência. Mesmo que alguém desfrute de toda a Terra com sua riqueza, diamantes e ouro, animais e mulheres, este ainda não pode ser saciado. É somente quando o homem não comete nenhum pecado em relação à qualquer coisa viva, em pensamentos, ações, ou palavras, é então que ele alcança a pureza como aquela de Brahman. Quando não teme nada, quando não é temido por qualquer coisa, quando não deseja nada, quando não prejudica ninguém, é então que alcança a pureza de Brahman.' O monarca sábio vendo isto e vendo também que os apetites de uma pessoa nunca são saciados completamente, fixou sua mente no descanso por meio de meditação, e pegou de volta de seu filho sua própria velhice. E dando a ele de volta sua juventude, embora seus próprios apetites estivessem insaciados, e o instalando no trono, ele falou a Puru: 'Tu és meu herdeiro verdadeiro, tu és meu verdadeiro filho por quem minha linhagem continuará. No mundo minha linhagem será conhecida por teu nome.'

Vaisampayana continuou, 'Então aquele tigre entre reis, tendo instalado seu filho Puru no trono, foi à montanha de Bhrgu para se dedicar ao ascetismo. E, tendo adquirido grande mérito ascético, depois de longos anos, ele sucumbiu à influência inevitável do Tempo. Ele deixou seu corpo humano por cumprir o voto de jejum, e ascendeu ao céu com suas esposas.'

(Continuação do Sambhava Parva)

Janamejaya disse, 'Ó tu de riqueza de ascetismo, me diga como nosso antepassado Yayati, que é o décimo Prajapati, obteve como esposa a filha inalcançável de Sukra. Eu desejo ouvir a respeito disto em detalhes. Fale-me também, um depois do outro, sobre aqueles monarcas que separadamente foram fundadores de dinastias.'

Vaisampayana disse, 'O monarca Yayati era em esplendor como o próprio Indra. Eu te direi, em resposta à tua questão, ó Janamejaya, como Sukra e Vrishaparvan concederam a ele, com os ritos devidos, suas filhas, e como ocorreu sua união com Devayani em especial.

Entre os celestiais e os Asuras, aconteciam, antigamente, frequentes combates pela soberania dos três mundos com tudo o que havia neles. Os deuses, então, pelo desejo de vitória, instalaram o filho de Angiras (Vrihaspati) como seu sacerdote para conduzir seus sacrifícios; enquanto seus adversários instalaram o erudito Usanas como seu sacerdote para o mesmo propósito. E entre aqueles dois Brahmanas sempre havia uma vaidosa rivalidade. Aqueles Danavas que se reuniam para lutar e que eram mortos pelos deuses eram todos revividos pelo vidente Sukra pelo poder do seu conhecimento. E então vivendo novamente eles lutavam com os deuses. Os Asuras também matavam no campo de batalha muitos dos celestiais. Mas Vrihaspati de mente aberta não podia reanimá-los, porque ele não conhecia a ciência chamada Sanjivani (re-vivificação), que Kavya dotado de grande energia conhecia tão bem. E os deuses estavam portanto, em grande angústia. E os deuses, em grande ansiedade de coração e temendo o erudito Usanas, então foram até Kacha, o filho mais velho de Vrihaspati e falaram a ele, dizendo, 'Nós te rendemos homenagem, seja gentil para conosco e faça-nos um favor que nós consideramos muito grande. Aquele conhecimento que reside em Sukra, aquele Brahmana de destreza incomensurável, faça teu tão logo poderes. Tu podes encontrar o Brahmana na corte de Vrishaparvan. Ele sempre protege os Danavas mas nunca a nós, adversários deles. Tu és jovem e, portanto, capaz de adorá-lo com reverência. Tu podes também reverenciar Devayani, a filha favorita daquele Brahmana de grande alma. De fato, somente tu és capaz de aplacar a ambos por meio de culto. Não há mais ninguém que possa fazer isso. Por satisfazer Devayani com tua conduta, generosidade, doçura, e comportamento geral, tu poderás certamente obter aquele conhecimento.' O filho de Vrihaspati, assim solicitado pelos deuses, disse 'Assim seja', e foi para onde Vrishaparvan estava. Kacha, assim enviado pelos deuses, logo foi à capital do chefe dos Asuras, e lá viu Sukra. E vendo-o, ele falou: 'Aceite-me como teu discípulo. Eu sou o neto do Rishi Angiras e o filho de Vrihaspati. Por nome eu sou conhecido como Kacha. Se tu te tornares meu preceptor eu praticarei o modo de vida Brahmacharya por mil anos. Comande-me, então, ó Brahmana!'

Sukra (ouvindo isso) disse, 'Tu és bem vindo, ó Kacha! Eu aceito tuas palavras. Eu te tratarei com respeito; por assim fazer, é Vrihaspati quem será respeitado.'

Vaisampayana continuou, 'Kacha, comandado por Kavya ou o próprio Usanas, chamado também de Sukra, então disse, 'Assim seja' e tomou o voto do qual tinha falado. E, ó Bharata, aceitando o voto do qual ele tinha falado, no tempo apropriado, Kacha começou a cativar atenciosamente seu preceptor e (sua filha) Devayani. De fato, ele começou a cativar a ambos. E como ele era jovem, por meio de canto e dança e tocando diferentes tipos de instrumentos, ele logo satisfaz Devayani que estava em sua juventude. E, ó Bharata, com todo seu coração ligado nisto ele logo satisfaz a moça Devayani que era então uma senhorita, com presentes de flores e frutas e serviços feitos de boa vontade. E Devayani também com suas canções e doçura de boas maneiras habituais, enquanto eles estavam a sós, auxiliava aquele jovem que cumpria seus votos. E quando quinhentos anos haviam passado do voto Kacha os Danavas vieram para saber qual era sua intenção. E não tendo escrúpulos em matar um Brahmana eles ficaram muito enfurecidos com ele. E um dia eles viram Kacha em uma parte solitária das florestas empenhado em cuidar das vacas (de seu preceptor). Eles então mataram Kacha por seu ódio a Vrihaspati e também por seu desejo de impedir que o conhecimento de reanimar os mortos fosse transmitido a ele. E tendo-o matado, eles cortaram seu corpo em pedaços e os deram para serem devorados por chacais e lobos. E (quando veio o crepúsculo) as vacas retornaram ao curral sem aquele que cuidava delas. E Devayani, vendo as vacas retornarem da floresta sem Kacha, falou, ó Bharata, a seu pai dessa forma:

'Teu fogo da noite foi aceso. O Sol também se põe, ó pai! As vacas retornaram sem aquele que cuidava delas. Kacha, de fato, não está à vista. Ó, é evidente que Kacha está perdido, ou está morto. Realmente eu digo, ó pai, que sem ele eu não viverei.'

Sukra ouvindo isso, disse, 'Eu o reviverei por dizer, 'Que ele venha.' Então recorrendo à ciência de reanimar os mortos Sukra convocou Kacha. E convocado por seu preceptor, Kacha apareceu diante dele em alegria de coração, rasgando, em virtude da ciência de seu preceptor, os corpos dos lobos (que o tinham devorado). E questionado acerca da causa de sua demora ele assim falou à filha de Bhargava. De fato, perguntado pela filha daquele Brahman, ele disse a ela, 'Eu fui morto. Ó tu de conduta pura, carregado com combustível sacrificial, erva Kusa, e troncos de madeira, eu estava vindo em direção à nossa residência. Eu sentei sob uma árvore banian. As vacas também, tendo sido reunidas, ficaram sob a sombra daquela mesma árvore banian. Os Asuras, me vendo, perguntaram 'Quem tu és?' E eles me ouviram responder, 'Eu sou o filho de Vrihaspati' Logo que eu disse isso os Danavas me mataram, e cortando meu corpo em pedaços deram meus restos para chacais e lobos. E eles então foram para casa com os corações alegres. Ó amável, convocado pelo Bhargava de grande alma, eu afinal chego diante de ti completamente revivido.'

Em outra ocasião, a pedido de Devayani, o Brahmana Kacha entrou nas florestas. E enquanto ele estava perambulando para coletar flores os Danavas o viram. Eles outra vez o mataram, o trituraram e assim o transformando em uma pasta o misturaram com a água do oceano. Achando que ele estava demorando

muito (para voltar), a moça novamente descreveu o caso para seu pai. E convocado outra vez pelo Brahmana com a ajuda de sua ciência, Kacha apareceu perante seu preceptor e a filha dele e disse a eles como tudo tinha acontecido. Então matando-o pela terceira vez e o reduzindo a cinzas, os Asuras deram aquelas cinzas ao próprio preceptor, misturando-as com seu vinho. E Devayani outra vez falou a seu pai, dizendo, 'Ó pai, Kacha foi enviado para colher flores. Mas ele não está à vista. É óbvio que ele está perdido ou morto. Eu digo a ti que realmente eu não viverei sem ele.'

Sukra disse, 'Ó filha, o filho de Vrihaspati foi para a região dos mortos. Embora reanimado pela minha ciência ele é morto frequentemente. O que, de fato, eu posso fazer? Ó Devayani, não sofra, não chore. Alguém como tu não deve chorar por alguém que é mortal. Tu és de fato, ó filha, por causa da minha habilidade, adorada três vezes ao dia durante as horas ordenadas para oração por Brahmanas, os deuses com Indra, os Vasus, os Aswins, os Asuras, realmente, por todo o universo. É impossível mantê-lo vivo, reanimando-o, se ele é morto frequentemente.' Para tudo isto Devayani respondeu, 'Por que, ó pai, eu não devo chorar por aquele cujo avô é o próprio ancião Angiras, cujo pai é Vrihaspati que é um oceano de mérito ascético, que é o neto de um Rishi e o filho também de um Rishi? Ele mesmo também era um Brahmacharin e um asceta; sempre atento e hábil em tudo. Eu morrerei de fome e seguirei o caminho pelo qual Kacha foi. O belo Kacha é, ó pai, muito estimado por mim.'

Vaisampayana continuou, 'O grande Rishi Kavya, então, afligido pelo que Devayani disse, exclamou com raiva, 'Certamente, os Asuras procuram me ferir por matarem o discípulo que está comigo. Aqueles seguidores de Rudra desejam me privar do meu caráter como Brahmana por me fazerem participar de seu crime. Realmente, este crime tem um fim terrível. O crime de matar um Brahmana queimaria até o próprio Indra.' Tendo dito isso, o Brahmana Sukra, suplicado por Devayani, começou a convocar Kacha que tinha entrado nas mandíbulas da Morte. Mas Kacha, convocado com a ajuda da ciência, e temendo a consequência para seu preceptor, respondeu fracamente de dentro do estômago dele, dizendo, 'Seja benevolente para comigo, ó senhor! Eu sou Kacha que te adora. Comportete para comigo como se eu fosse teu próprio filho ternamente amado.'

Vaisampayana continuou, 'Sukra então disse, 'Por qual caminho, ó Brahmana, tu entraste no meu estômago, onde estás agora? Deixando os Asuras neste momento eu irei para o lado dos deuses.' Kacha respondeu, 'Por tua graça, minha memória não me falha. De fato, eu me lembro de como tudo aconteceu. Minhas virtudes ascéticas não foram destruídas. É, portanto, por isso que eu posso suportar essa dor quase insuportável. Ó Kavya, morto pelos Asuras e queimado e reduzido a pó, eu fui dado a ti com teu vinho. Quando tu estás presente, ó Brahmana, a arte dos Asuras nunca pode conquistar o conhecimento do Brahmana.'

Ouvindo isso Sukra disse, 'Ó filha, que bem eu posso fazer para ti? É com minha morte que Kacha poderá obter sua vida de volta. Ó Devayani, Kacha está dentro de mim. Não há outro caminho para ele sair exceto por romper meu

estômago.' Devayani respondeu, 'Ambos os males, como o fogo, me queimarão! A morte de Kacha e a tua própria morte são a mesma para mim! A morte de Kacha me privará de vida, e se tu também morreres eu não poderei suportar a minha vida.' Então Sukra disse, 'Ó filho de Vrihaspati, tu és, de fato, alguém já coroado com êxito, porque Devayani o considera tão bem. Aceite o conhecimento que eu hoje te darei, se, de fato, tu não és Indra na forma de Kacha. Ninguém pode sair do meu estômago com vida. Um Brahmana, no entanto, não deve ser morto, portanto, aceite o conhecimento que te dou. Comece a viver como meu filho. E possuindo o conhecimento recebido de mim, e reanimado por mim, tome o cuidado de, ao saíres do meu corpo, agires dignamente.'

Vaisampayana continuou, 'Recebendo a ciência de seu preceptor o belo Kacha, rompendo o estômago dele, saiu como a lua na noite do décimo quinto dia da quinzena clara. E vendo os restos de seu preceptor jazendo como uma pilha de penitências Kacha o reviveu, ajudado pela ciência que aprendeu. O reverenciando com respeito, Kacha disse a seu preceptor, 'Àquele que despeja o néctar do conhecimento aos ouvidos de alguém, assim como tu fizeste comigo que estava então destituído de conhecimento, a ele eu considero como meu pai e mãe. E se lembrando do imenso auxílio dado por ele, quem poderá ser tão ingrato a ponto de ofendê-lo? Aqueles que, tendo adquirido conhecimento ferem seu preceptor, que é sempre um objeto de culto, que é o dador de conhecimento, que é o mais precioso de todos os objetos preciosos na Terra vêm a ser odiados sobre a Terra e finalmente vão para as regiões dos pecaminosos.'

Vaisampayana continuou, 'O erudito Sukra, tendo sido enganado enquanto estava sob a influência do vinho, lembrando da total perda de consciência que é uma das consequências terríveis da bebida, e vendo também o belo Kacha a quem ele tinha, em um estado de inconsciência, bebido com seu vinho, então pensou em efetuar uma reforma nos costumes dos Brahmanas. Usanas de grande alma se erguendo do solo com raiva, então falou o seguinte: 'O desventurado Brahmana que deste dia em diante, incapaz de resistir à tentação, beber vinho, será considerado como tendo perdido a virtude e será avaliado como se tivesse cometido o pecado de matar um Brahmana, sendo odiado neste e nos outros mundos. Eu estabeleço este limite à conduta e dignidade dos Brahmanas em todos os lugares. Que os honestos, que Brahmanas, que aqueles que têm respeito para com seus superiores, que os deuses e que os três mundos, ouçam!' Tendo dito estas palavras aquele de grande alma, aquele asceta dos ascetas, então convocou os Danavas que estavam privados de bom senso pelo destino, e disse a eles estas palavras, 'Danavas tolos, saibam que Kacha obteve o que desejava. Ele de agora em diante morará comigo. Tendo obtido valoroso conhecimento de reanimar os mortos, aquele Brahmana, de fato, se tornou em destreza assim como o próprio Brahman!'

Vaisampayana continuou, 'Bhargava disse estas palavras muito abruptamente. Os Danavas estavam surpresos e foram embora para suas casas. Kacha, também, tendo ficado com seu preceptor por mil anos completos então se preparou para voltar à residência dos celestiais, depois de ter obtido a permissão de seu preceptor.'

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Depois do término do período de seu voto, Kacha, tendo obtido a permissão de seu preceptor estava prestes a voltar para a residência dos celestiais, quando Devayani, dirigindo-se a ele, disse, 'Ó neto do Rishi Angiras, em conduta e nascimento, em aprendizagem, ascetismo e humildade tu resplandesces brilhantemente. Como o célebre Rishi Angiras é honrado e considerado por meu pai, assim teu pai é considerado e adorado por mim. Ó tu de riqueza ascética, sabendo disto, escutes o que eu digo. Lembres da minha conduta em relação a ti durante o período do teu voto (Brahmacharya). Teu voto agora está terminado. Cabe a ti fixares teu afeto em mim. Aceite minha mão devidamente com os mantras ordenados.'

Kacha respondeu, 'Tu és para mim um objeto de respeito e adoração como teu pai! Ó tu de feições impecáveis, tu és, de fato, um objeto de grande reverência! Tu és mais cara do que a vida para Bhargava de grande alma, ó amável! Como a filha do meu preceptor, tu sempre és digna do meu culto! Como meu preceptor Sukra, teu pai, é merecedor dos meus respeitos, assim tu és, ó Devayani! Portanto, não cabe a ti falar desta maneira.' Ouvindo isso Devayani respondeu, 'Tu também és filho do meu pai que é teu preceptor. Portanto, ó melhor dos Brahmanas, tu és merecedor dos meus respeitos e culto. Ó Kacha, quando tu foste morto tantas vezes pelos Asuras, lembres hoje do afeto que eu demonstrei por ti. Lembrando da minha amizade e afeto por ti, e, de fato, do meu dedicado respeito também, ó virtuoso, não cabe a ti me abandonar com uma omissão. Eu estou realmente afeiçoada a ti.'

Ouvindo tudo isso Kacha disse, 'Ó tu de votos virtuosos, não me incite a seguir tal conduta pecaminosa. Ó tu de formosos olhos castanhos, seja bondosa para comigo. Bela, tu és para mim um objeto de mais respeito do que meu preceptor. Cheia de resoluções virtuosas, ó de grandes olhos, e de rosto tão belo como a lua, o lugar onde tu residiste, o corpo de Kavya, também foi minha residência. Tu és realmente minha irmã. Amável, nós passamos em felicidade os dias em que estivemos juntos. Há perfeita compreensão entre nós. Eu peço a tua permissão para voltar para minha residência. Portanto, me abençoe para que minha viagem possa ser segura. Eu devo ser lembrado por ti, quando tu me recordares com relação a assuntos de conversação, como alguém que não violou a virtude. Sempre cuidei do meu preceptor com boa vontade e honestidade de coração.' Para tudo isso Devayani respondeu, 'Solicitado por mim, se, de fato, tu realmente te recusares a me fazer tua esposa, então, ó Kacha, este teu conhecimento não trará frutos.'

Kacha então disse, 'Eu recusei teu pedido somente porque tu és filha do meu preceptor e não porque tu tens qualquer imperfeição. Nem meu preceptor me deu

qualquer ordem a este respeito. Amaldiçoe-me se isto te agrada. Eu te disse qual deve ser o comportamento de um Rishi. Eu não mereço a tua maldição, ó Devayani. Mas ainda assim tu me amaldiçoaste! Tu agiste sob a influência da paixão e não por senso de dever. Portanto, teu desejo não será realizado. Nenhum filho de Rishi aceitará tua mão em casamento. Tu disseste que o meu conhecimento não trará frutos. Que seja assim. Mas ele dará frutos para aquele a quem eu comunicá-lo.'

Vaisampayana continuou, 'Aquele principal dos Brahmanas, Kacha, tendo dito isso para Devayani se dirigiu rapidamente para a residência do chefe dos celestiais. Vendo sua chegada, os celestiais com Indra adiante, tendo primeiro o reverenciado, falaram a ele o seguinte, 'Tu de fato, realizaste uma ação de grande benefício para nós. Foi extraordinária a tua realização! Tua fama nunca morrerá! Tu serás um repartidor conosco das oferendas sacrificais.'

## 78

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Os habitantes do céu ficaram extremamente contentes ao receberem Kacha que tinha dominado a notável ciência. E, ó touro da raça Bharata, os celestiais então aprenderam a ciência de Kacha e consideraram seu objetivo alcançado. E se reunindo, eles falaram àquele de cem sacrifícios, dizendo, 'Chegou a hora de mostrar coragem. Mate teus inimigos, ó Purandara!' E assim, Maghavat, então acompanhado pelos celestiais, saiu dizendo, 'Assim seja.' Mas em seu caminho ele viu várias donzelas. Aquelas moças estavam se divertindo em um lago nos jardins do Gandharva Chitraratha. Convertendo-se em vento, ele logo desordenou as roupas que aquelas moças tinham deixado na margem. Pouco tempo depois, as moças, se levantando da água, se aproximaram de suas roupas que estavam, de fato, misturadas umas com as outras. E aconteceu que da pilha misturada as roupas de Devayani foram pegadas por Sarmishtha, a filha de Vrishaparvan, por ignorar que não eram as dela. E, ó rei, depois disto, entre elas, Devayani e Sarmishtha, então se seguiu uma discussão. E Devayani disse, 'Ó filha do Asura (chefe), por que tu pegaste meu traje, sendo, como tu és, minha discípula? Como és desprovida de bom comportamento nada de bom poderá te acontecer!' Sarmishtha, no entanto, rapidamente respondeu, 'Teu pai ocupa um assento inferior, e sempre adora com expressão abatida, como um empregado cantor de louvores, o meu pai, quer ele esteja sentado ou repouse deitado! Tu és a filha de um cantor dos louvores de outros, de alguém que aceita esmolas. Eu sou a filha de alguém que é adorado, de alguém que concede esmolas em vez de aceitá-las! Mulher mendiga como tu és, tu és livre para golpear teu peito, para usar más palavras, para jurar inimizade a mim, para ceder à tua cólera. Recebedora de esmolas, tu derramas lágrimas de raiva em vão! Se inclinada a isto, eu posso te prejudicar, mas tu não podes. Tu desejas discutir. Mas saiba que eu não te considero como minha igual!'

Vaisampayana continuou, 'Ouvindo estas palavras Devayani ficou muito enraivecida e começou a puxar dela suas roupas. Sarmishtha então a jogou em um poço e foi para casa. De fato, a perversa Sarmishtha crendo que Devayani estava morta dirigiu seus passos para casa com um humor colérico.

Depois que Sarmishtha havia saído Yayati, o filho de Nahusha, logo chegou àquele local. O rei tinha saído para caçar. O par de cavalos atrelados ao seu carro e o outro único cavalo que tinha consigo estavam todos cansados. E o próprio rei estava com sede. O filho de Nahusha viu um poço e se dirigiu até ele. E ele viu que o poço estava seco. Mas ao olhar para baixo ele viu uma moça que em esplendor era como um fogo ardente. E vendo-a dentro do poço, o rei abençoado falou àquela moça da aparência dos celestiais, confortando-a com palavras gentis. E ele disse, 'Quem és tu, ó formosa, de unhas brilhantes como cobre polido, e com brincos decorados com pedras preciosas celestes? Tu pareces estar muito transtornada. Por que tu choras em aflição? Como, de fato, tu caíste neste poço coberto com plantas e grama comprida? E, ó menina de cintura delgada, responda-me realmente de quem tu és filha.'

Devayani então respondeu, 'Eu sou a filha de Sukra que devolve a vida aos Asuras mortos pelos deuses. Ele não sabe o que me aconteceu. Esta é minha mão direita, ó rei, com unhas brilhantes como cobre polido. Tu és bem nascido; e eu te peço para pegá-la e me erguer! Eu sei que tu tens bom comportamento, grande coragem e ampla fama! Cabe a ti, portanto, me erguer deste poço.'

Vaisampayana continuou, 'O rei Yayati, sabendo que ela era filha de um Brahmana, a ergueu daquele poço por segurar sua mão direita. E o monarca prontamente a ergueu do buraco e olhou de soslaio para suas belas pernas e gentilmente e cortesmente voltou para sua capital.

Quando o filho de Nahusha tinha ido embora, Devayani de feições impecáveis angustiada falou para sua empregada, de nome Ghurnika, que a encontrou então. E ela disse, 'Ó Ghurnika, vá rapidamente e fale com meu pai sem perda de tempo sobre tudo o que aconteceu. Eu agora não entrarei na cidade de Vrishaparvan.'

Vaisampayana continuou, 'Ghurnika, assim ordenada, se dirigiu rapidamente para a mansão do Asura chefe, onde ela viu Kavya e falou a ele com sua percepção turva pela raiva. E ela disse, 'Eu digo a ti, ó grande Brahmana, que Devayani foi maltratada, ó afortunado, na floresta por Sarmishtha, a filha de Vrishaparvan.' E Kavya, sabendo que sua filha tinha sido maltratada por Sarmishtha partiu depressa com o coração pesado, procurando por ela nas florestas. E quando a encontrou ele a abraçou com afeto e falou a ela com a voz sufocada pela dor, 'Ó filha, a felicidade ou dor que ocorre às pessoas é sempre devida a suas próprias falhas. Tu tens portanto uma falha, eu creio, a qual foi expiada dessa forma.' Ouvindo isso Devayani respondeu, 'Sendo um castigo ou não, me escute com atenção. Ó, ouça tudo o que Sarmishtha, a filha de Vrishaparvan, disse para mim. Realmente ela disse que tu és somente um empregado cantor dos louvores do rei Asura! Foi dessa forma que Sarmishtha, a filha de Vrishaparvan, me falou, com os olhos avermelhados, estas palavras

cortantes e cruéis, 'Tu és a filha de um cantor dos louvores dos outros, de alguém que pede caridade, de alguém que aceita esmolas; enquanto que eu sou a filha de alguém que recebe adorações, de alguém que dá e nunca aceita qualquer coisa como presente!' Estas foram as palavras repetidamente faladas a mim pela orgulhosa Sarmishtha, a filha de Vrishaparvan, com os olhos vermelhos de raiva. Se, ó pai, eu sou realmente a filha de um empregado cantor de louvores, de alguém que aceita presentes, eu devo oferecer minhas adorações na esperança de obter o perdão dela! Oh, por causa das coisas que eu já disse a ela!

Sukra respondeu, 'Tu não és, ó Devayani, a filha de um empregado adorador, de alguém que pede esmolas e aceita presentes. Tu és a filha de um homem que não adora ninguém, mas que é adorado por todos! O próprio Vrishaparvan sabe disso, e Indra, e o rei Yayati também. O inconcebível Brahma, o principal dos deuses que não tem opositor é minha força! O próprio autocriado, satisfeito por mim, disse que eu sou para sempre o senhor de todas as coisas que estão sobre a Terra ou o Céu! Eu digo a ti realmente que sou eu quem despejo a chuva pelo bem das criaturas e que nutro as plantas anuais que sustentam todas as coisas vivas!'

Vaisampayana continuou, 'E foi por estas tais palavras gentis de grande importância que aquele pai se esforçou para acalmar sua filha afligida pela dor e oprimida pela raiva.'

## 79

(Continuação do Sambhava Parva)

Sukra continuou, 'Saiba, então, ó Devayani, que aquele que não presta atenção às más palavras dos outros conquista tudo! O sábio diz que é um verdadeiro quadrigário aquele que sem afrouxar segura firmemente as rédeas de seus cavalos. Portanto, é um verdadeiro homem aquele que se domina, sem ceder à raiva em ascensão. Saiba, ó Devayani, que aquele que conquista tudo é o que domina sua ira tranquilamente. É considerado como um homem aquele que por recorrer ao perdão, se livra da sua raiva ascendente como uma cobra deixando cair sua pele. Aquele que elimina a raiva, aquele que não dá atenção às más palavras dos outros, aquele que não fica furioso, embora tenha motivos para estar, sem dúvida adquire os quatro objetos pelos quais nós vivemos (virtude, lucro, desejo, e salvação). Entre aquele que realiza sem fadiga sacrifícios todo mês por cem anos, e aquele que nunca se sente zangado por qualquer coisa, aquele que não sente cólera é certamente o superior. Homens e mulheres, incapazes de distinguir entre o certo e o errado, discutem entre si. Os sábios nunca os imitam.' Devayani, ouvindo estas palavras de seu pai, disse, 'Ó pai, eu sei também qual é a diferença entre raiva e perdão com relação ao poder de cada um. Mas quando um discípulo age desrespeitosamente ele nunca deve ser perdoado pelo preceptor se o último está realmente desejoso de beneficiar o primeiro. Portanto, eu não desejo viver mais em um país onde o mau comportamento é um prêmio. O homem

sábio desejoso do bem não mora entre aqueles homens pecaminosamente inclinados que sempre falam mal do bom comportamento e do nobre nascimento. Mas ele deve viver, de fato, naquele que é considerado o melhor lugar para se viver, onde o bom comportamento e a pureza de nascimento são conhecidos e respeitados. As palavras cruéis proferidas pela filha de Vrishaparvan queimam meu coração como os homens, desejosos de acender o fogo, queimam o combustível seco. Eu não acho qualquer coisa mais miserável para um homem nos três mundos do que adorar um inimigo abençoado com boa sorte, ele mesmo não possuindo nada. É de fato dito pelos eruditos que até a morte seria melhor.'

## 80

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Então Kavya, o principal da linhagem Bhrigu, ficou zangado. E ele se aproximou de Vrishaparvan onde o último estava sentado, e começou a dirigir-se a ele sem pesar suas palavras, 'Ó rei' ele disse, 'ações pecaminosas, como a Terra, não dão frutos imediatamente! Mas gradualmente e secretamente elas destroem aqueles que as praticam. Os frutos de tais ações visitam a própria pessoa, um filho, ou um neto. Pecados devem dar seus frutos. Como comida abundante eles nunca podem ser digeridos. E porque vocês assassinaram o Brahmana Kacha, o neto de Angiras, que era virtuoso, conhecedor dos princípios da religião, e atento às suas funções, enquanto residia na minha residência, por aquele ato de assassinato, e também pelo destrato à minha filha, saiba, ó Vrishaparvan, que eu te deixarei e aos teus parentes! De fato, ó rei, por isto, eu não posso mais ficar contigo! Tu pensas, ó Asura chefe, que eu sou um delirante mentiroso? Tu fizeste teu delito sem procurar corrigi-lo!'

Vrishaparvan então disse, 'Ó filho de Bhrigu, eu nunca atribuí a ti pobreza de virtude, ou falsidade. De fato, virtude e verdade sempre moram em ti. Sejas bondoso para comigo! Ó Bhargava, se, nos deixando, tu realmente fores embora, nós então entraremos nas profundidades do oceano. De fato, não haverá nada mais para nós fazermos.'

Sukra então respondeu, 'Ó Asuras, se vocês entrarem nas profundidades do oceano ou partirem em todas as direções eu não me importo. Eu não posso suportar a dor da minha filha. Minha filha é preciosa para mim. Minha vida depende dela. Procurem agradá-la. Como Vrihaspati sempre busca o bem de Indra, eu também sempre procuro o teu por meus méritos ascéticos.'

Vrishaparvan então disse, 'Ó Bhargava, tu és o absoluto senhor de tudo o que é possuído pelo principal Asura neste mundo, seus elefantes, vacas e cavalos, e até da minha humilde pessoa!'

Sukra então respondeu, 'Se é verdade, ó grande Asura, que eu sou o senhor de toda a riqueza dos Asuras, então vá e agrade Devayani.'

Vaisampayana continuou, 'Quando o grande Kavya ouviu estas palavras de Vrishaparvan, ele então foi até Devayani e disse tudo a ela. Devayani, no entanto, rapidamente respondeu, 'Ó Bhargava, se tu és realmente o senhor do próprio rei Asura e de toda sua riqueza, então que o próprio rei venha a mim e diga isso na minha presença.' Vrishaparvan então se aproximou de Devayani e disse a ela, 'Ó Devayani de sorriso formoso, o que quer que desejares eu quero te dar, mesmo que tal coisa seja muito difícil de conceder.' Devayani respondeu, 'Eu desejo Sarmishtha com um mil empregadas para me servir! Ela deve também me seguir para onde meu pai me mandar.'

Vrishaparvan então mandou uma serva que estava em sua presença, dizendo, 'Vá e rapidamente traga Sarmishtha para cá. Que ela também realize o que Devayani deseja.'

Vaisampayana continuou, 'A serva então se dirigiu a Sarmishtha e disse a ela, 'Ó amável Sarmishtha, levante e me siga. Realize um bem para teus parentes. Instigado por Devayani, o Brahmana (Sukra) está a ponto de deixar seus discípulos (os Asuras). Ó impecável, tu deves fazer o que Devayani deseja.' Sarmishtha respondeu, 'Eu alegremente farei o que Devayani deseja. Instado por Devayani Sukra está me chamando. Sukra e Devayani não devem deixar os Asuras por causa do meu erro.'

Vaisampayana continuou, 'Por ordens de seu pai, então, Sarmishtha, acompanhada por mil moças, logo partiu, em um palanquim, da mansão excelente do pai. E se aproximando de Devayani ela disse, 'Com minhas mil empregadas, eu estou a teu serviço! E eu te seguirei onde teu pai possa te mandar.' Devayani respondeu, 'Eu sou a filha daquele que canta os louvores a teu pai, e de quem mendiga e aceita esmolas; tu, por outro lado, és a filha daquele que é adorado. Como tu podes estar a me servir?'

Sarmishtha respondeu, 'Uma pessoa deve contribuir de todos os meios para a felicidade dos parentes aflitos. Portanto eu te seguirei onde quer que teu pai possa te mandar.'

Vaisampayana continuou, 'Quando Sarmishtha assim prometia ser a serva de Devayani, a última, ó rei, então falou a seu pai desta forma, 'Ó melhor de todos os Brahmanas excelentes, eu estou satisfeita. Eu agora entrarei na capital Asura! Eu agora sei que tua ciência e poder de conhecimento não são inúteis!'

Vaisampayana continuou, 'Aquele melhor dos Brahmanas, de grande reputação, assim ouvindo sua filha, então entrou na capital Asura com alegria em seu coração. E os Danavas o adoraram com grande reverência.'

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Depois de algum tempo, ó melhor dos monarcas, a bela Devayani entrou nas mesmas florestas para se divertir. E acompanhada por Sarmishtha com suas mil empregadas ela alcançou o mesmo local e começou a vagar livremente. E assistida por todas aquelas companheiras ela se sentiu muito feliz. E se divertindo com corações leves, elas começaram a beber o mel em flores, comer várias espécies de frutas e morder algumas. E justamente naquela hora o rei Yayati, o filho de Nahusha, outra vez foi lá cansado e com sede, no curso de suas andanças à procura de veados. E o rei viu Devayani e Sarmishtha, e aquelas outras moças também, todas enfeitadas com ornamentos celestes e cheias de langor voluptuoso por causa do mel das flores que elas tinham bebido. E Devayani de doce sorriso, inigualável em beleza e possuidora da mais bela compleição entre todas elas, estava reclinada tranquilamente. E ela estava sendo atendida por Sarmishtha que estava massageando suavemente seus pés.

E Yayati vendo tudo aquilo disse, 'Ó amáveis, eu devo perguntar a vocês seus nomes e ascendência. Parece que estas duas mil empregadas servem vocês duas.' 'Ouvindo o monarca, Devayani então respondeu, 'Escute, ó melhor dos homens. Saiba que eu sou a filha de Sukra, o guia espiritual dos Asuras. Esta minha companheira é minha serva. Ela me acompanha onde quer que eu vá. Ela é Sarmishtha, a filha do rei Asura Vrishaparvan.'

Yayati então perguntou, 'Eu estou curioso para saber por que esta tua companheira de belos olhos castanhos, esta bela donzela, a filha do principal Asura é tua serva!' Devayani respondeu, 'Ó melhor dos reis, tudo resulta do Destino. Sabendo que é resultado do Destino, não te surpreendas com isto. Tuas feições e trajas são ambos como as de um rei. Tuas palavras são justas e corretas como as dos Vedas. Diga-me teu nome, de onde és e de quem és filho também.'

O monarca respondeu, 'Durante meu voto de Brahmacharya todos os Vedas entraram nos meus ouvidos. Eu sou conhecido como Yayati, o filho de um rei e eu mesmo um rei.' 'Devayani então perguntou, 'Ó rei, para que tu vieste para cá? Para colher lotos ou para caçar?' Yayati disse, 'Ó amável, com sede da perseguição de um veado, eu vim para cá à procura de água. Eu estou muitíssimo cansado. Eu espero somente por tuas ordens para deixar este local.'

Devayani respondeu, 'Com minhas duas mil donzelas e minha serva Sarmishtha eu espero tuas ordens. Prosperidade para ti. Seja meu amigo e senhor.'

Yayati respondeu, 'Bela, eu não te mereço. Tu és filha de Sukra que é de longe superior a mim. Teu pai não pode te entregar nem mesmo para um grande rei.' A isto Devayani respondeu, 'Brahmanas foram antes unidos com Kshatriyas, e Kshatriyas com Brahmanas. Tu és o filho de um Rishi e tu mesmo és um Rishi. Portanto, ó filho de Nahusha, case comigo.' Yayati, no entanto, respondeu, 'Ó tu

de belas feições, as quatro classes, de fato, vieram de um só corpo. Mas seus deveres e pureza não são os mesmos, os Brahmanas são realmente superiores a todos.' Devayani respondeu, 'Esta minha mão nunca foi tocada antes por nenhum homem além de ti. Portanto, eu te aceito como meu marido. Como, de fato, outro homem tocaria minha mão que foi antes tocada por ti que és um Rishi?' Yayati então disse, 'Os sábios sabem que um Brahmana deve ser mais evitado do que uma cobra zangada de veneno virulento, ou do que um fogo ardente que espalha suas chamas.' Devayani então disse ao monarca, 'Ó touro entre homens, por que tu, de fato, dizes que Brahmanas devem ser mais evitados do que uma cobra de virulento veneno ou um fogo ardente?' O monarca respondeu, 'A cobra mata somente um. A arma afiada mata somente uma única pessoa. O Brahmana quando zangado destrói cidades e reinos inteiros! Portanto, ó tímida, eu julgo que um Brahmana deve ser mais evitado do que ambos. Então eu não posso casar contigo, ó amável, a menos que teu pai te conceda para mim.' Devayani então disse, 'Tu és, de fato, escolhido por mim. E, ó rei, está entendido que tu deves me aceitar se meu pai me conceder a ti. Tu não precisas temer aceitar minha pobre pessoa entregue a ti. De fato, não peça por mim.'

Vaisampayana continuou, 'Depois disto Devayani rapidamente enviou uma serva até seu pai. A serva explicou para Sukra como tudo tinha acontecido. E logo que ele tinha ouvido tudo, Bhargava partiu e viu Yayati. E vendo Bhargava, Yayati reverenciou aquele Brahmana, e ficou com as palmas na unidas em expectativa das suas ordens.'

E Devayani então disse, 'Este, ó pai, é o filho de Nahusha. Ele segurou minha mão, quando eu estive em angústia. Eu me curvo a ti. Me entregue para ele. Eu não me casarei com qualquer outra pessoa no mundo.' Sukra exclamou, 'Ó tu de coragem esplêndida, tu foste, de fato, bem aceito como marido por esta minha querida filha. Eu a concedo a ti. Portanto, ó filho de Nahusha, aceite-a como tua mulher.'

Yayati então disse, 'Eu solicito a bênção, ó Brahmana, que por fazer isso, o pecado de gerar um bastardo não me toque.' Sukra, no entanto, o assegurou dizendo, 'Eu te absolverei do pecado. Peça o benefício que desejares. Não temas casar com ela. Eu concedo a tua absolvição. Mantenha virtuosamente tua esposa, a esbelta Devayani. A felicidade será tua em sua companhia. Esta outra moça, filha de Vrishaparvan, Sarmishtha deve sempre ser respeitada por ti. Mas não a convoque para tua cama.'

Vaisampayana continuou, 'Endereçado dessa forma por Sukra, Yayati então caminhou em volta do Brahmana. E o rei então passou pela auspiciosa cerimônia de casamento segundo os ritos das escrituras. E tendo recebido de Sukra o rico tesouro da excelente Devayani com Sarmishtha e aquelas duas mil servas, e devidamente honrado também pelo próprio Sukra e os Asuras, o melhor dos monarcas, então, por ordem de Bhargava de grande alma, voltou para sua capital com o coração alegre.'

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Yayati então, ao voltar para sua capital que era como a cidade de Indra, entrou em seus aposentos internos e lá instalou sua noiva Devayani. E o monarca, instruído por Devayani, instalou a filha de Vrishaparvan, Sarmishtha, em uma mansão especialmente construída perto das florestas artificiais de Asokas em seus jardins. E o rei cercou a filha de Vrishaparvan, Sarmishtha, com suas mil empregadas e a honrou fazendo todos os arranjos para sua alimentação e vestuário. Mas foi com Devayani que o filho real de Nahusha teve prazer como um celestial por muitos anos em alegria e felicidade. E quando sua época chegou, a formosa Devayani concebeu. E ela deu à luz como seu primeiro filho a um belo menino. E quando mil anos tinham passado, Sarmishtha alcançou a puberdade e viu que seu período fértil tinha chegado. Ela ficou ansiosa e disse a si mesma, 'Minha época chegou. Mas eu ainda não escolhi um marido. Ó, o que aconteceu, o que eu faço? Como eu obtenho a realização dos meus desejos? Devayani já se tornou mãe. Minha juventude está fadada a passar em vão. Eu devo escolher também para meu marido aquele que Devayani escolheu? Esta é, de fato, minha resolução: aquele monarca deve me dar um filho. O virtuoso não me concederá um encontro íntimo?'

Vaisampayana continuou, 'Enquanto Sarmishtha estava assim ocupada com seus pensamentos, o rei vagando desatento foi até a floresta das Asokas, e vendo Sarmishtha diante dele, lá ficou em silêncio. Então Sarmishtha de sorrisos doces viu o monarca perto de si, sem ninguém para testemunhar o que poderia acontecer, e se aproximou e disse com as palmas unidas, 'Ó filho de Nahusha, ninguém pode ver as senhoras que moram nos apartamentos internos de Soma, de Indra, de Vishnu, de Yama, de Varuna, e de ti! Tu sabes, ó rei, que eu sou bela e bem nascida. Eu te solicito, ó rei! Minha época fértil chegou. Faça com que ela não passe em vão.'

Yayati respondeu, 'Eu bem sei da honra do teu nascimento, nascida como és na raça orgulhosa dos Danavas. Tu és também dotada com beleza. Eu, de fato, não vejo nenhum indício de imperfeição no teu aspecto. Mas Usanas me ordenou que enquanto eu estivesse unido com Devayani, que eu nunca convocasse a filha de Vrishaparvan para minha cama.'

Sarmishtha então disse, 'É dito, ó rei, que não é pecaminoso mentir na ocasião de uma brincadeira, em relação a mulheres que se procura alegrar, em ocasiões de casamento, em perigo de morte imediata e da perda de toda a fortuna. Mentir é perdoável nestas cinco ocasiões. Ó rei, não é verdade que é lançado por terra quem não fala a verdade quando perguntado. Devayani e eu fomos chamadas para cá como companheiras para servir ao mesmo propósito. Quando, portanto, tu disseste que te limitarias a apenas uma de nós duas foi uma mentira que falaste.'

Yayati respondeu, 'Um rei deve ser um modelo aos olhos de seus súditos. O monarca que fala inverdades certamente encontra a destruição. Quanto a mim, eu não falo uma mentira mesmo que uma grande perda me ameace!' Sarmishtha respondeu, 'Ó monarca, pode-se considerar o marido de sua amiga como o seu próprio. O casamento de um amigo é o mesmo que o seu próprio. Tu foste escolhido por minha amiga como seu marido. Tu és como meu marido, portanto.' Yayati então disse, 'É, de fato, minha promessa sempre conceder um pedido. Como pedes a mim, diga-me então o que eu devo fazer.' Sarmishtha então disse, 'Me absolva, ó rei, do pecado. Proteja minha virtude. Tornando-me mãe através de ti, que eu pratique a virtude mais elevada neste mundo. É dito, ó rei, que uma mulher, um escravo e um filho nunca podem ganhar riqueza para si mesmos. O que eles ganham sempre pertence a quem eles pertencem. Eu sou, de fato, a escrava de Devayani. Tu és o mestre e senhor de Devayani. Tu és, portanto, ó rei, meu mestre e senhor tanto como Devayani ! Eu te peço! Ó, realize meus desejos!'

Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado por Sarmishtha, o monarca foi persuadido da verdade de tudo o que ela falou. Ele, portanto, honrou Sarmishtha por proteger sua virtude. E eles passaram algum tempo juntos. E se despedindo afetuosamente um do outro, eles então partiram, cada um voltando para o lugar de onde tinha vindo.

E ocorreu que Sarmishtha de sorrisos doces concebeu por consequência daquela ligação com o melhor dos monarcas. E, ó rei, aquela senhora de olhos de lótus então no curso do tempo deu à luz a um filho do esplendor de uma criança celeste e de olhos como pétalas de lótus.'

## 83

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Quando Devayani teve notícia do nascimento daquela criança, ela se tornou ciumenta, e ó Bharata, Sarmishtha se tornou objeto de suas reflexões desagradáveis. E Devayani, indo até ela, falou-lhe desta forma, 'Ó tu de belos olhos, que pecado é este que cometeste por entregar-te à influência da luxúria?' Sarmishtha respondeu, 'Certo Rishi de alma virtuosa e totalmente conhecedor dos Vedas veio a mim. Capaz de conceder bênçãos ele foi solicitado por mim a realizar meus desejos que eram baseados em considerações de virtude. Ó tu de doces sorrisos, eu não procuraria a satisfação pecaminosa dos meus desejos. Eu te digo realmente que esta criança é minha com aquele Rishi!' Devayani respondeu, 'Está tudo bem se este é o caso, ó tímida! Mas se a linhagem, nome, e família deste Brahmana é conhecido por ti, eu gostaria de ouvi-los.' Sarmishtha respondeu, 'Ó tu de doces sorrisos, em ascetismo e energia, aquele Rishi é resplandecente como o próprio Sol. Vendo-o, eu não tive qualquer necessidade de fazer essas perguntas.' Devayani então disse, 'Se isso é verdade,

se de fato, tu obtiveste o teu filho de tal Brahmana superior, então, ó Sarmishtha, eu não tenho motivos para raiva.'

Vaisampayana continuou, 'Tendo assim falado e rido uma com a outra, elas se separaram, Devayani voltou ao palácio com o conhecimento dado a ela por Sarmishtha. E, ó rei, Yayati também gerou em Devayani dois filhos chamados Yadu e Turvasu, que eram como Indra e Vishnu. E Sarmishtha, a filha de Vrishaparvan, tornou-se pelo sábio real a mãe de três filhos ao todo, chamados Drahyu, Anu, e Puru.

E, ó rei, ocorreu que um dia Devayani, acompanhada por Yayati, entrou em uma parte solitária das florestas, (no extenso parque do rei). E lá ela viu três crianças de beleza celeste brincando com perfeita confiança. E Devayani perguntou com surpresa, 'De quem são essas crianças, ó rei, que são tão bonitas como os filhos dos celestiais? Em esplendor e beleza eles são como tu, eu penso.'

Vaisampayana continuou, 'E Devayani sem esperar por uma resposta do rei, perguntou às próprias crianças, 'Crianças, qual é vossa linhagem? Quem é vosso pai? Respondam-me a verdade. Eu desejo saber tudo.' Aquelas crianças então apontaram para o rei (com seus dedos indicadores) e falaram de Sarmishtha como sua mãe.

E tendo assim dito, as crianças se aproximaram do rei para abraçar seus joelhos. Mas o rei não ousou acarinhá-los na presença de Devayani. Os meninos então deixaram o lugar, e foram em direção a sua mãe, chorando de tristeza. E o rei, por esta conduta dos meninos, ficou muitíssimo envergonhado. Mas Devayani, notando o afeto das crianças pelo rei descobriu o segredo e dirigindo-se a Sarmishtha, disse, 'Como tu ousaste me fazer esta injúria, sendo, como és, dependente de mim? Tu não temeste recorrer uma vez mais àquela tua conduta Asura?'

Sarmishtha disse, 'Ó tu de doces sorrisos, tudo o que eu te disse sobre um Rishi é perfeitamente verdadeiro. Eu agi corretamente e segundo os preceitos de virtude, e, portanto, eu não te temo. Quando tu escolheste o rei como teu marido, eu, também, o escolhi como meu. Ó bela, o marido de uma amiga é, de acordo com o costume, como seu próprio marido. Tu és a filha de um Brahmana e, portanto, mereces meu culto e respeito. Mas tu não sabes que este sábio real tem também uma grande estima por mim?'

Vaisampayana disse, 'Devayani então, ouvindo aquelas palavras dela, exclamou, ó rei, assim, 'Tu foste injusto comigo, ó monarca! Eu não viverei mais aqui.' E assim dizendo, ela rapidamente ergueu-se e, com lágrimas nos olhos, foi até seu pai. E o rei estava aflito por vê-la daquele jeito, e muito alarmado seguiu seus passos, se esforçando para apaziguar a cólera dela. Mas Devayani, com os olhos vermelhos de raiva, não desistiria. Não falando uma palavra ao rei, com os olhos banhados em lágrimas, ela logo chegou ao lado de seu pai Usanas, o filho de Kavi. E vendo seu pai, ela ficou perante ele, depois das devidas saudações. E Yayati também, imediatamente depois dela, saudou e adorou Bhargava.'

E Devayani disse, 'Ó pai, a virtude foi conquistada pelo vício. O inferior se ergueu, e o superior foi lançado por terra. Eu fui ofendida outra vez por Sarmishtha, a filha de Vrishaparvan. Três filhos foram gerados nela por este rei Yayati. Mas, ó pai, sendo desafortunada como sou eu tenho só dois filhos! Ó filho de Bhrigu, este rei é famoso por seu conhecimento dos preceitos da religião. Mas, ó Kavya, eu digoa a ti que ele se desviou do caminho da retidão.'

Sukra, ouvindo tudo isso, disse, 'Ó monarca, desde que cometeste esta imoralidade, embora conhecendo totalmente os preceitos da religião, uma invencível decrepitude te paralisará!' Yayati respondeu, 'Venerável, eu fui solicitado pela filha do rei Danava para que sua estação frutificasse. Eu o fiz por um sentido de virtude e não por outros motivos. O homem que, sendo solicitado por uma mulher em sua estação não concede seu desejo, é chamado, ó Brahmana, por aqueles que conhecem os Vedas, de matador de embrião. Aquele que, solicitado em segredo por uma mulher cheia de desejo e no período correto, não vai a ela, perde a virtude e é chamado pelos eruditos de assassino de embrião, ó filho de Bhrigu, por estas razões, e ansioso para evitar o pecado, eu fui até Sarmishtha.' Sukra então respondeu, 'Tu és dependente de mim. Tu deverias ter esperado minha ordem. Tendo agido erroneamente na questão do teu dever, ó filho de Nahusha, tu és culpado do pecado de roubo.'

Vaisampayana continuou, 'Yayati, o filho de Nahusha, assim amaldiçoado pelo enfurecido Usanas, foi então privado de sua juventude e imediatamente tomado pela decrepitude. E Yayati disse, 'Ó filho de Bhrigu, eu ainda não fui satisfeito nem pela juventude nem por Devayani. Portanto, ó Brahmana, seja bondoso para que a decrepitude não possa me tocar.' Sukra então respondeu, 'Eu nunca falo inverdades. Agora mesmo, ó rei, tu estás tomado pela velhice. Mas se quiseres, tu serás capaz de transferir esta tua decrepitude para outro.' Yayati disse, 'Ó Brahmana, que seja ordenado por ti que o filho meu que me der sua juventude desfrute do meu reino, e alcance virtude e fama.' Sukra respondeu, 'Ó filho de Nahusha, pensando em mim tu podes transferir esta tua decrepitude para qualquer pessoa que quiseres. O filho que te der sua juventude se tornará teu sucessor ao trono. Ele também terá vida longa, grande fama, e prole numerosa!'

## 84

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Yayati, então, vencido pela velhice, voltou para sua capital e convocando seu filho mais velho Yadu que era também o mais ilustre, dirigiu-se a ele assim: 'Caro filho, por causa da maldição de Kavya chamado também de Usanas, decrepitude e rugas e cabelos brancos vieram sobre mim. Mas eu ainda não me satisfiz com os prazeres da mocidade. Ó Yadu, tome minha fraqueza junto com minha velhice. Eu me alegrarei com tua juventude. E quando

mil anos completos se passarem, te devolvendo tua mocidade, eu tomarei de volta minha fraqueza com esta decrepitude!

Yadu respondeu, 'Há inúmeras inconveniências na velhice em relação a beber e comer. Portanto, ó rei, eu não aceitarei tua velhice. Esta é, de fato, minha determinação. Cabelos brancos na cabeça, desânimo e afrouxamento dos nervos, rugas por todo o corpo, deformidades, fraqueza dos membros, emaciação, incapacidade para o trabalho, derrota pelas mãos dos amigos e companheiros, estas são as consequências da velhice. Portanto, ó rei, eu não a desejo. Ó rei, tu tens muitos filhos que são caros para ti. Tu conheces os preceitos da virtude. Peça a outro filho teu para pegar tua decrepitude.'

Yayati respondeu, 'Tu vieste do meu coração, ó filho, mas não me deste tua juventude. Portanto, teus filhos nunca serão reis.' E ele continuou, endereçando-se a outro filho seu, 'Ó Turvasu, aceite esta minha fraqueza junto com minha decrepitude. Com tua mocidade, ó filho, eu gostaria de desfrutar dos prazeres da vida. Depois do lapso de mil anos completos eu devolverei para ti a juventude, e tu me devolverás minha fraqueza e velhice.'

Turvasu respondeu, 'Eu não gosto da decrepitude, ó pai, ela tira todos os apetites e prazeres, força e beleza de uma pessoa, intelecto, e até vida.' Yayati disse, 'Tu vieste do meu coração, ó filho! Mas tu não me deste tua juventude! Portanto, ó Turvasu, tua linhagem será extinta. Perverso, tu serás o rei daqueles cujas práticas e preceitos são impuros, entre os quais homens de sangue inferior procriam crianças em mulheres de sangue azul, que vivem da carne, que são vis, que não hesitam em se apropriar das esposas de seus superiores, cujas práticas são aquelas das aves e animais, que são pecaminosos, e não Arianos.'

Vaisampayana disse, 'Yayati, tendo assim amaldiçoado seu filho Turvasu, então se dirigiu a filho de Sarmishtha, Drahyu, dessa forma, 'Ó Drahyu, aceite por mil anos minha decrepitude destrutiva de beleza pessoal e me dê tua mocidade. Quando mil anos tiverem se passado, eu te devolverei tua mocidade e tu me darás de volta minha própria fraqueza e decrepitude.' A isto Drahyu respondeu, 'Ó rei, alguém decrépito nunca pode desfrutar de elefantes, carros, cavalos e mulheres. Até sua voz se torna inexpressiva. Portanto, eu não desejo tua decrepitude.' Yayati disse a ele, 'Tu vieste do meu coração, ó filho! Mas te recusaste a me dar tua juventude. Portanto, teus maiores desejos nunca serão realizados. Tu serás rei somente no nome, daquela região onde não há estradas para (a passagem de) cavalos e carros e elefantes, e bons veículos, e jumentos, e cabras e bois, e palanquins; onde há passagem somente por balsas e bóias.' Yayati em seguida se dirigiu a Anu e disse, 'Ó Anu, tome minha fraqueza e decrepitude. Eu com a tua juventude desfrutarei dos prazeres da vida por mil anos.' A isto Anu respondeu, 'Aqueles que são decrépitos sempre comem como crianças e estão sempre impuros. Eles não podem despejar as libações sobre o fogo na hora apropriada. Portanto, eu não gostaria de pegar tua decrepitude.' Yayati disse a ele, 'Tu vieste do meu coração, e não me deste tua juventude. Tu achaste tantos defeitos na decrepitude. Portanto, a decrepitude te vencerá! E, ó Anu, tua progênie também

logo que alcançar a juventude, morrerá. E tu também não poderás realizar sacrifícios perante o fogo.'

Yayati finalmente virou para seu filho mais novo, Puru, e disse a ele, 'Tu és, ó Puru, meu filho mais jovem! Mas tu serás o primeiro de todos! Decrepitude, rugas, e cabelos brancos vieram sobre mim por causa da maldição de Kavya chamado também de Usanas. Mas eu ainda não me saciei com minha juventude. Ó Puru, aceite minha fraqueza e velhice! Com a tua mocidade eu desfrutarei por alguns anos dos prazeres da vida. E quando mil anos tiverem se passado, eu devolverei tua mocidade e tu me devolverás minha própria decrepitude.'

Vaisampayana disse, 'Assim endereçado pelo rei, Puru respondeu com humildade, 'Eu farei, ó monarca, como tu me pedes. Eu pegarei, ó rei, tua fraqueza e decrepitude. Tome minha juventude e desfrute como quiseres dos prazeres de vida. Coberto com tua decrepitude e me tornando velho, eu, como me ordenas, continuarei a viver, dando a ti minha juventude.' Yayati então disse, 'Ó Puru, eu estou satisfeito contigo. E estando satisfeito, eu te digo que as pessoas no teu reino terão todos dos seus desejos realizados.'

E tendo dito, o grande asceta Yayati, então pensando em Kavya, transferiu sua velhice para o corpo de Puru de grande alma.'

## 85

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'O monarca excelente Yayati, o filho de Nahusha, tendo recebido a juventude de Puru, ficou extremamente satisfeito. E com ela ele mais uma vez começou a perseguir todos os seus prazeres prediletos ao limite de suas forças, de acordo com as épocas, para derivar o maior prazer deles. E, ó rei, em nada do que fez ele agiu contra os preceitos de sua religião porque ele se comportou bem. Ele satisfaz os deuses com seus sacrifícios; os pitris, com Sraddhas; os pobres, com suas caridades; todos Brahmanas excelentes, por realizar seus desejos; todas as pessoas que tinham direito aos ritos de hospitalidade, com comida e bebida; os Vaisyas, com proteção; e os Sudras, com bondade. E o rei reprimiu todos os criminosos por meio de castigos apropriados. E Yayati, agradando a todos os seus súditos, os protegeu virtuosamente como outro Indra. E o monarca possuidor da bravura de um leão, com juventude e todos os objetos de prazer à disposição, desfrutou de felicidade ilimitada sem violar os preceitos da religião. E o rei se tornou muito feliz por assim poder desfrutar de todos os objetos excelentes de seus desejos. E ele somente ficava triste quando pensava que aqueles mil anos acabariam. E tendo obtido juventude por mil anos, o rei familiarizado com os mistérios do tempo, e observando Kalas e Kashthas apropriados se divertiu com (a donzela Celeste) Viswachi, às vezes no jardim belo de Indra, às vezes em Alaka (a Cidade de Kuvera), e às vezes no topo da

montanha Meru, no norte. E quando o monarca virtuoso viu que os mil anos tinham passado, ele convocou seu filho, Puru, e dirigiu-se a ele assim, 'Ó opressor de inimigos, com tua juventude, ó filho, eu tenho desfrutado dos prazeres da vida, cada um segundo sua época, para a satisfação dos meus desejos, ao limite dos meus poderes. Nossos desejos, no entanto, nunca são satisfeitos pela indulgência. Por outro lado, com indulgência, suas chamas só aumentam como o fogo com libações de manteiga. Se somente um homem fosse dono de tudo na Terra, de todas as suas produções de arroz e cevada, prata, ouro, e jóias, seus animais e mulheres, ele ainda não estaria contente. A sede de prazeres, portanto, deve ser abandonada. De fato, a felicidade verdadeira pertence àqueles que abandonaram sua sede por objetos mundanos, sede que é difícil de ser abandonada pelos vis e pecaminosos, e que é realmente a doença fatal do homem. Meu coração por mil anos esteve fixado sobre os objetos de desejos. Minha sede por eles, no entanto, aumentou dia a dia sem diminuir. Portanto, eu a lançarei fora, e fixando minha mente em Brahma passarei o resto dos meus dias com os veados inocentes na floresta, pacificamente e com o coração longe do desejo de objetos mundanos. E ó Puru, eu estou muito satisfeito contigo! Que a Prosperidade seja tua! Receba de volta esta tua juventude! Receba também o meu reino. Tu és, de fato, o filho que me fez os maiores serviços.'

Vaisampayana continuou, 'Então Yayati, o filho de Nahusha, recebeu de volta sua velhice. E seu filho Puru recebeu de volta sua própria juventude. E Yayati estava desejoso de instalar Puru, seu filho mais novo, no trono. Mas as quatro classes, com os Brahmanas em sua dianteira, então se dirigiram ao monarca dessa maneira, 'Ó rei, como tu entregarás teu reino a Puru, passando por cima de teu filho mais velho Yadu nascido de Devayani, e, portanto, o neto do grande Sukra? De fato, Yadu é teu filho mais velho; depois nasceu Turvasu; e dos filhos de Sarmishtha, o primeiro é Drahyu, então Anu e então Puru. Como o mais novo merece o trono, passando por todos os seus irmãos mais velhos? Isto nós expomos a ti! Ó, aja conforme a prática virtuosa.'

Yayati então disse, 'Ó quatro classes com os Brahmanas em sua liderança, ouçam minhas palavras quanto a por que meu reino não é dado para meu filho mais velho. Minhas ordens foram desobedecidas por meu filho mais velho, Yadu. Os sábios dizem que não é filho aquele que desobedece seu pai. O filho, no entanto, que obedece às licitações de seus pais, que procura o bem deles, que é agradável para eles, é de fato, o melhor dos filhos. Eu fui desconsiderado por Yadu e por Turvasu, também. E fui muito desconsiderado por Drahyu e por Anu também. Somente por Puru minha palavra foi obedecida. Por ele eu fui muito respeitado. Portanto, o mais novo será meu herdeiro. Ele aceitou minha velhice. De fato, Puru é meu amigo. Ele fez o que era muito agradável para mim. Foi ordenado também pelo próprio Sukra, o filho de Kavi, que, o filho meu que me obedecesse se tornaria rei depois de mim e traria toda a Terra sob seu domínio. Eu, portanto, suplico que deixem Puru ser instalado no trono.'

As pessoas então disseram, 'Verdadeiro é, ó rei, que o filho que realiza e procura o bem de seus pais merece prosperidade mesmo que ele seja o mais

jovem. Portanto, Puru, que tem feito o bem, merece a coroa. E como o próprio Sukra mandou, nós não temos nada a dizer a isto.'

Vaisampayana continuou, 'O filho de Nahusha, assim endereçado pelas pessoas contentes, então instalou seu filho, Puru, no trono. E tendo outorgado seu reino a Puru, o monarca realizou as cerimônias iniciais para se retirar para as florestas. E logo depois ele deixou sua capital, seguido por Brahmanas e ascetas.

Os filhos de Yadu são conhecidos pelo nome de Yadavas: enquanto aqueles de Turvasu vieram a ser chamados Yavanas. E os filhos de Drahyu são o Bhojas, enquanto os de Anu, Mlechchhas. A prole de Puru, no entanto, são os Pauravas, entre os quais, ó monarca, tu és nascido, para governar por mil anos com tuas paixões sob completo controle.'

## 86

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'O rei Yayati, o filho de Nahusha, tendo assim instalado seu filho querido no trono, ficou extremamente feliz, e se estabeleceu nas florestas para levar a vida de um eremita. E tendo vivido por algum tempo na floresta na companhia de Brahmanas, cumprindo muitos votos rígidos, comendo frutas e raízes, pacientemente suportando privações de todos os tipos, o monarca finalmente ascendeu ao céu. E tendo ascendido ao céu ele lá viveu em felicidade. Mas logo, no entanto, ele foi lançado do céu por Indra. E é sabido por mim, ó rei, que, embora arremessado do céu, Yayati, sem alcançar a superfície da Terra, ficou no firmamento. Sabe-se que algum tempo depois ele outra vez entrou na região dos celestiais na companhia de Vasuman, Ashtaka, Pratarddana, e Sivi.'

Janamejaya disse, 'Eu desejo saber em detalhes por que Yayati, tendo primeiro obtido admissão ao céu, foi expulso de lá, e por que também ele foi readmitido. Que tudo isto, ó Brahmana, seja narrado por ti na presença destes sábios regenerados. Yayati, senhor da Terra, foi, de fato, como o chefe dos celestiais. Progenitor da extensa linhagem dos Kurus, ele tinha o esplendor do Sol. Desejo ouvir integralmente a história de sua vida no céu e sobre a Terra, porque ele era ilustre, e de celebridade mundial e de realizações extraordinárias.'

Vaisampayana disse, 'De fato, eu recitarei para ti a história excelente das aventuras de Yayati na Terra e no céu. Esta história é sagrada e destrói os pecados daqueles que a ouvem.

O rei Yayati, o filho de Nahusha, tendo instalado seu filho mais novo, Puru, no trono depois de lançar seus filhos com Yadu como o mais velho entre os Mlechchhas, entrou na floresta para levar a vida de um eremita. E o rei comendo frutas e raízes viveu por um tempo na floresta. Tendo sua mente e paixões sob completo controle, o rei satisfez por meio de sacrifícios os Pitris e os deuses. E ele

despejou libações de manteiga clarificada sobre o fogo segundo os ritos prescritos para aqueles que seguem o modo de vida Vanaprastha. E o ilustre entreteve convidados e estranhos com os frutos da floresta e manteiga clarificada, enquanto ele mesmo levava a vida catando sementes de grãos espalhadas. E o rei levou aquele tipo de vida por mil anos completos. E cumprindo o voto de silêncio e com a mente sob seu completo controle ele passou um ano inteiro vivendo só do ar sem dormir. E ele passou outro ano praticando as mais severas austeridades no meio dos quatro fogos em volta e com o Sol sobre a cabeça. E, vivendo só do ar, ele ficou ereto sobre um perna por seis meses. E o rei de atos sagrados ascendeu ao céu, cobrindo o céu assim como a Terra (com a fama das suas realizações)'.

## 87

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Enquanto aquele rei dos reis morou no céu, o lar dos celestiais, ele foi reverenciado pelos deuses, os Sadhyas, os Maruts, e os Vasus. De atos sagrados, e mente sob completo controle, o monarca costumava ir ocasionalmente da residência dos celestiais para a região de Brahman. E é sabido que ele morou muito tempo no céu.

Um dia aquele melhor dos reis, Yayati, foi até Indra e durante a conversa o senhor da Terra foi questionado por Indra como segue:

'O que disseste, ó rei, quando teu filho Puru aceitou tua velhice sobre a Terra e quando tu destes teu reino a ele?'

Yayati respondeu, 'Eu disse a ele que todo aquele país entre os rios Ganga e Yamuna eram dele. Aquela é, de fato, a região central da Terra, enquanto as regiões afastadas são os domínios dos irmãos dele. Eu também disse a ele que aqueles sem raiva eram sempre superiores àqueles sobre os quais ela domina, e aqueles dispostos a perdoar eram sempre superiores àqueles que não perdoavam. O homem é superior aos animais inferiores. Entre os homens os eruditos são superiores aos não eruditos. Se ofendido, tu não deves ofender em retorno. A raiva de alguém, se desconsiderada, queima a própria pessoa; mas aquele que não a considera toma as virtudes daquele que a exibiu. Nunca deves ferir outros por meio de palavras cruéis. Nunca subjugues teus inimigos por meios desprezíveis; e nunca profiras palavras ardentes e pecaminosas que possam torturar outros. Aquele que aferroa como se com espinhos os homens por meio de palavras duras e cruéis, tu deves saber, sempre carrega em sua boca os Rakshasas. Prosperidade e sorte fogem à própria visão dele. Tu deves sempre manter os virtuosos perante ti como teus modelos; tu deves sempre com olhar retrospectivo comparar teus atos com aqueles dos virtuosos; tu não deves dar atenção às palavras duras dos perversos. Tu deves sempre fazer da conduta dos sábios o modelo a partir do qual tu mesmo ages. O homem ferido pelas flechas

das palavras cruéis lançadas dos lábios de uma pessoa lamenta dia e noite. De fato, elas afetam o âmago do corpo. Portanto os sábios nunca lançam estas flechas nos outros. Não há nada nos três mundos pelo qual tu possas cultuar e adorar as divindades melhor do que pela bondade, amizade, caridade e palavras gentis para todos. Portanto, tu deves sempre proferir palavras que acalmam, e não as que queimam. E deves respeitar aqueles que merecem teus respeitos, e deves sempre dar mas nunca pedir!"

## 88

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Depois disto Indra outra vez perguntou a Yayati, 'Tu te retiraste às florestas, ó rei, depois de cumprires todos os teus deveres. Ó Yayati, filho de Nahusha, eu pergunto a ti a quem tu és igual em austeridades ascéticas.' Yayati respondeu, 'Ó Vasava, na questão de austeridades ascéticas eu não vejo meu igual entre os homens, os celestiais, os Gandharvas, e os grandes Rishis.' Indra então disse, 'Ó monarca, porque tu desrespeitaste aqueles que são teus superiores, teus iguais, e até teus inferiores, sem, realmente, conheceres os méritos reais deles, tuas virtudes diminuíram e tu deves cair do céu.' Yayati então disse, 'Ó Sakra, se, de fato, minhas virtudes realmente diminuíram e eu devo por causa disso cair do céu, eu desejo, ó chefe dos celestiais, pelo menos cair entre os virtuosos e os honestos.' Indra respondeu, 'Ó rei, tu cairás entre aqueles que são virtuosos e sábios, e tu adquirirás também muito renome. E depois dessa tua experiência, ó Yayati, nunca mais desconsideres aqueles que são teus superiores ou mesmo teus iguais.'

Vaisampayana continuou, 'Por isso Yayati caiu da região dos celestiais. E enquanto estava caindo, ele foi visto por aquele principal dos sábios reais, Ashtaka, o protetor da sua própria religião. Ashtaka vendo ele perguntou, 'Quem és tu, ó jovem de beleza igual à de Indra, em esplendor como o fogo ardente, assim caindo do alto? Tu és aquele principal dos corpos que percorrem o céu, o Sol, emergindo de massas escuras de nuvens? Vendo-te caído do curso solar, possuidor de energia incomensurável e do esplendor do fogo ou do sol, todos estão curiosos quanto ao porque estás assim a cair, e, além disso, privado de consciência! Vendo-te no caminho dos celestiais, possuidor de energia como a de Sakra, ou Surya, ou Vishnu, nós nos aproximamos de ti para averiguar a verdade. Se tu tiveste primeiro perguntado quem nós somos, nós nunca teríamos sido culpados da incivilidade de perguntar a ti primeiro. Nós agora perguntamos a ti quem tu és e por que te aproximaste daqui. Que teus medos se dissipem; que tuas dores e aflições cessem. Tu estás agora na presença dos virtuosos e sábios. Mesmo o próprio Sakra, o matador de Vala, não pode aqui te ferir de nenhum modo. Ó tu que tens a destreza do chefe dos celestiais, os sábios e os virtuosos são o amparo de seus irmãos em aflição. Aqui não há ninguém exceto os sábios e virtuosos como tu reunidos. Portanto, fiques aqui em paz. Só o Fogo tem poder de

dar calor. Só a Terra tem poder de dar vida à semente. Só o sol tem poder de iluminar tudo. Assim só o convidado tem poder para comandar os virtuosos e os sábios.'

## 89

(Continuação do Sambhava Parva)

Yayati disse, 'Eu sou Yayati, o filho de Nahusha e o pai de Puru. Rejeitado da região dos celestiais e dos Siddhas e Rishis por ter desconsiderado todas as criaturas, eu estou caindo, pois minha virtude diminuiu. Em idade eu sou mais velho do que vocês; portanto, eu não saudei vocês primeiro. De fato, os Brahmanas sempre reverenciam aquele que é mais velho ou superior em erudição ou em mérito ascético.'

Ashtaka então respondeu, 'Tu disseste, ó monarca, que o mais velho é digno de respeito. Mas é dito que é realmente digno de culto aquele que é superior em conhecimento e mérito ascético.'

Yayati respondeu a isto, 'É dito que o pecado destrói os méritos das quatro ações virtuosas. A vaidade contém o elemento que leva ao inferno. Os virtuosos nunca seguem os passos dos malévolos. Eles agem de tal modo que seu mérito religioso sempre aumenta. Eu mesmo tenho grande mérito religioso, mas tudo aquilo, no entanto, se foi. Eu dificilmente serei capaz de recuperá-lo mesmo por meus melhores esforços. Vendo meu destino, aquele que quer alcançar seu próprio bem certamente suprimirá a vaidade. Aquele que tendo adquirido grande riqueza realiza sacrifícios meritórios, que tendo adquirido todos os tipos de conhecimento permanece humilde, e que tendo estudado todos os Vedas se devota ao ascetismo com o coração afastado de todos os prazeres banais, vai para o céu. Ninguém deve exultar por ter adquirido grande riqueza. Ninguém deve ser vaidoso por ter estudado todos os Vedas. No mundo os homens são de disposições diferentes. O Destino é supremo. Poder e esforço são inúteis. Sabendo que o Destino é todo-poderoso, os sábios, qualquer que seja sua sina, não devem se regozijar nem sofrer. Quando as criaturas sabem que seu bem estar e dor dependem do Destino e não do seu próprio esforço ou poder, elas nunca devem sofrer nem se regozijar, lembrando que o Destino é todo-poderoso. O sábio deve sempre viver contente, nem sofrendo na dor nem se regozijando na felicidade. Quando Destino é supremo, a dor e a exultação são inconvenientes. Ó Ashtaka, eu nunca me permito ser vencido pelo medo, nem nutro aflição, sabendo por certo que eu serei no mundo o que o grande ordenador determinou. Insetos e vermes, todas as criaturas ovíparas, vegetais, todos os animais que rastejam, animais daninhos, os peixes na água, pedras, grama, florestas, de fato, todas as coisas criadas, quando são libertas dos efeitos de suas ações, são unidas com a Alma Suprema. Felicidade e tristeza são ambas transitórias. Portanto, ó Ashtaka, por que eu deveria sofrer? Nós nunca podemos saber como devemos agir para evitar a miséria. Portanto, ninguém deve se afligir pela miséria.'

Possuidor de todas as virtudes, o rei Yayati que era o avô materno de Ashtaka, enquanto permanecia no firmamento, na conclusão de seu discurso, foi outra vez questionado por Ashtaka. O último disse, 'Ó rei dos reis, fale-me, em detalhes, sobre todas as regiões que tu visitaste e desfrutaste, assim como o período pelo qual tu desfrutaste de cada uma. Tu falaste dos preceitos de religião assim como os mestres inteligentes conhecedores das ações e ditados dos grandes seres!' Yayati respondeu, 'Eu fui um grande rei sobre a Terra, possuindo domínio sobre todo o mundo. O deixando, eu alcancei por força de mérito religioso muitas regiões elevadas. Lá eu morei por mil anos, e então eu alcancei a elevada região da residência de Indra, de beleza extraordinária tendo mil portões, e se estendendo por cem yojanas em volta. Lá também, eu morei por mil anos e então alcancei ainda uma região mais elevada ainda. Aquela é a região da beatitude perfeita, onde a decadência não existe, a região do Criador e Senhor da Terra, tão difícil de alcançar. Lá também eu morei por mil anos completos, e então alcancei outra região muito elevada, aquela do deus dos deuses (Vishnu) onde, também, eu vivi em felicidade. De fato, eu morei em várias regiões, adorado por todos os celestiais, e possuidor de destreza e esplendor iguais aos dos próprios celestiais. Capaz de assumir qualquer forma que quisesse, eu vivi por um milhão de anos nos jardins de Nandana me divertindo com as Apsaras e contemplando inúmeras árvores belas vestidas de flores e que exalavam um perfume delicioso. E depois de muitos, muitos anos terem decorrido, enquanto ainda residia lá em prazer e beatitude perfeita, o mensageiro celeste de aparência austera, um dia, em uma voz alta e profunda, gritou três vezes para mim: 'Arruinado! Arruinado! Arruinado!' Ó leão entre reis, disto eu me lembro muito bem. Eu então caí de Nandana, meus méritos religiosos acabados! Eu ouvi nos céus, ó rei, as vozes dos celestiais exclamando em aflição: 'Ai! Que desgraça! Yayati, com seus méritos religiosos destruídos, embora virtuoso e de atos sagrados, está caindo!' E enquanto eu estava caindo, eu perguntei a eles ruidosamente, 'Onde, ó celestiais, estão aqueles sábios entre os quais eu vou cair?' Eles indicaram para mim esta sagrada região sacrificial que pertence a vocês. Vendo os anéis de fumaça enegrecendo a atmosfera e sentindo o perfume de manteiga clarificada derramada incessantemente sobre o fogo, e guiado por estes, eu estou me aproximando desta tua região, profundamente contente por vir entre vocês.'

## 90

(Continuação do Sambhava Parva)

Ashtaka disse, 'Capaz de assumir qualquer forma que quisesse, tu viveste por um milhão de anos nos jardins de Nandana. Por que causa, ó principal dentre aqueles que floresceram na era Krita, tu fostes compelido a deixar aquela região e vir para cá?' Yayati respondeu, 'Como parentes e amigos abandonam, neste mundo, aqueles cuja riqueza desaparece, também, no outro mundo, os celestiais com Indra como seu chefe abandonam os que perderam sua virtude.' Ashtaka

disse, 'Eu estou extremamente ansioso para saber como no outro mundo os homens podem perder a virtude. Diga-me também, ó rei, que regiões são alcançáveis por quais atitudes. Tu és conhecedor, eu sei, das ações e ditados dos grandes seres.'

Yayati respondeu, 'Ó pio, aqueles que falam de seus próprios méritos estão fadados a sofrerem o inferno chamado Bhauma. Embora realmente emaciados e magros, eles parecem crescer sobre a Terra (na forma de seus filhos e netos) somente para virar comida para urubus, cachorros, e chacais. Portanto, ó rei, este vício altamente censurável e mau deve ser reprimido. Eu agora, ó rei, te disse tudo. Diga-me o que mais eu devo falar.'

Ashtaka disse, 'Quando a vida é destruída com a idade, urubus, pavões, insetos e vermes comem o corpo humano. Onde o homem então reside? Como ele também volta à vida? Eu nunca soube de nenhum inferno chamado Bhauma na Terra!'

Yayati respondeu, 'Depois da dissolução do corpo, o homem, de acordo com seus atos, entra novamente no útero de sua mãe e fica lá em uma forma indistinta, e logo depois assumindo uma forma distinta e visível reaparece no mundo e caminha em sua superfície. Este é aquele inferno-na-terra (Bhauma) onde ele cai, pois ele não vê o término de sua existência e não age em direção à sua emancipação. Alguns moram por sessenta mil anos, alguns, por oitenta mil anos no céu, e então eles caem. E quando eles caem, eles são atacados por certos Rakshasas na forma de filhos, netos, e outros parentes, que afastam seus corações do agir pela própria emancipação.'

Ashtaka perguntou, 'Por que pecado os seres, quando caem do céu, são atacados por aqueles ferozes Rakshasas de dentes afiados? Por que eles não são reduzidos à aniquilação? Como eles entram no útero novamente, equipados com sentidos?'

Yayati respondeu, 'Depois de cair do céu, o ser se torna uma substância sutil vivendo na água. Aquela água se torna o sêmen de onde vem a semente de vitalidade. Então entrando no útero da mãe na época propícia feminina, ele se desenvolve no embrião e em seguida na vida visível como o fruto da flor. Entrando em árvores, plantas, e outras substâncias vegetais, água, ar, terra, e espaço, aquela semente aquosa de vida assume a forma quadrúpede ou bípede. Este é o caso com todas as criaturas que você vê.'

Ashtaka disse, 'Ó diga-me, eu te peço porque eu tenho minhas dúvidas. Um ser que recebeu uma forma humana entra no útero em sua forma própria ou em alguma outra? Como ele também adquire sua forma distinta e visível, olhos e orelhas e consciência também? Questionado por mim, ó, explique tudo isso! Tu és, ó pai, conhecedor das ações e ditados dos grandes seres.' Yayati respondeu, 'Segundo os méritos de suas ações, o ser que em uma forma sutil é co-inerente na semente que é derramada no útero é atraída pela força atmosférica para propósitos de renascimento. Este então se desenvolve lá com o tempo; primeiro vira embrião, e é em seguida provido com o organismo físico visível. Saindo do

útero no tempo oportuno, ele se torna consciente de sua existência como homem, e com suas orelhas se torna consciente do som; com seus olhos, da cor e forma; com seu nariz, dos aromas; com sua língua, do gosto; com todo seu corpo, do toque; e com sua mente, das idéias. É assim, ó Ashtaka, que este corpo grosseiro e visível se desenvolve da essência sutil.'

Ashtaka perguntou, 'Depois da morte, o corpo é queimado, ou destruído de outra maneira. Reduzido ao nada após tal dissolução, por qual princípio uma pessoa revive?' Yayati disse, 'Ó leão entre reis, a pessoa que morre assume uma forma sutil; e retendo a consciência de todos os seus atos como em um sonho, ela entra em uma outra forma com uma velocidade mais rápida do que a do próprio ar. Os virtuosos alcançam (formas) superiores, e os viciosos formas inferiores de existência. Os viciosos se tornam vermes e insetos. Eu não tenho nada mais a dizer, ó tu de alma grande e pura! Eu disse a ti como os seres nascem, depois do desenvolvimento das formas embrionárias, como criaturas de quatro pés, seis pés e outras com mais pés. O que mais tu me perguntarás?'

Ashtaka disse, 'Como, ó pai, os homens alcançam àquelas regiões superiores onde não há retorno para a vida terrena? É por meio de ascetismo ou por conhecimento? Como também uma pessoa pode gradualmente alcançar regiões felizes? Questionado por mim, ó, responda integralmente.'

Yayati respondeu, 'Os sábios dizem que para os homens há sete portões através dos quais a admissão ao Céu pode ser ganha. Há o ascetismo, benevolência, tranquilidade de mente, autodomínio, modéstia, simplicidade e bondade para com todas as criaturas. Os sábios também dizem que uma pessoa perde tudo isso por consequência da vaidade. O homem que tendo adquirido conhecimento se considera um erudito, e com sua erudição destrói a reputação de outros, nunca alcança as regiões de felicidade indestrutível. Aquele conhecimento também não faz seu possuidor competente para alcançar Brahma. Estudo, taciturnidade, culto perante o fogo e sacrifícios, estes quatro removem todo o temor. Quando, no entanto, eles estão misturados com vaidade, em vez de removerem eles causam o temor. O sábio nunca deve exultar por (receber) honras nem sofrer por causa de insultos. Por isso é só o sábio que honra o sábio; o mau nunca age como o virtuoso. 'Eu tenho doado tanto', 'Eu tenho realizado tantos sacrifícios', 'Eu tenho estudado tanto', 'Eu tenho cumprido estes votos': tal vaidade é a raiz do medo. Portanto, tu não debes te entregar a tais sentimentos. Os homens eruditos que aceitam como seu amparo somente o imutável, inconcebível Brahma que sempre derrama bênçãos sobre pessoas virtuosas como tu, desfrutam da paz perfeita aqui e na vida após a morte.'

## 91

(Continuação do Sambhava Parva)

Ashtaka disse, 'Os conhecedores dos Vedas diferem em opinião quanto a como os seguidores de cada um dos quatro modos de vida, Grihasthas, Bhikshus,

Brahmacharins, e Vanaprashthas, devem se conduzir para adquirir mérito religioso.'

Yayati respondeu, 'Isto é o que um Brahmacharin deve fazer. Enquanto morando na casa de seu preceptor, ele deve receber aulas somente quando seu preceptor o convocar para isto; ele deve se encarregar do serviço de seu preceptor sem esperar pelas ordens do último; ele deve se levantar da cama antes de seu preceptor, e ir para a cama depois que seu preceptor for dormir. Ele deve ser humilde, deve ter suas paixões sob completo controle, deve ser paciente, vigilante, e dedicado aos estudos. É somente dessa forma que ele pode alcançar o sucesso. É dito no mais antigo Upanishad que um grihastha, adquirindo riqueza por meios honestos, deve realizar sacrifícios; deve sempre dar alguma coisa em caridade, deve realizar os ritos de hospitalidade a todos os que chegarem em sua residência, e nunca deve usar alguma coisa sem dar uma porção desta para outros. Um Muni, sem procurar por florestas, dependendo da sua própria energia, deve se abster de todas as ações violentas, deve dar alguma coisa em caridade e não deve nunca infligir dor à qualquer criatura. É somente dessa forma que ele pode alcançar o sucesso. É, de fato, um verdadeiro Bhikshu aquele que não se sustenta por nenhum trabalho manual, que possui numerosos talentos, que tem suas paixões sob total controle, que não tem relação com assuntos mundanos, que não dorme sob o abrigo do telhado de um chefe de família, que não tem esposa, e que percorrendo um pouco do caminho todo dia, viaja por grande parte do país. Um homem erudito deve adotar o modo de vida Vanaprastha depois do desempenho dos ritos necessários, quando ele for capaz de controlar seus apetites por prazer e o desejo de adquirir posses de valor. Quando alguém morre nas florestas levando o modo de vida Vanaprastha, ele faz com que seus antepassados e sucessores, numerando dez gerações incluindo ele mesmo, se unam com a essência Divina.'

Ashtaka perguntou, 'Quantos tipos de Munis existem (observadores do voto de silêncio)?'

Yayati respondeu, 'É, de fato, um Muni quem, embora vivendo nas florestas, tem um lugar habitado perto, ou quem, embora morando em um lugar habitado, tem as florestas perto.'

Ashtaka perguntou o que é designado por Muni. Yayati respondeu, 'Um Muni se afastando de todos os objetos mundanos vive nas florestas. E embora ele nunca possa procurar se rodear com aqueles objetos que são obteníveis em um lugar habitado, ele pode ainda assim obtê-los todos por virtude de seu poder ascético. Pode realmente ser citado (como um Muni) alguém que mora nas florestas tendo um lugar habitado por perto. Além disso um homem sábio afastado de todos os objetos mundanos pode viver em uma aldeia levando a vida de um eremita. Ele nunca pode exibir o orgulho de família, nascimento ou aprendizagem. Vestido escassamente, ele pode ainda se considerar como vestido nas mais ricas vestimentas. Ele pode descansar contente com comida o suficiente para o sustento da vida. Tal pessoa, embora morando em um lugar habitado, vive nas florestas.'

A pessoa que, com as paixões sob controle completo, adota o voto de silêncio, se abstendo da ação e não nutrindo desejos, alcança o sucesso. Por que tu não deverias, de fato, reverenciar o homem que vive de alimento puro, que sempre se abstém de ferir outros, cujo coração é sempre puro, que se mantém no esplendor de atributos ascéticos, que está livre do peso do desejo, que se abstém de ferir mesmo quando sancionado pela religião? Emaciado por austeridades e reduzido em carne, medula e sangue, tal homem não conquista só este, mas também o mundo mais elevado. E quando o Muni senta em meditação iogue, se tornando indiferente à felicidade e tristeza, honra e insulto, ele então deixa o mundo e desfruta da comunhão com Brahma. Quando o Muni pega comida como vinho e outros animais sem providenciá-la anteriormente e sem nenhuma gula (como um bebê adormecido se alimentado no colo da mãe), então como o Espírito que tudo permeia ele se identifica com todo o universo e alcança a salvação.'

## 92

(Continuação do Sambhava Parva)

Ashtaka perguntou, 'Quem entre estes, ó rei, ambos empenhando-se constantemente como o Sol e a Lua, alcança primeiro a comunhão com Brahma, o asceta ou o homem de conhecimento?'

Yayati respondeu, 'O sábio, com a ajuda dos Vedas e do Conhecimento, tendo averiguado que o universo visível é ilusório, imediatamente percebe o Espírito Supremo como a única essência independente existente. Enquanto aqueles que se dedicam à meditação loga levam tempo para adquirir o mesmo conhecimento, pois é só pela prática que estes últimos se livram da consciência de qualidade. Daí o sábio alcança primeiro a salvação. Então também se a pessoa dedicada ao loga não encontra tempo suficiente em uma vida para alcançar o sucesso, sendo desencaminhada pelas atrações do mundo, em sua próxima vida ela é beneficiada pelo progresso já alcançado, pois ela se devota pesadamente à busca de êxito. Mas o homem de conhecimento sempre contempla a unidade indestrutível, e, portanto, embora imerso em prazeres mundanos, no fundo nunca é afetado por eles. Portanto, não há nada para impedir sua salvação. Aquele, no entanto, que falha em alcançar conhecimento deve ainda se dedicar à piedade como dependente da ação (sacrifícios). Mas aquele que se dedica à tal piedade movido pelo desejo de salvação não pode nunca alcançar o sucesso. Seus sacrifícios não dão frutos e partilham da natureza da crueldade. Piedade que é dependente da ação que não procede do desejo de resultados, é, no caso de tais homens, o próprio loga.'

Ashtaka disse, 'Ó rei, tu pareces um homem jovem; és bonito e estás ornado com uma guirlanda celeste. Teu esplendor é grandioso! De onde tu vens e para onde vais? És mensageiro de quem? Tu estás descendo para a Terra?'

Yayati disse, 'Caído do céu após a perda de todos os meus méritos religiosos, eu estou condenado a entrar no inferno-terra. De fato, eu irei para lá depois de ter terminado minha conversa contigo. Mesmo agora os regentes dos pontos do universo me mandam ir logo para lá. E, ó rei, eu obtive como um benefício de Indra que embora eu devesse cair sobre a terra eu ainda cairia entre os sábios e virtuosos. Vocês todos que estão reunidos aqui são sábios e virtuosos.'

Ashtaka disse, 'Tu és conhecedor de tudo. Eu te pergunto, ó rei, há alguma região para eu desfrutar no céu ou no firmamento? Se há, então, tu não cairás, embora caindo.'

Yayati respondeu, 'Ó rei, há tantas regiões para ti desfrutar no céu como o número de vacas e cavalos sobre a Terra com os animais nas selvas e nas colinas.'

Ashtaka disse, 'Se há mundos para eu desfrutar, como frutos dos meus méritos religiosos, no céu, ó rei, eu os dou todos para ti. Portanto, embora caindo, tu não cairás. Ó, aceite logo todos eles, onde quer que eles estejam, no céu ou no firmamento. Que a tua tristeza cesse.'

Yayati respondeu, 'Ó melhor dos reis, somente um Brahmana conhecedor de Brahma pode aceitá-los como presente, mas não um como nós. E, ó monarca, eu mesmo tenho doado para Brahmanas como se deve. Que nenhum homem que não seja um Brahmana e que nenhuma esposa de um Brahmana erudito viva em infâmia por aceitar doações. Enquanto na terra, eu sempre desejei realizar ações virtuosas. Nunca tendo agido assim antes, como agora eu aceitarei um presente?'

Pratardana que estava entre eles então perguntou, 'Ó tu de bela forma, eu sou Pratardana por nome. Eu te pergunto se há mundos para eu desfrutar como frutos dos meus méritos religiosos, no céu ou no firmamento? Responda-me, tu és conhecedor de tudo.'

Yayati disse, 'Ó rei, mundos inumeráveis, cheios de felicidade, refulgentes como o disco solar, e onde a dor nunca mora, te esperam. Se tu habitares em cada um deles somente sete dias, eles ainda não se esgotarão.'

Pratardana disse, 'Estes então eu dou a ti. Portanto, embora caindo, tu não deves cair. Que os mundos que são meus sejam teus, estejam eles no firmamento ou no céu. Ó, pegue-os logo. Que a tua dor cesse.'

Yayati respondeu, 'Ó monarca, nenhum rei de igual energia deve desejar receber como presente os méritos religiosos de outro rei adquiridos por austeridades de loga. E nenhum rei que sofre calamidade através do destino deve, se sábio, agir de modo censurável. Um rei mantendo seu olho fixo sempre na virtude deve andar pelo caminho da virtude como eu faço e, sabendo quais são seus deveres, não deve agir tão sovinaamente como tu indicaste. Quando outros desejosos de adquirir méritos religiosos não aceitam presentes, como posso eu fazer o que eles mesmos não fazem?' Na conclusão deste discurso, aquele

melhor dos reis, Yayati, foi então endereçado por Vasumat nas seguintes palavras.'

## 93

(Continuação do Sambhava Parva)

Vasumat disse, 'Eu sou Vasumat, o filho de Oshadaswa. Eu pergunto a ti, ó rei, se há mundos quaisquer para eu desfrutar como frutos dos meus méritos religiosos, no céu ou no firmamento. Tu és, ó de grande alma, conhecedor de todas as regiões sagradas.'

Yayati respondeu, 'Há tantas regiões para ti desfrutar no céu como o número de lugares no firmamento, na Terra e nos dez pontos do universo iluminados pelo sol.'

Vasumat então disse, 'Eu as dou para ti. Que as regiões que são para mim sejam tuas. Portanto, embora caindo, tu não cairás. Se aceitá-las como presente é impróprio para ti, então, ó monarca, compre-as por uma bagatela.'

Yayati respondeu, 'Eu não me lembro de alguma vez ter comprado e vendido qualquer coisa injustamente. Isto nunca foi feito por outros reis. Portanto como eu farei isto?'

Vasumat disse, 'Se comprá-las, ó rei, é considerado por ti como impróprio, então aceite-as como doadas por mim. Por mim mesmo eu respondo que eu nunca irei para aquelas regiões que são para mim. Que elas, portanto, sejam tuas.'

Sivi então se dirigiu ao rei assim, 'Eu sou, ó rei, Sivi por nome, o filho de Usinara. Ó pai, há no firmamento ou no céu quaisquer mundos para eu desfrutar? Tu conheces todas as regiões que alguém possa desfrutar como fruto de seu mérito religioso.'

Yayati disse, 'Tu nunca, por palavras ou em mente, desconsideraste os honestos e virtuosos empregados por ti. Há mundos infinitos para tu desfrutares no céu, todos brilhantes como o relâmpago.' Sivi então disse, 'Se tu consideras sua compra como imprópria, eu os dou para ti. Pegue todos eles, ó rei! Eu nunca irei para aquelas regiões onde os sábios nunca sentem a mínima inquietação.'

Yayati respondeu, 'Ó Sivi, tu, de fato, obtiveste para ti mesmo, possuidor da destreza de Indra, mundos infinitos. Mas eu não desejo desfrutar de regiões dadas a mim por outros. Portanto, eu não aceito o teu presente.'

Ashtaka então disse, 'Ó rei, cada um de nós tem expressado seu desejo de dar mundos que cada um de nós adquiriu por méritos religiosos. Tu não os aceitaste. Mas deixando-os para ti, nós desceremos à terra-inferno.'

Yayati respondeu, 'Vocês todos são amantes da verdade e sábios. Dêem-me o que eu merecer. Eu não poderei fazer o que eu nunca fiz antes.'

Ashtaka então disse, 'De quem são aqueles cinco carros dourados que nós vemos? Os homens vão para as regiões de felicidade eterna neles?'

Yayati respondeu, 'Aqueles cinco carros dourados expostos em glória, e ardentes como fogo, de fato, levarão vocês para as regiões de felicidade.'

Ashtaka disse, 'Ó rei, suba naqueles carros e vá para o céu. Nós podemos esperar. Nós te seguiremos no momento (certo)'.  
'

Yayati disse, 'Nós todos podemos ir juntos. De fato, todos nós conquistamos o céu. Vejam, o glorioso caminho para o céu se torna visível.'

Vaisampayana continuou, 'Então todos aqueles excelentes monarcas naqueles carros foram para o céu ganhando entrada nele, iluminando todo o firmamento pela glória de suas virtudes.'

Então Ashtaka quebrando o silêncio perguntou, 'Eu sempre tinha pensado que Indra era meu amigo especial, e por isso eu, de todos os outros, deveria primeiro obter a entrada no céu. Mas como aquele filho de Usinara, Sivi, já nos deixou para trás?'

Yayati respondeu, 'Aquele filho de Usinara deu tudo o que possuía para alcançar a região de Brahman. Portanto, ele é o principal entre nós. Além disso, a generosidade de Sivi, ascetismo, verdade, virtude, modéstia, perdão, amabilidade, desejo de realizar bons atos, têm sido tão grandiosos que ninguém poderia medi-los!'

Vaisampayana continuou, 'Depois disto, Ashtaka, impelido pela curiosidade outra vez perguntou a seu avô materno parecido com o próprio Indra, dizendo, 'Ó rei, eu peço a ti, me diga realmente, de onde tu és, quem és, e de quem és filho? Há algum outro Brahmana ou Kshatriya que fez o que tu fizeste na terra?' Yayati respondeu, 'Eu digo a ti realmente, eu sou Yayati, o filho de Nahusha e o pai de Puru. Eu fui senhor de toda a Terra. Vocês são meus parentes; eu digo a ti realmente, eu sou o avô materno de vocês todos. Tendo conquistado toda a terra, eu dei roupas para Brahmanas e também uma centena de belos cavalos adequados para oferendas sacrificais. Por tais ações de virtude, os deuses se tornam propícios àquele as realiza. Eu também dei para Brahmanas toda esta terra com seus cavalos e elefantes e vacas e todas as espécies de riquezas em ouro, junto com cem Arbudas de excelentes vacas leiteiras. A terra e o firmamento existem devido à minha verdade e virtude; o fogo ainda queima no mundo dos homens devido à minha verdade e virtude. Nunca uma palavra falada por mim foi falsa. É por isso que os sábios adoram a Verdade. Ó Ashtaka, tudo o que eu te disse, e Pratardana, e Vasumat, é a própria Verdade. Eu sei com certeza que os deuses e os Rishis e todas as mansões dos abençoados são encantadores somente por causa da Verdade que caracteriza eles todos. Aquele que sem

malícia ler devidamente para Brahmanas este relato da nossa ascensão para o céu sem dúvida alcançará os mesmos mundos que nós.'

Vaisampayana continuou, 'Foi assim que o rei ilustre Yayati de grandes realizações, resgatado por seus descendentes (parentes, mas não em linha direta), ascendeu para o céu, deixando a terra e cobrindo os três mundos com a fama de seus atos.'

## 94

(Continuação do Sambhava Parva)

Janamejaya disse, 'Ó encantador, eu desejo ouvir as histórias daqueles reis que eram descendentes de Puru. Diga-me como cada um era possuidor de coragem e realizações. Eu, de fato, soube que na linha de Puru não houve um único que não tivesse bom comportamento e destreza, ou que não tivesse filhos. Ó tu de riqueza ascética, eu desejo ouvir em detalhes as histórias daqueles monarcas famosos dotados com conhecimento e todos os talentos.'

Vaisampayana disse, 'Perguntado por ti, eu te direi tudo acerca dos reis heróicos da linha de Puru, todos iguais a Indra em destreza, possuindo grande riqueza e autoridade sobre tudo por causa de suas muitas habilidades.

Puru teve com sua mulher Paushti três filhos, Pravira, Iswara, e Raudraswa, todos eram poderosos guerreiros em carros. Entre eles, Pravira foi o perpetuador da dinastia. Pravira teve com sua mulher Suraseni um filho chamado Manasyu. E o último de olhos como pétalas de lótus teve sob seu domínio toda a Terra limitada pelos quatro mares. E Manasyu teve como sua mulher Sauviri. E ele gerou nela três filhos chamados Sakta, Sahana, e Vagmi. E eles foram heróis em batalha e poderosos guerreiros em carros. O inteligente e virtuoso Kaudraswa gerou na Apsara Misrakesi dez filhos que foram todos grandes arqueiros. E eles todos se tornaram heróis, realizando em honra dos deuses numerosos sacrifícios. E eles todos tiveram filhos, eram eruditos em todos os ramos de conhecimento e sempre dedicados à virtude. Eles eram Richeyu, e Kaksreyu e Vrikeyu de grande destreza; Sthandileyu, e Vaneyu, e o famoso Jaleyu; Tejeyu de grande força e inteligência; e Satyeyu da bravura de Indra; Dharmeyu, e Sannateyu, o décimo, de coragem dos celestiais. Entre eles todos, Richeyu se tornou o monarca de toda a terra e foi conhecido pelo nome de Anadhrishti. E em destreza ele era como Vasava entre os celestiais. E Anadhrishti teve um filho de nome Matinara que virou um famoso e virtuoso rei e realizou o Rajasuya e o sacrifício de cavalos. E Matinara teve quatro filhos de heroísmo imensurável, Tansu, Mahan, Atiratha, e Druhyu de glória incomensurável. (Entre eles, Tansu de grande destreza virou o perpetuador da linhagem Puru). E ele subjugou toda a terra e adquiriu grande fama e esplendor. E Tansu gerou um filho de grande destreza chamado Ilina. E ele virou o principal de todos os conquistadores e trouxe o mundo sob sua total submissão. E Ilina gerou

em sua mulher Rathantara cinco filhos sendo Dushmanta o primeiro, todos iguais aos cinco elementos em poder. Eles eram Dushmanta, Sura, Bhima, Pravasus, e Vasu. E, ó Janamejaya, o mais velho deles, Dushmanta, virou rei. E Dushmanta teve com sua mulher Sakuntala um filho inteligente chamado Bharata que se tornou rei. E Bharata deu seu nome à linhagem da qual ele foi o fundador. E é por causa dele que a fama desta dinastia se espalhou totalmente. E Bharata gerou em sua três esposas nove filhos ao todo. Mas nenhum deles era como seu pai e assim Bharata não estava satisfeito com eles. Suas mães, portanto, ficaram zangadas e mataram eles todos. A procriação de filhos por Bharata, portanto, foi infrutífera. O monarca então realizou um grande sacrifício e através da graça de Bharadwaja obteve um filho chamado Bhumanyu. E então Bharata, o grande descendente de Puru, se considerando como realmente possuidor de um filho, instalou, ó principal da linhagem Bharata, aquele filho como seu herdeiro presuntivo. E Bhumanyu gerou em sua mulher, Pushkarini, seis filhos chamados Suhotra, Suhotri, Suhavih, Sujeya, Diviratha e Kichika. O mais velho deles todos, Suhotra, obteve o trono e realizou muitos Rajasuyas e sacrifícios de cavalos. E Suhotra trouxe sob seu domínio toda a terra circundada por sua faixa de mares e cheia de elefantes, vacas e cavalos, e toda sua riqueza de pedras preciosas e ouro. E a terra afligida pelo peso de inumeráveis seres humanos e elefantes, cavalos, e gatos estava para afundar. E durante o virtuoso reinado de Suhotra a superfície de toda a terra foi pontilhada por toda parte com centenas e milhares de estacas de sacrifícios. E o senhor da terra, Suhotra, gerou em sua mulher Aikshaki três filhos, Ajamidha, Sumidha, e Purumidha. O mais velho deles, Ajamidha, foi o perpetuador da linha real. E ele gerou seis filhos, Riksha nasceu do útero de Dhumini, Dushmanta e Parameshthin, de Nili, e Jahnu, Jala e Rupina nasceram de Kesini. Todas as tribos dos Panchalas são descendentes de Dushmanta e Parameshthin. E os Kushikas eram os filhos de Jahnu de coragem imensurável. E Riksha que era o mais velho do que Jala e Rupina virou rei. E Riksha gerou Samvarana, o perpetuador da linha real. E, ó rei, é sabido por nós que enquanto Samvarana, o filho de Riksha, estava governando a terra, ocorreu uma grande perda de pessoas por causa da fome, pestilência, seca, e doença. E os príncipes Bharata foram batidos pelas tropas de inimigos. E os Panchalas partindo para invadir a terra com seus quatro tipos de tropas logo a trouxeram sob seu domínio total. E com seus dez Akshauhinis o rei dos Panchalas derrotou o príncipe Bharata. Samvarana então com sua mulher e ministros, filhos e parentes, fugiu com medo, e se abrigou na floresta nas margens do Sindhu estendida ao pé das montanhas. Lá os Bharatas viveram por mil anos completos, dentro de seu forte. E depois de terem vivido lá por mil anos, um dia o ilustre Rishi Vasishtha se aproximou dos exilados Bharatas, que, saindo ao seu encontro, saudaram o Rishi e o reverenciaram pela oferta de Arghya. E o agradando com reverência, eles relataram tudo ao Rishi ilustre. E depois que ele estava em seu assento, o próprio rei se aproximou do Rishi e endereçou-se a ele, dizendo, 'Sejas tu nosso sacerdote, ó ilustre! Nós nos esforçaremos para recuperar nosso reino.' E Vasishtha respondeu aos Bharatas dizendo, 'Om' (o sinal de consentimento). É conhecido por nós que Vasishtha então instalou o príncipe Bharata na soberania de todos os Kshatriyas sobre a terra, fazendo pela virtude de seus Mantras aquele descendente de Puru (tão forte quanto) os verdadeiros chifres do touro selvagem

ou as presas dos elefantes selvagens. E o rei retomou sua capital que havia sido tirada dele e uma vez mais fez todos os monarcas lhe prestarem homenagem. O poderoso Samvarana, assim instalado mais uma vez na soberania real de toda a terra, realizou muitos sacrifícios nos quais os presentes aos Brahmanas foram grandiosos.

Samvarana gerou em sua mulher, Tapati, a filha de Surya, um filho chamado Kuru. Este Kuru foi extremamente virtuoso, e, portanto, ele foi instalado no trono por seu povo. É por seu nome que o campo chamado Kuru-jangala se tornou tão famoso no mundo. Dedicado ao ascetismo, ele tornou aquele campo (Kurukshetra) sagrado por praticar ascetismo lá. E foi ouvido por nós que a esposa de Kuru, a inteligente Vahini, deu à luz a cinco filhos, Avikshit, Bhavishyanta, Chaitraratha, Muni e o célebre Janamejaya. E Avikshit gerou o poderoso Parikshit, Savalaswa, Adhiraja, Viraja, Salmali de grande força física, Uchaihsravas, Bhangakara e Jitari, o oitavo. Na linhagem destes nasceram, como o fruto de seus atos pios, sete poderosos guerreiros em carros encabeçados por Janamejaya. E para Parikshit nasceram filhos que eram todos conhecedores (dos segredos) da religião e lucro. E eles se chamavam Kakshasena e Ugrasena, e Chitrasena dotado de grande energia, e Indrasena e Sushena e Bhimasena. E os filhos de Janamejaya eram todos dotados de grande força e viraram célebres no mundo inteiro. E eles eram Dhritarashtra, que era o mais velho, e Pandu e Valhika, e Nishadha dotado de grande energia, e então o poderoso Jamvunada, e então Kundodara e Padati e então Vasati, o oitavo. E eles eram todos competentes em moralidade e lucro e bondosos para com todas as criaturas. Entre eles Dhritarashtra virou rei. E Dhritarashtra teve oito filhos, Kundika, Hasti, Vitarka, Kratha o quinto, Havihsravas, Indrabha, e Bhumanyu o invencível, e Dhritarashtra teve muitos netos, dos quais três somente foram famosos. Eles eram, ó rei, Pratipa, Dharmanetra, Sunetra. Entre estes três, Pratipa se tornou inigualável sobre a terra. E, ó touro da raça Bharata, Pratipa gerou três filhos, Devapi, Santanu, e Valhika, o poderoso guerreiro em carro. Devapi, o mais velho, adotou o modo ascético de vida, impelido pelo desejo de beneficiar seus irmãos. E o reino foi obtido por Santanu e pelo poderoso guerreiro em carro Valhika.

Ó monarca, além disso, nasceram na linhagem de Bharata numerosos outros monarcas excelentes dotados com grande energia e que eram como os próprios Rishis celestes em virtude e poder ascético. E assim também na linhagem de Manu nasceram muitos poderosos guerreiros em carros como os próprios celestiais, que por seu número expandiram a dinastia Aila a proporções gigantescas.'

## 95

(Continuação do Sambhava Parva)

Janamejaya disse, 'Ó Brahmana, eu agora ouvi de ti esta grandiosa história dos meus antepassados. Eu também soube sobre os grandes monarcas que

nasceram nesta linhagem. Mas eu não estou satisfeito, este relato encantador é muito curto. Portanto, por favor, ó Brahmana, recites a narrativa encantadora em detalhes começando por Manu, o senhor da criação. Quem não ficaria encantado com tal relato, que é tão sagrado? A fama daqueles monarcas aumentada por sua sabedoria, virtude, talentos, e caráter elevado se expandiu tanto que cobriu os três mundos. Tendo escutado à história, doce como néctar, de sua generosidade, coragem, força física, energia mental, vigor e perseverança, eu não estou saciado!'

Vaisampayana disse, 'Ouça então, ó monarca, enquanto eu narro integralmente o relato auspicioso da tua própria linhagem assim como eu a ouvi antes de Dwaipayana.

Daksha gerou Aditi, e Aditi gerou Vivaswat, e Vivaswat gerou Manu, e Manu gerou Ha e Ha gerou Pururavas. E Pururavas gerou Ayus, e Ayus gerou Nahusha, e Nahusha gerou Yayati. E Yayati teve duas esposas, Devayani, a filha de Usanas, e Sarmishtha a filha de Vrishaparvan. Aqui ocorre um sloka a respeito dos descendentes (de Yayati), Devayani deu à luz a Yadu e Turvasu; e a filha de Vrishaparvan, Sarmishtha deu à luz a Druhyu, Anu, e Puru. E os descendentes de Yadu são os Yadavas e os de Puru são os Pauravas. E Puru teve uma mulher de nome Kausalya, em quem ele gerou um filho chamado Janamejaya que realizou três sacrifícios dos cavalos e um sacrifício chamado Viswajit. E então ele se instalou nas florestas. E Janamejaya tinha casado com Ananta, a filha de Madhava, e gerou nela um filho chamado Prachinwat. E o príncipe foi assim chamado porque ele tinha conquistado todos os países do leste até os limites da região onde o Sol se ergue. E Prachinwat casou com Asmaki, uma filha dos Yadavas e gerou nela um filho chamado Sanyati. E Sanyati casou com Varangi, a filha de Drishadwata e gerou nela um filho chamado Ahayanti. E Ahayanti casou com Bhanumati, a filha de Kritavirya e gerou nela um filho chamado Sarvabhauma. E Sarvabhauma casou com Sunanda, a filha do príncipe Kekaya, tendo obtido ela à força. E ele gerou nela um filho chamado Jayatsena, que casou com Susrava, a filha do rei Vidarbha e gerou nela Avachina, e Avachina também casou com outra princesa de Vidarbha, de nome Maryada. E ele gerou nela um filho chamado Arihan. E Arihan casou com Angi e gerou Mahabhauma. E Mahabhauma casou com Suyajna, a filha de Prasenajit. E dela nasceu Ayutanayi. E ele foi assim chamado porque ele tinha realizado um sacrifício no qual a gordura de um Ayuta (dez mil) de seres machos foi necessária. E Ayutanayi tomou como mulher Kama, a filha de Prithusravas. E dela nasceu um filho chamado Akrodhana, que tomou como mulher Karambha, a filha do rei de Kalinga. E dela Devatithi nasceu, e Devatithi tomou como sua mulher Maryada, a princesa de Videha. E dela nasceu um filho chamado Arihan. E Arihan tomou como mulher Sudeva, a princesa de Anga, e sobre ela ele gerou um filho chamado Riksha. E Riksha casou com Jwala, a filha de Takshaka, e ele gerou nela um filho de nome Matinara, que realizou na margem do Saraswati o sacrifício de doze anos considerado tão eficaz. Na conclusão do sacrifício, Saraswati apareceu em pessoa perante o rei e o escolheu como marido. E ele gerou nela um filho chamado Tansu. Aqui ocorre um sloka descritivo dos descendentes de Tansu.

‘Tansu nasceu de Saraswati por Matinara. E o próprio Tansu gerou um filho chamado Ilina em sua mulher, a princesa Kalingi.’

Ilina gerou em sua mulher Rathanari cinco filhos, dos quais Dushmanta era o mais velho. E Dushmanta tomou como mulher Sakuntala, a filha de Viswamitra. E ele gerou nela um filho chamado Bharata. Aqui ocorrem dois slokas acerca dos descendentes (de Dushmanta).

‘A mãe é somente o revestimento de carne no qual o pai gera o filho. De fato o próprio pai é o filho. Portanto, ó Dushmanta, cuides do teu filho e não insultes Sakuntala. Ó deus entre homens, o próprio pai se tornando o filho salva a si mesmo do inferno. Sakuntala verdadeiramente disse que tu és o pai desta criança.’

É por isso (porque o rei cuidou de seu filho depois de ouvir as palavras acima do mensageiro celeste) que o filho de Sakuntala veio a ser chamado Bharata (o sustentado/ cuidado). E Bharata casou com Sunanda, a filha de Sarvasena, o rei de Kasi, e gerou nela o filho chamado Bhumanyu. E Bhumanyu casou com Vijaya, a filha de Dasarha. E ele gerou nela um filho, Suhotra, que casou com Suvarna, a filha de Ikshvaku. Dela nasceu um filho chamado Hasti que fundou esta cidade, a qual foi, portanto, chamada de Hastinapura. E Hasti casou com Yasodhara, a princesa de Trigarta. E dela nasceu um filho Vikunthana que tomou como mulher Sudeva, a princesa de Dasarha. E por ela nasceu um filho chamado Ajamidha. E Ajamidha teve quatro esposas chamadas Raikeyi, Gandhari, Visala e Riksha. E ele gerou nelas dois mil e quatrocentos filhos. Mas entre eles todos Samvarana virou o perpetuador da dinastia. E Samvarana tomou por mulher Tapaty, a filha de Vivasvat. E dela nasceu Kuru, que casou com Subhangi, a princesa de Dasarha. E ele gerou nela um filho chamado Viduratha, que tomou como mulher Supriya, a filha dos Madhavas. E ele gerou nela um filho chamado Anaswan. E Anaswan casou com Amrita, a filha dos Madhavas. E dela nasceu um filho chamado Parikshit, que tomou como mulher Suvasa, a filha dos Vahudas, e gerou nela um filho chamado Bhimasena. E Bhimasena casou com Kumari, a princesa de Kekaya e gerou nela Pratisravas cujo filho foi Pratipa. E Pratipa casou com Sunanda, a filha de Sivi, e nela gerou três filhos, Devapi, Santanu e Valhika. E Devapi, enquanto ainda era um menino, entrou nas florestas como um eremita. E Santanu virou rei. Aqui ocorre um sloka a respeito de Santanu.

‘Os homens idosos que eram tocados por aquele monarca não só sentiam uma sensação indescritível de prazer, mas também tinham sua juventude restaurada. Portanto, aquele monarca era chamado de Santanu.’

E Santanu casou com Ganga, que deu à luz a um filho Devavrata que foi depois chamado de Bhishma. E Bhishma, movido pelo desejo de fazer o bem para seu pai, o fez casar com Satyawati que era também chamada de Gandhakali. E em sua juventude ela teve um filho com Parasara, chamado Dwaipayana. E nela Santanu gerou dois outros filhos chamados Chitrangada e Vichitravirya. E antes deles alcançarem a maioridade, Chitrangada foi morto pelos Gandharvas. Mas Vichitravirya virou rei, e casou com duas filhas do rei de Kasi, chamadas Amvika e

Amvalika. Mas Vichitravirya morreu sem filhos. Então Satyavati começou a pensar em como a dinastia de Dushmanta poderia ser perpetuada. Então ela se lembrou do Rishi Dwaipayana. Ao vir perante ela o último perguntou, 'Quais são suas ordens?' Ela disse, 'Seu irmão Vichitravirya foi sem filhos para o céu. Gere crianças virtuosas.' Dwaipayana, concordando, gerou três filhos, Dhritarashtra, Pandu, e Vidura. O rei Dhritarashtra teve cem filhos com sua mulher, Gandhari, por causa da bênção concedida por Dwaipayana. E entre aqueles cem filhos de Dhritarashtra, quatro se tornaram célebres. Eles são Duryodhana, Duhsasana, Vikarna, e Chitrasena. E Pandu teve duas jóias de esposas, Kunti, também chamada de Pritha, e Madri. Um dia Pandu, enquanto caçava, viu um veado cobrindo sua parceira. Aquele era na verdade um Rishi na forma de um veado. Vendo o veado naquela atitude ele o matou com suas flechas, antes do desejo dele ser satisfeito. Perfurado pela flecha do rei, o veado rapidamente mudou sua forma e virou um Rishi, e disse a Pandu, 'Ó Pandu, tu és virtuoso e conheces também o prazer derivado da satisfação de um desejo. Meu desejo ainda está insatisfeito e tu me mataste! Portanto, tu também, quando assim engajado e antes de estares satisfeito deverás morrer!' Pandu, ouvindo esta maldição, ficou pálido, e daquele tempo em diante não dormiu com suas esposas. E ele disse a elas estas palavras, 'Por meu próprio erro eu fui amaldiçoado! Mas eu soube que para o homem sem filhos não há regiões após a morte.' Portanto, ele solicitou a Kunti que tivesse prole para ele. E Kunti disse, 'Assim seja.' Assim ela criou prole. Com Dharma ela teve Yudhishtira; com Maruta, Bhima e com Sakra, Arjuna. E Pandu, muito satisfeito com ela, disse, 'Esta minha outra esposa também está sem filhos. Portanto, faça com que ela também tenha filhos.' Kunti dizendo, 'Assim seja' deu para Madri o mantra de invocação. E em Madri foram gerados pelos gêmeos Aswins os gêmeos Nakula e Sahadeva. E (um dia) Pandu, vendo Madri enfeitada com ornamentos teve seu desejo aceso. E, logo que ele a tocou, ele morreu. Madri subiu à pira funerária com seu marido. E ela disse a Kunti, 'Que meus gêmeos sejam educados por ti com afeto.' Depois de algum tempo os cinco Pandavas foram levados pelos ascetas das florestas para Hastinapura e lá apresentados para Bhishma e Vidura. E depois de apresentá-los, os ascetas desapareceram à vista de todos. E depois da conclusão do discurso daqueles ascetas, choveram flores sobre o local, e os tambores celestes também foram tocados nos céus. Os Pandavas foram então acolhidos (por Bhishma). Eles então relataram a morte de seu pai e realizaram suas últimas honras devidamente. E como eles estavam sendo criados lá, Duryodhana ficou extremamente ciumento deles. E o pecaminoso Duryodhana agindo como um Rakshasa tentou de vários modos expulsá-los. Mas o que tem que ser nunca pode ser frustrado. Assim todos os esforços de Duryodhana foram inúteis. Então Dhritarashtra os enviou, por uma ação de fraude, para Varanavata, e eles lá foram de bom grado. Lá um esforço foi feito para matá-los queimados, mas que fracassou devido ao conselho de advertência de Vidura. Depois disso os Pandavas mataram Hidimva, e então eles foram para uma cidade chamada Ekachakra. Lá também eles mataram um Rakshasa chamado Vaka e então foram para Panchala. E lá obtiveram Draupadi como esposa e voltaram para Hastinapura. E lá eles moraram por algum tempo em paz e geraram filhos. E Yudhishtira gerou Prativindhya; Bhima, Sutasoma; Arjuna, Srutakriti; Nakula, Satanika; e Sahadeva, Srutakarman. Além disso,

Yudhishtira, tendo obtido como mulher Devika, a filha de Govasana da tribo Saivya, em uma cerimônia de escolha de marido, gerou nela um filho chamado Yaudheya. E Bhima também obtendo como mulher Valandhara, a filha do rei de Kasi, ofereceu sua própria coragem como dote e gerou nela um filho chamado Sarvaga. E Arjuna também, indo até Dwaravati, trouxe à força Subhadra, a irmã de voz doce de Vasudeva, e voltou em felicidade para Hastinapura. E ele gerou nela um filho chamado Abhimanyu dotado de todos os talentos e querido para o próprio Vasudeva. E Nakula obteve como mulher Karenumati, a princesa de Chedi, e gerou nela um filho chamado Niramitra. E Sahadeva também casou com Vijaya, a filha de Dyutimat, o rei de Madra, obtendo-a em uma cerimônia de escolha de marido e gerou nela um filho chamado Suhotra. E Bhimasena tinha algum tempo antes gerado em Hidimva um filho chamado Ghatotkacha. Estes são os onze filhos dos Pandavas. Entre eles todos, Abhimanyu foi o perpetuador da família. Ele casou com Uttara, a filha de Virata, que deu à luz a uma criança morta que Kunti pegou em seu colo por ordem de Vasudeva que disse, 'Eu reviverei esta criança de seis meses.' E embora nascido antes do tempo, tendo sido queimado pelo fogo (da arma de Aswatthaman) e, portanto, carente de força e energia ele foi reanimado por Vasudeva e dotado de força, energia e coragem. E depois reanimá-lo Vasudeva disse, 'Porque esta criança nasceu em uma linhagem extinta, portanto, ele se chamará Parikshit.' E Parikshit casou com Madravati, tua mãe, ó rei, e tu nasceste dela, ó Janamejaya! Tu também tens dois filhos com tua mulher Vapushtama, chamados Satanika e Sankukarna. E Satanika também gerou um filho chamado Aswamedhadatta na princesa de Videha.

Assim eu, ó rei, recitei a história dos descendentes de Puru e dos Pandavas. Esta história excelente, sagrada e que aumenta a virtude deve sempre ser ouvida por Brahmanas cumpridores de votos, por Kshatriyas dedicados às práticas de sua classe e preparados para proteger seus súditos; por Vaisyas com atenção, e por Sudras com reverência, cuja principal ocupação é servir às outras três classes. Brahmanas versados nos Vedas e outras pessoas que com atenção e reverência recitam esta história sagrada ou a escutam quando recitada, conquistam os céus e alcançam a residência dos abençoados. Eles são também sempre respeitados e adorados pelos deuses, Brahmanas, e outros homens. Esta história sagrada de Bharata foi composta pelo sagrado e ilustre Vyasa. Brahmanas conhecedores dos Vedas e outras pessoas que com reverência e sem malícia a ouvem ser recitada ganham grandes méritos religiosos e conquistam os céus. Embora pecando, eles não são desrespeitados por ninguém. Aqui ocorre um sloka, 'Este (Bharata) é igual aos Vedas: é sagrado e excelente. Ele concede riqueza, fama, e vida. Portanto, ele deve ser ouvido por homens com atenção absorta.

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Houve um rei conhecido pelo nome de Mahabhisha nascido na linhagem de Ikshvaku. Ele era o senhor de toda a terra, e era sincero e de coragem verdadeira. Por meio de mil sacrifícios de cavalos e uma centena de Rajasuyas ele satisfez o chefe dos celestiais e ao final alcançou o céu.

Um dia os celestiais tinham se reunido e estavam adorando Brahman. Muitos sábios reais e o rei Mahabhisha também estavam presentes no local. E Ganga, a rainha dos rios, também foi lá prestar suas adorações ao Avô. E suas roupas brancas como os raios da lua foram desarranjadas pela ação do vento. E quando seu corpo ficou exposto os celestiais abaixaram suas cabeças. Exceto o sábio real Mahabhisha que grosseiramente fitou a rainha dos rios. E Mahabhisha foi por isso amaldiçoado por Brahman, que disse, 'Canalha, como tu te esqueceste de ti mesmo à visão de Ganga tu deves renascer sobre a terra. Mas tu repetidas vezes alcançarás estas regiões. E ela também nascerá no mundo dos homens e te ferirá. Mas quando tua cólera for provocada tu serás então liberto da minha maldição.'

Vaisampayana continuou, 'O rei Mahabhisha então se lembrando de todos os monarcas e ascetas sobre a terra desejou nascer como filho de Pratipa de grande valor. E a rainha dos rios, também, vendo o rei Mahabhisha perder sua firmeza, foi embora, pensando nele desejosamente. E em seu caminho, ela viu aqueles habitantes no céu, os Vasus, também seguindo o mesmo caminho. E a rainha dos rios os viu naquele apuro e perguntou, 'Por que vocês estão assim abatidos? Ó habitantes do céu, está tudo bem com vocês?' Aqueles celestiais, os Vasus, responderam a ela, dizendo, 'Ó rainha dos rios, nós fomos amaldiçoados, por uma falha perdoável, pelo ilustre Vasishtha com raiva. O principal dos Rishis excelentes, Vasishtha, estava dedicado às suas adorações do crepúsculo e sentado como estava não pôde ser visto por nós. Nós passamos sobre ele em ignorância. Portanto, em cólera ele nos amaldiçoou, dizendo, 'Que vocês nasçam entre os homens!' Está além do nosso poder frustrar o que foi dito por aquele proferidor de Brahma. Portanto, ó rio, tu mesma te tornando uma mulher humana faça de nós, os Vasus, teus filhos. Ó amável, nós estamos relutantes em entrar no útero de qualquer mulher humana.' Assim endereçada, a rainha dos rios disse a eles, 'Assim seja', e perguntou a eles, 'Sobre a terra, quem é aquele principal dos homens que será seu pai?'

Os Vasus responderam, 'Na terra, para Pratipa nascerá um filho, Santanu, que será um rei de fama mundial.' Ganga então disse, 'Ó celestiais, é exatamente o meu desejo que vocês impecáveis expressaram. Eu, de fato, farei bem para Santanu. É também seu desejo como justamente expressado.' Os Vasus então disseram, 'Cabe a ti lançar as crianças à água depois do nascimento, para que, ó tu de três direções (celeste, terrestre, e subterrânea) nós possamos ser resgatados logo sem termos que viver na terra por qualquer duração de tempo.'

Ganga então respondeu, 'Eu farei o que vocês desejam. Mas para que o relacionamento dele comigo não seja totalmente infrutífero, providenciem para que pelo menos um filho viva.' Os Vasus então responderam, 'Nós contribuiremos cada um com uma oitava parte das nossas respectivas energias. Com esta soma tu terás um filho de acordo com o teu desejo. Mas aquele filho não gerará filhos sobre a terra. Portanto, aquele teu filho dotado de grande energia será sem filhos.'

Os Vasus, fazendo este arranjo com Ganga, partiram sem demora para o lugar que lhes convinha.'

## 97

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse. 'Havia um rei de nome Pratipa, que era bondoso para com todas as criaturas. Ele passou muitos anos em penitências ascéticas na fonte do rio Ganga. A ilustre e encantadora Ganga, um dia, assumindo a forma de uma mulher bela, e erguendo-se das águas, foi até o monarca. A moça celeste, dotada com beleza encantadora, se aproximou do sábio real dedicado a austeridades ascéticas, e sentou sobre sua coxa direita que era, por sua força máscula, como uma verdadeira árvore Sala. Quando a moça de rosto bonito assim tinha sentado sobre seu colo, o monarca disse a ela, 'Ó amável, o que tu desejas? O que eu farei?' A donzela respondeu, 'Eu desejo a ti, ó rei, como meu marido! Ó principal dos Kurus, seja meu! Recusar uma mulher que veio por sua própria vontade nunca é aprovado pelos sábios.' Pratipa respondeu, 'Ó tu belas feições, movido pela luxúria eu nunca me uno com outras esposas ou mulheres que não sejam da minha classe. Este, de fato, é meu voto virtuoso.' A moça replicou, 'Eu não sou infausta ou feia. Eu sou de todas as maneiras digna de ser desfrutada. Eu sou uma moça celeste de beleza rara; eu desejo a ti como marido. Não me rejeite, ó rei.' A isto Pratipa respondeu, 'Eu estou, ó donzela, me abstendo se seguir nesta direção à qual tu me incitas. Se eu quebrar meu voto, o pecado me esmagará e me matará. Ó bela, tu me abraçaste, sentando na minha coxa direita. Mas, ó tímida, saiba que esta é o assento para filhas e noras. O lado esquerdo é para a esposa, mas tu não aceitaste este. Portanto, ó melhor das mulheres, eu não posso desfrutar de ti como um objeto de desejo. Seja minha nora. Eu te aceito para meu filho!'

A donzela então disse, 'Ó virtuoso, que seja como tu disseste. Que eu me una com teu filho. Por meu respeito por ti eu serei uma mulher da célebre linhagem Bharata. Vocês (da linhagem Bharata) são o amparo de todos os monarcas sobre a terra! Eu seria incapaz de numerar as virtudes da sua linhagem mesmo em cem anos. A grandeza e bondade de muitos monarcas célebres desta linha é ilimitada. Ó senhor de tudo, que fique entendido agora que quando eu me tornar tua nora teu filho não poderá julgar minhas ações. Vivendo assim com teu filho eu farei

bem a ele e aumentarei sua felicidade. Ele finalmente alcançará o céu por causa dos filhos que eu darei a ele, por sua virtude e boa conduta.'

Vaisampayana continuou, 'Ó rei, tendo dito isso a donzela celeste então desapareceu. E o rei, também, esperou pelo nascimento de seu filho para cumprir sua promessa.

Naquela época Pratipa, aquela luz da linhagem Kuru, aquele touro entre os Kshatriyas, estava engajado, junto com sua mulher, em austeridades por desejo de prole. E quando eles ficaram velhos um filho nasceu para eles. Este era Mahabhisha. E a criança foi chamada de Santanu porque ele nasceu quando seu pai tinha controlado suas paixões por meio de penitências ascéticas. E o melhor de Kurus, Santanu, sabendo que a região de felicidade indestrutível somente poderia ser alcançada por seus atos, se tornou dedicado à virtude. Quando Santanu cresceu e se tornou um jovem, Pratipa endereçou-se a ele e disse, 'Algum tempo atrás, ó Santanu, uma donzela celeste veio a mim para o teu bem. Se tu encontrares aquela de belas feições em segredo e se ela te solicitar filhos, aceite-a como tua mulher. E, ó impecável, não seja juiz da propriedade ou impropriedade dos atos dela e não pergunte quem ela é, ou de quem ou de onde é, mas aceite-a como tua mulher por minha ordem!'

Vaisampayana continuou, 'Pratipa, tendo assim mandado seu filho Santanu e instalado ele em seu trono se retirou para as florestas. E o rei Santanu dotado de grande inteligência e sendo igual ao próprio Indra em esplendor, se tornou viciado na caça e passava muito do seu tempo nas florestas. E o melhor dos monarcas sempre matava veados e búfalos. E um dia, enquanto ele estava vagando pela margem do Ganges, ele se viu em uma região frequentada por Siddhas e Charanas. E lá ele viu uma encantadora moça de beleza resplandecente e que era como a própria Sri; com dentes impecáveis e perolados e enfeitada com ornamentos celestes, e vestida em roupas de fina textura parecidas em esplendor com os filamentos do lótus. E o monarca, ao ver aquela donzela ficou surpreendido, e seu enlevo produziu um imediato arrepio. Com o olhar fixo ele parecia estar bebendo o encanto dela, mas repetidamente seus goles fracassavam em apagar sua sede. A donzela também viu o monarca de ardente esplendor movendo-se continuamente em grande agitação, ficou comovida e sentiu afeto por ele. Ela o fitou e fitou longamente sempre com o olhar fixo. O monarca então em palavras suaves dirigiu-se a ela e disse, 'Ó esbelta, sejas tu uma deusa ou a filha de um Danava, sejas tu da raça dos Gandharvas, ou Apsaras, sejas dos Yakshas ou dos Nagas, ou sejas de origem humana, ó tu de beleza celeste, eu te peço que sejas minha esposa!'

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'A moça então, ouvindo essas doces palavras do monarca sorridente, e se lembrando de sua promessa aos Vasus, se dirigiu ao rei em resposta. De aspecto impecável, a donzela enviando uma emoção de prazer ao coração por cada palavra que proferiu, disse, 'Ó rei, eu me tornarei tua mulher e obedecerei tuas ordens. Mas, ó monarca, tu não deves interferir em nenhuma coisa que eu faça, seja agradável ou desagradável. Nem nunca te dirigirás a mim indelicadamente. Desde que tu te comportes bondosamente eu prometo viver contigo. Mas eu certamente te deixarei no momento em que interferires comigo ou falares para mim uma palavra indelicada.' O rei respondeu, 'Assim seja.' E então a donzela obtendo aquele monarca excelente, aquele principal da linhagem de Bharata como marido, ficou muito satisfeita. E o rei Santanu também, obtendo ela como sua esposa, desfrutou de todo o prazer da sua companhia. E aderindo à sua promessa, ele se absteve de perguntar a ela qualquer coisa. E o senhor da terra, Santanu, ficou extremamente satisfeito com sua conduta, beleza, magnanimidade, e atenção a seus confortos. E a deusa Ganga também, de três direções (celeste, terrestre, e subterrânea) assumindo uma forma de aspecto superior àquela do ser humano e dotada com beleza celeste, viveu felizmente como a mulher de Santanu, tendo como o fruto de suas ações virtuosas obtido como seu marido aquele tigre entre reis que é igual ao próprio Indra em esplendor. E ela satisfez o rei com sua atratividade e afeto, por suas artimanhas e amor, por sua música e dança, e ficou ela mesma satisfeita. E o monarca estava tão embevecido com sua bela mulher que meses, estações e anos passaram sem que seu ser fosse consciente deles. E o rei, enquanto assim desfrutava com sua mulher, teve oito filhos que em beleza pareciam ser os próprios celestiais. Mas, ó Bharata, aquelas crianças, uma depois da outra, logo que nasceram, foram jogadas no rio por Ganga que dizia, 'Isso é para o teu bem.' E as crianças afundavam e não mais se elevavam. O rei, no entanto, não poderia estar satisfeito com tal conduta. Mas ele não falou uma palavra acerca disto com receio de que sua mulher o deixasse. Mas quando a oitava criança nasceu, e quando sua mulher como antes estava para jogá-la sorrindo ao rio, o rei com a expressão triste e desejoso de salvar a criança da destruição, se dirigiu a ela e disse, 'Não o mate! Quem és tu e de onde? Por que tu matas teus próprios filhos? Assassina de teus filhos, tua carga de pecados é grande!' Sua mulher, assim endereçada, respondeu, 'Ó tu desejoso de prole, tu já te tornaste o principal dentre aqueles que têm filhos. Eu não destruirei este teu filho. Mas segundo nosso acordo, o período da minha estadia contigo chegou ao fim. Eu sou Ganga, o filha de Jahnu. Eu sou sempre adorada pelos grandes sábios; eu vivi contigo para realizar os propósitos dos celestiais. Os oito Vasus ilustres dotados com grande energia tiveram, por causa da maldição de Vasishtha, que assumir formas humanas. Sobre a terra, além de ti, não havia ninguém mais para merecer a honra de ser seu gerador. Não há nenhuma mulher também na terra exceto uma como eu, uma celestial em forma humana, para se tornar a mãe deles. Eu assumi a forma de um ser humano para dar luz a eles. Tu também,

tendo te tornado o pai dos oito Vasus alcançaste muitas regiões de felicidade perene. Estava também combinado entre mim e os Vasus que eu deveria libertá-los da sua forma humana logo que eles nascessem. Eu assim os libertei da maldição do Rishi Apava. Abençoado sejas; eu o deixo, ó rei! Mas crie esta criança de votos rígidos. Que eu viveria contigo até agora foi a promessa que eu dei aos Vasus. E que esta criança seja chamada de Gangadatta.'

## 99

(Continuação do Sambhava Parva)

Santanu perguntou, 'Qual foi o erro dos Vasus e quem foi Apava, por cuja maldição os Vasus tiveram que nascer entre os homens? O que também esta criança, Gangadatta, fez para ter que viver entre os homens? Por que também os Vasus, os senhores dos três mundos, foram condenados a nascer entre os homens? Ó filha de Jahnu, conte-me tudo.'

Vaisampayana continuou, 'Assim endereçada, a filha celeste de Jahnu, Ganga, então respondeu ao monarca, seu marido, aquele touro entre homens, dizendo, 'Ó melhor da raça Bharata, aquele que foi obtido como filho por Varuna se chamava Vasishtha, o Muni que depois veio a ser conhecido como Apava. Ele tinha seu retiro no leito do rei das montanhas chamado Meru. O lugar era sagrado e cheio de aves e animais. E lá florescia durante todo o ano flores de todas as estações. E, ó melhor da linhagem Bharata, aquele principal dos homens virtuosos, o filho de Varuna, praticava suas penitências ascéticas naquelas florestas cheias de raízes doces e água.

Daksha tinha uma filha conhecida pelo nome de Surabhi, que, ó touro da raça Bharata, para beneficiar o mundo, deu à luz, por sua ligação com Kasyapa, a uma filha (Nandini) na forma de uma vaca. Aquela principal de todas as vacas, Nandini, era a vaca da abundância (capaz de realizar todos os desejos). O filho virtuoso de Varuna obteve Nandini para seus ritos Homa. E Nandini, habitando naquele eremitério que era adorado por Munis, vagava sem medo naquelas florestas sagradas e encantadoras.

Um dia, ó touro da raça Bharata, chegaram àquelas florestas adoradas pelos deuses e Rishis celestes os Vasus encabeçados por Prithu. E vagando lá com suas esposas, eles se divertiram naquelas encantadoras florestas e montanhas. E enquanto eles lá vagaram, a mulher cintura fina de um dos Vasus, ó tu da destreza de Indra, viu naquelas florestas Nandini, a vaca da abundância. E vendo aquela vaca possuidora da riqueza de todos os talentos, olhos grandes, úberes cheios, cauda fina, belas patas, e todos os outros sinais auspiciosos, e produzindo muito leite, ela mostrou o animal para seu marido Dyu. Ó tu da bravura dos principais dos elefantes, quando Dyu viu aquela vaca, ele começou a admirar suas várias qualidades e se dirigindo à sua esposa, disse, 'Ó moça de olhos negros e

pernas formosas, esta vaca excelente pertence àquele Rishi de quem é este retiro encantador. Ó tu de cintura esbelta, o mortal que bebe o doce leite desta vaca permanece com sua juventude inalterada por dez mil anos.' Ó melhor dos monarcas, ouvindo isso a deusa de feições impecáveis então se dirigiu a seu marido de esplendor ardente e disse, 'Há na terra uma amiga minha, de nome Jitavati, possuidora de grande beleza e juventude. Ela é filha de um deus entre os homens, o sábio real Usinara, dotado de inteligência e dedicado à verdade. Eu desejo ter esta vaca, ó ilustre, com seu bezerro para aquela minha amiga. Portanto, ó melhor dos celestiais, traga esta vaca para que então minha amiga bebendo seu leite possa se tornar livre de doença e velhice sobre a terra. Ó ilustre e irrepreensível, cabe a ti conceder este meu desejo. Não há nada que pudesse ser mais agradável para mim.' Ao ouvir estas palavras de sua esposa, Dyu, movido pelo desejo de fazer a vontade dela, roubou aquela vaca, ajudado por seus irmãos Prithu e outros. De fato, Dyu, mandado por sua esposa de olhos de lótus, realizou seu desejo, esquecendo naquele momento os altos méritos ascéticos do Rishi que possuía a vaca. Ele não pensou naquela hora que ele cairia por cometer o pecado de roubar a vaca.

Quando o filho de Varuna voltou para seu retiro à noite com as frutas que tinha colhido, ele não viu a vaca com seu bezerro. Ele começou a procurar por eles nas florestas, mas quando o grande asceta de inteligência superior não achou sua vaca ao procurá-la, ele viu por meio de sua visão ascética que ela tinha sido roubada pelos Vasus. Sua cólera foi imediatamente acesa e ele amaldiçoou os Vasus, dizendo, 'Porque os Vasus roubaram minha vaca de leite doce e rabo bonito, portanto, eles sem dúvida nascerão sobre a terra!'

Ó touro da raça Bharata, o ilustre Rishi Apava assim amaldiçoou os Vasus em cólera. E tendo amaldiçoado eles, o ilustre fixou seu coração mais uma vez na meditação ascética. E depois daquele Brahmarshi de grande poder e riqueza ascética ter assim amaldiçoado os Vasus em cólera, os últimos, ó rei, ao virem a saber disto, foram rapidamente ao seu retiro. E endereçando-se ao Rishi, ó touro entre reis, eles se esforçaram para acalmá-lo. Mas eles fracassaram, ó tigre entre homens, em obter o perdão de Apava, aquele Rishi conhecedor de todas as regras de virtude. O virtuoso Apava, no entanto, disse, 'Vocês Vasus, com Dhava e outros, foram amaldiçoados por mim. Mas vocês serão liberados da minha maldição dentro de um ano do vosso nascimento entre os homens. Mas aquele por cujo feito vocês foram amaldiçoados por mim, Dyu, por seu ato pecaminoso, terá que viver sobre a terra por mais tempo. Eu não tornarei inúteis as palavras que proferi em fúria. Dyu, embora habitando na Terra não gerará filhos. Ele, no entanto, será virtuoso e conhecedor das escrituras. Ele será um filho obediente a seu pai, mas ele terá que se abster do prazer da companhia feminina.'

Dirigindo-se dessa maneira aos Vasus o grande Rishi foi embora. Os Vasus então juntos vieram a mim. E, ó rei, e me pediram a bênção de que tão logo eles nascessem eu os jogasse na água. E, ó melhor dos reis, eu fiz como eles desejaram, para libertá-los da sua vida terrestre. E, ó melhor dos reis, pela maldição do Rishi, este único, o próprio Dyu, deverá viver na terra por algum tempo.'

Vaisampayana continuou, 'Tendo assim falado a deusa então desapareceu. E tomando consigo a criança ela partiu para região por ela escolhida. E aquele filho de Santanu se chamava Gangeya e Devavrata e sobrepujou seu pai em todos os talentos.

Santanu, depois do desaparecimento de sua mulher voltou para sua capital com o coração triste. Eu agora relatarei para ti as muitas virtudes e grande fortuna do ilustre rei Santanu da linhagem Bharata. De fato, esta esplêndida história é chamada de Mahabharata.'

## 100

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'O monarca Santanu, o mais adorado dos deuses e sábios reais, era conhecido em todos os mundos por sua sabedoria, virtudes, e veracidade (de palavras). As qualidades de autocontrole, generosidade, perdão, inteligência, modéstia, paciência e energia superior sempre residiam naquele touro entre homens, Santanu, aquele grande ser dotado de talentos e conhecedor de religião e lucro, aquele monarca era o protetor da linhagem Bharata e de todos os seres humanos. Seu pescoço era marcado com (três) linhas, como a concha de um molusco; seus ombros eram largos, e ele parecia em bravura com um elefante enfurecido. Parecia que todos os sinais propícios de realeza moravam em sua pessoa, considerando esta sua digna residência. Os homens, vendo o comportamento daquele monarca de grandes realizações vieram a saber que a virtude era sempre superior ao prazer e lucro. Estes eram os atributos que moravam naquele ser, o grande touro entre os homens, Santanu. E realmente nunca houve um rei como Santanu. Todos os reis da terra, vendo-o dedicado à virtude, deram àquele principal dos homens virtuosos o título de Rei dos reis. E todos os reis da terra durante o tempo em que aquele senhor era o protetor da linhagem Bharata não tinham aflição ou medo ou ansiedade de qualquer tipo. E eles todos dormiam em paz também, se levantando todas as manhãs da cama depois de sonhos felizes. E devido às realizações esplêndidas daquele monarca parecido com o próprio Indra em energia, todos os reis da terra se tornaram virtuosos e dedicados à generosidade, ações religiosas e sacrifícios. E quando a terra era governada por Santanu e outros monarcas como ele, os méritos religiosos de toda ordem aumentaram muito. Os Kshatriyas serviam os Brahmanas; os Vaisyas serviam os Kshatriyas, e os Sudras adoravam os Brahmanas e os Kshatriyas, servindo os Vaisyas. E Santanu residindo em Hastinapura, a capital encantadora dos Kurus, governava toda a terra limitada circundada pelos mares. Ele era sincero e irreprimível, e como o próprio rei dos celestiais conhecedor dos ditames da virtude. E pela combinação de generosidade, religião e ascetismo ele adquiriu grande fortuna. Ele era livre da raiva e malícia, e bonito em pessoa e parecido com o próprio Soma. Em esplendor ele era como o Sol e em impetuosidade de bravura como Vayu. Em cólera ele era

como Yama, e em paciência como a Terra. E, ó rei, enquanto Santanu governou a terra, nenhum veado, javalis, aves, ou outros animais foram mortos desnecessariamente. Em seus domínios a grande virtude da bondade para com todas as criaturas triunfou, e o próprio rei, com a alma da piedade, e destituído de desejo e cólera, estendeu proteção igual a todas as criaturas. Então sacrifícios em honra dos deuses, dos Rishis e Pitris começaram, e nenhuma criatura foi privada de vida pecaminosamente. E Santanu era o rei e pai de todos, dos miseráveis e daqueles que não tinham protetores, de aves e animais, realmente, de toda coisa criada. E durante o reinado do melhor dos Kurus, que foi o rei dos reis, a fala se tornou uma com a verdade, e as mentes dos homens estavam dirigidas em direção à generosidade e virtude. E Santanu, tendo desfrutado de felicidade doméstica por seis e trinta anos, se retirou para as florestas.

E o filho de Santanu, o Vasu nascido de Ganga chamado Devavrata parecia com o próprio Santanu em beleza pessoal, em hábitos e comportamento, e em erudição. E em todos os ramos de conhecimento mundano ou espiritual sua habilidade era muito grande. Sua força e energia eram extraordinárias. Ele se tornou um poderoso guerreiro em carro. Realmente ele foi um grande rei.

Um dia, enquanto perseguindo pelas margens do Ganges um veado que havia abatido com uma flecha, o rei Santanu observou que o rio tinha ficado raso. Ao observar aquilo, aquele touro entre homens, Santanu, começou a refletir sobre aquele fenômeno desconhecido. Ele mentalmente perguntou por que o principal dos rios não corria tão rapidamente como antes. E enquanto procurava uma causa, o monarca ilustre viu que um jovem de grande beleza, robusto e afável, como o próprio Indra, tinha, por meio de sua grande arma celeste, controlado o fluxo do rio. E o rei, contemplando aquela façanha extraordinária do rio Ganga ser controlado em seu curso perto de onde aquele jovem estava, ficou muito surpreendido. Aquele jovem não era outro além do próprio filho de Santanu. Mas como Santanu tinha visto seu filho somente uma vez uns poucos momentos depois de seu nascimento, ele não tinha suficiente recordação para identificar aquele bebê que agora era um jovem diante de seus olhos. O jovem, no entanto, vendo seu pai, o reconheceu imediatamente, mas em vez de se revelar, ele nublou a percepção do rei por meio de seus poderes celestiais de ilusão e desapareceu de sua vista.

O rei Santanu, analisando muito o que viu e imaginando que o jovem era seu próprio filho então se dirigiu à Ganga e disse, 'Mostre-me aquela criança.' Ganga assim endereçada, assumindo uma forma bela, e abraçando o menino enfeitado com ornamentos em seu braço direito, o mostrou para Santanu. E Santanu não reconheceu aquela bela mulher enfeitada com ornamentos e vestida em finas roupas brancas, embora ele a tivesse conhecido antes. E Ganga disse, 'Ó tigre entre homens, este é o oitavo filho que tu algum tempo antes geraste em mim. Saiba que este menino excelente está familiarizado com todas as armas, ó monarca, o leves agora. Eu o criei com cuidado. E vá para casa, ó tigre entre homens, levando-o contigo. Dotado de inteligência superior, ele estudou com Vasishtha os Vedas inteiros com seus ramos. Hábil com todas as armas e um arqueiro poderoso, ele é como Indra em batalha. E, ó Bharata, os deuses e os

Asuras o olham com favoritismo. Quaisquer ramos de conhecimento que sejam conhecidos por Usanas, ele conhece completamente. E assim ele é o mestre de todos os Sastras que o filho de Angiras (Vrihaspati) adorado pelos deuses e os Asuras, conhece. E todas as armas conhecidas ao poderoso e invencível Rama, o filho de Jamadagni, são conhecidas por este teu filho ilustre de braços poderosos. Ó rei de coragem superior, leve contigo este teu heróico filho gerado por ti em mim. Ele é um arqueiro poderoso e conhecedor da interpretação de todos os tratados sobre os deveres de um rei.' Assim mandado por Ganga, Santanu tomou seu filho que parecia com o próprio Sol em glória e voltou para sua capital. E tendo alcançado sua cidade que era como a capital celeste, aquele monarca da linha Puru se considerou imensamente afortunado. E tendo convocado todos os Pauravas, para a proteção de seu reino ele instalou seu filho como seu herdeiro-presuntivo. E, ó touro da raça Bharata, o príncipe logo satisfez seu pai por seu comportamento e os outros membros da linhagem Paurava, realmente, todos os súditos do reino. E o rei de destreza incomparável vivia felizmente com aquele seu filho.

Quatro anos assim tinham se passado, quando o rei um dia entrou nas florestas nas margens do Yamuna. E enquanto o rei estava lá vagando, ele percebeu um perfume doce vindo de uma direção desconhecida. E o monarca, impelido pelo desejo de averiguar a causa, vagou para lá e para cá. No curso de sua caminhada, ele viu uma moça de olhos negros e beleza celeste, a filha de um pescador. O rei dirigindo-se a ela, disse, 'Quem tu és, e de quem és filha? O que fazes aqui, ó tímida?' Ela respondeu, 'Abençoado sejas! Eu sou a filha do chefe dos pescadores. Por ordem dele, para obter mérito religioso, eu estou comprometida em transportar passageiros para o outro lado deste rio no meu barco.' E Santanu, vendo aquela moça dotada de forma celestial e beleza, amabilidade, e tal fragrância, desejou tê-la como esposa. E indo até o pai dela, o rei solicitou seu consentimento para a proposta de casamento. Mas o chefe dos pescadores respondeu ao monarca, dizendo, 'Ó rei, tão logo minha filha de aspecto superior nasceu, é claro, foi entendido ela deveria ser entregue para um marido. Mas ouças ao desejo que eu nutro de todo o meu coração. Ó impecável, sejas sincero: se tu desejas obter esta moça como um presente de mim, dê-me então tua palavra. Se, de fato, tu a deres como penhor, é claro que eu entregarei minha filha a ti porque realmente eu nunca poderia obter um marido para ela igual a ti.'

Santanu, o ouvindo, respondeu, 'Quando eu souber que penhor queres eu então direi se poderei concedê-lo. Se eu for capaz de conceder, eu certamente o concederei. Caso contrário como poderei conceder?' O pescador disse, 'Ó rei, o que eu te peço é que o filho nascido desta moça seja instalado por ti no teu trono e que ninguém mais além dele se torne teu sucessor.'

Vaisampayana continuou, 'Ó Bharata, quando Santanu ouviu isso não sentiu tendência a conceder tal benefício, no entanto o fogo do desejo doloridamente queimou dentro dele. O rei com seu coração aflito pelo desejo voltou para Hastinapura, pensando todo o caminho na filha do pescador. E tendo voltado para casa, o monarca passava seu tempo em triste meditação. Um dia, Devavrata se

aproximou de seu angustiado pai e disse, 'Tudo é prosperidade contigo; todos os comandantes te obedecem; então porque é que te afliges assim? Absorto nos teus próprios pensamentos, tu não me dizes uma palavra em resposta. Tu agora não saís mais a cavalo; pareces pálido e emaciado, tendo perdido toda a animação. Eu desejo saber de que doença tu sofres para que eu possa me esforçar para aplicar um remédio.' Assim endereçado por seu filho, Santanu respondeu, 'Tu disseste a verdade, ó filho, eu me tornei melancólico. Ó tu da linha Bharata, tu és o único descendente desta nossa grande linhagem. Tu estás sempre envolvido em esportes com armas e realizações de coragem. Eu estou sempre pensando na instabilidade da vida humana. Se qualquer perigo te alcançar, ó filho de Ganga, o resultado é que nós ficaremos sem filhos. Realmente somente tu és caro para mim como uma centena de filhos. Portanto, eu não desejo casar outra vez. Eu somente desejo e rezo que a prosperidade sempre esteja contigo para que nossa dinastia possa ser perpetuada. Os sábios dizem que aquele que tem um filho não tem nenhum. Sacrifícios perante o fogo e o conhecimento dos três Vedas produzem, é verdade, mérito religioso eterno, mas estes, com relação a mérito religioso, não alcançam uma sexta parte do mérito alcançável pelo nascimento de um filho. De fato, a este respeito, há pouca diferença entre homens e animais inferiores. Ó sábio, eu não tenho uma sombra dúvida que um homem alcança ao céu por gerar um filho. Os Vedas que constituem a base dos Puranas e são considerados como autoridade até pelos deuses, contêm provas numerosas disto. Ó tu da linhagem Bharata, tu és um herói de temperamento excitável, que está sempre dedicado ao exercício de armas. É muito provável que tu sejas morto no campo de batalha. Se isso acontecer, qual então será o estado da dinastia Bharata, ó, este é o pensamento que me fez assim melancólico. Eu agora te disse completamente as causas da minha tristeza.'

Vaisampayana continuou, 'Devavrata que era dotado de grande inteligência, tendo averiguado isto com o rei, refletiu consigo mesmo por um instante. Ele então foi ao antigo ministro dedicado ao bem-estar de seu pai e o questionou acerca da causa da aflição do rei. Ó touro da raça Bharata, quando o príncipe questionou o ministro, o último contou a ele acerca do benefício que foi exigido pelo chefe dos pescadores a respeito de sua filha Gandhavati. Então Devavrata, acompanhado por muitos comandantes Kshatriya de idade venerável, foi pessoalmente ao chefe dos pescadores e pediu a ele sua filha em nome do rei. O chefe dos pescadores o recebeu com as devidas adorações, e, ó tu da linhagem Bharata, quando o príncipe se sentou na corte do chefe, o último se dirigiu a ele e disse, 'Ó touro entre os Bharatas, tu és o principal de todos os manejadores de armas e o filho único de Santanu. Teu poder é grande. Mas eu tenho algo a te dizer. Se o pai da noiva fosse o próprio Indra, mesmo ele se arrependeria de rejeitar esta extremamente honrada e desejável proposta de casamento. O grande homem de cuja semente esta moça célebre chamada Satyavati nasceu, é, de fato, igual a vocês em virtude. Ele falou a mim em muitas ocasiões das virtudes do teu pai e me disse que só o rei é digno de (casar com) Satyavati. Deixe-me te dizer que eu até rejeitei a solicitação do melhor dos Brahmarshis, o sábio celestial Asita, que também muitas vezes me pediu para entregar Satyavati em casamento. Eu tenho uma única palavra a dizer da parte desta moça. Na questão do casamento

proposto há uma grande objeção fundada no fato de haver um rival na pessoa do filho de uma co-esposa. Ó opressor de todos os inimigos, ele (o filho que dela nascer) não terá nenhuma segurança, mesmo que ele seja um Asura ou um Gandharva, por ter em ti um rival. Esta é a única objeção à proposta de casamento, e nada mais. Abençoado sejas! Mas isso é tudo o que eu tenho a dizer na questão da concessão ou não de Satyavati.'

Vaisampayana continuou, 'Ó tu da linhagem Bharata, Devavrata, tendo ouvido estas palavras, e movido pelo desejo de beneficiar seu pai assim respondeu na audição dos comandantes reunidos, 'Ó principal dos homens sinceros, escute ao voto que eu profiro! Não há homem nascido ou para nascer que terá coragem de tomar tal voto! Eu realizarei tudo isso que tu exigis! O filho que nascer desta moça será nosso rei.' Assim, o chefe dos pescadores, impelido pelo desejo de soberania (para o filho de sua filha), para alcançar o quase impossível, então disse, 'Ó tu de alma virtuosa, tu vieste aqui como agente em nome do teu pai Santanu de glória imensurável; sejas também o único gerente em meu nome na questão do casamento desta minha filha. Mas, ó amável, há outra coisa a ser dita, outra coisa que deve ser refletida por ti. Ó supressor de inimigos, aquele que tem filhas, pela natureza de suas obrigações, deve dizer o que eu digo. Ó tu que és devotado à verdade, a promessa que tu fizeste na presença destes comandantes para o benefício de Satyavati, foi, de fato, digna de ti. Ó tu de braços poderosos, eu não tenho a menor dúvida de que irás cumpri-la. Mas eu tenho minhas dúvidas a respeito dos filhos que tu possas gerar.'

Vaisampayana continuou, 'Ó rei, o filho de Ganga, dedicado à verdade, tendo averiguado os escrúpulos do chefe dos pescadores, então disse, movido a isto pelo desejo de beneficiar seu pai, 'Chefe dos pescadores, melhor dos homens, escute o que eu digo na presença dos reis reunidos. Ó reis, eu já renunciei ao meu direito ao trono, eu agora decidirei a questão dos meus filhos. Ó pescador, deste dia em diante eu adoto o voto de Brahmacharya (estudo e meditação em celibato). Se eu morrer sem filhos, eu ainda alcançarei as regiões de felicidade perene no céu!'

Vaisampayana continuou, 'Após estas palavras do filho de Ganga, os pêlos do corpo do pescador se arrepiaram de alegria, e ele respondeu, 'Eu entrego a minha filha!' Imediatamente, as Apsaras e os deuses com diversas tribos de Rishis começaram a lançar uma chuva de flores do firmamento sobre a cabeça de Devavrata e exclamaram, 'Este é Bhishma (o terrível)'. Bhishma então, para servir seu pai, se dirigiu à ilustre donzela e disse, 'Ó mãe, suba nesta carruagem, e vamos juntos para nossa casa.'

Vaisampayana continuou, 'Tendo assim dito, Bhishma ajudou a bela moça a entrar em sua carruagem. Ao chegar com ela em Hastinapura, ele disse a Santanu tudo o que tinha acontecido. E os reis reunidos, em comum e individualmente, aplaudiram seu ato extraordinário e disseram, 'Ele é realmente Bhishma (o terrível)! E Santanu também, sabendo das extraordinárias realizações de seu filho, ficou muito satisfeito e deu àquele príncipe de grande alma a bênção de morrer quando ele quisesse, dizendo, 'A morte nunca virá para ti enquanto

desejares viver. Realmente a morte só se aproximará de ti, ó impecável, tendo obtido primeiro a tua ordem.'

## 101

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Ó monarca, depois que as núpcias tinham acabado, o rei Santanu instalou sua bela noiva em seu lar. Logo depois nasceu de Satyavati um inteligente e heróico filho de Santanu de nome Chitrangada. Ele era dotado de grande energia e se tornou um homem eminente. O senhor Santanu de grande destreza também gerou em Satyavati outro filho de nome Vichitravirya, que se tornou um poderoso arqueiro e que virou rei depois de seu pai. E antes daquele touro entre homens, Vichitravirya, alcançar a maioridade, o sábio rei Santanu sucumbiu à inevitável influência do Tempo. E depois de Santanu ter ascendido para o céu, Bhishma, se colocando sob a ordem de Satyavati, instalou aquele supressor de inimigos, Chitrangada, no trono, que, tendo logo conquistado com sua bravura todos os monarcas, não considerava nenhum homem como seu igual. E vendo que ele podia derrotar homens, Asuras, e os próprios deuses, seu xará, o poderoso rei dos Gandharvas, se aproximou dele para um combate. Entre aquele Gandharva e aquele principal dos Kurus, que eram ambos muitos poderosos, ocorreu no campo de Kurukshetra um combate feroz que durou três anos completos nas margens do Saraswati. Naquela terrível batalha caracterizada por chuvas grossas de armas e no qual os combatentes derrubavam um ao outro ferozmente, o Gandharva, que tinha maior bravura ou engano estratégico, matou o príncipe Kuru. Tendo matado Chitrangada, aquele principal dentre os homens e supressor de todos os inimigos, o Gandharva ascendeu para o céu. Quando aquele tigre entre homens dotado de grande destreza foi morto, Bhishma, o filho de Santanu, realizou, ó rei, todos os seus funerais. Ele então instalou o menino Vichitravirya de braços poderosos, ainda em sua minoridade, no trono dos Kurus. E Vichitravirya, se colocando sob a ordem de Bhishma, governou o reino ancestral. E ele venerava Bhishma o filho de Santanu, que era familiarizado com todas as regras de religião e lei; assim, de fato, Bhishma também protegeu aquele que era tão obediente aos ditames do dever.'

## 102

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Ó tu da linhagem Kuru, depois que Chitrangada foi morto, seu sucessor Vichitravirya sendo menor de idade, Bhishma governou o reino, se colocando sob a ordem de Satyavati. Quando ele viu que seu irmão, que era o principal dos homens inteligentes, alcançou a maioridade, Bhishma manifestou a

intenção de casar Vichitravirya. Naquela época ele ouviu que três filhas do rei de Kasi, todas iguais em beleza às próprias Apsaras, estariam casando na mesma ocasião, selecionando seus maridos em uma cerimônia de escolha de marido. Então aquele principal dos guerreiros em carros, vencedor de todos os inimigos, por ordem de sua mãe foi à cidade de Varanasi em uma única carruagem. Lá Bhishma, o filho de Santanu, viu que inúmeros monarcas tinham chegado de todas as direções; e lá ele também viu aquelas três moças que escolheriam seus próprios maridos. E quando os reis (reunidos) foram cada um mencionado por nome, Bhishma escolheu aquelas moças (em nome de seu irmão). E colocando-as em sua carruagem, Bhishma, o principal dos matadores em batalha, se dirigiu aos reis, ó monarca, e disse em uma voz profunda como o rugido das nuvens, 'Os sábios determinam que quando uma pessoa ilustre é convidada a donzela deve ser concedida a ele, enfeitada com ornamentos e junto com muitos presentes de valor. Outros também entregam suas filhas por aceitarem um par de vacas. Alguns outorgam suas filhas por receberem uma soma fixa, e alguns levam as moças à força. Alguns casam com o consentimento das moças, alguns por entorpecê-las para que consintam, e alguns por irem aos pais das moças e obterem sua sanção. Alguns obtêm esposas como presentes por ajudarem em sacrifícios. Destes, os eruditos sempre elogiam a oitava forma de casamento. Reis, no entanto, falam elogiosamente do Swyamvara (a quinta forma como acima) e eles mesmos se casam segundo esta. Mas os sábios dizem que a mulher que é ternamente valorizada é aquela que é levada à força, depois da matança dos adversários, do meio do saguão de príncipes e reis convidados para uma cerimônia de escolha de marido. Portanto, ó monarcas, eu parto daqui levando estas moças à força. Esforcem-se, o melhor que puderem, para me derrotar ou serem derrotados. Ó monarcas, eu estou aqui decidido a lutar!' O príncipe Kuru, dotado de grande energia, se dirigindo dessa forma aos reis reunidos e ao rei de Kasi, tomou sobre seu carro aquelas moças. E levando-as ele partiu com sua carruagem, desafiando os reis convidados para uma luta.

Os monarcas desafiados então todos levantaram imediatamente sacando suas armas e mordendo seus lábios inferiores em fúria. E alta foi a zoeira produzida, quando, com grande pressa, eles começaram a tirar seus ornamentos e colocar suas armaduras. E o movimento de seus ornamentos e armaduras, ó Janamejaya, brilhantes como eram, parecia relâmpagos meteóricos no céu. E com as frentes contraídas e os olhos vermelhos de raiva, os monarcas se movimentaram com impaciência, suas armaduras brilhando e ornamentos ondulando com seus passos agitados. Os cocheiros logo trouxeram belos carros com excelentes cavalos arreados. Aqueles guerreiros esplêndidos então, equipados com todas as espécies de armas, subiram naqueles carros, e com armas erguidas perseguiram o chefe dos Kurus em retirada. Então, ó Bharata, ocorreu a terrível batalha entre aqueles inúmeros monarcas de um lado e o guerreiro Kuru sozinho no outro. E os monarcas reunidos jogaram em seu inimigo dez mil flechas ao mesmo tempo. Bhishma, no entanto, deteve rapidamente aquelas inumeráveis flechas antes que elas pudessem acertá-lo, através de uma chuva das suas próprias flechas tão incontáveis quanto os pêlos do corpo. Então aqueles reis o cercaram de todos os lados e derramaram flechas sobre ele como massas de nuvens despejam chuva

sobre o leito da montanha. Mas Bhishma, detendo com suas flechas o curso daquela torrente de flechas, perfurou cada um dos monarcas com três flechas. Os últimos por sua vez perfuraram Bhishma, cada um com cinco flechas. Mas, ó rei, Bhishma os deteve por meio de sua destreza e perfurou cada um dos reis oponentes com duas flechas. O combate se tornou tão feroz com aquela chuva densa de flechas e outros mísseis que ela parecia muito com a batalha entre os celestiais e os Asuras de antigamente, e homens de coragem que não tomaram parte nela sentiram medo só de olhar para a cena. Bhishma cortava, com suas flechas, no campo de batalha, arcos, e mastros de bandeiras, e armaduras, e cabeças humanas às centenas e milhares. E tal era sua bravura terrível e sua extraordinária leveza de mão, e tal era a habilidade com a qual ele se protegia, que os oponentes guerreiros em carros, embora seus inimigos, começaram a aplaudi-lo ruidosamente. Então aquele principal de todos os manejadores de armas, tendo vencido em batalha todos aqueles monarcas, seguiu seu caminho em direção à capital dos Bharatas, levando aquelas moças consigo.

Foi então, ó rei, que aquele guerreiro em carro poderosamente armado, o rei Salya de imensurável destreza, de trás convocou Bhishma, o filho de Santanu, para uma luta. E desejoso de obter as moças, ele veio sobre Bhishma como um líder poderoso de uma manada de elefantes avançando sobre outro de sua espécie, e rasgando em fúria com suas presas os quadris do último à vista de uma elefante fêmea no cio. E Salya de braços poderosos, movido por cólera se dirigiu a Bhishma e disse, 'Fique, Fique.' Então Bhishma, aquele tigre entre homens, aquele triturador de exércitos hostis, provocado por estas palavras, queimou em cólera como um fogo ardente. Arco na mão, e fronte contraída, ele ficou em seu carro, em conformidade com o costume Kshatriya de deter seu curso na expectativa do inimigo. Todos os monarcas vendo-o parar ficaram lá para se tornarem espectadores do combate entre ele e Salya. Os dois então começaram a expor sua destreza (um sobre o outro) como touros de grande força rugindo à vista de uma vaca no cio. Então aquele principal dos homens, o rei Salya, cobriu Bhishma, o filho de Santanu com centenas e milhares de flechas rápidas. E os monarcas vendo Salya assim cobrir Bhishma no início com flechas inumeráveis, maravilharam-se muito e proferiram gritos e aplausos. Vendo sua leveza de mão em combate, a multidão de espectadores reais ficou muito contente e aplaudiu Salya. Aquele subjugador de cidades hostis, Bhishma, então, ao ouvir os gritos dos Kshatriyas, ficou muito zangado e disse, 'Fique, Fique.' Em cólera, ele deu ordem a seu quadrigário, dizendo, 'Conduza meu carro para onde Salya está, para que eu possa matá-lo imediatamente como Garuda mata uma serpente.' Então o chefe Kuru fixou a arma Varuna na corda de seu arco, e com ela afligiu os quatro corcéis do rei Salya. E, ó tigre entre reis, o chefe Kuru, então, desviando com suas armas aquelas de seu inimigo, matou o quadrigário de Salya. Então aquele principal dos homens, Bhishma, o filho de Santanu, lutando por causa daquelas donzelas, matou com a arma Aindra os nobres corcéis de seu adversário. Ele então venceu aquele melhor dos monarcas, mas o deixou com sua vida. Ó touro da raça Bharata, Salya, depois de sua derrota, voltou para seu reino e continuou a governar virtuosamente. E, ó conquistador de cidades hostis, os outros reis

também, que tinham sido testemunhas da cerimônia de escolha de marido, voltaram para seus próprios reinos.

Aquele principal dos lutadores, Bhishma, depois de derrotar aqueles monarcas, foi com aquelas donzelas para Hastinapura de onde o virtuoso príncipe Kuru Vichitravirya governava a terra como aquele melhor dos monarcas, seu pai Santanu. E, ó rei, passando por muitas florestas, rios, colinas, e florestas cheias de árvores, ele chegou (à capital) rapidamente. De bravura imensurável em batalha, o filho de Ganga que segue para o oceano, tendo matado numerosos inimigos em batalha sem um arranhão em si mesmo, trouxe as filhas do rei de Kasi para os Kurus tão afetuosamente como se elas fossem suas noras, ou irmãs mais novas, ou filhas. E Bhishma de braços poderosos, impelido pelo desejo de beneficiar seu irmão, tendo por meio de sua coragem trazido elas daquela forma, então ofereceu aquelas moças possuidoras todos os atributos para Vichitravirya. Conhecedor dos ditames da virtude, o filho de Santanu, tendo realizado tal façanha extraordinária segundo o costume (real), então começou a fazer os preparativos para o casamento de seu irmão. E quando tudo acerca do casamento estava acertado por Bhishma em consulta com Satyavati, a filha mais velha do rei de Kasi, com um sorriso suave, disse estas palavras, 'No meu coração eu havia escolhido o rei de Saubha para meu marido. Ele tinha, em seu coração, me aceito como sua mulher. Isto era também aprovado por meu pai. Na cerimônia de escolha de marido também eu o teria escolhido como meu senhor. Tu és conhecedor de todos os ditames da virtude, sabendo de tudo isso, faça como te parecer melhor.' Assim endereçado por aquela moça na presença dos Brahmanas, o heróico Bhishma começou a refletir quanto ao que deveria ser feito. Como ele estava familiarizado com as regras da virtude, ele consultou os Brahmanas que tinham se tornado peritos nos Vedas, e permitiu que Amba, a filha mais velha do soberano de Kasi, agisse como quisesse. Mas ele entregou com ritos devidos as duas outras filhas, Ambika e Ambalika para seu irmão mais jovem Vichitravirya. E embora Vichitravirya fosse virtuoso e abstinente, ainda, orgulhoso de sua juventude e beleza, ele logo tornou-se lascivo depois de seu casamento. E ambas Ambika e Ambalika eram de estatura alta, e da cor do ouro fundido. E suas cabeças eram cobertas com cabelo encaracolado preto, e suas unhas eram grandes e vermelhas; seus quadris e peitos eram cheios e redondos. E dotadas com todos os sinais auspiciosos, as jovens senhoras amáveis se consideravam casadas com um marido que era de todas as maneiras digno delas mesmas, e amaram e respeitaram muito Vichitravirya. E Vichitravirya também, dotado da destreza dos celestiais e a beleza dos gêmeos Aswins, podia roubar o coração de qualquer mulher bela. E o príncipe passou sete anos ininterruptos na companhia de suas esposas. Ele foi atacado ainda no início da sua juventude pela tísica. Amigos e parentes em consulta uns com os outros tentaram efetivar uma cura. Mas apesar dos esforços, o príncipe Kuru morreu, se pondo como o sol à noite. O virtuoso Bhishma então mergulhou em ansiedade e aflição, e em consulta com Satyavati fez com que os ritos do falecido fossem realizados por sacerdotes eruditos e pelos muitos da linhagem Kuru.'

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'A infeliz Satyavati então ficou mergulhada na dor por causa de seu filho. E depois de realizar com suas noras a cerimônia fúnebre do falecido ela consolou, o melhor que pôde, suas chorosas noras e Bhishma, aquele principal de todos os manejadores de armas. E voltando seus olhos para a religião, e para as linhas paternas e maternas (dos Kurus), ela endereçou-se a Bhishma e disse 'O bolo fúnebre (oferenda aos antepassados falecidos), as realizações, e a perpetuação da linha do virtuoso e célebre Santanu da linhagem Kuru, todos agora dependem de ti. Como o alcance do céu é inseparável de boas ações, como a vida longa é inseparável da verdade e fé, assim a virtude é inseparável de ti. Ó virtuoso, tu és bem familiarizado, em detalhes e em resumo, com os ditames da virtude, com vários Srutis, e com todos os ramos dos Vedas; saiba muito bem que tu és igual a Sukra e Angiras em firmeza e em virtude, conhecimento dos costumes específicos de famílias, e presteza de invenções sob dificuldades. Portanto, ó principal dos homens virtuosos, confiando imensamente em ti, eu te designarei em uma certa questão. Me ouvindo, cabe a ti realizar meu pedido. Ó touro entre homens, meu filho e teu irmão, dotado de energia e caro a ti foi sem filhos para o céu enquanto ainda era um jovem. Aquelas esposas do teu irmão, as amáveis filhas do soberano de Kasi, possuindo beleza e juventude, estão desejosas de filhos. Portanto, ó tu de braços poderosos, por minha ordem, crie progênie nelas para a perpetuação da nossa linhagem. Cabe a ti impedir a perda da virtude. Instale-te no trono e governe o reino dos Bharatas. Case devidamente com uma mulher. Não lance teus antepassados no inferno.'

Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado por sua mãe e amigos e parentes, o opressor de inimigos, o virtuoso Bhishma, deu esta resposta em conformidade com os ditames da virtude, 'Ó mãe, o que tu dizes é certamente sancionado pela virtude. Mas tu sabes qual é o meu voto na questão de gerar filhos. Tu sabes também tudo o que ocorreu em relação ao teu casamento. Ó Satyavati, eu repito o penhor que dei uma vez, eu renunciaria aos três mundos, ao império do céu, ou a qualquer coisa que fosse maior do que isso, mas eu nunca renunciarei à verdade. A terra pode renunciar ao seu aroma, a água pode renunciar à sua umidade, a luz pode renunciar ao seu atributo de exibir formas, o ar pode renunciar ao seu atributo de toque, o sol pode renunciar à sua glória, o fogo, ao seu calor, a lua, aos seus raios frios, o espaço, à sua capacidade de gerar som, o matador de Vritra, à sua bravura, o deus da justiça, à sua imparcialidade; mas eu não posso renunciar à verdade.' Assim endereçado por seu filho dotado de abundância de energia, Satyavati disse a Bhishma, 'Ó tu cuja destreza é a verdade, eu sei da tua firmeza na verdade. Tu podes, se assim disposto, criar, pela ajuda da tua energia, três mundos além daqueles que existem. Eu sei que teu voto foi por minha causa. Mas por considerares esta emergência, aceite a carga de dever que uma pessoa possui com seus antepassados. Ó punidor de inimigos, aja de tal modo para que nossa linhagem

direta não seja rompida e nossos amigos e parentes não sofram.' Assim rogado pela infeliz e chorosa Satyavati falando tais palavras inconsistentes com a virtude por causa da dor pela perda de seu filho, Bhishma se dirigiu a ela outra vez e disse, 'Ó rainha, não desvie teus olhos da virtude. Ó, não nos destrua. Violação da verdade por um Kshatriya nunca é aprovada nos nossos tratados de religião. Eu logo te direi, ó rainha, qual consagrado costume Kshatriya pode ser usado como recurso para impedir que a linha de Santanu se torne extinta sobre a terra. Ouvindo-me, reflita sobre o que deve ser feito em consulta com sacerdotes eruditos e com aqueles que conhecem as práticas admissíveis em tempos de emergência e angústia, não esquecendo ao mesmo tempo qual é o regulamento de conduta social.'

## 104

(Continuação do Sambhava Parva)

Bhishma continuou, 'Antigamente, Rama, o filho de Jamadagni, furioso pela morte de seu pai, matou com seu machado de batalha o rei dos Haihayas. E Rama, por cortar os mil braços de Arjuna (o rei Haihaya), realizou a façanha mais difícil do mundo. Não contente com isto, ele saiu em sua carruagem para a conquista do mundo, e erguendo seu arco ele lançou suas poderosas armas para exterminar os Kshatriyas. E o descendente ilustre da linhagem Bhriгу, por meio de suas flechas rápidas aniquilou a tribo Kshatriya vinte e uma vezes.

E quando a terra foi assim desprovida de Kshatriyas pelo grande Rishi, as mulheres Kshatriya por toda a terra tiveram prole criada por Brahmanas hábeis nos Vedas. É dito nos Vedas que os filhos assim gerados pertencem àquele que era casado com a mãe. E as mulheres Kshatriya foram aos Brahmanas não lascivamente, mas por motivos virtuosos. De fato, foi dessa forma que a raça Kshatriya reviveu.

Ligado a isto há outra velha história que eu narrarei para ti. Havia nos tempos antigos um Rishi sábio de nome Utathya. Ele tinha uma mulher de nome Mamata a quem ele amava ternamente. Um dia o irmão mais novo de Utathya, Vrihaspati, o sacerdote dos celestiais, dotado de grande energia, se aproximou de Mamata. A última, no entanto, disse ao jovem irmão de seu marido, que era o principal dentre os homens eloquentes, que ela tinha concebido da sua ligação com seu irmão mais velho e por isso, portanto, ele não deveria procurar a consumação de seus desejos. Ela continuou, 'Ó ilustre Vrihaspati, o filho que eu concebi estudei no útero de sua mãe os Vedas com os seis Angas. Tu não deves lançar teu sêmen em vão. Como pode este meu útero proporcionar um lugar para duas crianças ao mesmo tempo? Portanto, cabe a ti não procurar a consumação dos teus desejos em tal época.' Assim endereçado por ela, Vrihaspati, embora possuidor de grande sabedoria, não suprimiu seu desejo. Então a criança no útero se dirigiu a ele e disse, 'Ó pai, pare tua tentativa. Não há espaço aqui para dois. Ó ilustre, o espaço

é pequeno. Eu o ocupei primeiro. Tu não deves usar o teu sêmen inutilmente. Cabe a ti não me afligir.' Mas Vrihaspati sem escutar o que aquela criança no útero disse procurou os abraços de Mamata possuidora do mais belo par de olhos. Mas, como a criança havia dito o sêmen não encontrou entrada. E o ilustre Vrihaspati vendo aquilo ficou indignado, e repreendeu o filho de Utathya e o amaldiçoou, dizendo, 'Porque tu falaste a mim dessa maneira na hora do prazer que é procurado por todas as criaturas, a escuridão perpétua se apossará de ti.' E por causa daquela maldição do ilustre Vrihaspati o filho de Utathya que era igual ao próprio Vrihaspati em energia nasceu cego e veio a ser chamado de Dirghatamas (envolvido em escuridão perpétua). E o sábio Dirghatamas, possuidor de conhecimento dos Vedas, embora cego de nascença, sucedeu ainda em virtude de sua erudição obter como esposa uma jovem e bela moça Brahmana de nome Pradweshi. E tendo casado com ela, o ilustre Dirghatamas, para a expansão da linhagem de Utathya, gerou nela vários filhos com Gautama como seu mais velho. Aqueles filhos, no entanto, eram todos dados à avidez e insensatez. O virtuoso e ilustre Dirghatamas possuindo domínio completo dos Vedas, logo depois aprendeu do filho de Surabhi as práticas de sua classe e sem medo dirigiu-se àquelas práticas, as considerando com reverência. (Vergonhosa é a criatura de pecado e nunca pode estar onde há pureza de intenção). Então aqueles melhores dos Munis que moravam no mesmo retiro, vendo-o ultrapassar os limites de propriedade ficaram indignados, vendo pecado onde não havia. E eles disseram, 'Ó, este homem violou o limite de propriedade. Ele não merece mais um lugar entre nós. Portanto, vamos todos expulsar este canalha pecaminoso.' E eles disseram muitas outras coisas a respeito do Muni Dirghatamas. E sua mulher, também, tendo tido filhos, ficou indignada com ele.

O marido então se dirigiu à sua mulher Pradweshi, e disse, 'Por que é que tu também estás descontente comigo?' Sua mulher respondeu, 'O marido é chamado Bhartri porque ele sustenta a mulher. Ele é chamado Pati porque ele a protege. Mas tu não fazes nada disso por mim! Ó tu de grande mérito ascético, por outro lado, tu és cego de nascimento, e sou eu quem tem sustentado a ti e teus filhos. Eu não farei isso no futuro.'

Ouvindo estas palavras de sua mulher, o Rishi ficou indignado e disse a ela e seus filhos, 'Levem-me aos Kshatriyas e tu então estarás rica.' Sua mulher respondeu (dizendo), 'Eu não desejo a riqueza que possa ser obtida por ti, porque isso nunca poderia me trazer felicidade. Ó melhor dos Brahmanas, faça como quiseres. Eu não poderei te manter como antes.' A estas palavras de sua mulher, Dirghatamas disse, 'Eu declaro deste dia em diante como uma regra que toda mulher terá que aderir a um marido na duração de sua vida. Esteja o marido morto ou vivo, não será lícito para uma mulher ter ligação com outro. E aquela que tiver tal ligação certamente será considerada decaída. Uma mulher sem marido sempre será propensa a ser pecaminosa. E mesmo que ela seja rica ela não poderá desfrutar realmente daquela riqueza. Calúnia e má reputação a perseguirão.' Ouvindo estas palavras de seu marido, Pradweshi ficou muito zangada, e mandou seus filhos, dizendo, 'Joguem-no nas águas do Ganga!' E por ordem de sua mãe, o perverso Gautama e seus irmãos, aqueles escravos da insensatez e tolice,

exclamando, 'De fato, por que deveríamos nós sustentar esse homem velho?' amarraram o Muni em uma balsa e o entregando à mercê da correnteza voltaram para casa sem remorso. O velho homem cego flutuando pela correnteza naquela balsa passou pelos territórios de muitos reis. Um dia um rei de nome Vali, conhecedor de todos os deveres foi ao Ganges realizar suas abluções. E enquanto o monarca estava dessa forma ocupado, a balsa na qual o Rishi foi atado se aproximou dele. E nisso o rei alcançou o velho homem. O virtuoso Vali, sempre dedicado à verdade, sabendo então quem era o homem que havia sido assim salvo por si, o escolheu para criar prole. E Vali disse, 'Ó ilustre, cabe a ti gerar em minha mulher uns poucos filhos que sejam virtuosos e sábios.' Assim endereçado, o Rishi dotado de grande energia, expressou seu consentimento. Então o rei Vali enviou sua mulher Sudeshna a ele. Mas sabendo que o último era velho e cego a rainha não foi até ele, enviando sua criada em seu lugar. E naquela mulher Sudra o Rishi virtuoso de paixões sob total controle gerou onze filhos dos quais Kakshivat era o mais velho. E vendo aqueles onze filhos com Kakshivat como o mais velho, que haviam estudado todos os Vedas e que como Rishis eram proferidores de Brahma e eram possuidores de grande poder, o rei Vali um dia questionou o Rishi dizendo, 'Estes são meus filhos?' O Rishi respondeu, 'Não, eles são meus. Kakshivat e outros foram gerados por mim em uma mulher Sudra. Tua desventurada rainha Sudeshna, me vendo cego e velho, me insultou por não vir ela mesma, mas por enviar-me, em vez disso, sua criada.' O rei então acalmou aquele melhor dos Rishis e o enviou a sua rainha Sudeshna. O Rishi meramente por tocar o corpo dela disse, 'Tu terás cinco filhos chamados Anga, Vanga, Kalinga, Pundra e Suhma, que serão como o próprio Surya (sol) em glória. E pelos seus nomes serão conhecidos muitos países sobre a terra. É pelos seus nomes que seus domínios virão a ser chamados de Anga, Vanga, Kalinga, Pundra e Suhma.'

Foi assim que a linhagem de Vali foi perpetuada, antigamente, por um grande Rishi. E foi assim também que muitos arqueiros poderosos e grandes guerreiros em carros dedicados à virtude surgiram na linhagem Kshatriya da semente de Brahmanas. Ouvindo isto, ó mãe, faça como quiser, em relação à questão à mão.'

## 105

(Continuação do Sambhava Parva)

Bhishma, continuou, 'Escute, ó mãe, a mim enquanto eu indico os meios pelos quais a linha Bharata pode ser perpetuada. Que um Brahmana ilustre seja convidado por uma oferta de riqueza, e que ele gere prole nas esposas de Vichitravirya.'

Vaisampayana continuou, 'Satyavati, então, sorrindo suavemente e em voz alquebrada em acanhamento, se dirigiu a Bhishma e disse, 'Ó Bharata de braços

poderosos, o que tu dizes é verdade. Por minha confiança em ti eu agora indicarei os meios de perpetuar nossa linhagem. Tu não poderás rejeitá-los, conhecedor, como és, das práticas permitidas em épocas de infortúnio. Na nossa família tu és a Virtude e Verdade, e és também, nosso único amparo. Portanto ouça realmente o que eu digo, e faça o que for apropriado.

Meu pai era um homem virtuoso. Por causa da virtude ele mantinha um barco. Um dia, no início da minha juventude, eu fui navegar naquele barco. Então aconteceu que o grande e sábio Rishi Parasara, aquele principal de todos os homens virtuosos, chegou, e se colocou no meu barco para cruzar o Yamuna. Enquanto eu estava remando até o outro lado do rio, o Rishi ficou excitado pelo desejo e começou a se dirigir a mim em palavras suaves. O medo do meu pai era mais elevado em minha mente. Mas o terror da maldição do Rishi finalmente triunfou. E tendo obtido dele um benefício precioso eu não recusei suas solicitações. O Rishi por meio de sua energia me trouxe sob seu controle total, e satisfez seu desejo lá mesmo, tendo primeiro envolvido a região em um nevoeiro denso. Antes havia um revoltante odor no meu corpo; mas o Rishi o dissipou e me deu minha atual fragrância. O Rishi também me disse que por dar à luz ao seu filho em uma ilha do rio, eu ainda continuaria virgem. E o filho de Parasara assim nasceu de mim na minha juventude e se tornou um grande Rishi dotado de poderes ascéticos e conhecido pelo nome de Dwaipayana (o Nascido na Ilha). Aquele Rishi ilustre por meio do seu poder ascético dividiu os Vedas em quatro partes e veio a ser chamado na terra pelo nome de Vyasa (o que divide ou organizador), e por sua cor escura, Krishna (o Escuro). De fala sincera, livre de paixão, um poderoso asceta que destruiu todos os seus pecados, ele partiu com seu pai imediatamente após seu nascimento. Ordenado por mim e por ti também, aquele Rishi de esplendor incomparável certamente gerará filhos nas esposas do teu irmão. Ele me disse quando foi embora, 'Mãe, pense em mim quando estiver em dificuldades.' Eu agora o chamarei, se tu, ó Bhishma poderosamente armado, assim desejares. Se tu desejares, ó Bhishma, eu estou certa que aquele grande asceta gerará filhos nas mulheres de Vichitravirya.'

Vaisampayana continuou, 'Esta menção ao grande Rishi sendo feita, Bhishma com as mãos unidas disse, 'É realmente inteligente o homem que fixa seus olhos judiciosamente na virtude, lucro, e prazer, e que depois de refletir com paciência age de tal modo que a virtude leve à futura virtude, lucro ao futuro lucro e prazer ao futuro prazer. Portanto, isso que foi dito por ti e que, além de ser benéfico para nós é compatível com a virtude, é certamente o melhor conselho e tem toda a minha aprovação.' E quando Bhishma tinha assim falado, ó tu da linhagem Kuru, Kali (Satyavati) pensou no Muni Dwaipayana e Dwaipayana, que estava então dedicado a interpretar os Vedas, sabendo que estava sendo chamado por sua mãe, foi imediatamente até ela sem ninguém ficar sabendo. Satayavati então saudou devidamente seu filho e o abraçou, o banhando em suas lágrimas, pois a filha do pescador chorou amargamente ao ver seu filho depois de tanto tempo. E seu primeiro filho, o grande Vyasa, a vendo chorar, lavou seu rosto com água fria, e se curvando a ela, disse, 'Eu vim, ó mãe, para cumprir teu desejo. Portanto, ó virtuosa, ordene-me sem demora. Eu realizarei teu desejo.' O sacerdote da família

dos Bharatas então reverenciou o grande Rishi devidamente, e o último aceitou as oferendas de culto, proferindo os mantras usuais. E satisfeito com o culto recebido, ele tomou seu assento. Satyavati, vendo-o, sentou-se, e depois das perguntas usuais dirigiu-se a ele e disse, 'Ó erudito, filhos derivam seu nascimento do pai e da mãe. Eles são, portanto, a propriedade comum de ambos os pais. Não pode haver a menor dúvida de que a mãe tem tanto poder sobre eles quanto o pai. Como tu és, de fato, meu filho mais velho segundo a ordenança, ó Brahmarshi, assim Vichitravirya é meu filho mais novo. E como Bhishma é irmão de Vichitravirya por parte de pai, assim tu és seu irmão por parte de mãe. Eu não sei o que tu podes pensar, mas é o que eu penso, ó filho. Bhishma, o filho de Santanu, dedicado à verdade, não pode, por causa da verdade, se entregar ao desejo ou gerar filhos ou governar o reino. Portanto, por afeição por teu irmão Vichitravirya, para a perpetuação da nossa dinastia, pelo pedido de Bhishma e por minha ordem, por bondade para com todas as criaturas, para a proteção do povo e por tua generosidade de coração, ó impecável, cabe a ti fazer o que eu digo. Teu irmão mais novo deixou duas viúvas que são como as filhas dos próprios celestiais, dotadas com juventude e grande beleza. Por virtude e religião, elas têm estado desejosas de prole. Tu és a pessoa digna para elas. Portanto gere nelas filhos dignos da nossa raça para a continuação da nossa linhagem.'

Vyasa, ouvindo-a, disse, 'Ó Satyavati, tu sabes que a virtude diz respeito a esta vida e à outra. Ó tu de grande sabedoria, tuas afeições também estão fixadas na virtude. Portanto, por tua ordem, fazendo da virtude meu motivo, eu farei o que tu desejas. De fato, esta prática que está de acordo com a verdade e religião eterna é conhecida por mim, eu darei ao meu irmão filhos que serão como Mitra e Varuna. Que as senhoras então cumpram devidamente por um ano completo o voto que eu indicarei. Elas então serão purificadas. Nenhuma mulher se aproximará de mim sem ter cumprido um voto rígido.'

Satyavati então disse, 'Ó impecável, deve ser como tu dizes. Tome tais medidas para que as senhoras possam conceber imediatamente. Em um reino onde não há rei o povo perece por falta de proteção; sacrifícios e outros atos sagrados são suspensos; as nuvens não enviam chuva; e os deuses desaparecem. Como um reino pode ser protegido se não tem rei? Portanto, faça com que as senhoras concebam. Bhishma cuidará das crianças enquanto elas estiverem nos seus úteros de suas mães.'

Vyasa respondeu, 'Se eu tenho que dar filhos ao meu irmão tão inadequadamente, então que as senhoras aguentem minha feiúra. Isso em si mesmo será, no caso delas, a mais dura das penitências. Se as princesas de Kosala puderem tolerar meu cheiro forte, minha aparência feia e lúgubre, meus trajés e corpo, elas então conceberão filhos excelentes.'

Vaisampayana continuou, 'Tendo assim falado a Satyavati, Vyasa de grande energia disse, 'Que a princesa de Kosala vestida em uma roupa limpa e enfeitada com ornamentos espere por mim em seu quarto de dormir.' Assim dizendo o Rishi desapareceu, Satyavati então foi até sua nora e vendo-a em particular falou estas palavras benéficas e de grande importância, 'Ó princesa de Kosala, escute o que

eu digo. Isso é compatível com a virtude. A dinastia dos Bharatas se extinguirá por minha desgraça. Vendo minha aflição e a extinção da sua linhagem paterna, o sábio Bhishma, impelido também pelo desejo de perpetuar nossa família, me fez uma sugestão, tal sugestão, no entanto, depende de ti para sua realização. Faça isso, ó filha, e restaure a linha perdida dos Bharatas. Ó tu de quadris formosos, dê à luz a um filho igual em esplendor ao chefe dos celestiais. Ele suportará a árdua carga deste nosso reino hereditário.'

Satyavati tendo obtido com grande dificuldade a concordância de sua nora virtuosa para sua proposta que não era inconsistente com a virtude, então alimentou Brahmanas e Rishis e numerosos convidados chegados na ocasião do falecimento de seu filho.'

## 106

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Logo depois que a época mensal da princesa de Kosala tinha acabado, Satyavati, purificando sua nora com um banho, a conduziu ao quarto de dormir. Lá sentou-a sobre uma cama luxuosa, ela dirigiu-se a ela, dizendo, 'Ó Princesa de Kosala, teu marido tem um irmão mais velho que neste dia entrará no teu útero como teu filho. Espere por ele esta noite sem cair no sono.' Ouvindo essas palavras de sua sogra, a princesa amável, deitada em sua cama, começou a pensar em Bhishma e nos outros mais velhos da família Kuru. Então o Rishi de fala sincera, que tinha dado sua promessa em relação a Amvika (a mais velha das princesas) em primeiro lugar, entrou no quarto enquanto a lâmpada estava queimando. A princesa, vendo sua aparência sombria, seus cabelos emaranhados da cor do cobre, olhos ardentes, e sua barba lúgubre, fechou seus olhos com medo. O Rishi, querendo realizar os desejos de sua mãe, a conheceu. Mas a última, tomada pelo medo, não abriu seus olhos nem uma vez para olhá-lo. E quando Vyasa saiu ele encontrou sua mãe, que perguntou, 'A princesa terá um filho ilustre?' Ouvindo-a, ele respondeu, 'O filho ao qual a princesa dará à luz será igual em força a dez mil elefantes. Ele será um sábio nobre ilustre, possuidor de grande erudição e inteligência e energia. Ele de grande alma terá uma centena de filhos. Mas por causa do erro de sua mãe ele será cego.' A estas palavras de seu filho, Satyavati disse, 'Ó tu de riqueza ascética, como pode alguém que é cego se tornar um monarca digno dos Kurus? Como pode alguém que é cego se tornar o protetor de seus parentes e família, e da glória da linhagem de seu pai? Cabe a ti dar outro rei aos Kurus.' Dizendo, 'Assim seja,' Vyasa foi embora. E a princesa de Kosala no tempo devido deu à luz a um filho cego.

Logo depois Satyavati, ó castigador de inimigos, convocou Vyasa, depois de ter garantido a concordância de sua nora. Vyasa veio segundo sua promessa, e se aproximou, como antes, da segunda mulher de seu irmão. E Ambalika vendo o

Rishi empalideceu com medo. E, ó Bharata, a vendo assim aflita e pálida com medo, Vyasa dirigiu-se a ela e disse, 'Porque tu empalideceste com medo ao ver minha lúgubre aparência, portanto, teu filho terá uma cor pálida. Ó tu de rosto bonito, também o nome de teu filho será Pandu (o pálido)'. 'Assim dizendo, o ilustre e melhor dos Rishis saiu do quarto dela. E quando saiu ele encontrou sua mãe que o questionou acerca da criança que nasceria. O Rishi disse a ela que a criança seria pálida e conhecida pelo nome de Pandu. Satyavati novamente pediu ao Rishi outra criança, e o Rishi disse a ela em resposta, 'Assim seja.' Ambalika, então, quando chegou o momento, deu à luz a um filho de cor pálida. Muito belo o filho era dotado de todos os sinais auspiciosos. De fato, foi aquele filho que depois se tornou o pai daqueles arqueiros poderosos, os Pandavas.

Algum tempo depois, quando a viúva mais velha de Vichitravirya outra vez teve sua época mensal, ela foi solicitada por Satyavati para se aproximar de Vyasa novamente. Possuidora de beleza como a filha de um celestial, a princesa se recusou a fazer o que sua sogra pedia, lembrando da aparência lúgubre e odor forte do Rishi. Ela, no entanto, enviou a ele uma empregada sua, dotada com a beleza de uma Apsara e enfeitada com seus próprios ornamentos. E quando Vyasa chegou, a empregada ergueu-se e o saudou. E ela o serviu respeitosamente e sentou-se perto dele quando solicitada. E, ó rei, o grande Rishi de votos rígidos, estando bem satisfeito com ela, quando se levantou para ir embora, endereçou-se a ela e disse, 'Amável, tu não mais serás uma escrava. Teu filho também será imensamente afortunado e virtuoso, e o principal de todos os homens inteligentes sobre a terra!' E, ó rei, o filho assim gerado nela por Krishna-Dwaipayana foi depois conhecido pelo nome de Vidura. Ele era assim irmão de Dhritarashtra e do ilustre Pandu. E Vidura era livre do desejo e da paixão e familiarizado com as regras de governo, e era o deus da justiça nascido na terra sob a maldição do ilustre Rishi Mandavya. E Krishna-Dwaipayana, quando encontrou sua mãe como antes, informou a ela como havia sido enganado pela mais velha das princesas e como ele tinha gerado um filho em uma mulher Sudra. E tendo falado assim para sua mãe o Rishi desapareceu de sua vista.

Assim nasceram nas esposas de Vichitravirya por meio de Dwaipayana filhos do esplendor de crianças celestes, os propagadores da linhagem Kuru.'

## 107

(Continuação do Sambhava Parva)

Janamejaya disse, 'O que fez o deus da justiça para ser amaldiçoado? E quem era o Brahmana asceta por cuja maldição o deus teve que nascer na casta Sudra?'

Vaisampayana disse, 'Havia um Brahmana conhecido pelo nome de Mandavya. Ele era conhecedor de todos os deveres e era devotado à religião, verdade e

ascetismo. O grande asceta costumava sentar na entrada de seu eremitério ao pé de uma árvore, com seus braços erguidos, na observância do voto de silêncio. E ele se sentou daquela forma por anos a fio, um dia chegaram em seu retiro vários ladrões carregados com o saque. E, ó touro da raça Bharata, aqueles ladrões estavam então sendo perseguidos por um grupo superior de guardiões da paz. Os ladrões, ao entrarem naquele retiro esconderam seus despojos lá, e com medo se esconderam antes que os guardas viessem. Mas eles mal tinham se escondido quando os policiais em perseguição chegaram ao local. Os últimos, vendo o Rishi sentado sob a árvore, o questionaram, ó rei, dizendo, 'Ó melhor dos Brahmanas, qual caminho os ladrões pegaram? Aponte-o para que nós possamos segui-los sem perda de tempo.' Assim questionado pelos protetores da paz o asceta, ó rei, não disse uma palavra, boa ou má, em resposta. Os oficiais do rei, no entanto, entrando no retiro logo descobriram os ladrões lá escondidos junto com o saque. Por isso sua suspeita caiu sobre o Muni, e conseqüentemente eles o apanharam com os ladrões e o levaram perante o rei. O rei o sentenciou a ser executado junto com seus supostos sócios. E os oficiais, agindo em ignorância, executaram a sentença de empalar o célebre Rishi. E tendo-o perfurado, eles foram ao rei com os despojos que tinham recuperado. Mas o Rishi virtuoso, embora ferido e mantido sem comida permaneceu naquele estado moribundo por muito tempo. E o Rishi por meio de seu poder ascético não somente preservou sua vida mas convocou outros Rishis ao local. E eles lá chegaram lá durante a noite na forma de aves, e vendo-o dedicado à meditação ascética embora fixado naquela estaca, imergiram na dor. E dizendo àquele melhor dos Brahmanas quem eles eram eles o questionaram dizendo, 'Ó Brahmana, nós desejamos saber qual foi teu pecado pelo qual tivestes que sofrer assim as torturas da empalação!'

## 108

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Assim perguntado, o tigre entre Munis então respondeu àqueles Rishis de riqueza ascética, 'A quem eu culparei por isto? Realmente, ninguém mais (além de mim mesmo) pecou contra mim!' Depois disto, ó monarca, os oficiais de justiça, vendo-o vivo, informaram o rei disso. O último ouvindo o que eles disseram consultou seus conselheiros, foi ao local e começou a pacificar o Rishi fixado na estaca. E o rei disse, 'Ó tu melhor dos Rishis, eu pequei contra ti em ignorância. Eu suplico a ti que me perdoes por isso. Cabe a ti não te zangares comigo.' Assim endereçado pelo rei o Muni se acalmou. E vendo ele livre de ira o rei o alcançou e se esforçou para extrair a estaca de seu corpo. Mas não tendo êxito nisso ele cortou a parte dela que ficava para fora do corpo. O Muni, com uma parte da estaca dentro de seu corpo, caminhou por lá, e naquele estado praticou as penitências mais austeras e alcançou inúmeras regiões inalcançáveis por outros. E pela particularidade de uma parte da estaca estar dentro do seu corpo ele veio a ser conhecido nos três mundos pelo nome de Ani-Mandavya (Mandavya

com a estaca dentro). E um dia aquele Brahmana conhecedor da mais alta verdade da religião foi à residência do deus da justiça. E vendo o deus lá sentado em seu trono o Rishi o repreendeu e disse, 'Qual, diga-me, por favor, foi a ação pecaminosa praticada por mim inconscientemente pela qual eu estou sofrendo este castigo? Ó, diga-me logo, e veja o poder do meu ascetismo.'

O deus da justiça, assim questionado, respondeu, 'Ó tu de riqueza ascética, um pequeno inseto foi uma vez perfurado por ti em uma folha de grama. Tu sofres agora a consequência daquele ato. Ó Rishi, como uma doação, embora pequena, se multiplica em relação a seus méritos religiosos, assim uma ação pecaminosa se multiplica em relação à dor que vem em sua consequência.' Ao ouvir isto Ani-Mandavya perguntou, 'Ó, digame realmente quando aquela ação foi praticada por mim.' Dito em resposta pelo deus da justiça que ele fez aquilo quando era uma criança, o Rishi disse, 'Não será considerado um pecado aquele que for cometido por uma criança até o décimo segundo ano de sua idade de nascimento. As escrituras não reconhecem isso como pecaminoso. O castigo que tu me infligiste por tal delito perdoável é desproporcional em severidade. O assassinato de um Brahmana envolve um pecado mais pesado do que o assassinato de qualquer outro ser vivo. Tu terás, portanto, ó deus da justiça, que nascer entre os homens na classe Sudra. E deste dia em diante eu estabeleço este limite em relação à consequência das ações: uma ação não será pecaminosa quando cometida abaixo da idade de catorze anos. Mas quando cometida por alguém acima desta idade ela será considerada pecado.'

Vaisampayana continuou, 'Amaldiçoado por causa daquela falha por aquele ilustre Rishi, o deus da justiça teve seu nascimento como Vidura na classe Sudra. E Vidura era versado nas doutrinas de moralidade e também em política e lucro mundanos. E ele era totalmente livre de insensatez e ira. Possuidor de grande presciência e tranquilidade de mente, Vidura era sempre dedicado ao bem-estar dos Kurus.'

## 109

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Após o nascimento daquelas três crianças, Kurujangala, Kurukshetra, e os Kurus cresceram em prosperidade. A terra começou a produzir colheitas abundantes, e as colheitas também eram todas de bom sabor. E as nuvens começaram a derramar chuvas na época certa e as árvores ficaram cheias de frutas e flores. E os gados de carga eram todos felizes e as aves e outros animais se regozijavam bastante. E as flores ficaram fragrantas e as frutas ficaram todas doces; as cidades e vilas se encheram de comerciantes, artesãos, negociantes e artistas de todos os gêneros. E o povo se tornou valente, erudito, honesto e feliz. E então não havia ladrões, nem alguém que fosse pecaminoso. E parecia que a idade de ouro havia chegado a todas as partes do reino. E as pessoas dedicadas a ações virtuosas, sacrifícios e verdade, respeitavam umas às

outras com amor e afeto e cresciam em prosperidade. E livres de orgulho, cólera e insensatez, elas se regozijavam em esportes totalmente inofensivos. E a capital dos Kurus, cheia como o oceano, era uma segunda Amaravati, cheia de centenas de palácios e mansões, e possuindo portões e arcos escuros como as nuvens. E os homens se divertiam em grande alegria constantemente em rios, lagos e tanques, e em bons arvoredos e bosques encantadores. E os Kurus sulistas, em sua rivalidade virtuosa com seus parentes do norte, andavam na companhia de Siddhas e Charanas e Rishis. E por todo aquele país encantador cuja prosperidade foi assim aumentada pelos Kurus, não havia nenhum avaro e nem mulheres viúvas. E os poços e lagos estavam sempre cheios; os arvoredos cheios de árvores, e as casas e residências de Brahmanas eram cheias de riquezas e todo o reino estava cheio de festividades. E, ó rei, virtuosamente governado por Bhishma, o reino estava adornado com centenas de estacas sacrificais. E a roda da virtude sendo posta em movimento por Bhishma, o país se tornou tão contente que os súditos de outros reinos, deixando suas casas, foram morar lá e aumentaram sua população. E os cidadãos e as pessoas estavam cheios de esperança, ao verem as ações juvenis de seus príncipes ilustres. E, ó rei, na casa dos dirigentes Kuru como também dos principais cidadãos, 'dê', 'coma' eram palavras constantemente ouvidas. E Dhritarashtra e Pandu e Vidura de grande inteligência foram desde seus nascimentos educados por Bhishma como se eles fossem seus próprios filhos. E as crianças, tendo passado pelos ritos usuais da sua classe, se dedicaram a votos e estudos. E eles cresceram e se tornaram bons jovens homens hábeis nos Vedas e em todos os esportes atléticos. E eles se tornaram muito hábeis na prática de arco, em equitação, em combates com maça, espada e escudo, na condução de elefantes em batalha, e na ciência de moralidade. Bem letrados em história e nos Puranas e em vários ramos de aprendizagem, e conhecedores das verdades dos Vedas e seus ramos eles adquiriram um conhecimento versátil e profundo. E Pandu, possuidor de grande coragem, superava todos os homens no tiro de arco enquanto Dhritarashtra superava todos em força corporal, enquanto nos três mundos não havia ninguém igual a Vidura em dedicação à virtude e no conhecimento dos ditames de moralidade. E vendo a restauração da extinta linhagem de Santanu, em todos os países se dizia que entre as mães de heróis, as filhas do rei de Kasi eram as principais; que entre os países Kurujangala era o principal; que entre os homens virtuosos Vidura era o principal; que entre as cidades Hastinapura era a principal. Pandu virou rei, pois Dhritarashtra, devido à cegueira, e Vidura, por seu nascimento de uma mulher Sudra, não obtiveram o reino. Um dia Bhishma, o mais importante dos conhecedores dos deveres de um estadista e ditames de moralidade, devidamente se dirigiu a Vidura que conhecia a verdade sobre religião e virtude, e disse o seguinte.'

## 110

(Continuação do Sambhava Parva)

Bhishma disse, 'Esta nossa linhagem célebre, resplandecente com todas as virtudes e realizações, tem soberania sobre todos os outros monarcas da terra. Sua glória foi mantida e perpetuada por muitos monarcas virtuosos e ilustres de antigamente, o ilustre Krishna (Dwaipayana) e Satyavati e eu mesmo temos criado vocês (três), para que a esta linha não seja extinta. Cabe a ti mesmo e a mim também agir de forma que nossa dinastia possa se ampliar outra vez como o mar. Foi ouvido por mim que há três moças dignas de serem aliadas para nossa família. Uma é a filha (de Surasena) da linhagem Yadava; a outra é a filha de Suvala; e a terceira é a princesa de Madra. Ó filho, todas aquelas moças naturalmente têm sangue azul. Possuidoras de beleza e sangue puro, elas são eminentemente adequadas para uma aliança com nossa família. Ó tu principal dos homens inteligentes, eu penso que nós devemos escolhê-las para o crescimento da nossa linhagem. Diga-me o que tu pensas.' Assim endereçado, Vidura respondeu, 'Tu és nosso pai e tu és nossa mãe, também. Tu és nosso respeitado instrutor espiritual. Portanto, faça o que for bom para nós aos teus olhos.'

Vaisampayana continuou, 'Logo depois Bhishma soube por Brahmanas que Gandhari, a filha amável de Suvala, tendo adorado Hara (Siva) obteve da divindade o benefício de ter uma centena de filhos. Bhishma, o avô dos Kurus, tendo ouvido isto enviou mensageiros ao rei de Gandhara. O rei Suvala a princípio hesitou por conta da cegueira do noivo, mas levou em consideração o sangue dos Kurus, sua fama e comportamento, e ele deu sua filha ao virtuoso Dhritarashtra, e a casta Gandhari sabendo que Dhritarashtra era cego e que seus pais tinham consentido em casá-la com ele, por amor e respeito para com seu futuro marido vendou seus próprios olhos. Sakuni, o filho de Suvala, trazendo aos Kurus sua irmã dotada de juventude e beleza, oficialmente a deu para Dhritarashtra. E Gandhari foi recebida com grande respeito e as núpcias foram celebradas com grande pompa sob a direção de Bhishma. E o heróico Sakuni, depois de ter entregado sua irmã junto com muitos mantos valiosos, e de ter recebido as adorações de Bhishma, voltou para sua própria cidade. E, ó tu da linhagem Bharata, a bela Gandhari satisfez todos os Kurus com seu comportamento e atenções respeitadas. E Gandhari, sempre dedicada a seu marido, satisfez seus superiores por sua boa conduta; e como ela era casta, ela nunca se dirigiu nem mesmo por palavras a outros homens além de seu marido ou superiores.'

## 111

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana continuou, 'Havia entre os Yadavas um chefe chamado Sura. Ele era o pai de Vasudeva. E ele tinha uma filha chamada Pritha que era

inigualável em beleza na terra. E, ó tu da linhagem Bharata, Sura, sempre de palavra verdadeira, deu por amizade aquela sua primeira filha para seu primo sem filhos e amigo, o ilustre Kuntibhoja, o filho de sua tia paterna, conforme uma promessa antiga. E Pritha na casa de seu pai adotivo se ocupava em cuidar dos deveres de hospitalidade para com Brahmanas e outros convidados. Uma vez ela satisfez por suas atenções o terrível Brahmana de votos rígidos, que era conhecido pelo nome de Durvasa e que conhecia bem as verdades ocultas de moralidade. Gratificado com suas atenções respeitadas, o sábio, prevendo por meio de seu poder espiritual o futuro (período de) infortúnio (consequente da maldição que seria pronunciada sobre Pandu por seu ato injusto de matar um veado enquanto ele cobria sua parceira) deu a ela uma fórmula de invocação para convocar qualquer um dos celestiais que ela quisesse para lhe gerar filhos. E o Rishi disse, 'Os celestiais que tu convocares por este Mantra certamente se aproximarão de ti e te darão filhos.' Assim endereçada pelo Brahmana, a Kunti amável (Pritha) ficou curiosa, e em sua juventude convocou o deus Arka (Sol). E logo que ela pronunciou o Mantra, ela viu aquela divindade, aquele refulgente contemplador de tudo no mundo, se aproximando dela. E ao ter aquela visão extraordinária, a moça de feições impecáveis ficou surpresa. Mas o deus Vivaswat (sol) se aproximando dela, disse, 'Aqui estou eu, ó menina de olhos negros! Diga-me o que eu devo fazer para ti.'

Ouvindo isso, Kunti disse, 'Ó matador de inimigos, certo Brahmana me deu esta fórmula de invocação como uma bênção, e, ó senhor, eu o convoquei somente para testar sua eficácia. Por esta ofensa eu me curvo a ti. Uma mulher, qualquer que seja seu delito, sempre merece ser perdoada.' Surya (Sol) respondeu, 'Eu sei que foi Durvasa quem te concedeu este benefício. Mas não tema moça tímida, e me conceda teus abraços. Amável, minha vinda não pode ser inútil; eu devo gerar frutos. Tu me convocaste, e se for por nada sem dúvida isso será considerado como transgressão tua.'

Vaisampayana continuou, 'Vivaswat assim falou a ela muitas coisas para acalmar seus medos, mas, ó Bharata, a moça amável, por modéstia e medo de seus parentes, não consentiu em conceder seu pedido. E, ó touro da raça Bharata, Arka endereçou-se a ela outra vez e disse, 'Ó princesa, por minha causa, não será pecaminoso para ti realizar meu desejo.' Assim falando à filha de Kuntibhoja, o ilustre Tapanas, o iluminador do universo, satisfez seu desejo. E daquela ligação imediatamente nasceu um filho conhecido no mundo inteiro como Karna equipado com armadura natural e com rosto iluminado por brincos. E o heróico Karna era o principal de todos os manejadores de armas, abençoado com boa sorte, e dotado da beleza de um filho celeste. E depois do nascimento daquela criança, o ilustre Tapanas concedeu à Pritha sua virgindade e ascendeu para o céu. E a princesa da linhagem Vrishni contemplou com tristeza aquele filho nascido de si, e refletiu atentamente sobre o que seria então o melhor a se fazer. E por medo de seus parentes ela resolveu ocultar aquela evidência de sua tolice. E ela lançou seu filho dotado de grande força física à água. Então o inteligente marido de Radha, da casta Suta, resgatou a criança assim lançada na água, e ele e sua mulher o criaram como se fosse seu próprio filho. E Radha e seu marido

deram a ele o nome de Vasusena (nascido com riqueza) porque ele havia nascido com uma armadura natural e brincos. E dotado como ele era com grande força, quando cresceu, ele se tornou hábil com todas as armas. Possuidor de grande energia, ele costumava adorar o sol até que suas costas fossem aquecidas por seus raios (da alvorada até meio-dia), e durante as horas de culto não havia nada sobre a terra que aquele heróico e inteligente Vasusena não desse aos Brahmanas. E Indra desejoso de beneficiar seu próprio filho Phalguni (Arjuna), assumiu a forma de um Brahmana, e se aproximou de Vasusena em uma ocasião e pediu dele sua armadura natural. Àquele pedido Karna tirou sua armadura natural, e juntando suas mãos em reverência a deu para Indra no disfarce de um Brahmana. E o chefe dos celestiais aceitou o presente e ficou extremamente satisfeito com a generosidade de Karna. Ele, portanto, deu a ele um excelente dardo, dizendo, 'Aquele entre os celestiais, Asuras, homens, Gandharvas, Nagas, e Rakshasas, que tu desejares vencer, será sem dúvida morto por este dardo.'

O filho de Surya era antes conhecido pelo nome de Vasusena. Mas desde que ele cortou sua armadura natural, ele veio a ser chamado de Karna (o cortador ou descascador de sua própria cobertura)'.  
'

## 112

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'A filha de grandes olhos de Kuntibhoja, de nome Pritha, era dotada de beleza e todas as habilidades. De votos rígidos, ela era devotada à virtude e possuidora de todas as boas qualidades. Mas embora dotada com beleza e juventude e todos os atributos femininos, ainda assim nenhum rei havia pedido sua mão. Seu pai Kuntibhoja ao ver isto convidou, ó melhor dos monarcas, os príncipes e reis de outros países e pediu à sua filha para escolher seu marido dentre os convidados. A inteligente Kunti, entrando no anfiteatro, viu Pandu, o principal dos Bharatas, aquele tigre entre reis, naquela multidão de cabeças coroadas. Orgulhoso como o leão, de peito largo, olhos de touro, dotado de grande força, e eclipsando todos os outros monarcas em esplendor, ele parecia com outro Indra naquela assembléia real. A filha amável de Kuntibhoja, de feições impecáveis, contemplando Pandu, aquele melhor dos homens, naquela reunião, ficou muito agitada. E avançando com modéstia, todo o tempo estremeando de emoção, ela colocou a guirlanda nupcial ao redor do pescoço de Pandu. Os outros monarcas, vendo Kunti escolher Pandu como seu marido voltaram para seus respectivos reinos em seus elefantes, cavalos e carros, como eles tinham vindo. Então, ó rei, o pai da noiva realizou devidamente os ritos nupciais. O príncipe Kuru abençoado com grande sorte e a filha de Kuntibhoja formavam um par como Maghavat e Paulomi (o rei e a rainha dos celestiais). E, ó melhor dos monarcas Kuru, o rei Kuntibhoja, depois que as núpcias tinham acabado, presenteou seu genro com muita riqueza e o enviou de volta para sua capital. Então o príncipe Kuru, Pandu, acompanhado por uma grande força militar portando várias espécies

de estandartes e flâmulas, e louvado por Brahmanas e grandes Rishis que pronunciavam bênçãos, alcançou sua capital. E depois de chegar ao seu próprio palácio, ele instalou lá sua rainha.'

## 113

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana continuou, 'Algum tempo depois, Bhishma, o inteligente filho de Santanu, fixou seu coração sobre a idéia de casar Pandu com uma segunda mulher. Acompanhado por um exército composto por quatro tipos de força, e também por idosos conselheiros e Brahmanas e grandes Rishis, ele foi à capital do rei de Madra. E aquele touro dos Valhikas, o rei de Madra, sabendo que Bhishma tinha chegado, saiu para recebê-lo. E tendo-o recebido com respeito, ele o fez entrar em seu palácio. Lá chegando, o rei de Madra ofereceu a Bhishma um tapete branco para sentar-se; água para lavar seus pés, e usuais oblações de vários ingredientes indicativos de respeito. E quando ele estava sentado confortavelmente o rei o questionou acerca da razão de sua visita. Então Bhishma, o mantenedor da dignidade dos Kurus, dirigiu-se ao rei de Madra e disse, 'Ó opressor de todos os inimigos, saiba que eu vim pela mão de uma donzela. Foi sabido por nós que tu tens uma irmã chamada Madri famosa por sua beleza e dotada de todas as virtudes; eu a escolheria para Pandu. Tu és, ó rei, em todos os aspectos digno de uma aliança conosco, e nós também somos dignos de ti. Refletindo sobre tudo isto, ó rei de Madra, aceite-nos devidamente.' O soberano de Madra, assim endereçado por Bhishma, respondeu, 'Para mim não há outra família além da tua com a qual eu possa estabelecer uma aliança. Mas há um costume em nossa família observado por nossos antepassados, que, seja bom ou mau, eu sou incapaz de violar. Ele é bem conhecido, e, portanto tu também conheces, eu não duvido. Portanto, não é apropriado para ti me dizer: 'Entregue tua irmã.' O costume ao qual eu me refiro é nosso costume familiar. Para nós ele é uma virtude e digno de observância. É somente por isso, ó matador de inimigos, que eu não posso te dar qualquer garantia na questão do teu pedido.' Ao ouvi-lo, Bhishma respondeu ao rei de Madra dizendo, 'Ó rei, isto, não há dúvida, é uma virtude. O próprio autocriado uma vez disse isso. Teus antepassados eram observadores de um costume. Não há falha alguma a ser achada nisto. É também bem conhecido, ó Salya, que este costume em relação à dignidade da tua família tem a aprovação dos sábios e dos bons.' Dizendo isto Bhishma de grande energia deu para Salya muito ouro cunhado e não cunhado, e pedras preciosas de várias cores às milhares, e elefantes e cavalos e carros, e muitos tecidos e muitos ornamentos, e jóias e pérolas e corais. E Salya aceitou com o coração alegre aqueles presentes preciosos e então deu sua irmã enfeitada com ornamentos ao touro da raça Kuru. Então o sábio tomou Madri consigo e voltou à capital Kuru que recebeu o nome de elefante.

Então escolhendo um dia e um momento auspiciosos como indicado pelos sábios para a cerimônia, o rei Pandu foi devidamente unido à Madri. E depois que as núpcias haviam acabado, o rei Kuru estabeleceu sua bela noiva em belos apartamentos. E, ó rei de reis, aquele melhor dos monarcas então desfrutou do prazer na companhia de suas duas esposas do modo que desejava e ao limite de seus desejos. E depois que trinta dias tinham passado, o rei Kuru, ó monarca, partiu de sua capital para a conquista do mundo. E depois de saudar e se curvar com reverência a Bhishma e aos outros mais velhos da linhagem Kuru, e dando adeus a Dhritarashtra e aos outros da família, e obtendo sua permissão, ele partiu em sua grande campanha, acompanhado por uma grande força de elefantes, cavalos, e carros, e bem satisfeito com as bênçãos proferidas por toda parte e com os ritos propícios realizados pelos cidadãos para seu sucesso. E Pandu, acompanhado por tal força marchou contra vários inimigos. E aquele tigre entre os homens, aquele espalhador da fama dos Kurus primeiro subjugou as tribos de ladrões de asarna. Em seguida virou seu exército composto de inúmeros elefantes, cavalaria, infantaria, e quadrigários, com estandartes de várias cores contra Dhirga, o soberano do reino de Maghadha que era orgulhoso de sua força, e que pecou contra numerosos monarcas. E atacando-o em sua capital, Pandu lá o matou, e tomou todos os tesouros dele e também veículos e inúmeros animais. Ele então marchou para Mithila e subjugou os Videhas. E então, ó touro entre homens, Pandu conduziu seu exército contra Kasi, Sumbha, e Pundra, e pela força e destreza de seus braços expandiu a fama dos Kurus. E Pandu, aquele opressor de inimigos, como um fogo poderoso cujas chamas de grande alcance eram representadas por suas flechas e esplendor por suas armas, começou a consumir todos os reis que entravam em contato consigo. Estes com suas forças, vencidos por Pandu na liderança de seu exército, foram feitos vassallos dos Kurus. E todos os reis do mundo, assim vencidos por ele, o consideraram como um herói único na terra assim como os celestiais consideram Indra no céu. E os reis da terra com as mãos unidas se curvavam a ele e o serviam com presentes de várias espécies de jóias e riqueza, pedras preciosas e pérolas e corais, e muito ouro e prata, e vacas de primeira classe e cavalos bonitos e excelentes carros e elefantes, e jumentos e camelos e búfalos, e cabras e ovelhas, e cobertores e peles belas, e tecidos feitos de peles. E o rei de Hastinapura aceitando aquelas oferendas retrocedeu seus passos em direção à sua capital, para o grande prazer de seus súditos. E os cidadãos e outros cheios de alegria, e reis e ministros, todos começaram a dizer, 'Ó, a fama das realizações de Santanu, aquele tigre entre reis, e do sábio Bharata, que estavam para morrer, foram revividas por Pandu. Aqueles que antes roubavam territórios e riquezas dos Kurus foram subjugados por Pandu, o tigre de Hastinapura, e tiveram que pagar tributo.' E todos os cidadãos encabeçados por Bhishma saíram para receber o rei vitorioso. Eles não tinham ido muito longe quando viram os servidores do rei carregados com muita riqueza, e a comitiva de vários transportes carregados com todas as espécies de bens, e elefantes, cavalos, carros, vacas, camelos e outros animais, era tão longa que eles não viam seu fim. Então Pandu, vendo Bhishma que era um pai para ele, reverenciou seus pés e saudou os cidadãos e outros como cada um merecia. E Bhishma, também, abraçando Pandu como seu filho que tinha voltado vitorioso depois de subjugar muitos reinos hostis, chorou lágrimas de alegria. E Pandu,

dando alegria ao coração de seu povo com uma fanfarra de trombetas e conchas e timbales, entrou na sua capital.'

## 114

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Pandu, então, por ordem de Dhritarashtra, ofereceu a riqueza que tinha adquirido pela destreza de seus braços para Bhishma, sua avó Satyavati e suas mães. E ele enviou uma parte de sua riqueza para Vidura também. E o virtuoso Pandu gratificou seus outros parentes também com presentes semelhantes. Então Satyavati e Bhishma e os príncipes Kosala ficaram todos satisfeitos com os presentes que Pandu fez das aquisições de sua coragem. E Ambalika em particular, ao abraçar seu filho de valor incomparável, ficou tão contente como a rainha do céu após abraçar Jayanta. E com a riqueza adquirida por aquele herói Dhritarashtra realizou cinco sacrifícios grandiosos que foram iguais a centenas de grandes sacrifícios de cavalos, em todos os quais as oferendas para os Brahmanas foram às centenas e milhares.

Pouco tempo depois, ó touro da raça Bharata, Pandu, que alcançou a vitória sobre a preguiça e letargia, acompanhado por suas duas esposas, Kunti e Madri, se retirou para as florestas. Deixando seu excelente palácio com suas camas luxuosas ele se tornou um habitante permanente das florestas, dedicando todo o seu tempo à caça de veados. E fixando residência em uma região encantadora e montanhosa coberta com enormes árvores sala, no declive sul das montanhas Himavat, ele vagava por lá em perfeita liberdade. O belo Pandu com suas duas esposas vagava naquelas florestas como Airavata acompanhado por duas elefantes fêmeas. E os habitantes daquelas florestas, vendo o heróico príncipe Bharata na companhia de suas esposas, armado com espada, flechas e arco, vestido em sua bela armadura, e habilidoso com todas as armas excelentes, o consideravam como um verdadeiro deus vagando entre eles.

E por ordem de Dhritarashtra pessoas foram ocupadas em abastecer Pandu em seu retiro com todos os objetos de prazer e divertimento.

Enquanto isso o filho de Ganga que vai para o oceano soube que o rei Devaka tinha uma filha dotada com juventude e beleza e gerada em uma mulher Sudra. Trazendo-a da residência de seu pai, Bhishma a casou com Vidura de grande sabedoria. E Vidura gerou nela muitos filhos que eram como ele mesmo em talentos.'

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Enquanto isso, ó Janamejaya, Dhritarashtra gerou em Gandhari cem filhos, e em uma mulher Vaisya outro além daqueles cem. E Pandu teve, com suas duas esposas Kunti e Madri, cinco filhos que eram quadrigários grandiosos e que foram todos gerados pelos celestiais para a perpetuação da linhagem Kuru.'

Janamejaya disse, 'Ó melhor dos Brahmanas, como foi que Gandhari deu à luz a cem filhos e em quantos anos? Quais foram também os períodos de vida distribuídos a cada um? Como Dhritarashtra também gerou outro filho em uma mulher Vaisya? Como Dhritarashtra se comportava com relação à sua amável, obediente, e virtuosa mulher Gandhari? Como também foram gerados os cinco filhos de Pandu, aqueles quadrigários poderosos, embora Pandu estivesse sob a maldição do grande Rishi (que ele matou)? Conte-me tudo isso em detalhes, porque minha sede para ouvir tudo relativo aos meus próprios antepassados não está saciada.'

Vaisampayana disse, 'Um dia Gandhari entreteve com respeitosa atenção o grande Dwaipayana que foi à sua residência, esgotado com fome e fadiga. Satisfeito com a hospitalidade de Gandhari, o Rishi deu a ela o benefício que pedisse, e este foi de que ela tivesse uma centena de filhos, cada um igual a seu marido em força e talentos. Algum tempo depois Gandhari concebeu e ela suportou a carga em seu útero por dois longos anos sem ser liberta. E ela estava imensamente aflita por isto. Foi então que ela soube que Kunti tinha dado à luz a um filho cujo esplendor era como o sol da manhã. Impaciente por seu período de gestação ter se prolongado tanto e privada da razão pela dor, ela bateu em seu útero com grande violência sem o conhecimento de seu marido. E nisso saiu de seu útero, depois de dois anos de crescimento, uma massa de carne dura como uma bola de ferro. Quando ela estava para jogá-la fora, Dwaipayana, sabendo de tudo por meio de seus poderes espirituais, prontamente chegou lá, e aquele principal dentre os ascetas viu aquela bola de carne, e se dirigiu à filha de Suvala dessa forma, 'O que tu fizeste?' Gandhari, sem se esforçar para disfarçar seus sentimentos, endereçou-se ao Rishi e disse, 'Tendo ouvido que Kunti deu à luz a um filho como Surya em esplendor, pela dor eu bati no meu útero. Tu, ó Rishi, me concedeste a bênção de que eu teria cem filhos, mas aqui há somente uma bola de carne em vez daqueles cem filhos!' Vyasa então disse, 'Filha de Suvala, é assim mesmo. Minha palavras nunca são inúteis. Eu não falaria uma inverdade nem mesmo de brincadeira. Eu não preciso falar de outras ocasiões. Que cem recipientes cheios de manteiga clarificada sejam trazidos imediatamente, e que eles sejam colocados em um local oculto. Enquanto isso, que água fria seja borrifada sobre esta bola de carne.'

Vaisampayana continuou, 'Aquela bola de carne então, borrifada com água, com o tempo se dividiu em cento e uma partes, cada parte tendo mais ou menos o tamanho de um polegar. Elas foram então colocadas naqueles recipientes cheios

de manteiga clarificada que estavam em um local oculto e foram olhadas com cuidado. O ilustre Vyasa então disse à filha de Suvala que ela deveria abrir as coberturas dos recipientes depois de dois anos completos. E tendo dito e feito estes arranjos, o sábio Dwaipayana foi às montanhas de Himavat para se dedicar ao ascetismo.

Então na hora o rei Duryodhana nasceu de entre aqueles pedaços da bola de carne que tinham sido depositados naqueles recipientes. Segundo a ordem de nascimento, o rei Yudhishthira era o mais velho. As notícias do nascimento de Duryodhana chegaram até Bhishma e ao sábio Vidura. O dia no qual o soberbo Duryodhana nasceu foi também o dia do nascimento de Bhima de braços poderosos e grande bravura.

Logo que Duryodhana nasceu ele começou a gritar e zurrar como um asno. E ao ouvir aquele som, os asnos, urubus, chacais e corvos proferiram seus respectivos gritos em resposta. Ventos violentos começaram a soprar, e havia fogos em várias direções. Então o rei Dhritarashtra com grande medo, convocando Bhishma e Vidura e outros benquerentes e todos os Kurus, e numerosos Brahmanas, se dirigiu a eles e disse, 'O mais velho destes príncipes, Yudhishthira, é o perpetuador da nossa linhagem. Em virtude do seu nascimento ele adquiriu o reino. Nós não temos nada a dizer a isso. Mas este meu filho nascido depois dele se tornará rei? Digam-me realmente o que é bom e correto sob estas circunstâncias.' Logo que estas palavras foram faladas, ó Bharata, chacais e outros animais carnívoros começaram a uivar ameaçadoramente. E notando aqueles presságios terríveis por toda parte os Brahmanas reunidos e o sábio Vidura responderam, 'Ó rei, ó touro entre homens, quando estes terríveis presságios são evidentes no nascimento do teu filho mais velho, é evidente que ele será o exterminador da tua linhagem. A prosperidade de todos depende do abandono dele. Haverá uma calamidade se ele for mantido. Ó rei, se tu o abandonares, ainda restarão teus noventa e nove filhos. Se tu desejas o bem da tua família, abandone-o, ó Bharata! Ó rei, faça o bem para o mundo e para tua própria linhagem ao rejeitares este teu filho. É dito que um indivíduo deve ser rejeitado pelo bem da família; que uma família deve ser rejeitada pelo bem de uma aldeia; uma aldeia abandonada pelo bem do país; e que a própria terra pode ser abandonada pelo bem da alma.' Quando Vidura e aqueles Brahmanas tinham declarado isto, o rei Dhritarashtra por afeição por seu filho não teve coração para seguir aquele conselho. Então, ó rei, dentro de um mês nasceram todos os cem filhos de Dhritarashtra e uma filha também além daqueles cem. E durante o período em que Gandhari estava no estado de gravidez avançada tinha uma empregada da classe Vaisya que costumava servir Dhritarashtra. Durante aquele ano, ó rei, foi gerado nela pelo ilustre Dhritarashtra um filho dotado de grande inteligência que foi depois chamado de Yuyutsu. E porque ele foi gerado por um Kshatriya em uma mulher Vaisya ele veio a ser chamado de Karna.

Desse modo nasceram para o sábio Dhritarashtra os cem filhos que foram todos heróis e poderosos combatentes em carruagens, e uma filha além daqueles cem, e outro filho, Yuyutsu, de grande energia e destreza gerado em uma mulher Vaisya.'

(Continuação do Sambhava Parva)

Janamejaya disse, 'Ó impecável, tu narraste para mim desde o início tudo acerca do nascimento dos cem filhos de Dhritarashtra devido à bênção concedida pelo Rishi. Mas tu não me disseste até agora quaisquer detalhes acerca do nascimento da filha. Tu simplesmente disseste que além dos cem filhos havia outro filho de nome Yuyutsu gerado em uma mulher Vaisya, e uma filha. O grande Rishi Vyasa de energia imensurável disse à filha do rei de Gandhara que ela seria mãe de cem filhos. Ilustre, como então tu disseste que Gandhari teve uma filha além de seus cem filhos? Se a bola de carne foi dividida pelo grande Rishi somente em uma centena de partes, e se Gandhari não concebeu em qualquer outra ocasião, como foi então que Duhsala nasceu? Diga-me isto, ó Rishi! É grande a minha curiosidade.'

Vaisampayana disse, 'Ó descendente dos Pandavas, tua pergunta é justa, e eu te direi como aconteceu. O próprio grande e ilustre e Rishi, por borrfar água por cima daquela bola de carne começou a dividi-la em partes. E enquanto ela estava sendo dividida em partes a enfermeira começou a pegá-las e colocá-las uma a uma nos recipientes cheios de manteiga clarificada. Enquanto este processo estava ocorrendo, a bela e casta Gandhari de votos rígidos, imaginando a afeição que uma mãe sente por uma filha, começou a pensar consigo mesma, 'Não há dúvida que eu terei cem filhos com o Muni tendo dito isso. Não pode ser de outra maneira. Mas eu seria muito feliz se uma filha mais nova nascesse de mim além destes cem filhos. Meu marido então poderia alcançar aqueles mundos que a posse dos filhos de uma filha concedem. Além disso, o afeto que as mulheres sentem por seus genros é grande. Se, portanto, eu obtenho uma filha além dos meus cem filhos, então, cercada por filhos e filhas da filha, eu poderei me sentir supremamente abençoada. Se eu sempre pratiquei austeridades ascéticas, se eu tenho sempre dado alguma coisa em caridade, se eu alguma vez realizei o homa (através de Brahmanas), se eu sempre satisfiz meus superiores com atenções respeitadas, então que uma filha nasça para mim.' Tudo isso enquanto aquele ilustre e melhor dos Rishis, o próprio Krishna-Dwaipayana estava dividindo a bola de carne; e contando as cem partes, então ele disse à filha de Suvala, 'Aqui estão os teus cem filhos. Eu não te falei nenhuma mentira. Aqui, no entanto, está uma parte em excesso além dos cem, planejada para te dar um filho de uma filha. Esta parte se desenvolverá em uma amável e afortunada filha, como tu desejas.' Então aquele grande asceta trouxe outro recipiente cheio de manteiga clarificada, e nele pôs a parte destinada a ser uma filha.

Assim eu, ó Bharata, narrei para ti tudo acerca do nascimento de Duhsala. Diga-me, ó impecável, o que mais eu devo narrar.'

## 117

(Continuação do Sambhava Parva)

Janamejaya disse, 'Por favor, recite os nomes dos filhos de Dhritarashtra segundo a ordem de seu nascimento.'

Vaisampayana disse, 'Seus nomes, ó rei, segundo a ordem de nascimento, são: Duryodhana, Yuyutsu, Duhsasana, Duhsaha, Duhsala, Jalasandha, Sama, Saha, Vinda e Anuvinda, Durdharsha, Suvahu, Dushpradharshana, Durmarshana e Durmukha, Dushkarna, e Karna; Vivinsati e Vikarna, Sala, Satwa, Sulochana, Chitra e Upachitra, Chitraksha, Charuchitra, Sarasana, Durmada e Durvigaha, Vivitsu, Vikatanana; Urnanabha e Sunabha, então Nandaka e Upanandaka; Chitravana, Chitravarman, Suvarman, Durvimochana; Ayovahu, Mahavahu, Chitranga, Chitrakundala, Bhimavega, Bhimavala, Balaki, Balavardhana, Ugrayudha; Bhima, Karna, Kanakaya, Dridhayudha, Dridhavarman, Dridhakshatra, Somakriti, Anudara; Dridhasandha, Jarasandha, Satyasandha, Sada, Suvak, Ugrasravas, Ugrasena, Senani, Dushparajaya, Aparajita, Kundasayin, Visalaksha, Duradhara; Dridhahasta, Suhasta, Vatavega, e Suvarchas; Adityaketu, Vahvashin, Nagadatta, Agrayayin; Kavachin, Krathana, Kunda, Kundadhara, Dhanurdhara; os heróis, Ugra e Bhimaratha, Viravahu, Alolupa; Abhaya, e Raudrakarman, e Dridharatha; Anadhrishya, Kundabhedin, Viravi, Dhirghalochana Pramatha, e Pramathi e o poderoso Dhirgharoma; Dirghavahu, Mahavahu, Vyudhoru, Kanakadhvaja; Kundasi e Virajas. Além destes cem filhos, havia uma filha chamada Duhsala. Todos eles eram heróis e Atirathas, e muito hábeis em guerra. Todos eles eram instruídos nos Vedas, e em todos os tipos de armas. E, ó rei, (quando chegou o momento) esposas dignas foram escolhidas para todos por Dhritarashtra depois de exame apropriado. E o rei Dhritarashtra, ó monarca, também entregou Duhsala, no tempo apropriado e com os ritos apropriados, para Jayadratha (o rei de Sindhu).'

## 118

(Continuação do Sambhava Parva)

Janamejaya disse, 'Ó proferidor de Brahma, tu recitaste (tudo acerca do) nascimento extraordinário entre os homens, dos filhos de Dhritarashtra em consequência da graça do Rishi. Tu também disseste quais eram seus nomes, segundo a ordem do seu nascimento. Ó Brahmana, eu ouvi tudo isto de ti. Mas me conte agora tudo sobre os Pandavas. Enquanto narravas as encarnações sobre a

terra dos celestiais, Asuras, e seres de outras classes, tu disseste que os Pandavas eram todos ilustres e dotados com a destreza dos deuses, e que eles eram porções encarnadas dos próprios celestiais. Eu desejo, portanto, ouvir tudo acerca daqueles seres de realizações extraordinárias começando do momento de seu nascimento. Ó Vaisampayana, recite suas realizações.'

Vaisampayana disse, 'Ó rei, um dia Pandu, enquanto vagando pelas florestas (na parte sul de Himavat) cheias de veados e animais selvagens de disposição feroz, viu um veado grande, que parecia ser o líder de um rebanho, cobrindo sua parceira. Vendo os animais, o monarca perfurou ambos com cinco de suas flechas afiadas e rápidas com penas douradas. Ó monarca, não era um veado que Pandu havia abatido, mas o filho de um Rishi de grande mérito ascético que estava desfrutando de sua parceira na forma de um veado. Perfurado por Pandu, enquanto engajado no ato sexual, ele caiu à terra, proferindo gritos que eram de um homem e começou a chorar amargamente.

O veado então se endereçou a Pandu e disse, 'Ó rei, mesmo homens que são escravos da luxúria e cólera, e destituídos de razão, e sempre pecaminosos, nunca cometem um ato cruel como este. O julgamento individual não prevalece contra a ordenança, a ordenança prevalece contra o juízo individual. Os sábios nunca sancionam qualquer coisa desaprovada pela ordenança. Tu nasceste, ó Bharata, em uma linhagem que sempre foi virtuosa. Como, portanto, tu foste dominado por paixão e cólera e perdeste tua razão?' Ouvindo isso Pandu respondeu, 'Ó veado, os reis se comportam na questão de matar animais da tua espécie exatamente como eles fazem na questão de matar os inimigos. Não cabe a ti, portanto, me reprovar assim por ignorância. Animais da tua espécie são mortos por meios abertos ou velados. Esta, de fato, é a prática dos reis. Então por que tu me reprovas? Antigamente, o Rishi Agastya, enquanto dedicado à realização de um grande sacrifício, perseguiu veados, e consagrou todos os veados da floresta aos deuses em geral. Tu foste morto conforme a prática sancionada por tal precedente. Porque nos reprova então? Para seus sacrifícios especiais Agastya realizou o homa com gordura de veado.'

O veado então disse, 'Ó rei, homens não fazem suas setas voarem em seus inimigos quando os últimos estão despreparados. Mas há uma hora para fazer isto (depois da declaração de hostilidades). Matança em tal hora não é censurável.'

Pandu respondeu, 'É bem conhecido que homens matam veados por vários meios eficazes sem considerar se os animais têm cuidado ou estão descuidados. Portanto, ó veado, por que tu me criticas?'

O veado então disse, 'Ó rei, eu não te culpei por ter matado um veado, ou pela ferida que fizeste a mim. Mas, em vez de agires tão cruelmente, tu deverias ter esperado até a conclusão do meu ato sexual. Que homem de sabedoria e virtude poderia matar um veado enquanto dedicado a tal ato? A hora da relação sexual é agradável para todas as criaturas e produtiva do bem de todos. Ó rei, com minha parceira eu estava dedicado à satisfação do meu desejo sexual. Mas aquele meu esforço foi tornado infrutífero por ti. Ó rei dos Kurus, como és nascido na linhagem

dos Pauravas famosa por atos brancos (virtuosos), tal ação raramente seria digna de ti. Ó Bharata, tal ato deve ser considerado como extremamente cruel, merecedor de ódio universal, infame, e pecaminoso, e sem dúvida leva ao inferno. Tu conheces os prazeres da relação sexual. Tu conheces também o ensino sobre moralidade e ditames do dever. Parecido com um celestial como és, não caberia a ti fazer tal ato que leva ao inferno. Ó melhor dos reis, teu dever é castigar todos os que agem cruelmente, que são dedicados a práticas pecaminosas e que têm jogado aos ventos a religião, lucro, e prazer como explicados nas escrituras. O que tu fizeste, ó melhor dos homens, ao assassinares a mim que não te ofendi de forma alguma? Eu sou, ó rei, um Muni que vive de frutas e raízes, embora disfarçado como um veado. Eu estava vivendo nas florestas em paz com todos. Ainda assim tu me mataste, ó rei, e por isto eu certamente te amaldiçoarei. Como tu foste cruel com um casal de sexos opostos, a morte certamente te alcançará tão logo sintas a influência do desejo sexual. Eu sou um Muni chamado Kindama, possuidor de mérito ascético. Eu estava dedicado à relação sexual com este veado, porque meus sentimentos de modéstia não me permitiram me entregar a tal ação na sociedade humana. Na forma de um veado eu vaguei nas florestas profundas na companhia de outro veado. Tu me mataste sem saber que eu sou um Brahmana, portanto, que o pecado de ter matado um Brahmana não caia sobre ti. Mas, homem insensato, como me mataste, disfarçado como um veado, em tal hora, teu destino certamente será como o meu. Quando, te aproximando de tua mulher lascivamente tu te unires com ela como eu estava fazendo com a minha, neste estado tu irás para o mundo dos espíritos. E a mulher com a qual estiveres te unindo na hora da tua morte também te seguirá com afeto e reverência aos domínios do rei dos mortos. Tu me trouxeste dor enquanto eu estava feliz. Assim a dor virá para ti quando tu estiveres em tal felicidade.'

Vaisampayana continuou, 'Assim dizendo, aquele veado, afligido pela dor deixou o corpo; e ao ver isto Pandu também mergulhou na dor.'

## 119

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Depois da morte daquele veado o rei Pandu com suas esposas ficou profundamente aflito e chorou amargamente. E ele exclamou, 'Os maus, mesmo nascendo em famílias virtuosas, iludidos por suas próprias paixões, são subjugados pela miséria como o fruto de seus próprios atos. Eu soube que meu pai, embora gerado por Santanu de alma virtuosa, morreu enquanto ainda era um jovem, somente porque ele tinha virado um escravo de sua luxúria. Nas esposas daquele rei lascivo, o próprio Rishi ilustre Krishna-Dwaipayana, de palavra sincera, me gerou. Embora eu seja filho de tal ser, com meu coração perverso apegado ao vício, eu estou ainda levando a vida perambulando nas florestas à caça de veados. Oh, os deuses me abandonaram! Eu procurarei a salvação agora. Os grandes obstáculos para a salvação são o desejo de gerar

filhos e outros assuntos do mundo. Eu agora adotarei o modo de vida Brahmacharya e seguirei o imperecível rastro de meu pai. Eu certamente trarei minhas paixões sob controle completo por meio de penitências ascéticas severas. Abandonando minhas esposas e outros parentes e raspando minha cabeça, eu vagarei só sobre a terra, pedindo esmolas para minha subsistência à cada uma destas árvores que estão aqui. Abandonando todo objeto de afeto e aversão, e cobrindo meu corpo com poeira, eu farei das árvores ou do deserto minha casa. Eu nunca me renderei à influência da tristeza ou da alegria, e eu considerarei calúnias e elogios à mesma luz. Eu não procurarei bênçãos ou reverências. Eu estarei em paz com tudo, e não aceitarei presentes. Eu não zombarei de ninguém, nem franzirei minha testa a ninguém, mas sempre estarei alegre e dedicado ao bem de todas as criaturas. Eu não farei mal a nenhuma das quatro ordens de vida dotadas com poder de locomoção ou não, criaturas ovíparas e vivíparas e vermes e vegetais. Mas ao contrário, preservarei uma igualdade de comportamento favorável a todos, como se eles fossem meus próprios filhos. Uma vez por dia eu mendigarei de cinco ou dez famílias no máximo, e se eu não conseguir obter esmolas eu então ficarei sem comida. Eu preferirei me limitar a mendigar mais que uma vez da mesma pessoa. Se eu não obtiver nada depois de completar minha ronda por sete ou dez casas, movido pela cobiça, eu não aumentarei minha ronda. Se eu obtiver ou fracassar em obter esmolas eu ficarei igualmente inalterado como um grande asceta. Alguém que corte meu braço com uma machadinha, e alguém que unte outro braço meu com pasta de sândalo, serão igualmente considerados por mim. Eu não desejarei prosperidade para um e miséria ao outro. Eu não estarei satisfeito com a vida ou descontente com a morte. Eu não desejarei viver nem morrer. Lavando meu coração de todos os pecados, eu certamente transcenderei aqueles ritos sagrados produtivos de felicidade que alguns homens realizam em momentos, dias, e períodos propícios. Eu também me absterei de todas as ações de religião e lucro e também daquelas que levam à satisfação dos sentidos. Livre de todos os pecados e armadilhas do mundo, eu serei como o vento sujeito à ninguém. Seguindo o caminho do destemor e me mantendo neste caminho eu finalmente depositarei minha vida. Desprovido do poder de gerar filhos, firmemente aderindo à linha do dever eu sem dúvida não me desviarei dele para trilhar o vil caminho do mundo que é tão cheio de misérias. Se respeitado ou desrespeitado no mundo o homem que por cobiça lança a outros um olhar pedinte certamente se comporta como um cachorro. (Destituído como eu estou do poder de procriação, eu certamente, por desejo de prole, não pedirei a outros que me dêem filhos)'.

Vaisampayana continuou, 'Ó rei, tendo assim lamentado em tristeza, com um suspiro ele olhou suas duas esposas Kunti e Madri, e se dirigindo a elas, disse 'Que a princesa de Kosala (minha mãe), Vidura, o rei com nossos amigos, a venerável Satyavati, Bhishma, os sacerdotes da nossa família, Brahmanas ilustres bebedores de Soma de votos rígidos e todos os cidadãos idosos que dependem de nós sejam informados, depois de serem preparados para isto, que Pandu se retirou para as florestas para levar uma vida de ascetismo.' Ouvindo estas palavras de seu marido que tinha estabelecido em seu coração ter uma vida de ascetismo nas florestas, Kunti e Madri se dirigiram a ele nestas palavras

apropriadas, 'Ó touro da raça Bharata, há muitos outros modos de vida que tu podes adotar e nos quais tu podes sofrer as penitências mais severas em nossa companhia, tuas esposas, nos quais para a salvação do teu corpo (libertação do renascimento), tu podes obter o céu. Nós também, na companhia do nosso marido, e para seu benefício, controlando nossas paixões e dando adeus a todas as luxúrias, nos submeteremos às mais severas austeridades. Ó rei, ó tu de grande sabedoria, se tu nos abandonares, nós então nesse mesmo dia realmente partiremos deste mundo.'

Pandu respondeu, 'Se, de fato, é esta sua resolução pela virtude, então com vocês eu seguirei o imperecível caminho dos meus pais. Abandonando as luxúrias das cidades e vilas, vestido em cascas de árvores, e vivendo de frutas e raízes, eu vagarei em florestas profundas, praticando penitências severas. Banhando-me de manhã e à noite, eu realizarei o homa. Eu reduzirei meu corpo por comer muito escassamente e vestirei trapos e peles e terei cabelos nodosos em minha cabeça. Expondo-me ao calor e ao frio e desconsiderando a fome e sede, eu reduzirei meu corpo com severas penitências ascéticas, eu viverei em solidão e contemplação; eu comerei as frutas, maduras ou verdes, que eu possa achar. Eu oferecerei oblações aos Pitris (espíritos dos mortos) e aos deuses com palavras, água e com as frutas da selva. Eu não verei, muito menos ferirei qualquer um dos habitantes das florestas, ou qualquer dos meus parentes, ou qualquer dos residentes das cidades e vilas. Até eu deixar este corpo, eu assim praticarei as severas ordenanças das escrituras Vanaprastha, sempre procurando pelas mais severas que elas possam conter.'

Vaisampayana continuou, 'O rei Kuru, tendo dito isso para suas esposas, deu aos Brahmanas a grande jóia de sua coroa, seu precioso colar de ouro, suas pulseiras, seus grandes brincos, seus mantos valiosos e todos os ornamentos de suas esposas. Então ao convocar seus servidores ele os comandou dizendo, 'Voltem para Hastinapura e proclamem a todos que Pandu com suas esposas entrou nas florestas, deixando riqueza, desejo, felicidade, e apetite sexual.' Então aqueles seguidores e servidores, ouvindo estas e outras palavras suaves do rei, lamentaram, proferindo, 'Oh, nós estamos arruinados!' Então com lágrimas quentes caindo em seus rostos eles deixaram o monarca e voltaram para Hastinapura com rapidez levando aquela riqueza com eles (para ser distribuída em caridade). Então Dhritarashtra, aquele principal dos homens, ouvindo então deles tudo o que tinha acontecido nas florestas, chorou por seu irmão. Ele meditava constantemente a respeito da sua aflição, pouco desfrutando do conforto de camas e assentos e pratos.

Enquanto isso, o príncipe Kuru Pandu (depois de mandar seus criados embora), acompanhado por suas duas esposas e comendo frutas e raízes foi às montanhas de Nagasata. Ele em seguida foi para Chaitraratha, e então cruzou o Kalakuta, e finalmente, cruzando o Himavat, ele chegou a Gandhamadana. Protegido por Mahabhutas, Siddhas, e grandes Rishis, Pandu vivia, ó rei, às vezes em terra plana e às vezes em ladeiras de montanhas. Ele então viajou pelo lago de Indradyumna, daí cruzando as montanhas de Hansakuta, ele foi à montanha dos cem cumes (Sata-sringa) e lá continuou a praticar austeridades ascéticas.'

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Pandu, possuidor de grande energia, então se dedicou ao ascetismo. Em pouco tempo ele se tornou o favorito de todos os Siddhas e Charanas que lá residiam. E, ó Bharata, dedicado ao serviço de seus mestres espirituais, livre de vaidade, com a mente sob controle completo e a paixão completamente subjugada, o príncipe, se tornando apto para entrar no céu por sua própria energia, alcançou grande destreza (ascética). Alguns dos rishis o chamavam de irmão, alguns de amigo, enquanto outros o apreciavam como seu filho. E, ó touro da raça Bharata, tendo adquirido depois de muito tempo grande mérito ascético unido com total celibato, Pandu se tornou como um Brahmarshi (embora fosse um Kshatriya por nascimento).

Certo dia da lua nova, os grandes Rishis de votos rígidos se reuniram, e desejosos de ver Brahman estavam a ponto de começar sua expedição. Ao vê-los, Pandu questionou os ascetas, dizendo, 'Ó principais dentre os homens eloquentes, aonde nós iremos?' Os Rishis responderam, 'Haverá hoje uma grandiosa reunião, na residência de Brahman, dos celestiais, Rishis e Pitris. Desejosos de contemplar o Autocriado nós iremos lá hoje.'

Vaisampayana continuou, 'Ouvindo isso, Pandu ergueu-se de repente, desejoso de visitar o céu junto com os grandes Rishis. Acompanhado por suas duas esposas, quando ele estava a ponto de seguir os Rishis na direção norte da montanha de cem cumes, aqueles ascetas endereçaram-se a ele dizendo, 'Em nossa marcha em direção ao norte, enquanto gradualmente subíamos o rei das montanhas, nós vimos em seu leito encantador muitas regiões inacessíveis para mortais comuns; retiros também dos deuses, e Gandharvas e Apsaras, com mansões suntuosas às centenas, agrupadas em volta e ressoando com as doces notas da música celestial, os jardins de Kuvera projetados sobre solos nivelados e não nivelados, margens de poderosos rios, e cavernas profundas. Há muitas regiões também naquelas alturas cobertas com neve perpétua e completamente desprovidas de existência vegetal e animal. Em alguns lugares a chuva cai tão pesadamente que eles são totalmente inacessíveis e incapazes de serem utilizados para habitação. Sem falar de outros animais, nem criaturas aladas podem atravessá-los. A coisa única que pode ir há é o ar, e os únicos seres, Siddhas e grandes Rishis. Como estas princesas subirão até aquelas alturas do rei das montanhas? Desacostumadas à dor, elas não cairão em aflição? Portanto, não venha conosco, ó touro da raça Bharata!'

Pandu respondeu, 'Ó afortunados, é dito que para aquele que não tem filhos não há admissão no céu. Eu não tenho filhos! Em aflição eu falo a vocês! Eu estou

afliço porque eu não posso pagar a dívida que tenho com meus antepassados. É certo que com a dissolução deste meu corpo meus antepassados perecerão! Os homens nascem nesta terra com quatro dívidas: aquela com os antepassados (falecidos), os deuses, os Rishis, e outros homens. Em justiça estas devem ser pagas. Os sábios declararam que as regiões de felicidade não existem para aqueles que se omitem do pagamento destas dívidas no tempo devido. Os deuses são pagos (gratificados) por meio de sacrifícios, os Rishis, por estudo, meditação, e ascetismo, os (falecidos) antepassados, pela geração de filhos e oferenda do bolo fúnebre, e, por fim, outros homens por levar uma vida humana e inofensiva. Eu justamente cumpri minhas obrigações com os Rishis, os deuses, e outros homens. Mas aqueles outros além destes três certamente perecerão com a dissolução do meu corpo! Ó ascetas, eu ainda não estou livre da dívida que tenho para com meus antepassados. Os melhores dos homens nascem neste mundo para gerar filhos e pagar aquela dívida. Eu pergunto a vocês, filhos poderiam ser gerados em meu solo (em minhas esposas) como eu mesmo fui gerado no solo de meu pai pelo Rishi eminente?'

Os Rishis disseram, 'Ó rei de alma virtuosa, haverá progênie em fartura para ti, que és impecável e afortunado como os deuses. Nós vemos tudo isso com nossa visão profética. Portanto, ó tigre entre homens, realize por tuas próprias ações o que o destino designa. Homens de inteligência, agindo com deliberação, sempre obtêm bons resultados; cabe a ti, portanto, ó rei, te empenhares para isto. Os frutos que tu obterás são claramente visíveis. Tu realmente obterás progênie ilustre e agradável.'

Vaisampayana continuou, 'Ouvindo estas palavras dos ascetas, Pandu se lembrou da perda de seus poderes de procriação devido à maldição do veado, e começou a refletir profundamente. E chamando sua excelente esposa Kunti, ele disse a ela em particular, 'Esforce-te para gerar prole nessa época de infortúnio. Os sábios intérpretes da religião eterna declaram que um filho, ó Kunti, é a causa de fama virtuosa nos três mundos. É dito que sacrifícios, presentes caritativos, penitências ascéticas, e votos cumpridos cuidadosamente não dão mérito religioso a um homem sem filhos. Ó tu de doce sorriso, sabendo de tudo isso, eu estou certo de que não poderei ter filhos, e não alcançarei as regiões de felicidade verdadeira. Ó tímida, vil como eu fui e viciado em atos cruéis, como uma consequência da vida poluída que levei, meu poder de procriação foi destruído pela maldição do veado. Os institutos religiosos mencionam seis tipos de filhos que são herdeiros e parentes, e seis outros tipos que não são herdeiros, mas parentes. Eu falarei deles. Ó Pritha, me escutes. Eles são: 1º, o filho gerado pelo próprio homem em sua esposa; 2º, o filho gerado na esposa por uma pessoa ilustre por motivos de bondade; 3º, o filho gerado em uma esposa por uma pessoa por considerações financeiras; 4º, o filho gerado na esposa depois da morte do marido; 5º, o filho nascido de uma donzela; 6º, o filho nascido de uma esposa incasta; 7º, o filho dado; 8º, o filho comprado por um pagamento; 9º, o filho autodado; 10º, o filho recebido com uma noiva grávida; 11º, o filho do irmão; e 12º, o filho gerado em uma mulher de casta inferior. No fracasso de prole de uma classe mais importante, a mãe deve desejar ter prole da classe seguinte. Em

tempos de infortúnio homens solicitam progênie de irmãos mais novos ilustres. O autonascido Manu disse que os homens que falham em ter prole legítima podem ter filhos gerados em suas esposas por outros, pois filhos concedem o mais elevado mérito religioso. Portanto, ó Kunti, sendo eu mesmo desprovido do poder de procriação, eu te ordeno criar boa prole através de uma pessoa que seja igual ou superior a mim. Ó Kunti, escute a história da filha de Saradandayana que foi mandada criar progênie por seu marido. Aquela dama guerreira, quando sua época mensal chegou, se banhou devidamente e durante a noite saiu e esperou em um local onde quatro estradas se encontravam. Ela não esperou muito tempo quando um Brahmana coroadado com êxito ascético foi lá. A filha de Saradandayana pediu prole a ele. Depois de despejar libações de manteiga clarificada no fogo (na realização do sacrifício conhecido pelo nome de Punsavana) ela deu à luz a três filhos que eram poderosos guerreiros em carros e dos quais Durjaya foi o mais velho, gerado nela por aquele Brahmana. Ó afortunada, siga o exemplo daquela dama guerreira por minha ordem, e crie rapidamente descendentes da semente de um Brahmana de mérito ascético elevado.'

## 121

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Assim, Kunti respondeu a seu marido heróico, o rei Pandu, aquele touro entre os Kurus, dizendo, 'Ó virtuoso, não cabe a ti me falar desta maneira. Eu sou, ó tu de olhos de lótus, tua esposa muito dedicada a ti. Ó Bharata de braços poderosos, tu mesmo deverás, em virtude, gerar em mim filhos dotados com grande energia. Então eu ascenderei para o céu contigo; ó príncipe da linhagem Kuru, receba-me em teus braços para gerar filhos. Eu não aceitarei nem mesmo em imaginação outro homem qualquer exceto tu em meus braços. Que outro homem há neste mundo que seja superior a ti? Ó virtuoso, escute esta narrativa Paurânica que foi, ó tu de olhos grandes, ouvida por mim, e que eu agora narrarei.

Havia, nos tempos antigos, um rei na linhagem de Puru, conhecido pelo nome de Vyushitaswa. Ele era devotado à verdade e virtude. De alma virtuosa e braços poderosos, em uma ocasião, enquanto ele estava realizando um sacrifício, os deuses com Indra e os grandes Rishis foram a ele, e Indra estava tão embriagado com o suco Soma que bebeu e os Brahmanas com os grandes presentes que receberam, que o deus e os grandes Rishis começaram eles mesmos a realizar tudo concernente àquele sacrifício do sábio real ilustre. Então Vyushitaswa começou a brilhar sobre todos os homens como o Sol aparecendo com duplo esplendor depois da estação de frio ter acabado. E o poderoso Vyushitaswa, que era dotado da força de dez elefantes logo realizou o sacrifício de cavalos, derrotando, ó melhor dos monarcas, todos os reis do leste, do norte, do oeste e do sul, e exigiu tributos deles todos. Há uma frase, ó melhor dos Kurus, que é cantada por todos os narradores dos Puranas, com relação àquele principal de

todos os homens, o ilustre Vyushitaswa: 'Tendo conquistado toda a Terra até a costa, Vyushitaswa protegeu todas as classes de seus súditos como um pai faz com seus próprios filhos gerados de si mesmo.' Realizando muitos grandiosos sacrifícios ele deu muita riqueza aos Brahmanas. Depois de juntar jóias e pedras preciosas ilimitadas ele fez planos para realizar sacrifícios ainda maiores. E ele realizou também o Agnishtoma e outros sacrifícios Védicos especiais, extraindo grandes quantidades de suco Soma. E, ó rei, Vyushitaswa tinha como sua querida esposa, Bhadra, a filha de Kakshivat, sem igual em beleza sobre a terra. E é sabido por nós que eles se amavam profundamente. O rei Vyushitaswa raramente estava separado de sua mulher. Excesso sexual, no entanto, causou-lhe um ataque de tísica e o rei morreu dentro de poucos dias, afundando como o Sol em sua glória. Então Bhadra, sua bela rainha, estava mergulhada na dor, e como ela não tinha filhos, ó tigre entre homens, ela chorou em grande aflição. Me escutes, ó rei, enquanto eu narro para ti tudo o que Bhadra disse com lágrimas amargas em seus olhos. 'Ó virtuoso', ela disse, 'mulheres não servem para nenhum propósito quando seus maridos estão mortos. Aquela que vive depois que seu marido está morto entra em uma existência miserável que dificilmente pode ser chamada de vida. Ó touro da raça Kshatriya, a morte é uma bênção para mulheres sem maridos. Eu desejo seguir o caminho que tu tomaste. Seja bondoso para comigo e leve-me contigo. Na tua ausência eu não poderei suportar minha vida nem por um momento. Seja bom para mim, ó rei e leve-me logo daqui. Ó tigre entre homens, eu te seguirei por sobre solo plano ou montanhoso. Se foste embora, ó senhor, para nunca retornar, eu te seguirei, ó rei, como a tua própria sombra. Ó tigre entre homens, eu te obedecerei (como tua escrava) e farei o que for agradável para ti e para teu bem. Ó tu de olhos como pétalas de lótus, sem ti, desse dia em diante, a agonia mental me destruirá e consumirá meu coração. Uma infeliz como sou, eu devo ter sem dúvida separado um casal carinhoso em uma vida passada, pelo qual, nesta vida, eu tenho que sofrer as dores da separação de ti. Ó rei, a mulher desventurada que vive mesmo um momento separada de seu marido vive em angústia e sofre as dores do inferno mesmo aqui. Algum casal carinhoso sem dúvida foi separado por mim em uma vida anterior, e por tal ato pecaminoso eu estou sofrendo a tortura resultante da minha separação de ti. Ó rei, desse dia em diante eu me deitarei em uma cama de erva Kusa e me absterei de todo o luxo, esperando te ver mais uma vez. Ó tigre entre homens, mostre-te a mim. Ó rei, ó senhor, comande mais uma vez esta tua esposa desventurada e que chora amargamente mergulhada na dor.'

Kunti continuou, 'Foi assim, ó Pandu, que a bela Bhadra chorou pela morte de seu marido. E a chorosa Bhadra abraçou o cadáver com muita dor no coração. Então ela foi endereçada por uma voz incorpórea nestas palavras, 'Levante, ó Bhadra, e deixes este lugar. Ó tu de doce sorriso, eu te concedo esta bênção. Eu gerarei prole em ti. Deite comigo na tua própria cama depois do banho, na noite do oitavo ou décimo quarto dia da lua.' Assim endereçada pela voz incorpórea, a casta Bhadra fez como foi ordenada, para obter descendência. E, ó touro dos Bharatas, o cadáver de seu marido gerou nela sete filhos, três Salwas e quatro Madras. Ó touro dos Bharatas, geres também prole em mim, como o ilustre Vyushitaswa, pelo exercício daquele poder ascético que tu possuis.'

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Assim endereçado por sua mulher carinhosa, o rei Pandu, conhecedor de todas as regras de moralidade, respondeu nestas palavras de significado virtuoso, 'Ó Kunti, o que tu disseste é bastante verdadeiro. Vyushitaswa antigamente fez como tu disseste. De fato ele era igual aos próprios celestiais. Mas eu agora te falarei sobre as práticas de antigamente indicadas por Rishis ilustres, totalmente conhecedores de todas as regras de moralidade. Ó tu de rosto bonito e sorriso doce, as mulheres antigamente não eram muradas dentro de suas casas e dependentes de maridos e outros parentes. Elas costumavam viver livremente, desfrutando como quisessem e fazendo o que gostavam. Ó tu de qualidades excelentes, elas não aderiam a seus maridos fielmente, e ainda, ó bela, elas não consideravam isto pecaminoso, pois este era o costume sancionado daqueles tempos. Este mesmo costume é seguido até hoje em dia por aves e animais sem qualquer (exibição de) ciúmes. Aquela prática, sancionada por precedente, é elogiada por grandes Rishis. Ó tu de belas pernas, a prática é ainda considerada com respeito entre os Kurus do Norte. De fato, aquele costume, tão indulgente para mulheres, tem a sanção da antiguidade. A presente prática, no entanto (das mulheres serem limitadas a um marido por toda a vida) foi estabelecida mais recentemente. Eu te direi em detalhes quem a estabeleceu e por que.

É sabido por nós que havia um grande Rishi de nome Uddalaka, que tinha um filho chamado Swetaketu que também era um asceta de mérito. Ó tu de olhos como pétalas de lótus, a presente prática virtuosa foi estabelecida por aquele Swetaketu por raiva. Ouças a razão. Um dia, na presença do pai de Swetaketu um Brahmana veio e pegando a mãe de Swetaketu pela mão, disse a ela, 'Vamos.' Vendo sua mãe agarrada pela mão e levada aparentemente à força, o filho ficou muito furioso. Vendo seu filho indignado, Uddalaka se dirigiu a ele e disse, 'Não fique zangado ó filho! Esta é a prática sancionada pela antiguidade. As mulheres de todas as classes neste mundo são livres, ó filho; os homens nessa questão, considerando suas respectivas classes, agem como gado.' O filho do Rishi, Swetaketu, no entanto, desaprovou o uso e estabeleceu no mundo a presente prática relativa a homens e mulheres. Foi ouvido por nós, ó tu de grande virtude, que esta prática existente data daquele período entre seres humanos mas não entre seres de outras espécies. Consequentemente, desde o estabelecimento do uso presente, é pecaminoso para mulheres não serem fiéis a seus maridos. Mulheres que transgridem os limites fixados pelo Rishi tornam-se culpadas de matar o embrião. E, homens, também, ao violentarem uma casta e amável mulher que desde sua juventude cumpriu o voto de pureza, se torna culpado do mesmo pecado. A mulher também que, sendo mandada criar progênie por seu marido, se recusa a atender seu pedido se torna igualmente pecaminosa.

Assim, ó tímida, o costume existente foi estabelecido antigamente por Swetaketu, o filho de Uddalaka, sem respeito pela antiguidade. Ó tu de coxas afiladas, é também sabido por nós que Madayanti, a mulher de Saudasa, mandada obter prole por seu marido foi ao Rishi Vasishtha. E ao ter com ele, a bela Madayanti obteve um filho chamado Asmaka. Ela o fez, movida pelo desejo de fazer bem para seu marido. Ó tu de olhos de lótus, tu sabes, ó moça tímida, como nós, para a perpetuação da linhagem Kuru, fomos gerados por Krishna-Dwaipayana. Ó impecável, vendo todos estes precedentes cabe a ti realizar meu pedido, que está de acordo com a virtude. Ó princesa que é devotada a seu marido, também é dito por aqueles conhecedores das regras de moralidade que uma esposa, quando sua época mensal chega, deve sempre procurar seu marido, embora nos outros dias ela mereça liberdade. Os sábios declaram que esta é uma prática. Mas, seja uma ação pecaminosa ou não, conhecedores dos Vedas declaram ser o dever das esposas fazer o que seus maridos pedem. Especialmente, ó tu de feições impecáveis, eu, que sou privado do poder de procriação, tendo ficado desejoso de ver descendência, mereço ainda mais ser obedecido por ti. Ó amável, juntando minhas palmas providas de dedos rosados, e fazendo deles uma xícara como de folhas de lótus, eu os coloco em minha cabeça para te conciliar. Ó tu de aparência formosa, cabe a ti ter descendência, por minha ordem, por meio de um Brahmana possuidor de grande mérito ascético. Para que então, devido a ti, ó tu de quadris formosos, eu possa seguir pelo caminho que é reservado para aqueles que são abençoados com filhos.'

Vaisampayana continuou, 'Assim endereçada por Pandu, o subjugador de cidades hostis, a bela Kunti, sempre atenta ao que era agradável e benéfico para seu marido, então respondeu a ele, dizendo, 'Na minha juventude, ó senhor, eu me ocupava na casa de meu pai em servir todos os convidados. Eu costumava atender respeitosamente Brahmanas de votos rígidos e de grande mérito ascético. Um dia eu agradei com minhas atenções aquele Brahmana que as pessoas chamam de Durvasa, de mente sob total controle e possuidor do conhecimento de todos os mistérios da religião. Satisfeito com meus serviços, aquele Brahmana me deu um benefício na forma de um mantra (fórmula de invocação) para invocar à minha presença qualquer um dos celestiais que eu quisesse. E o Rishi me disse, 'Qualquer um entre os celestiais que tu chamares, ó menina, se aproximará de ti e obedecerá à tua vontade, ele goste ou não. E, ó princesa, tu também terás prole por sua graça.' Ó Bharata, aquele Brahmana me disse isto quando eu vivia na casa do meu pai. As palavras proferidas por um Brahmana nunca podem ser falsas. Chegou a hora também delas produzirem frutos. Mandado por ti, ó nobre sábio, eu posso através de um mantra convocar qualquer um dos celestiais, para que nós possamos ter bons filhos. Ó principal de todos os homens sinceros, me diga qual dos celestiais eu convocarei. Saiba que, neste assunto, eu espero tuas ordens.'

Pandu respondeu, 'Ó bela, esforce-te devidamente neste mesmo dia para satisfazer nossos desejos. Afortunada, convoque o deus da justiça. Ele é o mais virtuoso dos celestiais. O deus da justiça e virtude nunca poderá nos poluir com pecado. O mundo também, ó bela princesa, vai então pensar que o que nós

fizemos nunca poderia ser pecaminoso. O filho também que nós obteremos dele em virtude será certamente o principal entre os Kurus. Gerado pelo deus da justiça e moralidade, ele nunca estabelecerá seu coração sobre qualquer coisa pecaminosa ou ímpia. Portanto, ó tu de doce sorriso, mantendo firmemente a virtude perante teus olhos, e devidamente observando votos santos, convoke o deus da justiça e virtude pela ajuda das tuas solicitações e fórmula mágica.'

Vaisampayana continuou, 'Então Kunti, aquela melhor das mulheres, assim endereçada por seu marido, disse, 'Assim seja.' E curvando-se e reverentemente circunvirando seu marido, ela resolveu atender seu pedido.'

## 123

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Ó Janamejaya, quando a concepção de Gandhari tinha ocorrido há um ano, foi então que Kunti convocou o deus eterno da justiça para obter progênie. E ela ofereceu sem perda de tempo sacrifícios ao deus e começou devidamente a repetir a fórmula que Durvasa tinha dado a ela algum tempo antes. Então o deus, dominado por seus encantamentos, chegou ao local onde Kunti estava sentada em seu carro resplandecente como o Sol, sorrindo ele perguntou, 'Ó Kunti, o que eu darei a ti?' E Kunti também sorrindo por sua vez, respondeu, 'Tu debes me dar descendência.' Então a bela Kunti se uniu (em relações sexuais) com o deus da justiça em sua forma espiritual e obteve dele um filho dedicado ao bem de todas as criaturas. E ela teve seu filho excelente, que viveu para adquirir grande fama, no oitavo Muhurta chamado Abhijit, na hora do meio-dia daquele dia muito auspicioso do sétimo mês (Kartika), o quinto da quinzena iluminada, quando a estrela Jyeshtha em conjunção com a lua estava ascendente. E logo que a criança nasceu, uma voz incorpórea (dos céus) disse, 'Esta criança será o melhor dos homens, o principal dentre aqueles que são virtuosos. Dotado de grande bravura e sinceridade, ele sem dúvida será o soberano da terra. E este primeiro filho de Pandu será conhecido pelo nome de Yudhishthira. Possuindo destreza e honestidade de disposição, ele será um rei famoso, conhecido por todos os três mundos.'

Pandu, tendo obtido aquele filho virtuoso, outra vez dirigiu-se à sua mulher e disse, 'Os sábios declararam que um Kshatriya deve ser dotado de força física, do contrário ele não é Kshatriya. Portanto, peça por um filho de força superior.' Assim mandada por seu marido Kunti então invocou Vayu. E o deus poderoso do vento, assim invocado, foi até ela montado em um veado, e disse, 'O que, ó Kunti, eu devo te dar? Diga-me o que está no teu coração.' Sorrindo em modéstia, ela disse, 'Dê-me, ó melhor dos celestiais, uma criança dotada de grande força e amplitude de membros e capaz de humilhar o orgulho de todos.' O deus do vento então gerou nela o filho depois conhecido como Bhima de braços poderosos e bravura feroz. E após o nascimento daquela criança dotada com força extraordinária, uma

voz incorpórea, ó Bharata, como antes, disse, 'Esta criança será o principal de todos os dotados de força.' Eu devo te falar, ó Bharata, sobre outro acontecimento extraordinário que ocorreu depois do nascimento de Vrikodara (Bhima). Quando ele caiu do colo de sua mãe sobre o leito da montanha, a violência da queda quebrou em fragmentos a pedra sobre a qual ele caiu sem seu o corpo de bebê ter o menor ferimento. E ele caiu do colo de sua mãe porque Kunti, assustada por um tigre, havia se erguido repentinamente, inconsciente de que a criança estava dormindo em seu colo. E quando ela se ergueu, o bebê, de corpo duro como o raio, caindo sobre o leito da montanha, quebrou em cem fragmentos a massa rochosa sobre a qual ele caiu. E ao ver aquilo Pandu ficou maravilhado. E aconteceu que aquele mesmo dia no qual Vrikodara nasceu era também, ó melhor de Bharatas, o dia do nascimento de Duryodhana que depois se tornou o soberano de toda a terra.

Depois do nascimento de Vrikodara, Pandu outra vez começou a pensar, 'Como eu posso obter um filho muito superior que alcançará fama mundial? Todas as coisas no mundo dependem do destino e do esforço. Mas o destino nunca pode ser bem sucedido sem um esforço oportuno. Nós ouvimos dizer que Indra é o chefe dos deuses. De fato, ele é dotado de incomensurável poder e energia e coragem e glória. Satisfazendo-o com o meu ascetismo, eu obterei dele um filho de grande força. De fato, o filho que ele me der deve ser superior a todos e capaz de vencer em batalha todos os homens e outras criaturas que não homens. Eu, portanto, praticarei austeridades severas, com coração, atos e palavras.'

Depois disto o rei Kuru, Pandu, se aconselhando com os grandes Rishis mandou Kunti cumprir um voto auspicioso por um ano inteiro, enquanto ele mesmo começou, ó Bharata, a permanecer sobre uma perna de manhã até a noite, e a praticar outras austeridades severas com a mente absorta em meditação, para satisfazer o senhor dos celestiais.

Foi depois de muito tempo que Indra (satisfeito com tal dedicação) se aproximou de Pandu e dirigiu-se a ele dizendo, 'Eu te darei, ó rei, um filho que será célebre nos três mundos e que promoverá o bem-estar de Brahmanas, vacas e de todos os homens honestos. O filho que eu te darei será o destruidor dos maus e o deleite de amigos e parentes. O mais importante de todos os homens, ele será um matador irresistível de todos os inimigos.' Assim endereçado por Vasava (o rei dos celestiais), o rei virtuoso da linhagem Kuru, lembrado aquelas palavras, disse a Kunti, 'Ó afortunada, teu voto se tornou bem sucedido. O senhor dos celestiais está satisfeito, e te dará um filho tal como tu desejaste, de realizações sobre humanas e grande fama. Ele será o opressor de todos os inimigos e possuirá grande sabedoria. Dotado de uma grande alma, em esplendor igual ao Sol, invencível em batalha, e de grandes realizações, ele também será extremamente belo. Ó tu de belos quadris e doce sorriso, o senhor dos celestiais se tornou benevolente para contigo. Invocando-o, dê à luz a uma criança que será o verdadeiro lar de todas as virtudes Kshatriya.'

Vaisampayana continuou, 'A célebre Kunti, assim endereçada por seu marido, invocou Sakra (o rei dos deuses) que então foi até ela e gerou aquele que foi

depois chamado de Arjuna. E logo que aquela criança nasceu, uma voz incorpórea, alta e profunda como a das nuvens que encheu todo o firmamento, claramente disse, endereçando-se a Kunti na audição de todas as criaturas que moravam naquele retiro, 'Este teu filho, ó Kunti, será igual a Kartavirya em energia e a Siva em bravura. Invencível como o próprio Sakra ele espalhará tua fama ampla e totalmente. Como Vishnu (o mais novo dos filhos de Aditi) aumentou a alegria de Aditi, assim este filho aumentará tua alegria. Subjugando os Madras, os Kurus junto com os Somakas, e o povo de Chedi, Kasi e Karusha, ele manterá a prosperidade dos Kurus. (Saciado com as libações no sacrifício do rei Swetaketu), Agni derivará grande satisfação da gordura de todas as criaturas que moram nas florestas de Khandava (que serão queimadas) por meio do poder das armas dele. Este herói poderoso, conquistando todos os monarcas fracos da terra, com seus irmãos realizará três grandiosos sacrifícios. Em heroísmo, ó Kunti, ele será assim como Jamadagnya ou Vishnu. O principal de todos os homens dotados com destreza, ele alcançará grande fama. Ele gratificará em batalha Sankara, o deus dos deuses (Mahadeva), e receberá dele a grande arma chamada Pasupata. Este teu filho de braços poderosos também matará, por ordem de Indra, os Daityas chamados Nivatakavachas que são os inimigos dos deuses. Ele também adquirirá todas as espécies de armas celestes, e este touro entre os homens também restaurará a riqueza de sua família.'

Kunti ouviu estas palavras extraordinárias enquanto estava deitada no quarto. E ao ouvir aquelas palavras proferidas tão ruidosamente os ascetas que habitavam a montanha de cem cumes, e os celestiais com Indra sentados em seus carros ficaram muito contentes. O som dos tambores (invisíveis) encheu o firmamento inteiro. Houve gritos de alegria, e toda a região foi coberta com flores despejadas por agentes invisíveis. As várias tribos de celestiais reunidas começaram a oferecer suas respeitadas adorações ao filho de Pritha. Os filhos de Kadru (Nagas), o filho de Vinata, os Gandharvas, os senhores da criação, e os sete grandes Rishis, Bharadwaja, Kasyapa, Gautama, Viswamitra, Jamadagni, Vasishtha, e o ilustre Atri que iluminou o mundo antigamente quando o Sol estava perdido, todos chegaram lá. E Marichi, Angiras, Pulastya, Pulaha, Kratu, Daksha o senhor da criação, os Gandharvas, e Apsaras, foram lá também. As várias tribos de Apsaras, enfeitadas com guirlandas celestes e todos os ornamentos, e vestidas em excelentes roupas, foram lá e dançaram em alegria, cantando os louvores de Vibhatsu (Arjuna). Por todos os lados, os grandes Rishis começaram a proferir fórmulas propiciatórias. E Tumvuru acompanhado pelos Gandharvas começou a cantar em notas encantadoras. E Bhimasena e Ugrasena, Urmayus e Anagha. Gopati e Dhritarashtra e Suryavarchas o oitavo, Yugapa e Trinapa, Karshni, Nandi, e Chitraratha, Salisirah o décimo terceiro, Parjanya o décimo quarto, Kali o décimo quinto, e Narada o décimo sexto desta lista, Vrihatta, Vrihaka, Karala de grande alma, Brahmacharin, Vahuguna, Suvarna de grande fama, Viswavasus, Bhumanyu, Suchandra, Sam e as célebres tribos de Haha e Huhu dotadas com maravilhosa melodia de voz, estes Gandharvas celestes, ó rei, todos foram lá. Muitas Apsaras ilustres também de olhos grandes, enfeitadas com todos os ornamentos foram lá dançar e cantar. E Anuchana e Anavadya, Gunamukhya e Gunavara, Adrika e Soma, Misrakesi e Alambusha, Marichi e Suchika, Vidyutparna e Tilottama e

Ambika, Lakshmana, Kshema Devi, Rambha, Manorama, Asita, Suvahu, Supriya, Suvapuh, Pundarika, Sugandha, Surasa, Pramathini, Kamyá e Saradwati, todas dançaram juntas. E Menaka, Sahajanya, Karnika, Punjikasthala, Ritusthala, Ghrítachi, Viswachi, Purvachiti, a célebre Umlocha, Pramlocha a décima e Urvasi a décima primeira, estas donzelas dançarinas de grandes olhos do céu chegaram lá e cantaram em coro. E Dharti e Aryaman e Mitra e Varuna, Bhaga e Indra, Vivaswat, Pushan, Tvastri e Parjanya ou Vishnu, estes doze Adityas foram lá glorificar o filho de Pandu. E, ó rei, Mrigavyadha, Sarpa, o célebre Niriti, Ajaikapada, Ahivradhna, Pinakin, Dahana, Iswara, Kapalin, Sthanu e o ilustre Bhaga, estes onze Rudras, também foram lá. E os gêmeos Aswins, os oito Vasus, os poderosos Maruts, os Viswedevas, e os Sadhyas, também foram lá. E Karkotaka, Vasuki, Kachchhapa, Kunda e o grande Naga Takshaka, estas poderosas e coléricas cobras possuidoras de grande mérito ascético também foram lá. E Tarkshya, Arishtanemi, Garuda, Asitadvaja, estes e muitos outros Nagas chegaram lá, assim também Aruna e Aruni da raça de Vinata também foram lá. E somente os grandes Rishis coroados com sucesso ascético e não outros viram aqueles celestiais e outros seres sentados em seus carros ou esperando sobre os picos da montanha. Aqueles melhores dos Munis vendo aquela visão extraordinária ficaram assombrados, e seu amor e afeto pelos filhos de Pandu foram em consequência aumentados.

O célebre Pandu, tentado pelo desejo de ter mais filhos desejou falar novamente para sua esposa (para invocar algum outro deus). Mas Kunti se dirigiu a ele, dizendo, 'Os sábios não sancionam uma quarta entrega nem mesmo em uma época de infortúnio. A mulher que tem relacionamento com quatro homens diferentes é chamada de Swairini, enquanto aquela que tem relacionamento com cinco se torna uma prostituta. Portanto, ó erudito, como tu conheces bem a escritura neste assunto, por que tu, encantado por desejo de prole, me falas desse modo parecendo ter te esquecido das ordenanças?'

## 124

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Depois do nascimento dos filhos de Kunti e também dos cem filhos de Dhritarashtra a filha do rei de Madras em particular se dirigiu a Pandu, dizendo, 'Ó matador de inimigos, eu não me queixo mesmo que tu tenhas sido desfavorável a mim. Eu não tenho, ó impecável, também queixas pelo fato de embora por nascimento eu ser superior a Kunti eu seja inferior a ela em posição. Eu não sofro, ó tu da linhagem Kuru, por Gandhari ter obtido cem filhos. No entanto, é minha grande dor que embora Kunti e eu sejamos iguais eu não tenha filhos, embora eu devesse ter a chance de ter progênie que tu deste somente a Kunti. Se a filha de Kuntibhoja providenciasse que eu tivesse filhos ela então estaria realmente me fazendo um grande favor e beneficiando a ti igualmente. Ela sendo minha rival, eu sinto um melindre em pedir qualquer favor dela. Se tu

estiveres, ó rei, bondosamente disposto para comigo, então peça a ela para conceder meu desejo.'

Ouvindo-a, Pandu respondeu, 'Ó Madri, eu revolvi esse assunto muitas vezes em minha própria mente, mas eu até agora hesitei em te dizer qualquer coisa, não sabendo como tu poderias receber isto. Agora que eu sei quais são teus desejos, eu certamente me esforçarei para alcançar este fim. Eu penso que, a meu pedido, Kunti não recusará.'

Vaisampayana continuou, 'Depois disto Pandu se dirigiu a Kunti em particular, dizendo, 'Ó Kunti, conceda-me mais filhos para o desenvolvimento da minha linhagem e para o benefício do mundo. Ó abençoada, faça com que eu mesmo, meus antepassados, e os teus também, possam sempre ter o bolo fúnebre oferecido por nós. Ó, faça o que é benéfico para mim, e conceda a mim e ao mundo aquela que, de fato, é a melhor das bênçãos. Ó, faça aquilo que, de fato, pode ser difícil para ti, movida pelo desejo de alcançar fama eterna. Veja, Indra, mesmo tendo obtido a soberania dos celestiais, ainda, só pela fama, realiza sacrifícios. Ó bela, Brahmanas, bons conhecedores dos Vedas, e tendo alcançado alto mérito ascético, ainda, só por fama, se aproximam de seus mestres espirituais com reverência. Assim também todos os sábios reais e Brahmanas possuidores de riqueza ascética têm realizado, somente pela fama, as mais difíceis das façanhas ascéticas. Portanto, ó inocente, resgate Madri como com uma balsa (por concederes a ela os meios de obter filhos), e alcance fama imperecível por fazeres dela uma mãe.'

Assim endereçada por seu marido Kunti concordou facilmente e disse a Madri, 'Pense, sem perda de tempo, em algum celestial, e tu certamente obterás dele um filho semelhante a ele.' Refletindo por poucos momentos. Madri pensou nos gêmeos Aswins, que foram rapidamente até ela e geraram seus dois filhos que eram gêmeos chamados Nakula e Sahadeva, inigualáveis sobre terra em beleza. E logo que eles nasceram, uma voz incorpórea disse, 'Em energia e beleza estes gêmeos transcenderão até os próprios gêmeos Aswins.' De fato, possuidores de grande energia e beleza eles iluminaram toda a região.

Ó rei, depois que todos os filhos tinham nascido, os Rishis que moravam sobre a montanha de cem cumes, proferindo bênçãos sobre eles e carinhosamente realizando os primeiros ritos de nascimento, deram nomes a eles. O mais velho dos filhos de Kunti foi chamado Yudhishtira, o segundo Bhimasena, e o terceiro Arjuna, e dos filhos de Madri, o primeiro dos gêmeos era chamado Nakula e o seguinte Sahadeva. E aqueles filhos importantes nascidos um ano depois do outro pareciam com um período incorporado de cinco anos. E o rei Pandu, vendo seus filhos de beleza celestial e de energia superabundante, grande força e destreza, e de grandeza de alma, se regozijou muito. E as crianças se tornaram as grandes favoritas dos Rishis, como também de suas esposas, que habitavam na montanha de cem cumes.

Algum tempo depois, Pandu outra vez pediu para Kunti em nome de Madri. Endereçada, ó rei, por seu marido em particular, Kunti respondeu, 'Tendo dado a

ela a fórmula de invocação somente uma vez, ela, ó rei, conseguiu obter dois filhos. Eu não fui dessa maneira lograda por ela, mas eu tenho medo de que, ó rei, ela logo me supere no número de filhos. Este, de fato, é o caminho de todas as mulheres más. Tola que eu fui, eu não sabia que por invocar os deuses gêmeos eu poderia obter o nascimento de crianças gêmeas. Eu suplico a ti, ó rei, que não me dê qualquer ordem adicional com relação a isto. Que esta seja a bênção concedida (por ti) a mim.'

Assim, ó rei, nasceram para Pandu cinco filhos que foram gerados por celestiais e que eram dotados de grande força, e que viveram para alcançar grande fama e ampliar a linhagem Kuru. Cada um tendo todos os sinais auspiciosos em seus corpos, belos como Soma, orgulhosos como o leão, hábeis no uso do arco, e de andar, peito, coração, olhos, pescoço e bravura leonina, aqueles principais dos homens, parecendo com os próprios celestiais em poder, começaram a crescer. E vendo eles e suas virtudes crescerem com os anos, os grandes Rishis que moravam sobre aquele pico enevado da montanha sagrada estavam maravilhados. E os cinco Pandavas e os cem filhos de Dhritarashtra, aquele propagador da família Kuru, cresceram rapidamente como um grupo de lotos em um lago.'

## 125

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Vendo seus cinco belos filhos crescendo diante dele naquela grande floresta no declive encantador da montanha, Pandu sentiu as últimas forças de seus braços reviverem mais uma vez. Um dia, na estação da primavera que enlouquece todas as criaturas o rei acompanhado por sua mulher (Madri), começou a vagar nas florestas onde todas as árvores tinham dado novas flores. Ele viu por toda parte Palasas e Tilakas e Mangoes e Champakas e Parihadrakas e Karnikaras, Asokas e Kesaras e Atimuktas e Kuruvakas com enxames de abelhas enlouquecidas zunindo docemente. E havia flores de Parijatas floridas com os Kokilas cantando suas melodias sob cada ramo ecoando com o suave zumbido das abelhas negras. E ele viu também várias outras espécies de árvores curvadas sob o peso de suas flores e frutas. E havia também muitos excelentes lagos cobertos com centenas de lotos perfumados. Contemplando tudo aquilo, Pandu sentiu a influência sutil do desejo. Caminhando como um celestial em tal cenário com o coração iluminado, Pandu estava sozinho com sua mulher Madri em um traje semitransparente. E vendo a jovem Madri assim vestida a chama do desejo do rei aumentou como um incêndio na floresta. E mal capaz de suprimir seu desejo assim aceso à visão de sua esposa de olhos como pétalas de lótus ele foi completamente dominado. O rei então agarrou-a contra sua vontade, mas Madri tremendo de medo resistiu a ele o máximo que podia. Consumido pelo desejo ele esqueceu tudo acerca de sua desgraça. E, ó tu da linhagem Kuru, não reprimido pelo medo da maldição (dos Rishis) e impelido

pelo destino, o monarca, dominado pela paixão, procurou à força os abraços de Madri, como se ele desejasse pôr fim à sua própria vida. Sua razão, assim iludida pelo próprio grande Destruidor por intoxicar seus sentidos, se perdeu com sua vida. E o rei Kuru, Pandu, de alma virtuosa, assim sucumbiu à influência inevitável do Tempo, enquanto unido em relações sexuais com sua mulher.

Então Madri, abraçando o corpo de seu marido sem sentidos, começou a gritar alto. E Kunti com seus filhos e os gêmeos de Madri, ouvindo aqueles gritos de dor, foram ao local onde o rei jazia naquele estado. Então, ó rei, Madri endereçou-se a Kunti em uma voz lastimável, dizendo, 'Venha sozinha até aqui, ó Kunti, e deixe as crianças aí.' Ouvindo estas palavras, Kunti, pedindo para as crianças ficarem, correu rapidamente, exclamando, 'Aflição para mim!' E vendo ambos Pandu e Madri jazendo prostrados no chão ela entrou em dor e aflição, dizendo, 'De paixões sob completo controle, este herói, ó Madri, foi sempre olhado por mim com cuidado. Como ele então esqueceu a maldição do Rishi e se aproximou de ti com o desejo aceso? Ó Madri, este principal dos homens deveria ter sido protegido por ti. Por que tu o tentaste em solidão? Sempre melancólico pensando na maldição do Rishi, como ele veio a se divertir contigo em solidão? Ó princesa de Valhika, mais afortunada do que eu mesma, tu és realmente para ser invejada, pois viste o rosto de nosso marido banhado com contentamento e alegria.'

Madri então respondeu, dizendo, 'Venerável irmã, com lágrimas em meus olhos, eu resisti ao rei, mas ele não pôde se controlar, disposto como ele estava a tornar verdadeira a maldição do Rishi.'

Kunti então disse, 'Eu sou a mais velha das esposas dele; o principal mérito religioso deve ser meu. Portanto, ó Madri, não me impeça de fazer o que deve ser feito. Eu devo seguir nosso marido para a região dos mortos. Levante-se, ó Madri, e me entregue o corpo dele. Crie estas crianças.' Madri respondeu, dizendo, 'Eu ainda abraço nosso marido, e não o permiti partir; portanto, eu o seguirei. Meu apetite não foi apaziguado. Tu és minha irmã mais velha, me dê tua permissão. Este principal dos príncipes Bharata se aproximou de mim desejando ter relações. Seu apetite estando insaciado, eu não devo segui-lo até a região de Yama para satisfazê-lo? Ó venerável, se eu sobreviver com certeza eu não poderei criar teus filhos como se eles fossem meus. O pecado não me tocará por causa disso? Mas, tu, ó Kunti, poderá cuidar dos meus filhos como se que eles fossem teus. O rei, ao me procurar desejosamente, foi para a região dos espíritos; portanto, meu corpo deve ser queimado com ele. Ó reverenciada irmã, não retenha tua autorização para isto que é agradável para mim. Tu certamente educarás as crianças com cuidado. Isso de fato, será muito agradável para mim. Eu não tenho nenhuma outra instrução a dar!'

Vaisampayana continuou, 'Tendo dito isto, a filha do rei de Madras, a mulher de Pandu, subiu na pira fúnebre de seu marido, aquele touro entre homens.'

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Os Rishis, sábios em conselhos, vendo a morte de Pandu consultaram uns aos outros, e disseram, 'O virtuoso e renomado rei Pandu, abandonando o reino e a soberania veio para cá praticar austeridades ascéticas e se resignou a morar com os ascetas sobre esta montanha. Ele então ascendeu ao céu, deixando sua mulher e filhos pequenos como uma responsabilidade em nossas mãos. Nosso dever agora é ir para o reino dele com estes seus filhos e sua mulher.'

Vaisampayana continuou, 'Então aqueles Rishis de corações magnânimos, e coroados com êxito ascético, convocando uns aos outros, resolveram ir para Hastinapura com os filhos de Pandu adiante, desejando colocá-los nas mãos de Bhishma e Dhritarashtra. Os ascetas partiram naquele mesmo momento, levando com eles as crianças e Kunti e os dois corpos mortos. E embora não acostumada ao esforço pesado toda a sua vida, a afetuosa Kunti agora considerou muito curta a realmente longa viagem que teve que realizar. Tendo chegado a Kurujangala dentro de pouco tempo a ilustre Kunti se apresentou no portão principal. Os ascetas então mandaram os porteiros informarem ao rei da sua chegada. Os homens levaram a mensagem em um instante à corte. E os cidadãos de Hastinapura, sabendo da chegada de milhares de Charanas e Munis ficaram maravilhados. E foi logo depois do nascer do sol que eles começaram a sair em grande número com suas esposas e filhos para ver aqueles ascetas. Sentados em todos os tipos de carros e transportes aos milhares, vasto número de Kshatriyas com suas esposas e Brahmanas saíram também. E a afluência de Vaisyas e Sudras também foi muito grande na ocasião. A vasta assembléia era muito pacífica, pois todo coração então tendia à piedade. E lá também saíram Bhishma, o filho de Santanu, e Somadatta ou Valhika e o sábio real (Dhritarashtra) dotado da visão do conhecimento e o próprio Vidura e a venerável Satyavati e a ilustre princesa de Kosala e Gandhari acompanhadas pelas outras senhoras da família real. E os cem filhos de Dhritarashtra, enfeitados com vários ornamentos, também saíram.

Os Kauravas, então, acompanhados por seu sacerdote saudaram os Rishis por baixarem suas cabeças, e tomaram seus lugares perante eles. Os cidadãos também saudando os ascetas e curvando-se a eles tocando o chão, lá tomaram seus lugares. Então Bhishma, pondo aquela vasta multidão perfeitamente quieta, devidamente reverenciou, ó rei, aqueles ascetas por lhes oferecerem água para lavar seus pés e o costureiro Arghya. E tendo feito aquilo ele falou a eles acerca da soberania e do reino. Então o mais velho dos ascetas com cabelos emaranhados na cabeça e quadris cobertos com peles de animais, ficou de pé, e com a colaboração dos outros Rishis falou o seguinte: 'Vocês todos sabem que aquele possuidor da soberania dos Kurus que era chamado rei Pandu, tinha, depois de abandonar os prazeres do mundo, saído daqui para morar na montanha de cem cumes. Ele adotou o modo de vida Brahmacharya, mas por um inescrutável

propósito que os deuses têm em vista, este seu filho mais velho, Yudhishtira, lá nasceu, gerado pelo próprio Dharma. Então aquele rei ilustre obteve de Vayu este outro filho, o principal de todos os homens poderosos, chamado Bhima. Este outro filho, gerado em Kunti por Indra, é Dhananjaya cujas realizações humilharão todos os arqueiros no mundo. E estes tigres entre homens, poderosos no uso do arco, são os filhos gêmeos gerados em Madri pelos gêmeos Aswins. Levando em virtude a vida Vanaprastha nas florestas, o ilustre Pandu assim reviveu a quase extinta linha de seu avô. O nascimento, crescimento, e estudos Védicos desses filhos de Pandu, sem dúvida, lhes darão grande prazer. Firmemente aderindo ao caminho dos virtuosos e dos sábios, e deixando para trás estas crianças, Pandu morreu dezessete dias atrás. Sua esposa Madri, vendo-o na pira fúnebre prestes a ser consumido, subiu na mesma pira, e sacrificando sua vida desta maneira foi com seu marido para a região reservada para as esposas castas. Realizem agora os ritos que devem ser realizados para benefício deles. Estas são (as partes não queimadas de) seus corpos. Aqui também estão seus filhos, estes opressores de inimigos, com sua mãe. Que eles sejam agora recebidos com as devidas honras. Depois da conclusão do primeiro dos ritos em honra dos mortos, que o virtuoso Pandu, que foi o mantenedor da dignidade dos Kurus, tenha o primeiro Sradha anual (sapindakarana) realizado com o objetivo de instalá-lo oficialmente entre os Pitris.'

Vaisampayana continuou, 'Os ascetas com Guhyakas, tendo dito isso aos Kurus, imediatamente desapareceram à vista das pessoas. E vendo os Rishis e os Siddhas assim desaparecerem à sua vista como formas vaporosas aparecendo e desaparecendo nos céus, os cidadãos admirados voltaram para suas casas.'

## 127

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana continuou, 'Dhritarashtra então disse, 'Ó Vidura, celebre as cerimônias fúnebres daquele leão entre os reis, Pandu, e de Madri também, no correto estilo real. Para o bem de suas almas, distribua gado, tecidos, pedras preciosas e diversas espécies de riqueza, e que todos recebam o quanto pedirem. Faça arranjos também para Kunti realizar os últimos ritos de Madri no estilo em que lhe agrada. E que o corpo de Madri seja embrulhado com tanto cuidado que nem o Sol nem Vayu (deus do vento) possam contemplá-lo. Não lamente o impecável Pandu. Ele foi um rei digno e deixou cinco filhos heróicos iguais aos próprios celestiais.'

Vaisampayana continuou, 'Então Vidura, ó Bharata, dizendo, 'Assim seja' em consulta com Bhishma, fixou um local sagrado para a cerimônia fúnebre de Pandu. Os sacerdotes da família saíram da cidade sem perda de tempo, levando com eles o fogo sagrado alimentado com manteiga clarificada e tornado fragrante com isso. Então amigos, parentes, e partidários, envolvendo-o em tecido,

enfeitaram o corpo do monarca com as flores da estação e despejaram vários perfumes excelentes sobre ele. E eles também decoraram o próprio carro fúnebre com guirlandas e ricas tapeçarias. Então colocando o corpo coberto do rei com o de sua rainha naquele féretro excelente decorado tão brilhantemente, eles o fizeram ser carregado sobre ombros humanos. Com o guarda-sol branco (do estado) suspenso sobre o carro fúnebre com ondulantes caudas de iaque e sons de vários instrumentos musicais, toda a cena parecia brilhante e formidável. Centenas de pessoas começaram a distribuir pedras preciosas entre a multidão na ocasião da cerimônia fúnebre do rei. De longe foram trazidas algumas belas vestes, e guarda-sóis brancos e grandes caudas de iaque, para a grande cerimônia. Os sacerdotes vestidos de branco caminhavam na dianteira da procissão despejando libações de manteiga clarificada no fogo sagrado que ardia em um recipiente ornamental. E Brahmanas, e Kshatriyas, e Vaisyas, e Sudras aos milhares seguiram o rei falecido, ruidosamente lamentando desta forma, 'Ó príncipe, aonde tu vais, nos deixando, e fazendo-nos desesperados e desventurados para sempre?' E Bhishma, e Vidura, e os Pandavas, também todos lamentaram alto. Finalmente eles chegaram a uma romântica floresta nas margens do Ganga. Lá eles colocaram o carro fúnebre no qual o príncipe sincero e que tinha um coração de leão e sua cônjuge jaziam. Então eles trouxeram água em muitos recipientes dourados, e lavaram o corpo do príncipe untando-o com várias espécies de pastas fragrantes, e novamente o untaram com pasta de sândalo. Eles então o vestiram em uma veste branca feita de tecidos nativos. E vestido daquela forma, o rei parecia que ainda estava vivo e somente dormindo em uma cama cara.

Quando as outras cerimônias fúnebres também haviam terminado em consonância com as indicações dos sacerdotes, os Kauravas incendiaram os corpos mortos do rei e da rainha, levando lotos, pasta de sândalo e outras substâncias fragrantes para a pira.

Então vendo os corpos queimarem, Kausalya gritou, 'Ó meu filho, meu filho!', e caiu sem sentidos no chão. E ao vê-la cair os cidadãos e os habitantes das províncias começaram a lamentar de dor e afeição por seu rei. E as aves do ar e os animais do campo foram tocados pelas lamentações de Kunti. E Bhishma, o filho de Santanu, e o sábio Vidura, e os outros que também estavam lá ficaram desconsolados.

Assim pranteando, Bhishma, Vidura, Dhritarashtra, os Pandavas e as senhoras Kuru, todos realizaram a lacrimosa cerimônia do rei. E quando tudo aquilo estava acabado, as pessoas, elas próprias cheias de tristeza, começaram a consolar os filhos enlutados de Pandu. E os Pandavas com seus amigos começaram a dormir no chão. Vendo aquilo os Brahmanas e os outros cidadãos também renunciaram às suas camas. Jovens e velhos, todos os cidadãos sofreram por causa dos filhos do rei Pandu, e passaram doze dias em luto com os chorosos Pandavas.'

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Então Bhishma e Kunti com seus amigos celebraram o Sraddha do monarca falecido, e ofereceram o Pinda. E eles banquetearam os Kauravas e milhares de Brahmanas a quem eles também deram pedras preciosas e terras. Então os cidadãos voltaram para Hastinapura com os filhos de Pandu, agora que eles tinham sido purificados da impureza incidente ao falecimento de seu pai. Todos então choraram pelo rei falecido. Parecia como se que eles tivessem perdido seu próprio parente.

Quando o Sraddha havia sido celebrado da maneira acima mencionada, o venerável Vyasa, vendo todos os súditos mergulhados na dor, disse um dia para sua mãe Satyavati, 'Mãe, nossos dias de felicidade se foram e dias de calamidade se sucedem. O pecado começa dia a dia a aumentar. O mundo envelheceu. O império dos Kauravas não durará muito por causa da injustiça e opressão. Vá então para a floresta, e te dedique à contemplação através do loga. De agora em diante a sociedade se encherá de engano e maldade. O bom trabalho cessará. Não testemunhe a aniquilação da tua linhagem na tua velhice!'

Concordando com as palavras de Vyasa, Satyavati entrou nos aposentos internos e se dirigiu à sua nora, dizendo, 'Ó Ambika, eu soube que por consequência dos atos dos teus netos esta dinastia Bharata e seus súditos perecerão. Se tu permitires, eu irei para a floresta com Kausalya, tão aflita pela perda de seu filho.' Ó rei, assim dizendo, a rainha, recebendo a permissão de Bhishma também, foi para a floresta. E chegando lá com suas duas noras, ela se dedicou à contemplação profunda, e em um bom momento deixou seu corpo e ascendeu para o céu.'

Vaisampayana continuou, 'Então os filhos do rei Pandu, tendo passado por todos os ritos de purificação prescritos nos Vedas, começaram a crescer em estilo principesco na casa de seu pai. Quando eles estavam empenhados em jogos com os filhos de Dhritarashtra sua superioridade de força era marcante. Em velocidade, no tiro ao alvo, em consumir artigos de comida, e espalhar poeira, Bhimasena batia todos os filhos de Dhritarashtra. O filho do Deus do vento os puxava pelos cabelos e fazia eles lutarem entre si, rindo o tempo todo. E Vrikodara facilmente derrotava aquelas cento e uma crianças de grande energia como se elas fossem uma em vez de cem. O segundo Pandava costumava agarrá-los pelos cabelos, e jogando-os no chão, os arrastava pela terra. Por isto alguns tinham seus joelhos quebrados, alguns suas cabeças, e alguns seus ombros. Aquele jovem, às vezes segurando dez deles, os afogava em água, até que eles estivessem quase mortos. Quando os filhos de Dhritarashtra subiam nos ramos de uma árvore para colher frutas, Bhima costumava sacudir tal árvore, por bater em sua base, então caíam as frutas e os colhedores de frutas ao mesmo tempo. Realmente, aqueles príncipes não eram páreo para Bhima em confrontos pugilísticos, em velocidade, ou em habilidade. Bhima costumava demonstrar sua força por atormentá-los desta maneira por infantilidade mas não por malícia.

Vendo aquelas mostras admiráveis do poder de Bhima, o poderoso Duryodhana, o filho mais velho de Dhritarashtra, começou a ter hostilidade em relação a ele. E o vil e injusto Duryodhana, por ignorância e ambição, se preparou para cometer um ato de pecado. Ele pensou, 'Não há outro indivíduo que possa se comparar com Bhima, o segundo filho de Pandu, em bravura. Eu terei que destruí-lo por meio de artifícios. Sozinho, Bhima desafia uma centena de nós ao combate. Portanto, quando ele dormir no jardim, eu o jogarei na correnteza do Ganga. Depois, prendendo seu irmão mais velho Yudhishtira e seu irmão mais novo Arjuna, eu reinarei sem uma única molestação.' Assim determinado, o perverso Duryodhana estava sempre à procura de uma oportunidade de ferir Bhima. E, ó Bharata, finalmente em um belo lugar chamado Pramanakoti nas margens do Ganga ele construiu um palácio enfeitado com amplas tapeçarias e outros artigos valiosos. E ele construiu aquele palácio para lá se divertir na água, e o encheu com todos os tipos de coisas divertidas e iguarias seletas. Vistasas bandeiras ondulavam no topo daquela mansão. O nome da casa era 'casa de divertimento aquático.' Cozinheiros habilidosos preparavam várias espécies de iguarias. Quando tudo estava pronto, os oficiais deram notificação a Duryodhana. Então o príncipe mal intencionado disse aos Pandavas, 'Vamos todos às margens do Ganga agraciadas com árvores e cheias de flores e nos divertamos na água.' E após Yudhishtira concordar com isto, os filhos de Dhritarashtra, levando os Pandavas com eles, montaram em elefantes de grande tamanho e em carros parecendo com cidades, e deixaram a metrópole.

Ao chegarem ao lugar, os príncipes despediram seus servidores, e examinando a beleza dos jardins e dos arvoredos, entraram no palácio, como leões entrando em suas cavernas nas montanhas. Ao entrarem eles viram que os arquitetos tinham rebocado belamente as paredes e o teto e que os pintores os tinham pintado maravilhosamente. As janelas pareciam muito elegantes, e os chafarizes artificiais eram esplêndidos. Aqui e ali haviam tanques de água translúcida nos quais floresciam matas de lotos. As margens eram enfeitadas com várias flores cuja fragrância enchia a atmosfera. Os Kauravas e os Pandavas sentaram e começaram a desfrutar das coisas providenciadas para eles. Eles se dedicaram ao jogo e começaram a trocar bocados de comida uns com os outros. Naquele meio tempo o vil Duryodhana tinha misturado um poderoso veneno com uma quantidade de comida, com o objetivo de matar Bhima. Aquele jovem que tinha néctar em sua língua e uma navalha em seu coração ergueu-se finalmente, e de um modo amigável alimentou Bhima abundantemente com a comida envenenada, e achando-se afortunado por ter atingido seu objetivo ele ficou bastante contente. Então os filhos de Dhritarashtra e Pandu juntos começaram a se divertir alegremente na água. Sua diversão tendo terminado, eles se vestiram em roupas brancas, e se enfeitaram com vários ornamentos. Fatigados com o jogo, eles se sentiram inclinados a descansar à noite na agradável casa que fazia parte do jardim. Tendo feito os outros jovens se exercitarem nas águas, o segundo Pandava poderoso estava excessivamente fatigado. Assim que se ergueu da água, ele caiu no chão. Ele estava esgotado e sob a influência do veneno. E o ar frio serviu para espalhar o veneno por todo seu corpo, então ele perdeu seus

sentidos imediatamente. Vendo aquilo Duryodhana amarrou-o com cordas de arbustos, e o jogou na água. O inconsciente filho de Pandu afundou até que alcançou o reino Naga. Nagas, com presas contendo veneno virulento, o morderam às milhares. O veneno vegetal, misturado no sangue do filho do deus do vento, foi neutralizado pelo veneno das cobras. As serpentes tinham mordido todo o seu corpo, exceto seu peito, cuja pele era tão dura que suas presas não o puderam penetrar.

Ao recuperar os sentidos, o filho de Kunti arrebentou as cordas que o atavam e começou a espremer as cobras sob o chão. Um restante delas fugiu pela vida, e indo até seu rei Vasuki, relataram, 'Ó rei das cobras, um homem se afogou sob a água, amarrado com cordas de arbustos; provavelmente ele bebeu veneno, pois quando caiu entre nós ele estava inconsciente. Mas quando nós começamos a mordê-lo, ele recuperou seus sentidos, e rompendo seus grilhões, começou a nos abater. Poderia por favor Sua Majestade perguntar quem é ele?'

Então Vasuki, de acordo com a súplica dos Nagas inferiores, foi ao local e viu Bhimasena. Das serpentes, havia um, chamado Aryaka. Ele era o avô do pai de Kunti. O senhor das serpentes viu seu parente e o abraçou. Então, Vasuki, sabendo de tudo, ficou satisfeito com Bhima, e disse para Aryaka com satisfação, 'Como nós podemos agradar a ele? Que ele tenha dinheiro e pedras preciosas em profusão.'

Ao ouvir as palavras de Vasuki, Aryaka disse, 'Ó rei das serpentes, se Sua Majestade está satisfeito com ele não precisa lhe dar riquezas! Permita-o beber do rasakunda (recipientes de néctar) e assim adquirir força imensurável. Há a força de mil elefantes em cada um daqueles recipientes. Deixe este príncipe beber tanto quanto ele possa!'

O rei das serpentes deu seu consentimento. E as serpentes então começaram os ritos propícios. Purificando-se com cuidado, Bhimasena de frente para o leste começou a beber o néctar. Em um fôlego, ele tragou o conteúdo de um recipiente inteiro, e desta maneira drenou oito jarros sucessivos, até que estivesse satisfeito. Finalmente, as serpentes prepararam uma cama excelente para ele, na qual ele deitou para descansar.'

## 129

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Enquanto isso os Kauravas e os Pandavas, depois de terem assim se divertido, partiram, sem Bhima, para Hastinapura, alguns em cavalos, alguns sobre elefantes, enquanto outros preferiram carros e outros transportes. E em seu caminho eles disseram uns aos outros, 'Talvez Bhima foi antes de nós.' E o perverso Duryodhana estava contente com a perda de Bhima, e entrou na cidade com seus irmãos em alegria.

O virtuoso Yudhishtira, ele mesmo não acostumado com o vício nem com a maldade, considerava os outros tão honestos quanto ele mesmo. O filho mais velho de Pritha, cheio de amor fraterno foi até sua mãe e disse, depois de fazer reverência a ela, 'Ó mãe, Bhima chegou? Ó boa mãe, eu não o encontro aqui. Onde ele pode ter ido? Nós o procuramos por muito tempo em todos os lugares nos belos jardins e florestas; mas não o achamos em lugar nenhum. Finalmente, nós pensamos que o heróico Bhima havia nos precedido. Ó dama ilustre, nós viemos para cá em grande ansiedade. Chegando aqui, aonde ele foi? Você o enviou para algum lugar? Ó diga-me, eu estou cheio de apreensões a respeito do poderoso Bhima. Ele tinha estado adormecido e não veio. Eu acho que ele não existe mais.'

Ouvindo estas palavras do altamente inteligente Yudhishtira, Kunti gritou, em alarme, e disse, 'Caro filho, eu não tenho visto Bhima. Ele não veio a mim. Ó, volte às pressas, e com teus irmãos procure por ele.'

Tendo dito isso em aflição para seu filho mais velho, ela convocou Vidura, e disse, 'Ó ilustre Kshatri, Bhimasena está perdido! Onde ele foi? Os outros irmãos voltaram dos jardins, só Bhima de braços poderosos não veio para casa! Duryodhana não gosta dele. O Kaurava é desonesto e malicioso e de mente baixa e imprudente. Ele cobiça o trono abertamente. Eu estou com medo de que ele em um acesso de raiva possa ter matado meu querido. Isto me aflige dolorosamente, de fato, isto queima meu coração.'

Vidura respondeu, 'Dama abençoada, não diga isso! Proteja teus outros filhos com cuidado. Se o vil Duryodhana for acusado, ele pode matar os teus filhos restantes. O grande sábio disse que todos os teus filhos terão vida longa. Portanto, Bhima certamente voltará e alegrará teu coração.'

Vaisampayana continuou, 'O sábio Vidura, tendo dito isto para Kunti, voltou para sua residência, enquanto Kunti, em grande ansiedade, continuou a ficar em casa com seus filhos.'

Enquanto isso, Bhimasena despertou daquele sono no oitavo dia, e se sentiu forte além da conta por consequência do néctar que ele tinha tomado ter sido todo digerido. Vendo ele acordado, os Nagas começaram a confortá-lo e animá-lo, dizendo, 'Ó tu de braços poderosos, o licor que dá força que tu bebeste te dará o poder de dez mil elefantes! Ninguém agora poderá te vencer em batalha. Ó touro da raça Kuru, banhe-te nessas águas sagradas e auspiciosas e volte para casa. Teus irmãos estão desconsolados por causa de ti.'

Então Bhima se purificou com um banho naquelas águas, e enfeitado com vestes brancas e guirlandas floridas da mesma cor comeu do paramanna (arroz e pudim de açúcar) oferecido pelos Nagas. Então aquele opressor de todos os inimigos, enfeitado com ornamentos celestes, recebeu as adorações e bênçãos das cobras, e os saudando em retorno, ergueu-se da região inferior. Trazendo o Pandava de olhos de lótus debaixo das águas, os Nagas o deixaram nos mesmos jardins onde ele havia estado se divertindo, e desapareceram à sua vista.

O poderoso Bhimasena, chegando à superfície da terra, correu com velocidade para sua mãe. E curvando-se a ela e a seu irmão mais velho, e cheirando as cabeças de seus irmãos mais jovens, aquele opressor de todos os inimigos foi abraçado por sua mãe e por cada um daqueles touros entre os homens. Afetuosos uns com os outros, eles todos repetidamente exclamaram, 'Qual é nossa alegria hoje, ó, que alegria!'

Então Bhima, dotado de grande força e coragem relatou a seus irmãos tudo acerca da maldade de Duryodhana, e os incidentes felizes e infelizes que aconteceram a ele no mundo das serpentes. Nisto Yudhishtira disse, 'Guarde silêncio sobre isso. Não fale disso para ninguém. Deste dia em diante, protejamos todos uns aos outros com cuidado.' Desta maneira acutelados pelo justo Yudhishtira, eles todos, com o próprio Yudhishtira, se tornaram muito vigilantes daquele dia em diante. E para que não pudesse ocorrer negligência da parte dos filhos de Kunti, Vidura constantemente oferecia a eles sábios conselhos.

Algum tempo depois, Duryodhana outra vez misturou na comida de Bhima um outro veneno virulento e muito mortal. Mas Yuyutsu (o filho de Dhritarashtra com uma mulher Vaisya), movido por sua amizade pelos Pandavas, os informou disto. Vrikodara, no entanto, o engoliu sem qualquer hesitação, e o digeriu completamente. E, embora virulento o veneno não produziu efeito em Bhima.

Quando aquele terrível veneno para a destruição de Bhima fracassou em seu efeito, Duryodhana, Karna e Sakuni, sem desistirem de seu projeto perverso recorreram a outras numerosas maquinações para conseguir a morte dos Pandavas. E embora todas aquelas maquinações fossem totalmente conhecidas aos Pandavas, eles ainda de acordo com o conselho de Vidura suprimiram sua indignação.

Enquanto isso, o rei (Dhritarashtra), vendo os príncipes Kuru passando seu tempo em inatividade e crescendo desobedientes, nomeou Gautama como seu preceptor e os enviou a ele para instrução. Nascido entre uma moita de urzes, Gautama era bem experiente nos Vedas e foi sob ele (também chamado Kripa) que os príncipes Kuru começaram a aprender o uso de armas.'

## 130

(Continuação do Sambhava Parva)

Janamejaya disse, 'Ó Brahmana, cabe a ti relatar-me tudo acerca do nascimento de Kripa. Como ele proveio de uma moita de urzes? De onde também ele obteve suas armas?'

Vaisampayana disse, 'Ó rei, o grande sábio Gautama tinha um filho chamado Saradwat. Aquele Saradwat nasceu com flechas (na mão). Ó opressor de

inimigos, o filho de Gautama manifestou grande aptidão para o estudo da ciência de armas, mas nenhum pelas outras ciências. Saradwat adquiriu todas as suas armas por meio daquelas austeridades pelas quais Brahmanas na vida de estudante adquirem o conhecimento dos Vedas. Gautama (o filho de Gotama) por sua aptidão à ciência das armas e por suas austeridades fez o próprio Indra ter grande medo dele. Então, ó tu da linhagem Kuru, o chefe dos deuses convocou uma donzela celeste chamada Janapadi e a enviou a Gautama, dizendo, 'Faça o melhor que puder para perturbar as austeridades de Gautama', indo até o encantador retiro de Saradwat, a donzela começou a tentar o asceta equipado com arco e flechas. Vendo aquela Apsara de figura sem igual sobre a terra em beleza, sozinha naquelas florestas e vestida com um único pedaço de tecido, os olhos de Saradwat se arregalaram com prazer. À visão da donzela, seu arco e flechas deslizaram de sua mão e todo seu corpo tremeu com emoção; mas possuidor de resistência ascética e força de alma, o sábio reuniu paciência suficiente para resistir contra a tentação. A brusquidão, no entanto, de sua agitação mental, causou uma inconsciente emissão de seu fluido vital. Deixando seu arco e flechas e pele de veado para trás, ele foi embora, fugindo da Apsara. Seu fluido vital, no entanto, tendo caído sobre uma moita de urzes, foi dividida em duas partes, de onde nasceram duas crianças que eram gêmeas.

E aconteceu que um soldado que estava a serviço do rei Santanu enquanto o monarca estava fora a caçar nas florestas encontrou os gêmeos. E vendo o arco e as flechas e pele de veado no chão, ele pensou que eles poderiam ser os filhos de algum Brahmana competente na ciência de armas. Decidindo assim, ele pegou as crianças junto com o arco e flechas, e mostrou-os ao rei. Vendo-os o rei foi tocado pela compaixão, e dizendo, 'Que eles se tornem meus filhos' os levou para seu palácio. Então aquele principal dos homens, Santanu, o filho de Pratipa, tendo levado os gêmeos de Gautama para sua casa, realizou em relação a eles os ritos usuais de religião. E ele começou a educá-los e os chamou de Kripa e Kripa, em alusão ao fato de que ele os criou por motivos de compaixão (Kripa). O filho de Gotama tendo deixado seu retiro antigo continuou seu estudo da ciência de armas com grande seriedade. Por meio de seu discernimento espiritual ele soube que seu filho e filha estavam no palácio de Santanu. Ele então foi ao monarca e relatou tudo acerca de sua linhagem. Ele então ensinou a Kripa os quatro ramos da ciência de armas, e vários outros ramos de conhecimento, incluindo todos os seus mistérios e detalhes obscuros. Em pouco tempo Kripa se tornou um eminente professor da ciência (de armas). E os cem filhos de Dhritarashtra, e os Pandavas junto com os Yadavas, e os Vrishnis, e muitos outros príncipes de várias terras, começaram a receber aulas dele naquela ciência.'

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Desejoso de dar a seus netos uma educação superior, Bhishma estava à procura de um professor dotado de energia e hábil na ciência de armas. Decidindo, ó chefe dos Bharatas, que ninguém que não fosse possuidor de grande inteligência, que não fosse um ilustre ou um perfeito mestre na ciência de armas, ninguém que não tivesse um poder como o dos deuses poderia ser o instrutor dos (príncipes) Kurus, o filho de Ganga, ó tigre entre homens, colocou os Pandavas e os Kauravas sob a instrução do filho de Bharadwaja, o inteligente Drona hábil em todos os Vedas. Satisfeito com a recepção dada a ele pelo grande Bhishma, aquele principal de todos os homens habilidosos com armas, o ilustre Drona de fama mundial, aceitou os príncipes como seus pupilos. E Drona ensinou a eles a ciência das armas em todos os seus ramos. E, ó monarca, os Kauravas e os Pandavas dotados com força imensurável em pouco tempo se tornaram competentes no uso de todas as espécies de armas.'

Janamejaya perguntou, 'Ó Brahmana, como Drona nasceu? Como e de onde ele adquiriu suas armas? Como e por que ele foi aos Kurus? De quem também ele era filho? Novamente, como foi que seu filho Aswatthaman, o principal de todos aqueles hábeis em armas nasceu? Eu desejo ouvir tudo isto! Por favor narre-os em detalhes.'

Vaisampayana disse, 'Morava na fonte do Ganga um grande sábio chamado Bharadwaja, que incessantemente cumpria os votos mais rígidos. Um dia, antigamente, pretendendo celebrar o sacrifício Agnihotra ele foi junto com muitos grandes Rishis ao Ganga realizar sua purificação religiosa. Chegando na margem da correnteza ele viu a própria Ghritachi, aquela Apsara dotada com juventude e beleza, que havia chegado lá pouco antes. Com uma expressão de orgulho em seu rosto, misturado com uma atitude de langor voluptuoso, a donzela ergueu-se da água depois que suas abluções haviam terminado. E quanto ela estava suavemente andando na margem, seu traje que estava frouxo ficou desordenado. Vendo seu traje desordenado, o sábio foi atingido pelo desejo ardente. Em seguida seu fluido vital saiu, por causa da violência de sua emoção. O Rishi imediatamente o apanhou em um recipiente chamado drona. Então, ó rei, Drona surgiu do fluido assim preservado naquele recipiente pelo sábio Bharadwaja. E a criança assim nascida estudou todos os Vedas e seus ramos. Antes Bharadwaja de grande destreza e o principal daqueles possuidores do conhecimento de armas havia comunicado ao ilustre Agnivesa o conhecimento da arma chamada Agneya. Ó principal da linhagem Bharata, o Rishi (Agnivesa) nascido do fogo agora comunicou o conhecimento daquela grande arma para Drona, o filho de seu preceptor.

Havia um rei chamado Prishata que era um grande amigo de Bharadwaja. Naquela época Prishata teve um filho chamado Drupada. E aquele touro entre os Kshatriyas, Drupada, o filho de Prishata, costumava ir todos os dias ao eremitério de Bharadwaja para brincar com Drona e estudar em sua companhia. Ó monarca,

quando Prishata morreu Drupada de braços poderosos se tornou o rei dos Panchalas do norte. Naquela época também o ilustre Bharadwaja ascendeu para o céu. Drona continuou a residir no retiro de seu pai se dedicando a austeridades ascéticas. Tendo se tornado versado nos Vedas e seus ramos e tendo também queimado seus pecados por meio de ascetismo, o célebre Drona, obediente às injunções de seu pai e movido pelo desejo de prole se casou com Kripi, a filha de Saradwat. E aquela mulher, sempre dedicada a ações virtuosas e ao Agnihotra, e às mais austeras penitências, obteve um filho chamado Aswatthaman. E logo que Aswatthaman nasceu ele relinhou como o corcel (celeste) Ucchaisravas. Ouvindo tal grito um ser invisível nos céus disse, 'A voz que esta criança tem, como o relinchar de um cavalo, é audível a todos ao redor, esta criança, portanto, será conhecida pelo nome de Aswatthaman, (aquele com voz de cavalo). O filho de Bharadwaja (Drona) estava muito contente por ter obtido aquele filho. Continuando a residir naquele eremitério ele se dedicava ao estudo da ciência das armas.

Ó rei, foi nesta época que Drona soube que o ilustre Brahmana Jamadagnya, aquele matador de inimigos, aquele principal entre todos os manejadores de armas, versado em todas espécies de conhecimento, havia expressado o desejo de dar toda sua riqueza para Brahmanas. Tendo ouvido sobre o conhecimento de armas de Rama e a respeito de suas armas celestes também, Drona fixou seu coração neles como também sobre o conhecimento de moralidade que Rama possuía. Então Drona de braços poderosos, dotado das mais altas virtudes ascéticas, acompanhado por discípulos que eram todos dedicados a votos de austeridades ascéticas, foi às montanhas Mahendra. Chegando em Mahendra, o filho de Bharadwaja possuidor de alto mérito ascético viu o filho de Bhrigu, o exterminador de todos os inimigos, dotado de grande paciência e com a mente sob controle completo. Então ele se aproximou com seus discípulos daquele descendente da linhagem Bhrigu, Drona, dizendo seu nome, falou-lhe de seu nascimento na linha de Angiras. E tocando o chão com sua cabeça ele reverenciou os pés de Rama. E vendo o filho ilustre de Jamadagni querendo se retirar para as florestas depois de dar toda sua riqueza, Drona disse, 'Saiba que eu surgi de Bharadwaja, mas não do útero de qualquer mulher! Eu sou um Brahmana de nascimento elevado, de nome Drona, e vim a ti com o desejo de obter tua riqueza.'

Ao ouvi-lo, aquele professor ilustre da classe Kshatriya respondeu, 'Tu és bem vindo, ó melhor dos regenerados! Diga-me o que tu desejas.' Assim endereçado por Rama, o filho de Bharadwaja respondeu àquele principal de todos os lutadores, que desejava dar toda sua riqueza, 'Ó tu de votos diversos, eu sou um candidato à tua eterna riqueza,' 'Ó tu de riqueza ascética', Rama disse, 'meu ouro e quaisquer outras riquezas que eu tinha, tudo foi dado aos Brahmanas! Esta terra também, até a beira-mar, enfeitada com cidades e vilas como com uma guirlanda de flores, eu dei para Kasyapa. Eu tenho agora só meu corpo e minhas armas valiosas. Eu estou pronto para dar meu corpo ou minhas armas. Diga, qual deles tu queres? Eu te darei! Diga rapidamente!'

Drona respondeu, 'Ó filho de Bhrigu, cabe a ti me dar todas as tuas armas junto com os mistérios de lançá-las e chamá-las de volta.'

Dizendo, 'Assim seja' o filho de Bhrigu deu todas as suas armas para Drona, de fato, a ciência das armas com todas as suas regras e mistérios. Aceitando elas todas, e considerando-se plenamente recompensado aquele melhor dos Brahmanas então, contente, partiu para (a cidade do) seu amigo Drupada.'

## 132

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Então, ó rei, o filho poderoso de Bharadyaja se apresentou perante Drupada, e se dirigindo àquele monarca, disse, 'Reconheça-me como teu amigo.' Assim endereçado por seu amigo, o filho de Bharadwaja com o coração alegre, o senhor dos Panchalas mal foi capaz de suportar aquelas palavras. O rei, embriagado pelo orgulho de riqueza, contraiu sua fronte em cólera, e com olhos avermelhados falou estas palavras para Drona, 'Ó Brahmana, tua inteligência não é de uma ordem elevada, visto que disseste a mim, repentinamente, que és meu amigo! Ó tu de mente estúpida, grandes reis nunca podem ser amigos de indivíduos desafortunados e pobres como tu! Se é verdade que houve amizade entre nós antigamente é porque nós estávamos então ambos em circunstâncias iguais. Mas o tempo enfraquece tudo o que está em seu curso, e enfraquece a amizade também. Neste mundo a amizade nunca dura para sempre em nenhum coração. O tempo a desgasta e a raiva a destrói também. Não te apegue, portanto, àquela amizade do passado. Não pense mais nisto. A amizade que eu tive contigo, ó principal dos Brahmanas, foi para um propósito específico. Amizade nunca pode subsistir entre um homem pobre e um homem rico, entre um homem letrado e um de mente não culta, entre um herói e um covarde. Por que tu desejas a continuação da nossa antiga amizade? Pode haver amizade ou hostilidade entre pessoas igualmente situadas quanto à riqueza ou poder. O pobre indigente e o rico não podem nem ser amigos nem brigar um com o outro. Aquele de nascimento impuro nunca pode ser amigo daquele de nascimento puro; aquele que não é um guerreiro em carro nunca pode ser amigo daquele que o é, e aquele que não é um rei nunca tem um rei como seu amigo. Portanto, por que tu desejas a continuação da nossa antiga amizade?'

Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado por Drupada o poderoso filho de Bharadwaja ficou cheio de ira, e refletindo um momento planejou em sua mente qual seria seu curso de ação. Vendo a insolência do rei Panchala ele desejou coibi-la efetivamente. Deixando rapidamente a capital Panchala Drona dirigiu seus passos em direção à capital dos Kurus, que recebeu o nome de elefante.'

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Chegando em Hastinapura aquele melhor dos Brahmanas, o filho de Bharadwaja, continuou a viver privadamente na casa de Gautama (Kripa). Seu filho poderoso (Aswatthaman) nos intervalos do ensino de Kripa costumava dar aos filhos de Kunti lições no uso de armas. Mas ninguém ainda sabia da bravura de Aswatthaman.

Drona assim tinha vivido privadamente por algum tempo na casa de Kripa quando um dia os príncipes heróicos, todos em comitiva, saíram de Hastinapura. E ao saírem da cidade, eles começaram a brincar com uma bola e a vagar por lá com os corações alegres. E aconteceu que a bola com a qual eles estavam jogando caiu em um poço. E os príncipes se esforçaram o melhor que podiam para recuperá-la do poço, mas os esforços que os príncipes fizeram para recuperá-la foram inúteis. Eles então começaram se entrelhar envergonhados, e não sabendo como recuperá-la, sua ansiedade tornou-se grande. Justamente naquela hora eles viram um Brahmana perto o suficiente deles, de cor escura, decrépito e magro, santificado pelo desempenho do Agnihotra e que tinha terminado seus ritos diários de culto. E vendo aquele Brahmana ilustre os príncipes que tinham se desesperado o cercaram imediatamente. Aquele Brahmana não era outro senão Drona, que vendo os príncipes frustrados e consciente de sua própria habilidade, sorriu um pouco, e se dirigindo a eles disse, 'Que vergonha para o seu poder Kshatriya, e que vergonha também para a sua habilidade com armas! Vocês são nascidos na linhagem de Bharata! Como é que não podem recuperar a bola (do fundo deste poço)? Se vocês me prometerem um jantar hoje eu, com estas folhas de erva, trarei não somente a bola que vocês perderam mas também este anel que eu jogo agora neste poço!' Assim dizendo, Drona aquele opressor de inimigos, tirando seu anel, jogou-o no poço seco. Então Yudhishtira, o filho de Kunti, endereçando-se a Drona, disse, 'Ó Brahmana (tu pedes uma insignificância)! Com a permissão de Kripa obtenhas de nós aquilo que possa durar tua vida inteira!' Assim endereçado, Drona sorrindo respondeu aos príncipes Bharata, dizendo, 'Este punhado de erva comprida eu investirei, por meio dos meus mantras, com a virtude das armas. Vejam estas folhas possuírem as virtudes que outras armas não têm! Eu, com uma destas folhas, furarei a bola, e então furarei aquela folha com outra, e esta outra com uma terceira, e assim por meio de uma corrente puxarei a bola.'

Vaisampayana continuou, 'Então Drona fez exatamente o que ele tinha dito. E os príncipes ficaram todos assombrados e seus olhos se arregalaram de deleite. E considerando o que haviam testemunhado como muito extraordinário, eles disseram, Ó Brahmana erudito, tragas também o anel sem perda de tempo.'

Então o ilustre Drona, pegando um arco com uma flecha perfurou o anel com ela e o trouxe para cima imediatamente. E pegando o anel daquela forma puxado do poço ainda furado com sua flecha ele calmamente o deu aos príncipes atônitos. Então os últimos, vendo o anel assim recuperado, disseram, 'Nós te

reverenciamos, ó Brahmana! Ninguém mais possui tamanha habilidade. Nós desejamos saber quem tu és e de quem és filho. O que também nós podemos fazer por ti?'

Assim endereçado Drona respondeu aos príncipes, dizendo, 'Vão até Bhishma e descrevam a ele minha aparência e habilidade. O poderoso me reconhecerá.' Os príncipes então disseram, 'Assim seja' e foram até Bhishma e revelaram a ele o teor das palavras daquele Brahmana, relatando tudo acerca da sua (extraordinária) façanha. Ouvindo tudo aquilo dos príncipes Bhishma percebeu imediatamente que o Brahmana não era ninguém mais do que Drona, e pensando que ele seria o melhor preceptor para os príncipes foi pessoalmente até ele e cumprimentou-o respeitosamente. Então Bhishma, o principal de todos os manejadores de armas, habilmente o questionou sobre a causa de sua chegada em Hastinapura. Perguntado, Drona relatou como tudo tinha acontecido, dizendo, 'Ó senhor, no passado eu fui ao Rishi grande Agnivesa para obter dele suas armas, desejoso também de aprender a ciência das armas. Dedicado ao serviço ao meu preceptor eu vivi com ele por muitos anos na aparência humilde de um Brahmacharin, com os cabelos emaranhados em minha cabeça. Naquele tempo, agindo pelos mesmos motivos, o príncipe de Panchala, o poderoso Yajnasena, também viveu no mesmo retiro. Ele se tornou meu amigo, sempre procurando meu bem-estar. Eu gostava muito dele. De fato, nós vivemos juntos por muitos, muitos anos. Ó tu da linhagem Kuru, desde os nossos primeiros anos nós tínhamos estudado juntos e, de fato, ele foi meu amigo de infância, sempre falando e fazendo o que era agradável para mim. Para me satisfazer, ó Bhishma, ele costumava me dizer, 'Ó Drona, eu sou o filho favorito do meu pai ilustre. Quando o rei me instalar como o monarca dos Panchalas o reino será teu. Ó amigo, esta, de fato, é minha promessa solene. Meu domínio, riqueza e felicidade, todos dependerão de ti.' Finalmente chegou a hora da partida dele. Tendo terminado seus estudos, ele dirigiu seus passos em direção a seu país. Eu ofereci a ele minha consideração naquela época, e, de fato, eu sempre me lembrei de suas palavras.

Algum tempo depois, em conformidade com as injunções de meu pai e tentado também pelo desejo de filhos eu me casei com Kripi de cabelo curto, que dotada com grande inteligência tinha cumprido muitos votos rígidos, e era sempre dedicada ao Agnihotra e outros sacrifícios e austeridades rígidas. Gautami, com o tempo, deu à luz a um filho chamado Aswatthaman de grande coragem e igual em esplendor ao próprio Sol. De fato, eu estava tão satisfeito por ter obtido Aswatthaman como meu pai tinha estado em me obter.

E aconteceu um dia que a criança Aswatthaman observando alguns homens ricos beberem leite começou a chorar. Nisto eu estava tão além de mim mesmo que havia até perdido todo o conhecimento dos pontos da bússola. Em vez de pedir a alguém que tivesse somente umas poucas vacas (porque se ele me desse uma ele não poderia continuar a realizar seus sacrifícios e assim sofreria perda de virtude), eu desejava obter uma vaca de alguém que tivesse muitas, e para isso eu vaguei de país a país. Mas minhas andanças foram infrutíferas, pois eu fracassei em obter uma vaca leiteira. Depois de eu ter voltado frustrado, alguns dos colegas

do meu filho deram a ele água misturada com arroz em pó. Bebendo aquilo, o menino pobre, enganado, achou que tinha tomado leite e começou a dançar em alegria, dizendo, 'Ó, eu tomei leite. Eu tomei leite!' Vendo ele dançar com alegria em meio àqueles colegas rindo da sua simplicidade eu fiquei muito tocado. Ouvindo também as palavras zombeteiras de pessoas intrometidas que diziam, 'Que vergonha para este indigente Drona, que não se esforça para ganhar riqueza, cujo filho bebe água misturada com arroz em pó e achando que aquilo é leite dança com alegria, dizendo, 'Eu tomei leite, eu tomei leite!' Eu fiquei totalmente fora de mim. Me censurando muito eu finalmente decidi que mesmo que eu tivesse que viver rejeitado e censurado por Brahmanas, eu ainda não seria, por desejo de riqueza, o servo de alguém, o que é sempre odioso. Assim decidido, ó Bhishma, eu fui, pela amizade antiga, ao rei dos Somakas, levando comigo meu querido filho e minha mulher. Sabendo que ele tinha sido instalado na soberania (dos Somakas), eu me considerei abençoado além da conta. Alegremente eu fui àquele meu querido amigo sentado no trono, lembrando da minha antiga amizade com ele e também das próprias palavras dele a mim. E, ó ilustre, me aproximando de Drupada, eu disse, 'Ó tigre entre os homens, reconheça-me como teu amigo!' Dizendo isto eu me aproximei confiantemente como um amigo faria. Mas Drupada riu com escárnio e me expulsou como se eu fosse um sujeito ordinário. Se dirigindo a mim ele disse, 'Tua inteligência mal parece ser de uma ordem elevada visto que te aproximando de repente, tu me dizes que és meu amigo! O tempo desgasta tudo, e desgasta a amizade também. Minha antiga amizade contigo foi para um propósito específico. Alguém de nascimento impuro nunca pode ser amigo de alguém que é de nascimento puro. Um guerreiro em carro nunca pode ser amigo de alguém que não o é. Amizade somente pode subsistir entre pessoas que são de postos iguais, mas não entre os que estão desigualmente situados. Amizade nunca subsiste para sempre no meu coração. O tempo desgasta amizades, como também a raiva as destrói. Não te apegue, portanto, àquela amizade do passado entre nós. Não pense mais nela. A amizade que eu tive contigo, ó melhor dos Brahmanas, foi para um propósito especial. Não pode haver amizade entre um homem pobre e um homem rico, entre um homem iletrado e um erudito, entre um covarde e um herói. Por que tu, portanto, desejas o renascimento da nossa antiga amizade? Ó tu de mente simplória, grandes reis nunca podem ter amizade com indivíduos indigentes e desafortunados como tu. Alguém que não é um rei nunca pode ter um rei como seu amigo. Eu não me lembro de alguma vez ter te prometido meu reino. Mas, ó Brahmana, eu posso agora te dar comida e abrigo por uma noite.' Assim endereçado por ele eu deixei sua presença rapidamente com minha mulher, jurando fazer aquilo que eu sem dúvida logo farei. Assim insultado por Drupada, ó Bhishma, eu estou cheio de cólera, e vim aos Kurus desejoso de obter pupilos inteligentes e obedientes. Eu vim para Hastinapura satisfazer teus desejos. Ó, diga-me o que eu devo fazer.'

Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado pelo filho de Bharadwaja, Bhishma disse a ele, 'Encordoe teu arco, ó Brahmana, e torne os príncipes Kuru habilidosos com armas. Reverenciado pelos Kurus, desfrute com o coração contente de toda a comodidade até te saciares em sua residência. Tu és o

absoluto senhor, ó Brahmana, de toda a riqueza que os Kurus têm e de sua soberania e reino! Os Kurus são teus (deste dia em diante). Considere como já realizado aquilo que possa estar no teu coração. Tu és, ó Brahmana, obtido por nós como o fruto da nossa grandiosa sorte. De fato, a bênção que tu conferes a mim por tua chegada é grandioso.'

## 134

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Assim reverenciado por Bhishma, Drona, aquele principal dos homens, dotado de grande energia, tomou sua residência na casa dos Kurus e continuou a viver lá, recebendo as adorações deles. Depois que ele tinha descansado algum tempo, Bhishma, levando consigo seus netos, os príncipes Kaurava, os entregou a ele como pupilos, fazendo ao mesmo tempo muitos presentes valiosos. E o poderoso (Bhishma) também alegremente deu ao filho de Bharadwaja uma casa arrumada e maravilhosa e cheia de arroz e todo tipo de riqueza. E aquele principal dos arqueiros, Drona, então alegremente aceitou os Kauravas, os filhos de Pandu e Dhritarashtra, como seus pupilos. E tendo aceitado eles todos como seus pupilos, um dia Drona chamou eles à parte e fazendo eles tocarem seus pés, disse com o coração pesado, 'Eu tenho no meu coração um propósito específico. Prometam a mim realmente, ó impecáveis, que quando vocês se tornarem hábeis em armas vocês o realizarão.'

Vaisampayana continuou, 'Ouvindo aquelas palavras os príncipes Kuru permaneceram silenciosos. Exceto Arjuna, ó rei, que jurou realizá-lo, o que quer que fosse. Drona então alegremente abraçou Arjuna em seu peito e cheirou sua cabeça repetidamente, derramando lágrimas de alegria o tempo todo. Então Drona dotado de grande destreza ensinou aos filhos de Pandu (o uso de) muitas armas celestes e humanas. E, ó touro da raça Bharata, muitos outros príncipes também afluíram para aquele melhor dos Brahmanas para instrução em armas. Os Vrishnis e os Andhakas, e príncipes de várias terras, e o filho (adotivo) de Radha da casta Suta, (Karna), todos se tornaram pupilos de Drona. Mas entre eles todos, o filho de Suta, Karna, por ciúmes, frequentemente se opunha a Arjuna, e auxiliado por Duryodhana, costumava desrespeitar os Pandavas. Arjuna, no entanto, por dedicação à ciência de armas, sempre ficava ao lado de seu preceptor, e em habilidade, força de braços, e perseverança, superava a todos (os seus colegas de classe). De fato, embora a instrução que o preceptor dava fosse a mesma para todos, ainda em leveza e habilidade Arjuna se tornou o principal de todos os seus pupilos. E Drona estava convencido de que nenhum de seus pupilos seria capaz (em qualquer tempo) de se igualar àquele filho de Indra.

Assim Drona continuou a dar aulas aos príncipes na ciência das armas. E enquanto ele dava a todos os seus pupilos um recipiente com boca estreita (para buscar água) de modo que muito tempo fosse gasto enchendo-os, ele dava para

seu próprio filho Aswatthaman um recipiente de boca larga, para que, enchendo-o rapidamente, ele voltasse logo. E nos intervalos assim ganhou Drona costumava instruir seu próprio filho em vários métodos superiores (de usar armas). Jishnu (Arjuna) veio a saber disto, e então enchendo seu recipiente de boca estreita com água através da arma Varuna ele costumava ir a seu preceptor ao mesmo tempo que o filho dele. E conseqüentemente o filho inteligente de Pritha, o principal de todos os homens possuidores do conhecimento de armas, não tinha inferioridade ao filho de seu preceptor em relação à excelência. A dedicação de Arjuna ao serviço de seu preceptor como também às armas eram muito grandes e ele logo virou o favorito do professor. E Drona, vendo a dedicação do pupilo às armas, convocou o cozinheiro, e disse a ele em segredo, 'Nunca dê comida a Arjuna no escuro, nem diga a ele o que eu te disse.' Poucos dias depois, no entanto, quando Arjuna estava se alimentando, um vento surgiu, e então a lâmpada que estava queimando se apagou. Mas Arjuna, dotado de energia, continuou a comer no escuro, sua mão, de hábito, indo à boca. Sua atenção foi assim chamada à força do hábito, e o filho de braços fortes de Pandu decidiu praticar com seu arco durante a noite. E, ó Bharata, Drona, ouvindo a vibração da corda do arco dele durante a noite, foi até ele e abraçando-o disse, 'Realmente eu te digo que eu farei com que não haja um arqueiro igual a ti neste mundo.'

Vaisampayana continuou, 'Depois disso Drona começou a ensinar a Arjuna a arte da luta a cavalo, nas costas de elefantes, em carros, e no chão. E o poderoso Drona também instruiu Arjuna em luta com a maça, a espada, a lança, o arpão, e o dardo. E ele também o instruiu na utilização de muitas armas e a lutar com muitos homens ao mesmo tempo. E ouvindo os relatos de sua habilidade, reis e príncipes, desejosos de aprender a ciência das armas, afluíram a Drona aos milhares. Entre aqueles que foram lá, ó monarca, estava um príncipe de nome Ekalavya, que era o filho de Hiranyadhanu, o rei dos Nishadas (a mais baixa das classes misturadas). Drona, no entanto, conhecedor de todas as regras de moralidade, não aceitou o príncipe como seu pupilo no tiro de arco, vendo que ele era um Nishada que poderia (com o tempo) superar todos os seus pupilos de nascimento elevado. Mas, ó opressor de todos os inimigos, o príncipe Nishada, tocando os pés de Drona com sua cabeça, fez seu caminho para a floresta, e lá ele fez uma imagem de argila de Drona, e começou a cultuá-la respeitosamente como se fosse seu preceptor real, e praticou com armas perante ela com a mais rígida regularidade. Por causa da sua reverência excepcional a seu preceptor e sua dedicação ao seu propósito, todos os três processos de fixar flechas na corda do arco, pontaria, e disparo se tornaram muito fáceis para ele.

E um dia, ó destruidor de inimigos, os príncipes Kuru e os Pandavas, com a permissão de Drona, saíram em seus carros em uma excursão de caça. Um empregado, ó rei, seguiu o grupo em lazer, com os instrumentos usuais e um cachorro. Tendo chegado às florestas eles vagaram por lá, atentos ao propósito que tinham em vista. Enquanto isso, o cachorro também, ao vagar só nas florestas, encontrou o príncipe Nishada (Ekalavya). E vendo o Nishada de cor escura, com sujeira no corpo, vestido em cor preta e com cabelos emaranhados na cabeça, o cachorro começou a latir alto.

Então o príncipe Nishada, desejoso de exhibir sua leveza de mão, enviou sete flechas à sua boca (antes que ele pudesse fechá-la). O cachorro, assim perfurado por sete flechas voltou aos Pandavas. Aqueles heróis ao verem aquilo se admiraram, e, envergonhados da própria habilidade começaram a elogiar a leveza de mão e precisão de pontaria e audição (mostradas pelo arqueiro desconhecido). E eles começaram a procurar naquelas florestas o habitante desconhecido que tinha mostrado tal habilidade. E, ó rei, os Pandavas logo descobriram o objetivo de sua busca incessantemente atirando flechas do arco. E vendo aquele homem de aparência lúgubre, que era totalmente desconhecido para eles, eles perguntaram, 'Quem tu és e de quem és filho?' Assim questionado, o homem respondeu, 'Ó heróis, eu sou o filho de Hiranyadhanus, rei dos Nishadas. Saibam que eu também sou um pupilo de Drona, trabalhando para o domínio da arte das armas'

Vaisampayana continuou, 'Os Pandavas então, tendo conhecido tudo sobre ele, voltaram (à cidade), e indo até Drona, falaram a ele daquela façanha notável de tiro de arco que eles tinham testemunhado nas florestas. Arjuna, em particular, pensando a todo momento, ó rei, em Ekalavya, viu Drona em particular e confiando na afeição de seu preceptor por ele, disse, 'Tu carinhosamente me disseste, me abraçando em teu peito, que nenhum pupilo teu poderia estar à minha altura. Por que então há um pupilo teu, o poderoso filho do rei Nishada, superior a mim?'

Vaisampayana continuou, 'Ao ouvir aquelas palavras Drona refletiu por um momento, e resolvendo sobre a atitude que deveria tomar levou Arjuna consigo e foi até o príncipe Nishada. E ele viu Ekalavya com o corpo coberto de sujeira, cabelos emaranhados (sobre a cabeça), vestido em trapos, portando um arco na mão e incessantemente atirando flechas com ele. E quando Ekalavya viu Drona se aproximando em sua direção, ele deu uns poucos passos na direção dele, e tocou seus pés e prostrou-se no chão. E o filho do rei Nishada reverenciando Drona devidamente apresentou-se como seu pupilo, e apertando suas mãos com reverência ficou perante ele (esperando suas ordens). Então Drona, ó rei, se dirigiu a Ekalavya, dizendo, 'Se, ó herói, tu és realmente meu pupilo, me dê então minha gratificação.' Ao ouvir estas palavras Ekalavya ficou muito satisfeito, e disse em resposta, 'Ó ilustre preceptor, o que eu darei? Ordene-me; pois não há nada, ó principal de todas as pessoas conhecedoras dos Vedas, que eu não possa dar ao meu preceptor.' Drona respondeu, 'Ó Ekalavya, se tu realmente queres me fazer um presente, eu gostaria então de ter o polegar da tua mão direita.'

Vaisampayana continuou, 'Ouvindo aquelas palavras cruéis de Drona, que tinha lhe pedido o polegar como taxa de instrução, Ekalavya, sempre dedicado à verdade e desejoso também de manter sua promessa, com o rosto alegre e o coração tranquilo cortou sem dificuldade seu polegar, e o deu para Drona. Depois disto, quando o príncipe Nishada começou mais uma vez a atirar com a ajuda de seus dedos restantes, ele descobriu, ó rei, que tinha perdido sua antiga leveza de mão. E nisto Arjuna ficou feliz, e a febre (do ciúmes) o deixou.

Dois dos pupilos de Drona se tornaram muito talentosos no uso da maça. Eles eram Duryodhana e Bhima, que eram, no entanto, sempre ciumentos um do outro.

Aswatthaman superava a todos (nos mistérios da ciência de armas). Os gêmeos (Nakula e Sahadeva) superavam a todos em se tratando da espada. Yudhishtira superava a todos como um guerreiro em carro; mas Arjuna, no entanto, deixou para trás todos eles em todas as circunstâncias, em inteligência, desembaraço, força e perseverança. Habilidade com todas as armas, Arjuna se tornou o principal mesmo dentre os principais guerreiros em carros; e sua fama se espalhou por toda a terra até a costa. E embora a instrução fosse a mesma, o poderoso Arjuna sobrepujava a todos (os príncipes em leveza de mão). De fato, tanto em armas como em dedicação a seu preceptor ele se tornou o principal deles todos. E dentre todos os príncipes, somente Arjuna se tornou um Atiratha (um guerreiro em carro capaz de lutar de uma vez só com sessenta mil inimigos). E os perversos filhos de Dhritarashtra, vendo Bhimasena dotado de grande força e Arjuna talentoso com todas as armas, ficaram com muito ciúmes deles.

Ó touro entre homens, um dia Drona desejoso de testar a comparativa excelência de todos os seus pupilos no uso de armas, reuniu eles todos depois que sua educação estava completada. E antes de reuni-los, ele tinha feito uma ave artificial, como alvo, colocada no topo de uma árvore vizinha. E quando eles estavam todos juntos, Drona disse a eles, 'Peguem seus arcos rapidamente e fiquem aqui apontando para aquela ave na árvore, com as flechas fixadas na corda de seus arcos; disparem e cortem a cabeça da ave, logo que eu der a ordem. Eu darei a cada um de vocês uma oportunidade, um a um, meus filhos.'

Vaisampayana continuou, 'Então Drona, aquele principal de todos os filhos de Angira primeiro se dirigiu a Yudhishtira e disse, 'Ó irreprimível, mire com tua flecha e dispare logo que eu der a ordem.' Yudhishtira pegou o arco primeiro, como desejava, ó rei, seu preceptor, e ficou apontando para o pássaro. Mas, ó touro da raça Bharata, Drona em um instante, se dirigindo ao príncipe Kuru posicionado com o arco na mão, disse, 'Veja, ó príncipe, a ave sobre a árvore.' Yudhishtira respondeu a seu preceptor, dizendo, 'Eu vejo.' Mas em seguida Drona perguntou novamente a ele, 'O que vês agora, ó príncipe? Vês a árvore, eu mesmo ou teus irmãos?' Yudhishtira respondeu, 'Eu vejo a árvore, eu mesmo, meus irmãos, e a ave.' Drona repetiu sua pergunta, mas ela foi respondida muitas vezes nas mesmas palavras. Drona então, irritado com Yudhishtira, em repreensão disse, 'Fique de lado. Não é para ti atingir o alvo.' Então Drona repetiu o experimento com Duryodhana e os outros filhos de Dhritarashtra, um depois do outro, como também com seus outros pupilos, Bhima e o restante, incluindo os príncipes que tinham vindo de outras terras. Mas a resposta em todos os casos era a mesma que a de Yudhishtira, 'Nós vemos a árvore, tu mesmo, nossos colegas de classe, e a ave.' E repreendidos por seu preceptor, eles receberam ordem, um depois do outro, de ficar de lado.'

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Quando todo mundo tinha fracassado, Drona sorrindo chamou Arjuna e disse a ele, 'Por ti o alvo deve ser atirado; portanto, volte teus olhos para ele. Tu deves deixar voar a flecha logo que eu der a ordem. Portanto, ó filho, fique aqui com o arco e flecha por um instante.' Assim endereçado, Arjuna ficou mirando a ave como desejado por seu preceptor, com seu arco retesado. Um instante depois Drona o questionou como no caso dos outros, 'Tu vê, ó Arjuna, a ave lá, a árvore, e eu mesmo?' Arjuna respondeu, 'Eu vejo somente a ave, mas nem a árvore, ou tu mesmo.' Então o irreprimível Drona, bem satisfeito com Arjuna, um instante depois, outra vez disse àquele poderoso guerreiro em carro entre os Pandavas, 'Se tu viste o urubu, então descreva-o para mim.' Arjuna disse, eu vejo somente a cabeça do urubu, não seu corpo.' A estas palavras de Arjuna, os pêlos (do corpo de Drona) se arrepiaram de prazer. Ele então disse para Partha, 'Atire' e o último imediatamente deixou voar (sua flecha afiada) e com ela cortou rapidamente a cabeça do urubu na árvore e a derrubou no solo. Tão logo aquele feito estava pronto Drona abraçou Phalguna em seu peito, e considerou Drupada com seus amigos já vencidos em batalha.

Algum tempo depois, ó touro da raça Bharata, Drona, acompanhado por todos os seus pupilos, foi à margem do Ganga para se banhar naquele rio sagrado. E quando Drona tinha mergulhado no rio, um jacaré forte, enviado como era pela própria Morte o agarrou pela coxa. E embora ele fosse bastante capaz, Drona aparentando pressa pediu a seu pupilo para salvá-lo. E ele disse, 'Ó, mate este monstro e me resgate.' Ao mesmo tempo em que aquelas palavras eram faladas, Vibhatsu (Arjuna) atingiu o monstro dentro da água com cinco flechas afiadas irresistíveis em seu curso, enquanto os outros pupilos permaneciam confusos, cada um em seu lugar. Vendo a presteza de Arjuna, Drona o considerou o principal de todos os seus pupilos, e ficou muito satisfeito. O monstro, ao ser cortado em pedaços pelas flechas de Arjuna, soltou a coxa do ilustre Drona e abandonou o corpo. O filho de Bharadwaja então endereçou-se ao ilustre e poderoso guerreiro em carro Arjuna e disse, 'Aceite, ó tu de braços poderosos, esta arma muito superior e irresistível chamada Brahmasira com os métodos de arremessá-la e chamá-la de volta. Tu não deves, no entanto, usá-la contra inimigo humano, porque se for lançada em qualquer inimigo de energia inferior ela pode queimar o universo inteiro. É dito, ó filho, que esta arma não tem uma rival nos três mundos. Mantenha-a, portanto, com grande cuidado, e escute o que eu digo. Se, ó herói, qualquer inimigo não humano lutar contra ti, tu então poderás usá-la contra ele para conseguir sua morte em batalha.' Prometendo fazer o que lhe estava sendo pedido, Vibhatsu então, com as mãos unidas, recebeu aquela arma grandiosa.

O preceptor então, endereçando-se a ele outra vez, disse, 'Ninguém mais neste mundo se tornará um arqueiro superior a ti. Tu nunca serás vencido por algum inimigo, e tuas realizações serão grandiosas.'

## 136

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Ó tu da linhagem Bharata, vendo os filhos de Dhritarashtra e Pandu habilidosos com armas, Drona, ó monarca, se dirigiu ao rei Dhritarashtra, na presença de Kripa, Somadatta, Valhika, e do sábio filho de Ganga (Bhishma), Vyasa, e Vidura, e disse, 'Ó melhor dos reis Kuru, teus filhos completaram sua educação. Com a tua permissão, ó rei, que eles agora mostrem sua competência.' Ouvindo ele o rei disse com o coração alegre, 'Ó melhor dos Brahmanas, tu, de fato, conseguiste um grande feito. Instrua-me quanto ao lugar e a hora, onde e quando e também a maneira pela qual o processo pode ser realizado. A tristeza resultante da minha própria cegueira me faz invejar aqueles que, abençoados com a visão, verão a destreza dos meus filhos com armas. Ó Kshatri (Vidura), faça tudo o que Drona disser. Ó tu dedicado à virtude, eu acho que nada poderia ser mais agradável para mim.' Então Vidura, dando a garantia necessária ao rei, saiu para fazer o que lhe havia sido pedido. E Drona dotado de grande sabedoria então mediu um trecho de terra que era destituído de árvores e matagais e provido de fontes e poços. E após o local ter sido assim medido, Drona, o principal dos homens eloquentes, escolhendo um dia lunar quando a estrela ascendente era auspiciosa, ofereceu um sacrifício para os deuses na presença dos cidadãos reunidos por proclamação para testemunhar o mesmo. E então, ó touro entre homens, os artífices do rei lá construíram um tablado grande e elegante de acordo com as regras das escrituras, que era equipado com todas as espécies de armas. Eles também construíram outra sala elegante para as senhoras expectadoras. E os cidadãos construíram muitas plataformas enquanto os mais ricos deles armaram muitas tendas espaçosas e altas por toda parte.

Quando o dia fixado para o torneio chegou, o rei acompanhado por seus ministros, com Bhishma e Kripa, o principal dos preceptores caminhando adiante, foi àquele teatro de beleza quase celestial construído de ouro puro, e decorado com cordões de pérolas e pedras de lápis lazúli. E, ó principal dos homens vitoriosos, Gandhari abençoada com boa sorte e Kunti, e as outras senhoras da casa real, em magníficos trajes e acompanhadas por suas servas, alegremente subiram nas plataformas, como damas celestes subindo a montanha Sumeru. E as quatro classes inclusive Brahmanas e Kshatriyas, desejosos de ver a habilidade dos príncipes com armas, deixaram a cidade e foram correndo ao local. E estavam todos tão impacientes para contemplar o espetáculo que uma vasta multidão lá se reuniu em quase um instante. E com o sons de trombetas e baterias e o barulho de muitas vozes, aquela vasta multidão parecia um oceano agitado.

Finalmente, Drona acompanhado por seu filho, vestido em (traje) branco, com fios sagrados brancos, cabelos brancos, barba branca, guirlandas brancas, e pasta branca de sândalo espalhada por seu corpo, entrou na arena. Parecia que a própria Lua acompanhada pelo planeta Marte tinha aparecido em um céu sem nuvens. Ao entrar Bharadwaja realizou o culto oportuno e fez Brahmanas versados em mantras celebrarem os ritos propícios. E depois que instrumentos musicais auspiciosos e de som doce tinham sido tocados como uma cerimônia propiciatória, algumas pessoas entraram, equipadas com várias armas. E então se preparando, aqueles guerreiros poderosos, os principais da linhagem Bharata entraram, munidos de protetores de dedos (manoplas), e arcos, e aljavas. E com Yudhishtira encabeçando-os, os príncipes valentes entraram em ordem de idade e começaram a exibição de habilidade extraordinária com suas armas. Alguns dos espectadores abaixaram suas cabeças, receando a queda de flechas enquanto outros sem medo olhavam fixamente maravilhados. E montando rapidamente sobre cavalos e controlando-os 'destramente' os príncipes começaram a atingir alvos com flechas gravadas com seus respectivos nomes. E vendo a destreza dos príncipes armados com arco e flechas os espectadores pensaram que estavam vendo a cidade dos Gandharvas, e se encheram de perplexidade. E, ó Bharata, todos repentinamente, centenas e milhares, com olhos arregalados de admiração, exclamavam, 'Muito bem! Muito bem!' E tendo repetidamente mostrado sua habilidade e destreza no uso de arcos e flechas e na condução de carros, os guerreiros poderosos ergueram suas espadas e escudos, e começaram a percorrer a arena lançando suas armas. Os espectadores viram (perplexos) sua agilidade, a simetria de seus corpos, sua graça, sua tranquilidade, a firmeza de sua força e sua destreza no uso de espada e escudo. Então Vrikodara e Suyodhana, interiormente encantados (pela probabilidade de lutar), entraram na arena, maças nas mãos, como duas montanhas de um só pico. E aqueles poderosos guerreiros colocaram suas proteções, e convocando toda sua energia rugiram como dois elefantes enfurecidos disputando uma elefante fêmea; e como dois elefantes enfurecidos aqueles heróis poderosos impecavelmente (em consonância com os ditames da ciência de armas) moveram-se com velocidade para a direita e para a esquerda, circulando a arena. E Vidura descreveu para Dhritarashtra e a mãe dos Pandavas (Kunti) e Gandhari, todas as façanhas dos príncipes.'

## 137

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana continuou, 'Após o rei Kuru e Bhima, os principais de todos os dotados de força, terem entrado na arena, os espectadores se dividiram em dois partidos por causa da preferência oscilante de sua simpatia. Alguns gritavam, 'Vejam o heróico rei dos Kurus!', alguns: 'Vejam Bhima!' E por causa daqueles gritos, houve, de repente, um grande barulho. E vendo o lugar se tornar como um oceano desordenado, o inteligente Bharadwaja disse a seu querido filho

Aswatthaman, 'Impeça estes poderosos guerreiros tão competentes com armas. Que a fúria da multidão não seja provocada pelo combate entre Bhima e Duryodhana.'

Vaisampayana continuou, 'Então o filho do preceptor dos príncipes reprimiu aqueles combatentes que estavam com suas maças erguidas e parecendo dois oceanos cheios agitados pelos ventos que sopram na dissolução universal. E o próprio Drona entrando na área da arena mandou os músicos pararem, e com uma voz profunda como a das nuvens falou estas palavras, 'Vejam agora Partha que é mais caro a mim do que meu próprio filho, o mestre de todas as armas, o filho do próprio Indra, e semelhante ao irmão mais novo de Indra, (Vishnu)!' E tendo realizado os ritos propiciatórios, o jovem Phalguna, equipado com protetor de dedos (manopla) e sua aljava cheia de flechas e arco na mão, usando sua armadura dourada, apareceu na arena como uma nuvem no anoitecer refletindo os raios do sol se pondo e iluminada pelas cores do arco-íris e relâmpagos.

Ao ver Arjuna, toda a multidão ficou encantada e conchas começaram a ser sopradas com outros instrumentos musicais. E se elevou um grande tumulto pois os espectadores exclamavam, 'Este é o gracioso filho de Kunti!', 'Este é o Pandava do meio (o terceiro)!', 'Este é o filho do poderoso Indra!', 'Este é o protetor dos Kurus', 'Este é o principal dentre aqueles versados em armas!', 'Este é o principal de todos os que estimam a virtude!', 'Este é o principal dos seres de comportamento correto, o grande repositório do conhecimento de boas maneiras!' A estas exclamações, as lágrimas de Kunti, misturadas com o leite de seu peito, molharam seu colo. E seus ouvidos estando cheios com aquele tumulto, aquele mais importante dos homens, Dhritarashtra, perguntou a Vidura com prazer, 'Ó Kshatri, porque este grande tumulto, como o de um agitado oceano, ergueu-se de todos tão de repente e rasga os céus?' Vidura respondeu, 'Ó monarca poderoso, o filho de Pandu e Pritha, Phalguna, vestido com sua armadura entrou na arena. E daí este tumulto!' Dhritarashtra disse, 'Ó tu de alma tão grande, pelos três fogos nascidos de Pritha que é assim como o combustível sagrado, eu tenho, de fato, sido abençoado, favorecido e protegido!'

Vaisampayana continuou, 'Quando os espectadores, excitados com prazer, haviam recuperado um pouco sua equanimidade, Vibhatsu começou a mostrar sua habilidade no uso de armas. Pela arma Agneya ele criou fogo, e pela arma Varuna ele criou água, pela arma Vayavya, ele criou ar, e pela arma Parjanya ele criou nuvens. E pela arma Bhauma, ele criou terra, e pela arma Parvatya, ele trouxe montanhas à existência. Pela arma Antardhana tudo aquilo desapareceu. Ora o querido de seu preceptor (Arjuna) parecia alto e ora baixo; ora ele era visto no jugo de seu carro, ora sobre o próprio carro; e no momento seguinte ele estava sobre o chão. E o herói favorecido por sua destreza experiente acertou vários alvos, alguns macios, alguns leves e alguns de composição grossa. E como se fossem uma só, ele fez voar, com seu arco, à boca de um javali de ferro, cinco flechas ao mesmo tempo. E aquele herói de energia poderosa atirou vinte e uma flechas no buraco de um chifre de vaca pendurado em uma corda oscilando para frente e para trás. Desta maneira, ó impecável, Arjuna mostrou sua habilidade profunda no uso de espada, arco, e maças, andando pela arena em círculos.

E, ó Bharata, quando a exibição tinha praticamente terminado, a excitação dos espectadores tinha esfriado, e os sons de instrumentos tinham desaparecido, foi ouvido vindo do portão o bater de braços, exprimindo poder e força, e semelhante ao ribombar do trovão. E, ó rei, logo que aquele som foi ouvido, a multidão imediatamente pensou, 'São as montanhas se rompendo ou a própria terra se partindo em pedaços, ou é o firmamento ressoando com o rugido da reunião de nuvens?' E então todos os espectadores olharam para o portão. E Drona ficou em pé, circundado pelos cinco irmãos e os filhos de Pritha, e parecia com a lua em conjunção com a constelação Hasta de cinco estrelas. E Duryodhana, aquele matador de inimigos, levantou depressa e foi cercado por seus cem irmãos soberbos com Aswatthaman entre eles. E aquele príncipe, maça na mão, assim circundado por seus cem irmãos com armas erguidas parecia com Purandara nos tempos antigos, cercado pela multidão celeste na ocasião da batalha com os Danavas.'

## 138

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana continuou, 'Quando os espectadores, com olhos arregalados de admiração, abriram caminho para aquele subjugador de cidades hostis, Karna, aquele herói com sua armadura natural e brincos, ergueu seu arco e sua espada, e então entrou na arena espaçosa, como um penhasco caminhante. Aquele famoso destruidor de multidões hostis, Karna de olhos grandes, nasceu de Pritha em sua juventude. Ele era uma porção Sol de raios quentes e sua energia e bravura eram como as do leão, ou do touro, ou do líder de uma manada de elefantes. Em esplendor ele parecia o Sol, em encanto com a Lua, e em energia com o fogo. Gerado pelo próprio Sol, ele era alto como uma palmeira dourada, e, dotado do vigor da juventude, ele era capaz de matar um leão. De aspecto belo, ele era possuidor de inúmeros talentos. O guerreiro poderosamente armado, olhando em volta da arena, curvou-se indiferentemente a Drona e Kripa. E a assembléia inteira, imóvel e com olhar fixo, pensava, 'Quem é ele?' E eles se agitaram em sua curiosidade de conhecer o guerreiro. E aquele principal dos homens eloquentes, o filho do Sol, em um voz profunda como a das nuvens, endereçou-se ao seu irmão desconhecido, o filho do subjugador do Asura Paka (Indra), dizendo, 'Ó Partha, eu realizarei façanhas perante o olhar desta multidão que superarão todas as que tu realizaste! Vendo-as, tu ficarás pasmo.' E, ó tu melhor dentre os abençoados com voz, ele mal tinha dito isso quando os espectadores ficaram de pé todos de uma vez, como se fossem erguidos por algum instrumento. E, ó tigre entre homens, Duryodhana estava cheio de prazer, enquanto Vibhatsu ficou imediatamente envergonhado e enfurecido. Então com a permissão de Drona, o poderoso Karna, que se deleitava em lutar, fez tudo o que Partha tinha feito antes. E, ó Bharata, Duryodhana com seus irmãos abraçaram Karna em alegria e então disseram a ele, 'Bem vindo, ó guerreiro poderosamente

armado! Eu te obtive por boa sorte, ó educado! Viva como te agradar, e comande-me, e ao reino dos Kurus.' Kama respondeu, 'Quando dizes isto, eu o considero já realizado. Eu somente anseio pela tua amizade. E, ó senhor, meu desejo é um combate único com Arjuna.' Duryodhana disse, 'Tu e eu desfrutaremos das coisas boas da vida! Seja o benfeitor do teu amigo, e, ó repressor de inimigos, ponha teus pés sobre as cabeças de todos os inimigos.'

Vaisampayana continuou, 'Arjuna, depois disto, julgando-se desonrado, disse a Karna que estava entre os irmãos como um penhasco, 'O caminho que um intruso inoportuno e que o não convidado falador tomam será teu, ó Karna, por isto tu serás morto por mim.' Karna respondeu, 'Esta arena está destinada a todos, não só para ti, ó Phalguna! Eles são reis que são superiores em energia; e em verdade o Kshatriya respeita poder e só o poder. Qual a necessidade de discussão a qual é o exercício dos fracos? Ó Bharata, fale então em flechas até que com flechas eu corte tua cabeça hoje perante o próprio preceptor!'

Vaisampayana continuou, 'Rapidamente abraçado por seus irmãos, Partha, o subjugador de cidades hostis, com a permissão de Drona, avançou para o combate. No outro lado, Karna, tendo sido abraçado por Duryodhana com seus irmãos, ergueu seu arco e flechas, pronto para a luta. Então o firmamento se envolveu em nuvens que emitiam relâmpagos, e o arco colorido de Indra apareceu derramando seus raios refulgentes. E as nuvens pareciam rir por causa do barulho das fileiras de garças brancas que estavam então a voar. E vendo Indra assim olhando a arena com afeto (por seu filho), o sol também dispersou as nuvens de cima de seu próprio filho. E Phalguna permaneceu profundamente escondido sob o abrigo das nuvens, enquanto Karna permaneceu visível, sendo circundado pelos raios do sol. E os filhos de Dhritarashtra estavam ao lado de Karna, e Bharadwaja e Kripa e Bhishma permaneceram com Partha. E a multidão estava dividida, como também as mulheres espectadoras. E ao saber o estado das coisas, Kunti, a filha de Bhoja, desmaiou. E pela ajuda de atendentes femininas, Vidura, versado no conhecimento de todos os deveres, reanimou a desmaiada Kunti por borrifar pasta de sândalo e água sobre seu corpo. Ao retomar a consciência, Kunti, vendo seus dois filhos vestidos em armaduras, foi tomada pelo medo, mas ela não podia fazer nada (para protegê-los). E vendo ambos os guerreiros com arcos nas mãos o filho de Saradwat, Kripa, conhecendo todos os deveres e regras relativas aos duelos, endereçou-se a Karna, dizendo: 'Este Pandava, que é o filho mais novo de Kunti, pertence à linhagem Kaurava, ele se envolverá em combate contigo. Mas, ó poderosamente armado, tu também deves nos dizer tua linhagem e os nomes de teu pai e mãe, e a linha real da qual tu vens. Sabendo tudo isto Partha lutará contigo ou não (como ele achar adequado). Filhos de reis nunca lutam com homens de linhagens inferiores.'

Vaisampayana continuou, 'Quando ele foi assim endereçado por Kripa, o rosto de Karna se tornou como um lótus pálido e úmido com o tamborilar das chuvas na estação chuvosa. Duryodhana disse, 'Ó preceptor, em verdade as escrituras dizem que três classes de pessoas podem reivindicar realeza, pessoas de sangue real, heróis, e por fim, aqueles que lideram exércitos. Se Phalguna está relutante em lutar com alguém que não é um rei, eu instalarei Karna como rei de Anga.'

Vaisampayana disse, 'Naquele mesmo momento, sentado em um assento dourado, com arroz crestado e com flores e vasos de água e muito ouro, o poderoso guerreiro Karna foi instalado como rei por Brahmanas versados em mantras. E o guarda-sol real foi erguido sob sua cabeça, enquanto caudas de iaque ondulavam em volta daquele herói formidável de modos elegantes. E os aplausos tendo cessado, o rei (Karna) disse ao Kaurava Duryodhana, 'Ó tigre entre monarcas, o que eu darei a ti que possa se comparar com teu presente de um reino? Ó rei, eu farei tudo o que pedires!' E Suyodhana disse a ele, 'Eu desejo avidamente a tua amizade.' Karna respondeu, 'Assim seja.' E eles abraçaram um ao outro em alegria, e sentiram grande felicidade.'

## 139

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana disse, 'Depois disto, com sua veste folgadoamente pendurada, Adhiratha entrou na arena, transpirando e tremendo, e se apoiando em uma bengala.

Vendo ele Karna deixou seu arco e impelido por respeito filial curvou sua cabeça ainda molhada com a água da posse. E então o cocheiro, rapidamente cobrindo seus pés com a ponta de sua veste, se dirigiu a Karna coroadado com sucesso como seu filho. E o cocheiro abraçou Karna e por afeição molhou sua cabeça com lágrimas, aquela cabeça ainda molhada com a água borrifada sobre ela por causa da coroação como rei de Anga. Vendo o cocheiro, o Pandava Bhimasena tomou Karna como o filho de um cocheiro, e disse com escárnio, 'Ó filho de um cocheiro, tu não mereces a morte em luta nas mãos de Partha. Como condiz com tua raça tome sem demora o chicote. E, ó pior dos mortais, certamente tu não és digno de governar o reino de Anga, assim como um cachorro não merece a manteiga colocada perante o fogo sacrificial.' Karna, assim endereçado, com os lábios tremendo levemente deu um suspiro profundo, e olhou o Deus do dia nos céus. E assim como um elefante louco se ergue de um grupo de lotos, o poderoso Duryodhana se levantou em fúria dentre seus irmãos, e se dirigiu àquele feitor de atos terríveis, Bhimasena, lá presente, 'Ó Vrikodara, não cabe a ti falar tais palavras. Poder é a principal virtude de um Kshatriya, e mesmo um Kshatriya de nascimento inferior merece que lutem com ele. A linhagem de heróis, como as fontes de um nobre rio, é sempre desconhecida. O fogo que cobre todo o mundo se ergue das águas. O raio que matou os Danavas foi feito de um osso de (um mortal chamado) Dadhichi. A divindade ilustre Guha, que associa em sua composição as porções de todas as outras divindades é de uma linhagem desconhecida. Alguns o chamam de prole de Agni; alguns, de Kritika, alguns, de Rudra, e alguns de Ganga. É sabido por nós que pessoas nascidas na ordem Kshatriya se tornaram Brahmanas. Viswamitra e outros (nascidos Kshatriyas) têm alcançado o eterno Brahma. Ó principal de todos os manejadores de armas, o

preceptor Drona nasceu em um vaso de água e Kripa da linhagem de Gotama surgiu de uma moita de urzes. Seus próprios nascimentos, ó príncipes Pandavas, são conhecidos por mim. Pode um veado fêmea dar à luz a um tigre (como Karna), do esplendor do Sol, e dotado de todas as marcas propícias, e nascido também com uma armadura natural e brincos? Este príncipe entre homens merece a soberania do mundo, não só de Anga, por causa do poder de seu braço e do meu juramento de obedecê-lo em tudo. Se há alguém aqui para quem tudo o que eu fiz para Karna é intolerável, que ele então suba em sua carruagem e curve seu arco com a ajuda de seus pés.'

Vaisampayana continuou, 'Então ergueu-se um murmúrio confuso entre os espectadores aprovando o discurso de Duryodhana. O sol, no entanto, se pôs, mas o príncipe Duryodhana pegando a mão de Karna o levou para fora da arena iluminada com inúmeras lâmpadas. E, ó rei, os Pandavas também, acompanhados por Drona e Kripa e Bhishma, voltaram para suas residências. E as pessoas, também, foram embora, alguns nomeando Arjuna, alguns Karna, e alguns Duryodhana (como o vencedor do dia). E Kunti, reconhecendo seu filho em Karna pelas várias marcas auspiciosas no corpo dele e vendo-o instalado na soberania de Anga, estava, por afeto materno, muito satisfeita. E Duryodhana, ó monarca, tendo obtido Karna (deste modo), banuiu seus medos que provinham da competência de Arjuna com armas. E o heróico Karna, talentoso com armas, começou a agradecer Duryodhana com belas palavras, enquanto Yudhishtira estava impressionado com a crença de que não havia guerreiro sobre a terra como Karna.'

## 140

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana continuou, 'Vendo os Pandavas e o filho de Dhritarashtra habilidosos com armas, Drona achou que tinha chegado a hora de exigir a taxa preceptoral. E, ó rei, reunindo seus pupilos um dia, o preceptor Drona pediu deles a taxa, dizendo, 'Apanhem Drupada, o rei de Panchala em batalha e tragam-no para mim. Esta será a taxa mais aceitável.' Aqueles guerreiros então respondendo, 'Assim seja', rapidamente subiram em suas carruagens, e para conceder a seu preceptor a taxa que ele tinha exigido, marcharam para fora, acompanhados por ele. Aqueles touros entre homens, derrotando os Panchalas em seu caminho, sitiaram a capital do grande Drupada. E Duryodhana e Karna e o poderoso Yuyutsu, e Duhsasana e Vikarna e Jalasandha e Sulochana, estes e muitos outros principais dos príncipes Kshatriya de grande coragem, competiram uns com os outros para se tornarem os principais no ataque. E os príncipes, dirigindo carruagens de primeira classe e seguindo a cavalaria, entraram na capital hostil, e andaram pelas ruas.

Enquanto isso o rei de Panchala, vendo aquele exército poderoso e ouvindo seu clamor alto, saiu de seu palácio, acompanhado por seus irmãos. Embora o rei

Yajnasena estivesse bem armado, o exército Kuru o atacou com uma chuva de flechas, proferindo seu grito de guerra. Yajnasena, no entanto, não era fácil de ser subjugado em batalha, e se aproximando dos Kurus em sua carruagem branca, ele começou a disparar suas flechas ferozes por toda parte.

Antes da batalha começar, Arjuna, vendo o orgulho de bravura mostrado pelos príncipes, endereçou-se a seu preceptor, aquele melhor dos Brahmanas, Drona, e disse, 'Nós nos esforçaremos depois que eles tiverem mostrado sua bravura. O rei de Panchala nunca poderá ser capturado no campo de batalha por algum deles.' Tendo dito isto, o impecável filho de Kunti cercado por seus irmãos esperou fora da cidade à distância de uma milha dela. Enquanto isso Drupada vendo a hoste Kuru apressou-se a atacar e lançando uma chuva de flechas afligiu terrivelmente as tropas Kuru. E tal era sua habilidade de movimento no campo de batalha que, embora ele estivesse lutando em uma única carruagem, os Kurus por pânico supuseram que havia muitos Drupadas se opondo a eles. E as flechas violentas daquele monarca caíam rápidas por toda parte, enquanto conchas e trombetas e baterias às milhares começaram a ser tocadas pelos Panchalas de suas casas (dando o alarme). Então ergueu-se da poderosa hoste Panchala um rugido terrível como o do leão, enquanto o som das cordas de seus arcos parecia rasgar o próprio céu. Então Duryodhana e Vikarna, Suvahu e Dirghalochana e Duhsasana ficaram furiosos, e começaram a despejar suas flechas sobre o inimigo. Mas o arqueiro poderoso, o filho de Prishata, invencível em batalha, embora muito atingido pelas flechas do inimigo, imediatamente começou, ó Bharata, a afligir as tropas hostis com grande energia. E correndo a toda velocidade sobre o campo de batalha como uma roda ardente, o rei Drupada com suas flechas venceu Duryodhana e Vikarna e mesmo o poderoso Karna e muitos outros príncipes heróicos e guerreiros inumeráveis, e matou sua sede por batalha. Então todos os cidadãos despejaram sobre os Kurus vários mísseis como as nuvens despejam gotas de chuva sobre a terra. Jovens e velhos, eles todos se apressaram para a batalha, atacando os Kurus com energia. Os Kauravas, então, ó Bharata, vendo que a batalha se tornara terrível, se dividiram e fugiram lamentando em direção aos Pandavas.

Os Pandavas, ouvindo o lamento terrível da hoste derrotada, saudaram Drona com reverência e subiram em suas carruagens. Então Arjuna rapidamente pediu a Yudhishtira para não se envolver na luta, e se apressou ao ataque, nomeando os filhos de Madri (Nakula e Sahadeva) os protetores das rodas de sua carruagem, enquanto Bhimasena sempre lutando na dianteira, maça na mão, corria adiante. O impecável Arjuna, assim acompanhado por seus irmãos, ouvindo os gritos do inimigo, avançou em direção a eles, enchendo toda a região com o estrépito das rodas de sua carruagem. E como um Makara entrando no mar, o poderosamente armado Bhima, parecendo um segundo Yama, maça na mão, entrou nas tropas Panchala, rugindo ferozmente como o oceano em uma tempestade. E Bhima primeiro avançou em direção à formação de elefantes da força hostil, enquanto Arjuna, competente em batalha, atacou aquele exército com a destreza de seus braços. E Bhima, como o próprio grande Destruidor, começou a matar aqueles elefantes com sua maça. Aqueles animais enormes, como montanhas, abatidos

pela maça de Bhima, tinham suas cabeças quebradas em pedaços. Cobertos com rios de sangue, eles começaram a cair como rochedos atingidos por raios. E os Pandavas prostraram ao solo elefantes e cavalos e carros aos milhares e mataram muitos soldados de infantaria e muitos guerreiros em carros. De fato, como um pastor nas florestas empurra à sua frente com seu bastão inúmeros bois com facilidade, assim Vrikodara empurrava diante de si as carruagens e elefantes da força hostil.

Enquanto isso, Phalgunas, impelido pelo desejo de fazer o bem para o filho de Bharadwaja, atacou o filho de Prishata com uma chuva de flechas e o derrubou do elefante no qual ele estava sentado. E, ó monarca, Arjuna, como o terrível fogo que consome todas as coisas no fim do Yuga, começou a prostrar ao chão cavalos e carros e elefantes aos milhares. Os Panchalas e os Srinjayas, por outro lado, assim atacados pelo Pandava, receberam-no com uma perfeita chuva de várias espécies de armas. E proferindo gritos altos eles lutaram desesperadamente com Arjuna. A batalha se tornou furiosa e horrível de se ver. Ouvindo os gritos do inimigo, o filho de Indra se encheu de cólera e atacou a hoste hostil com uma chuva grossa de flechas, e avançou em direção a ela furiosamente e a afligiu com renovado vigor. Aqueles que observavam o ilustre Arjuna naquele momento não podiam notar nenhum intervalo de tempo entre ele fixar as flechas na corda do arco e atirá-las. Altos eram os gritos proferidos, misturados com gritos de aprovação. Então o rei dos Panchalas, acompanhado pelo (generalíssimo de suas forças), Satyajit, avançou com velocidade até Arjuna como o Asura Samvara avançando até o chefe dos celestiais (nos tempos antigos). Então Arjuna cobriu o rei de Panchala com uma chuva de flechas. Então ergueu-se um tumulto terrível entre a hoste Panchala parecido com o rugido de um poderoso leão pulando no líder de uma manada de elefantes. E vendo Arjuna indo em direção ao rei de Panchala para capturá-lo, Satyajit de grande heroísmo foi até ele. E os dois guerreiros, como Indra e o Asura filho de Virochana (Vali), se aproximaram um do outro para combater, e começaram a oprimir as tropas uns dos outros. Então Arjuna com grande força perfurou Satyajit com dez flechas afiadas e com tal façanha os espectadores ficaram todos assombrados. Mas Satyajit, sem perder tempo, atacou Arjuna com cem flechas. Então aquele poderoso guerreiro em carro, Arjuna, dotado de notável habilidade de movimento, assim coberto por aquela chuva de flechas, friccionou a corda de seu arco para aumentar a força e velocidade de suas flechas. Então cortando em dois o arco do antagonista, Arjuna avançou para o rei dos Panchalas, mas Satyajit, rapidamente pegando um arco mais forte, perfurou com suas flechas Partha, sua carruagem, seu quadrigário, e cavalos. Arjuna, assim atacado em batalha pelo guerreiro Panchala, não perdoou seu inimigo. Ávido para matá-lo de uma vez, ele cerrou seu punho (esquerdo) e perfurou com várias flechas os cavalos do antagonista, bandeiras, arco, quadrigário, e o servidor às suas costas. Então Satyajit, vendo seus arcos repetidamente cortados em dois e seus cavalos mortos, desistiu da luta.

O rei dos Panchalas, vendo seu general assim derrotado no combate, começou ele mesmo a lançar suas flechas sobre o príncipe Pandava. Então Arjuna, o principal dos guerreiros, coroadado com sucesso, começou a lutar furiosamente, e

cortando rapidamente o arco do inimigo em dois como também seu mastro de sua bandeira o qual ele fez cair, perfurou os cavalos do antagonista e também o quadrigário com cinco flechas. Então jogando de lado seu arco Arjuna pegou sua aljava, e tirando uma cimitarra e dando um grito alto ele pulou da sua própria carruagem para aquela de seu inimigo. E lá ficando com perfeito destemor ele agarrou Drupada como Garuda agarra uma cobra enorme depois da agitação das águas do oceano. Ao ver aquilo, as tropas Panchala fugiram em todas as direções.

Então Dhananjaya, tendo assim mostrado o poder de seu braço na presença de ambas as hostes, soltou um grito alto e saiu das fileiras Panchala. E vendo-o voltando (com seu cativo), os príncipes começaram a devastar a capital Drupada. Endereçando-se a eles Arjuna disse, 'Este melhor dos monarcas, Drupada, é um parente dos heróis Kuru. Portanto, ó Bhima, não mate seus soldados. Vamos dar somente para nosso preceptor sua taxa.'

Vaisampayana continuou, 'Ó rei, assim impedido por Arjuna, o poderoso Bhimasena, embora não saciado com o exercício da batalha, se absteve de realizar o massacre. E, ó touro da raça Bharata, os príncipes então, levando Drupada com eles depois de tê-lo capturado no campo de batalha junto com seus amigos e conselheiros, o ofereceram a Drona. E Drona vendo Drupada assim sob completo controle, humilhado e desprovido de riqueza, lembrou da antiga hostilidade daquele monarca e endereçando-se a ele disse, 'Teu reino e capital foram devastados por mim. Mas não tema por tua vida, embora ela dependa agora da vontade do teu inimigo. Tu agora desejas reviver tua amizade (comigo)?' Tendo assim dito, ele sorriu um pouco e disse novamente, 'Não tema por tua vida, rei valente! Nós, Brahmanas, somos sempre generosos. E, ó touro entre Kshatriyas, meu afeto e amor por ti cresceram em mim por termos sido amigos de infância no eremitério. Portanto, ó rei, eu peço tua amizade outra vez. E como um benefício (não pedido), eu te dou metade do reino (que era teu). Tu me disseste antes que ninguém que não fosse um rei poderia ser amigo de um rei. É por esta razão, ó Yajnasena, que eu retenho a metade do teu reino. Tu serás rei de todo o território ao sul do Bhagirathi, enquanto eu serei rei de todo o território ao norte daquele rio. E, ó Panchala, se te agradar, reconheça-me daqui por diante como teu amigo.'

Ao ouvir estas palavras Drupada respondeu, 'Tu tens uma alma nobre e grande bravura. Portanto, ó Brahmana, eu não estou surpreso com o que fizeste. Eu estou muito gratificado contigo, e eu desejo a tua eterna amizade.'

Vaisampayana continuou, 'Depois disto, ó Bharata, Drona libertou o rei de Panchala, e realizando alegremente os ritos usuais de respeito, concedeu a ele a metade do reino. Desde então Drupada começou a residir tristemente na (cidade de) Kampilya dentro da província de Makandi sobre as margens do Ganga cheias de muitas vilas e cidades. E depois da derrota por Drona, Drupada também governou os Panchalas sulistas até a margem do rio Charmanwati. E Drupada desde daquele dia estava bem convencido de que ele, somente pelo poder Kshatriya, não poderia derrotar Drona, sendo muito inferior em poder Brahma

(espiritual). E ele, portanto, começou a vagar sobre toda a terra para descobrir os meios de obter um filho (que subjugassem seu inimigo Brahmana).

Enquanto isso Drona continuou a residir em Ahicchatra. Assim, ó rei, o território de Ahicchatra cheio de muitas cidades foi obtido por Arjuna e entregue a Drona.'

## 141

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana continuou, 'Depois de ter se passado, ó rei, um ano disto, Dhritarashtra, movido por bondade por seu povo, instalou Yudhishtira, o filho de Pandu, como o herdeiro-presuntivo do reino por causa de sua firmeza, fortaleza, paciência, benevolência, franqueza e honestidade inabalável (de coração). E dentro de pouco tempo Yudhishtira, o filho de Kunti, por seu bom comportamento, boas maneiras e cuidadosa aplicação aos negócios eclipsou os feitos de seu pai. E o segundo Pandava, Vrikodara, começou a receber contínuas aulas de Sankarshana (Valarama) em combates com a espada e a maça e sobre a carruagem. E depois que a educação de Bhima estava terminada, ele se tornou em força como o próprio Dyumatsena e continuou a viver em harmonia com seus irmãos, e começou a exercer sua destreza. E Arjuna tornou-se célebre pela firmeza de sua empunhadura (de armas), por sua habilidade de movimento, precisão de pontaria, e sua competência no uso das armas Kshura, Naracha, Vala e Vipatha, de fato, em todas as armas, fossem elas retas ou curvas ou pesadas. E Drona teve certeza de que não havia ninguém no mundo que estivesse à altura de Arjuna em habilidade de mão e competência geral.

Um dia, Drona, endereçando-se a Arjuna perante os príncipes Kaurava reunidos, disse, 'Houve um discípulo de Agastya na ciência de armas chamado Agnivesa. Ele foi meu preceptor e eu, seu discípulo. Por mérito ascético eu obtive dele uma importante arma chamada Brahmasira que era como o próprio trovão, capaz de consumir toda a terra. Aquela arma, ó Bharata, pelo que eu fiz, pode agora passar de discípulo para discípulo. Enquanto a entregava para mim, meu preceptor disse, 'Ó filho de Bharadwaja, tu nunca debes lançar esta arma em qualquer ser humano, especialmente em um que seja de pouca energia.' Tu, ó herói, obtiveste esta arma celeste. Ninguém mais a merece. Mas obedeças a ordem do Rishi (Agnivesa). E, preste atenção, Arjuna, me dê agora a taxa preceptoral na presença destes teus primos e parentes.' Quando Arjuna, ao ouvi-lo, deu sua palavra de que daria o que o preceptor exigisse, o último disse, 'Ó impecável, tu debes lutar comigo quando eu lutar contigo.' E aquele touro entre os príncipes Kuru então deu sua palavra para Drona e tocando seus pés, partiu na direção norte. Então lá soou um grito alto cobrindo toda a terra limitada por seu cinturão de mares, dizendo que não havia nenhum arqueiro em todo mundo que fosse como Arjuna. E, de fato, Dhananjaya, em confrontos com maça e espada e na carruagem como também com o arco, adquiriu competência extraordinária. Sahadeva obteve toda a ciência de moralidade e deveres de (Vrihaspati), o chefe

espiritual dos celestiais, e continuou a viver sob o controle de seus irmãos. E Nakula, o favorito de seus irmãos, ensinado por Drona, tornou-se conhecido como um guerreiro habilidoso e um grande guerreiro em carro (Ati-ratha). De fato, Arjuna e os outros príncipes Pandava tornaram-se tão poderosos que eles mataram em batalha o grande Sauvira que tinha realizado um sacrifício que se estendeu por três anos, não intimidado pelas incursões dos Gandharvas. E o próprio rei dos Yavanas que mesmo o poderoso Pandu tinha fracassado em trazer sob submissão foi trazido sob controle por Arjuna. Então também Vipula, o rei dos Sauviras, dotado de grande coragem, que sempre tinha mostrado desconsideração pelos Kurus, sentiu a superioridade do poder do inteligente Arjuna. E Arjuna também reprimiu por meio de suas flechas (o orgulho do) rei Sumitra de Sauvira, também conhecido pelo nome de Dattamitra que tinha resolutamente procurado um confronto com ele. O terceiro dos príncipes Pandava, ajudado por Bhima, sobre um único carro subjugou todos os reis do leste apoiados por dez mil carros. Da mesma forma, tendo conquistado em um único carro todo o sul, Dhananjaya enviou para o reino dos Kurus um grande despojo.

Assim aqueles principais dos homens, os ilustres Pandavas, conquistaram os territórios de outros reis, e estenderam os limites de seu próprio reino. Mas vendo a grande coragem e força daqueles arqueiros poderosos, os sentimentos do rei Dhritarashtra com relação aos Pandavas se tornaram de repente envenenados, e daquele dia em diante o monarca ficou tão ansioso que ele tinha dificuldades para dormir.'

## 142

(Continuação do Sambhava Parva)

Vaisampayana continuou, 'Ao saber que os heróicos filhos de Pandu dotados com excesso de energia tinham se tornado tão poderosos, o rei Dhritarashtra ficou muito infeliz e ansioso. Então convocando para seu lado Kanika, o principal dos ministros, versado na ciência de política e um perito em conselhos, o rei disse, 'Ó melhor dos Brahmanas, os Pandavas estão diariamente eclipsando a terra. Eu estou muito ciumento deles. Eu devo ter paz ou guerra com eles? Ó Kanika, aconselhe-me realmente, porque eu farei como tu disseres.'

Vaisampayana continuou, 'Aquele melhor dos Brahmanas, assim endereçado pelo rei, livremente respondeu nestas palavras aguçadas de acordo com a significação da ciência política.

'Escute-me, ó rei impecável, enquanto eu te respondo. E, ó melhor dos reis Kuru, não cabe a ti ficar zangado comigo depois de ouvires tudo o que eu disser. Os reis devem estar sempre preparados com maças erguidas (para golpear quando necessário), e eles devem sempre aumentar sua perícia. Eles mesmos evitando cuidadosamente todos os erros, eles devem incessantemente observar

os erros de seus inimigos e tirar vantagem deles. Se o rei está sempre pronto para golpear, todos o temem. Portanto o rei deve sempre recorrer à punição em tudo o que faz. Ele deve se conduzir de tal forma que seu inimigo não possa detectar qualquer lado fraco nele. Mas por meio da fraqueza que ele detecta em seu inimigo ele deve persegui-lo (para destruí-lo). Ele deve sempre esconder, como a tartaruga escondendo seu corpo, seus meios e fins, e ele deve sempre ocultar sua própria fraqueza da vista de outros. E tendo começado uma ação específica ele deve sempre realizá-la inteiramente. Veja, um espinho, se não extraído totalmente, produz uma ferida inflamada. A morte de um inimigo que te faz mal é sempre louvável. Se o inimigo for um de grande bravura deve-se sempre procurar a hora de seu infortúnio e então matá-lo sem qualquer escrúpulo. Se ocorrer dele ser um grande guerreiro, a hora do revés dele também deve ser procurada e ele deve então ser induzido a fugir. Ó majestade, um inimigo nunca deve ser desprezado, embora desprezível. Uma faísca de fogo é capaz de consumir uma floresta extensa somente por se espalhar de um objeto para outro nas proximidades. Reis devem às vezes fingir cegueira e surdez, pois se impotentes para castigar, eles devem fingir não reparar nos erros que requerem castigo. Em ocasiões tais como essas que eles considerem seus arcos como feitos de palha. Mas eles devem estar sempre alertas como um rebanho de veados dormindo nas florestas. Quando teu inimigo está em teu poder, destrua-o por todos meios públicos ou secretos. Não mostre qualquer piedade, embora ele procure tua proteção. Um inimigo ou aquele que alguma vez te injuriou deve ser destruído por gastar dinheiro, se necessário, pois por matá-lo tu poderás ficar tranquilo. Os mortos nunca podem inspirar temor. Tu debes destruir os três, cinco e sete (recursos) de teus inimigos. Tu debes destruir as raízes e ramos de teus inimigos. Então tu debes destruir seus aliados e partidários. Os aliados e partidários nunca podem existir se o principal for destruído. Se a raiz da árvore é rompida, os ramos e brotos nunca podem existir como antes. Ocultando cuidadosamente os teus próprios meios e fins, tu debes sempre observar teus inimigos, sempre procurando seus defeitos. Tu debes, ó rei, governar teu reino sempre observando ansiosamente os teus inimigos. Por manter o fogo perpétuo por sacrifícios, por roupas marrons, por cabelos emaranhados, e por peles de animais como tua roupa de cama, tu debes a princípio ganhar a confiança de teus inimigos, e quando a ganhares tu debes então saltar sobre eles como um lobo. Por isso é dito que na aquisição de riqueza mesmo o traje de santidade pode ser empregado como um bastão curvo para baixar um ramo para colher as frutas que estão maduras. O método seguido na colheita de frutas deve ser o método na destruição de inimigos, pois tu debes proceder no princípio de seleção. Carregue teu inimigo sobre teus ombros até que chegue a hora em que possas jogá-lo abaixo, quebrando-o em pedaços como um pote de barro jogado com violência sobre uma superfície pedregosa. O inimigo nunca deve ser solto mesmo que ele se dirija a ti do modo mais comovente. Tu não debes demonstrar nenhuma compaixão mas sim matá-lo imediatamente. Pelas artes de conciliação ou gastos de dinheiro o inimigo deve ser morto. Por criar desunião entre seus aliados ou pelo emprego de força, de fato, por todos os meios em teu poder tu debes destruir teu inimigo.'

Dhritarashtra disse, 'Diga-me realmente como um inimigo pode ser destruído pelas artes de conciliação ou gastos de dinheiro, ou por produzir desunião ou pelo emprego de força.'

Kanika respondeu, 'Escute, ó monarca, à história de um chacal que morava na floresta nos tempos passados e que conhecia completamente a ciência política. Havia um sábio chacal, atento aos seus próprios interesses e que vivia na companhia de quatro amigos, estes eram: um tigre, um camundongo, um lobo, e um mangusto. Um dia eles viram nas florestas um veado forte, o líder de um rebanho, que, no entanto, eles não podiam capturar por causa da sua velocidade e força. Eles então se reuniram para debater. O chacal abrindo os procedimentos disse, 'Ó tigre, tu fizeste muitos esforços para apanhar aquele veado, mas todos em vão simplesmente porque o veado é jovem, rápido e muito inteligente. Que agora o camundongo vá e roa os pés dele quando ele estiver dormindo. E quando isto estiver feito, que o tigre se aproxime e o agarre. Então todos nós nos banquetearmos com ele com grande prazer.' Ouvindo as palavras do chacal, eles todos começaram a trabalhar com muita cautela como ele dissera. E o camundongo roeu os pés do veado e o tigre o matou como previsto. E vendo o corpo do veado jazendo imóvel sobre a terra o chacal disse a seus companheiros, 'Abençoados sejam! Vão e façam suas abluções. Enquanto isso eu cuidarei do veado.' Ouvindo o que o chacal disse eles todos foram para um rio. E o chacal lá esperou, meditando profundamente sobre que ele deveria fazer. O tigre dotado de grande força voltou antes de todos ao local depois de ter realizado suas abluções. E ele viu o chacal lá mergulhado em meditação. O tigre disse, 'Por que estás assim triste, ó sábio! Tu és o principal de todos os seres inteligentes. Desfrutemos hoje por nos banquetearmos nesta carcaça.' O chacal disse, 'Ouça, ó poderoso, o que o camundongo disse. Ele disse, 'Ó, que vergonha para a força do rei dos animais! Este veado foi morto por mim. Pelo poder do meu braço ele hoje satisfará sua fome.' Quando ele se gabou em tal linguagem, eu, de minha parte, não desejei tocar esta comida.' O tigre respondeu, 'Se, de fato, o camundongo disse isso, minha razão está agora desperta. Deste dia em diante eu matarei com o poder dos meus próprios braços as criaturas da floresta e então me banqueteari em sua carne.' Tendo dito isto o tigre foi embora.

E depois que o tigre tinha deixado o local, o camundongo chegou. E vendo o camundongo, o chacal endereçou-se a ele e disse, 'Abençoado sejas, ó camundongo, mas escute ao que o mangusto disse. Ele disse, 'A carcaça deste veado está envenenada (o tigre a tendo tocado com suas garras). Eu não comerei dela. Por outro lado, se tu, ó chacal, permitires, eu mesmo matarei o camundongo e me banqueteari com ele.' Ouvindo isto o camundongo ficou alarmado e rapidamente entrou em seu buraco. E depois que o camundongo tinha ido o lobo, ó rei, chegou lá tendo realizado suas abluções. E vendo o lobo vindo, o chacal disse a ele, 'O rei dos animais está zangado contigo. É certo que o mal te alcançará. Ele é esperado aqui com sua mulher. Faça como quiseres.' Assim do lobo também, aficionado em carne animal, o chacal se livrou. E o lobo fugiu, contraindo seu corpo às mais pequenas dimensões. Foi então que o mangusto chegou. E, ó rei, o chacal, vendo ele, disse, 'Pelo poder do meu braço eu derrotei

os outros que já fugiram. Lute comigo primeiro e então coma desta carne como quiseres.' O mangusto respondeu, 'Quando, de fato, o tigre, o lobo, e o camundongo inteligente foram todos derrotados por ti, heróis como eles são, tu pareces ser um herói maior ainda. Eu não desejo lutar contigo.' Assim dizendo, o mangusto também foi embora.'

Kanika continuou, 'Quando eles todos assim tinham deixado o lugar, o chacal, muito satisfeito com o sucesso de sua política, comeu sozinho aquela carne. Se os reis sempre agirem deste modo eles podem ser felizes. Assim os tímidos por excitar seus medos, os corajosos pelas artes de conciliação, os avarentos por presentes de riqueza, e iguais e inferiores por exibição de coragem devem ser trazidos sob teu domínio. Além disso, ó rei, que eu disse, escute agora algo mais.'

Kanika continuou, 'Se teu filho, amigo, irmão, pai, ou mesmo o preceptor espiritual se torna teu inimigo, tu deves, se desejoso de prosperidade, matá-lo sem escrúpulos. Por meio de maldições e encantamentos, por presentes de riqueza, por veneno, ou por fraude, o inimigo deve ser morto. Eles nunca devem ser negligenciados por desdém. Se ambos os partidos são iguais e incertos do sucesso, então aquele que age com diligência cresce em prosperidade. Se o próprio preceptor espiritual for vaidoso, ignorante do que deve ser feito ou deixado desfeito, e vicioso em seus hábitos, mesmo ele deve ser castigado. Se estiveres zangado, mostre-te como se não estivesses assim, falando até mesmo com um sorriso em teus lábios. Nunca repreve ninguém com indicações de raiva (em tuas palavras). E, ó Bharata, fale palavras gentis antes de golpear e mesmo enquanto estiveres golpeando! Depois de golpeares, tenha pena da vítima, e te aflija por ela, e até derrame lágrimas. Consolando o teu inimigo por conciliação, por presentes de riqueza, e comportamento gentil, tu deves atingi-lo quando ele não se portar corretamente. Tu deves igualmente castigar ao hediondo delinquente que vive pela prática de virtude, pois o traje de virtude simplesmente cobre seus delitos como nuvens negras cobrindo as montanhas. Tu deves queimar a casa da pessoa a quem tu punires com a morte. E tu nunca deves permitir que mendigos e ateus e ladrões morem no teu reino. Por um ataque repentino ou batalha campal, por veneno ou por corromper seus aliados, por presentes de riqueza, por quaisquer meios em teu poder tu deves destruir teu inimigo. Tu podes agir com a maior crueldade. Tu deves tornar teus dentes afiados para dar uma mordida fatal. E tu deves sempre atacar tão eficazmente que teu inimigo não possa erguer sua cabeça outra vez. Tu deves sempre temer até aqueles de quem não há nada a temer, sem falar naqueles dos quais há algo a temer. Porque se o primeiro for poderoso ele pode te destruir pela raiz (por teu despreparo). Tu nunca deves confiar no traiçoeiro, nem confiar demasiado no que é fiel, porque se aqueles em quem tu confias virem a ser teus inimigos tu certamente serás aniquilado. Depois de testar sua fidelidade tu deves empregar espões no teu próprio reino e nos reinos de outros. Teus espões em reinos estrangeiros devem ser enganadores aptos e pessoas no traje de ascetas. Teus espões devem estar colocados em jardins públicos, lugares de diversão, templos e outros lugares santos, salões de bebida, ruas, e com os (dezoito) tirthas (estes são: o ministro, o sacerdote principal, o herdeiro-presuntivo, o comandante-chefe, os guardas do portão da

cordeiro, o chefe da tesouraria, o principal executor de ordens, o chefe de polícia da cidade, o arquiteto chefe, o chefe de justiça, o presidente do conselho, o chefe do departamento punitivo, o comandante do forte, o chefe do arsenal, o chefe dos guardas da fronteira, e o guarda das florestas), e em lugares de sacrifício, perto de poços, em montanhas e em rios, em florestas e em todos os locais onde as pessoas se reúnem. Em palavras tu deves ser sempre humilde, mas que teu coração esteja sempre afiado como navalha. E mesmo quando estiveres dedicado a fazer uma ação muito cruel e terrível, tu deves falar com sorrisos em teus lábios. Se desejas prosperidade, tu deves adotar todas as artes, humildade, juramento, conciliação. Reverenciando os pés de outros por baixar tua cabeça, inspirando esperança, e semelhantes. E, uma pessoa conhecedora das regras de política é como uma árvore decorada com flores mas não tendo frutos; ou, se portando frutos, estes devem estar a uma grande altura não facilmente alcançável do chão; e se algum destes frutos parecer estar maduro, cuidado deve ser tomado para fazê-lo parecer ainda verde. Se comportando de tal maneira, ele nunca enfraquecerá. Virtude, riqueza e prazer têm seus efeitos maus e bons entrelaçados. Enquanto extraindo os efeitos que são bons, os que são maus devem ser evitados. Aqueles que praticam a virtude (constantemente) são tristes pela falta de riqueza e de prazer. Aqueles que perseguem a riqueza são tristes por negligenciarem os outros dois. E assim aqueles que perseguem o prazer sofrem por sua falta de atenção à virtude e riqueza. Portanto, tu deves perseguir a virtude, riqueza e prazer, de tal modo que não tenhas que sofrer por isto. Com humilhação e atenção, sem ciúmes e desejo de realizar teu propósito, tu deves, em total sinceridade, consultar com os Brahmanas. Quando caíres, tu deves te erguer por quaisquer meios, brandos ou violentos; e depois de assim te ergueres tu deves praticar a virtude. Aquele que nunca foi afligido pela calamidade nunca pode ter prosperidade. Isto pode ser visto na vida de alguém que sobreviveu às suas calamidades. Aquele que sofre de tristeza deve ser consolado pela recitação da história de pessoas dos tempos antigos (como aquelas de Nala e Rama). Aquele cujo coração está esgotado pela tristeza deve ser consolado com esperanças de prosperidade no futuro. Aquele que é erudito e sábio deve ser consolado por préstimos agradáveis logo conferidos a ele. Aquele que, tendo concluído um tratado com um inimigo, repousa para descansar como se não tivesse nada mais para fazer, é como uma pessoa que acorda, caída do topo de uma árvore sobre a qual tinha dormido. Um rei deve sempre manter a si mesmo e seus conselheiros sem medo de calúnia, e enquanto observando tudo com os olhos de seus espiões, ele deve tomar cuidados em ocultar suas próprias emoções perante os espiões de seus inimigos. Como um pescador que se torna próspero por pegar e matar peixes, um rei nunca pode crescer próspero sem rasgar os órgãos vitais de seu inimigo e sem fazer alguns atos violentos. O poder do teu inimigo, representado por sua força armada, deve ser completamente destruído, por ceifá-la (como ervas daninhas) matando-a em grande quantidade e de outras maneiras, afligindo-a por doença, fome, e falta de bebida. Uma pessoa em necessidade nunca se aproxima (por amor) de alguém que tem riqueza; e quando o propósito de alguém está realizado, este não tem necessidade de se aproximar novamente daquele que havia cuidado da sua realização. Portanto, quando tu fizeres qualquer coisa nunca

faça-a totalmente, mas sempre deixe alguma coisa para ser desejada por outros (de cujos serviços tu possas precisar). Alguém que é desejoso de prosperidade deve com diligência procurar aliados e meios, e conduzir suas guerras com cuidado. Seus esforços a este respeito devem sempre ser orientados pela prudência. Um rei prudente deve sempre agir de tal modo que amigos e inimigos não possam nunca saber seu motivo antes do começo de seus atos. Que eles saibam tudo quando o ato estiver começado ou terminado, e por todo o tempo em que o perigo não vier tu deves agir como se estivesses com medo. Mas quando este tiver te alcançado, tu deves lutar com ele corajosamente. Aquele que confia em um inimigo que foi trazido sob submissão à força convoca sua própria morte como um caranguejo por seu ato de concepção. Tu deves sempre calcular o efeito futuro como já chegado (e planejar medidas para encontrá-lo), além disso, por falta de tranquilidade causada pela pressa tu podes negligenciar um ponto importante ao encontrá-lo quando ele estiver diante de ti. Uma pessoa desejosa de prosperidade deve sempre se empenhar com prudência, adotando suas medidas na hora e lugar. Ela deve também agir com um olho para o destino como capaz de ser regulado por mantras e ritos sacrificais; e para virtude, riqueza, e prazer. É bem sabido que hora e lugar (se levados em consideração) sempre produzem o maior benefício. Se o inimigo é insignificante, ele ainda assim não deve ser desprezado, porque ele pode logo crescer como uma palmeira estendendo suas raízes ou como uma faísca de fogo nas florestas profundas que pode logo irromper em uma conflagração extensa. Como um pequeno fogo gradualmente alimentado com madeira logo se torna capaz de consumir mesmo os maiores blocos, assim a pessoa que aumenta seu poder por fazer alianças e amizades logo se torna capaz de subjugar mesmo o mais terrível inimigo. A esperança que deres ao teu inimigo deve ser adiada por longo tempo antes de ser cumprida; e quando vier o tempo para o seu cumprimento, invente um pretexto para adiá-la ainda mais. Que o pretexto seja mostrado como fundado sobre uma razão, e que esta razão em si mesma seja feita parecer como fundada em uma outra razão. Reis devem, na questão de destruir seus inimigos, sempre parecer com navalhas em cada detalhe: impiedosos como elas são afiadas, escondendo suas intenções como elas são escondidas em suas bainhas de couro, golpeando quando vem a oportunidade como elas são usadas em ocasiões apropriadas, varrendo seus inimigos com todos os seus aliados e dependentes como elas raspam a cabeça ou o queixo sem deixar um único cabelo. Ó mantenedor da dignidade dos Kurus, portando-te com relação aos Pandavas e a outros também como a política prescreve, aja de tal modo que não tenhas que sofrer no futuro. Eu bem sei que tu és dotado de toda bênção, e possuidor de toda marca de boa sorte. Portanto, ó rei, proteja-te dos filhos de Pandu! Ó rei, os filhos de Pandu são mais fortes do que seus primos (teus filhos); portanto, ó destruidor de inimigos, eu digo a ti claramente o que deves fazer. Escute a isto, ó rei, com teus filhos, e tendo escutado, esforcem-se (para fazer o necessário). Ó rei, aja de tal modo que não possa haver qualquer receio por ti dos Pandavas. De fato, adote tais medidas consoantes com a ciência política para que tu não tenhas que sofrer no futuro.'

Vaisampayana continuou, 'Tendo falado dessa forma Kanika voltou para sua residência, enquanto o rei Kuru Dhritarashtra ficou pensativo e melancólico.'

(Jatugriha Parva)

Vaisampayana disse, 'Então o filho de Suvala (Sakuni), o rei Duryodhana, Duhsasana e Kama, em consulta uns com os outros, formaram uma trama má. Com a sanção de Dhritarashtra, o rei dos Kurus, eles resolveram matar Kunti e seus (cinco) filhos queimando-os. Mas aquele sábio Vidura, capaz de ler o coração por sinais externos, averiguou a intenção daquelas pessoas perversas somente por observar suas expressões. Então o impecável Vidura, de alma iluminada pelo conhecimento verdadeiro, e dedicado ao bem dos Pandavas, chegou à conclusão de que Kunti com seus filhos deviam fugir de seus inimigos. E providenciando para aquele propósito um barco forte o suficiente para resistir ao vento e às ondas, ele endereçou-se a Kunti e disse, 'Aquele Dhritarashtra nasceu para destruir a fama e descendência da linhagem (Kuru). De alma vil, ele está para perder a virtude eterna. Ó abençoada, eu mantenho preparado sobre o rio um barco capaz de resistir ao vento e às ondas. Escape por ele com teus filhos da rede que a morte espalhou ao redor de vocês.'

Vaisampayana continuou, 'Ouvindo estas palavras, a ilustre Kunti ficou profundamente aflita, e com seus filhos, ó touro da raça Bharata, entrou no barco e saiu pelo Ganges. Então deixando o barco de acordo com o conselho de Vidura, os Pandavas levaram com eles a riqueza que lhes havia sido dada (enquanto estavam em Varanavata) por seus inimigos e com segurança entraram nas florestas profundas. Na casa de laca, no entanto, que havia sido preparada para a destruição dos Pandavas, uma inocente mulher Nishada com seus filhos que haviam ido lá para algum propósito foram mortos queimados. E o pior dos Mlechchhas, o canalha Purochana (que era o arquiteto empregado na construção da casa de laca) foi também queimado no incêndio. E assim também os ilustres Pandavas, pelo conselho de Vidura, se salvaram com sua mãe. Mas o povo (de Varanavata) não soube de sua segurança. E os cidadãos de Varanavata, vendo a casa de laca consumida (e crendo que os Pandavas haviam sido mortos queimados) ficaram muito tristes. E eles enviaram mensageiros ao rei Dhritarashtra para relatar tudo o que tinha acontecido. E eles disseram ao monarca, 'Teu grande objetivo foi alcançado! Tu finalmente mataste os Pandavas! Teu desejo estando realizado, desfrute com teus filhos, ó rei dos Kurus, do reino.' Ouvindo isso Dhritarashtra com seus filhos fez um espetáculo de aflição, e junto com seus parentes, incluindo Kshatri (Vidura) e Bhishma, o principal dos Kurus, realizou as últimas honras dos Pandavas.'

Janamejaya disse, 'Ó melhor dos Brahmanas, eu desejo ouvir integralmente esta história do incêndio da casa de laca e da fuga dos Pandavas de lá. Foi uma ação cruel deles (dos Kurus), agindo sob os conselhos do vil (Kanika). Recite para mim a história de como tudo aquilo aconteceu. Eu estou queimando de curiosidade para ouvir.'

Vaisampayana disse, 'Ó destruidor de todos os inimigos, escute a mim, ó monarca, enquanto eu narro (a história do) incêndio da casa de laca e da fuga dos Pandavas. O perverso Duryodhana, vendo Bhimasena superar (todos) em força e Arjuna muito habilidoso com armas ficou pensativo e triste. Então Karna, o filho do Sol, e Sakuni, o filho de Suvala, se esforçaram por vários métodos para realizar a morte dos Pandavas. Os Pandavas também neutralizaram todas aquelas maquinações uma depois de outra, e em conformidade com os conselhos de Vidura, nunca falaram delas depois. Então os cidadãos, vendo os filhos de Pandu possuidores de talentos, começaram, ó Bharata, a falar deles em todos os lugares públicos muito frequentados. E reunidos em pátios e outros lugares de reunião, eles falavam do filho mais velho de Pandu (Yudhishtira) como possuidor das qualificações para governar o reino. E eles diziam, 'Dhritarashtra, embora possuidor da visão do conhecimento, tendo nascido cego, não obteve o reino antes. Como ele pode (portanto) virar rei agora? Então Bhishma, o filho de Santanu, de votos rígidos e dedicado à verdade, tendo antigamente abandonado a soberania nunca a aceitará agora. Nós, portanto, agora instalaremos (no trono) com cerimônias apropriadas o mais velho dos Pandavas dotado de juventude, hábil em batalha, versado nos Vedas, e sincero e bondoso. Reverenciando Bhishma, o filho de Santanu e Dhritarashtra conhecedor das regras de moralidade, ele sem dúvida manterá o primeiro e o último com seus filhos em todo tipo de gozo.'

O vil Duryodhana, ouvindo estas palavras dos partidários de Yudhishtira, ficou muito preocupado. Profundamente aflito, o príncipe perverso não pode suportar aquelas palavras. Inflamado com ciúmes, ele foi a Dhritarashtra, e encontrando-o sozinho ele o saudou com reverência e angustiado (à visão da) predileção dos cidadãos por Yudhishtira, ele endereçou-se ao monarca e disse, 'Ó pai, eu tenho ouvido os cidadãos proferirem palavras cheias de maus presságios. Passando por ti, e por Bhishma também, eles desejam que o filho de Pandu seja seu rei. Bhishma sancionará isto, pois ele não governará o reino. Parece, portanto, que os cidadãos estão se esforçando para infligir um grande prejuízo a nós. Pandu obteve antigamente o reino ancestral em virtude dos seus próprios talentos, mas tu, por cegueira, não obtiveste o reino, embora fosse completamente qualificado para tê-lo. Se o filho de Pandu agora obtiver o reino como sua herança de Pandu, seu filho o obterá depois dele e o filho desse filho também, e assim por diante descenderá a linhagem de Pandu. Nesse caso, ó rei do mundo, nós com nossos filhos, excluídos da linha real, certamente seremos desrespeitados por todos os homens. Portanto, ó monarca, adote tais conselhos para que nós não sofremos a angústia perpétua, virando dependentes de outros para nossa alimentação. Ó rei, se tu obtiveste a soberania antes, nós certamente a sucederemos, embora muitas pessoas possam ser desfavoráveis a nós.'

(Continuação do Jatugriha Parva)

Vaisampayana continuou, 'O rei Dhritarashtra cujo conhecimento somente era sua visão, ao ouvir estas palavras de seu filho e se lembrando de tudo o que Kanika tinha lhe dito, ficou afligido pela tristeza, e sua mente também começou a vacilar. Então Duryodhana e Karna, e Sakuni, o filho de Suvala, e Duhsasana como o quarto, reuniram-se. O príncipe Duryodhana disse a Dhritarashtra, 'Envie, ó pai, por algum plano inteligente, os Pandavas à cidade de Varanavata. Nós então não os temeremos.' Dhritarashtra, ao ouvir estas palavras proferidas por seu filho, refletiu por um momento e respondeu a Duryodhana, dizendo, 'Pandú, devotado à virtude, sempre se comportou respeitosamente com todos os seus parentes mas era em particular favorável a mim. Ele se importava muito pouco com os prazeres do mundo, mas lealmente deu tudo para mim, até o reino. Seu filho é tão devotado à virtude como ele, e é possuidor de todas as habilidades. De fama mundial, ele além disso é o predileto do povo. Ele possui aliados; como podemos nós exilá-lo à força de seu reino ancestral? Os conselheiros e soldados (do estado) e seus filhos e netos todos eram apreciados e sustentados por Pandú. Assim beneficiados antigamente por Pandú, ó filho, os cidadãos não nos matarão com todos os nossos amigos e parentes agora por causa de Yudhishtira?'

Duryodhana respondeu, 'O que tu dizes, ó pai, é perfeitamente verdadeiro. Mas em vista do mal que está nos ameaçando no futuro, se nós conciliarmos as pessoas com riqueza e honras, elas certamente tomarão o nosso partido por causa daquelas provas do nosso poder. A tesouraria e os ministros de estado, ó rei, estão neste momento sob nosso controle. Portanto, cabe a ti agora banir, por meios amáveis, os Pandavas para a cidade de Varanavata; ó rei, quando a soberania estiver nas minhas mãos, então, ó Bharata, Kunti com seus filhos poderá voltar daquele local.'

Dhritarashtra respondeu, 'Este, ó Duryodhana, é o pensamento existente na minha mente. Mas por sua pecaminosidade eu nunca dei expressão a ele. Nem Bhishma, nem Drona, nem Kshatri, nem Gautama (Kripa) jamais sancionará o exílio dos Pandavas. A seus olhos, ó filho querido, os Kurus e os Pandavas são iguais. Aquelas pessoas sábias e virtuosas não farão diferença entre nós. Se portanto, nós nos comportamos assim com relação aos Pandavas, nós, ó filho, não mereceremos a morte nas mãos dos Kurus, daqueles personagens ilustres, e de todo o mundo?'

Duryodhana respondeu, 'Bhishma não tem maior afeto por algum lado, e, portanto, será neutro (em caso de disputa). O filho de Drona (Aswatthaman) está do meu lado. Não há dúvida de que onde o filho está, lá o pai estará. Kripa, o filho de Saradwat, deve estar no lado em que Drona e Aswatthaman estão. Ele nunca abandonará Drona e o filho de sua irmã (Aswatthaman). Kshattri (Vidura) é dependente de nós para seu sustento, no entanto ele está secretamente com o inimigo. Se ele está do lado dos Pandavas, ele sozinho não pode fazer nada contra nós. Portanto, exile os Pandavas para Varanavata sem qualquer receio. E tome tais passos para que isto possa começar a ocorrer desde hoje mesmo. Por esta ação, ó pai, extinga esta dor que me consome como um fogo ardente, que me rouba o sono, e que perfura meu coração como um dardo terrível.'

## 145

(Continuação do Jatugriha Parva)

Vaisampayana disse, 'Então o príncipe Duryodhana junto com seus irmãos começou gradualmente a conquistar as pessoas para seu lado por conceder riqueza e honras. Enquanto isso, alguns conselheiros inteligentes, instruídos por Dhritarashtra, um dia começaram a descrever a cidade de Varanavata como um lugar encantador. E eles disseram: 'O festival de Pasupati (Siva) começou na cidade de Varanavata. A afluência de pessoas é grande e o desfile é o mais encantador de todos os já testemunhados na terra. Decorado com todos os ornamentos, ele encanta os corações de todos os espectadores.' Assim fizeram aqueles conselheiros, instruídos por Dhritarashtra, falando de Varanavata. E enquanto eles estavam assim falando, os Pandavas, ó rei, sentiram desejo de ir à cidade encantadora. E quando o rei (Dhritarashtra) percebeu que a curiosidade dos Pandavas tinha sido despertada, o filho de Ambika endereçou-se a eles, dizendo, 'Estes meus homens muitas vezes falaram de Varanavata como a cidade mais encantadora do mundo. Se portanto, ó filhos, vocês desejam testemunhar aquele festival vão para Varanavata com seus seguidores e amigos e divirtam-se lá como os próprios celestiais. E dêem pérolas e pedras preciosas para os Brahmanas e os músicos (que possam estar lá reunidos). E desfrutando por algum tempo como lhes agradar como os resplandecentes celestiais e se divertindo tanto quanto queiram, retornem para Hastinapura.'

Vaisampayana continuou, 'Yudhishtira, entendendo totalmente os motivos de Dhritarashtra e considerando que ele mesmo era fraco e desamparado, respondeu ao rei, dizendo, 'Assim seja.' Então endereçando-se a Bhishma, ao filho de Santanu, ao sábio Vidura, Drona, Valhika, o Kaurava, Somadatta, Kripa, Aswatthaman, Bhurisravas, e aos outros conselheiros, e Brahmanas e ascetas, e aos sacerdotes e cidadãos, e à ilustre Gandhari, ele disse lentamente e humildemente, 'Com nossos amigos e seguidores nós iremos à encantadora e populosa cidade de Varanavata por ordem de Dhritarashtra. Alegremente nos dêem suas bênçãos para que nós possamos adquirir prosperidade, e que não

possamos ser tocados pelo pecado.' Assim endereçados pelo mais velho dos filhos de Pandu, todos os principais Kaurava alegremente pronunciaram bênçãos sobre eles, dizendo, 'Ó filhos de Pandu, que todos os elementos abençoem vocês por seu caminho e que não deixem que o menor mal lhes aconteça.'

Os Pandavas, tendo realizado ritos propiciatórios para obter (sua parte do) reino, e terminando seus preparativos, partiram para Varanavata.'

## 146

(Continuação do Jatugriha Parva)

Vaisampayana disse, 'O perverso Duryodhana ficou muito satisfeito quando o rei, ó Bharata, disse aquilo aos Pandavas. E, ó touro da raça Bharata, Duryodhana, então, convocando seu conselheiro Purochana em particular, pegou sua mão direita e disse, 'Ó Purochana, este mundo, tão cheio de riquezas, é meu. Mas é igualmente teu. Cabe a ti, portanto, protegê-lo. Eu não tenho mais conselheiros dignos de confiança além de ti com quem consultar. Portanto, siga meu conselho e extermine meus inimigos por meio de um estratagema inteligente. Ó, faça como eu te digo. Os Pandavas, por Dhritarashtra, foram enviados para Varanavata, aonde eles, por ordem de Dhritarashtra, se divertirão durante as festividades. Faça aquilo pelo qual tu possas hoje mesmo alcançar Varanavata em um carro dirigido por mulas rápidas. Indo para lá, faça ser construído um palácio quadrangular na vizinhança do arsenal, rico em materiais e mobília, e guarde bem a mansão (com olhos espreitadores). E use (para erigir aquela casa) cânhamo e resina e todos os outros materiais inflamáveis que forem obteníveis. E misturando um pouco de terra com manteiga clarificada e óleo e gordura e uma quantidade grande de laca, faça um reboco para forrar as paredes, e espalhe ao redor daquela casa cânhamo e óleo e manteiga clarificada e laca e madeira de tal modo que os Pandavas, ou quaisquer outros, não possam, nem mesmo com escrutínio, vê-los lá ou concluir que a casa é inflamável. E tendo construído tal mansão, faça os Pandavas, depois de louvá-los com grande reverência, morarem nela com Kunti e todos os seus amigos. E coloque lá assentos e transportes e camas, tudo do melhor acabamento, para os Pandavas, assim Dhritarashtra não poderá ter nenhuma razão para reclamar. Tu debes também então administrar tudo isso para que ninguém de Varanavata possa saber de qualquer coisa até que o fim que nós temos em vista esteja realizado. E te assegurando de que os Pandavas estejam dormindo dentro dela em segurança e sem medo, tu debes então incendiar a mansão começando pela porta exterior. Os Pandavas então queimarão até a morte, mas as pessoas dirão que eles foram queimados em um incêndio (acidental) de sua casa.'

Dizendo, 'Assim seja' ao príncipe Kuru, Purochana viajou para Varanavata em um carro com mulas velozes. E indo para lá, ó rei, sem perda de tempo, obediente às ordens de Duryodhana, ele fez tudo o que o príncipe tinha lhe dito para fazer.

(Continuação do Jatugriha Parva)

Vaisampayana disse, 'Enquanto isso os Pandavas pegavam seus carros, unindo a eles alguns cavalos dotados da velocidade do vento. Quando eles estavam a ponto de entrar em seus carros, eles tocaram, com grande tristeza, os pés de Bhishma, do rei Dhritarashtra, do ilustre Drona, de Kripa, de Vidura e dos outros mais velhos da família Kuru. Então saudando com reverência todos os homens mais velhos, e abraçando seus iguais, recebendo a despedida até das crianças, e se despedindo de todas as veneráveis senhoras de sua família e caminhando em volta delas respeitosamente, e também de todos os cidadãos, os Pandavas, sempre conscientes de seus votos, partiram para Varanavata. E Vidura de grande sabedoria e outros touros entre os Kurus e os cidadãos também, em grande aflição, seguiram aqueles tigres entre os homens de uma distância. E alguns entre os cidadãos e as pessoas do país que seguiram os Pandavas, entristecidos além da conta ao verem os filhos de Pandu em tal angústia, começaram a dizer alto, 'O rei Dhritarashtra de alma má não vê as coisas com o mesmo olhar. O monarca Kuru não mantém sua visão na virtude. Nem o impecável Yudhishtira, nem Bhima o principal dos homens poderosos, nem Dhananjaya o filho (mais novo) de Kunti, jamais serão culpados (do pecado de travar uma guerra rebelde). Quanto estes permanecerão quietos, como os ilustres filhos de Madri farão alguma coisa? Por eles terem herdado o reino de seu pai Dhritarashtra não pôde suportá-los. Como é que Bhishma que permite o exílio dos Pandavas para aquele lugar desventurado sanciona este ato de grande injustiça? Vichitravirya, o filho de Santanu, e o sábio real Pandu da linhagem Kuru, ambos cuidavam de nós antigamente com cuidado paterno. Mas agora que Pandu, aquele tigre entre os homens, ascendeu para o céu, Dhritarashtra não pôde suportar estes príncipes, seus filhos. Nós não concordamos com este exílio e iremos todos, deixando esta cidade excelente e nossas próprias casas, para onde Yudhishtira for.'

Aos cidadãos aflitos falando deste modo, o virtuoso Yudhishtira, ele mesmo atormentado pela tristeza, refletindo por poucos momentos, disse, 'O rei é nosso pai, digno de consideração, nosso guia espiritual, e nosso superior. Cumprir sem suspeitas no coração qualquer ordem que ele dê, é, de fato, nosso dever. Vocês são nossos amigos. Andando ao redor de nós e nos fazendo felizes por tuas bênçãos, voltem para suas residências. Quando chegar a hora de algo ser feito por vocês para nós, então, de fato, realizem tudo o que nos for agradável e benéfico.' Assim endereçados, os cidadãos andaram em volta dos Pandavas e deram a eles suas bênçãos e voltaram para suas respectivas residências.

E depois que os cidadãos haviam cessado de seguir os Pandavas, Vidura, conhecedor de todos os ditames da moralidade, desejoso de alertar o mais velho dos Pandavas (para o perigo que corriam), endereçou a ele algumas palavras. O

erudito Vidura, conhecedor do jargão (dos Mlechchhas), se dirigiu ao erudito Yudhishtira que também conhecia o mesmo jargão, nas palavras da língua Mlechchha, que eram ininteligíveis a todos exceto a Yudhishtira. Ele disse, 'Aquele que conhece os esquemas que seus inimigos idealizam de acordo com os ditames da ciência política, devem, conhecendo-os, agir de modo a evitar todo o perigo. Aquele que sabe que há armas afiadas capazes de cortar o corpo embora não sendo feitas de aço, e compreende também os meios de proteger-se delas, nunca pode ser ferido por inimigos. Vive aquele que se protege pelo conhecimento de que nem o consumidor da palha e da madeira nem o secador do orvalho queima os habitantes de um buraco nas florestas profundas. O homem cego não vê seu caminho: o homem cego não tem conhecimento de direção. Aquele que não tem firmeza nunca adquire prosperidade. Lembrando disto, estejam em guarda. O homem que recebe uma arma não feita de aço (ou seja, uma residência inflamável) dada por seus inimigos, pode escapar do fogo por fazer sua residência ser parecida com a de um chagal (tendo muitas saídas). Por vagar um homem pode adquirir o conhecimento dos caminhos, e pelas estrelas ele pode averiguar a direção, e aquele que mantém seus cinco (sentidos) sob controle nunca pode ser oprimido por seus inimigos.'

Assim endereçado, o filho de Pandu, Yudhishtira, o justo, respondeu a Vidura, o principal de todos os homens eruditos, dizendo, 'Eu te entendi.' Então Vidura, tendo instruído os Pandavas e os seguido (até longe), andou ao redor deles e se despedindo voltou para sua própria residência. Quando os cidadãos e Bhishma e Vidura todos tinham parado de segui-los, Kunti se aproximou de Yudhishtira e disse, 'As palavras que Kshattri te disse no meio de muitas pessoas, tão indistintamente como se ele não tivesse dito nada, e a tua resposta a ele também em palavras e voz parecidas, nós não entendemos. Se não for impróprio nós as conhecermos; eu gostaria de saber tudo o que se passou entre vocês.'

Yudhishtira respondeu, 'O virtuoso Vidura me disse que nós devíamos saber que a mansão (para nossa acomodação em Varanavata) foi construída de materiais inflamáveis. Ele disse: 'O caminho de escapar também não será desconhecido para ti', e mais, 'Aqueles que podem controlar seus sentidos podem adquirir a soberania de todo o mundo.' A resposta que eu dei à Vidura foi 'Eu te entendi.'

Vaisampayana continuou, 'Os Pandavas partiram no oitavo dia do mês de Phalguna quando a estrela Rohini estava ascendente, e ao chegarem a Varanavata eles contemplaram a cidade e o povo.'

(Continuação do Jatugriha Parva)

Vaisampayana disse, 'Então os cidadãos (de Varanavata), ao saberem que os filhos de Pandu estavam chegando ficaram cheios de alegria pelas novidades, e saíram depressa de Varanavata, em veículos de vários tipos aos milhares, levando com eles todos os artigos auspiciosos como ordenado pelos Sastras, para receber aqueles principais dos homens. E o povo de Varanavata, se aproximando dos filhos de Kunti os abençoou por proferir o Jaya e por circundá-los. Aquele tigre entre homens, o virtuoso Yudhishtira, assim circundado por eles parecia resplandecente como aquele que tem o raio em suas mãos (Indra) no meio dos celestiais. E aqueles impecáveis, recebendo as boas-vindas dos cidadãos e cumprimentando-os em retorno, então entraram na cidade populosa de Varanavata decorada com todos os ornamentos. Entrando na cidade aqueles heróis foram primeiro, ó monarca, às residências de Brahmanas dedicados às suas próprias funções. Aqueles principais dos homens então foram às residências dos oficiais da cidade, e então às dos Sutas e dos Vaisyas e mesmo àquelas dos Sudras, ó touro da raça Bharata, assim reverenciados pelos cidadãos, os Pandavas finalmente foram com Purochana perante eles ao palácio que havia sido construído para eles. Purochana então começou a colocar diante deles comida e bebida e camas e tapetes, tudo da primeira e da mais agradável qualidade. Os Pandavas vestidos em roupas caras, continuaram a viver lá, reverenciados por Purochana e pelas pessoas que tinham suas casas em Varanavata.

Depois que os Pandavas tinham assim vivido por dez noites, Purochana falou com eles sobre a mansão (que ele havia construído) chamada de 'O Lar Abençoado' mas que era em realidade a casa amaldiçoada. Então aqueles tigres entre os homens, vestidos em roupas caras, entraram naquela mansão por instância de Purochana como Guhyakas entrando no palácio (de Siva) na montanha Kailasa. O principal de todos os homens virtuosos, Yudhishtira, inspecionando a casa, disse a Bhima que ela era realmente construída de materiais inflamáveis. Cheirando o odor de gordura misturada com manteiga clarificada e preparativos de laca, ele disse a Bhima, 'Ó destruidor de inimigos, esta casa foi realmente construída de materiais inflamáveis! De fato, isto é evidente neste caso! O inimigo, é óbvio, pela ajuda de artistas de confiança bem hábeis na construção de casas, finamente construiu esta mansão, depois de obter cânhamo, resina, palha, e bambus, e embebeu todos em manteiga clarificada. Aquele canalha vil, Purochana, agindo sob a instrução de Duryodhana, ficou aqui com o objetivo de me queimar até a morte quando me vir confiante. Mas, ó filho de Pritha, Vidura de grande inteligência soube deste perigo, e, portanto, me avisou antes. Sabendo de tudo isso, nosso tio mais jovem, sempre desejando nosso bem por afeição, nos disse que esta casa, tão cheia de perigo, tinha sido construída pelos canalhas sob Duryodhana agindo em segredo.'

Ouvindo isso Bhima respondeu, 'Se, senhor, você sabe que esta casa é tão inflamável, seria bom nós retornarmos para lá onde havíamos ficado alojados

primeiro (o palácio)'. Yudhishtira respondeu, 'Me parece preferível que nós continuemos a viver aqui sem parecer suspeitar de algo, mas todo o tempo com cautela e com nossos sentidos totalmente alertas e procurando alguns meios certos de fuga. Se Purochana perceber em nossas expressões que nós temos sondado seus projetos, agindo com pressa ele pode de repente nos queimar até a morte. De fato, Purochana pouco se importa com desonra ou pecado. O patife fica aqui agindo sob a instrução de Duryodhana. Se nós morrermos queimados nosso avô Bhishma ficará zangado? Por que ele, por mostrar sua cólera, faria os Kauravas ficarem zangados com ele? Ou, talvez, nosso avô Bhishma e os outros touros da raça Kuru, considerando a indignação por tal ato pecaminoso como virtuosa, fiquem coléricos. Se, no entanto, por medo de sermos queimados, nós fugirmos daqui, Duryodhana, ambicioso pela soberania certamente tramará nossa morte por meio de espiões. Enquanto nós não temos nenhum posto e poder, Duryodhana tem ambos; enquanto nós não temos nenhum amigo e aliado, Duryodhana tem ambos; enquanto nós não temos riqueza, Duryodhana tem a seu comando toda uma tesouraria. Ele, portanto, não nos destruirá por usar meios adequados? Que nós, portanto, enganando este patife (Purochana) e aquele outro patife Duryodhana, passemos nossos dias, disfarçando-nos às vezes. Que nós também levemos uma vida de caçadores, vagando sobre a terra. Nós então, se escaparmos de nossos inimigos, estaremos familiarizados com todos os caminhos. Nós também, a partir de hoje mesmo, faremos com que uma passagem subterrânea seja cavada em nosso quarto em grande sigilo. Se nós agirmos deste modo, ocultando o que fazemos de todos, o fogo nunca poderá nos consumir. Nós viveremos aqui, ativamente fazendo tudo para nossa segurança, mas com tal privacidade que nem Purochana nem qualquer dos cidadãos de Varanavata possam saber o que nós faremos depois.'

## 149

(Continuação do Jatugriha Parva)

Vaisampayana continuou, 'Um amigo de Vidura, bem hábil em exploração de minas, foi até os Pandavas, e endereçou-se a eles em segredo, dizendo, 'Eu fui enviado por Vidura e sou um mineiro habilidoso. Eu estou aqui para servir os Pandavas. Digam-me o que eu devo fazer para vocês. Pela confiança que ele deposita em mim, Vidura me disse, 'Vá até os Pandavas e aja para o bem deles.' O que eu farei por vocês? Purochana incendiará a porta da sua casa na décima quarta noite desta quinzena escura. Matar queimados aqueles tigres entre os homens, os Pandavas, com sua mãe, é o projeto daquele canalha perverso, o filho de Dhritarashtra. Ó filho de Pandu, Vidura também te disse alguma coisa na língua Mlechcha à qual tu também deste a resposta na mesma língua. Eu exponho estes detalhes como minhas credenciais.' Ouvindo estas palavras, Yudhishtira, o filho sincero de Kunti respondeu, 'Ó amável, eu agora sei que és um amigo querido e de confiança de Vidura, verdadeiro e dedicado a ele. Não há nada que o

erudito Vidura não saiba. Como ele, assim tu és para nós. Não faça diferença entre ele e nós. Nós somos tanto teus como dele. Ó, nos proteja como o erudito Vidura sempre nos protegeu. Eu sei que esta casa, tão inflamável, foi idealizada para mim por Purochana por ordem do filho de Dhritarashtra. Aquele patife vil comandando riquezas e aliados nos persegue sem intervalo. Ó, salve-nos com um pouco de esforço do incêndio iminente. Se nós morrermos queimados aqui, o maior desejo de Duryodhana estará satisfeito. Aqui é o arsenal bem equipado daquele patife. Esta mansão grande foi construída contígua às plataformas altas do arsenal sem qualquer saída. Mas esta maquinação do ímpio Duryodhana foi conhecida por Vidura primeiro, e foi ele quem nos informou antes. O perigo do qual Kshatri nos preveniu está agora à nossa porta. Salve-nos sem Purochana ter conhecimento disto.' Ao ouvir estas palavras, o mineiro disse, 'Assim seja' e cuidadosamente começando seu trabalho de escavação, fez uma grande passagem subterrânea. E a boca daquela passagem era no centro daquela casa, e estava no nível do chão e fechada por cima com tábuas. A boca estava assim coberta por medo de Purochana, aquele patife que mantinha uma guarda constante na porta da casa. Os Pandavas costumavam dormir dentro de seus quartos com armas prontas para o uso, enquanto, durante o dia, eles saíam para caçar de floresta em floresta. Assim, ó rei, eles viveram muito cautelosamente, enganando Purochana por uma exibição de confiança e contentamento enquanto em realidade eles estavam desconfiados e descontentes. Nem os cidadãos de Varanavata sabiam de qualquer coisa acerca daqueles planos dos Pandavas. Realmente, ninguém mais sabia de nada exceto o amigo de Vidura, aquele bom mineiro.'

## 150

(Continuação do Jatugriha Parva)

Vaisampayana disse, 'Vendo os Pandavas vivendo lá alegremente e sem suspeitas por um ano inteiro Purochana ficou muito contente. E vendo Purochana assim muito contente, Yudhishtira, o virtuoso filho de Kunti, endereçando-se a Bhima e Arjuna e aos gêmeos (Nakula e Sahadeva), disse, 'Aquele patife de coração cruel foi bem enganado. Eu acho que está chegando a hora da nossa fuga. Pondo fogo no arsenal e queimando Purochana e deixando seu corpo jazendo aqui, que nós, seis pessoas, fuçamos daqui sem sermos observados!'

Vaisampayana continuou, 'Então na ocasião de uma distribuição de esmolas, ó rei, Kunti alimentou em certa noite um grande número de Brahmanas. Foram lá também várias senhoras que enquanto comendo e bebendo, lá desfrutaram como quiseram, e com a permissão de Kunti voltaram às suas respectivas casas. Desejosa de obter comida, foi até lá, como se impelida pelo destino, para o banquete, no curso de sua viagem, uma mulher Nishada, mãe de cinco filhos, acompanhada por todos os filhos. Ó rei, ela e seus filhos, embriagados com o vinho que beberam, ficaram incapazes. Privada de consciência e mais morta do

que viva, ela com todos os seus filhos se deitou naquela mansão para dormir. Então quando os habitantes da casa deitaram para dormir começou a soprar um vento violento durante a noite. Bhima então incendiou a casa onde justamente Purochana estava adormecido. Então o filho de Pandu incendiou a porta daquela casa de laca. Então ele incendiou várias partes ao redor da mansão. Então quando os filhos de Pandu estavam certos de que a casa tinha pegado fogo em várias partes, aqueles destruidores de inimigos com sua mãe entraram na passagem subterrânea sem perda de tempo. Então o calor e o rugido do fogo se tornaram intensos e despertaram os habitantes da cidade. Vendo a casa em chamas, os cidadãos com rostos tristes começaram a dizer, 'O patife (Purochana) de alma cruel estava sob a instrução de Duryodhana e construiu sua casa para destruir os parentes de seu empregador. Ele de fato ateou fogo a ela. Ó, que vergonha para Dhritarashtra cujo coração é tão parcial. Ele matou queimados, como se fossem seus inimigos, os impecáveis herdeiros de Pandu! Ó, o pecaminoso (Purochana) de alma perversa que queimou aqueles melhores dos homens, os inocentes e confiantes príncipes, ele mesmo foi morto queimado por determinação do destino.'

Vaisampayana continuou, 'Os cidadãos de Varanavata assim lamentaram (o destino dos Pandavas), e ficaram lá por toda a noite circundando a casa. Os Pandavas, no entanto, acompanhados por sua mãe, saindo da passagem subterrânea, fugiram às pressas despercebidos. Mas aqueles destruidores de inimigos, por sonolência e medo, não podiam prosseguir rapidamente com sua mãe. Mas, ó monarca, Bhimasena, dotado de bravura terrível e rapidez de movimento tomou sobre seu corpo todos os seus irmãos e mãe e começou forçar passagem através da escuridão. Colocando sua mãe em seu ombro, os gêmeos em seus lados, e Yudhishtira e Arjuna em ambos os braços, Vrikodara de grande energia e força e dotado da velocidade do vento começou sua marcha, quebrando as árvores com seu peito e comprimindo profundamente o solo com as batidas de seus pés.'

## 151

(Continuação do Jatugriha Parva)

Vaisampayana disse, 'Naquela época o erudito Vidura tinha enviado para aquelas florestas um homem de caráter puro e em quem ele confiava. Aquela pessoa indo para onde foi instruída viu os Pandavas com sua mãe na floresta em certo lugar empenhados em medir a profundidade de um rio. O plano que o vil Duryodhana tinha formado, através de seus espões, foi conhecido por Vidura de grande inteligência, e, portanto, ele enviou aquela pessoa prudente aos Pandavas. Enviado por Vidura a eles, ele mostrou aos Pandavas nas margens sagradas do Ganga um barco com motores e bandeiras, construído por artífices de confiança e capaz de resistir ao vento e às ondas e dotado da velocidade da tempestade ou do pensamento. Ele então endereçou-se aos Pandavas nestas palavras para

mostrar que ele tinha realmente sido enviado por Vidura, 'Ó Yudhishtira', ele disse, 'escute estas palavras que o erudito Vidura disse como uma prova do fato de que eu venho dele. Nem o consumidor da palha e da madeira, nem o secador de orvalho poderia queimar os habitantes de um buraco na floresta. Escapa da morte aquele que se protege por saber disto, etc.' Por estas credenciais saibam que eu sou uma pessoa que foi realmente enviada por Vidura e que sou também seu agente de confiança. Vidura, conhecedor de tudo, também disse, 'Ó filho de Kunti, tu certamente derrotarás em batalha Karna, e Duryodhana com seus irmãos, e Sakuni.' Este barco está pronto sobre as águas, e deslizará agradavelmente nelas, e sem dúvida levará vocês todos para longe destas regiões!'

Então vendo aqueles principais dos homens com sua mãe pensativos e tristes, ele os fez entrar no barco que estava no Ganga, e os acompanhou. Endereçando a eles outra vez, ele disse, 'Vidura tendo cheirado suas cabeças e abraçado vocês (mentalmente), disse outra vez que no começo e ao longo dessa sua viagem auspiciosa vocês nunca deveriam estar descuidados.'

Dizendo estas palavras para aqueles príncipes heróicos, a pessoa enviada por Vidura levou aqueles touros entre os homens para o outro lado do Ganga em seu barco. E tendo levado eles sobre a água e vendo todos eles seguros na margem oposta, ele proferiu a palavra 'Jaya' (vitória) para seu sucesso e então deixou-os e voltou ao lugar de onde tinha vindo.

Os Pandavas ilustres, também enviando através daquela pessoa uma mensagem para Vidura, começaram, depois de terem cruzado o Ganga, a prosseguir com pressa e em grande sigilo.

## 152

(Continuação do Jatugriha Parva)

Vaisampayana disse, 'Então, quando a noite havia passado, uma grande afluência de habitantes da cidade chegou às pressas para ver os filhos de Pandu. Depois do fogo ter se extinguido, eles viram que a casa queimada havia sido construída com laca em seus materiais e que o conselheiro (de Duryodhana) Purochana havia sido morto queimado. E as pessoas começaram a lamentar dizendo, 'De fato, foi idealizada pelo pecaminoso Duryodhana a destruição dos Pandavas. Há pouca dúvida que Duryodhana, com o conhecimento de Dhritarashtra, matou queimados os herdeiros de Pandu, do contrário o príncipe teria sido impedido por seu pai. Há pouca dúvida de que mesmo Bhishma, o filho de Santanu, e Drona e Vidura e Kripa e os outros Kauravas, nenhum deles seguiu os ditames do dever. Enviemos agora uma mensagem para Dhritarashtra dizendo, 'Teu grande desejo foi realizado! Tu mataste os Pandavas!'

Eles então começaram a procurar algum traço dos Pandavas, e eles viram a inocente mulher Nishada com seus cinco filhos queimados. Então o mineiro enviado por Vidura, enquanto removia as cinzas, cobriu o buraco que tinha cavado com aquelas cinzas de tal modo que este permaneceu despercebido por todos os que tinham ido lá.

Os cidadãos então enviaram um mensagem para Dhritarashtra para informá-lo de que os Pandavas junto com o conselheiro (de Duryodhana), Purochana, haviam morrido queimados. O rei Dhritarashtra, ao ouvir as más notícias da morte dos Pandavas, chorou em grande tristeza. E ele disse, 'O rei Pandu, meu irmão de grande fama, de fato, morreu hoje quando aqueles seus filhos heróicos junto com sua mãe morreram queimados. Homens, vão rapidamente para Varanavata e realizem a cerimônia fúnebre daqueles heróis e da filha de Kuntiraj! Que também os ossos dos falecidos sejam santificados com os ritos usuais, e que todos os atos benéficos e grandiosos, (para tais ocasiões) sejam realizados. Que os amigos e parentes deles que morreram viajem para lá. Que também todos os outros atos benéficos que devem, nas circunstâncias, ser realizados por nós para os Pandavas e Kunti sejam realizados com abundância.'

Tendo assim falado, Dhritarashtra, o filho de Ambika, circundado por seus parentes, ofereceu oblações de água aos filhos de Pandu. E todos eles, afligidos com muita tristeza, lamentaram exclamando, 'Ó Yudhishtira! Oh príncipe da linhagem Kuru!', enquanto outros gritaram alto, 'Oh, Bhima!, Oh Phalgunal!', enquanto outros, 'Oh, ó gêmeos!, Oh, Kunti!', desta forma eles se entristeceram pelos Pandavas e ofereceram oblações de água a eles. Os cidadãos também choraram pelos Pandavas, mas Vidura não chorou muito, porque ele sabia a verdade.

Enquanto isso os Pandavas dotados de grande força com sua mãe formando uma companhia de seis saíram da cidade de Varanavata e chegavam às margens do Ganga. Eles então alcançaram rapidamente a margem oposta ajudados pela força dos braços dos remadores, a rapidez da correnteza do rio, e um vento favorável. Deixando o barco, eles procederam na direção sul achando seu caminho no escuro pela luz das estrelas. Depois de muito sofrimento eles finalmente alcançaram, ó rei, uma floresta densa. Eles estavam então cansados e com sede; e o sono estava fechando seus olhos a todo momento. Então Yudhishtira, endereçando-se a Bhima dotado de grande energia, disse, 'Ó, o que pode ser mais doloroso do que isto? Nós estamos agora nas florestas profundas. Nós não sabemos qual lado é qual, nem podemos ir muito mais longe. Nós não sabemos se aquele canalha Purochana foi ou não morto queimado. Como nós escaparemos destes perigos sem sermos vistos por outros? Ó Bharata, nos carregando sobre ti mesmo, prossiga como antes. Somente tu entre nós é forte e veloz como o vento.'

Assim endereçado por Yudhishtira, o justo, o poderoso Bhimasena, erguendo sobre seu corpo Kunti e seus irmãos, começou a prosseguir com grande rapidez.'

(Continuação do Jatugriha Parva)

Vaisampayana disse: 'Enquanto o poderoso Bhima prosseguia, toda a floresta com suas árvores e seus ramos pareceu tremer por causa da colisão com seu peito. O movimento de suas coxas ergueu um vento como aquele que sopra durante o mês de Jyaishta e Ashadha (Maio e Junho). E o poderoso Bhima procedeu, fazendo um caminho para si mesmo, mas esmagando com os pés as árvores e plantas trepadeiras diante de si. Realmente, ele quebrava (pela pressão de seu corpo) as árvores grandes e plantas, com suas flores e frutos, que estavam em seu caminho. Passando através das florestas derrubando poderosas árvores, ele parecia o líder de uma manada de elefantes, da idade de sessenta anos, furioso e dotado de muita energia, durante a época do cio quando o suco líquido escorre pelas três partes de seu corpo. De fato, tão grande era a força com a qual Bhima dotado da velocidade de Garuda ou de Marut (o deus do vento), procedia, que os Pandavas pareceram desmaiar em consequência. Frequentemente nadando através de correntezas difíceis de serem cruzadas, os Pandavas se esconderam em seu caminho por medo dos filhos de Dhritarashtra. E Bhima carregava em seu ombro sua ilustre mãe de sensibilidade delicada através de margens irregulares de rios. Perto da noite, ó touro da raça Bharata, Bhima (levando seus irmãos e mãe em suas costas) alcançou uma floresta terrível onde frutos e raízes e água eram escassos e que ressoava com os gritos terríveis de aves e animais. O crepúsculo se aprofundou e os gritos de aves e bestas se tornaram aterradores, a escuridão envolveu tudo e ventos inoportunos começaram a soprar e quebraram e colocaram abaixo grande número de árvores grandes e pequenas e muitas plantas trepadeiras com folhas e frutas secas. Os príncipes Kaurava, afligidos com fadiga e sede, e pesados com sono, estavam incapazes de seguir adiante. Eles todos então se sentaram naquela floresta sem comida e bebida. Então Kunti, afetada pela sede, disse a seus filhos, 'Eu sou a mãe dos cinco Pandavas e estou agora em seu meio. Ainda assim eu estou queimando de sede!' Kunti repetidamente disse isto a seus filhos. Ouvindo estas palavras, o coração de Bhima, por afeição por sua mãe, foi tomado pela compaixão e ele resolveu seguir (adiante como antes). Então Bhima, prosseguindo através daquela floresta terrível e extensa sem uma alma viva, viu uma bela árvore banyan com ramos que se espalhavam por uma vasta área. Descendo seus irmãos e mãe, ó touro da raça Bharata; ele disse a eles, 'Descansem aqui enquanto eu vou em busca de água. Eu ouço os gritos suaves de aves aquáticas. Eu acho que deve haver um grande lago aqui.' Mandado, ó Bharata, por seu irmão mais velho que disse a ele, 'Vá', Bhima procedeu na direção da qual os gritos daquelas aves aquáticas estavam vindo. E, ó touro da raça Bharata, ele logo encontrou um lago e se banhou e matou sua sede. E afetuoso com seus irmãos, ele levou água para eles, ó Bharata, por embeber suas peças de roupas superiores. Retrocedendo rapidamente pelo mesmo caminho por aquelas quatro milhas, ele chegou onde sua mãe estava e ao contemplá-la ele sentiu tristeza e começou a suspirar como

uma cobra. Triste ao ver sua mãe e irmãos dormindo sobre a terra nua, Vrikodara começou a lamentar, 'Oh, miserável que eu sou, que vejo meus irmãos dormindo sobre a terra nua. O que pode me acontecer que seja mais doloroso do que isto? Ai, aqueles que antigamente em Varanavata não podiam dormir nas camas mais macias e caras estão agora dormindo sobre a terra nua! Oh, que visão pode se mais dolorosa para mim contemplar do que esta de Kunti, a irmã de Vasudeva, aquele destruidor de hostes hostis, a filha de Kuntiraja, ela mesma ornada com todas as marcas auspiciosas, a nora de Vichitravirya, a esposa do ilustre Pandu, a nossa mãe, resplendente como os filamentos do lótus e delicada e que deveria dormir na mais cara das camas, dormindo dessa forma, como ela nunca deveria estar, na terra nua! Oh, ela que deu à luz a estes filhos com Dharma e Indra e Maruta, ela que sempre dormiu dentro de palácios, agora adormecida, fatigada, na terra nua! Nenhuma visão mais dolorosa foi vista por mim além desta, destes tigres entre os homens (meus irmãos) dormindo no chão! Oh, o virtuoso Yudhishtira, que merece a soberania dos três mundos, dormindo, fatigado, como um homem ordinário, na terra nua! Este Arjuna da cor das nuvens azuis mais escuras, e inigualável entre os homens dormindo sobre o chão como uma pessoa ordinária! Oh, o que pode ser mais doloroso do que isto? Oh os gêmeos, que em beleza são como os gêmeos Aswins entre os celestiais, estão dormindo como mortais comuns na terra nua! Aquele que não tem parentes ciumentos nem de mente má vive em felicidade neste mundo como uma árvore sozinha em uma aldeia. A árvore que fica sozinha em uma aldeia com suas folhas e frutos, na ausência de outra da mesma espécie, se torna sagrada e é adorada e venerada por todos. Aqueles também que têm muitos parentes que, no entanto, são todos heróicos e virtuosos, vive felizmente no mundo sem nenhum tipo de tristeza. Eles mesmos poderosos e crescendo em prosperidade e sempre alegrando seus amigos e parentes, eles vivem, contando uns com os outros, como árvores altas crescendo na mesma floresta. Nós, no entanto, fomos forçados ao exílio pelo patife Dhritarashtra e seus filhos e escapamos com dificuldade, por uma mudança de sorte, de uma morte no fogo. Tendo escapado daquele fogo, nós estamos agora descansando à sombra desta árvore. Tendo já sofrido tanto, aonde nós vamos agora? Ó filhos de Dhritarashtra de pouca previdência, com seus associados perversos, desfrutem do seu sucesso temporário. Os deuses estão certamente propícios a vocês. Mas ó desgraçados, vocês ainda estão vivos somente porque Yudhishtira não me mandou tirar tuas vidas. Senão hoje mesmo, cheio de ira, eu te enviaria, (ó Duryodhana), às regiões de Yama (Plutão) com teus filhos e amigos e irmãos, e Karna, e (Sakuni) o filho de Suvala! Mas o que eu posso fazer se, ó canalhas pecaminosos, o virtuoso rei Yudhishtira, o mais velho dos Pandavas, ainda não está zangado com vocês?'

Tendo dito isso, Bhima de braços poderosos, inflamado pela cólera, começou a comprimir suas palmas, suspirando profundamente em aflição. Excitado outra vez com raiva como um fogo extinguido resplandecendo repentinamente, Vrikodara mais uma vez contemplou seus irmãos dormindo sobre o solo como pessoas comuns. E Bhima disse a si mesmo, 'Eu acho que deve haver uma cidade não muito longe desta floresta. Eles todos estão dormindo, então eu ficarei acordado. E matarei a sede deles depois que eles se levantarem revigorados pelo sono.'

Assim dizendo, Bhima lá sentou-se acordado, velando sua mãe e irmãos adormecidos.'

## 154

(Hidimva vadha Parva)

Vaisampayana disse, 'Não longe do lugar onde os Pandavas estavam dormindo, um Rakshasa de nome Hidimva habitava uma árvore Sala. Possuidor de grande energia e bravura, ele era um canibal cruel de aparência lúgubre por causa de seus dentes longos e afiados. Ele estava faminto e desejoso de carne humana. De pernas compridas e barriga grande, seus cabelos e barba eram ambos vermelhos. Seus ombros eram largos como o pescoço de uma árvore; suas orelhas eram como flechas, e suas feições eram terríveis. De olhos vermelhos e aparência lúgubre, o monstro viu, enquanto olhava ao redor, os filhos de Pandu dormindo naquela floresta. Ele estava então faminto e desejava carne humana. Sacudindo seus cabelos secos e cinzentos e coçando-os com seus dedos apontados para cima, o canibal de boca grande repetidamente olhou os filhos adormecidos de Pandu bocejando caladamente às vezes. De corpo enorme e grande força, de cor como a de uma massa de nuvens, de dentes longos e de pontas afiadas e rosto emitindo um tipo de brilho, ele estava sempre satisfeito com carne humana. E cheirando o odor de homem, ele se dirigiu à sua irmã, dizendo, 'Ó irmã, depois de um longo tempo tal comida agradável se aproxima de mim! Minha boca se enche de água por antegozar o sabor de tal comida. Meus oito dentes, de pontas tão afiadas e incapazes de serem resistidos por qualquer substância, hoje, depois de longo tempo, eu perei na carne mais deliciosa. Atacando a garganta humana até abrir as veias, eu (hoje) beberei uma abundante quantidade de sangue humano, quente e fresco e espumante. Vá e averigúe quem são aqueles que estão dormindo nestas florestas. O forte perfume de homem agrada minhas narinas. Massacrando todos aqueles homens, traga-os para mim. Eles dormem dentro do meu território. Tu não precisas temê-los. Faça logo o que eu ordeno para nós então juntos comermos sua carne, rasgando seus corpos com prazer. E depois de nos banquetearmos nos enchendo de carne humana nós então dançaremos juntos!'

Assim endereçado por Hidimva naquelas florestas, Hidimva, a canibal fêmea, por ordem de seu irmão, foi, ó touro da raça Bharata, ao local onde os Pandavas estavam. E ao ir lá ela contemplou os Pandavas dormindo com sua mãe e o invencível Bhimasena sentado acordado. E vendo Bhimasena inigualável sobre a terra em beleza como uma vigorosa árvore Sala, a mulher Rakshasa imediatamente se apaixonou por ele e disse a si mesma: 'Esta pessoa de cor como a do ouro aquecido e de braços poderosos, de ombros largos como do leão, e tão resplandecente, de pescoço marcado com três linhas como uma concha e olhos como pétalas de lótus, é digno de ser meu marido. Eu não obedecerei ao cruel mandato do meu irmão. O amor de uma mulher para com seu marido é mais

forte do que seu afeto por seu irmão. Se eu matá-lo, a satisfação do meu irmão assim como a minha será somente momentânea. Mas se eu não matá-lo eu poderei ser feliz com ele agora e para sempre.' Assim dizendo, a mulher Rakshasa, capaz de assumir a forma que quisesse, assumiu uma excelente forma humana e começou a avançar com passos lentos em direção a Bhima de braços poderosos. Enfeitada com ornamentos celestes ela avançou com sorrisos em seus lábios e um andar modesto, e endereçando-se a Bhima disse, 'Ó touro entre homens, de onde vens e quem és? Quem, além disso, são essas pessoas de beleza celeste que estão dormindo aqui? Quem também, ó impecável, é esta senhora de beleza transcendente que está dormindo assim confiantemente nestas florestas como se estivesse dormindo em seu próprio quarto? Tu não sabes que esta floresta é a residência de um Rakshasa. Realmente eu te digo, aqui vive o cruel Rakshasa chamado Hidimva. Ó seres de beleza celeste, eu fui enviada até aqui por aquele Rakshasa, meu irmão, com a cruel intenção de matar vocês para seu alimento. Mas te digo realmente que ao vê-lo resplandecente como um celestial, eu não teria ninguém mais para meu marido além de ti! Tu que és conhecedor de todos os deveres, sabendo disto, faça a mim o que é apropriado. Meu coração assim como meu corpo foi perfurado (pelas flechas de) Kama (Cupido). Ó, como eu estou desejosa de obter-te, faça-me tua. Ó tu de braços poderosos, eu te salvarei do Rakshasa que come carne humana. Ó impecável, seja meu marido. Nós então viveremos em leitos de montanhas inacessíveis para mortais comuns. Eu posso percorrer o ar e faço isto à vontade. Tu poderás desfrutar de grande felicidade comigo naquelas regiões.'

Ouvindo estas palavras dela, Bhima respondeu, 'Ó mulher Rakshasa, quem poderia, como um Muni tendo todas as suas paixões sob controle, abandonar sua mãe e irmão mais velho e irmãos mais novos adormecidos? Que homem como eu satisfaria sua luxúria deixando sua mãe e irmãos adormecidos como comida para um Rakshasa?'

A mulher Rakshasa respondeu, 'Ó, acorde todos eles, e eu farei a vocês todos o que for agradável para ti! Eu certamente salvarei vocês todos do meu irmão canibal.'

Bhima então disse, 'Ó mulher Rakshasa, eu, por medo do teu irmão perverso, não acordarei meus irmãos e mãe que dormem confortavelmente nas florestas. Ó tímida, Rakshasas nunca são capazes de suportar a destreza dos meus braços. E, ó tu de olhos bonitos, nem homens, nem Gandharvas, nem Yakshas podem suportar minha força. Ó amável, tu podes ficar ou ir como quiseres, ou podes até enviar teu irmão canibal, ó tu de forma delicada. Eu não me importo.'

(Continuação do Hidimva vadha Parva)

Vaisampayana disse, 'Hidimva, o chefe dos Rakshasas, vendo que sua irmã não voltou logo, desceu da árvore e foi rapidamente ao local onde os Pandavas estavam. De olhos vermelhos e braços fortes e com os pelos de seus braços e os cabelos de sua cabeça eretos, de boca grande aberta e corpo como uma massa de nuvens escuras, dentes muito longos e de pontas afiadas, ele era terrível de se ver. E Hidimva, vendo seu irmão de aparência terrível descer da árvore, ficou muito alarmada, e endereçando-se a Bhima disse, 'O canibal perverso está vindo para cá em cólera. Eu rogo a ti, faça com teus irmãos como eu te digo. Ó tu de grande coragem, como eu sou dotada dos poderes de um Rakshasa, eu sou capaz de ir para onde quer que eu queira. Subam nos meus quadris e eu carregarei vocês todos através dos céus. E, ó destruidor de inimigos, acorde estes e tua mãe dormindo em conforto. Levando vocês todos sobre meu corpo, eu os levarei pelos céus.'

Bhima então disse, 'Ó tu de belos quadris, eu não tenho medo de nada. Eu estou certo de que desde que eu esteja aqui, não haverá nenhum Rakshasa capaz de ferir qualquer um deles, ó tu de cintura esbelta. Eu matarei este (canibal) diante dos teus olhos. Este pior dos Rakshasas, ó tímida, não é um adversário à minha altura, nem poderiam todos os Rakshasas juntos suportar a força dos meus braços. Veja estes meus braços fortes, cada um como a tromba de um elefante. Veja também estas minhas coxas que são como maçãs de ferro, e meu peito largo e impenetrável. Ó bela, tu hoje contemplarás minha bravura que é como a de Indra. Ó tu de quadris formosos, não me odeie, pensando que eu sou um homem.'

Hidimva respondeu dizendo, 'Ó tigre entre homens, ó tu da beleza de um celestial, sem dúvida eu não te desprezo. Mas eu tenho visto a bravura que Rakshasas exercem sobre homens.'

Vaisampayana continuou, 'Então, ó Bharata, o colérico Rakshasa comedor de carne humana ouviu aquelas palavras de Bhima que vinha falando daquela maneira. E Hidimva viu sua irmã disfarçada em forma humana, sua cabeça enfeitada com guirlandas de flores e seu rosto como a lua cheia e suas sobrancelhas e nariz e olhos e cabelos todos da mais bela descrição, e suas unhas e rosto da cor mais delicada, e ela mesma vestida com todo o tipo de ornamento e em finas roupas transparentes. O canibal, vendo-a naquela forma humana encantadora suspeitou que ela estava desejosa de relacionamento carnal e ficou indignado. E, ó melhor dos Kurus, ficando enfurecido com sua irmã, o Rakshasa dilatou seus olhos e se dirigindo a ela disse, 'Que criatura insensata deseja pôr obstáculos no meu caminho agora que eu estou tão faminto? Tu te tornastes tão insensata, ó Hidimva, que não temes minha ira? Que vergonha para ti, mulher lasciva! Tu estás desejosa de relacionamento carnal e ansiosa para me ofender. Tu estás prestes a ser sacrificada pelo bom nome e honra de todos os Rakshasas, teus antepassados! E estes que te ajudam a me fazer este grande insulto, eu, agora, matarei junto contigo.' Endereçando-se assim à sua irmã,

Hidimva, com os olhos vermelhos de raiva e rangendo os dentes, correu até ela para matá-la ali mesmo. Mas vendo-o correr em direção à sua irmã, Bhima, o principal dos batedores, dotado de grande energia, o repreendeu e disse, 'Pare. Pare!'

Vaisampayana continuou, 'E Bhima, vendo o Rakshasa zangado com sua irmã, sorriu (em menosprezo), e disse, 'Ó Hidimva, que necessidade há de acordar estas pessoas que dormem tão confortavelmente? Ó canibal perverso, aproxime-te primeiro de mim sem perda de tempo. Golpeie-me primeiro, não cabe a ti matar uma mulher, especialmente quando ela foi ofendida ao invés de ofender. Esta moça mal é responsável por seu ato em desejar um relacionamento comigo. Ela, nisto, foi movida pela divindade do desejo que permeia toda forma viva. Ó patife vil, o mais infame dos Rakshasas, tua irmã veio aqui ao teu comando. Vendo minha pessoa, ela me desejou. Nisso esta moça tímida não te ofendeu. Foi a divindade do desejo quem o fez. Não cabe a ti feri-la por esta ofensa. Ó canalha perverso, tu não matarás uma mulher enquanto eu estiver aqui. Venha comigo, ó canibal, e lute comigo isoladamente. Sozinho eu te mandarei hoje para a residência de Yama (Plutão). Ó Rakshasa, que tua cabeça hoje, pressionada pela minha força, seja esmagada em pedaços, como se pressionada pelo pé de um poderoso elefante. Quando fores morto hoje por mim no campo de batalha, que as garças e falcões e chacais rasguem em alegria teus membros no chão. Em um instante eu hoje deixarei esta floresta desprovida de Rakshasas, esta floresta que tem sido governada por ti, devorador de seres humanos! Tua irmã, ó Rakshasa, hoje te verá, embora sejas enorme como uma montanha, como um elefante enorme repetidamente arrastado por um leão. Ó pior dos Rakshasas, tu sendo morto por mim, os homens que atravessarem estas matas de agora em diante farão isto com segurança e sem medo.'

Ouvindo estas palavras, Hidimva disse, 'Que necessidade há, ó homem, dessa tua fanfarrice e ostentação? Faça tudo isso primeiro, e então poderás te vangloriar de fato. Portanto, não te retarde. Tu achas que és forte e dotado de coragem, então tu hoje avaliará corretamente a tua força no teu duelo comigo. Até então, eu não matarei estes (teus irmãos). Que eles durmam confortavelmente, pois, por tu seres um tolo e proferires palavras infelizes, eu te matarei primeiro. Depois de beber teu sangue eu os matarei também, e então por último esta, (minha irmã) que me ofendeu.'

Vaisampayana continuou, 'Dizendo isso o canibal, estendendo seus braços correu em fúria em direção a Bhimasena, aquele destruidor de inimigos. Então Bhima de bravura terrível rapidamente agarrou, como se estivesse brincando, com grande força, os braços estendidos do Rakshasa que tinha corrido até ele. Então agarrando com violência o Rakshasa que se debatia, Bhima o arrastou daquele local por trinta e dois cúbitos completos como um leão arrastando um animal pequeno. Então o Rakshasa, assim sentindo o peso da força de Bhima, ficou muito enraivecido e agarrando o Pandava, proferiu um grito terrível. O poderoso Bhima então arrastou com força o Rakshasa à uma distância ainda maior, para que seus gritos não acordassem seus irmãos que dormiam confortavelmente. Agarrando e arrastando um ao outro com grande força, Hidimva e Bhimasena

demonstraram sua coragem. Lutando como dois elefantes adultos loucos de raiva, eles então começaram a derrubar árvores e romper a vegetação que crescia em volta. E por causa daqueles sons aqueles tigres entre os homens (os Pandavas adormecidos), acordaram com sua mãe, e viram Hidimva sentada diante deles.'

## 156

(Continuação do Hidimva vadha Parva)

Vaisampayana disse, 'Despertados do sono, aqueles tigres entre os homens, com sua mãe, vendo a beleza extraordinária de Hidimva, ficaram maravilhados. E Kunti, fitando-a com admiração por sua beleza, endereçou-se a ela gentilmente e lhe deu toda sua confiança. Ela perguntou, 'Ó tu do esplendor de uma filha dos celestiais, de quem és e quem és? Ó tu de belas feições, para que propósito vieste para cá e de onde vens? Se tu és a divindade destas florestas ou uma Apsara, diga-me tudo a respeito de ti mesma e também por que permaneces aqui?' Então Hidimva respondeu, 'Esta floresta extensa que vês, da cor azul das nuvens, é a residência de um Rakshasa de nome Hidimva. Ó bela senhora, saiba que sou a irmã daquele chefe dos Rakshasas. Venerável dama, eu fui enviada por aquele meu irmão para matar-te com todos os teus filhos. Mas ao chegar aqui por ordem do meu irmão cruel eu vi o teu filho poderoso. Então, ó senhora abençoada, eu fiquei sob o controle do teu filho pela divindade do amor que permeia a natureza de todos os seres, e eu então (mentalmente) escolhi aquele teu filho poderoso como meu marido. Eu tentei o meu melhor para levar vocês daqui, mas eu não pude (por causa da oposição do teu filho). Então o canibal, vendo minha demora, veio para cá para matar todos estes teus filhos. Mas ele foi arrastado daqui com força por teu filho poderoso e inteligente, meu marido. Veja agora aqueles dois, homem e Rakshasa, ambos dotados de grande força e bravura, dedicados ao combate, oprimindo um ao outro e enchendo toda a região com seus gritos.'

Vaisampayana continuou, 'Ouvindo aquelas palavras dela, Yudhishtira ergueu-se de repente e Arjuna também e Nakula e Sahadeva de grande energia e eles viram Bhima e o Rakshasa já engajados na luta, ávidos para vencer um ao outro e arrastando um ao outro com grande força, como dois leões dotados com grande poder. O pó erguido por seus pés por causa daquele combate parecia com a fumaça de um incêndio na floresta. Cobertos com aquele pó seus corpos enormes pareciam com dois rochedos altos envolvidos em neblina. Então Arjuna, vendo Bhima um tanto oprimido na luta pelo Rakshasa, lentamente, disse com sorrisos em seus lábios, 'Não tema, ó Bhima de braços poderosos! Nós (estávamos dormindo e portanto) não sabíamos que tu estavas envolvido em combate com um Rakshasa terrível e cansado na luta. Aqui estou eu para te ajudar, deixe-me matar o Rakshasa, e que Nakula e Sahadeva protejam nossa mãe.' Ouvindo-o Bhima disse, 'Assista a este combate, ó irmão, como uma pessoa de fora. Não tema pelo resultado. Estando dentro do alcance dos meus braços ele não escapará com

vida.' Então Arjuna disse, 'Qual a necessidade, ó Bhima, de manter o Rakshasa vivo por tanto tempo? Ó opressor de inimigos, nós temos que ir, e não podemos ficar muito mais tempo aqui. O leste está se avermelhando, a aurora já vai começar. O Rakshasa se tornou mais forte pelo amanhecer, portanto, te apresse, ó Bhima! Não brinque (com tua vítima), mas mate logo o terrível Rakshasa. Durante os dois crepúsculos os Rakshasas sempre manifestam seus poderes ilusão. Use toda a força dos teus braços.'

Vaisampayana continuou, 'A estas palavras de Arjuna, Bhima, ardendo de raiva, convocou o poder que Vayu (seu pai) manifesta na hora da dissolução universal. E cheio de ira, ele rapidamente ergueu alto no ar o corpo do Rakshasa, azul como as nuvens do céu, e o girou uma centena de vezes. Então endereçando-se ao canibal, Bhima disse, 'Ó Rakshasa, tua inteligência te foi dada em vão, e em vão tu crescestes e prosperaste de carne não santificada. Tu mereces, portanto, uma morte profana e eu te reduzirei hoje a nada. Eu farei esta floresta abençoada hoje, como uma sem plantas com espinhos. E, ó Rakshasa, tu não mais matarás seres humanos para teu alimento.' Arjuna neste momento, disse, 'Ó Bhima, se tu achas que é uma tarefa difícil vencer este Rakshasa em combate, deixe-me te ajudar, ou, mate-o tu mesmo sem perda de tempo. Ou, ó Vrikodara, deixe-me matar sozinho o Rakshasa. Tu estás cansado, e quase terminaste a questão. Bem que mereces descansar.'

Vaisampayana continuou, 'Ouvindo estas palavras de Arjuna, Bhima foi excitado pela fúria e arremessando o Rakshasa no chão com toda sua força o matou como se ele fosse um animal. O Rakshasa, enquanto morria, proferiu um grito terrível que encheu toda a floresta, e que era profundo como o som de um tambor molhado. Então o poderoso Bhima, segurando o corpo com suas mãos, o dobrou no meio, e partindo-o em dois satisfez imensamente seus irmãos. Vendo Hidimva morto eles ficaram muito contentes e não demoraram a oferecer seus parabéns a Bhima, aquele castigador de todos os inimigos. Então Arjuna louvando o ilustre Bhima de bravura terrível, endereçou-se a ele outra vez e disse, 'Venerável irmão mais velho, eu acho que há uma cidade não muito longe desta floresta. Abençoado sejas, vamos sair logo daqui para que Duryodhana não possa nos descobrir.'

Então todos aqueles poderosos guerreiros em carros, aqueles tigres entre homens, dizendo, 'Assim seja,' prosseguiram junto com sua mãe, seguidos por Hidimva, a mulher Rakshasa.'

## 157

(Continuação do Hidimva vadha Parva)

Vaisampayana disse, 'Bhima, vendo Hidimva seguindo-os, dirigiu-se a ela, dizendo, 'Rakshasas se vingam de seus inimigos por usar ilusões que são incapazes de ser compreendidas. Portanto, ó Hidimva, tu vais pelo mesmo

caminho pelo qual teu irmão foi.' Então Yudhishtira vendo Bhima enfurecido, disse, 'Ó Bhima, ó tigre entre homens, embora enfurecido, não mate uma mulher. Ó Pandava, a observância da virtude é um dever mais elevado do que a proteção da vida. Hidimva, que veio com o objetivo de nos matar, tu já mataste. Esta mulher é a irmã daquele Rakshasa, o que ela pode nos fazer mesmo que esteja zangada?'

Vaisampayana continuou, 'Então Hidimva com reverência saudou Kunti e seu filho Yudhishtira também, e disse, com as palmas unidas, 'Ó venerável senhora, tu conheces as dores que as mulheres sentem nas mãos da divindade do amor. Dama abençoada, estas dores, das quais Bhimasena é a causa, estão me torturando. Eu estive até agora suportando estas dores insuportáveis, esperando pela hora (em que teu filho as aliviaria). Aquele tempo no qual eu esperei que seria feliz agora chegou. Rejeitando meus amigos e parentes e o costume da minha raça, eu, ó senhora abençoada, escolhi o teu filho, este tigre entre homens, como meu marido. Eu te digo realmente, ó senhora ilustre, que se eu for rejeitada por este herói ou por ti, eu não suportarei mais esta minha vida. Portanto, ó tu das mais belas feições, cabe a ti me mostrar piedade, me considerando ou como muito tola ou tua escrava obediente. Ó dama ilustre, uma-me com este teu filho, meu marido. Dotado como ele é da forma de um celestial, deixe-me levá-lo comigo onde quer que eu queira. Confie em mim, ó senhora abençoada, eu o trarei de volta para vocês todos. Quando vocês pensarem em mim eu virei até vocês imediatamente e os transportarei até onde quer que queiram. Eu os protegerei de todos os perigos e os carregarei através das regiões mais inacessíveis e irregulares. Eu carregarei vocês em minhas costas sempre que desejarem prosseguir com rapidez. Ó, seja benevolente para comigo e faça Bhima me aceitar. É dito que em uma época de infortúnio uma pessoa deve proteger a própria vida por quaisquer meios. Aquele que procura cumprir este dever não deve ter escrúpulos sobre os meios. Aquele que em um tempo de necessidade mantém sua virtude é o principal dos homens virtuosos. De fato, a necessidade é o grande perigo para a virtude e homens virtuosos. É a virtude que protege a vida; portanto a virtude é chamada de doadora de vida. Portanto os meios pelos quais a virtude ou a observância de um dever é assegurada nunca podem ser censuráveis.'

Ouvindo estas palavras de Hidimva, Yudhishtira disse; 'É assim mesmo, ó Hidimva, como tu disseste. Não há dúvida nisto. Mas, ó tu de cintura esbelta, tu deverás agir exatamente como disseste. Bhima, depois de se lavar e dizer suas orações e realizar os costumeiros ritos propiciatórios, dará suas atenções para ti até que o sol se ponha. Divirta-se com ele como quiseres durante o dia, ó tu que és dotada com a velocidade da mente! Mas tu deves trazer Bhimasena de volta para cá todo dia ao anoitecer.'

Vaisampayana continuou, 'Então Bhima, expressando sua concordância com tudo o que Yudhishtira disse endereçou-se a Hidimva, dizendo, 'Escute-me, ó mulher Rakshasa! Realmente eu prometo que ficarei contigo, ó tu de cintura esbelta, até que tu obtenhas um filho.' Então Hidimva, dizendo, 'Assim seja' tomou Bhima sobre seu corpo e correu pelas ladeiras. Em topos de montanhas de cenários pitorescos e regiões sagradas para os deuses, cheias de rebanhos de

animais e ecoando com as melodias de pássaros emplumados, ela mesma assumindo a forma mais bela enfeitada com todos os ornamentos e proferindo às vezes melodias suaves, Hidimva desfrutou com o Pandava e se esforçou para fazê-lo feliz. Assim também, em regiões inacessíveis de florestas, e em leitos de montanhas cobertas com árvores florescentes, em lagos resplandecentes com lotos e lírios, ilhas de rios e em suas margens com seixos, em rios selvagens com belas margens e rios de montanhas, em florestas pitorescas com árvores florescentes e caramanchões nas curvas do Himalaya, e várias cavernas, em lagos cristalinos cheios de lotos, em praias brilhantes com ouro e pérolas, em belas cidades e jardins excelentes, em florestas sagradas para os deuses e em ladeiras, nas regiões de Guhyakas e ascetas, nas margens do Manasarovara cheias de frutas e flores de todas as estações Hidimva, assumindo a forma mais bela, se divertiu com Bhima e se esforçou para fazê-lo feliz. Dotada da velocidade da mente, ela se divertiu com Bhima em todas aquelas regiões, até que com o tempo ela concebeu e deu à luz a um filho poderoso gerado nela pelo Pandava. De olhos terríveis e boca grande e orelhas retas como flechas, a criança era terrível de se olhar. De lábios marrons como cobre e dentes afiados e rugido alto, de braços poderosos e grande força e bravura excessiva, aquela criança se tornou um arqueiro poderoso. De nariz comprido, peito largo, panturrilhas horrivelmente enormes, rapidez de movimento e grande força, ele não tinha nada de humano em sua expressão, embora nascido de homem. E ele superava (em força e bravura) todos os Pisachas e tribos semelhantes tanto quanto todos os Rakshasas. E, ó monarca, embora uma criança pequena, ele cresceu até se tornar um jovem na mesma hora de seu nascimento. O herói poderoso logo adquiriu grande competência no uso de todas as armas. As mulheres Rakshasa dão à luz no próprio dia em que concebem, e, capazes de assumir qualquer forma que queiram, elas sempre mudam suas formas. E a criança careca, aquele arqueiro poderoso, logo depois de seu nascimento, reverenciando sua mãe, tocou os pés dela e também os pés de seu pai. Seus pais então lhe deram um nome. Sua mãe notou que sua cabeça era (calva) como um Ghata (vaso de água), então seus pais o chamaram de Ghatotkacha (aquele de cabeça de vaso). E Ghatotkacha, que era extremamente dedicado aos Pandavas, se tornou um grande favorito deles, de fato, quase um deles.

Então Hidimva, sabendo que o período de sua permanência (com seu marido) havia acabado, saudou os Pandavas e marcando um novo encontro com eles foi embora para onde queria. E Ghatotkacha também, aquele principal dos Rakshasas, prometendo a seu pai que viria quando necessário, saudou-os e partiu na direção norte. De fato, foi o ilustre Indra quem criou (por enviar uma porção de si mesmo) o poderoso guerreiro em carro Ghatotkacha como um adversário digno para Karna de energia inigualável, por causa do dardo que ele tinha dado para Karna (o qual mataria com certeza a pessoa contra quem fosse arremessado).

(Continuação do Hidimva vadha Parva)

Vaisampayana disse, 'Aqueles poderosos guerreiros em carros, os heróicos Pandavas, foram então, ó rei, de floresta em floresta matando veados e muitos animais (para sua alimentação). E no curso de suas viagens eles viram os países dos Matsyas, dos Trigartas, dos Panchalas e então dos Kichakas, e também muitas florestas e lagos belos. E eles todos tinham cabelos emaranhados em suas cabeças e se vestiam com cascas de árvores e peles de animais. De fato, com Kunti em sua companhia aqueles heróis ilustres se vestiam em trajes de ascetas. E aqueles poderosos guerreiros em carros às vezes procediam às pressas, carregando sua mãe em suas costas; e às vezes eles procediam disfarçados, e às vezes com grande velocidade. E eles costumavam estudar o Rik e os outros Vedas e também todos os Vedangas assim como as ciências de moralidade e política. E os Pandavas, conhecedores da ciência da moralidade, encontraram, no decorrer daqueles viagens, seu avô (Vyasa). E saudando o ilustre Krishna-Dwaipayana, aqueles destruidores de inimigos, com sua mãe, ficaram diante dele com mãos unidas.

Vyasa então disse, 'Ó touros da raça Bharata, eu soube com antecedência desta sua aflição que consiste neste fraudulento exílio pelo filho de Dhritarashtra. Sabendo disto, eu vim até vocês, desejoso de lhes fazer um grande bem. Não se aflijam pelo que lhes aconteceu. Saibam que tudo isto é para sua felicidade. Sem dúvida, os filhos de Dhritarashtra e vocês são todos iguais aos meus olhos. Mas homens são sempre inclinados àqueles que estão em infortúnio ou que são muito jovens. Portanto, é por isso que meu afeto por vocês é maior agora. E por causa desse afeto eu desejo lhes fazer bem. Escutem-me! Não longe à sua frente há uma cidade encantadora onde nenhum perigo poderá alcançá-los. Vivam lá disfarçados, esperando pela minha volta.'

Vaisampayana continuou, 'Vyasa, o filho de Satyawati, assim confortando os Pandavas, os conduziu à cidade de Ekachakra. E o mestre também consolou Kunti, dizendo, 'Viva, ó filha! Este teu filho, Yudhishthira, sempre dedicado à verdade, este touro ilustre entre os homens, tendo por sua virtude conquistado todo o mundo, terá soberania sobre todos os outros monarcas da terra. Há pouca dúvida que, tendo através da bravura de Bhima e Arjuna conquistado toda a terra com sua faixa de mares, ele desfrutará de sua soberania. Teus filhos assim como os de Madri, todos poderosos guerreiros em carros, se divertirão alegremente como lhes agradar em seus domínios. Estes tigres entre os homens também realizarão vários sacrifícios, tais como o Rajasuya e sacrifício de cavalos, nos quais os presentes para os Brahmanas serão muitos. E estes teus filhos governarão seu reino ancestral, mantendo seus amigos e parentes em luxo e riqueza e felicidade.'

Vaisampayana continuou, 'Com estas palavras Vyasa os introduziu na residência de um Brahmana. E o Rishi nascido na ilha, endereçando-se ao mais

velho dos Pandavas, disse, 'Esperem por mim aqui! Eu voltarei a vocês! Por se adaptarem ao país e à ocasião vocês conseguirão se tornar muito felizes.'

Então, ó rei, os Pandavas com as mãos unidas disseram ao Rishi, 'Assim seja.' E o mestre ilustre, o Rishi Vyasa, então foi embora para a região de onde tinha vindo.'

## 159

(Vaka vadha Parva)

Janamejaya perguntou, 'Ó principal dos Brahmanas, o que fizeram os Pandavas, aqueles poderosos guerreiros em carros, os filhos de Kunti, depois de chegarem a Ekachakra?'

Vaisampayana disse, 'Aqueles poderosos guerreiros em carros, os filhos de Kunti, ao chegarem a Ekachakra, viveram por pouco tempo na residência de um Brahmana. Levando uma vida de mendicantes, eles viram (enquanto vagavam) várias florestas encantadoras e regiões terrestres, e muitos rios e lagos, e eles se tornaram os grandes favoritos dos habitantes daquela cidade por causa dos seus próprios talentos. Ao anoitecer eles colocavam perante Kunti tudo o que coletavam em suas viagens de mendicância, e Kunti costumava dividir o todo entre eles, cada um pegando o que era destinado para si. E aqueles heróicos destruidores de inimigos, com sua mãe, juntos pegavam metade do total, enquanto o poderoso Bhima sozinho pegava a outra metade. Deste modo, ó touro da raça Bharata, os Pandavas ilustres viveram lá por algum tempo.

Um dia, enquanto aqueles touros da raça Bharata estavam fora em sua viagem de mendicância, ocorreu de Bhima estar (em casa) com Pritha. Nesse dia, ó Bharata, Kunti ouviu um lamento de tristeza alto e de partir o coração vindo de dentro dos aposentos do Brahmana. Ouvindo os habitantes da casa do Brahmana chorando e lamentando de modo comovente, Kunti, ó rei, pela compaixão e bondade de seu coração, não pôde suportar aquilo com indiferença. Atormentada pela tristeza, a amável Pritha, endereçando-se a Bhima, disse estas palavras cheias de compaixão: 'Com nossas preocupações diminuídas, nós estamos, ó filho, vivendo felizmente na casa deste Brahmana, respeitados por ele e desconhecidos do filho de Dhritarashtra. Ó filho, eu acho que sempre devo fazer o bem para este Brahmana, como fazem aqueles que vivem felizmente nas residências de outros! Ó filho, ele é um homem verdadeiro que sempre concede favores. Ele restitui para os outros mais do que recebeu de suas mãos. Não há nenhuma dúvida que alguma aflição chegou a este Brahmana. Se nós pudéssemos ser de qualquer ajuda a ele, nós estaríamos então recompensando seus serviços.'

Ouvindo estas palavras de sua mãe, Bhima disse, 'Descubra, ó mãe, a natureza da aflição do Brahmana e também de onde ela veio. Sabendo tudo acerca disto, eu ajudarei mesmo que isto seja uma tarefa difícil.'

Vaisampayana continuou 'Enquanto mãe e filho estavam assim falando entre si eles ouviram outra vez, ó rei, outro lamento de tristeza vindo do Brahmana e de sua mulher. Então Kunti rapidamente entrou nos aposentos internos daquele Brahmana ilustre, como uma vaca correndo na direção de seu bezerro amarrado. Ela viu o Brahmana com sua mulher, filho e filha, sentados com os rostos cheios de dor, e ela ouviu que o Brahmana disse, 'Oh, que vergonha para esta vida terrena que é vazia como o junco e tão inútil, afinal é baseada na tristeza e em nenhuma liberdade, e tem a miséria como sua sina! Vida é tristeza e doença; vida é realmente uma história de tristeza! A alma é uma, mas ela tem que perseguir virtude, riqueza e prazer. E porque estes são perseguidos ao mesmo tempo frequentemente ocorre um desacordo que é fonte de muita tristeza. Alguns dizem que a salvação é o mais alto objeto de nosso desejo. Mas eu creio que esta nunca pode ser alcançada. A aquisição de riqueza é inferno; a perseguição de riqueza está ligada à miséria; há mais tristeza depois que alguém a adquiriu, porque se alguém ama suas próprias possessões, e se qualquer desgraça acontece a elas, o possuidor fica afligido pela dor. Eu não vejo meios pelos quais eu possa escapar deste perigo, nem como eu posso fugir daqui com minha mulher para uma região livre de perigo. Lembre, ó mulher, que eu me esforcei para migrar para algum outro lugar onde nós pudéssemos ser felizes, mas tu não me escutaste. Embora frequentemente eu te rogasse, tu, ó mulher simplória, me dizias, 'Eu nasci aqui, e aqui envelheci; este é meu domicílio ancestral.' Teu pai venerável, ó mulher, e tua mãe também, há muito tempo atrás, já ascenderam para o céu. Teus parentes também estão todos mortos. Oh, por que então tu ainda quiseste viver aqui? Levada por afeição por teus parentes tu então não ouviste o que eu dizia. Mas chegou a hora em que tu testemunharás a morte de um parente. Oh, quão triste será este espetáculo para mim! Ou talvez chegou a hora da minha própria morte, porque eu nunca poderei abandonar cruelmente um dos meus enquanto estiver vivo. Tu és minha companheira em todos os bons atos, abnegada e sempre afetuosa para mim como uma mãe. Os deuses te deram a mim como uma verdadeira amiga e tu estás sempre em primeiro lugar. Tu, por meus pais, foste feita participante em meus assuntos domésticos. Tu és de linhagem pura e de boa disposição, mãe dos meus filhos, dedicada a mim, e tão inocente; que tendo escolhido e casado contigo com os ritos devidos eu não posso te abandonar, minha esposa, tão constante em seus votos, para salvar minha vida. Como eu poderei sacrificar meu filho, uma criança jovem e ainda sem os pêlos (da idade adulta)? Como eu sacrificarei a filha que eu mesmo gerei, que foi colocada, como um penhor, nas minhas mãos pelo próprio Criador para ser concedida a um marido, e por quem eu esperava desfrutar, junto com meus antepassados, das regiões alcançáveis unicamente por aqueles que têm os filhos das filhas? Algumas pessoas pensam que o afeto do pai por um filho é maior; outros, que o afeto por uma filha é maior, a minha afeição, no entanto, é igual. Como eu posso estar preparado para desistir da minha filha inocente de quem dependem as regiões de felicidade alcançáveis por mim depois da morte e minha própria linhagem e felicidade perpétua? Se, por outro lado, eu mesmo me sacrifico e vou ao outro mundo eu dificilmente conhecerei alguma paz, pois, de fato, é evidente, deixados por mim estes não serão capazes de sustentar a vida. O sacrifício de qualquer um destes seria cruel e censurável. Por outro lado, se eu mesmo me sacrifico, estes,

sem mim, certamente perecerão. A angústia na qual eu fui lançado é grande; nem eu conheço meios de escapar. Ai, que rumo eu tomarei hoje com os meus próximos? É melhor que eu morra com todos eles, porque eu não posso mais viver.'

## 160

(Continuação do Vaka vadha Parva)

Vaisampayana disse, 'Ao ouvir estas palavras do Brahmana, sua mulher disse, 'Tu não deves, ó Brahmana, sofrer como um homem comum. Nem é esta a hora para lamentar. Tu tens erudição; tu sabes que todos os homens sem dúvida morrerão; ninguém deve chorar pelo que é inevitável. Mulher, filho e filha, todos estes são considerados como um único ser. Como tu és possuidor de uma boa compreensão, mate as tuas tristezas. Eu mesma irei lá. Este, de fato, é o dever mais alto e eterno de uma mulher, que por sacrificar sua vida ela procure o bem de seu marido. Tal ato feito por mim te fará feliz, e me trará fama neste mundo e felicidade eterna na vida após a morte. Isto que eu te digo, de fato, é a mais alta virtude, e tu podes, por isto, adquirir virtude e felicidade. O objetivo pelo qual alguém deseja uma mulher já foi alcançado por ti através de mim. Eu te dei uma filha e um filho e assim fui liberta da dívida que tinha contigo. Tu és bem capaz de manter e criar as crianças, mas eu, no entanto, nunca poderei sustentá-las e criá-las como tu. Tu és minha vida, riqueza, e senhor; privadas de ti, como estas jovens crianças e eu mesma existiremos? Enviuvada e sem marido, com duas crianças dependendo de mim, como eu, sem ti, mantereí vivo o par, levando uma vida honesta? Se tua filha for solicitada (em casamento) por pessoas desonrosas e vaidosas e indignas de contrair um aliança contigo, como eu poderei proteger a menina? De fato, como as aves procuram com avidéz a carne que é jogada ao chão, assim também os homens procuram uma mulher que perdeu seu marido. Ó melhor dos Brahmanas, importunada por homens vis, eu posso vacilar e não ser capaz de continuar no caminho que é desejado por todos os homens honestos. Como eu poderei manter esta única filha da tua casa, esta menina inocente, no caminho pelo qual seus antepassados sempre andaram? Como eu então poderei dar a esta criança toda a educação desejável para fazê-lo virtuoso como tu mesmo, naquela época de escassez na qual eu ficarei sem marido? Oprimindo a mim que estarei sem marido, pessoas indignas exigirão (a mão desta) tua filha, como Sudras desejando ouvir os Vedas. E se eu não der a eles esta menina possuidora do teu sangue e qualidades, eles poderão tomá-la à força, como corvos carregando a manteiga sacrificial. E vendo teu filho se tornar tão diferente de ti, e tua filha colocada sob o controle de pessoas indignas, eu serei desprezada no mundo por todas as pessoas honradas, e eu certamente morrerei. Estas crianças também, privadas de mim e de ti, seus pais, eu não tenho dúvida, perecerão como peixes quando a água seca. Não há dúvida que privados de ti nós três pereceremos, portanto cabe a ti me sacrificar. Ó Brahmana, pessoas conhecedoras da moralidade dizem que para as mulheres que geraram filhos

morrer antes que seus maridos é uma ação do mais alto mérito. Eu estou preparada para abandonar este filho e esta filha, estes meus parentes, e a própria vida, por ti. Para uma mulher, estar sempre dedicada a fazer coisas agradáveis para seu marido é um dever superior a sacrifícios, ascetismo, votos, e todo tipo de caridade. A ação, portanto, que eu pretendo realizar é consoante com a mais alta virtude e é para o teu bem e de toda a tua família. Os sábios declaram que filhos e parentes e mulher e todas as coisas prezadas são criadas para o propósito de libertar uma pessoa do perigo e da angústia. Um homem deve guardar riqueza para se livrar do perigo, e é por sua riqueza que ele deve cuidar e proteger sua mulher. Mas ele deve proteger a si mesmo (por meio de) sua mulher e sua riqueza. Os eruditos afirmam a verdade que uma esposa, filho, riqueza, e casa, são adquiridos com a intenção de prevenir-se contra acidentes, previstos ou imprevistos. Os sábios também dizem que todos os parentes de um homem pesados contra ele mesmo não são iguais a ele (em valor). Portanto, venerável marido, proteja a ti mesmo por me abandonar. Ó, me dê permissão para me sacrificar, e cuide dos meus filhos. Aqueles que estão familiarizados com a moralidade têm, em seus tratados, dito que mulheres nunca devem ser assassinadas, e Rakshasas não ignoram as regras de moralidade. Portanto, enquanto é certo que o Rakshasa matará um homem, é duvidoso que ele matará uma mulher. Cabe a ti, portanto, sendo familiarizado com as regras de moralidade, me colocar perante o Rakshasa. Eu desfrutei de muita felicidade, obtive muitas coisas que me foram agradáveis, e também adquiri grande mérito religioso. Eu também obtive de ti filhos que me são muito queridos. Portanto, não me aflige morrer. Eu te dei filhos e envelheci, e sempre desejo fazer o bem para ti. Lembrando disso tudo eu cheguei a esta decisão. Ó venerável marido, me abandonando tu poderás obter outra mulher. Por meio dela tu poderás novamente adquirir mérito religioso. Não há pecado nisto. Para um homem poligamia é um ato de mérito, mas para uma mulher é muito pecaminoso ter um segundo marido depois do primeiro. Considerando tudo isto, e lembrando também que o teu próprio sacrifício é censurável, ó, liberte hoje sem perda de tempo a ti mesmo, tua linhagem, e estes teus filhos (por me abandonar)'.

Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado por ela, ó Bharata, o Brahmana a abraçou, e ambos começaram a chorar em silêncio, afligidos pela dor.'

## 161

(Continuação do Vaka vadha Parva)

Vaisampayana disse, 'Ao ouvir estas palavras de seus pais aflitos, a filha encheu-se de dor, e ela se dirigiu a eles dizendo, 'Por que vocês estão tão aflitos e por que choram assim, como se não tivessem ninguém para cuidar de vocês? Ó, me escutem e façam o que for apropriado. Há pouca dúvida de que vocês serão obrigados pelo dever a me abandonar em certo tempo. Certos de me abandonar

algum dia, ó, me abandonem agora e salvem-se à custa de mim somente. Os homens desejam ter filhos pensando que os filhos os salvarão (neste mundo assim como após a morte). Ó, cruzem o rio das suas dificuldades por meio da minha pobre pessoa, como se eu fosse uma balsa. Um filho salva seus pais nesta e nas outras regiões; portanto o filho é chamado de Putra (salvador) pelos eruditos. Os antepassados desejam filhos da filha de mim (como um meio especial de salvação). Mas (sem esperar por meus filhos) eu mesma os salvarei por proteger a vida do meu pai. Este meu irmão é muito jovem, assim há pouca dúvida que ele perecerá se tu morreres agora. Se tu, meu pai, morreres e meu irmão te seguir, o bolo fúnebre dos Pitris será suspenso e eles ficarão imensamente prejudicados. Deixada para trás por meu pai e irmão, e por minha mãe também (pois ela não sobreviverá sem seu marido e filho) eu mergulharei em uma dor profunda e no final perecerei em grande angústia. Há pouca dúvida que se tu escapares deste perigo como também minha mãe e irmão mais novo, então tua linhagem e o bolo (ancestral) será perpetuado. O filho é o próprio ser de um homem; a mulher é uma amiga; a filha, no entanto, é uma fonte de incômodo. Salve a ti mesmo, portanto, por remover esta fonte de incômodo, e assim me estabeleça no caminho de virtude. Como eu sou uma menina, ó pai, desprovida de ti, eu ficarei desamparada e mergulhada na dor, e terei que ir para qualquer lugar. Portanto por isso eu estou decidida a resgatar a linhagem de meu pai e compartilhar do mérito desta ação por realizar esta tarefa difícil. Se tu, ó melhor dos Brahmanas, fores lá (ao Rakshasa), me deixando aqui, então eu ficarei muito atormentada. Portanto, ó pai, seja bondoso para comigo. Ó tu melhor dos homens, por nossa causa, pela virtude e também por tua linhagem, salve a ti mesmo, abandonando a mim, de quem em algum tempo tu serias obrigado a te separar. Não há necessidade de protelar, ó pai, para fazer aquilo que é inevitável. Se tu ascenderes para o céu, nós teremos que mendigar nossa comida a desconhecidos, como cachorros, o que pode ser mais doloroso do que isso? Mas se tu e teus parentes forem resgatados destas dificuldades, eu então viverei felizmente na região dos celestiais. É sabido por nós que se depois de entregar tua filha deste modo tu ofereceres oblações aos deuses e aos celestiais, eles certamente serão auspiciosos.'

Vaisampayana continuou, 'O Brahmana e sua esposa, ouvindo estas várias lamentações de sua filha, ficaram ainda mais tristes do que antes e os três começaram a chorar juntos. Seu filho, então, muito novo, vendo eles e sua irmã assim chorando juntos, pronunciou estas palavras em um tom suave, com os olhos arregalados de deleite, 'Não chore, ó pai, nem tu, ó mãe, nem tu, ó irmã!' E sorridente a criança se aproximou de cada um deles, e finalmente erguendo uma folha de grama disse em alegria, 'Com isto eu matarei o Rakshasa que come seres humanos.' Embora todos eles estivessem mergulhados na dor, ao ouvirem o que a criança disse tão docemente, a alegria ainda apareceu em seus rostos. Então Kunti pensando que esta era a oportunidade apropriada, se aproximou do grupo e disse algumas palavras. De fato, as palavras dela os reanimaram como o néctar revive uma pessoa que está morta.'

(Continuação do Vaka vadha Parva)

Kunti disse, 'Eu desejo saber de vocês a causa desta dor, pois eu a removerei, se possível.'

O Brahmana respondeu, 'Ó tu de riqueza ascética, tuas palavras são, de fato, dignas de ti. Mas esta dor não é capaz de ser removida por nenhum ser humano. Não longe desta cidade, vive um Rakshasa de nome Vaka, que é canibal e é o senhor deste país e cidade. Vivendo de carne humana, aquele Rakshasa infame dotado de grande força governa este país. Ele sendo o chefe dos Asuras, esta cidade e o país no qual está situada são protegidos por seu poder. Nós não temos medo das maquinações de qualquer inimigo, de fato nem de qualquer alma viva. A taxa, no entanto, fixada por este canibal é sua comida, que consiste em uma carroça cheia de arroz, dois búfalos, e um ser humano que transporta estes itens até ele. Um depois do outro, os chefes de famílias têm enviado a ele esta comida. A vez, no entanto, vem para uma família específica a intervalos de muitos longos anos. Se há alguns que procuram evitar isto, o Rakshasa os mata com seus filhos e esposas e devora eles todos. Há, neste país, uma cidade chamada Vetrakiya, onde vive o rei destes territórios. Ele ignora a ciência de governo, e sendo possuidor de pouca inteligência, ele não adota nenhuma medida de proteção pela qual estes territórios possam mantidos em segurança no futuro. Mas nós certamente merecemos isto tudo, visto que nós vivemos dentro do domínio daquele monarca desprezível e fraco em ansiedade perpétua. Brahmanas nunca podem morar permanentemente dentro dos domínios de ninguém, pois eles não são dependentes de ninguém, eles vivem como as aves que percorrem todos os países em perfeita liberdade. É dito que um homem deve assegurar um (bom) rei, então uma esposa, e então riqueza. É pela aquisição destes três que um homem pode salvar seus parentes e filhos. Mas com respeito à aquisição destes três, o rumo das minhas ações foi o contrário. Por isso, mergulhado em um mar de perigo, estou sofrendo muito. A vez de destruir um membro da família agora recaiu sobre mim. Eu terei que dar ao Rakshasa como sua taxa a comida que descrevi e um ser humano. Eu não tenho nenhuma riqueza para comprar um homem. Eu não posso de nenhum modo consentir em ceder qualquer um da minha família, nem vejo qualquer meio de escapar (das garras) daquele Rakshasa. Eu estou agora mergulhado em um oceano de dor do qual não há fuga. Eu irei àquele Rakshasa hoje, acompanhado por toda minha família, a fim de que o desgraçado devore a nós todos ao mesmo tempo.'

(Continuação do Vaka vadha Parva)

Kunti disse, 'Não sofra em absoluto, ó Brahmana, por causa deste perigo. Eu vejo uma maneira de te salvar do Rakshasa. Tu tens um único filho, que, além disso, é muito novo, e também uma filha única, jovem e desamparada, então eu não gostaria que nenhum deles, ou tua mulher, ou tu mesmo, fosse ao Rakshasa. Eu tenho cinco filhos, ó Brahmana, deixe que um deles vá, levando em teu nome o tributo daquele Rakshasa.'

Ouvindo isto o Brahmana respondeu, 'Para salvar minha própria vida eu nunca causaria este sofrimento. Eu nunca sacrificaria, para salvar a mim mesmo, a vida de um Brahmana ou de um convidado. De fato, mesmo aqueles que são de origem inferior e de práticas pecaminosas se recusam a fazer (o que tu me pedes para fazer). É dito que uma pessoa deve sacrificar a si mesma e sua própria prole para o benefício de um Brahmana. Eu respeito este conselho excelente e acho bom segui-lo também. Quando eu tenho que escolher entre a morte de um Brahmana e a minha, eu prefiro a última. O assassinato de um Brahmana é o maior pecado, e não há penitência para isto. Eu penso que um sacrifício relutante de si mesmo é melhor do que o relutante sacrifício de um Brahmana. Ó senhora abençoada, ao sacrificar a mim mesmo eu não me tornarei culpado de autodestruição. Nenhum pecado poderá recair sobre mim porque outro tirará minha vida. Mas se eu deliberadamente concordar com a morte de um Brahmana este será um ato cruel e pecaminoso, de cuja consequência não há fuga. Os eruditos dizem que o abandono de alguém que vai à tua casa ou procura a tua proteção, como também o assassinato de alguém que procura a morte em tuas mãos, são ambos cruéis e pecaminosos. Os ilustres entre aqueles que são familiarizados com as práticas permitidas em tempos de infortúnio disseram que nunca se deve realizar uma ação que é cruel e censurável. Será melhor para mim que eu hoje pereça com minha esposa, mas eu nunca aprovarei a morte de um Brahmana.'

Kunti disse, 'Eu também tenho a firme opinião, ó Brahmana, que Brahmanas devem sempre ser protegidos. Com relação a mim mesma, nenhum filho meu me seria menos querido mesmo que eu tivesse cem em vez dos cinco que tenho. Mas aquele Rakshasa não será capaz de matar meu filho, pois ele é dotado de grande bravura e energia, e habilidoso com mantras. Ele fielmente entregará a comida ao Rakshasa, mas, eu tenho certeza, salvará a si mesmo. Eu já vi muitos Rakshasas poderosos de corpos enormes se envolverem em combate com meu filho heróico e serem mortos por ele. Mas, ó Brahmana, não revele este fato a ninguém, pois se isto for conhecido, pessoas desejosas de obter este poder, por curiosidade, sempre incomodarão meus filhos. Os sábios disseram que se meu filho divulgar qualquer conhecimento sem o assentimento de seu preceptor, a qualquer pessoa, meu próprio filho não poderá mais se beneficiar com tal conhecimento.'

Assim endereçado por Pritha, o Brahmana com sua mulher ficou muito contente e concordou com as palavras de Kunti, que foram para eles como néctar. Então Kunti, acompanhada pelo Brahmana, foi até o filho de Vayu (Bhima) e lhe pediu para realizar (aquela tarefa difícil). Bhima respondeu a eles, dizendo, 'Assim seja.'

## 164

(Continuação do Vaka vadha Parva)

Vaisampayana disse, 'Depois de Bhima ter se comprometido a realizar a tarefa, dizendo, 'Eu o farei' os Pandavas, ó Bharata, voltaram para casa com as esmolas que tinham obtido durante o dia. Então Yudhishtira, o filho de Pandu, somente pela expressão de Bhima, suspeitou da natureza da tarefa que ele tinha prometido realizar. Sentando ao lado de sua mãe, Yudhishtira perguntou a ela em particular, 'Qual é a tarefa, ó mãe, que Bhima de destreza terrível realizará? E ele a fará por tua ordem ou por iniciativa própria?' Kunti respondeu, 'Bhima, este destruidor de inimigos, por minha ordem fará este grande ato para o bem do Brahmana e a libertação desta cidade.'

Yudhishtira disse, 'Que ação impulsiva fizeste, ó mãe! Esta tarefa é difícil de ser realizada e quase equivale a um suicídio! Os eruditos nunca aprovam o abandono do próprio filho. Por que tu, ó mãe, desejas sacrificar teu próprio filho por causa de outros? Tu, ó mãe, por este abandono do teu filho, agiste não somente contra as práticas humanas mas também contra os ensinamentos das Vedas. Bhima, em cujos braços nós dormimos confiantemente e comodamente durante à noite e esperamos recuperar o reino do qual fomos privados pelo cobiçoso filho de Dhritarashtra, aquele herói de energia imensurável, cuja bravura tira o sono de Duryodhana e Sakuni durante toda noite e por cuja destreza nós fomos salvos do palácio de laca e de vários outros perigos, aquele Bhima que causou a morte de Purochana, e em cujo poder confiamos tanto que consideramos que já matamos os filhos de Dhritarashtra e adquirimos toda a terra com toda a sua riqueza, sobre que considerações, ó mãe, tu resolveste abandoná-lo? Estavas privada da tua razão? Tua compreensão foi nublada pelas calamidades que tens sofrido?'

Ao ouvir estas palavras de seu filho, Kunti disse, 'Ó Yudhishtira, tu não precisas ficar ansioso por causa de Vrikodara. Eu não cheguei a esta resolução devido à qualquer fraqueza de compreensão. Respeitados, e com nossas tristezas aliviadas, nós temos, ó filho, vivido na casa deste Brahmana, desconhecidos para os filhos de Dhritarashtra. Para recompensar, ó filho, este Brahmana, eu resolvi fazer isto. Ele, de fato, é um homem sobre quem bons atos nunca são desperdiçados. A medida de sua retribuição se torna maior do que a medida dos serviços que ele recebe. Vendo a coragem de Bhima na ocasião da (nossa fuga da) casa de laca, e também da destruição de Hidimva, minha confiança em Vrikodara é grande. O poder dos braços de Bhima é igual àquele de dez mil

elefantes. Foi por isso, portanto, que ele conseguiu carregar vocês todos, cada um pesado como um elefante, de Varanavata. Não há ninguém sobre a terra igual a Bhima em força; ele pode até vencer aquele principal dos guerreiros, o próprio manejador do raio. Logo depois de seu nascimento ele caiu do meu colo no leito da montanha. Pelo peso de seu corpo a massa de pedra na qual ele caiu se partiu em pedaços. Por isto também, ó filho de Pandu, eu vim a conhecer o poder de Bhima. Por esta razão eu resolvi enviá-lo contra o inimigo do Brahmana. Eu não agi assim por tolice ou ignorância ou por motivo de lucro. Eu refletidamente resolvi fazer este ato virtuoso. Por esta ação, ó Yudhishtira, dois objetivos serão alcançados; um é a retribuição aos serviços prestados pelo Brahmana e o outro é a aquisição de alto mérito religioso. É minha convicção que o Kshatriya que presta qualquer ajuda a um Brahmana alcança regiões de felicidade após a morte. Assim também um Kshatriya que salva a vida de um Kshatriya alcança grande fama neste mundo como no outro. Um Kshatriya dando ajuda a um Vaisya também sobre esta terra certamente obtém popularidade mundial. Alguém da classe real deve proteger até o Sudra que procure sua proteção. Se ele agir assim, em sua próxima vida terá seu nascimento em uma linhagem real, merecendo prosperidade e o respeito dos outros reis. Ó descendente da linhagem Puru, o ilustre Vyasa de sabedoria adquirida por difíceis trabalhos ascéticos me disse isto no passado. Foi por essas razões que eu resolvi realizar isto.'

## 165

(Continuação do Vaka vadha Parva)

Tendo ouvido estas palavras de sua mãe, Yudhishtira disse, 'O que tu, ó mãe, fizeste deliberadamente, movida por paixão pelo Brahmana aflito, é, de fato, excelente, e Bhima certamente voltará com vida depois de ter matado o canibal, visto que tu és, ó mãe, sempre compassiva com Brahmanas. Mas diga ao Brahmana, ó mãe, para ele não fazer qualquer coisa pela qual os habitantes desta cidade possam saber a respeito disto, e faça-o prometer atender ao teu pedido.'

Vaisampayana continuou, 'Então, quando a noite caiu, Bhimasena, o filho de Pandu, levando consigo a comida do Rakshasa, foi ao local onde o canibal vivia. O filho poderoso de Pandu, se aproximando da floresta onde o Rakshasa morava, começou a comer ele mesmo a comida que carregava, chamando ruidosamente o Rakshasa pelo nome. O Rakshasa, cheio de fúria pelas palavras de Bhima, saiu e se aproximou do lugar onde Bhima estava.

De corpo enorme e grande força, de olhos vermelhos, barba vermelha, e cabelo vermelho, ele era terrível de se ver, e ele chegou pressionando profundamente a terra com seus passos. A abertura de sua boca era de orelha a orelha e aquelas orelhas eram retas como flechas. De aparência repugnante, ele tinha a testa sulcada por três linhas. Vendo Bhima comendo sua comida o Rakshasa avançou, mordendo seu lábio inferior e arregalando seus olhos em cólera. E endereçando-

se a Bhima ele disse, 'Quem é este tolo, que desejando ir para a residência de Yama come na minha frente a comida que é para mim?' Ouvindo estas palavras, Bhima, ó Bharata, sorriu com menosprezo e desdenhando o Rakshasa continuou a comer com a face desviada. Vendo isso o canibal proferiu um grito terrível e com ambos os braços erguidos correu até Bhima desejando matá-lo imediatamente. Mesmo então desconsiderando o Rakshasa e lançando a ele somente um único olhar, Vrikodara, aquele matador de heróis hostis, continuou a comer a comida do Rakshasa. Cheio de cólera por isto, o Rakshasa desferiu por trás com ambos os seus braços um golpe pesado nas costas de Vrikodara, o filho de Kunti. Mas Bhima, embora acertado pesadamente pelo Rakshasa poderoso, com ambas as suas mãos, ainda assim não ergueu os olhos para o Rakshasa mas continuou a comer como antes. Então o poderoso Rakshasa, excitado pela raiva, arrancou uma árvore e avançou em Bhima para bater nele outra vez. Enquanto isso o poderoso Bhima, aquele touro entre os homens tinha calmamente acabado de comer toda aquela comida e se limpando levantou alegremente para lutar. Então, ó Bharata, possuidor de grande energia, Bhima, sorrindo com menosprezo, pegou com sua mão esquerda a árvore arremessada nele pelo Rakshasa furioso. Então aquele Rakshasa, arrancando muito mais árvores, as jogou em Bhima, e o Pandava também arremessou tantas quanto aquelas no Rakshasa. Então, ó rei, o combate com árvores entre aquele ser humano e o Rakshasa se tornou tão terrível que a região em volta logo ficou desprovida de árvores. Então o Rakshasa, dizendo que ele era ninguém mais do que Vaka, pulou sobre o Pandava e agarrou o poderoso Bhima com seus braços. Aquele herói poderoso também apertou com seus próprios braços fortes o Rakshasa de braços fortes, e se esforçando ativamente, começou a arrastá-lo violentamente. Arrastado por Bhima e arrastando Bhima também, o canibal foi tomado por grande fadiga. A terra começou a tremer por causa da força que ambos empregavam, e árvores grandes que lá estavam se partiram em pedaços. Então Bhima, vendo o canibal vencido pela fadiga, o pressionou no chão com seus joelhos e começou a golpeá-lo com grande força. Então colocando um joelho sobre o meio das costas do Rakshasa, Bhima agarrou o pescoço dele com sua mão direita e o tecido em sua cintura com a mão esquerda e o dobrou em dois com grande força. O canibal então rugiu terrivelmente. E, ó monarca, ele também começou a vomitar sangue enquanto estava sendo quebrado daquela forma pelo joelho de Bhima.'

## 166

(Continuação do Parva de Vaka vadha)

Vaisampayana disse 'Então Vaka, enorme como uma montanha, assim quebrado (no joelho de Bhima), morreu proferindo gritos terríveis. Apavorados por aqueles sons, os parentes daquele Rakshasa saíram, ó rei, com seus servidores. Bhima, aquele principal dos matadores, vendo eles tão apavorados e privados de razão, os consolou e os fez prometerem (abandonar o canibalismo), dizendo, 'Não

voltem a matar seres humanos. Se vocês matarem homens vocês morrerão como Vaka.' Aqueles Rakshasas ao ouvirem estas palavras de Bhima, disseram, 'Assim seja' e deram, ó rei, a promessa desejada. Daquele dia em diante, ó Bharata, os Rakshasas (da região) foram vistos pelos habitantes daquela cidade como pacíficos em relação à humanidade. Então Bhima, arrastando o canibal sem vida, o colocou em um dos portões da cidade e foi embora sem ser observado. Os parentes de Vaka, vendo-o morto pelo poder de Bhima, ficaram assustados e fugiram em direções diferentes.

Enquanto isso Bhima, tendo matado o Rakshasa, voltou à residência do Brahmana e relatou para Yudhishtira tudo o que tinha acontecido, em detalhes. Na manhã seguinte os habitantes da cidade ao saírem viram o Rakshasa jazendo morto no chão, com o corpo coberto de sangue. Vendo aquele canibal terrível, enorme como um penhasco, mutilado daquela maneira e jazendo sobre o chão os espectadores ficaram de cabelos arrepiados. Voltando para Ekachakra, eles logo divulgaram a informação. Então, ó rei, os cidadãos aos milhares acompanhados por suas esposas, jovens e velhos, todos começaram a ir ao local para ver Vaka, e eles todos ficaram assombrados ao verem aquela façanha sobre-humana. Imediatamente, ó monarca, eles começaram a rezar para seus deuses. Então eles calcularam de quem era a vez no dia anterior de levar comida ao Rakshasa. E averiguando isto, eles todos foram até o Brahmana e o questionaram (para satisfazer sua curiosidade). Assim perguntado por eles repetidamente, aquele touro entre os Brahmanas, desejoso de esconder os Pandavas, disse a todos os cidadãos estas palavras, 'Certo Brahmana de grande alma, habilidoso com mantras, me viu chorando com meus parentes depois de eu ter sido ordenado a abastecer a comida do Rakshasa. Me perguntando a causa e descobrindo a situação da cidade, aquele principal dos Brahmanas me deu toda a confiança e com sorrisos disse, 'Eu levarei a comida para aquele Rakshasa perverso hoje. Não receies por mim.' Dizendo isto ele transportou a comida em direção à floresta de Vaka. Esta façanha, tão benéfica para todos nós, foi certamente feita por ele.'

Então aqueles Brahmanas e Kshatriyas (da cidade) ouvindo isso se maravilharam. E os Vaisyas e os Sudras também ficaram muito contentes, e eles todos instituíram um festival no qual o culto aos Brahmanas era a principal cerimônia (em recordação daquele Brahmana que os tinha livrado de seus temores de Vaka).

## 167

(Chaitraratha Parva)

Depois disto os cidadãos voltaram para suas respectivas casas e os Pandavas continuaram a morar em Ekachakra como antes.'

Janamejaya disse, 'Ó Brahmana, o que fizeram aqueles tigres entre homens, os Pandavas, depois de terem matado o Rakshasa Vaka?'

Vaisampayana disse, 'Os Pandavas, ó rei, depois de matarem o Rakshasa Vaka, continuaram a morar na residência daquele Brahmana, ocupados no estudo dos Vedas. Depois de poucos dias chegou um Brahmana de votos rígidos à residência de seu anfitrião, para se hospedar por lá. Seu anfitrião, aquele touro entre os Brahmanas, sempre hospitaleiro com todos os convidados, reverenciando o Brahmana recém chegado com as cerimônias devidas, deu a ele alojamento em sua própria residência. Então aqueles touros entre os homens, os Pandavas, com sua mãe Kunti, pediram para o novo inquilino narrar a eles suas interessantes experiências. O Brahmana falou a eles sobre vários países e santuários e rios (sagrados), sobre reis e muitas províncias e cidades maravilhosas. E depois que aquela narração havia acabado, aquele Brahmana, ó Janamejaya, também falou da extraordinária escolha-de-marido da filha de Yajnasena, dos príncipes de Panchala, e dos nascimentos de Dhrishtadyumna e Sikhandi, e do nascimento, sem a intervenção de uma mulher, de Krishna (Draupadi) no grande sacrifício de Drupada.

Então aqueles touros entre os homens, os Pandavas, ouvindo aqueles fatos extraordinários com respeito àquele monarca ilustre (Drupada), e desejando saber detalhes sobre ele, questionaram o Brahmana, depois que sua narração havia acabado, para satisfazer sua curiosidade. Os Pandavas disseram, 'Como, ó Brahmana, ocorreu o nascimento de Dhrishtadyumna, o filho de Drupada, do fogo (sacrificial)? Como também foi o nascimento extraordinário de Krishna, do centro da plataforma sacrificial? Como também o filho de Drupada aprendeu o uso de todas as armas do grande arqueiro Drona? E, ó Brahmana, como e por quem e por que razão a amizade entre Drona e Drupada cessou?'

Vaisampayana continuou, 'Assim questionado, ó monarca, por aqueles touros entre os homens, o Brahmana narrou todos os detalhes acerca do nascimento de Draupadi.'

## 168

(Continuação do Chaitraratha Parva)

O Brahmana disse, 'Naquela região onde o Ganga entra nas planícies vivia um grande Rishi, dedicado às mais austeras penitências. De votos rígidos e grande sabedoria, ele levava o nome Bharadwaja. Um dia, ao ir ao Ganga realizar suas abluções, o Rishi viu a Apsara Ghritachi, que havia chegado antes, parada na margem depois que suas abluções haviam acabado. E ocorreu de um vento se erguer e despir a Apsara que lá estava. E o Rishi vendo ela assim despida sentiu a influência do desejo. Embora praticando o voto de abstinência desde muito jovem, tão logo ele sentiu a influência do desejo o fluido vital do Rishi saiu. E quando isto ocorreu, ele o segurou em um pote (drona), e daquele fluido assim preservado em um pote nasceu um filho que veio a ser chamado Drona (o nascido

no pote). E Drona estudou todos os Vedas e seus vários ramos. E Bharadwaja tinha um amigo chamado Prishata que era o rei dos Panchalas. E no tempo em que Drona nasceu Prishata também obteve um filho chamado Drupada. E aquele touro entre os Kshatriyas, o filho de Prishata, indo todo dia àquele retiro de Bharadwaja, brincava e estudava com Drona. E depois da morte de Prishata Drupada o sucedeu no trono. Naquela época Drona soube que (o grande herói Brahmana) Rama (na véspera de se retirar para as florestas) tinha decidido distribuir toda a sua riqueza. Sabendo disto o filho de Bharadwaja foi até Rama que estava para se retirar às florestas e se dirigindo a ele, dizendo, 'Ó melhor dos Brahmanas, eu sou Drona que vim a ti para obter tua riqueza.' Rama respondeu, dizendo, 'Eu já dei tudo. Tudo o que eu agora tenho é este meu corpo e minhas armas. Ó Brahmana, tu podes me pedir um destes dois, ou meu corpo ou minhas armas.' Então Drona disse, 'Cabe a ti, senhor, me dar todas as tuas armas junto com (os mistérios de) seu uso e retirada.'

O Brahmana continuou, 'Então Rama da linhagem Bhrigu, dizendo, 'Assim seja' deu todas as suas armas para Drona, que ao obtê-las se considerou coroado com sucesso. Drona obtendo de Rama a mais exaltada de todas as armas, chamada de arma Brahma, ficou muito contente e obteve uma evidente superioridade sobre todos os homens. Então o filho de Bharadwaja, dotado de grande coragem, foi ao rei Drupada, e se aproximando daquele monarca, aquele tigre entre os homens disse, 'Reconheça-me como teu amigo.' Ouvindo isto Drupada disse, 'Alguém de nascimento inferior nunca pode ser amigo de alguém cuja linhagem é pura, nem pode alguém que não é um guerreiro em carro ter um guerreiro em carro como seu amigo. Assim também alguém que não é rei não pode ter um rei como seu amigo. Por que tu, portanto, desejas (reviver nossa) antiga amizade?'

O Brahmana continuou, 'Drona, dotado de grande inteligência, ficou extremamente humilhado por isto, e planejando em sua mente alguns meios de humilhar o rei de Panchala ele foi à capital dos Kurus, que recebeu o nome de elefante. Então Bhishma, levando consigo seus netos, os apresentou ao sábio filho de Bharadwaja como seus pupilos para instrução, junto com várias espécies de riqueza. Então Drona, desejoso de humilhar o rei Drupada, reuniu seus discípulos e disse a eles, 'Ó impecáveis, cabe a vocês, depois que estiverem aperfeiçoados no manejo de armas, me darem como taxa preceptorial alguma coisa que eu possa desejar no meu coração.' Então Arjuna e outros disseram ao seu preceptor, 'Assim seja.' Depois de algum tempo quando os Pandavas se tornaram hábeis com armas e tinham adquirido pontaria certa, exigindo deles a taxa, ele outra vez lhes disse estas palavras, 'Drupada, o filho de Prishata, é o rei de Chhatravati. Tirem dele seu reino, e o dêem a mim.' Então os Pandavas, derrotando Drupada em batalha e prendendo-o junto com seus ministros, o ofereceram a Drona, que vendo o monarca derrotado, disse, 'Ó rei, eu outra vez solicito tua amizade; e porque ninguém que não seja um rei merece ser amigo de um rei, portanto, ó Yajnasena, eu resolvi dividir teu reino entre nós. Enquanto tu serás o rei do país ao sul de Bhagirathi (Ganga), eu regerei o país ao norte.'

O Brahmana continuou, 'O rei dos Panchalas, assim endereçado pelo sábio filho de Bharadwaja, disse àquele melhor dos Brahmanas e principal de todas as

peessoas conhecedoras de armas, estas palavras, 'Ó filho de Bharadwaja de grande alma, abençoado sejas, que seja assim, que haja amizade eterna entre nós como tu desejas!' Assim endereçando-se um ao outro e estabelecendo um compromisso permanente entre si, Drona e o rei de Panchala, ambos destruidores de inimigos, voltaram aos lugares de onde vieram. Mas a lembrança daquela humilhação não deixou a mente do rei em nenhum momento. Com tristeza no fundo de seu coração, o rei começou a definhar.'

## 169

(Continuação do Chaitraratha Parva)

O Brahmana continuou, 'O rei Drupada (depois disto), profundamente aflito, vagou por muitos retiros de Brahmanas à procura de Brahmanas superiores habilidosos em ritos sacrificais. Dominado pela mágoa e ansiando avidamente por filhos, o rei sempre dizia, 'Oh, eu não tenho nenhum filho que supere a todos em talentos.' E o monarca, em grande desalento, também dizia 'Oh, que vergonha para aqueles filhos que terei e para meus parentes!' E sempre pensando em se vingar de Drona, o monarca suspirava constantemente. E aquele melhor dos reis, ó Bharata, mesmo depois de muita deliberação, não viu um meio de vencer, por meio de seu poder Kshatriya, a destreza e disciplina e treinamento e realizações de Drona. Vagando pelas margens do Yamuna e do Ganga, o monarca uma vez chegou a um retiro sagrado de Brahmanas. Não havia naquele retiro um Brahmana que não fosse um Snataka, que não fosse de votos rígidos, e que não fosse virtuoso em alto grau. E o rei lá viu dois Brahmanas sábios chamados Yaja e Upayaja, ambos de votos rígidos e almas sob completo controle e pertencentes à classe mais superior. Eles eram ambos dedicados ao estudo dos institutos antigos e nasceram da linhagem de Kasyapa. E aqueles melhores dentre os Brahmanas eram bem capacitados para ajudar o rei a alcançar seu objetivo. O rei então, com grande assiduidade e na busca de um só objetivo começou a agradar aquele par de Brahmanas excelentes. Averiguando os talentos superiores do mais jovem dos dois o rei cortejou em particular Upayaja de votos rígidos, pela oferta de toda aquisição desejável. Empenhado em prestar homenagem aos pés de Upayaja, sempre se endereçando a ele com palavras gentis e lhe oferecendo todo objeto de desejo humano, Drupada, depois de reverenciar o Brahmana, endereçou-se a ele (um dia), dizendo, 'Ó Upayaja, ó Brahmana, se tu realizares os ritos sacrificais pelos quais eu possa obter um filho que possa matar Drona, eu te prometo dez mil vacas, ou qualquer outra coisa que possa te agradar. Ó principal dos Brahmanas, realmente eu estou disposto a dar estes presentes para ti.' Assim endereçado pelo rei, o Rishi respondeu, dizendo, 'Eu não posso (realizar tais ritos)'. Mas Drupada sem aceitar esta resposta como definitiva mais uma vez começou a servir e prestar homenagem àquele Brahmana. Então, depois de um ano, Upayaja, aquele principal dos Brahmanas, ó monarca, endereçando-se a Drupada em tom gentil, disse, 'Meu irmão mais velho (Yaja), um dia, enquanto vagava através das

florestas profundas, pegou uma fruta que tinha caído sobre um local cuja pureza ele não se importou de verificar. Eu o estava seguindo (aquela vez) e observei aquela ação indigna dele. De fato, ele não tem escrúpulos em aceitar coisas impuras. Ao aceitar aquela fruta (específica) ele não viu nenhum ato impróprio ou de natureza pecaminosa. De fato, aquele que não observa a pureza (em uma ocasião) muito provavelmente não a observará em outras ocasiões. Quando ele vivia na casa de seu preceptor, empenhado em estudar os institutos, ele sempre costumava comer restos (impuros) dos banquetes de outras pessoas. Ele sempre fala com aprovação sobre comida e não antipatiza com qualquer coisa. Raciocinando a respeito disto eu creio que meu irmão cobiça aquisições mundanas. Portanto, ó rei, vá até ele e ele realizará trabalhos espirituais para ti.' Ouvindo estas palavras de Upayaja, o rei Drupada, embora tendo uma opinião baixa sobre Yaja, todavia foi para sua residência. Reverenciando Yaja que era (ainda) digno de homenagem, Drupada disse a ele, 'Ó mestre, realize trabalhos espirituais para mim e eu te darei oitenta mil vacas! A inimizade por Drona queima meu coração; e cabe a ti portanto refrigerar este meu coração. O principal dentre os conhecedores dos Vedas, Drona é também hábil na arma Brahma e por isto, Drona me venceu em uma disputa resultante da nossa (enfraquecida) amizade. Dotado de grande inteligência, o filho de Bharadwaja é (agora) o principal preceptor dos Kurus. Não há Kshatriya neste mundo que seja superior a ele. Seu arco tem o comprimento de seis cúbitos e parece formidável, e suas flechas são capazes de matar todos os seres vivos. Aquele grande arqueiro, o filho de Bharadwaja, vestido como um Brahmana, está destruindo o poder Kshatriya por toda a terra. De fato, ele é como um segundo Jamadagnya buscando o extermínio da linhagem Kshatriya. Não há homem sobre a terra que possa vencer a força terrível de suas armas. Como um fogo ardente alimentado com manteiga clarificada, Drona, possuidor do poder Brahma e unindo-o com o poder Kshatriya, destrói todo adversário em batalha. Mas (tua) força Brahma é maior em si mesma do que a própria força Brahma (de Drona) unida com o poder Kshatriya. Portanto, como eu sou inferior (a Drona) por possuir somente o poder Kshatriya, eu solicito a ajuda da tua força Brahma, tendo alcançado a ti que é tão superior a Drona em conhecimento de Brahma. Ó Yaja, realize aquele sacrifício por meio do qual eu possa obter um filho invencível em batalha e capaz de matar Drona. Eu estou disposto a te dar dez mil vacas.' Ouvindo essas palavras de Drupada, Yaja disse, 'Assim seja.' Yaja então começou a lembrar das várias cerimônias concernentes ao sacrifício específico. E sabendo que o caso era muito sério, ele pediu a ajuda de Upayaja que nada cobiçava. Então Yaja prometeu realizar o sacrifício para a destruição de Drona. Então o grande asceta Upayaja falou ao rei Drupada tudo o que era requerido para grande sacrifício do qual o rei obteria prole (pela ajuda do fogo). E ele disse, 'Ó rei, um filho nascerá para ti, dotado, como tu desejas, com grande coragem, grande energia, e grande força.'

O Brahmana continuou, 'Então o rei Drupada, impelido pelo desejo de obter um filho que pudesse matar Drona, começou, buscando realizar seu desejo, a fazer os preparativos necessários. (E quando tudo estava completado) Yaja, depois de ter despejado libações de manteiga clarificada no fogo sacrificial, ordenou a rainha Drupada, dizendo, 'Venha para cá, ó rainha, ó nora de Prishata! Um filho e uma

filha chegaram para ti!' Ouvindo isso, a rainha disse, 'Ó Brahmana, minha boca ainda está cheia com açafraão e outras coisas perfumadas. Meu corpo também porta muitos perfumes doces; eu mal estou preparada para aceitar (a manteiga santificada que me dará prole). Espere um pouco por mim, ó Yaja! Espere por aquela feliz consumação.' Yaja, no entanto, respondeu, 'Ó senhora, tu venhas ou demores, por que o objetivo deste sacrifício não seria realizado quando a oblação já foi preparada por mim e santificada pelas invocações de Upayaja?'

O Brahmana continuou, 'Tendo dito isso Yaja despejou a libação santificada no fogo, depois do que ergueu-se daquelas chamas uma criança parecida com um celestial, que possuía a refulgência do fogo, e era terrível de se contemplar. Com uma coroa sobre sua cabeça e seu corpo envolvido em armadura excelente, espada na mão, e portando um arco e flechas, ele frequentemente proferia rugidos altos. E imediatamente depois de seu nascimento, ele subiu em uma carruagem excelente e circulou por lá por algum tempo. Então os Panchalas em grande alegria gritaram, 'Excelente, Excelente!' A própria terra pareceu naquele momento incapaz de suportar o peso dos Panchalas loucos de alegria. Então, maravilhoso dizer, a voz de algum espírito invisível nos céus disse, 'Este príncipe nasceu para a destruição de Drona. Ele dissipará todos os medos dos Panchalas e espalhará sua fama. Ele também removerá a tristeza do rei.' E lá ergueu-se, depois disto, do centro da plataforma sacrificial, uma filha também, chamada Panchali, que, afortunada, era extremamente bela. Seus olhos eram negros e grandes como pétalas de lótus, sua cor era escura, e seus cabelos eram azuis e encaracolados. Suas unhas eram belamente convexas e brilhantes como cobre polido; suas sobrancelhas eram formosas, e seu busto era profundo. De fato, ela parecia com a verdadeira filha de um celestial nascida entre os homens. Seu corpo emanava fragrância como a do lótus azul, perceptível de uma distância de duas milhas completas. Sua beleza era tal que ela não tinha igual sobre a terra. Como uma própria celestial, ela poderia ser desejada (em casamento) por um celestial, um Danava, ou um Yaksha. Quando aquela moça de quadris formosos nasceu uma voz incorpórea disse, 'Esta moça de cor escura será a principal de todas as mulheres, e ela será a causa da destruição de muitos Kshatriyas. Esta de cintura esbelta, com o tempo, realizará o propósito dos deuses, e junto com ela muitos perigos surpreenderão os Kauravas.' Ao ouvir estas palavras, os Panchalas proferiram um rugido alto e leonino, e a terra não pôde suportar o peso daquela multidão alegre. Então vendo o menino e a menina, a nora de Prishata, desejando tê-los, se aproximou de Yaja e disse, 'Que eles não conheçam ninguém mais exceto eu mesma como sua mãe.' Yaja, desejando fazer o bem para o rei disse, 'Assim seja.' Então os Brahmanas (lá presentes), com suas expectativas plenamente satisfeitas, deram nomes para o par recém nascido, 'Que este filho do rei Drupada', eles disseram, 'se chame Dhrishtadyumna por sua grande audácia e porque ele nasceu como Dyumna com uma armadura natural e arma.' E eles também disseram, 'Porque esta filha é de cor tão escura ela deve ser chamada de Krishna (a escura)'.

O Brahmana continuou, 'Assim nasceram aqueles gêmeos do grande sacrifício de Drupada. E o grande Drona, levando o príncipe Panchala para sua própria

residência, ensinou a ele sobre todas as armas em retribuição pela metade do reino que ele antigamente tinha tomado de Drupada. O filho de grande alma de Bharadwaja, considerando o destino inevitável, fez o que perpetuaria seus próprios grandes feitos.'

## 170

(Continuação do Chaitraratha Parva)

Vaisampayana disse, 'Ouvindo essas palavras do Brahmana, os filhos de Kunti pareciam estar, por assim dizer, perfurados por dardos. De fato, todos aqueles heróis poderosos perderam sua paz de mente. Então a sincera Kunti, vendo todos os seus filhos apáticos e desatentos, endereçou-se a Yudhishtira e disse, 'Nós agora vivemos muitas noites na residência deste Brahmana. Nós passamos nosso tempo agradavelmente nesta cidade, vivendo de esmolas obtidas de muitas pessoas honestas e ilustres. Ó opressor de inimigos, como nós agora vimos muitas e muitas vezes todas as florestas e bosques agradáveis que existem nesta parte do país, vê-los outras vezes não nos dará mais qualquer prazer. Ó descendente heróico da linhagem Kuru, esmolas também não são agora obtíveis aqui tão facilmente como antes. Se tu desejares seria bom para nós agora irmos para Panchala; nós não vimos aquele país, e ele será, sem dúvida, ó herói, encantador para nós. Ó destruidor de inimigos, foi ouvido por nós que esmolas são obtíveis no país de Panchala, e Yajnasena, o rei de lá, é devotado aos Brahmanas. Eu tenho a opinião de que não é bom viver muito tempo em um lugar. Portanto, ó filho, se tu quiseres, seria bom nós irmos até lá.'

Ouvindo estas palavras Yudhishtira disse, 'É nosso dever obedecer a tua ordem, que, além disso, deve ser para nosso bem, eu, no entanto, não sei se meus irmãos mais novos desejarão ir.'

## 171

(Continuação do Chaitraratha Parva)

Vaisampayana continuou, 'Então Kunti falou para Bhimasena e Arjuna e aos gêmeos a respeito da viagem para Panchala. Eles todos disseram, 'Assim seja.' Então, ó rei, Kunti com seus filhos saudou o Brahmana (em cuja casa eles tinham morado) e saiu da cidade encantadora do ilustre Drupada.'

Vaisampayana disse, 'Enquanto os Pandavas ilustres estavam vivendo disfarçados na residência do Brahmana, Vyasa, o filho de Satyavati, uma vez foi lá para vê-los. Os destruidores de inimigos, vendo-o, se levantaram e se adiantaram para recebê-lo. Saudando-o reverentemente e adorando-o também os Pandavas ficaram em silêncio com as mãos unidas. Assim adorado por eles o sábio ficou

satisfeito. Ele lhes pediu para sentarem, e alegremente endereçou-se a eles dizendo, 'Ó matadores de inimigos, vocês estão vivendo no caminho da virtude e segundo as escrituras? Fazem culto aos Brahmanas? Vocês, eu espero, não relutam em prestar homenagem àqueles que merecem vossa homenagem?' O Rishi ilustre, depois disto, falou muitas palavras de significado virtuoso, e depois de discursar sobre muitos tópicos de grande interesse ele disse, 'Um Rishi ilustre, vivendo em certo eremitério, teve uma filha de cintura fina, lábios formosos, e belas sobrancelhas, e possuidora de todos os atributos. Como uma consequência das suas próprias ações (em uma vida passada) a bela donzela tornou-se muito infeliz. Embora casta e bela, a donzela não obtinha um marido. Com o coração triste ela então começou a praticar penitências ascéticas com o objetivo de obter um marido. Ela logo satisfez por seu ascetismo severo o deus Sankara (Mahadeva), que tornou-se auspicioso para ela e disse àquela donzela ilustre, 'Peça a bênção que desejares! Abençoada sejas! Eu sou Sankara e estou disposto a dar-te o que possas pedir.' Desejosa de se beneficiar, a donzela repetidamente disse ao senhor supremo, 'Ó, dê-me um marido dotado de todos os talentos.' Então Isana (Mahadeva), o principal de todos os oradores, respondeu a ela, dizendo, 'Ó abençoada, tu terás cinco maridos dentre os príncipes Bharata.' Então a moça disse ao deus que tinha lhe dado aquele benefício, 'Ó senhor, eu desejo ter um único marido por tua graça.' O deus então endereçou-se a ela outra vez e disse estas palavras excelentes, 'Tu, ó menina, disseste cinco vezes: 'Me dê (um) marido.' Tu, portanto, em outra vida terás cinco maridos!' Ó príncipes da linha Bharata, aquela donzela de beleza celeste nasceu na linha de Drupada. A impecável Krishna da linhagem Prishata está destinada a ser esposa de vocês todos. Ó poderosos, vão portanto, à capital dos Panchalas e morem lá. Não há dúvida de que tendo obtido ela como sua esposa vocês serão muito felizes.'

Vaisampayana continuou, 'Tendo falado dessa forma aos Pandavas, o ilustre e abençoado avô então se despediu deles. O grande asceta então os deixou e voltou ao lugar de onde tinha vindo.'

## 172

(Continuação do Chaitraratha Parva)

Vaisampayana disse, 'Depois que Vyasa tinha ido embora, aqueles touros entre os homens, os Pandavas, saudaram o Brahmana e se despediram, e procederam (em direção a Panchala) com corações alegres e com sua mãe caminhando diante deles. Aqueles matadores de todos os inimigos, para alcançar seu destino, procederam em uma exata direção norte, andando dia e noite até que alcançaram um santuário sagrado de Siva com a marca da meia-lua em sua fronte. Então aqueles tigres entre os homens, os filhos de Pandu, chegaram às margens do Ganga. Dhananjaya, aquele poderoso guerreiro em carro, andava na frente deles, tocha na mão, para mostrar o caminho e protegê-los (contra animais selvagens). E aconteceu que naquela hora o orgulhoso rei dos Gandharvas, com suas esposas,

estava se divertindo naquela região solitária nas águas encantadoras do Ganga. O rei dos Gandharvas ouviu os passos dos Pandavas quando eles se aproximaram do rio. Ao ouvir os sons de seus passos, o poderoso Gandharva ficou enraivecido, e vendo aqueles destruidores de inimigos, os Pandavas, se aproximando com sua mãe, ele puxou seu terrível arco a um círculo e disse, 'É sabido que exceto os primeiros quarenta segundos, o crepúsculo cinzento que precede o anoitecer foi designado para os passeios dos Yakshas, Gandharvas e Rakshasas, todos os quais são capazes de ir a qualquer lugar à vontade. O resto do tempo foi designado para o homem fazer seu trabalho. Se portanto, homens, vagando durante aqueles momentos por cobiça de lucro, se aproximam de nós, nós e os Rakshasas matamos aqueles tolos. Portanto, pessoas conhecedoras dos Vedas nunca elogiam os homens, nem mesmo reis na liderança de suas tropas, que se aproximam de qualquer reservatório de água em tal hora. Fiquem a uma distância, e não se aproximem de mim. Vocês não sabem que eu estou me banhando nas águas do Bhagirathi? Saibam que eu sou Angaraparna, o Gandharva, e sempre confio na minha própria força! Eu sou orgulhoso e soberbo e sou amigo de Kuvera. Esta minha floresta nas margens do Ganga, onde eu me divirto para satisfazer todos os meus sentidos se chama Angaraparna, meu próprio nome. Aqui nem deuses, nem Kapalikas, nem Gandharvas nem Yakshas podem vir. Como vocês ousam se aproximar de mim que sou a jóia mais brilhante sobre o diadema de Kuvera?'

Ouvindo estas palavras do Gandharva, Arjuna disse, 'Imbecil, seja dia, noite, ou crepúsculo, quem pode barrar outros para fora do oceano, dos lados dos Himalaias, e deste rio? Ó percorredor dos céus, se o estômago está cheio ou vazio, se é noite ou dia, não há hora especial para alguém ir ao Ganga, este principal de todos os rios. Como nos consideramos dotados com poder, nós não nos importamos em te perturbar. Ser perverso, aqueles que são fracos em luta te cultuam. Este Ganga, que fluindo pelos cumes dourados do Himavat cai nas águas do oceano, é dividido em sete correntes. Aqueles que bebem as águas daquelas sete correntes, ou seja, Ganga, Yamuna, Saraswati, Vitashta, Sarayu, Gomati, e Gandaki, é limpo de todos os seus pecados. Ó Gandharva, este Ganga sagrado, fluindo pela região celeste é chamado lá de Alakananda, e na região dos Pitris se torna o Vaitarani, difícil de ser cruzado por pecadores, o próprio Krishna-Dwaipayana disse isto. O rio auspicioso e celeste, capaz de levar para o céu (os que tocam suas águas), está livre de todos os perigos. Por que tu então desejas obstruir nossa passagem até ele? Teu ato não está em conformidade com a virtude eterna. Desconsiderando as tuas palavras, por que nós não tocaríamos as águas sagradas do Bhagirathi livre de todos perigos e do qual ninguém pode nos barrar?'

Vaisampayana continuou, 'Ouvindo estas palavras de Arjuna, Angaraparna ficou furioso e curvando seu arco a um círculo começou a atirar suas flechas como cobras venenosas nos Pandavas. Então Dhananjaya, o filho de Pandu, brandindo um bom escudo e a tocha que segurava em sua mão, desviou todas aquelas flechas e se dirigindo ao Gandharva outra vez disse, 'Ó Gandharva, não procure assustar aqueles que são hábeis com armas, pois armas arremessadas neles

somem como espuma. Eu penso, ó Gandharva, que és superior (em destreza) aos homens; portanto eu lutarei contigo usando armas celestes e sem nenhum ato desonesto. Esta arma ígnea (que eu lançarei em ti), Vrihaspati, o venerável preceptor de Indra, deu para Bharadwaja, de quem foi obtida por Agnivesya, e de Agnivesya por meu preceptor, aquele principal dos Brahmanas, Drona, que a deu para mim.'

Vaisampayana continuou, 'Dizendo estas palavras o Pandava colericamente arremessou no Gandharva aquela arma ardente feita de fogo que queimou a carruagem do Gandharva em um instante. Privado de consciência pela força daquela arma, o poderoso Gandharva estava caindo, de cabeça para baixo, de sua carruagem. Dhananjaya o agarrou pelos cabelos enfeitados com guirlandas de flores e assim arrastou o inconsciente Gandharva em direção a seus irmãos. Vendo isso a esposa daquele Gandharva, Kumbhinasi, desejosa de salvar seu marido, correu em direção a Yudhishtira e procurou sua proteção. A Gandharvi disse, 'Ó exaltado, estenda a mim tua proteção! Ó, liberte meu marido! Ó senhor, eu sou Kumbhinasi por nome, a mulher deste Gandharva, que procuro a tua proteção!' Vendo ela (assim aflita), o poderoso Yudhishtira endereçou-se a Arjuna e disse, 'Ó matador de inimigos, ó filho, quem mataria um inimigo que foi vencido em luta, que foi privado da fama, que é protegido por uma mulher, e que não possui destreza?' Arjuna respondeu, dizendo, 'Fique com tua vida, ó Gandharva! Saia daqui, e não ofenda Yudhishtira, o rei dos Kurus, que me ordenou mostrar piedade para contigo.'

O Gandharva respondeu, 'Eu fui vencido por ti, portanto, eu abandonarei meu antigo nome Angaraparna (o veículo resplandecente). Só no nome, ó amigo, eu não devo ser vaidoso quando meu orgulho em minha força foi superado. Eu tenho sorte por ter te conhecido; ó Arjuna, manejador de armas celestes! Eu gostaria de te dar o poder de (produzir) ilusões que só os Gandharvas têm. Minha excelente carruagem multicolor foi queimada por meio da tua arma ardente. Eu que antigamente era chamado pelo nome da minha carruagem excelente devo agora ser chamado pelo nome da minha carruagem queimada. A ciência de produzir ilusões de que eu falei foi antigamente obtida por mim por meio de penitências ascéticas. Aquela ciência eu hoje darei ao doador da minha vida, tua pessoa ilustre! Que fortuna não merece aquele que, depois de vencer um inimigo por seu poder, lhe dá a vida quando aquele inimigo pede por ela? Esta ciência se chama Chakshushi. Ela foi comunicada por Manu a Soma e por Soma a Viswavasú, e por fim por Viswavasú a mim. Comunicada por meu preceptor, esta ciência, tendo vindo a mim que sou sem energia, está gradualmente se tornando inútil. Eu te falei sobre sua origem e transmissão. Escute agora ao seu poder! Alguém pode ver (por sua ajuda) o que quer que ele deseje ver, e de qualquer modo que queira (de modo geral ou em detalhes). Pode-se adquirir esta ciência somente depois de manter-se sobre uma perna por seis meses. Eu, no entanto, te comunicarei esta ciência sem seres obrigado a observar qualquer voto rígido. Ó rei, é por este conhecimento que nós somos superiores aos homens. E como nós somos capazes de ver tudo por meio de visão espiritual, nós somos iguais aos deuses. Ó melhor dos homens, eu pretendo dar a ti e a cada um dos teus irmãos cem corcéis

nascidos no país dos Gandharvas. De cor celeste e dotados da velocidade da mente, aqueles cavalos são empregados em carregar os celestiais e os Gandharvas. Eles podem ser magros mas eles não se cansam, nem sua velocidade sofre por causa disto. Antigamente o raio foi criado para o chefe dos celestiais para que ele pudesse matar (o Asura) Vritra com ele. Mas lançado na cabeça de Vritra ele se partiu em mil pedaços. Os celestiais cultuam com reverência aqueles fragmentos do raio. Aquilo que é conhecido nos três mundos como glória é apenas uma porção do raio. A mão do Brahmana com a qual ele despeja libações no fogo sacrificial, a carruagem sobre qual o Kshatriya luta, a caridade do Vaisya, e o serviço que o Sudra presta às outras três classes são todos fragmentos do raio. É dito que cavalos, formando como eles formam uma parte da carruagem Kshatriya, não são, por causa disto, assassináveis. Novamente é dito que cavalos que formam uma parte da carruagem Kshatriya são a prole de Vadava. Aqueles entre eles que nascem na região dos Gandharvas podem ir a todos os lugares e assumir qualquer cor e velocidade à vontade de seus donos. Estes meus cavalos que eu te dou sempre satisfarão os teus desejos.'

Ao ouvir estas palavras do Gandharva, Arjuna disse, 'Ó Gandharva, se pela satisfação de ter obtido tua vida por minhas mãos em uma situação de perigo tu me deste tua ciência, e estes cavalos, eu não aceito teu presente.' O Gandharva respondeu, dizendo, 'Um encontro com uma pessoa ilustre é sempre uma fonte de satisfação; além disso tu me deste minha vida. Gratificado contigo, eu te darei minha ciência. Que a obrigação, no entanto, não seja toda de um só lado, eu aceitarei de ti, ó Vibhatsu, ó touro da raça Bharata, tua excelente e eterna arma de fogo!'

Arjuna disse, 'Eu aceito teus cavalos em troca da minha arma. Que nossa amizade dure para sempre. Ó amigo, nos diga por que nós seres humanos temos que ter medo dos Gandharvas. Castigadores de inimigos que nós somos e virtuosos e conhecedores dos Vedas, nos diga, ó Gandharva, por que viajando à noite nós fomos censurados por ti.'

O Gandharva disse, 'Vocês não tem esposas (embora tendo completado o período de estudo). Vocês não tem um Asrama específico (modo de vida). Por fim, vocês estão fora sem um Brahmana caminhando à sua frente, portanto, ó filhos de Pandu, vocês foram criticados por mim. Os Yakshas, Rakshasas, Gandharvas, Pisachas, Uragas e Danavas, são possuidores de sabedoria e inteligência, e conhecem a história da linhagem Kuru. Ó herói, eu soube também por Narada e outros Rishis celestes acerca dos bons feitos dos teus antepassados sábios. Eu mesmo, também, enquanto vagando sobre toda a terra limitada por seu cinto de mares, tenho testemunhado o valor da tua linhagem grandiosa. Ó Arjuna, eu tenho conhecimento pessoal do teu preceptor, o filho ilustre de Bharadwaja, célebre pelos três mundos por seu conhecimento dos Vedas e da ciência de armas. Ó tigre da raça Kuru, ó filho de Pritha, eu também conheço Dharma, Vayu, Sakra, os gêmeos Aswins, e Pandu, aqueles seis perpetuadores da família Kuru, aqueles excelentes celestiais e humanos progenitores de vocês todos. Eu também sei que vocês cinco irmãos são instruídos e de grande alma, que são os principais de

todos os manejadores de armas, corajosos e virtuosos e cumpridores de votos. Sabendo que sua compreensão e corações são excelentes e seu comportamento impecável, eu ainda censurei vocês. Porque, ó tu da linhagem Kuru, não cabe a um homem dotado de poder de armas tolerar com paciência qualquer mau costume à vista de sua mulher. Especialmente porque, ó filho de Kunti, nosso poder aumenta durante as horas de escuridão, e acompanhado por minha mulher eu estava cheio de fúria. Ó melhor dos homens cumpridores de votos, eu, no entanto, fui vencido por ti em batalha. Escute-me enquanto eu te digo as razões que levaram à minha derrota. O Brahmacharya é um modo de vida muito superior, e como tu estás neste modo agora, é por isto, ó Partha, que eu fui derrotado por ti em batalha. Ó destruidor de inimigos, se qualquer Kshatriya casado luta conosco à noite ele nunca pode escapar com vida. Mas, ó Partha, um Kshatriya casado, que é santificado com Brahma, e que atribuiu os cuidados de seu Estado a um sacerdote, pode derrotar todos os que vagueiam durante a noite. Ó filho de Tapati, os homens devem portanto, sempre empregar sacerdotes eruditos possuidores de autocontrole para a aquisição de toda a boa sorte que desejam. O Brahmana que é digno de ser o sacerdote do rei é aquele que

é erudito nos Vedas e em seus seis ramos, que é

puro e sincero, que tem alma virtuosa e possui autocontrole. O monarca que sempre se torna vitorioso e finalmente ganha o céu é aquele que tem como seu sacerdote um Brahmana conhecedor das regras de moralidade, que é um mestre das palavras, e é puro e de bom comportamento. O rei deve sempre escolher um sacerdote talentoso para adquirir o que ele não tem e proteger o que ele tem. Aquele que deseja possuir prosperidade deve sempre ser guiado por seu sacerdote, então ele pode obter até a terra inteira circundada por seu cinto de mares. Ó filho de Tapati, um rei que não tem um Brahmana nunca pode adquirir qualquer terra somente por sua coragem ou glória de nascimento. Saiba, portanto, ó perpetuador da família Kuru, que o reino no qual Brahmanas têm poder dura para sempre.'

## 173

(Continuação do Chaitraratha Parva)

Arjuna disse, 'Tu te dirigiste a mim (mais de uma vez) como Tapatya. Eu portanto desejo saber qual é o significado exato desta palavra, ó Gandharva virtuoso, sendo filhos de Kunti, nós somos, de fato, Kaunteyas. Mas quem é Tapati e porque nós devemos ser chamados de Tapatyas?'

Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado, o Gandharva relatou para Dhananjaya, o filho de Kunti, a (seguinte) história bem conhecida nos três mundos.

O Gandharva disse, 'Ó filho de Pritha, ó principal de todos os homens inteligentes, eu devidamente narrarei para vocês integralmente esta narrativa

encantadora. Ó, escute com atenção ao que eu digo em explicação do por que eu me dirigi a ti como Tapatya. Aquele no céu que permeia por sua luz todo o firmamento teve uma filha chamada Tapati igual a ele mesmo. Tapati, a filha do deus Vivaswat, era a irmã mais nova de Savitri, e ela era famosa em todos os três mundos e dedicada a penitências ascéticas. Não havia nenhuma mulher entre os celestiais, os Asuras, os Yakshas, os Rakshasas, as Apsaras, e os Gandharvas, que fosse igual a ela em beleza. De feições perfeitas, simétricas e impecáveis, de olhos grandes e negros, e em trajes belos, a moça era casta e de conduta perfeita. E, ó Bharata, vendo-a, Savitri (o sol) pensou que não havia ninguém nos três mundos que, por sua beleza, talentos, comportamento, e erudição, merecesse ser seu marido. Vendo ela alcançar a idade da puberdade e, portanto, digna de ser entregue a um marido, seu pai não encontrou paz na mente, sempre pensando no homem que ele devia escolher. Naquela época, ó filho de Kunti, o filho de Riksha, aquele touro entre os Kurus, o rei poderoso Samvarana, estava devidamente adorando Surya com oferendas de Arghya e guirlandas de flores e perfumes, e com votos e jejuns e penitências ascéticas de várias espécies. De fato, Samvarana estava adorando Surya constantemente em toda sua glória, com dedicação e humildade e piedade. E vendo Samvarana conhecedor de todas as regras de virtude e inigualável sobre a terra em beleza, Surya o considerou como o marido perfeito para sua filha, Tapati. E, ó tu da linhagem Kuru, Vivaswat então resolveu entregar sua filha àquele melhor dos reis, Samvarana, o descendente de uma linhagem de fama mundial. Como o próprio Surya nos céus preenche o firmamento com seu esplendor, assim o rei Samvarana na terra enchia toda a região com o esplendor das suas boas realizações. E todos os homens, ó Partha, exceto Brahmanas, veneravam Samvarana. Abençoado com boa sorte, o rei Samvarana superava Soma em confortar os corações de amigos e Surya em chauscar os corações de inimigos. E, ó Kaurava, o próprio Tapan (Surya) estava resolvido a dar sua filha Tapati ao rei Samvarana, que era possuidor de tais virtudes e talentos.

Uma vez, ó Partha, o rei Samvarana, dotado de beleza e bravura imensurável, partiu em uma expedição de caça nos campos no leito da montanha. Enquanto vagava em busca de veados, o excelente corcel que o rei montava, vencido, ó Partha, pela fome, sede e fadiga, morreu nas montanhas. Abandonando o corcel, o rei, ó Arjuna, começou a vagar sobre a montanha a pé, e enquanto vagava o monarca viu uma moça de olhos grandes e beleza sem igual. Aquele destruidor de hostes hostis, aquele tigre entre reis, ele mesmo sem uma companheira, vendo lá aquela moça sem um companheiro, ficou imóvel fitando-a fixamente. Por sua beleza, o monarca por um momento acreditou que ela fosse a própria (deusa) Sri. Em seguida ele a considerou a encarnação dos raios emanados de Surya. Em esplendor de seu corpo ela parecia uma chama de fogo, embora em bondade e amabilidade ela parecesse um raio imaculado da lua. De pé sobre o leito da montanha, a moça de olhos negros parecia uma brilhante estátua de ouro. A própria montanha com seus arbustos e plantas, por causa da beleza e traje daquela donzela, parecia ter sido convertida em ouro. A visão daquela moça inspirou o monarca com um desprezo por todas as mulheres que ele tinha visto antes. Por contemplá-la, o rei considerou sua visão como realmente abençoada.

Nada que o rei tivesse visto desde o dia de seu nascimento podia ser igual, ele pensou, à beleza daquela moça. O coração e olhos do rei foram cativados por aquela donzela, como se eles estivessem atados com uma corda e ele permaneceu enraizado naquele local, privado de sua razão. O monarca pensou que o inventor de tanta beleza a havia criado somente depois de bater todo o mundo dos deuses Asuras e seres humanos. Tendo estes vários pensamentos, o rei Samvarana considerou aquela moça como inigualável nos três mundos em abundância de beleza.

E o monarca de descendência pura, vendo a bela moça, foi perfurado pelas flechas de Kama (Cupido) e perdeu sua paz de mente. Queimado com a chama forte do desejo o rei perguntou àquela moça encantadora, ainda inocente, embora em sua total mocidade, dizendo, 'Quem és tu e de quem? Por que também tu ficas aqui? Ó tu de doce sorriso, por que tu vagas sozinha nestas florestas solitárias? De todos os traços perfeitamente impecáveis, e enfeitada com todos os ornamentos, tu pareces ser o ornamento cobiçado destes próprios ornamentos! Tu não pareces ser celestial ou Asura ou Yaksha ou Rakshasa ou Naga ou Gandharva ou de origem humana. Ó dama excelente, a melhor das mulheres que eu já vi ou tive notícia não se compara contigo em beleza! Ó tu de rosto bonito, ao te ver mais encantadora do que a lua e ornada com olhos como pétalas de lótus, o deus do desejo está me oprimindo.'

O rei Samvarana assim se dirigiu àquela donzela na floresta, que no entanto, não falou uma palavra ao monarca que queimava de desejo. Em vez disso, como um relâmpago nas nuvens, aquela moça de grandes olhos rapidamente desapareceu da vista do monarca. O rei então vagou por toda a floresta, como alguém fora de seus sentidos, à procura daquela menina de olhos como pétalas de lótus. Fracassando em encontrá-la, aquele melhor dos monarcas lamentou copiosamente e por algum tempo ficou inerte com a dor.'

## 174

(Continuação do Chaitraratha Parva)

O Gandharva continuou, 'Quando aquela moça desapareceu, aquele destruidor de tropas hostis privado de sua razão por Kama, (concupiscência) lançou-se por terra. E quando o monarca caiu, aquela moça de doces sorrisos e quadris proeminentes e redondos apareceu outra vez perante ele, e sorrindo docemente, disse àquele perpetuador da linhagem Kuru estas palavras doces como o mel, 'Levante-se, levante-se, ó destruidor de inimigos! Abençoado sejas; não cabe a ti, ó tigre entre reis, perder tua razão, um homem célebre como és no mundo.' Endereçado nestas palavras melíferas, o rei abriu seus olhos e viu à sua frente aquela mesma menina de quadris volumosos. O monarca que estava queimando com a chama do desejo então se endereçou àquela donzela de olhos negros com ênfase, fraco com emoção, e disse, 'Abençoada sejas ó mulher excelente de olhos

negros! Como eu estou queimando com desejo e te cortejando, ó, aceite-me! Minha vida está enfraquecendo. Ó tu de olhos grandes, é por tua causa, ó tu do esplendor dos filamentos do lótus, que Kama está constantemente me perfurando com suas flechas afiadas sem parar por um momento! Ó menina alegre e amável, eu fui mordido por Kama que é como uma víbora venenosa. Ó tu de quadris largos e volumosos, apiede-te de mim! Ó tu de feições belas e impecáveis, ó tu de rosto como a pétala do lótus ou a lua, ó tu de doce voz como dos Kinnaras cantantes, minha vida agora depende de ti! Sem ti, ó tímida, eu não posso viver! Ó tu de olhos como pétalas de lótus, Kama está me perfurando constantemente! Ó menina de grandes olhos, seja piedosa comigo! Não cabe a ti, ó moça de olhos negros, me rejeitar. Ó menina bonita, cabe a ti me aliviar de tal aflição por me dar teu amor! À primeira vista tu atraíste meu coração. Minha mente delirou! Contemplando-te eu não gostaria de lançar meus olhos em nenhuma outra mulher! Seja piedosa! Eu sou teu escravo obediente, teu adorador! Ó, aceite-me! Ó bela dama, ó moça de grandes olhos, ao te ver, o deus do desejo entrou no meu coração, e está me furando com suas flechas! Ó tu de olhos de lótus, a chama do desejo queima dentro de mim! Ó, extinga esta chama despejando a água do teu amor sobre ela! Ó bela dama, por te tornares minha, acalme o deus irreprímível do desejo que apareceu aqui armado com seu arco e flechas mortais e que está me perfurando constantemente com suas flechas afiadas! Ó tu das mais formosas feições, case comigo segundo a forma Gandharva, pois, ó tu de quadris afilados, de todas as formas de casamento a Gandharva é considerada a melhor.'

O Gandharva continuou, 'Ouvindo aquelas palavras do monarca, Tapati deu a resposta, 'Ó rei, eu não sou dona de mim mesma! Saiba que eu sou uma moça sob o controle de meu pai. Se tu realmente nutres alguma afeição por mim peça-me ao meu pai. Tu disseste, ó rei, que teu coração foi roubado por mim. Mas tu também, à primeira vista, roubaste meu coração; eu não sou a dona do meu corpo, e portanto, ó melhor dos reis, eu não me aproximo de ti; mulheres nunca são independentes. Que mulher há nos três mundos que não te deseje como seu marido, sendo tu bondoso com todos os teus dependentes e nascido em uma linhagem pura? Portanto, quando a oportunidade vier, peça a meu pai Aditya a minha mão com culto, penitências ascéticas, e votos. Se meu pai me conceder a ti, então, ó rei, eu sempre serei tua mulher obediente. Meu nome é Tapati e eu sou a irmã mais nova de Savitri, e a filha, ó touro entre os Kshatriyas, de Savitri, do (sol) iluminador do universo.'

## 175

(Continuação do Chaitraratha Parva)

O Gandharva continuou, 'Assim dizendo, Tapati de feições impecáveis ascendeu aos céus. O monarca então novamente caiu ao solo. Seus ministros e seguidores procuraram por ele por toda a extensão da floresta e o encontraram jazendo naquele local solitário, e vendo aquele rei excelente, aquele arqueiro

poderoso, assim jazendo abandonado no chão como um arco-íris caído do firmamento, seu ministro chefe ficou como alguém que foi queimado por uma chama de fogo. Avançando depressa com afeto e respeito, o ministro ergueu aquele melhor dos monarcas que jazia prostrado na terra e que estava privado de seus sentidos pelo desejo. Velho em sabedoria como em idade, velho em realizações como em política, o ministro, depois de erguer o monarca prostrado, ficou tranquilo (em mente). Endereçando-se ao rei em palavras gentis que eram também para o seu bem, ele disse, 'Abençoado sejas, ó impecável! Não tema, ó tigre entre reis!' O ministro pensou que o monarca, aquele grande vencedor de tropas hostis em batalha, estava jazendo sobre a terra vencido pela fome, sede, e fadiga. O velho homem então borrifou sobre a cabeça sem coroa do monarca água que era fria e fragrante com pétalas de lótus. Lentamente recuperando sua consciência, o monarca poderoso despachou todos os seus servidores à exceção de seu ministro. Depois que os servidores tinham se retirado por sua ordem, o rei se sentou sobre o leito da montanha. Tendo se purificado devidamente, o rei ficou sobre aquela chefe das montanhas, e começou, com as palmas unidas e rosto elevado, a cultuar Surya. O rei Samvarana, matador de todos inimigos, pensou também em seu principal sacerdote, Vasishtha, aquele melhor dos Rishis. O rei continuou a ficar lá dia e noite sem intervalo. O sábio Brahmana Vasishtha foi até lá no décimo segundo dia, aquele grande Rishi de alma sob total controle soube imediatamente por seu poder ascético que o monarca tinha perdido sua razão por causa de Tapati. E aquele virtuoso e melhor dos Munis, logo que soube disto, desejoso de beneficiar o monarca que era sempre cumpridor de votos, endereçou-se a ele e lhe deu todas as garantias. O Rishi ilustre, à vista daquele monarca, subiu para ter uma entrevista com Surya, ele mesmo possuidor do esplendor daquele corpo luminoso. O Brahmana então se aproximou com as mãos unidas do deus de mil raios e se apresentou alegremente a ele, dizendo, 'Eu sou Vasishtha.' Então Vivasvat de grande energia disse àquele melhor dos Rishis, 'Tu és bem vindo, ó grande Rishi! Diga-me o que está na tua mente. Ó afortunado, peça de mim o que quiseres, ó principal dos homens eloquentes, e eu o outorgarei a ti, mesmo que seja difícil para mim!' Assim endereçado por Surya, o Rishi de grande mérito ascético, curvou-se ao deus da luz, e respondeu, dizendo, 'Ó Vibhavasú, tua filha, Tapati, a irmã mais nova de Savitri, eu peço de ti para Samvarana! Aquele monarca tem realizações poderosas, é conhecedor da virtude, e tem grande alma. Ó percorredor do firmamento, Samvarana será um marido digno para tua filha.' Assim endereçado pelo Rishi Vibhakara, ele resolveu entregar sua filha para Samvarana, saudou o Rishi, e lhe respondeu, dizendo, 'Oh, Samvarana é o melhor dos monarcas, tu és o melhor dos Rishis, Tapati é a melhor das mulheres. O que nós faríamos, portanto, exceto dá-la a Samvarana?' Com estas palavras, o deus Tapana transferiu sua filha, Tapati, de aspecto perfeitamente impecável, ao ilustre Vasishtha para entregá-la a Samvarana. E o grande Rishi então aceitou a menina, Tapati, e se despedindo de Surya, voltou ao local onde aquele touro entre os Kurus, de realizações celestes, estava. O rei Samvarana, possuído pelo amor e com seu coração fixo em Tapati, vendo aquela moça celeste de sorrisos doces conduzida por Vasishtha, ficou extremamente contente. E Tapati de sobranceiras formosas desceu do firmamento como o relâmpago das nuvens, deslumbrando os dez pontos dos céus. E o ilustre Rishi Vasishtha de alma pura se

aproximou do monarca depois que o voto das doze noites do último havia acabado. Foi assim que o rei Samvarana obteve uma esposa como a lua cheia depois de ter adorado (o sol).'

E aquele arqueiro poderoso, o principal da linhagem Kuru, teve sua curiosidade imensamente excitada pelo que ouviu do poder ascético de Vasishtha, e questionou o Gandharva, dizendo, 'Eu desejo saber sobre o Rishi que tu mencionaste como Vasishtha. Ó, diga-me tudo sobre dele! Ó chefe dos Gandharvas, diga-me quem era aquele Rishi ilustre que foi o sacerdote dos nossos antepassados.' O Gandharva respondeu, 'Vasishtha é filho espiritual (nascido da mente) de Brahma, e marido de Arundhati. Mesmo difíceis de serem conquistados pelos próprios imortais, Desejo e Ira, conquistados pelas penitências ascéticas de Vasishtha, costumavam massagear seus pés. Embora sua cólera houvesse sido excitada pela ofensa de Viswamitra, aquele Rishi de grande alma ainda não exterminou os Kusikas (a tribo cujo rei era Viswamitra). Aflito pela perda de seus filhos, ele, como se fosse impotente, embora realmente fosse o contrário, não fez qualquer ato destrutivo contra Viswamitra. Como o oceano não ultrapassando seus continentes, Vasishtha não transgrediu (as leis de) Yama por trazer seus filhos de volta dos domínios do rei dos mortos. Foi por obter aquele ser ilustre que tinha conquistado a si mesmo que Ikshvaku e outros grandes monarcas adquiriram toda a terra. E, ó príncipe da linhagem Kuru, foi por obter Vasishtha, aquele melhor dos Rishis, como seu sacerdote, que aqueles monarcas realizaram muitos sacrifícios majestosos. E, ó melhor dos Pandavas, aquele Rishi regenerado ajudou aqueles monarcas na realização de seus sacrifícios como Vrihaspati ajudando os imortais. Portanto, procurem um ilustre e desejável Brahmana conhecedor dos Vedas e em cujo coração a virtude prevaleça, para nomear como seu sacerdote. Um Kshatriya de boa linhagem, desejoso de estender seus domínios para conquistar a terra, deve, ó Partha, primeiro nomear um sacerdote. Aquele que está desejoso de conquistar a terra deve ter um Brahmana diante de si. Portanto, ó Arjuna, que algum Brahmana ilustre e erudito, que tenha seus sentidos sob completo controle e que esteja familiarizado com a religião, lucro e prazer, seja teu sacerdote.'

## 176

(Continuação do Chaitraratha Parva)

Vaisampayana continuou, 'Ouvindo isso Arjuna disse, 'Ó Gandharva, de onde surgiu a hostilidade entre Viswamitra e Vasishtha, ambos os quais moravam em um eremitério celeste? Ó, conte-nos tudo sobre isto.'

O Gandharva respondeu, 'Ó Partha, a história de Vasishtha é considerada como um Purana (lenda) em todos os três mundos. Me escute enquanto eu narro integralmente. Havia, em Kanyakuvja, ó touro da raça Bharata, um grande rei de fama mundial chamado Gadhi, o filho de Kusika. O virtuoso Gadhi teve um

filho chamado Viswamitra, um vencedor de inimigos, possuidor de um exército grande e muitos animais e veículos. E Viswamitra, acompanhado por seus ministros, costumava vagar em busca de veados pelas florestas profundas e pitorescas. Samvarana agradou por meio de penitências ascéticas ao auspicioso senhor Vivaswat, pela ajuda do (poder ascético de) Vasishtha. E Samvarana, aquele touro entre homens, com os devidos ritos tomou a mão de Tapaty naquele leito da montanha que era frequentada pelos celestiais e Gandharvas. O sábio real, com a permissão de Vasishtha, desejou divertir-se com sua mulher naquela montanha. E o rei fez Vasishtha ser proclamado seu regente em sua capital e reino, nas florestas e jardins. E despedindo-se do monarca Vasishtha o deixou e foi embora. Samvarana, que ficou naquela montanha como um celestial, divertiu-se com sua mulher nas florestas e vegetações naquela montanha por doze anos completos. E, ó melhor dos Bharatas, o deus de mil olhos não derramou chuva por doze anos na capital e no reino daquele monarca. Então, ó destruidor de inimigos, quando estação de seca se expandiu, o povo daquele reino, como também as árvores e animais pequenos começaram a morrer rápido. E durante a continuação daquela seca terrível, nem uma gota de orvalho caiu do céu e nenhum grão cresceu. E os habitantes em desespero, e afligidos pelo medo da fome, deixaram suas casas e fugiram para todas as direções. E as pessoas famintas da capital e do país começaram a abandonar suas esposas e filhos e se tornaram indiferentes umas às outras. Com as pessoas estando afligidas pela fome, sem um bocado de comida e reduzidas a esqueletos, a capital parecia muito com a cidade do rei dos mortos, cheia somente de seres fantasmagóricos. Ao contemplar a capital reduzida a tal estado, o ilustre e virtuoso e melhor dos Rishis, Vasishtha, estava resolvido a encontrar uma solução e devolver à cidade aquele tigre entre reis, Samvarana, junto com sua mulher, depois do último ter passado assim muito tempo em um período de solidão e reclusão. Depois que o rei tinha entrado em sua capital as coisas se tornaram como antes, pois, quando aquele tigre entre reis voltou para seu próprio lugar, o deus de mil olhos, o matador de Asuras, despejou chuva em abundância e fez os grãos crescerem. Revivificada pela principal das almas virtuosas a capital e o país ficaram animados com extrema alegria. O monarca com sua mulher, Tapaty, mais uma vez realizou sacrifícios por doze anos, como o senhor Indra (deus da chuva) realizando sacrifícios com sua esposa, Sachi.'

O Gandharva continuou, 'Esta, ó Partha, é a antiga história de Tapaty, a filha de Vivaswat. É por causa dela que tu és (chamado de) Tapatya. O rei Samvarana gerou em Tapaty um filho chamado Kuru, que foi o principal dos ascetas. Nascido na linhagem de Kuru, ó Arjuna, tu deves ser chamado de Tapatya.'

**177**

(Continuação do Chaitraratha Parva)

Vaisampayana disse, 'Aquele touro entre os Bharatas, Arjuna, ouvindo as palavras do Gandharva, foi inspirado com sentimentos de devoção. O Gandharva então continuou a história, 'O rei Viswamitra sempre ia à floresta matar veados e javalis selvagens. Uma vez, enquanto fora em busca de veados, o rei ficou fraco com o esforço e a sede. O monarca chegou naquele estado no retiro de Vasishtha, e o abençoado e ilustre Rishi vendo-o chegar, reverenciou com sua homenagem aquele melhor dos homens, o rei Viswamitra. E ó Bharata, o Rishi saudou o monarca por lhe oferecer água para lavar seu rosto e pés, e Arghya, e frutas selvagens, e manteiga clarificada, pois o ilustre Rishi tinha uma vaca capaz de produzir qualquer coisa que fosse desejada dela. Quando ela era endereçada, dizendo, 'Ó, dê', ela sempre produzia o artigo que era procurado. E ela produzia várias frutas e grãos, selvagens ou crescidos em jardins e campos, e leite, e muitas iguarias nutritivas excelentes cheias das seis espécies diferentes de suco (gosto) e semelhantes ao próprio néctar, e vários outros tipos de coisas agradáveis, ó Arjuna, de gosto ambrosial para beber e comer, e para lambar e chupar, e também muitas pedras preciosas e mantos de várias espécies. Com estes objetos desejáveis em profusão o monarca foi reverenciado. E o rei com seu ministro e tropas ficou muito satisfeito. E o monarca maravilhou-se contemplando aquela vaca com seis membros elevados e belos flancos e quadris, e cinco membros que eram largos, e olhos proeminentes como aqueles da rã e bela em tamanho, e úberes grandes, e feitura impecável, e orelhas retas e erguidas, e chifres bonitos, e cabeça e pescoço bem desenvolvidos.

E, ó príncipe, o filho de Gadhi, satisfeito com tudo e elogiando a vaca chamada Nandini, endereçou-se ao Rishi, dizendo, 'Ó Brahmana, ó grande Muni, me dê tua Nandini em troca de dez mil vacas, ou do meu reino. Desfrute do meu reino (me dando tua vaca).'

Ouvindo estas palavras de Viswamitra, Vasishtha disse, 'Ó impecável, esta vaca tem sido mantida por mim por causa dos deuses, convidados e Pitris, como também para meus sacrifícios. Eu não posso dar Nandini nem em troca do teu reino.' Viswamitra respondeu, 'Eu sou um Kshatriya, mas tu és um Brahmana dedicado a ascetismo e estudo. Há qualquer energia em Brahmanas que são pacíficos e que têm suas almas sob perfeito domínio? Quando tu não me dás o que eu desejo nem mesmo em permuta por dez mil vacas, eu não abandonarei a prática da minha classe; eu pegarei tua vaca à força!'

Vasishtha disse, 'Tu és um Kshatriya dotado de força de braços. Tu és um monarca poderoso. Ó, faça rapidamente o que tu desejas; e não pare para considerar sua justiça.'

O Gandharva continuou, 'Assim endereçado por Vasishtha, Viswamitra, ó Partha, então agarrou à força Nandini, aquela vaca (branca) como o cisne ou a lua, e tentou levá-la embora, afligindo-a com chicotes e perseguindo-a de outras maneiras. A inocente Nandini então começou, ó Partha, a mugir de modo comovente, e se aproximando do ilustre Vasishtha ficou perante ele com a face erguida. Embora perseguida muito cruelmente, ela se recusou a deixar o retiro do Rishi.'

Vendo ela naquela situação difícil, Vasishtha disse, 'Ó amável, estás mugindo repetidamente e eu estou ouvindo teus gritos. Mas, ó Nandini, quando Viswamitra está te levando embora à força, o que eu posso fazer nesta questão, sendo um Brahmana clemente?'

O Gandharva continuou, 'Então, ó touro da raça Bharata, Nandini, alarmada à visão das tropas de Viswamitra e apavorada pelo próprio Viswamitra, aproximou-se ainda mais do Rishi, e disse, 'Ó ilustre, por que és tão indiferente ao meu pobre ser afligido com os açoites das tropas cruéis de Viswamitra e chorando tão deploravelmente como se não tivesse um mestre?' Ouvindo essas palavras da reclamante e perseguida Nandini, o grande Rishi não perdeu sua paciência nem voltou atrás em seu voto de bondade. Ele respondeu, 'O poder do Kshatriya jaz em sua força física, o do Brahmana na benignidade. Porque eu não posso desistir da bondade, vá, ó Nandini, se tu escolheres.' Nandini respondeu, 'Descarta-te de mim, ó ilustre, que falas assim? Se tu não me expulsares eu não posso, ó Brahmana, ser levada embora à força.' Vasishtha disse, 'Ó abençoada, eu não te expulso! Fique se puderes! Ó, lá está teu bezerro, atado com uma corda forte, e agora mesmo sendo enfraquecido por ela!'

O Gandharva continuou, 'Então a vaca de Vasishtha, ouvindo a palavra 'fique', ergueu sua cabeça e pescoço, e tornou-se terrível de se olhar. Com olhos vermelhos de raiva e mugindo repetidamente, ela então atacou as tropas de Viswamitra por todos os lados. Afligida pelos açoites deles e correndo para lá e para cá com aqueles seus olhos vermelhos, a cólera dela aumentou. Queimando de raiva, ela logo se tornou terrível de se olhar como o sol em sua glória ao meio-dia. E de seu rabo ela começou a despejar uma chuva de carvões ardentes em volta. E alguns momentos depois, de seu rabo ela produziu um exército de Palhavas, e de seus úberes, um exército de Dravidas e Sakas; e de seu útero, um exército de Yavanas, e de seu excremento um exército de Savaras; e de sua urina, um exército de Kanchis; e de seus lados, um exército de Savaras. E da espuma de sua boca saíram hostes de Paundras e Kiratas, Yavanas e Sinhala, e as tribos bárbaras de Khasas e Chivukas e Pulindas e China e Hunas com Keralas, e outros numerosos Mlechchhas. E aquele vasto exército de Mlechchhas em vários uniformes, e armado com várias armas, tão logo surgiu para a vida, se organizando para o combate à vista de Viswamitra, atacou os soldados do monarca. E tão numerosa era aquela hoste Mlechchha que cada soldado específico de Viswamitra foi atacado por um bando de seis ou sete de seus inimigos. Atacadas por uma chuva poderosa de armas, as tropas de Viswamitra romperam-se e fugiram, tomadas de pânico, em todas as direções, diante de seus próprios olhos. Mas, ó touro da raça Bharata, as tropas de Vasishtha, embora excitadas pela cólera, não tiraram a vida de ninguém das tropas de Viswamitra. Nandini simplesmente fez o exército do monarca ser derrotado e partir. E impelidos a vinte e sete milhas completas (do retiro), tomados de pânico, eles gritaram alto e viram que ninguém podia protegê-los. Viswamitra, vendo esta façanha extraordinária que resultava da destreza de um Brahmana, ficou aborrecido a com destreza Kshatriya e disse, 'Ó, que vergonha para a destreza Kshatriya! A destreza Brahmana é a verdadeira destreza! Ao julgar a força e a

fraqueza, eu vejo que o ascetismo é a verdadeira força.' Assim dizendo, o monarca, abandonando seus grandes domínios e esplendor real e dando as costas a todos os prazeres, fixou sua mente no ascetismo. Coroado com sucesso em ascetismo e enchendo os três mundos com o calor de suas penitências ascéticas, ele afligiu todas as criaturas e finalmente se tornou um Brahmana. O filho de Kusika finalmente bebeu Soma com o próprio Indra (no céu).'

## 178

(Continuação do Chaitraratha Parva)

O Gandharva continuou, 'Havia, ó Partha, um rei neste mundo, chamado Kalmashapada, que era da linhagem de Ikshvaku e inigualável em coragem sobre a terra. Um dia o rei foi de sua capital às florestas para propósitos de caça, e aquele destruidor de inimigos perfurou (com suas flechas) muitos veados e javalis selvagens. E naquelas florestas profundas o rei também matou muitos rinocerontes. Envolvido neste esporte por algum tempo, o monarca ficou muito cansado e finalmente desistiu da caçada, desejando descansar um pouco.

O grande Viswamitra, dotado de energia, tinha, pouco tempo atrás, desejado fazer daquele monarca seu discípulo. Como o monarca, afligido com fome e sede, estava procedendo através das florestas, ele veio a cruzar com aquele melhor dos Rishis, o filho ilustre de Vasishtha, que seguia pelo mesmo caminho. O rei sempre vitorioso em batalha viu aquele Muni que portava o nome de Saktri, aquele propagador ilustre da linhagem de Vasishtha, o mais velho dos cem filhos de grande alma de Vasishtha, vindo na direção oposta. O rei, vendo-o, disse, 'Fique fora do nosso caminho.' O Rishi, endereçando-se ao monarca de uma maneira conciliadora, disse gentilmente, 'Ó rei, este é meu caminho. É a regra eterna de moralidade indicada em todos os tratados sobre dever e religião que um rei deve sempre abrir caminho para Brahmanas.' Deste modo eles se dirigiram um ao outro a respeito de seu direito ao caminho. 'Saia do caminho, saia do caminho', foram as palavras que eles disseram um ao outro. O Rishi, que tinha razão, não cedeu, nem o rei cedeu a ele por orgulho e raiva. Aquele melhor dos monarcas, enfurecido com o Rishi, recusando a ceder a ele o caminho, agiu como um Rakshasa, batendo nele com seu chicote. Assim chicoteado pelo monarca, aquele melhor dos Rishis, o filho de Vasishtha, foi privado de sua razão pela raiva, e rapidamente amaldiçoou aquele principal dos monarcas, dizendo, 'Ó pior dos reis, já que tu oprimiste um asceta como um Rakshasa, tu deste dia em diante te tornarás um Rakshasa que subsiste de carne humana! Daí, ó pior dos reis, tu vagarás pela terra aparentando forma humana!' Assim o Rishi Sakti, dotado de grande destreza, falou ao rei Kalmashapada. Naquela hora Viswamitra, entre o qual e Vasishtha havia uma disputa acerca do discipulado de Kalmashapada, se aproximou do local onde aquele monarca e o filho de Vasishtha estavam. E, ó Partha, aquele Rishi de penitências ascéticas rígidas, Viswamitra de grande energia, se aproximou do par (sabendo por seu discernimento espiritual que eles tinham estado disputando um

com o outro). Depois que a maldição havia sido pronunciada, aquele melhor dos monarcas soube que aquele Rishi era o filho de Vasishtha e que era igual ao próprio Vasishtha em energia. E, ó Bharata, Viswamitra, desejava beneficiar a si mesmo, permaneceu naquele local, escondido da vista de ambos por se fazer invisível. Então aquele melhor dos monarcas, assim amaldiçoado por Saktri, desejando aplacar o Rishi começou a suplicar humildemente. E, ó chefe dos Kurus, Viswamitra, averiguando a disposição do rei (e temendo que a divergência pudesse acabar), mandou um Rakshasa entrar no corpo do rei. E um Rakshasa de nome Kinkara então entrou no corpo do monarca em obediência à maldição de Saktri e à ordem de Viswamitra. E sabendo, ó destruidor de inimigos, que o Rakshasa tinha possuído mesmo o monarca, aquele melhor dos Rishis, Viswamitra, então deixou o local e foi embora.

Pouco tempo depois, ó Partha, o monarca, possuído pelo Rakshasa e terrivelmente afligido por ele, perdeu toda a sua razão. Naquela época um Brahmana viu o rei nas florestas. Afligido pela fome, aquele Brahmana pediu ao rei uma comida com carne. O sábio real, Kalmashapada, aquele destruidor de amigos, respondeu ao Brahmana, dizendo, 'Fique aqui, ó Brahmana, por algum tempo. Na minha volta eu te darei qualquer comida que desejares.' Tendo assim falado, o monarca foi embora, mas o Brahmana lá ficou. O rei de grande alma vagou por algum tempo em divertimento e, segundo sua vontade, finalmente entrou em seus aposentos internos. Assim, acordando à meia-noite e se lembrando de sua promessa, ele convocou seu cozinheiro e falou a ele sobre a promessa ao Brahmana que estava na floresta. E ele o ordenou, dizendo, 'Corra àquela floresta. Um Brahmana espera por mim na esperança de comida. Vá e entretenha-o com comida e carne.'

O Gandharva continuou, 'Assim mandado, o cozinheiro saiu à procura de carne. Aflito por não ter achado nenhuma, ele informou ao rei de seu fracasso. O monarca, no entanto, possuído como estava pelo Rakshasa, repetidamente disse, sem escrúpulo de qualquer espécie, 'Alimente-o com carne humana.' O cozinheiro, dizendo, 'Assim seja' foi ao lugar onde os carrascos (do rei) estavam, e daquele lugar pegou carne humana e a lavou e cozinhou devidamente, e cobrindo-a com arroz cozido a ofereceu àquele Brahmana faminto dedicado a penitências ascéticas. Mas aquele melhor dos Brahmanas, vendo com sua visão espiritual que aquela comida era pecaminosa e, portanto, indigna de ser comida, disse estas palavras com os olhos vermelhos de raiva, 'Porque aquele pior dos reis me oferece comida que é pecaminosa e indigna de ser comida, portanto aquele desgraçado terá ele mesmo um gosto por tal comida. E se tornando ávido por carne humana como amaldiçoado por Saktri antigamente, o desgraçado vagará pela terra alarmando e atormentando de várias maneiras todas as criaturas.' A maldição, portanto, sobre aquele rei, assim repetida uma segunda vez, se tornou muito forte, e o rei, possuído por uma tendência Rakshasa, logo perdeu todo seu juízo.

Pouco tempo depois, ó Bharata, aquele melhor dos monarcas, privado de toda sua razão pelo Rakshasa dentro de si, vendo Saktri que o havia amaldiçoado, disse, 'Porque tu pronunciaste sobre mim esta maldição extraordinária, portanto,

eu começarei minha vida de canibalismo por te devorar.' Tendo dito isto, o rei imediatamente matou Saktri e o comeu, como um tigre comendo o animal do qual gostava. Vendo Saktri assim morto e devorado, Viswamitra repetidamente incitou aquele Rakshasa (que estava dentro do monarca) contra os outros filhos de Vasishtha. Como um leão enfurecido devorando animais pequenos, aquele Rakshasa logo devorou os outros filhos do ilustre Vasishtha que eram mais novos do que Saktri em idade. Mas Vasishtha, sabendo que todos os seus filhos haviam sido mortos por causa de Viswamitra, pacientemente suportou sua dor como a grande montanha que suporta a terra. Aquele melhor dos Munis, aquele principal dos homens inteligentes, estava resolvido antes a sacrificar sua própria vida do que exterminar (com cólera) a raça dos Kusikas. O Rishi ilustre se jogou do topo de Meru, mas ele caiu sobre a terra pedregosa como se esta fosse uma pilha de algodão. E, ó filho de Pandu, quando o ilustre viu que a morte não resultou daquela queda, ele acendeu uma enorme fogueira na floresta e entrou nela prontamente. Mas o fogo, embora queimando brilhantemente, não o consumiu. Ó matador de inimigos, aquele fogo ardente lhe parecia frio. Então o grande Muni sob a influência da dor, contemplando o mar, amarrou uma pedra pesada em seu pescoço e se jogou em suas águas. Mas as ondas logo o lançaram na terra. Finalmente quando aquele Brahmana de votos rígidos não teve êxito em se matar por quaisquer meios, ele voltou, com angústia no coração, para seu retiro.'

## 179

(Continuação do Chaitraratha Parva)

O Gandharva continuou, 'Vendo seu retiro privado de filhos, o Muni afligido com grande dor o deixou novamente. E em seu caminho ele viu, ó Partha, um rio cheio com as águas da estação chuvosa, varrendo inúmeras árvores e plantas que tinham crescido sobre sua margem. Vendo aquilo, ó tu da linhagem Kuru, o Muni aflito pensando que ele certamente seria afogado se caísse nas águas daquele rio, se amarrou fortemente com várias cordas e se lançou, sob a influência da dor, à correnteza daquele rio poderoso. Mas, ó matador de inimigos, aquela corrente logo cortou aquelas cordas e lançou o Rishi na terra. E o Rishi ergueu-se na margem, livre das cordas com as quais tinha se amarrado. E porque suas cordas foram assim partidas pela violência da corrente, o Rishi chamou a corrente pelo nome de Vipasa (o quebrador de corda). Por causa de sua dor o Muni não podia, naquela época, ficar em um único lugar; e ele começou a vagar por montanhas e por rios e lagos. E vendo uma outra vez um rio chamado Haimavati (fluindo de Himavat) de aspecto terrível e cheio de crocodilos ferozes e outros monstros (aquáticos), o Rishi se jogou nele, mas o rio confundindo o Brahmana com uma massa de fogo (inextinguível), imediatamente fluiu em cem direções diferentes, e foi conhecido desde então pelo nome de Satadru (o rio de cem cursos). Vendo-se na terra seca mesmo lá ele exclamou, 'Ó, eu não posso morrer por minhas próprias mãos!' Assim dizendo, o Rishi novamente voltou seus passos para seu

retiro. Cruzando inúmeras montanhas e países, quando ele estava para reentrar em seu retiro ele foi seguido por sua nora chamada Adrisyanti. Quando ela se aproximou dele, ele ouviu de trás o som de uma narração muito inteligente dos Vedas com as seis virtudes de elocução. Ouvindo aquele som, o Rishi perguntou, 'Quem é que está me seguindo?' Sua nora então respondeu, 'Eu sou Adrisyanti, a mulher de Saktri. Eu estou desamparada, embora dedicada ao ascetismo.' Ouvindo-a, Vasishtha disse, 'Ó filha, de quem é esta voz que eu ouvi, repetindo os Vedas junto com os Angas como a voz de Saktri recitando os Vedas com os Angas?' Adrisyanti respondeu, 'Eu levo no meu útero um filho do teu filho Saktri. Ela esteve aqui por doze anos completos. A voz que tu ouviste é a deste Muni, que está recitando os Vedas.'

O Gandharva continuou, 'Assim endereçado por ela o ilustre Vasishtha ficou extremamente contente. E dizendo, 'Ó, há uma criança (da minha linhagem)!' ele parou, ó Partha, de tentar se destruir. O impecável acompanhado por sua nora então voltou para seu retiro. E o Rishi viu um dia nas florestas solitárias (o Rakshasa) Kalmashapada. O rei, ó Bharata, possuído pelo Rakshasa feroz, logo que viu o Rishi, ficou cheio de ira e ergueu-se, desejoso de devorá-lo. E Adrisyanti vendo diante dela aquele Rakshasa de atos cruéis, endereçou-se a Vasishtha nestas palavras, cheia de ansiedade e medo, 'Ó ilustre, o Rakshasa cruel, como a própria Morte armada com (sua) clava feroz, vem em direção a nós com uma clava de madeira na mão! Não há ninguém mais sobre terra, exceto a ti, ó ilustre, e, ó principal de todos os que são familiarizados com os Vedas, para reprimi-lo hoje. Proteja-me, ó ilustre, deste desgraçado cruel de aparência terrível. Certamente, o Rakshasa vem para cá para nos devorar.' Vasishtha, ouvindo-a, disse, 'Não tema, ó filha, não há necessidade de temer nenhum Rakshasa. Este cujo perigo iminente tu receias não é nenhum Rakshasa. É o rei Kalmashapada dotado de grande energia e célebre na terra. Esse homem terrível habita estas florestas.'

O Gandharva continuou, 'Vendo ele avançando, o ilustre Rishi Vasishtha, dotado de grande energia, o reprimiu, ó Bharata, por proferir o som Hum. Borrifando-o com água santificada por encantamentos o Rishi libertou o monarca daquela maldição terrível. Por doze anos o monarca tinha sido dominado completamente pela energia do filho de Vasishtha como Surya apanhado pelo planeta (Rahu) durante a época de um eclipse. Livre do Rakshasa o monarca iluminou aquela grande floresta com seu esplendor como o sol iluminando as nuvens ao anoitecer. Recuperando seu poder de raciocínio, o rei saudou aquele melhor de Rishis com as palmas unidas e disse, 'Ó ilustre, eu sou o filho de Sudasa e teu discípulo, ó melhor dos Munis! Ó, diga-me o que te apraz e o que eu devo fazer.' Vasishtha respondeu, dizendo, 'Meu desejo já foi realizado. Volte agora para teu reino e governe teus súditos. E, ó chefe de homens, nunca mais insulte os Brahmanas.' O monarca respondeu, 'Ó ilustre, eu nunca mais insultarei Brahmanas superiores. Em obediência à tua ordem eu sempre adorarei Brahmanas. Mas, ó melhor dos Brahmanas, eu desejo obter de ti algo pelo qual, ó principal de todos os conhecedores dos Vedas, eu possa ser liberto da dívida que tenho para com a linhagem de Ikshvaku! Ó melhor dos homens, cabe a ti me

conceder, para a perpetuação da linhagem de Ikshvaku, um filho desejável possuidor de beleza e talentos e bom comportamento.'

O Gandharva continuou, 'Assim endereçado, Vasishtha, aquele melhor dos Brahmanas dedicado à verdade respondeu àquele poderoso monarca arqueiro, dizendo, 'Eu te darei.' Depois de algum tempo, ó príncipe de homens, Vasishtha, acompanhado pelo monarca, foi para a capital recentemente conhecida por toda a terra pelo nome de Ayodhya. Os cidadãos em grande alegria saíram para receber aquele impecável e ilustre, como os habitantes do céu saindo para receber seu chefe. O monarca, acompanhado por Vasishtha, reentrou em sua auspiciosa capital depois de muito tempo. Os cidadãos de Ayodhya viram seu rei acompanhado por seu sacerdote como se ele fosse o sol nascendo. O monarca que era superior a todos em beleza encheu com seu esplendor toda a cidade de Ayodhya, como a lua outonal enche todo o firmamento com seu esplendor. E a própria cidade excelente, por suas ruas terem sido regadas e varridas, e pelas fileiras de estandartes e flâmulas embelezando tudo em volta, alegrou o coração do monarca. E, ó príncipe da linhagem Kuru, a cidade cheia como estava com almas alegres e saudáveis, por causa da presença dele, parecia brilhante como Amaravati com a presença do chefe dos celestiais. Depois que o sábio real tinha entrado em sua capital, a rainha, por ordem do rei, se aproximou de Vasishtha. O grande Rishi, fazendo um acordo com ela, se uniu com ela segundo a ordenança superior. E depois de pouco tempo, quando a rainha concebeu, aquele melhor dos Rishis, recebendo as reverentes saudações do rei, voltou para seu retiro. A rainha levou o embrião em seu útero por muito tempo. Quando ela viu que não dava à luz a nada, ela rasgou seu útero com um pedaço de pedra. E foi então que no décimo segundo ano (de concepção) nasceu Asmaka, aquele touro entre os homens, o sábio real que fundou (a cidade de) Paudanya.'

## 180

(Continuação do Chaitraratha Parva)

O Gandharva continuou, 'Então, ó Partha, Adrisyanti, que tinha estado residindo no retiro de Vasishtha, deu à luz a um filho que foi o perpetuador da linhagem de Saktri e que era um segundo Saktri em tudo. Ó principal dos Bharatas, aquele melhor dos Munis, o próprio ilustre Vasishtha realizou as cerimônias usuais após o nascimento de seu neto. E, porque o Rishi Vasishtha tinha resolvido se autodestruir mas se absteve disso logo que soube da existência daquela criança, aquela criança, quando nasceu, foi chamada de Parasara (o vivificador dos mortos). O virtuoso Parasara, desde o dia de seu nascimento, conheceu Vasishtha como seu pai e se comportava em relação ao Muni como tal. Um dia, ó filho de Kunti, a criança se endereçou a Vasishtha, aquele principal dos Brahmanas sábios, como pai, na presença de sua mãe Adrisyanti. Adrisyanti, ouvindo o som muito inteligível 'pai' docemente proferido por seu filho, endereçou-se a ele com olhos chorosos e disse, 'Ó criança, não te dirija ao teu avô como teu pai. Teu pai,

ó filho, foi devorado por um Rakshasa em uma floresta diferente. Ó inocente, não é teu pai este que tu consideras assim. Este venerável é o pai do teu célebre pai.' Assim endereçado por sua mãe aquele melhor dos Rishis de palavras verdadeiras ficou triste, mas logo inflamou-se e resolveu destruir a toda criação. Então o ilustre e grande asceta Vasishtha, aquela principal de todas as pessoas conhecedoras de Brahma, filho de Mitravaruna, aquele Rishi conhecedor da verdade positiva, endereçou-se a seu neto que tinha fixado seu coração na destruição do mundo. Ouça, ó Arjuna, os argumentos pelos quais Vasishtha conseguiu tirar aquela decisão da mente de seu neto.'

O Gandharva continuou, 'Então Vasishtha disse, 'Havia um rei célebre de nome Kritavirya. Aquele touro entre os reis da terra era discípulo dos Bhrigus conhecedores do Veda. Aquele rei, ó criança, depois de realizar o sacrifício Soma, gratificou os Brahmanas com grandiosos presentes de arroz e riqueza. Depois que aquele monarca tinha ascendido para o céu, veio uma ocasião quando seus descendentes estavam com falta de riquezas. E sabendo que os Bhrigus eram ricos, aqueles príncipes foram até aqueles melhores dos Brahmanas, na aparência de mendigos. Alguns entre os Bhrigus, para proteger sua riqueza, a enterraram sob a terra; e alguns por medo dos Kshatriyas, começaram a dar sua riqueza a (outros) Brahmanas; enquanto alguns deles devidamente deram aos Kshatriyas tudo o que eles queriam. Aconteceu, no entanto, que alguns Kshatriyas, ao cavarem como queriam na casa de um Bhargava específico, encontraram um grande tesouro. E o tesouro foi visto por todos aqueles touros entre os Kshatriyas que lá estavam. Enfurecidos com o que eles consideraram como um comportamento enganador dos Bhrigus, os Kshatriyas insultaram os Brahmanas, embora os últimos pedissem piedade. E aqueles poderosos arqueiros começaram a matar os Bhrigus com suas setas afiadas. E os Kshatriyas vagaram por sobre a terra, matando até os embriões que estavam nos úteros das mulheres da linhagem Bhrigu. E enquanto a raça Bhrigu estava sendo assim exterminada, as mulheres daquela tribo fugiram de medo para as montanhas inacessíveis de Himavat. E uma entre aquelas mulheres, de belas pernas, por desejar perpetuar a linhagem do marido, guardou em uma das suas coxas um embrião dotado de grande energia. Certa mulher Brahmana, no entanto, que veio a saber deste fato, foi por medo aos Kshatriyas e relatou este caso a eles. E os Kshatriyas então foram destruir aquele embrião. Chegando no lugar, eles viram a futura mãe resplandecendo com energia inata, e a criança que estava em sua coxa saiu rompendo a coxa e ofuscando os olhos daqueles Kshatriyas como o sol do meio-dia. Assim privados de sua visão os Kshatriyas começaram a vagar por aquelas montanhas inacessíveis. E afligidos pela perda de visão os príncipes sofreram, e desejosos de recuperar o uso de seus olhos eles resolveram procurar a proteção daquela mulher impecável. Então aqueles Kshatriyas, afligidos pela tristeza, e pela perda da vista como a de um fogo que se acaba, se dirigiram com corações ansiosos àquela senhora ilustre, dizendo, 'Por tua graça, ó senhora, nós desejamos que nossa visão seja restaurada. Nós então voltaremos para nossas casas todos juntos e nos absteremos para sempre da nossa prática pecaminosa. Ó bela, cabe a ti com teu filho mostrar piedade para conosco. Cabe a ti auxiliar estes reis por lhes conceder sua visão.'

(Continuação do Chaitraratha Parva)

Vasishtha continuou, 'A senhora Brahmana, assim endereçada por eles, disse, 'Ó filhos, eu não privei vocês da sua visão, nem estou zangada com vocês. Esta criança, no entanto, da linhagem Bhrigu, está certamente zangada com vocês. Há pouca dúvida, ó filhos, que vocês foram privados da visão por esta criança ilustre cuja fúria foi acesa à lembrança do massacre de sua raça. Ó filhos, enquanto vocês estavam destruindo até que os embriões da raça Bhrigu, esta criança foi mantida por mim na minha coxa por cem anos! E para que a prosperidade da linhagem Bhrigu possa ser restaurada, os Vedas inteiros com seus ramos vieram a ele mesmo enquanto ele estava no útero. É evidente que este descendente da linhagem Bhrigu, enfurecido pela matança de seus pais, deseja matar vocês! Foi pela energia celestial dele que seus olhos foram queimados. Portanto, ó filhos, rezem a este meu filho excelente nascido da minha coxa. Conciliado por sua homenagem ele poderá restaurar sua visão.'

Vasishtha continuou, 'Ouvindo estas palavras da senhora Brahmana, todos aqueles príncipes se endereçaram à criança nascida da coxa, dizendo, 'Seja auspicioso!' E a criança foi auspiciosa para com eles. E aquele melhor dos Brahmanas Rishis, por ele ter nascido depois de romper a coxa de sua mãe, veio a ser conhecido por todos os três mundos pelo nome de Aurva (nascido da coxa). E os príncipes recuperaram sua visão e foram embora. Mas o Muni Aurva da linhagem Bhrigu resolveu dominar todo o mundo. E o Rishi de grande alma fixou seu coração, ó filho, na destruição de todas as criaturas do mundo. E aquele descendente da raça Bhrigu, para prestar homenagem (como ele considerava) a seus antepassados massacrados, se dedicou às mais austeras penitências com o objetivo de destruir todo o mundo. E desejoso de gratificar seus antepassados, o Rishi afligiu com seu ascetismo severo os três mundos com os celestiais, os Asuras e seres humanos. Os Pitris, então, sabendo o que o filho de sua raça estava prestes a fazer, vieram todos de sua própria região até o Rishi e endereçando-se a ele disseram:

'Aurva, ó filho, tu tens sido feroz no teu ascetismo. Teu poder foi testemunhado por nós. Seja benévolo para com os três mundos. Ó, controle tua ira. Ó filho, não foi por incapacidade que os Bhrigus de almas sob controle completo foram, todos eles, indiferentes à sua própria destruição pelas mãos dos assassinos Kshatriyas. Ó filho, quando nós nos cansamos dos longos períodos de vida concedidos a nós, foi então que nós desejamos nossa própria destruição por meio dos Kshatriyas. A riqueza que os Bhrigus colocaram em sua casa subterrânea foi colocada somente com o objetivo de enfurecer os Kshatriyas e de comprar uma briga com eles. Ó tu melhor dos Brahmanas, como nós estávamos desejosos do céu, que uso a riqueza poderia ter para nós? O tesoureiro do céu (Kuvera), manteve um grande

tesouro para nós. Quando nós vimos que a morte não poderia, por quaisquer meios, nos alcançar, foi então, ó filho, que nós consideramos este como o melhor dos meios (de realizar nosso desejo). Aqueles que se suicidam nunca alcançam as regiões que são abençoadas. Refletindo sobre isto, nós nos abstivemos de nos autodestruir. Portanto, isto que tu desejavas fazer não é agradável para nós. Reprima tua mente, portanto, da ação pecaminosa de destruir todo o mundo. Ó filho, não destrua os Kshatriyas nem os sete mundos. Ó, mate esta tua cólera que macula tua energia ascética.'

## 182

(Continuação do Chaitraratha Parva)

O Gandharva disse, 'Vasishtha, depois disto, continuou a narração dizendo, 'Ouvindo estas palavras dos Pitris, Aurva, ó filho, respondeu a eles neste sentido:

'Ó Pitris, o voto que eu fiz por raiva para a destruição de todos os mundos não deve ser em vão. Eu não posso consentir em ser alguém cuja raiva e votos são inúteis. Como o fogo consumindo as florestas secas, esta minha fúria certamente me consumirá se eu não cumprir meu voto. O homem que reprime sua cólera que foi excitada por causa (adequada), se torna incapaz de atingir devidamente os três objetivos da vida (religião, lucro e prazer). A cólera que os reis desejosos de subjugar toda a terra manifestam não é sem utilidade. Ela serve para reprimir os maus e proteger os honestos. Enquanto jazia por nascer dentro da coxa de minha mãe, eu ouvi o triste grito de minha mãe e das outras mulheres da raça Bhrigu que estavam então sendo exterminadas pelos Kshatriyas. Ó Pitris, quando aqueles desgraçados dos Kshatriyas começaram a exterminar os Bhrigus junto com as crianças por nascer de sua linhagem, foi então que a cólera encheu minha alma. Minha mãe e as outras mulheres da nossa raça, cada uma em um estado avançado de gravidez, e meu pai, terrivelmente apavorados, não encontraram em todos os mundos um único protetor. Então quando as mulheres Bhrigu não encontraram nenhum protetor, minha mãe me segurou em uma de suas coxas. Se houvesse um punidor de crimes nos mundos, ninguém em todos os mundos ousaria cometer um crime; se não se encontra um castigador, o número de pecadores se torna grande. O homem que tendo o poder de impedir ou punir um pecado não o faz sabendo que um pecado foi (ou será) cometido, é ele mesmo maculado por tal pecado. Como reis e outros, capazes de proteger meus pais, não os protegeram, adiando o dever preferindo os prazeres da vida, eu fiquei por justa causa enfurecido com eles. Eu sou o senhor da criação, capaz de punir sua iniquidade. Eu sou incapaz de obedecer sua ordem. Capaz de punir este crime, se eu me abster de assim fazer, os homens mais uma vez poderão ter que sofrer uma perseguição parecida. O fogo da minha ira também está pronto para consumir os mundos, se reprimido, ele sem dúvida consumirá a mim mesmo por sua própria energia. Ó mestres, eu sei que vocês sempre procuram o bem dos

mundos, me aconselhem, portanto, quanto ao que pode beneficiar a mim mesmo e ao mundo.'

Vasishtha continuou, 'Os Pitris responderam dizendo, 'Ó, jogue nas águas este fogo nascido da tua cólera e que deseja consumir os mundos. Isto te fará bem. Os mundos, de fato, são todos dependentes da água (como sua causa elementar). Toda substância succulenta contém água, de fato o todo universo é feito de água. Portanto, ó tu melhor dos Brahmanas, lance este fogo da tua ira às águas. Se, portanto, tu desejares, ó Brahmana, que este fogo nascido da tua cólera resida no grande oceano, consumindo as águas dele, pois é dito que os mundos são feitos de água. Deste modo, ó impecável, a tua palavra se tornará verdadeira, e os mundos com os deuses não serão destruídos.'

Vasishtha continuou, 'Então, ó filho, Aurva lançou o fogo da sua ira na residência de Varuna. E aquele fogo que consome as águas do grande oceano se tornou como uma grande cabeça de cavalo, a qual as pessoas conhecedoras dos Vedas chamam pelo nome de Vadavamukha. E emitindo a si mesmo daquela boca ele consome as águas do oceano poderoso. Abençoado sejas! Não cabe a ti, portanto, destruir os mundos. Ó Parasara, que és conhecedor das mais elevadas regiões, tu és o principal dos homens sábios!'

## 183

(Continuação do Chaitraratha Parva)

O Gandharva continuou, 'O sábio Brahmana (Parasara) assim endereçado pelo ilustre Vasishtha, impediu sua ira de destruir os mundos. Mas o Rishi Parasara dotado de energia, o grande filho de Saktri, a principal de todas as pessoas conhecedoras dos Vedas, realizou um grande sacrifício Rakshasa. E lembrando da morte de (seu pai) Saktri, o grande Muni começou a destruir os Rakshasas, jovens e velhos, no sacrifício que realizou. E Vasishtha não o impediu da matança dos Rakshasas, pela determinação de não obstruir este segundo voto (de seu neto). E naquele sacrifício o grande Muni Parasara sentou-se perante três fogos ardentes, ele mesmo como um quarto fogo. E o filho de Saktri, como o Sol emergindo das nuvens, iluminou o firmamento por meio daquele seu sacrifício imaculado no qual foram despejadas grandes libações de manteiga clarificada. Então Vasishtha e os outros Rishis consideraram aquele Muni ardente com sua própria energia como se ele fosse um segundo Sol. Então o grande Rishi Atri de alma generosa, desejoso de terminar aquele sacrifício, uma realização muito difícil para outros, foi até aquele local. E foram lá também, ó tu matador de todos os inimigos, Pulastya e Pulaha, e Kratu, o realizador de muitos sacrifícios grandiosos, todos influenciados pelo desejo de salvar os Rakshasas. E, ó touro da raça Bharata, Pulastya então, vendo que muitos Rakshasas já tinham sido mortos, disse estas palavras a Parasara, o opressor de todos os inimigos:

'Não há obstrução, eu espero, a este teu sacrifício, ó filho! Derivas algum prazer, ó filho, deste massacre de todos esses Rakshasas inocentes que nada sabem sobre a morte do teu pai? Não cabe a ti destruir qualquer criatura desta forma. Esta, ó filho, não é a ocupação de um Brahmana dedicado ao ascetismo. A Paz é a mais alta virtude. Portanto, ó Parasara, estabeleça a paz. Como tu podes, ó Parasara, sendo tão superior, estar envolvido em tal prática pecaminosa? Não cabe a ti pecar contra o próprio Saktri que era um bom conhecedor de todas as regras de moralidade. Não cabe a ti eliminar qualquer criatura. Ó descendente da linhagem de Vasishtha, o que aconteceu ao teu pai foi ocasionado pela maldição dele próprio. Foi por seu próprio erro que Saktri foi levado daqui para o céu. Ó Muni, nenhum Rakshasa era capaz de devorar Saktri; ele mesmo providenciou sua própria morte. E, ó Parasara, Viswamitra foi somente um instrumento cego neste caso. Ambos Saktri e Kalmashapada, tendo ascendido para o céu estão desfrutando de grande felicidade. E também os outros filhos do grande Rishi Vasishtha que eram mais novos do que Saktri, estão agora mesmo se deleitando com os celestiais. E, ó filho, ó prole do filho de Vasishtha, tu também tens sido, neste sacrifício, somente um instrumento na destruição destes Rakshasas inocentes. Ó, abençoado sejas! Abandone este teu sacrifício. Deixe que ele acabe.'

O Gandharva continuou, 'Assim endereçado por Pulastya, como também pelo inteligente Vasishtha, aquele Muni, o poderoso filho de Saktri, então deu fim àquele sacrifício. E o Rishi lançou o fogo que tinha acendido para o sacrifício dos Rakshasas nas profundas florestas no norte de Himavat. E aquele fogo pode ser visto daquele dia em diante consumindo Rakshasas e árvores e pedras em todas as épocas.'

## 184

(Continuação do Chaitraratha Parva)

Arjuna perguntou, 'Por quê, ó Gandharva, o rei Kalmashapada mandou sua rainha ir até aquela principal de todas as pessoas conhecedoras dos Vedas, o mestre Vasishtha? Por que também o ilustre e grande Rishi Vasishtha que conhecia todas as regras de moralidade conheceu uma mulher que ele não deveria ter conhecido? Ó amigo, foi este um ato de pecado por parte de Vasishtha? Cabe a ti remover as dúvidas que eu tenho e apresentar sua solução.'

O Gandharva respondeu, dizendo, 'Ó irreprimível Dhananjaya, escute a resposta à pergunta que fizeste a respeito de Vasishtha e do rei Kalmashapada, aquele destruidor de amigos. Ó tu melhor dos Bharatas, eu te disse tudo sobre a maldição do rei Kalmashapada por Saktri, o filho ilustre de Vasishtha. Trazido sob a influência da maldição, aquele matador de todos os inimigos, o rei Kalmashapada, com os olhos girando de raiva saiu de sua capital acompanhado por sua mulher. E entrando com sua mulher nas florestas solitárias o rei começou a vagar por elas. E um dia enquanto o rei sob a influência da maldição estava

vagando através daquela floresta cheia de várias espécies de veados e outros animais e coberta com numerosas árvores grandes e arbustos e trepadeiras e ressoando com gritos terríveis, ele ficou extremamente faminto. E o monarca então começou a procurar por alimento. Oprimido pela fome, o rei finalmente viu, em uma parte muito solitária das florestas, um Brahmana e sua mulher tendo prazer um com o outro. Alarmados ao verem o monarca os dois fugiram, com seu desejo insatisfeito. Perseguindo o par que fugia, o rei agarrou o Brahmana à força. Então a Brahmani, vendo seu marido capturado, endereçou-se ao monarca, dizendo, 'Escute ao que eu digo, ó monarca de votos excelentes! É conhecido no mundo inteiro que tu és nascido em uma linhagem solar, e que tu és sempre vigilante na prática da moralidade e dedicado ao serviço a teus superiores. Não cabe a ti cometer um pecado, ó irreprimível, embora privado da tua razão pela maldição (do Rishi). Minha época (fértil) veio, e desejosa da companhia de meu marido eu estava me unindo a ele. Eu ainda não estou satisfeita. Seja bondoso para conosco, ó tu melhor dos reis! Liberte meu marido.' O monarca, no entanto, sem escutar seus gritos cruelmente devorou seu marido como um tigre devorando sua presa desejável. Possuída pela fúria ao ver aquilo, as lágrimas que aquela mulher derramou arderam como fogo e consumiram tudo naquele lugar. Aflita pela calamidade que alcançou seu marido, a Brahmani com raiva amaldiçoou o sábio real Kalmashapada, 'Vil desgraçado, como tu hoje cruelmente devoraste sob meu próprio nariz meu ilustre marido querido para mim, ainda antes dos meus desejos estarem satisfeitos, portanto tu, ó perverso, afligido pela minha maldição, encontrarás a morte no instante em que te relacionares com tua mulher na época dela. E tua mulher, ó desgraçado, dará à luz a um filho unido-se com aquele Rishi Vasishtha cujos filhos foram devorados por ti. E aquela criança, ó pior dos reis, será o perpetuador da tua linhagem.' E amaldiçoando o monarca desta forma, aquela senhora da casa de Angira possuidora de todas as marcas propícias entrou no fogo ardente à vista do monarca. E, ó opressor de todos os inimigos, o ilustre e exaltado Vasishtha por seu poder ascético e discernimento espiritual imediatamente soube de tudo aquilo. E muito tempo depois disto, quando o rei ficou livre da sua maldição, ele se aproximou de sua mulher Madayanati quando a época dela chegou. Mas Madayanati suavemente o afastou. Sob a influência da paixão o monarca não recordou daquela maldição. Ouvindo, no entanto, as palavras de sua mulher, o melhor dos reis ficou terrivelmente alarmado. E lembrando da maldição ele se arrependeu amargamente do que tinha feito. Foi por esta razão, ó tu melhor dos homens, que o monarca contagiado pela maldição da Brahmani nomeou Vasishtha para gerar um filho em sua rainha.'

## 185

(Continuação do Chaitraratha Parva)

Arjuna perguntou, 'Ó Gandharva, tu és conhecedor de tudo. Diga-nos, portanto, qual Brahmana conhecedor dos Vedas seria digno de ser nomeado nosso sacerdote.'

O Gandharva respondeu, 'Há nestas florestas um santuário de nome Utkochaka. Dhaumya, o irmão mais novo de Devala lá está dedicado à penitências ascéticas. O nomeiem, se desejarem, seu sacerdote.'

Vaisampayana disse, 'Então Arjuna, muito satisfeito com tudo o que tinha acontecido, deu àquele Gandharva sua arma de fogo com as cerimônias apropriadas. E endereçando-se a ele, o Pandava também disse, 'Ó tu melhor dos Gandharvas, que os cavalos que tu nos deste permaneçam contigo por algum tempo. Quando a ocasião vier nós os pegaremos de ti. Abençoado sejas.' Então o Gandharva e os Pandavas respeitosamente saudaram uns aos outros e deixaram as margens encantadoras do Bhagirathi e foram para onde desejaram. Então, ó Bharata, os Pandavas foram para Utkochaka, o retiro sagrado de Dhaumya e instalaram Dhaumya como seu sacerdote. E Dhaumya, o principal de todos os conhecedores dos Vedas, recebendo-os com presentes de frutas selvagens e raízes (comestíveis), concordou em se tornar seu sacerdote. E os Pandavas com sua mãe formando o sexto membro do grupo, tendo obtido aquele Brahmana como seu sacerdote consideraram sua soberania e reino como já recuperados e a filha do rei Panchala como já obtida no Swayamavara. E aqueles touros da raça Bharata, tendo obtido o mestre Dhaumya como seu sacerdote, também se consideraram colocados sob um poderoso protetor. E Dhaumya de grande alma, conhecedor do verdadeiro significado dos Vedas e de todas as regras de moralidade, se tornando o preceptor espiritual dos Pandavas virtuosos, fez deles seus Yajamanas (discípulos espirituais). E aquele Brahmana, vendo aqueles heróis dotados de inteligência e força e perseverança como os celestiais, considerou-os como já restaurados, em virtude das suas próprias realizações, à sua soberania e reino. Então aqueles reis de homens, tendo tido as bênçãos proferidas sobre si por aquele Brahmana, resolveram ir, acompanhados por ele, ao Swayamvara da princesa de Panchala.'

## 186

(Swayamvara Parva)

Vaisampayana disse, 'Então aqueles tigres entre os homens, aqueles irmãos, os cinco Pandavas, foram para Panchala para ver aquele país e Draupadi e as festas (em vista de seu casamento). E aqueles tigres entre os homens, aqueles opressores de todos os inimigos, indo junto com sua mãe, viram no caminho

numerosos Brahmanas procedendo juntos. E aqueles Brahmanas que eram todos Brahmacharis, vendo os Pandavas, ó rei, perguntaram a eles, 'Onde vocês estão indo? De onde também vocês vêm?' E Yudhishtira respondeu a eles, dizendo, 'Ó touros entre Brahmanas, saibam que nós somos irmãos procedendo junto com nossa mãe. Nós estamos vindo de Ekachakra.' Os Brahmanas então disseram, 'Vão neste mesmo dia à residência de Drupada no país dos Panchalas. Um grande Swayamvara ocorrerá lá, no qual uma grande soma de dinheiro será gasta. Nós também estamos indo para lá. Vamos todos juntos. Festas extraordinárias se realizarão (na residência de Drupada). O ilustre Yajnasena, também chamado de Drupada, tem uma filha que surgiu do centro do altar sacrificial. De olhos como pétalas de lótus e feições impecáveis e dotada com juventude e inteligência, ela é extremamente bela. E Draupadi de cintura esbelta e aspecto perfeitamente impecável, e que emite do corpo uma fragrância como a do lótus azul por duas milhas completas em volta de si, é a irmã de Dhrishtadyumna de braços fortes dotado de bravura, o (futuro) matador de Drona, que nasceu com uma armadura natural e espada e arco e flechas do fogo ardente, ele mesmo como um segundo Fogo. E a filha de Yajnasena escolherá um marido dentre os príncipes convidados. E nós estamos indo lá para ver a ela e as festas da ocasião, semelhantes às festas do céu. E àquele Swayamvara virão de várias terras reis e príncipes que são realizadores de sacrifícios nos quais os presentes aos Brahmanas são grandiosos, que são devotados ao estudo, são santos, ilustres, e de votos rígidos; que são jovens e bonitos; e que são poderosos guerreiros em carros e educados em armas. Desejosos de ganhar (a mão da) moça aqueles monarcas todos darão de graça muita riqueza e vacas e comida e outros artigos de lazer. E recebendo tudo o que eles derem e testemunhando o Swayamvara, e desfrutando das festas, nós iremos a qualquer lugar que quisermos. E também vão àquele Swayamvara, de vários países, atores, e bardos cantores das glórias dos reis, e dançarinos, e narradores de Puranas, e arautos, e atletas poderosos. E vendo tudo isto e pegando o que será dado de graça pelos ilustres, vocês retornarão conosco. Vocês todos são belos e como os celestiais! Vendo vocês, Krishna pode, por acaso, escolher algum entre vocês superior ao resto. Este teu irmão de braços poderosos e vistoso e dotado de beleza também, dedicado a (vigorosos) combates, poderia, por acaso, ganhar grande riqueza.'

Ouvindo essas palavras dos Brahmanas, Yudhishtira respondeu, 'Ó Brahmanas, nós todos acompanharemos vocês para testemunhar o Swayamvara daquela moça, aquela excelente comemoração.'

## 187

(Continuação do Swayamvara Parva)

Vaisampayana disse, 'Assim endereçados pelos Brahmanas, os Pandavas, ó Janamejaya, procederam em direção ao país dos Panchalas do sul governado

pelo rei Drupada. E em seu caminho aqueles heróis viram Dwaipayana, aquele ilustre Muni de alma pura, e perfeitamente impecável. E saudando devidamente o Rishi e sendo saudados por ele, depois que sua conversação havia acabado, mandados por ele eles procederam para a residência de Drupada. E aqueles poderosos combatentes em carruagens prosseguiram em passos lentos, ficando por algum tempo em belas florestas com lindos lagos que eles viram em seu caminho. Dedicados ao estudo, puros em suas práticas, amáveis, e de fala gentil, os Pandavas finalmente entraram no país dos Panchalas. E vendo a capital, como também o castelo, eles se hospedaram na casa de um oleiro. Adotando a ocupação Brahmânica, eles começaram a levar uma vida de mendicantes. E nenhum homem reconheceu aqueles heróis durante sua permanência na capital de Drupada.

Yajnasena sempre teve o desejo de entregar sua filha para Kiriti (Arjuna), o filho de Pandu. Mas ele nunca falou disto a ninguém. E, ó Janamejaya, o rei de Panchala, pensando em Arjuna, fez com que fosse feito um arco muito rígido que fosse incapaz de ser curvado por alguém exceto Arjuna. Fazendo um mecanismo ser construído no céu, o rei fixou um alvo anexado àquele mecanismo. E Drupada disse, 'Aquele que encordoar este arco e com estas flechas bem enfeitadas acertar a marca acima da máquina obterá minha filha.'

Vaisampayana continuou, 'Com estas palavras o rei Drupada proclamou o Swayamvara. Ao ouvi-las, ó Bharata, os reis de outras terras foram para sua capital. E lá foram também muitos Rishis ilustres desejosos de assistir o Swayamvara. E foram lá também, ó rei, Duryodhana e os Kurus acompanhados por Kama. E também muitos Brahmanas superiores de todos os países. E os monarcas que chegaram foram todos recebidos com reverência pelo ilustre Drupada. Desejosos de ver o Swayamvara, os cidadãos, ruidosos como o mar, todos tomaram seus assentos em plataformas que foram construídas ao redor do anfiteatro. O monarca entrou no anfiteatro pelo portão nordeste. E o próprio anfiteatro que tinha sido construído em uma planície propícia e nivelada ao nordeste da capital de Drupada era cercado por belas mansões. E ele era cercado por todos os lados com paredes altas e um fosso com portas arqueadas cá e acolá. O anfiteatro vasto era também sombreado por um dossel de várias cores. E ressoando com as notas de milhares de trombetas, ele era perfumado com aloés negro, borrifado por toda a parte com água misturada com pasta de sândalo e enfeitado com guirlandas de flores. Ele estava cercado por mansões altas perfeitamente brancas e parecidas com os topos de Kailasa tocados pelas nuvens. As janelas daquelas mansões eram cobertas com redes trabalhadas em ouro; as paredes eram adornadas com diamantes e tapetes e tecidos caros e preciosos. Todas aquelas mansões enfeitadas com coroas e guirlandas de flores e fragrantes com excelentes aloés, eram todas brancas e sem mancha, como os pescoços dos cisnes. E a fragrância delas podia ser percebida da distância de um yojana (oito milhas). E cada uma delas era equipada com cem portas largas o suficiente para admitir uma multidão de pessoas; elas eram adornadas com camas e tapetes caros, e embelezadas com vários metais; elas pareciam com os cumes de Himavat. E naquelas sete casas célebres de vários tamanhos moravam os

monarcas convidados por Drupada, cujos corpos estavam enfeitados com todos os ornamentos e que estavam possuídos pelo desejo de sobrepujar uns aos outros. E os habitantes da cidade e do país que tinham chegado para ver Krishna e tomar seus lugares nas excelentes plataformas construídas, viram dentro daquelas mansões aqueles leões entre os reis que eram todos dotados da energia de grandes almas. E todos aqueles exaltados soberanos estavam enfeitados com a pasta fragrante do aloé negro. De grande generosidade, eles eram todos devotados a Brahma e protegiam seus reinos contra todos os inimigos. E por todos os seus bons feitos eles eram amados por todo mundo.

Os Pandavas, também, entrando naquele anfiteatro, sentaram com os Brahmanas e contemplaram a riqueza inigualável do rei dos Panchalas. E aquela multidão de príncipes, Brahmanas, e outros, parecendo alegres ao verem o desempenho de atores e dançarinos (grandes presentes de todos os tipo de riqueza eram feitos constantemente), começou a aumentar dia a dia. E isto durou, ó rei, vários dias, até que quando o décimo sexto dia estava completo, a filha de Drupada, ó touro da raça Bharata, tendo se purificado entrou no anfiteatro, ricamente vestida e enfeitada com todos os ornamentos e levando em sua mão um prato de ouro (onde estavam as oferendas usuais de Arghya) e uma guirlanda de flores. Então o sacerdote da raça lunar, um santo Brahmana conhecedor de todos os mantras, acendeu o fogo sacrificial e despejou nele libações de manteiga clarificada com os devidos ritos. E agradando Agni por meio daquelas libações e fazendo os Brahmanas proferirem a fórmula auspiciosa de bênçãos, parou os instrumentos musicais que estavam tocando ao redor. E quando aquele vasto anfiteatro, ó monarca, ficou totalmente silencioso, Dhrishtadyumna possuidor de uma voz profunda como o som do timbale ou das nuvens, segurando o braço de sua irmã, levantou-se no meio daquela multidão e disse, com uma voz alta e profunda como o rugido das nuvens, estas agradáveis palavras de grande importância: 'Ouçam ó reis reunidos, este é o arco, aquele é o alvo, e estas são as flechas. Acertem a marca através do orifício da máquina com estas cinco flechas afiadas. Realmente eu digo que aquele possuidor de linhagem, beleza pessoal e força que realizar esta grandiosa façanha obterá hoje esta minha irmã, Krishna, como sua esposa.' Tendo assim falado aos monarcas reunidos o filho de Drupada então se dirigiu à sua irmã, recitando para ela os nomes e linhagens e realizações daqueles senhores da terra reunidos.'

## 188

(Continuação do Swayamvara Parva)

Dhrishtadyumna disse, 'Duryodhana, Durvisaha, Durmukha e Dushpradharshana, Vivinsati, Vikarna, Saha, e Duhsasana; Yuyutsu e Vayuvega e Bhimavegarava; Ugrayudha, Valaki, Kanakayu, e Virochana, Sukundala, Chitrasena, Suvarcha, e Kanakadhawaja; Nandaka, e Vahusali, e Tuhunda, e Vikata; estes, ó irmã, e muitos outros poderosos filhos de Dhritarashtra, todos

heróis, acompanhados por Karna, vieram para obter tua mão. Outros inumeráveis monarcas ilustres, todos touros entre os Kshatriyas, também vieram por ti. Sakuni, Sauvala, Vrisaka, e Vrihadvala, estes filhos do rei Gandhara, também vieram. Principais dentre todos os manejadores de armas, os ilustres Aswatthaman e Bhoja, enfeitados com todos os ornamentos também vieram por ti. Vrihanta, Manimana, Dandadhara, Sahadeva, Jayatsena, Meghasandhi, Virata com seus dois filhos Sankha e Uttara, Vardhakshemi, Susarma, Senavindu, Suketu com seus dois filhos Sunama e Suvarcha, Suchitra, Sukumara, Vrika, Satyadhriti, Suryadhwaaja, Rochamana, Nila, Chitrayudha, Agsuman, Chekitana, o poderoso Sreniman, Chandrasena, o filho poderoso de Samudrasena, Jarasandha, Vidanda, e Danda, o pai e filho, Paundraka, Vasudeva, Bhagadatta dotado de grande energia, Kalinga, Tamralipta, o rei de Pattana, o poderoso guerreiro em carro Salya, o rei de Madra, com seu filho, o heróico Rukmangada, Rukmaratha, Somadatta da linhagem Kuru com seus três filhos, todos poderosos combatentes em carruagens e heróis, Bhuri, Bhurisrava, e Sala, Sudakshina, Kamvoja da linha Puru, Vrihadvala, Sushena, Sivi, o filho de Usinara, Patcharanihanta, o rei de Karusha, Sankarshana (Valadeva), Vasudeva (Krishna) o filho poderoso de Rukmini, Samva, Charudeshna, o filho de Pradyumna com Gada, Akrura, Satyaki, Uddhava de grande alma, Kritavarman, o filho de Hridika, Prithu, Viprithu, Viduratha, Kanka, Sanku com Gaveshana, Asavaha, Aniruddha, Samika, Sarimejaya, o heróico Vatapi Jhilli Pindaraka, o poderoso Usinara, todos estes da linhagem Vrishni, Bhagiratha, Vrihatkshatra, Jayadratha, o filho de Sindhu, Vrihadratha, Valhika, o poderoso quadrigário Srutayu, Uluka, Kaitava, Chitrangada e Suvangada, o altamente inteligente Vatsaraja, o rei de Kosala, Sisupala e o poderoso Jarasandha, estes e muitos outros reis, todos grandes Kshatriyas célebres por todo o mundo, vieram, ó afortunada, por ti. Dotados de destreza, eles atirarão no alvo. E tu deverás escolher para teu marido aquele entre eles que atingir o alvo.'

## 189

(Continuação do Swayamvara Parva)

Vaisampayana disse, 'Então aqueles vigorosos príncipes enfeitados com brincos, competindo entre si e cada um se considerando talentoso com armas e dotado de poder, ergueram-se brandindo suas armas. E embriagados com orgulho de beleza, destreza, linhagem, conhecimento, riqueza, e juventude, eles eram como elefantes Himalayan na época do cio, com suas coroas partidas por excesso de suco temporal. E olhando uns aos outros com ciúmes e influenciados pelo deus do desejo, eles levantaram de repente de seus assentos reais, exclamando 'Krishna será minha!' E os Kshatriyas reunidos naquele anfiteatro, cada um desejoso de ganhar a filha de Drupada, pareciam com os celestiais (antigamente) ao redor de Uma, a filha do rei das montanhas. Afligidos pelas flechas do deus do arco florido e com os corações completamente perdidos na contemplação de Krishna, aqueles príncipes desceram ao anfiteatro para ganhar a donzela

Panchala e começaram a ter ciúmes até dos seus melhores amigos. E lá foram também os celestiais em seus carros, com os Rudras e os Adityas, os Vasus e os gêmeos Aswins, os Swadhas e todos os Marutas, e Kuvera com Yama andando adiante. E lá foram também os Daityas e os Suparnas, os grandes Nagas e os Rishis celestes, os Guhyakas e os Charanas e Viswavasus e Narada e Parvata, e os principais Gandharvas com Apsaras. E Halayudha (Valadeva) e Janardana (Krishna) e os chefes das tribos Vrishni, Andhaka, e Yadava que obedeciam a liderança de Krishna estavam lá também, observando a cena. E vendo aqueles elefantes no cio, os cinco (Pandavas), atraídos por Draupadi como poderosos elefantes por um lago coberto com lotos, ou como fogo coberto com cinzas, Krishna, o principal dos heróis Yadu começou a refletir. E ele disse para Rama (Valadeva): 'Aquele é Yudhishtira; aquele é Bhima com Jishnu (Arjuna); e aqueles são os heróis gêmeos.' E Rama examinando-os lentamente lançou um olhar de satisfação para Krishna. Mordendo seus lábios inferiores em fúria, os outros heróis, filhos e netos de reis, com seus olhos e corações e pensamentos fixos em Krishna, olhavam com olhos arregalados somente para Draupadi, sem reparar nos Pandavas. E os filhos de Pritha também, de braços poderosos, e os heróis gêmeos ilustres, contemplando Draupadi, foram todos igualmente atingidos pelas flechas de Kama. E com o local apinhado com Rishis celestiais e Gandharvas e Suparnas e Nagas e Asuras e Siddhas, e cheio de perfumes celestes e com flores celestes espalhadas, e ressoando com os timbales e o zumbido profundo de vozes infinitas, e ecoando com a música suave da flauta, do Vina, e do tambor, os carros dos celestiais mal podiam achar uma passagem pelo firmamento. Então aqueles príncipes, Karna, Duryodhana, Salwa, Salya, Aswatthaman, Kratha, Sunitha, Vakra, o soberano de Kalinga e Banga, Pandya, Paundra, o soberano de Videha, o chefe dos Yavanas, e muitos outros filhos e netos de reis, soberanos de territórios com olhos como pétalas de lótus, um depois do outro começaram a exhibir sua destreza para (ganhar) aquela moça de beleza sem igual. Enfeitados com coroas, guirlandas, pulseiras e outros ornamentos, dotados de braços poderosos, possuidores de coragem e vigor e rebentando com força e energia, aqueles príncipes não podiam, nem mesmo em imaginação, curvar aquele arco de rigidez extraordinária.

E (alguns entre) aqueles reis ao tentarem com os lábios distendidos, cada um segundo sua força, educação, habilidade, e energia, encordoar aquele arco, eram atirados ao chão e ficavam perfeitamente imóveis por algum tempo. Com sua força esgotada e suas coroas e guirlandas soltas de seus corpos, eles começaram a arquejar para respirar, e sua ambição de ganhar aquela moça formosa esfriou. Jogados por aquele arco rijo, e suas guirlandas e pulseiras e outros ornamentos desordenados, eles começaram a proferir exclamações de angústia. E aquele grupo de monarcas, sem mais esperança de obter Krishna, parecia triste e pesaroso. E vendo a situação daquele monarcas, Karna, aquele principal de todos os manejadores de arcos foi para onde o arco estava, e rapidamente erguendo-o e encordoando-o colocou as flechas na corda. E vendo o filho de Surya, Karna, da classe Suta, como o fogo, ou Soma, ou o próprio Surya, decidido a acertar o alvo, aqueles principais dos arqueiros, os filhos de Pandu, consideraram o alvo como já atingido e derrubado sobre a terra. Mas vendo Karna Draupadi falou

ruidosamente, 'Eu não escolherei um Suta como meu marido.' Então Karna, dando risada em vexação e lançando um olhar para o Sol, jogou de lado o arco já curvado a um círculo.

Então quando todos os Kshatriyas desistiram da tarefa, o heróico rei dos Chedis, poderoso como o próprio Yama (Plutão) o ilustre e resoluto Sisupala, o filho de Damaghosa, se esforçando para encordoar o arco, caiu sobre seus joelhos no chão. Então o rei Jarasandha dotado de grande força e poderes, se aproximando do arco ficou ali por um momento, fixo e imóvel como uma montanha. Atirado pelo arco, ele também caiu sobre seus joelhos no chão, e erguendo-se, o monarca deixou o anfiteatro (retornando) para seu reino. Então o grande herói Salya, o rei de Madra, dotado de grande força, ao se esforçar para curvar o arco foi lançado sobre seus joelhos no chão. Finalmente quando naquele grupo de pessoas altamente respeitáveis todos os monarcas tinham virado assunto de conversas zombeteiras, aquele principal dos heróis, Jishnu, o filho de Kunti, desejou encordoar o arco e colocar as flechas na corda.'

## 190

(Continuação do Swayamvara Parva)

Vaisampayana continuou, 'Quando todos os monarcas tinham desistido de encordoar o arco, Jishnu de grande alma ergueu-se dentre a multidão de Brahmanas sentados naquela reunião. E vendo Partha, possuidor da cor do estandarte de Indra, avançando em direção ao arco, os principais Brahmanas agitando suas peles de veado ergueram um alto clamor. E enquanto alguns estavam desagradados havia outros que estavam satisfeitos. E alguns que lá estavam, possuidores de inteligência e precaução, endereçando-se uns aos outros disseram, 'Ó Brahmanas, como pode um Brahmana, moço e inexperiente com armas e sem força (física), encordoar aquele arco que tão célebres Kshatriyas como Salya e outros dotados com poder e educados na ciência e prática de armas não conseguiram? Se ele não alcançar sucesso nesta tarefa não experimentada que ele vai tentar realizar por um espírito de inconstância infantil, o grupo inteiro de Brahmanas que aqui está fará um papel ridículo aos olhos dos monarcas reunidos. Portanto, proibamos este Brahmana para que ele não tente encordoar o arco, o que ele está desejoso de fazer por vaidade, atrevimento infantil, ou mera inconstância.' Outros responderam, 'Nós não seremos ridicularizados, nem nos exporemos ao desrespeito de alguém ou ao desgosto dos soberanos.' Alguns comentaram, 'Este belo jovem é mesmo como a tromba de um poderoso elefante, cujos ombros e braços e coxas são tão robustos, que em paciência parece com o Himavat, cujo modo de andar é como o do leão, e cuja bravura parece com a de um elefante no cio, e que está tão resoluto, que é provável que ele consiga realizar esta façanha. Ele tem força e resolução. Se ele não tivesse, ele nunca iria lá por vontade própria. Além disso, não há nada nos três mundos que Brahmanas de todos os homens mortais não possam realizar. Se abstendo de toda a comida

ou vivendo só do ar ou comendo frutas, perseverando em seus votos, e emaciados e fracos, Brahmanas são sempre fortes em sua própria energia. Ninguém deve desrespeitar um Brahmana sejam seus atos certos ou errados, considerando-o incapaz de realizar qualquer tarefa grande ou pequena, repleta de felicidade ou dor. Rama, o filho de Jamadagni, derrotou em batalha todos os Kshatriyas. Agastya, por sua energia Brahma, bebeu de um só gole o oceano insondável. Portanto, nós dizemos, 'Que este jovem curve o arco e o encordeie com facilidade' (e muitos disseram), 'Assim seja.' E os Brahmanas continuaram a falar entre si estas e outras palavras. Então Arjuna se aproximou do arco e ficou lá como uma montanha. E andando ao redor do arco, e curvando a cabeça àquele dador de bênçãos, o senhor Isana, e lembrando de Krishna também, ele o pegou. E aquele arco que Rukma, Sunitha, Vakra, o filho de Radha, Duryodhana, Salya, e muitos outros reis talentosos na ciência e prática de armas não puderam encordoar nem com um grande esforço, Arjuna, o filho de Indra, aquela principal de todas as pessoas dotadas de energia e como o irmão mais novo de Indra (Vishnu) em poder, encordoou em um piscar de olhos. E pegando as cinco flechas ele acertou o alvo e o fez cair no chão pelo buraco na máquina acima da qual ele tinha sido colocado. Então ergueu-se um grande tumulto no firmamento, e o anfiteatro também ressoou com um clamor alto. E os deuses despejaram flores celestes sobre a cabeça de Partha, o matador de inimigos. E milhares de Brahmanas começaram a agitar suas peças de roupas superiores em alegria. E por toda parte os monarcas que tinham sido mal sucedidos proferiram exclamações de aflição e desespero. Flores choviam dos céus por todo o anfiteatro e os músicos começaram a tocar. Bardos e arautos começaram a cantar em tons suaves os louvores (do herói que realizou a façanha). E observando Arjuna, Drupada, aquele destruidor de inimigos, estava cheio de alegria. E o monarca desejou ajudar com seus exércitos o herói se a ocasião surgisse. E quando o tumulto estava em seu apogeu, Yudhishtira, o principal de todos os homens virtuosos, acompanhado por aqueles principais dos homens, os gêmeos, deixou rapidamente o anfiteatro para voltar para sua casa temporária. E Krishna vendo o alvo atingido e também Partha que era como o próprio Indra, que tinha acertado o alvo, estava cheia de alegria, e se aproximou do filho de Kunti com um manto branco e uma guirlanda de flores. E Arjuna, o realizador de façanhas inconcebíveis, tendo ganhado Draupadi por seu sucesso no anfiteatro, foi saudado com reverência por todos os Brahmanas. E logo depois ele deixou a arena do torneio seguido de perto por ela que desta maneira se tornou sua esposa.'

## 191

(Continuação do Swayamvara Parva)

Vaisampayana disse, 'Quando o rei (Drupada) expressou seu desejo de entregar sua filha àquele Brahmana (que tinha acertado o alvo), todos aqueles monarcas que tinham sido convidados para o Swayamvara, olhando uns para os

outros, ficaram de repente cheios de raiva. E eles disseram, 'Preterindo-nos e tratando os monarcas reunidos como palha este Drupada deseja dar sua filha, aquela principal das mulheres, para um Brahmana! Tendo plantado a árvore ele a corta quando ela está para dar frutos. O patife não nos respeita, portanto vamos matá-lo. Ele não merece nosso respeito nem a veneração devida à idade. Devido a tais qualidades dele, nós, portanto, mataremos este canalha que insultou todos os reis, junto com seu filho. Convidando todos os monarcas e os entretendo com comida excelente, ele por fim nos desrespeitou. Nesta reunião de monarcas como um conclave de celestiais, ele não vê um único monarca igual a ele mesmo? A declaração Védica bem conhecida diz que Swayamvaras são para os Kshatriyas. Os Brahmanas não têm direito a participar de uma seleção de marido por uma donzela Kshatriya. Ou, ó reis, se esta donzela não deseja escolher nenhum de nós para ser seu marido, que nós a lancemos ao fogo e voltemos para nossos reinos. A respeito deste Brahmana, embora ele tenha, por intromissão ou avareza, feito este insulto aos monarcas, ele mesmo assim não deve ser morto; pois nossos reinos, vidas, tesouros, filhos, netos, e quaisquer outras riquezas que temos, tudo existe para os Brahmanas. Mas algo deve ser feito aqui (mesmo a ele), para que por medo da desgraça e o desejo de manter o que devidamente pertence a cada classe, outros Swayamvaras não possam acabar desta maneira.'

Tendo se endereçado uns aos outros dessa maneira, aqueles tigres entre os monarcas dotados com braços como bastões de ferro com pregos, ergueram suas armas e se precipitaram sobre Drupada para matá-lo imediatamente. E Drupada vendo aqueles monarcas todos de uma vez de repente avançando em sua direção com raiva e com arcos e flechas, procurou, por medo, a proteção dos Brahmanas. Mas aqueles poderosos arqueiros (Bhima e Arjuna) dos Pandavas, capazes de castigar todos os inimigos, avançaram para se opor àqueles monarcas que vinham em direção a eles impetuosamente como elefantes na época do cio. Então os monarcas com mãos enluvadas e armas erguidas se apressaram com raiva sobre os príncipes Kuru, Bhima e Arjuna, para matá-los. Então o poderoso Bhima de realizações extraordinárias, dotado da força do trovão, arrancou como um elefante uma árvore grande e a despiu de suas folhas. E com aquela árvore, Bhima de braços fortes, o filho de Pritha, aquele triturador de inimigos, ficou parado, como o rei dos mortos manejador da maça (Yama), armado com sua maça aterradora, perto de Arjuna, aquele touro entre homens. E vendo aquela façanha de seu irmão, Jishnu, de inteligência extraordinária, ele mesmo também de feitos inconcebíveis, ficou admirado. E igual ao próprio Indra em realizações, sacudindo de si todo o medo ele ficou com seu arco pronto para receber aqueles atacantes. E observando aquelas façanhas de Jishnu e seu irmão, Damodara (Krishna) de inteligência sobre-humana e façanhas inconcebíveis, endereçando-se a seu irmão, Halayudha (Valadeva) de energia feroz, disse, 'Aquele herói lá, com o andar parecido com o de um leão poderoso, que sacou o arco grande em sua mão, de quatro cúbitos completos de comprimento, é Arjuna! Não há dúvida, ó Sankarshana, acerca disto, se eu sou Vasudeva. Aquele outro herói que arrancou rapidamente a árvore e ficou preparado para rechaçar os monarcas é Vrikodara! Pois ninguém no mundo, exceto Vrikodara, poderia hoje realizar tal façanha no campo de batalha. E aquele outro jovem de olhos pétalas de lótus, de quatro

cúbitos completos de altura, e de modo de andar como o de um leão poderoso, e ao mesmo tempo humilde, de aparência formosa e nariz proeminente e brilhante, que tinha, um pouco antes, deixado o anfiteatro, é o filho de Dharma (Yudhishthira). Os outros dois jovens, como Kartikeya, são, eu suspeito, os filhos dos gêmeos Aswins. Eu soube que todos os filhos de Pandu junto com sua mãe Pritha escaparam do incêndio da casa de laca.' Então Halayudha de cor como a das nuvens descarregadas de chuva, endereçando-se a seu irmão mais novo (Krishna), disse com grande satisfação, 'Ó, eu estou feliz em saber, como eu fico por pura boa fortuna, que a irmã do nosso pai, Pritha, com todos os principais dos príncipes Kaurava escaparam (da morte)!'

## 192

(Continuação do Swayamvara Parva)

Vaisampayana disse, 'Então aqueles touros entre os Brahmanas sacudiram suas peles de veado e recipientes de água feitos de cascas de coco exclamando, 'Não temam, nós lutaremos com o inimigo!' Arjuna sorridente endereçou-se àqueles Brahmanas exclamando, 'Fiquem de lado como espectadores (do combate). Despejando centenas de flechas equipadas de pontas retas eu controlarei, como cobras com mantras, todos aqueles monarcas enfurecidos.' Tendo dito isto, o poderoso Arjuna, pegando o arco que tinha obtido como dote e acompanhado por seu irmão Bhima ficou imóvel como uma montanha. E vendo aqueles Kshatriyas que eram sempre violentos em batalha com Karna adiante, os irmãos heróicos avançaram destemidamente sobre eles como dois elefantes avançando contra um elefante hostil. Então aqueles monarcas ávidos pela batalha ferozmente exclamaram, 'O massacre em batalha de alguém que deseja lutar é permitido.' E assim dizendo os monarcas avançaram subitamente contra os Brahmanas. E Karna dotado de grande energia avançou contra Jishnu para lutar. E Salya, o rei poderoso de Madra se apressou contra Bhima como um elefante avançando em fúria contra outro por uma elefante fêmea; enquanto Duryodhana e outros envolveram-se em combate com os Brahmanas, lutando com eles levemente e despreocupadamente. Então o ilustre Arjuna vendo Karna, o filho de Vikartana (Surya), avançando em sua direção, puxou seu arco rijo e o perfurou com suas setas afiadas. E o ímpeto daquelas setas afiadas equipadas com energia violenta fez Radheya (Karna) desmaiar. Recuperando a consciência Karna atacou Arjuna com maior cuidado do que antes. Então Karna e Arjuna, ambos principais dos guerreiros vitoriosos, desejosos de vencer um ao outro, lutaram loucamente. E tal era a leveza de mão que ambos demonstraram (cada um envolvido por uma chuva de setas do outro) que eles se tornaram invisíveis (aos espectadores de seu combate). 'Veja a força dos meus braços.' 'Observe como eu neutralizei esta tua façanha,' estas eram as palavras, inteligíveis somente para os heróis, nas qual eles se endereçaram um ao outro. E enraivecido achando que a força e energia dos braços de Arjuna era inigualável sobre a terra, Karna, o filho de Surya, lutou com grande energia. E aparando todas as flechas impetuosas

atiradas nele por Arjuna, Karna proferiu um grito alto. E este feito dele foi aplaudido por todos os guerreiros. Então endereçando-se a seu adversário Karna disse, 'Ó principal dos Brahmanas, eu estou satisfeito em observar a energia dos teus braços que não conhecem descanso em batalha e tuas próprias armas adequadas para alcançar a vitória. Tu és a encarnação da ciência de armas, ou tu és Rama, aquele melhor dos Brahmanas, ou o próprio Indra, ou o irmão mais novo de Indra, Vishnu, chamado também de Achyuta, que se disfarçando assumiu a forma de um Brahmana e reunindo tal energia de braços agora luta comigo? Nenhuma outra pessoa exceto o próprio marido de Sachi ou Kiriti, o filho de Pandu, é capaz de lutar comigo quando eu estou zangado sobre o campo de batalha.' Então ouvindo aquelas palavras dele, Phalguna respondeu, dizendo, 'Ó Karna, eu não sou nem a ciência de armas (personificada), nem Rama dotado de poderes sobre humanos. Eu sou somente um Brahmana que é o principal de todos os guerreiros e de todos os manejadores de armas. Pela graça do meu preceptor eu me tornei talentoso no uso das armas Brahma e Paurandara. Eu estou aqui para te vencer em batalha. Portanto, ó herói, espere um pouco.'

Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado (por Arjuna), Karna, o filho adotivo de Radha, desistiu da luta, porque aquele poderoso combatente em carruagem achava que a energia de Brahma era sempre invencível. Enquanto isso em outra parte do campo os heróis poderosos Salya e Vrikodara, bem hábeis em batalha e possuidores de grande força e competência, desafiando um ao outro, envolveram-se em batalha como dois elefantes no cio. E eles golpeavam um ao outro com seus punhos cerrados e joelhos. E às vezes empurrando o outro para a frente e às vezes arrastando um ao outro, às vezes jogando o outro no chão com o rosto para baixo, e às vezes para os lados, eles lutaram, batendo um no outro com seus punhos apertados. E combatendo com golpes duros como o choque de duas massas de granito, a arena ressoava com os sons de seu combate. Lutando desta forma por poucos segundos, Bhima, o principal dos heróis Kuru pegou Salya em seus braços e o arremessou à distância. E Bhimasena, aquele touro entre os homens, surpreendeu a todos (pela bravura de seu feito) pois embora ele tenha jogado Salya no chão ele o fez sem machucá-lo muito. E quando Salya foi assim jogado e Karna foi tomado pelo medo, os outros monarcas ficaram todos alarmados. E eles cercaram Bhima rapidamente e exclamaram, 'Sem dúvida estes touros entre os Brahmanas são excelentes (guerreiros)! Apuremos em que linhagem eles nasceram e onde eles residem. Quem pode combater Karna, o filho de Radha, em luta, exceto Rama ou Drona, ou Kiriti, o filho de Pandu? Quem também pode combater Duryodhana em batalha exceto Krishna, o filho de Devaki, e Kripa, o filho de Saradwan? Quem também pode derrubar em batalha Salya, aquele principal dentre os guerreiros poderosos, exceto o herói Valadeva ou Vrikodara, o filho de Pandu, ou o heróico Duryodhana? Que nós, portanto, desistamos desta briga com os Brahmanas. De fato, Brahmanas, embora pecando, ainda devem sempre ser protegidos. E primeiro averiguemos quem eles são; para que depois disto nós possamos agradavelmente lutar com eles.'

Vaisampayana continuou, 'E Krishna, tendo visto aquela façanha de Bhima, acreditou que ambos eram os filhos de Kunti. E gentilmente endereçando-se aos

monarcas reunidos, dizendo, 'Esta donzela foi justamente conquistada (pelo Brahmana),' ele os induziu a abandonar a luta. Talentosos em batalha, aqueles monarcas então desistiram de lutar. E aqueles melhores dos monarcas então voltaram para seus respectivos reinos, muito admirados. E os que tinham ido lá foram embora dizendo: 'A cena festiva acabou com a vitória dos Brahmanas. A princesa de Panchala se tornou noiva de um Brahmana.' E cercados por Brahmanas vestidos em peles de veado e de outros animais selvagens, Bhima e Dhananjaya passaram com dificuldade para fora da multidão. E aqueles heróis entre os homens, mutilados pelos inimigos e seguidos por Krishna, ao saírem finalmente daquela multidão, pareciam com a lua cheia e o sol saindo das nuvens.

Enquanto isso Kunti, vendo que seus filhos estavam atrasados em voltar de sua ronda de mendicância, estava cheia de ansiedade. Ela começou a pensar em vários males que poderiam ter ocorrido com seus filhos. Uma vez ela pensou que os filhos de Dhritarashtra tendo reconhecido seus filhos os tinham matado. Em seguida ela temeu que alguns Rakshasas cruéis e fortes dotados com poderes de ilusão os tinham matado. E ela se perguntou, 'Poderia o próprio Vyasa ilustre, (que mandou meus filhos para Panchala) estar sendo guiado por uma inteligência perversa?' Assim refletiu Pritha por causa de seu afeto por seus filhos. Então na tranquilidade do fim de tarde, Jishnu, acompanhado por um grupo de Brahmanas, entrou na residência do ceramista, como o sol coberto pelas nuvens aparecendo em um dia nublado.'

## 193

(Continuação do Swayamvara Parva)

Vaisampayana disse, 'Então aqueles filhos ilustres de Pritha, ao voltarem para a residência do oleiro, se aproximaram de sua mãe. E aqueles principais dos homens mostraram Yajnaseni para sua mãe como as esmolas que tinham obtido naquele dia. E Kunti, que estava dentro do quarto e não viu seus filhos, respondeu dizendo, 'Desfrutem todos (do que obtiveram).' Um momento depois ela viu Krishna e então disse, 'Oh, o que foi que eu disse?' E ansiosa por medo de pecar, e refletindo como todos poderiam se livrar daquela situação, ela pegou a alegre Yajnaseni pela mão, se aproximou de Yudhishtira e disse, 'A filha do rei Yajnasena foi apresentada a mim por teus irmãos mais novos como as esmolas que eles obtiveram, e por ignorância, ó rei, eu disse o que era apropriado: 'Desfrutem todos do que foi obtido. Ó touro da raça Kuru, diga-me como minhas palavras podem não se tornarem inverídicas; como o pecado pode não tocar a filha do rei de Panchala, e como também ela possa não ficar apreensiva.'

Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado por sua mãe aquele herói entre os homens, aquele principal descendente da linhagem Kuru, o rei inteligente (Yudhishtira), refletindo por um momento, confortou Kunti, e endereçando-se a Dhananjaya, disse, 'Por ti, ó Phalguna, Yajnaseni foi ganha. É apropriado,

portanto, que tu cases com ela. Ó tu resistente a todos os inimigos, acendendo o fogo sagrado, aceite a mão dela com os ritos devidos.'

Arjuna ouvindo isso respondeu, 'Ó rei, não faça de mim um participante no pecado. Tua ordem não está de acordo com a virtude. Este é o caminho seguido pelos pecaminosos. Tu deves casar primeiro, então Bhima de braços fortes e façanhas inconcebíveis, então eu mesmo, então Nakula, e por último, Sahadeva dotado de grande presteza. Vrikodara e eu mesmo, e os gêmeos e esta moça também, todos esperamos, ó monarca, tuas ordens. Como tal é o estado das coisas, faça aquilo que depois de reflexão tu considerares apropriado, de acordo com a virtude, produtivo de fama, e benéfico para o rei de Panchala. Todos nós obedecemos a ti. Ó, comande-nos como quiseres.'

Vaisampayana continuou, 'Ouvindo estas palavras de Jishnu, tão cheias de respeito e afeto, os Pandavas todos olharam para a princesa de Panchala. E a princesa de Panchala também olhou para todos eles. E após olharem para a ilustre Krishna aqueles príncipes se entreolharam. E tomando seus assentos, eles começaram a pensar somente em Draupadi. De fato, depois que aqueles príncipes de energia imensurável tinham olhado para Draupadi, o deus do desejo invadiu seus corações e continuou a oprimir todos os seus sentidos. Como a beleza de Panchali, que tinha sido modelada pelo próprio Criador, era superior àquela de todas as outras mulheres sobre a terra, ela podia cativar o coração de todas as criaturas. E Yudhishtira, o filho de Kunti, vendo seus irmãos mais novos, compreendeu o que estava se passando em suas mentes. E aquele touro entre os homens imediatamente lembrou das palavras de Krishna-Dwaipayana. E o rei, então, por medo de uma divisão entre os irmãos, endereçando-se a todos eles, disse, 'A auspiciosa Draupadi será esposa em comum de todos nós.'

Vaisampayana continuou, 'Os filhos de Pandu, então, ouvindo aquelas palavras de seu irmão mais velho, começaram a revolvê-las em suas mentes com grande alegria. O herói da linhagem Vrishni (Krishna, suspeitando que as cinco pessoas que ele tinha visto no Swayamvara eram ninguém mais do que os heróis da linhagem Kuru), acompanhado pelo filho de Rohini (Valadeva), chegou à casa do oleiro onde aqueles principais dos homens tinham se hospedado. Ao chegarem lá, Krishna e Valadeva viram sentados na casa do oleiro Ajatatanu (Yudhishtira) de braços bem desenvolvidos e longos, e seus irmãos mais jovens superando o esplendor do fogo sentados em volta dele. Então Vasudeva se aproximando daqueles principais dos homens, os virtuosos filhos de Kunti, e tocando os pés daquele príncipe da raça Ajamida, disse, 'Eu sou Krishna.' E o filho de Rohini (Valadeva) também se aproximando de Yudhishtira, fez o mesmo. E os Pandavas, vendo Krishna e Valadeva, começaram a expressar grande alegria. E, ó tu principal da linhagem Bharata, aqueles heróis da linhagem Yadu depois disso tocaram também os pés de Kunti, a irmã de seu pai. E Ajatasatru, o principal da linha Kuru, observando Krishna, perguntou sobre o seu bem-estar e perguntou, 'Como, ó Vasudeva, tu pudeste nos reconhecer, estando nós vivendo disfarçados?' E Vasudeva sorridente respondeu, 'Ó rei, o fogo, mesmo o que esteja coberto, pode ser reconhecido. Quem mais entre os homens além dos Pandavas poderia mostrar tal poder? Ó resistentes a todos os inimigos, filhos de

Pandu, por pura boa sorte vocês escaparam daquele fogo ardente. E também é somente por pura boa sorte que o filho perverso de Dhritarashtra e seus conselheiros não têm conseguido realizar seus desejos. Abençoados sejam! E cresçam em prosperidade como um fogo em uma caverna gradualmente crescendo e se espalhando por todos os lados. E para que nenhum dos monarcas os reconheça deixem-nos voltar para nossa tenda.' Então, obtendo a permissão de Yudhishtira, Krishna, cuja prosperidade não conhece declínio, acompanhado por Valadeva, saiu rapidamente da residência do oleiro.'

## 194

(Continuação do Swayamvara Parva)

Vaisampayana disse, 'Quando os príncipes Kuru estavam voltando em direção à residência do oleiro, Dhristadyumna, o príncipe Panchala, os seguiu. E mandando embora todos os seus servidores, ele se escondeu em uma parte da casa do ceramista, desconhecido aos Pandavas. Então Bhima, aquele destruidor de todos os inimigos, e Jishnu, e os gêmeos ilustres, ao voltarem de sua ronda de mendicância à noite, alegremente deram tudo para Yudhishtira. Então Kunti de bom coração endereçando-se à filha de Drupada disse, 'Ó amável, pegue primeiro uma parte disto e a dedique aos deuses e dê para os Brahmanas, alimente aqueles que desejam comer e também àqueles que se tornaram nossos convidados. Divida o resto em duas metades. Dê uma destas a Bhima, ó amável, este jovem de aparência formosa como a de um rei de elefantes, este herói sempre come muito. E divida a outra metade em seis partes, quatro para estes jovens, uma para mim mesma, e uma para ti.' Então a princesa ao ouvir aquelas palavras instrutivas de sua sogra alegremente fez tudo o que havia sido mandada fazer. E aqueles heróis então todos comeram da comida preparada por Krishna. Então Sahadeva, o filho de Madri, dotado de grande presteza, espalhou no chão uma cama de erva kusa. Então aqueles heróis, cada um espalhando sobre aquela suas peles de veado, se deitaram para dormir. E aqueles principais dos príncipes Kuru se deitaram com as cabeças na direção sul. E Kunti se colocou abaixo da linha de suas cabeças, e Krishna na de seus pés. E Krishna embora estivesse deitada com os filhos de Pandu naquele leito de erva kusa na linha de seus pés como se ela fosse seu travesseiro inferior, não se afligiu em seu coração nem pensou desrespeitosamente sobre aqueles touros entre os Kurus. Então aqueles heróis começaram a conversar entre si. E as conversações daqueles príncipes, cada um digno da liderança de um exército, eram extremamente interessantes, sendo sobre carros celestes e armas e elefantes, e espadas e flechas, e machados de batalha. E o filho do rei de Panchala escutou (de seu esconderijo) tudo o que eles disseram. E todos aqueles que estavam com ele viram Krishna naquele estado.

Quando amanheceu o príncipe Dhristadyumna saiu de seu esconderijo com grande pressa para contar para Drupada em detalhes tudo o que tinha acontecido

na residência do ceramista e tudo o que ele tinha ouvido aqueles heróis falarem entre si durante a noite. O rei de Panchala estava triste porque ele não sabia que eram os Pandavas que tinham levado sua filha. E o monarca ilustre perguntou a Dhristadyumna quando ele voltou, 'Oh, onde Krishna está? Quem a levou embora? Foi algum Sudra ou alguém de baixo nível, ou algum Vaisya pagador de tributos, que ao levar minha filha embora, colocou seu pé sujo em minha cabeça? Ó filho, aquela coroa de flores foi jogada em um cemitério? Algum Kshatriya de alto nascimento, ou alguém de ordem superior (Brahmana) obteve minha filha? Alguém de nascimento inferior, por ter ganhado Krishna, colocou seu pé esquerdo em minha cabeça? Eu, ó filho, não sofreria, mas me sentiria imensamente feliz se minha filha fosse unida com Partha, aquele principal dos homens! Ó exaltado, me diga realmente quem ganhou minha filha hoje? Ó, estão os filhos daquele principal dos Kurus, o filho de Vichitravirya, vivos? Foi Partha (Arjuna) quem pegou o arco e acertou o alvo?'

## 195

(Vaivahika Parva)

Vaisampayana disse, 'Assim endereçado, Dhristadyumna, aquele principal dos príncipes lunares, alegremente disse a seu pai tudo o que tinha acontecido e por quem Krishna tinha sido conquistada. E o príncipe disse, 'Com olhos grandes e vermelhos, vestido em peles de veado, e parecendo com um celestial em beleza, o jovem que encordoou aquele principal dos arcos e trouxe ao chão o alvo fixado no alto foi logo cercado pelos principais dos Brahmanas, que também lhe ofereceram suas homenagens pela façanha que ele tinha realizado. Incapaz de suportar a visão de um inimigo e dotado de grande energia, ele começou a mostrar sua coragem. E cercado pelos Brahmanas ele parecia com o manejador do trovão, Indra, de pé no meio dos celestiais e dos Rishis. E como uma elefante fêmea seguindo o líder de uma manada Krishna alegremente seguiu aquele jovem agarrando-se à pele de veado dele. Então quando os monarcas reunidos incapazes de suportar aquela visão levantaram-se em cólera e avançaram para lutar, lá ergueu-se outro herói que arrancando uma árvore grande avançou sobre aqueles reis, derrubando-os para a direita e para a esquerda como o próprio Yama atingindo as criaturas dotadas de vida. Então, ó monarca, os reis reunidos ficaram imóveis e olharam aquele par de heróis, enquanto eles, parecendo o Sol e a Lua, levando Krishna com eles, deixaram o anfiteatro e foram para a residência de um oleiro nos subúrbios da cidade, e lá na residência do oleiro estava uma senhora semelhante à uma chama de fogo que, eu acho, é a mãe deles. E perto dela também estavam três outros principais dos homens cada um dos quais era como o fogo. E o par de heróis, tendo se aproximando dela prestaram homenagem a seus pés, e eles disseram a Krishna para fazer o mesmo também. E deixando Krishna com ela, todos aqueles principais dos homens saíram para a ronda de suas visitas de mendicância. Algum tempo depois quando eles voltaram, Krishna

pegando deles o que eles tinham obtido como esmolas, dedicou uma porção desta para os deuses e deu outra porção (em donativo) para Brahmanas. E do que restou depois disto ela deu uma parte para aquela senhora venerável, e distribuiu o restante entre aqueles cinco principais dos homens. E ela pegou um pouco para si mesma e comeu depois de todos. Então, ó monarca, eles todos deitaram para dormir, Krishna deitada ao longo da linha de seus pés como seu travesseiro inferior. E a cama na qual eles se deitaram era feita de erva kusa sobre a qual foram estendidas suas peles de veado. E antes de dormir eles falaram sobre diversos assuntos em vozes profundas como a das nuvens negras. A conversa daqueles heróis indicou que eles não eram nem Vaisyas nem Sudras, nem Brahmanas. Sem dúvida, ó monarca, eles são touros entre os Kshatriyas, pois suas conversas eram sobre assuntos militares. Parece, ó pai, que nossa esperança se realizou, pois nós ouvimos que todos os filhos de Kunti escaparam da conflagração da casa de Iaca. Pelo modo como o alvo foi derrubado por aquele jovem, e a força com a qual o arco foi encordado por ele, e o modo no qual eu ouvi eles conversarem entre si prova conclusivamente, ó monarca, que eles são os filhos de Pritha viajando disfarçados.'

Ouvindo estas palavras de seu filho o rei Drupada ficou muito contente, e ele enviou a eles seu sacerdote e o mandou averiguar quem eles eram e se eles eram mesmo os filhos do ilustre Pandu. Assim ordenado, o sacerdote do rei foi até eles e elogiando a todos entregou a mensagem do rei devidamente, dizendo, 'Vocês que são dignos de preferência em tudo, o rei da terra dador de benefícios, Drupada, deseja saber quem são. Vendo este que derrubou o alvo, sua alegria não conhece limites. Dando-nos todos as detalhes sobre sua família e tribo, coloquem seus pés sobre as cabeças de seus inimigos e alegrem o coração do rei de Panchala com seus homens e o meu também. O rei Pandu foi um caro amigo de Drupada e era tido por ele em alta conta. E Drupada por longo tempo desejou entregar esta sua filha para Pandu como sua nora. Ó heróis de traços perfeitamente impecáveis, o rei Drupada teve por longo tempo em seu coração o desejo de que Arjuna de braços fortes e longos pudesse casar com a filha dele segundo a ordenança. Se isto se tornou possível, nada poderia ser melhor; nada mais benéfico; nada mais conducente com a fama e virtude, esta é posição de Drupada no que lhes diz respeito.'

Tendo dito isto, o sacerdote ficou calado e humildemente esperou uma resposta. Vendo ele sentado assim, o rei Yudhishtira mandou Bhima que estava perto, dizendo, 'Que água para lavar seus pés e o Arghya sejam oferecidos a este Brahmana. Ele é o sacerdote do rei Drupada e, portanto, digno de grande respeito. Nós devemos homenageá-lo com mais do que as reverências comuns.' Então, ó monarca, Bhima fez como ordenado. Aceitando o culto assim oferecido a ele, o Brahmana com o coração alegre sentou-se tranquilamente. Então Yudhishtira endereçou-se a ele e disse, 'O rei dos Panchalas, por fixar um tipo especial de dote, deu sua filha segundo a prática da sua classe e não livremente. Este herói, por satisfazer aquela exigência, ganhou a princesa. O rei Drupada, portanto, não tem nada agora a dizer em relação à raça, classe, família e atitude daquele que realizou aquela façanha. De fato, todas as suas perguntas foram respondidas pelo

arco encordoado e pelo alvo derrubado. E foi por fazer o que ele tinha ordenado que este herói ilustre trouxe Krishna consigo dentre os monarcas reunidos. Nestas circunstâncias, o rei da raça lunar não deve se entregar a quaisquer arrependimentos que somente podem fazê-lo infeliz sem corrigir o caso no mínimo. O desejo sempre nutrido pelo rei Drupada será realizado por esta bela princesa que tem, eu penso, todos os sinais auspiciosos. Ninguém que fosse fraco poderia encordoar aquele arco, e ninguém de nascimento inferior e não habilidoso com armas poderia ter derrubado o alvo. Não cabe, portanto, ao rei dos Panchalas se afligir por sua filha hoje. Nem pode alguém no mundo desfazer aquela ação de derrubar o alvo. Portanto, o rei não deve se afligir pelo que deve tomar seu rumo.'

Enquanto Yudhishtira estava dizendo tudo isto outro mensageiro do rei dos Panchalas, chegando lá às pressas, disse, 'O banquete (nupcial), está pronto.'

## 196

(Continuação do Vaivahika Parva)

Vaisampayana continuou, 'O mensageiro disse, 'O rei Drupada, em vista das núpcias de sua filha, preparou um bom banquete para a festa do noivo. Vão para lá depois de terminarem seus ritos diários. O casamento de Krishna se realizará lá. Não demorem. Estes carros enfeitados com lotos dourados puxados por cavalos excelentes são dignos de reis. Neles, vão para a residência do rei dos Panchalas.'

Vaisampayana continuou, 'Então aqueles touros entre os Kurus, dando licença para o sacerdote partir e fazendo Kunti e Krishna subirem juntas em um daqueles carros, subiram eles mesmos naqueles veículos esplêndidos e procederam na direção da residência de Drupada. Enquanto isso, ó Bharata, ouvindo de seu sacerdote as palavras que Yudhishtira tinha dito, o rei Drupada, para averiguar a classe à qual aqueles heróis pertenciam, manteve preparada uma grande coleção de artigos (requeridos pela ordenança para o casamento de cada uma das quatro classes). E ele manteve preparados frutos, guirlandas santificadas, cotas de malha, escudos, tapetes, vacas, sementes, e vários outros artigos e implementos de agricultura. E o rei também reuniu, ó monarca, todos os artigos concernentes às outras artes e vários instrumentos e aparelhos de todos os tipos de esporte. E ele também juntou excelentes cotas de malha e escudos brilhantes, e espadas e cimitarras, de têmpera excelente, e belas carruagens e cavalos, e arcos de primeira classe e flechas bem adornadas, e várias espécies de projéteis ornamentados com ouro. E ele também manteve prontos dardos e foguetes e machados de batalha e vários utensílios de guerra. E havia naquela coleção camas e tapetes e várias coisas finas, e tecidos de vários tipos. Quando o grupo chegou na residência de Drupada, Kunti levando consigo a virtuosa Krishna entrou nos aposentos internos do rei. As damas da família do rei com corações alegres

reverenciaram a rainha dos Kurus. Vendo, ó monarca, aqueles principais dos homens, cada um possuindo o modo de andar esportivo do leão, com peles de veado como a parte superior de suas roupas, olhos como aqueles de touros poderosos, ombros largos, e braços longos como os corpos de cobras poderosas, o rei, e os ministros do rei, e o filho do rei, e os amigos e servidores do rei, todos ficaram muito contentes. Aqueles heróis se sentaram em excelentes assentos equipados com escabelos, sem qualquer embaraço ou hesitação. E aqueles principais dos homens se sentaram com perfeito destemor naqueles assentos caros um depois do outro segundo a ordem de suas idades. Depois que aqueles heróis estavam sentados, servos homens e mulheres bem vestidos, e habilidosos cozinheiros trouxeram excelentes e caras iguarias dignas de reis em baixelas de ouro e de prata. Então aqueles principais dos homens jantaram naqueles pratos e ficaram satisfeitos. E depois que o jantar havia acabado, aqueles heróis entre os homens, ignorando todos os outros artigos, começaram a observar com interesse os vários utensílios de guerra. Vendo isto, o filho de Drupada e o próprio Drupada, junto com todos os seus principais ministros de estado, sabendo que os filhos de Kunti eram todos de sangue real, ficaram bem satisfeitos.'

## 197

(Continuação do Vaivahika Parva)

Vaisampayana disse, 'Então o rei ilustre de Panchala, endereçando-se ao príncipe Yudhishtira na forma aplicável para Brahmanas, alegremente inquiriu aquele filho ilustre de Kunti, dizendo, 'Nós devemos reconhecer vocês como Kshatriyas, ou Brahmanas, ou vocês são celestiais que se disfarçando como Brahmanas estão sobre a terra e vieram para cá pela mão de Krishna? Ó diga-nos realmente, pois nós temos grandes dúvidas! Nós não ficaremos contentes quando nossas dúvidas forem removidas? Ó destruidor de inimigos, o destino foi auspicioso para nós? Diga-nos a verdade de bom grado! A verdade torna os monarcas melhores do que sacrifícios e oferendas de tanques. Portanto, não nos diga o que é falso. Ó tu da beleza de um celestial, ó destruidor de inimigos, ouvindo a tua resposta eu farei os arranjos para o casamento da minha filha segundo a classe à qual vocês pertencem.'

Ouvindo estas palavras de Drupada, Yudhishtira respondeu, dizendo 'Não fique desanimado, ó rei; que a alegria encha o teu coração! O teu desejo certamente foi realizado. Nós somos Kshatriyas, ó rei, e filhos do ilustre Pandu. Saiba que eu sou o mais velho dos filhos de Kunti e estes são Bhima e Arjuna. Por eles, ó rei, tua filha foi conquistada no meio da reunião de monarcas. Os gêmeos (Nakula e Sahadeva) e Kunti aguardam onde Krishna está. Ó touro entre os homens, deixe a angústia sair do teu coração, pois nós somos Kshatriyas. Tua filha, ó monarca, foi como um lótus somente transferida de um lago para outro. Ó rei, tu és nosso venerável superior e principal refúgio. Eu te disse toda a verdade.'

Vaisampayana continuou, 'Ao ouvir aquelas palavras, os olhos do rei Drupada rolaram em êxtase. E cheio de encanto o rei não pôde, por alguns momentos, responder a Yudhishtira. Controlando sua emoção com grande esforço, aquele destruidor de inimigos finalmente respondeu a Yudhishtira em palavras apropriadas. O monarca virtuoso perguntou como os Pandavas tinham escapado da cidade de Varanavata. O filho de Pandu disse ao monarca todos os detalhes da sua fuga do palácio ardente de laca. Ouvindo tudo o que o filho de Kunti disse, o rei Drupada criticou Dhritarashtra, aquele soberano de homens. E o monarca deu toda garantia a Yudhishtira, o filho de Kunti. E aquele principal dos homens eloquentes lá mesmo prometeu restaurar Yudhishtira ao seu trono paterno.

Então Kunti e Krishna e Bhima e Arjuna e os gêmeos, por ordem do rei, foram residir lá, tratados por Yajnasena com o devido respeito. Então o rei Drupada com seus filhos, confiantes por tudo o que tinha acontecido, se aproximando de Yudhishtira, disse, 'Ó tu de braços poderosos, que o príncipe Kuru Arjuna aceite com os ritos devidos a mão da minha filha neste dia auspicioso, que ele, portanto, realize os usuais ritos iniciatórios do casamento.'

Vaisampayana continuou, 'Ouvindo estas palavras de Drupada, o virtuoso rei Yudhishtira respondeu, dizendo, 'Ó grande rei, eu também terei que casar.' Ouvindo-o, Drupada disse, 'Se isto te agrada, aceite tu mesmo a mão de minha filha com os ritos devidos. Ou dê Krishna em casamento a qualquer um dos teus irmãos como quiseres.' Yudhishtira disse, 'Tua filha, ó rei, será a esposa em comum de todos nós! Isto foi ordenado, ó monarca, por nossa mãe. Eu ainda não sou casado, e Bhima também não o é entre os filhos de Pandu. Esta tua jóia de filha foi ganha por Arjuna. Esta, ó rei, é a regra conosco; de sempre desfrutar igualmente de uma jóia que possamos obter. Ó melhor dos monarcas, esta regra de conduta nós não podemos agora abandonar. Krishna, portanto, deverá se tornar nossa esposa casando com nós todos. Que ela aceite nossas mãos, um depois do outro perante o fogo.'

Drupada respondeu, 'Ó descendente da linhagem Kuru, tem sido instruído que um homem pode ter muitas esposas. Mas nunca foi ouvido que uma mulher poderia ter muitos maridos! Ó filho de Kunti, como tu és puro e conheces as regras de moralidade, não cabe a ti cometer uma ação que seja pecaminosa e oposta aos costumes e aos Vedas. Por que, ó príncipe, teu entendimento se tornou de tal modo?' Yudhishtira disse em resposta, 'Ó monarca, a moralidade é sutil. Nós não sabemos sua direção. Deixe-nos seguir o caminho trilhado pelos ilustres das eras antigas. Minha língua nunca proferiu uma inverdade. Meu coração também nunca se inclinou para o que é pecaminoso. Minha mãe assim ordenou; e meu coração também aprova isto. Portanto, ó rei, isto está totalmente de acordo com a virtude. Aja de acordo com isto, sem quaisquer escrúpulos. Não tenha nenhum receio, ó rei, acerca desta questão.'

Drupada disse, 'Ó filho de Kunti, tua mãe, e meu filho Dhrishtadyumna e tu mesmo, decidam entre vocês o que deve ser feito. Digam-me o resultado das suas deliberações e amanhã eu farei o que for apropriado.'

Vaisampayana continuou, 'Depois disto, ó Bharata, Yudhishtira, Kunti e Dhrishtadyumna discutiram sobre o assunto. Exatamente naquela hora, no entanto, o nascido na ilha (Vyasa), ó monarca, lá chegou no andamento de suas viagens.'

## 198

(Continuação do Vaivahika Parva)

Vaisampayana disse, 'Então todos os Pandavas e o ilustre rei dos Panchalas e todos os outros lá presentes se levantaram e saudaram com reverência o ilustre Rishi Krishna (Dwaipayana). O Rishi de grande alma saudou-os em retorno e depois de perguntar sobre seu bem-estar, sentou-se em um tapete de ouro. E mandados por Krishna (Dwaipayana) de energia incomensurável, aqueles principais dos homens todos se sentaram em assentos valiosos. Pouco depois, ó monarca, o filho de Prishata em tons gentis perguntou para o Rishi ilustre acerca do casamento de sua filha. E ele disse, 'Como, ó ilustre, uma mulher pode tornar-se esposa de muitos homens sem ser maculada pelo pecado? Ó, diga-me realmente tudo a respeito disso.' Ouvindo estas palavras Vyasa respondeu, 'Esta prática, ó rei, sendo oposta ao costume e aos Vedas, se tornou obsoleta. Eu desejo, no entanto, ouvir qual é a opinião de cada um de vocês sobre esta questão.'

Ouvindo estas palavras do Rishi, Drupada falou primeiro dizendo, 'A prática é pecaminosa na minha opinião, se opondo a ambos: ao costume e aos Vedas. Ó melhor dos Brahmanas, em lugar nenhum eu vi muitos homens tendo apenas uma esposa. Os homens ilustres também das eras antigas nunca tiveram tal costume entre eles. O sábio nunca deve cometer um pecado. Eu, portanto, nunca poderia concordar com tal ato. Esta prática sempre me parece ser de moralidade duvidosa.'

Depois que Drupada tinha falado, Dhrishtadyumna falou, dizendo 'Ó touro entre os Brahmanas, ó tu de riqueza ascética, como pode, ó Brahmana, o irmão mais velho, se ele é de uma boa disposição, se aproximar da mulher de seu irmão mais novo? Os caminhos da moralidade são sempre sutis, e, portanto, nós não os conhecemos. Nós não podemos, portanto, dizer o que está de acordo com a moralidade e o que não está. Nós não podemos fazer tal ato, portanto, com a consciência segura. De fato, ó Brahmana, eu não posso dizer: 'Deixo Draupadi se tornar a mulher em comum de cinco irmãos.'

Yudhishtira então falou, dizendo, 'Minha língua nunca proferiu uma inverdade e meu coração nunca se inclina para o que é pecaminoso. Se meu coração aprova isto, isto nunca poderia ser pecaminoso. Eu ouvi no Purana que uma senhora de nome Jatila, a principal de todas as mulheres virtuosas pertencente à linhagem de Gotama casou com sete Rishis. Assim também a filha de um asceta, nascida de uma árvore, nos tempos antigos se uniu em casamento com dez irmãos todos

levando o mesmo nome de Prachetas e que eram todos de almas exaltadas por ascetismo. Ó principal de todos os que conhecem as regras de moralidade, é dito que a obediência aos superiores é sempre meritória. Entre todos os superiores, é sabido que a mãe é a principal. Ela mesma nos mandou desfrutar de Draupadi como nós fazemos com qualquer coisa obtida como esmolas. É por isto, ó melhor dos Brahmanas, que eu considero o ato (proposto) como virtuoso.'

Kunti então disse, 'O ato é assim mesmo como o virtuoso Yudhishtira disse. Eu temo imensamente que, ó Brahmana, minhas palavras se tornem mentirosas. Como eu serei salva da inverdade?'

Quando eles todos tinham terminado de falar, Vyasa disse, 'Ó amável, como tu serás salva da consequência da inverdade? Isto mesmo é a eterna virtude! Eu, ó rei dos Panchalas, eu não falarei sobre isto perante vocês todos. Mas somente tu escutarás a mim quando eu revelar como esta prática foi estabelecida e por que ela deve ser considerada como antiga e eterna. Não há dúvida de que o que Yudhishtira disse está perfeitamente de acordo com a virtude.'

Vaisampayana continuou, 'Então Vyasa, o ilustre mestre Dwaipayana, ergueu-se, e pegando a mão de Drupada o conduziu para um aposento privado. Os Pandavas e Kunti e Dhrishtadyumna da linhagem Prishata ficaram lá sentados, esperando pela volta de Vyasa e Drupada. Enquanto isso, Dwaipayana começou sua conversação com ilustre monarca para explicar como a prática de poliandria não poderia ser considerada como pecaminosa.'

## 199

(Continuação do Vaivahika Parva)

Vaisampayana disse, 'Vyasa continuou, 'Antigamente os celestiais uma vez tinham começado um grande sacrifício na floresta de Naimisha. Naquele sacrifício, ó rei, Yama, o filho de Vivaswat, se tornou o matador dos animais consagrados. Yama, assim empenhado naquele sacrifício, (durante aquele período) ó rei, não matou um único ser humano. Com a morte estando suspensa no mundo, o número de seres humanos aumentou imensamente. Então Soma e Sakra e Varuna e Kuvera, os Sadhyas, os Rudras, os Vasus, os irmãos Aswins, estes e outros celestiais foram até Prajapati, o Criador do universo. Tomados pelo receio por causa do aumento da população humana no mundo eles se endereçaram ao Mestre da criação e disseram, 'Alarmados, ó senhor, pelo aumento de seres humanos na terra, nós viemos a ti buscando auxílio. De fato, nós ansiamos pela tua proteção.' Ouvindo aquelas palavras o Avô disse, 'Vocês não têm motivo para ficar assustados por este aumento de seres humanos. Vocês todos são imortais. Não lhes cabe se assustar por causa de seres humanos.' Os celestiais responderam, 'Os mortais todos se tornaram imortais. Não há distinção agora entre nós e eles. Vexados pelo desaparecimento da toda distinção, nós viemos a ti

para que tu possas nos distinguir deles.' O Criador então disse, 'O filho de Vivaswat está nesse momento ocupado no grande sacrifício. É por isso que os homens não estão morrendo. Mas quando o trabalho de Yama no sacrifício terminar, os homens começarão a morrer novamente como antes. Fortalecido por suas respectivas energias, Yama, quando chegar a hora, varrerá aos milhares os habitantes da terra que mal terão então alguma energia restante neles.'

Vyasa continuou, 'Ouvindo estas palavras da primeira divindade nascida, os celestiais voltaram ao local onde o grande sacrifício estava sendo realizado. E os poderosos se sentando ao lado do Bhagirathi viram um lótus (dourado) sendo carregado pela correnteza. E vendo aquele lótus (dourado), eles se admiraram muito. E entre eles, o principal dos celestiais, Indra, desejoso de averiguar de onde ele veio, seguiu pelo curso do Bhagirathi. E alcançando aquele local de onde a deusa Ganga emerge perenemente, Indra viu uma mulher possuidora do esplendor do fogo. A mulher que tinha ido lá pegar água estava se banhando na corrente, chorando o tempo todo. As gotas de lágrimas que ela derramava, caindo na corrente estavam sendo transformadas em lotos dourados. O manejador do raio, vendo aquela visão extraordinária, se aproximou da mulher e perguntou a ela, 'Quem és tu, senhora amável? Por que tu choras? Eu desejo saber a verdade. Ó, diga-me tudo.'

Vyasa continuou, 'A mulher respondeu, 'Ó Sakra, tu podes saber quem eu sou e por que, infeliz como sou, eu choro, somente se, ó chefe dos celestiais, tu vieres comigo pelo caminho que eu indicarei. Tu então verás porque eu choro.' Ouvindo estas palavras da senhora, Indra a seguiu enquanto ela indicava o caminho. E logo ele viu, não longe do lugar onde ele estava, um belo jovem com uma jovem senhora sentados em um trono colocado sobre um dos topos de Himavat e jogando dados. Vendo aquele jovem, o chefe dos celestiais disse, 'Saiba, jovem inteligente, que este universo está sob meu domínio.' Vendo, no entanto, que a pessoa endereçada estava tão absorta nos dados que não tomou conhecimento do que ele disse, Indra foi possuído pela raiva e repetiu, 'Eu sou o senhor do universo.' O jovem que não era ninguém mais do que o deus Mahadeva (o deus dos deuses), vendo Indra cheio de cólera, somente sorriu, tendo olhado-o de relance. Por aquele golpe de vista, no entanto, o chefe dos celestiais ficou imediatamente paralisado e ficou lá como uma estaca. Quando o jogo de dados havia acabado, Isana se endereçou à mulher que chorava e disse, 'Traga Sakra para cá, pois eu logo me ocuparei dele para que o orgulho não entre outra vez em seu coração.' Logo que Sakra foi tocado por aquela mulher, o chefe dos celestiais com membros paralisados, por aquele toque, caiu ao chão. O ilustre Isana de energia feroz então disse a ele, 'Nunca mais, ó Sakra, aja desta maneira. Remova esta pedra enorme, pois tua força e energia são imensuráveis, e entre no buraco (que ela revelará) onde aguardam alguns outros possuidores do esplendor do sol e que são todos como tu.' Indra, então, ao remover aquela pedra, viu uma caverna no leito daquele rei das montanhas, dentro da qual havia quatro outros parecidos consigo mesmo. Vendo a situação deles Sakra foi tomado pela angústia e exclamou, 'Eu serei assim como eles?' Então o deus Girisha, olhando em cheio para Indra com olhos arregalados, disse com raiva, 'Ó tu de cem sacrifícios, entre

nesta caverna sem perda de tempo, pois tu por insensatez me insultaste.' Assim endereçado pelo senhor Isana, o chefe dos celestiais, por causa daquela imprecação terrível, estava profundamente magoado, e com membros enfraquecidos pelo medo tremia como uma folha de uma figueira Himalayan sacudida pelo vento. E amaldiçoado inesperadamente pelo deus que possui um touro como seu veículo, Indra, com as mãos unidas e tremendo dos pés à cabeça, se dirigiu àquele deus feroz de manifestações multiformes, dizendo, 'Tu és, ó Bhava, o superintendente do universo infinito!' Ouvindo estas palavras o deus de energia ardente sorriu e disse, 'Aqueles que têm tendências como a tua nunca obtêm minha graça. Estes outros (dentro da caverna) foram uma vez como tu. Entre nesta caverna, portanto, e fique lá algum tempo. O destino de vocês todos certamente será o mesmo. Todos vocês terão que nascer no mundo dos homens, onde, tendo realizado muitas façanhas difíceis e matando grande número de homens, vocês recuperarão pelos méritos de seus respectivos atos a região valiosa de Indra. Vocês realizarão tudo o que eu disse e muito mais além disso, e outros tipos de trabalho.' Então aqueles Indras, de sua glória ceifada disseram, 'Nós iremos de nossas regiões celestes até a região dos homens onde a salvação está ordenada para ser de aquisição difícil. Mas que os deuses Dharma, Vayu, Maghavat, e os gêmeos Aswins nos gerem naquela que será nossa mãe. Lutando com homens por meio de armas celestes e humanas, nós voltaremos para a região de Indra.'

Vyasa continuou, 'Ouvindo estas palavras dos antigos Indras, o manejador do raio mais uma vez se endereçou àquele principal dos deuses, dizendo, 'Em vez de eu mesmo ir, com uma porção da minha energia eu criarei de mim mesmo uma pessoa para a realização da tarefa (que tu designaste) para formar o quinto entre estes!' Vishwabruk, Bhutadhaman, Sivi de grande energia, Santi o quarto, e Tejaswin, é dito que estes eram os cinco Indras de antigamente. E o deus ilustre do arco formidável, por sua bondade, concedeu aos cinco Indras o desejo deles. E ele também nomeou aquela mulher de beleza extraordinária, que era ninguém mais do que a própria Sri celeste (deusa da beleza), para ser sua esposa em comum no mundo dos homens. Acompanhado por todos aqueles Indras, o deus Isana então foi até Narayana de energia incomensurável, o Infinito, o Imaterial, o Incriado, o Antigo, o Eterno, e o Espírito destes universos sem limites. Narayana aprovou tudo. Aqueles Indras então nasceram no mundo dos homens. E Hari (Narayana) pegou dois pêlos de seu corpo, um dos quais era negro e o outro branco. E aqueles dois pêlos entraram nos úteros de duas mulheres da linhagem Yadu, de nomes Devaki e Rohini. E um daqueles pêlos, o que era branco, se tornou Valadeva. E o pêlo que era negro nasceu como a pessoa de Kesava, Krishna. E aqueles Indras de antigamente que haviam sido confinados na caverna no Himavat são ninguém mais do que os filhos de Pandu, dotados de grande energia. E Arjuna entre os Pandavas, também chamado de Savyasachin (o que usa ambas as mãos com igual destreza) é uma porção de Sakra.'

Vyasa continuou, 'Assim, ó rei, aqueles que nasceram como os Pandavas são ninguém mais do que os Indras de antigamente. E a própria Sri celeste que foi designada como sua mulher é esta Draupadi de beleza extraordinária. Como

poderia ela cuja refulgência é como a do sol ou da lua, cuja fragrância se espalha por duas milhas em volta, não nascer de modo extraordinário, de dentro da terra, pela virtude dos ritos sacrificais? A ti, ó rei, eu alegremente concedo outra bênção na forma de visão espiritual. Contemple agora os filhos de Kunti dotados de seus corpos celestes e sagrados de antigamente!

Vaisampayana continuou, 'Dizendo isto, o santo Brahmana Vyasa de atos generosos, por meio de seu poder ascético, concedeu visão celeste ao rei. Então o rei viu todos os Pandavas com seus corpos antigos. E o rei viu que eles possuíam corpos celestes, com coroas douradas e guirlandas celestes, e cada um parecendo com o próprio Indra, com feições radiantes como fogo ou o sol, e enfeitados com todos os ornamentos, e bonitos, e jovens, com peitos largos e estaturas de cerca de cinco cúbitos. Dotados com todos os talentos, e enfeitados com vestes celestes de grande beleza e guirlandas fragrantes de excelente feitio, o rei os viu assim como muitos deuses de três olhos (Mahadeva), ou Vasus, ou Rudras, ou aos próprios Adityas. E observando os Pandavas nas formas daqueles Indras antigos, e Arjuna também na forma de Indra surgido do próprio Sakra, o rei Drupada ficou muito satisfeito. E o monarca se admirou muito ao ver aquela manifestação de poder celeste sob profundo disfarce. O rei olhando para sua filha, aquela principal das mulheres dotadas de grande beleza, como uma donzela celeste possuidora do esplendor do fogo ou da lua, a considerou como a esposa digna daqueles seres celestes, por sua beleza, esplendor e fama. E contemplando aquela visão maravilhosa, o monarca tocou os pés do filho de Satyavati, exclamando, 'Ó grande Rishi, nada é miraculoso em ti!' O Rishi então alegremente continuou, 'Em certo eremitério havia uma ilustre filha de um Rishi, que, embora bela e casta, não obteve um marido. A moça gratificou, por meio de penitências ascéticas rígidas, o deus Sankara (Mahadeva). O senhor Sankara, satisfeito por suas penitências, disse a ela: 'Peça a bênção que desejares.' Assim endereçada, a moça repetidamente disse ao Senhor Supremo concessor de benefícios, 'Eu desejo obter um marido possuidor de todos os talentos.' Sankara, o chefe dos deuses, satisfeito com ela, lhe deu a bênção que ela pediu, dizendo, 'Tu terás, moça amável, cinco maridos.' A moça, que tinha tido sucesso em satisfazer o deus, disse outra vez, 'Ó Sankara, eu desejo de ti um único marido possuidor de todas as virtudes.' O deus dos deuses, bem satisfeito com ela, falou outra vez, dizendo, 'Tu, ó donzela, te endereçaste a mim cinco vezes completas, repetindo, 'Dê-me um marido.' Portanto, ó amável, será assim mesmo como tu me pediste. Abençoada sejas. Tudo isto, no entanto, te acontecerá em uma vida futura!'

Vyasa continuou, 'Ó Drupada, esta tua filha de beleza celeste é aquela donzela. De fato, a impecável Krishna nascida na linhagem de Prishata foi pré-ordenada a se tornar a esposa em comum de cinco maridos. A celestial Sri, tendo passado por penitências ascéticas severas, nasceu, por causa dos Pandavas, como tua filha, no decorrer do teu grande sacrifício. A deusa bela, servida por todos os celestiais, como consequência de suas próprias ações se torna a esposa (em comum) de cinco maridos. E é por isto que o autocriado a criou. Tendo escutado tudo isto, ó rei Drupada, faça o que desejares.'

(Continuação do Vaivahika Parva)

Vaisampayana disse, 'Drupada, ao ouvir isto, observou, 'Ó grande Rishi, foi somente porque eu não tinha ouvido isto de ti que eu procurei agir da maneira que havia te dito. Agora, no entanto, que eu sei de tudo, eu não posso ser indiferente ao que foi ordenado pelos deuses. Portanto eu resolvo realizar o que tu disseste. O nó do destino não pode ser desatado. Nada neste mundo é o resultado das nossas próprias ações. Aquilo que foi designado por nós em vista de assegurar um único noivo agora acabou em favor de muitos. Como Krishna repetidamente disse (em uma vida passada), 'Ó, me dê um marido!' o próprio grande deus lhe deu o benefício que ela tinha pedido. O próprio deus sabe o que é certo ou errado nisto. Com respeito a mim, como Sankara assim ordenou, certo ou errado, nenhum pecado pode recair sobre mim. Que eles com corações felizes tomem, como ordenado, a mão de Krishna com os ritos.'

Vaisampayana continuou, 'Então o ilustre Vyasa, endereçando-se a Yudhishtira, o justo, disse, 'Este dia é um dia auspicioso, ó filho de Pandu! Neste dia a lua entrou na constelação chamada Pushya. Receba a mão de Krishna hoje, antes dos teus irmãos!' Quando Vyasa tinha dito isto, o rei Yajnasena e seu filho fizeram os preparativos para o casamento. E o monarca mantinha preparados vários artigos caros como presentes de casamento. Então ele trouxe sua filha Krishna, enfeitada, depois de um banho, com muitas jóias e pérolas. Então foram lá para testemunhar o casamento todos os amigos e parentes do rei, ministros de estado, e muitos Brahmanas e cidadãos. E eles todos tomaram seus assentos de acordo com suas respectivas classes. Adornado com aquela multidão dos mais importantes dos homens, com seus pátios decorados com lotos e lírios espalhados sobre eles, e embelezado com fileiras de tropas, o palácio do rei Drupada, engrinaldado com diamantes e pedras preciosas, parecia com o firmamento pontilhado de estrelas brilhantes. Então aqueles príncipes da linha Kuru, dotados de juventude e enfeitados com brincos, vestidos em vestes valiosas e perfumados com pasta de sândalo, banharam-se e realizaram os ritos religiosos usuais e acompanhados por seu sacerdote Dhaumya, que era possuidor do esplendor do fogo, entraram no salão do casamento um depois outro na devida ordem, e com os corações contentes, como touros poderosos entrando em um curral. Então Dhaumya, bom conhecedor dos Vedas, acendendo o fogo sagrado, despejou com os devidos mantras libações de manteiga clarificada no elemento ardente. E chamando Yudhishtira, Dhaumya, conhecedor dos mantras, o uniu com Krishna. Andando ao redor do fogo o noivo e a noiva tomaram as mãos um do outro. Depois que a união deles foi completada, o sacerdote Dhaumya, se despedindo de Yudhishtira, aquele ornamento de batalhas, saiu do palácio. Então aqueles poderosos guerreiros em carros, aqueles perpetuadores da linhagem Kuru, aqueles príncipes vestidos em vestes magníficas, aceitaram a mão daquela melhor das mulheres, dia a dia em sucessão, auxiliados por aquele

sacerdote. Ó rei, o Rishi celeste me disse uma coisa muito maravilhosa e extraordinária com relação àqueles casamentos, que a princesa ilustre de cintura esbelta recuperava sua virgindade a cada dia depois de um casamento anterior. Depois que os casamentos haviam acabado, o rei Drupada deu àqueles poderosos guerreiros em carros diversas espécies de riquezas excelentes. E o rei deu a eles cem carros com emblemas dourados, cada um puxado por quatro corcéis com rédeas douradas. E ele lhes deu uma centena de elefantes todos possuindo marcas auspiciosas em suas têmporas e faces e semelhantes a cem montanhas com topos dourados. Ele também deu a eles cem empregadas todas no auge da juventude e vestidas em mantos e ornamentos caros e coroas florais. E o monarca ilustre da raça lunar deu a cada um daqueles príncipes de beleza celeste, fazendo do fogo sagrado uma testemunha de seus presentes, muita riqueza e muitas vestes e ornamentos valiosos de grande esplendor. Os filhos de Pandu dotados de grande força, depois que seu casamento estava terminado, e depois de terem obtido Krishna como uma segunda Sri junto com grande riqueza, passaram seus dias em alegria e felicidade, como muitos Indras, na capital do rei dos Panchalas.'

## 201

(Continuação do Vaivahika Parva)

Vaisampayana disse, 'O rei Drupada, depois de sua aliança com os Pandavas, teve todos os seus medos dissipados. De fato, o monarca não mais temeu nem mesmo os deuses. As senhoras da ilustre família de Drupada se aproximaram de Kunti e se apresentaram a ela, mencionando seus respectivos nomes, e reverenciaram os pés dela com as cabeças tocando o solo. Krishna também, vestida em seda vermelha e com seus pulsos ainda cercados com o fio auspicioso, saudando sua sogra com reverência, ficou contente diante dela com as palmas unidas. Pritha, com afeto, pronunciou uma bênção sobre sua nora dotada de grande beleza e de todos os sinais auspiciosos e possuidora de uma doce disposição e bom caráter, dizendo, 'Seja para teus maridos como Sachi para Indra, Swaha para Vibhavasú, Rohini para Soma, Damayanti para Nala, Bhadra para Vaisravana, Arundhati para Vasishtha, Lakshmi para Narayana! Ó amável, seja a mãe de filhos heróicos e de vida longa, e possuidores de tudo o que possa te fazer feliz! Que a sorte e a prosperidade sempre estejam contigo! Cuide sempre dos teus maridos dedicados à realização de grandes sacrifícios. Seja devotada a teus maridos. E que teus dias sejam sempre passados em entreter e reverenciar devidamente convidados e desconhecidos que cheguem à tua residência, e os pios e os idosos; crianças e superiores. Seja instalada como a rainha do reino e da capital de Kurujangala, com teu marido Yudhishtira, o justo! Ó filha, que toda a terra, conquistada pela bravura de teus maridos dotados de grande força, seja doada por ti para Brahmanas em um sacrifício de cavalos! Ó educada, quaisquer pedras preciosas que existam sobre a terra possuidoras de virtudes superiores,

obtenha-as, ó afortunada, e seja feliz por cem anos completos! E, ó nora, como eu me regozijo de hoje te ver vestida em seda vermelha, assim eu me regozijarei outra vez, quando, ó ilustre, eu ver tu te tornares a mãe de um filho!

Vaisampayana continuou, 'Depois que os filhos de Pandu estavam casados, Hari (Krishna) enviou a eles (como presentes) vários ornamentos de ouro engastados com pérolas e pedras preciosas negras (lápiz lazúli). E Madhava (Krishna) também enviou a eles vestes caras e fabricadas em vários países, e muitos cobertores belos e macios e peles de grande valor, e muitas camas e tapetes e veículos valiosos. Ele também lhes enviou vasos às centenas, adornados com jóias e diamantes. E Krishna também lhes deu servas às milhares, trazidas de vários países, e dotadas de beleza, juventude e talentos e enfeitadas com todos os ornamentos. Ele também deu a eles muitos elefantes bem treinados trazidos do país de Madra, e muitos cavalos excelentes em arreios caros, carros puxados por cavalos de excelente porte e dentes grandes. O matador de Madhu, de alma incomensurável, também lhes enviou moedas de ouro puro por crores sobre crores em pilhas separadas. E Yudhishtira, o justo, desejoso de gratificar Govinda, aceitou todos aqueles presentes com grande alegria.'

## 202

(Viduragamana Parva)

Vaisampayana disse, 'As notícias foram levadas a todos os monarcas (que tinham ido à escolha de marido de Draupadi) por seus espiões de confiança, de que a bela Draupadi estava unida em casamento com os filhos de Pandu. E eles foram também informados de que o herói ilustre que tinha encordado o arco e acertado o alvo era ninguém mais do que Arjuna, o principal dos guerreiros vitoriosos e de todos os manejadores de arco e flechas. E se tornou conhecido também que o guerreiro poderoso que tinha arremessado Salya, o rei de Madra, no chão, e que em cólera tinha apavorado os monarcas reunidos por meio da árvore (que ele tinha arrancado), e que tinha tomado sua posição perante todos os inimigos com total destemor, era ninguém mais do que Bhima, aquele destruidor de tropas hostis, cujo toque só era suficiente para tirar as vidas de todos os inimigos. Os monarcas, ao serem informados de que os Pandavas tinham assumido o disfarce de Brahmanas pacíficos se admiraram muito. Eles até o momento sabiam somente que Kunti com todos os seus filhos haviam morrido queimados no incêndio da casa de Iaca. Eles, portanto, agora consideravam os Pandavas como pessoas que tinham voltado da região dos mortos. E lembrando do esquema cruel idealizado por Purochana, eles começaram a dizer, 'Ó, que vergonha para Bhisma e Dhritarashtra da raça Kuru!'

Depois que a escolha de marido havia acabado, todos os monarcas (que foram lá), sabendo que Draupadi tinha se unido aos Pandavas, partiram para seus

próprios domínios. E Duryodhana, sabendo que Draupadi tinha escolhido o dono de corcéis brancos (Arjuna) como seu marido, ficou imensamente deprimido. Acompanhado por seus irmãos, Aswatthaman, seu tio (Sakuni), Karna e Kripa, o príncipe partiu com o coração pesado para sua capital. Então Duhsasana, corando de vergonha, se dirigiu ao seu irmão suavemente e disse, 'Se Arjuna não tivesse se disfarçado como um Brahmana ele nunca teria conseguido obter Draupadi. Foi por aquele disfarce, ó rei, que ninguém pôde reconhecê-lo como Dhananjaya. O destino, eu penso, é sempre supremo. O esforço é inútil; que vergonha para nossos esforços, ó irmão! Os Pandavas ainda estão vivos!' Falando dessa forma um ao outro e culpando Purochana (por seu descuido), eles então entraram na cidade de Hastinapura, com os corações tristes e angustiados. Vendo que os filhos poderosos de Pritha haviam escapado da casa ardente de laca e se aliado com Drupada, e pensando em Dhritadyumna e Sikhandin e nos outros filhos de Drupada todos habilidosos em combate, eles foram tomados pelo medo e dominados pelo desespero.

Então Vidura, sabendo que Draupadi tido sido ganha pelos Pandavas e que os filhos de Dhritarashtra tinham voltado (para Hastinapura) em vergonha, com seu orgulho humilhado, ficou cheio alegria. E, ó rei, se aproximando de Dhritarashtra, Kshatri disse, 'Os Kurus estão prosperando por boa sorte!' Ouvindo aquelas palavras de Vidura, o filho de Vichitravirya, imaginando, disse em grande alegria, 'Que boa sorte, ó Vidura! Que boa sorte!' Por ignorância, o monarca cego entendeu que seu filho mais velho Duryodhana tinha sido escolhido pela filha de Drupada como seu marido. E o rei imediatamente pediu que vários ornamentos fossem feitos para Draupadi. E ele mandou que Draupadi e seu filho Duryodhana fossem trazidos com pompa para Hastinapura. Foi então que Vidura disse ao monarca que Draupadi tinha escolhido os Pandavas como seus maridos, e que aqueles heróis estavam todos vivos e em paz, e que eles foram recebidos com grande respeito pelo rei Drupada. E ele também informou Dhritarashtra de que os Pandavas estavam unidos com os muitos parentes e amigos de Drupada, cada um possuidor de grandes exércitos, e com muitos outros que tinham ido à escolha de marido.

Ouvindo estas palavras de Vidura, Dhritarashtra disse, 'Aqueles filhos são tão caros a mim como eles eram para Pandu. Não, até mais. Ó escute por que meu afeto por eles agora é ainda maior! Os filhos heróicos de Pandu estão bem e em paz. Eles conseguiram muitos amigos. Seus parentes, e outros que eles têm ganhado como aliados, são todos dotados de grande força. Quem entre os monarcas em prosperidade ou adversidade não gostaria de ter Drupada com seus parentes como aliado?'

Vaisampayana continuou, 'Tendo ouvido estas palavras do monarca, Vidura disse, 'Ó rei, que tua mente permaneça assim sem mudar por cem anos!' Tendo dito isto Vidura voltou para sua própria residência. Então, ó monarca, foram até Dhritarashtra, Duryodhana e o filho de Radha, Karna. Endereçando-se ao monarca, eles disseram, 'Nós não podemos, ó rei, falar de nenhuma transgressão na presença de Vidura! Nós agora te encontramos sozinho, e portanto, diremos tudo o que queremos! O que é, ó monarca, que tens desejado fazer? Tu

consideras a prosperidade dos teus inimigos como se esta fosse a tua própria, que elogias os Pandavas, ó principal dos homens, na presença de Vidura? Ó impecável, tu não ages, ó rei, do modo que deverias! Ó pai, nós devemos agora agir todos os dias de modo a enfraquecer (a força dos) Pandavas. Chegou a hora, ó pai, de deliberarmos juntos, para que os Pandavas não possam trazer a nós todos com nossos filhos e amigos e parentes.'

## 203

(Continuação do Viduragamana Parva)

Vaisampayana disse, 'Dhritarashtra respondeu dizendo, 'Eu desejo fazer exatamente o que vocês recomendarem. Mas eu não desejo informar Vidura disto nem pela alteração de um músculo. Foi, portanto, ó filho, por isso que eu estava elogiando os Pandavas na presença de Vidura, para que ele não pudesse saber nem por um sinal o que está na minha mente. Agora que Vidura foi embora, é hora, ó Suyodhana (Duryodhana), de me dizer o que tu pretendes, e o que, ó Radheya (Karna), tu também pretendes.'

Duryodhana disse; 'Que nós, ó pai, por meio de Brahmanas habilidosos e de confiança, procuremos produzir desavenças entre os filhos de Kunti e Madri. Ou, que o rei Drupada e seus filhos, e todos os seu ministros de estado, sejam assediados com presentes de grande valor, para que eles possam abandonar a causa de Yudhishtira, o filho de Kunti. Ou que nossos espiões induzam os Pandavas a se instalarem nos domínios de Drupada, por despreverem a eles, separadamente, a inconveniência de residir em Hastinapura, para que, separados de nós, eles possam se instalar permanentemente em Panchala. Ou, que alguns espiões inteligentes, cheios de recursos, semeiem sementes de discórdia entre os Pandavas, fazendo-os ciumentos uns dos outros. Ou, que eles incitem Krishna contra seus maridos. Ela tem muitos maridos e isto não apresentará qualquer dificuldade. Ou, deixemos que alguns procurem fazer os próprios Pandavas ficarem descontentes com Krishna, em cujo caso Krishna também ficará descontente com eles. Ou, ó rei, que algum espião inteligente, indo para lá, secretamente planeje a morte de Bhimasena. Bhima é o mais forte deles todos. Confiando em Bhima somente, os Pandavas costumavam nos desrespeitar, antigamente. Bhima é feroz e valente e o (único) refúgio dos Pandavas. Se ele for morto, os outros estarão privados de força e energia. Carentes de Bhima que é seu único refúgio, eles não mais se esforçarão para recuperar seu reino. Arjuna, ó rei, é invencível em batalha se Bhima protege sua retaguarda. Sem Bhima, Arjuna não é igual nem à quarta parte de Radheya. De fato, ó rei, os Pandavas conscientes da sua própria debilidade sem Bhima e da nossa força não vão realmente se esforçar para recuperar o reino. Ou, se, ó monarca, eles virem para cá, e demonstrarem docilidade e obediência a nós, nós então procuraremos reprimi-los de acordo com os ditames da ciência política (como explicados por Kanika). Ou nós podemos tentá-los por meio de belas moças, então a princesa de

Panchala ficará aborrecida com eles. Ou, ó Radheya, que mensageiros sejam despachados para trazê-los para cá, para que, quando chegarem, nós possamos através de agentes de confiança, por alguns métodos acima mencionados, fazê-los serem mortos. Esforce-te, ó pai, para empregar qualquer um destes (vários) métodos que pareça infalível para ti. O tempo passa. Antes que sua confiança no rei Drupada, aquele touro entre os homens, esteja estabelecida, nós podemos ter êxito, ó monarca, em uma batalha com eles. Mas depois que sua confiança for estabelecida em Drupada, nós com certeza fracassaremos. Estas, ó pai, são as minhas idéias para a derrota dos Pandavas. Julgue se elas são boas ou ruins. O que, ó Karna, tu pensas?'

## 204

(Continuação do Viduragamana Parva)

Vaisampayana disse, 'Assim endereçado por Duryodhana, Karna disse, 'Não me parece, ó Duryodhana, que o teu raciocínio é bem fundamentado. Ó perpetuador da linhagem Kuru, nenhum método terá sucesso contra os Pandavas. Ó príncipe corajoso, antes, por vários meios sutis, tu tentaste seriamente realizar teus desejos. Mas mesmo assim tu fracassaste em matar teus inimigos. Eles estavam então vivendo perto de ti, ó rei! Eles eram então imaturos e bem jovens, mas tu ainda assim não pudeste feri-los. Eles estão agora vivendo longe, crescidos, bem desenvolvidos. Os filhos de Kunti, ó tu de resolução firme, não podem agora ser feridos por quaisquer maquinações sutis tuas. Esta é a minha opinião. Como eles são ajudados pelos próprios Destinos, e como eles estão desejosos de recuperar seu reino ancestral, nós nunca conseguiremos prejudicá-los por quaisquer meios em nosso poder. É impossível criar desunião entre eles. Não podem nunca ser desunidos aqueles que tomaram todos uma esposa em comum. Nem nós conseguiremos desafeioar Krishna dos Pandavas por quaisquer dos nossos espiões. Ela os escolheu como seus maridos quando eles estavam em adversidade. Ela os abandonaria agora que eles estão em prosperidade? Além disso mulheres sempre gostam de ter muitos maridos, Krishna obteve o seu desejo. Ela nunca poderá ser separada dos Pandavas. O rei de Panchala é honesto e virtuoso; ele não é avarento. Mesmo que nós oferecêssemos o nosso reino inteiro ele não abandonaria os Pandavas. O filho de Drupada também é possuidor de todas as habilidades, e tem afeição pelos Pandavas. Portanto, eu não penso que os Pandavas podem agora ser feridos por quaisquer meios sutis em teu poder. Mas, ó touro entre homens, é isto o que é bom e aconselhável para nós agora, atacar e derrotá-los até que eles sejam exterminados. Que este curso de ação se recomende por si mesmo para ti. Contanto que nosso partido esteja forte e o do rei dos Panchalas esteja fraco nós poderemos atacá-lo sem qualquer escrúpulo. Ó filho de Gandhari, enquanto seus inúmeros veículos e animais, amigos, e tribos simpatizantes não estejam reunidos, continues, ó rei, a mostrar tua bravura. Enquanto o rei dos Panchalas junto com

seu filho dotado de grande coragem não decidir lutar conosco, enquanto isso, ó rei, mostres tua bravura. E, ó rei, exerça tua destreza antes que aquele da raça Vrishni (Krishna) venha com a hoste Yadava à cidade de Drupada, arrastando tudo diante de si, para restaurar os Pandavas ao seu reino paterno. Riquezas, todos os artigos de lazer, reino, não há nada que Krishna não possa sacrificar pelos Pandavas. O ilustre Bharata adquiriu toda a terra somente por sua bravura. Indra adquiriu a soberania dos três mundos somente pela bravura. Ó rei, a bravura é sempre louvada pelos Kshatriyas. Ó touro entre os Kshatriyas, a bravura é a principal virtude dos corajosos. Que nós, portanto, ó monarca, com nosso exército grande que consiste em quatro tipos de forças, trituremos Drupada sem perda de tempo, e tragamos os Pandavas para cá. De fato, os Pandavas são incapazes de ser derrotados por qualquer política de conciliação, presentes, riquezas e subornos, ou desunião. Vença-os, portanto, por tua bravura. E vencendo-os por tua bravura, governe esta vasta terra. Ó monarca, eu não vejo qualquer outro meio pelo qual nós podemos realizar nosso objetivo.'

Vaisampayana continuou, 'Ouvindo estas palavras de Radheya, Dhritarashtra, dotado de grande força, o aplaudiu muito. O monarca então endereçou-se a ele e disse, 'Tu, ó filho de um Suta, és dotado de grande sabedoria e habilidoso com armas. Estas tuas palavras, portanto, favoráveis à exposição de coragem, combinam bem contigo. Mas que Bhishma, e Drona, e Vidura, e vocês dois, deliberem juntos e adotem aquela sugestão que leve ao nosso benefício.'

Vaisampayana continuou, 'Então o rei Dhritarashtra chamou todos aqueles ministros célebres e trocou idéias com eles.'

## 205

(Continuação do Viduragamana Parva)

Vaisampayana disse, 'Pedido por Dhritarashtra para dar sua opinião, Bhishma respondeu, 'Ó Dhritarashtra, uma rixa com os Pandavas é algo que eu não posso nunca aprovar. Como tu és para mim, assim foi Pandu sem dúvida. E os filhos de Gandhari são para mim como os de Kunti. Eu devo proteger a eles tanto quanto aos teus filhos, ó Dhritarashtra! E, ó rei, os Pandavas são tão próximos a mim como eles são para o príncipe Duryodhana ou para todos os outros Kurus. Sob estas circunstâncias uma disputa com eles é algo que eu nunca gostaria. Fazendo um acordo com aqueles heróis, que metade da terra seja dada a eles. Este é sem dúvida o reino paterno daqueles principais da linhagem Kuru. E, ó Duryodhana, como tu vês este reino como tua propriedade paterna, os Pandavas também o vêem como sua posse paterna. Se os renomados filhos de Pandu não obtiverem o reino, como pode este ser teu, ou de qualquer outro descendente da linhagem Bharata? Se tu consideras que tens legalmente o direito de tomar posse do reino, eu penso que eles também têm o direito de legalmente herdar a posse deste reino antes de ti. Dê a eles metade do reino quietamente. Isto, ó tigre entre homens,

será benéfico para todos. Se tu agires de outra maneira o mal cairá sobre todos nós. Tu também serás coberto com desonra. Ó Duryodhana, te esforce para manter o teu bom nome. Um bom nome é, de fato, a fonte de força de um homem. É dito que alguém que perdeu sua reputação vive em vão. Um homem, ó Kaurava, não morre enquanto sua fama dura. Um homem vive tanto quanto sua fama permanece, e morre quando esta acaba. Siga, ó filho de Gandhari, a prática que é digna da linhagem Kuru. Ó tu de braços poderosos, imite os teus próprios ancestrais. Nós somos afortunados pelo fato dos Pandavas não terem perecido. Nós somos afortunados por Kunti estar viva. Nós temos sorte pelo vil Purochana, sem poder realizar seu propósito, ter perecido. Desde que eu soube que os filhos da filha de Kuntibhoja haviam morrido queimados, ó filho de Gandhari, eu mal fui capaz de encontrar com qualquer criatura viva. Ó tigre entre homens, sabendo do destino que tragou Kunti o mundo não considera Purochana tão culpado como te considera. Ó rei, a fuga, portanto, dos filhos de Pandu com vida daquela conflagração e seu reaparecimento acabam com a tua má reputação. Saiba, ó tu da raça Kuru, que enquanto aqueles heróis viverem, o próprio manejador do trovão não poderá privá-los de sua parte do reino ancestral. Os Pandavas são virtuosos e unidos. Eles estão sendo injustamente afastados da parte igual do reino à qual têm direito. Se tu queres agir corretamente, se tu queres fazer o que é agradável para mim, e se tu procuras o bem-estar de todos, então dê metade do reino para eles.'

## 206

(Continuação do Viduragamana Parva)

Vaisampayana disse, 'Depois que Bhishma tinha acabado de falar, Drona falou, dizendo, 'Ó rei Dhritarashtra, é sabido por nós que amigos convocados para consulta devem sempre falar o que é certo, verdadeiro, e que conduza à fama. Ó majestade, eu tenho a mesma opinião que o ilustre Bhishma nesta questão. Que uma parte do reino seja dada aos Pandavas. Esta é a virtude eterna. Envie, ó Bharata, até Drupada sem perda de tempo um mensageiro de fala agradável, levando consigo um grande tesouro para os Pandavas. E que o homem vá até Drupada carregando presentes caros para ambos, os noivos e a noiva, e que este fale ao monarca do teu aumento de poder e dignidade resultante desta nova aliança com ele. E, ó monarca, que o homem saiba também que tu mesmo e Duryodhana ficaram muito contentes por causa do que aconteceu. Que ele diga isto repetidamente para Drupada e Dhrishtadyumna. E que ele fale também acerca da aliança como tendo sido extremamente apropriada e agradável para ti, e de tu mesmo sendo digno dela. E que o homem repetidamente concilie os filhos de Kunti e os de Madri (em palavras apropriadas). E por tua ordem, ó rei, que ornamentos em abundância de ouro puro sejam dados para Draupadi. E que, ó touro da raça Bharata, presentes apropriados sejam dados a todos os filhos de Drupada. Que o mensageiro então proponha a volta dos Pandavas para

Hastinapura. Depois que os heróis tiverem a permissão (de Drupada), para virem para cá, que Duhsasana e Vikarna saiam com uma bela comitiva para recebê-los. E quando eles tiverem chegado a Hastinapura, que aqueles principais dos homens sejam recebidos com afeto por ti. E que eles sejam então instalados em seu trono paterno, de acordo com os desejos do povo do reino. Este, ó monarca da linhagem de Bharata, é o que eu penso que deve ser teu comportamento em direção aos Pandavas que são para ti assim como teus próprios filhos.'

Vaisampayana continuou, 'Depois que Drona tinha parado de falar, Karna falou outra vez, 'Bhishma e Drona estão mal acostumados com a riqueza que é tua e favores conferidos por ti! Eles são também sempre considerados por ti como teus amigos de confiança! O que pode, portanto, ser mais divertido do que ambos te darem conselhos que não são para o teu bem? Como pode o sábio aprovar este conselho que é pronunciado bem por uma pessoa falando com má intenção mas cuidando de esconder a maldade de seu coração? De fato, em uma época de infortúnio, amigos não podem nem beneficiar nem prejudicar. Toda a felicidade de alguém ou o contrário depende do destino. Os homens que são sábios e os que são tolos, os jovens e os velhos, os que têm aliados e os que não tem, todos ficam, isto é visto em todo lugar, felizes ou tristes às vezes. É sabido por nós que houve, antigamente, um rei de nome Amvuvicha. Tendo sua capital em Rajagriha, ele era o rei de todos os principais Magadha. Ele nunca desempenhava suas funções. Todo o seu esforço consistia em inalar o ar. Todos os seus assuntos estavam nas mãos de seu ministro. E seu ministro, chamado Mahakarni, se tornou a autoridade suprema no estado. Se considerando todo poderoso, ele começou a desrespeitar o rei. E o patife se apropriou de tudo o que pertencia ao rei, suas rainhas e tesouro e soberania. Mas a posse de tudo aquilo, ao invés de satisfazer sua avareza, somente serviu para inflamá-la mais. Tendo se apropriado de tudo o que pertencia ao rei, ele cobiçou o trono. Mas nós sabemos que mesmo com todos os seus melhores esforços ele não conseguiu adquirir o reino do monarca, seu mestre, mesmo que o último fosse desatento aos negócios e se contentasse somente em respirar o ar. O que mais pode ser dito, ó rei, além de que a soberania daquele monarca dependia do destino? Se, portanto, ó rei, este reino estiver estabelecido em ti pelo destino, este certamente continuará em ti, mesmo que todo o mundo se torne teu inimigo! Se, no entanto, o destino ordenou o contrário, por mais que tu te esforces ele não continuará teu! Ó erudito, lembrando de tudo isto, julgue a honestidade ou não dos teus conselheiros. Averigües também quem entre eles é mau e quem falou bem e sabiamente.'

Vaisampayana continuou, 'Ouvindo estas palavras de Karna, Drona respondeu, 'Como tu és perverso é evidente que tu disseste isso por causa da maldade da tua intenção. É para prejudicar os Pandavas que tu nos critica. Mas saiba, ó Karna, que o que eu disse é para o bem de todos e para a prosperidade da linhagem Kuru. Se tu consideras que tudo isto produzirá o mal, declare tu mesmo o que é para o nosso bem. Se o bom conselho que eu dei não for seguido, eu penso que os Kurus serão exterminados em pouco tempo.'

(Continuação do Viduragamana Parva)

Vaisampayana disse, 'Depois que Drona havia dito isto Vidura falou, dizendo, 'Ó monarca, teus amigos sem dúvida estão te dizendo o que é para o teu bem. Mas como tu estás relutante em escutar o que eles dizem, as palavras deles mal acham um lugar em teus ouvidos. O que aquele principal da raça Kuru, Bhishma, o filho de Santanu, disse, é excelente e é para o teu bem. Mas tu não escutas a ele. O preceptor Drona também disse muita coisa que é para o teu bem embora Karna, o filho de Radha, não o considere como tal. Mas, ó rei, refletindo bem eu não acho que alguém possa ser melhor amigo para ti do que estes dois leões entre os homens (Bhishma e Drona), ou alguém que possa sobrepujá-los em sabedoria. Estes dois, velhos em idade, em sabedoria, e em erudição sempre te consideraram, ó rei, e aos filhos de Pandu com imparcialidade. Sem dúvida, ó rei da linhagem Bharata, eles são ambos, em virtude e veracidade, não inferiores a Rama, o filho de Dasaratha, e Gaya. Nunca antes eles te deram algum mau conselho. Tu também, ó monarca, nunca os ofendeste. Por que, portanto, estes tigres entre os homens, que são sempre sinceros, te dariam agora um mau conselho, especialmente quando tu nunca os ofendeste? Dotados de sabedoria estes principais dos homens, ó rei, nunca te darão conselhos desonestos. Ó descendente da linhagem Kuru, é minha firme convicção que estes dois, conhecedores de todas as regras de moralidade, nunca, tentados por riqueza, proferirão algo que revele um espírito de parcialidade. O que eles disseram, ó Bharata, eu considero muito benéfico para ti. Sem dúvida, ó monarca, os Pandavas são teus filhos tanto quanto Duryodhana e os outros são. Aqueles ministros, portanto, que te dão algum conselho repleto de maldade para com os Pandavas não buscam realmente os teus interesses. Se há qualquer parcialidade no teu coração, ó rei, para com teus próprios filhos, aqueles que por seus conselhos procuram trazê-la para fora certamente não te fazem nenhum bem. Portanto, ó rei, estas pessoas ilustres dotadas de grande esplendor, eu penso, não disseram qualquer coisa direcionada para o mal. Tu, no entanto, não compreendes isto. O que estes touros entre os homens disseram com relação à invencibilidade dos Pandavas é perfeitamente verdadeiro. Não pense de outra maneira sobre isto, ó tigre entre homens. Abençoado sejas! Poderia o forte Dhananjaya, o filho de Pandu, que usa a mão direita e a esquerda com igual habilidade, ser vencido em batalha pelo próprio Maghavat? Poderia o grande Bhimasena de braços fortes, possuidor do poder de dez mil elefantes, ser vencido em batalha pelos próprios imortais? Quem também que deseje viver poderia vencer em batalha os gêmeos (Nakula e Sahadeva) que são como os filhos do próprio Yama, e bem hábeis em combate? Como também poderia o mais velho dos Pandavas em quem a paciência, piedade, generosidade, verdade, e destreza sempre vivem juntos, ser conquistado? Aqueles que têm Rama (Valadeva) como seu aliado, e Janardana (Krishna) como seu conselheiro, e Satyaki como seu partidário, já derrotou todos em guerra. Aqueles que têm Drupada como seu sogro, e os filhos de Drupada, os irmãos heróicos, Dhristadyumna e outros da

linhagem Prishata, como seus cunhados, são certamente invencíveis. Lembrando disto, ó monarca, e sabendo que sua reclamação ao reino já está diante de ti, te comporte virtuosamente com relação a eles. A mancha da calúnia está em ti, ó monarca, por causa daquela ação de Purochana. Lave-te daquilo agora por meio de um bom comportamento em direção aos Pandavas. Este teu bom comportamento, ó monarca, favorável aos Pandavas, será uma ação de grande benefício para nós, protegendo as vidas de todos nós que pertencemos à raça Kuru, e levando ao crescimento de toda a classe Kshatriya! Nós antigamente guerreamos com o rei Drupada; e se nós pudermos agora tê-lo como aliado nós fortaleceremos nosso partido. Os Dasarhas, ó rei, são numerosos e fortes. Saiba que onde Krishna está, todos eles devem estar, e onde Krishna está, a vitória também estará! Ó rei, quem, ao menos que tenha sido amaldiçoado pelos deuses, procuraria efetuar por meio da guerra aquilo que pode ser efetuado por conciliação? Sabendo que os filhos de Pritha estão vivos, os cidadãos e outros súditos do reino ficaram muito contentes e ávidos para vê-los. Ó monarca, aja de um modo que seja agradável para eles. Duryodhana e Karna e Sakuni, o filho de Suvala, são pecaminosos, tolos e jovens; não escute-os. Tu és possuidor de todas as virtudes, e eu há muito tempo atrás te disse, ó monarca, que por um erro de Duryodhana os súditos deste reino seriam exterminados.'

## 208

(Continuação do Viduragamana Parva)

Vaisampayana disse, 'Ouvindo estes vários discursos, Dhritarashtra disse, 'O erudito Bhishma, o filho de Santanu, e o ilustre Rishi Drona, e tu mesmo também (Vidura), têm dito a verdade e também o que é mais benéfico para mim. De fato, como todos aqueles poderosos guerreiros em carros, os filhos heróicos de Kunti, são filhos de Pandu, assim eles são, sem dúvida, meus filhos segundo a ordenança. E como meus filhos têm direito a este reino, assim os filhos de Pandu certamente têm o mesmo direito. Portanto, te apresse em trazer para cá os Pandavas junto com sua mãe, tratando-os com consideração afetuosa. Ó tu da linhagem de Bharata, traga também Krishna de beleza celeste junto com eles. Por pura boa sorte os filhos de Pritha estão vivos; e somente por boa sorte aqueles poderosos guerreiros em carros obtiveram a filha de Drupada. É somente por boa sorte que a nossa força aumentou e que Purochana pereceu. Ó tu de grande esplendor, e é por esta boa sorte que minha grande angústia acabou!'

Vaisampayana continuou, 'Então Vidura, por ordem de Dhritarashtra, foi, ó Bharata, à Yajnasena e aos Pandavas. E ele viajou para lá levando consigo numerosas jóias e várias espécies de riqueza para Draupadi e para os Pandavas e para Yajnasena também. Chegando na residência de Drupada, Vidura, conhecedor de todas as regras de moralidade e sagaz em todas as ciências, devidamente visitou e abordou o monarca. Drupada recebeu Vidura de forma apropriada e ambos perguntaram sobre o bem-estar do outro. Vidura então viu lá

os Pandavas e Vasudeva. Logo que os viu ele os abraçou com afeto e perguntou sobre seu bem-estar. Os Pandavas também, junto com Vasudeva, na devida ordem, reverenciaram Vidura de inteligência imensurável. Mas Vidura, ó rei, em nome de Dhritarashtra repetidamente perguntava com grande afeto sobre seu bem-estar. Ele então deu, ó monarca, para os Pandavas, para Kunti e para Draupadi, e para Drupada e para os filhos de Drupada, as jóias e vários tipos de riqueza que os Kauravas tinham enviado através dele. Possuidor de inteligência incomensurável, o modesto Vidura então, na presença dos Pandavas e Keshava, endereçou-se ao bem educado Drupada dessa maneira:

‘Com teus ministros e filhos, ó monarca, escute ao que eu digo. O rei Dhritarashtra, com seus ministros, filhos, e amigos, com alegria no coração, ó rei, repetidamente perguntou sobre seu bem-estar. E, ó monarca, ele está muito satisfeito com esta aliança contigo. Assim também, ó rei, Bhishma de grande sabedoria, o filho de Santanu, com todos os Kurus, perguntaram sobre o teu bem-estar com todo o respeito. Drona também de grande sabedoria, o filho de Bharadwaja e teu caro amigo, abraçando-te mentalmente, perguntou sobre tua felicidade. E, ó rei dos Panchalas, Dhritarashtra e todos os Kurus, por causa desta aliança contigo se consideram supremamente abençoados. Ó Yajnasena, o estabelecimento desta aliança contigo os fez mais felizes do que se eles tivessem adquirido um novo reino. Sabendo de tudo isto, ó monarca, permita aos Pandavas revisitarem seu reino ancestral. Os Kurus estão extremamente ávidos para ver os filhos de Pandu. Estes touros entre os homens estiveram muito tempo ausentes (de seu reino). Eles assim como Pritha devem estar muito ansiosos para ver sua cidade. E todas as senhoras Kuru e os cidadãos e nossos súditos estão avidamente esperando para contemplar Krishna, a Princesa de Panchala. Portanto, é minha opinião, ó monarca, que tu deves, sem demora, dar permissão para os Pandavas irem para lá com sua esposa. E depois que os Pandavas ilustres, ó rei, tiverem recebido tua permissão, eu enviarei a comunicação para Dhritarashtra por meio de mensageiros velozes. Então, ó rei, os Pandavas partirão com Kunti e Krishna.’

## 209

(Continuação do Viduragamana Parva)

Vaisampayana disse, ‘Ouvindo estas palavras de Vidura, Drupada disse, ‘É assim mesmo como tu, ó Vidura de grande sabedoria, disseste. Venerável, eu também estou extremamente feliz por causa desta aliança. É muito apropriado que estes ilustres príncipes voltem para seu reino ancestral. Mas não é apropriado eu dizer isto por mim mesmo. Se os corajosos filhos de Kunti, Yudhishtira, Bhima e Arjuna, aqueles touros entre homens, os gêmeos, desejarem ir e se Rama (Valadeva) e Krishna, ambos conhecedores de todas as regras de moralidade, tiverem esta mesma opinião, então que os Pandavas vão para lá. Pois estes tigres

entre homens (Rama e Krishna) estão sempre empenhados em fazer o que é agradável e benéfico para os filhos de Pandu.'

Ouvindo isso Yudhishtira disse, 'Eu sou agora, ó monarca, com todos os meus irmãos mais novos, dependente de ti. Nós alegremente faremos o que tu quiseres ordenar.'

Vaisampayana continuou, 'Então Vasudeva disse, 'Eu sou de opinião que os Pandavas devem ir. Mas nós todos aceitaremos a opinião do rei Drupada que está familiarizado com todas as regras de moralidade.'

Drupada então falou, 'Eu certamente concordo com o que este principal dos homens pensa, com relação às circunstâncias. Pois os filhos ilustres de Pandu são agora para mim assim como eles são, sem dúvida, para Vasudeva. O próprio filho de Kunti, Yudhishtira, não procura o bem-estar dos Pandavas tão seriamente como Kesava, este tigre entre homens.'

Vaisampayana continuou, 'Mandados pelo ilustre Drupada, os Pandavas, então, ó rei, e Krishna e Vidura, levando com eles Krishna, a filha de Drupada, e a renomada Kunti, viajaram em direção à cidade que mais tarde foi chamada de elefante (Hastinapura), parando em vários lugares pelo caminho para propósitos de lazer e divertimento. O rei Dhritarashtra, ao saber que aqueles heróis tinham se aproximado da capital, enviou os Kauravas para recebê-los. Aqueles que foram dessa forma enviados eram, ó Bharata, Vikarna do grande arco, e Chitrasena, e Drona aquele principal dos guerreiros, e Kripa da linhagem Gautama. Circundados por estes, aqueles heróis poderosos, com seu esplendor ressaltado por aquela multidão, lentamente entraram na cidade de Hastinapura. Toda a cidade ficou radiante, pois estava com uma multidão alegre de turistas animados pela curiosidade. Aqueles tigres entre homens alegraram os corações de todos os que os viram. E os Pandavas, queridos aos corações das pessoas, ouviam, enquanto prosseguiam, várias exclamações que os cidadãos, sempre desejosos de obedecer aos desejos daqueles príncipes, ruidosamente proferiam. Alguns exclamavam, 'Aqui retorna aquele tigre entre os homens, conhecedor de todas as regras de moralidade e que sempre nos protege como se nós fôssemos seus parentes próximos.' E em outro lugar eles diziam, 'Parece que Pandu, o rei querido por seu povo, retorna hoje da floresta, sem dúvida para fazer o que é agradável para nós.' E havia alguns que diziam, 'Que bem não é feito hoje para nós quando os filhos heróicos de Kunti voltam para nossa cidade? Se nós alguma vez demos coisas de graça em caridade, se nós alguma vez despejamos libações de manteiga clarificada no fogo, se nós temos qualquer mérito ascético, que os Pandavas, em virtude de todas estas ações fiquem na nossa cidade por uma centena de anos!'

Finalmente os Pandavas, ao chegarem ao local, reverenciaram os pés de Dhritarashtra, como também os do ilustre Bhishma. Eles também reverenciaram os pés de todos os outros que mereciam esta honra. E eles perguntaram sobre o bem-estar de todos os cidadãos (lá presentes). Finalmente, por ordem de Dhritarashtra eles entraram nos aposentos que lhes haviam sido designados.

Depois que eles tinham descansado lá por algum tempo, eles foram convocados (à corte) pelo rei Dhritarashtra e Bhishma, o filho de Santanu. Quando eles chegaram, o rei Dhritarashtra endereçou-se a Yudhishtira e disse, 'Escute, ó filho de Kunti, com teus irmãos, ao que eu digo. Dirijam-se para Khandavaprastha para que nenhuma diferença possa surgir outra vez (entre vocês e seus primos). Se vocês lá fixarem sua residência, ninguém poderá lhes prejudicar de modo algum. Protegidos por Partha (Arjuna), como os celestiais pelo raio, residam em Khandavaprastha, pegando metade do reino.'

Vaisampayana continuou, 'Concordando com o que Dhritarashtra disse, aqueles touros entre homens, reverenciando o rei saíram de Hastinapura. E contentes com metade do reino, eles se mudaram para Khandavaprastha, que era um deserto não cultivado. Então aqueles heróis de esplendor imorredouro, os Pandavas, com Krishna em sua liderança, chegando lá, embelezaram o lugar e fizeram dele um segundo céu. E aqueles poderosos guerreiros em carros, escolhendo com a ajuda de Dwaipayana uma região sagrada e auspiciosa, realizaram certas cerimônias propiciatórias e mediram um trecho de terra para sua cidade. Então, cercada por uma trincheira larga como o mar e por muros que alcançavam os céus, e branca como as nuvens fofas ou como os raios da lua, aquela principal das cidades parecia resplandecente como Bhogavati (a capital do reino inferior) decorada com os Nagas. E ela era adornada com mansões suntuosas e numerosos portões, cada um equipado com um par de painéis que pareciam as asas abertas de Garuda. E ela era protegida por portas que pareciam nuvens e que eram altas como as montanhas Mandara, e bem equipadas com numerosas armas de ataque, os mísseis dos inimigos não podiam fazer nem a mais fraca impressão nelas. E elas eram quase cobertas com dardos e outros projéteis semelhantes a cobras de língua dupla. As torres ao longo dos portões eram cheias de homens armados em curso de treinamento; e os muros eram alinhados com numerosos guerreiros por todo o seu comprimento. E lá havia milhares de foices afiadas e Sataghnis (máquinas que matavam uma centena de guerreiros) e numerosas outras máquinas nas ameias. Havia também grandes rodas de ferro fixadas nelas. E com tudo isto aquela principal das cidades era adornada. As ruas eram todas largas e planejadas excelentemente; e não havia temor de acidentes nelas. E enfeitada com mansões inumeráveis, a cidade se tornou como Amaravati e veio a se chamar Indraprastha (como a cidade de Indra). Em uma encantadora e auspiciosa parte da cidade erguia-se o palácio dos Pandavas repleto com todos os tipos de riquezas e como a mansão do próprio tesoureiro celeste (Kuvera). E ela parecia com uma massa de nuvens carregada com relâmpagos.

Quando a cidade estava construída, foram lá, ó rei, numerosos Brahmanas bons conhecedores de todos os Vedas e de todas as línguas, desejando morar lá. E foram também àquela cidade numerosos comerciantes de todas as direções, na esperança de ganhar riqueza. Foram lá também numerosas pessoas hábeis em todas as artes, desejando fixar residência. E ao redor da cidade foram dispostos muitos jardins encantadores adornados com numerosas árvores portando frutas e flores. Havia Amras (mangueiras) e Amaratakas, e Kadamvas e Asokas, e

Champakas; e Punnagas e Nagas e Lakuchas e Panasas; e Salas e Talas (palmeiras) e Tamalas e Vakulas, e Ketakas com suas cargas fragrantes; belas e florescentes, e Amalakas grandes com ramos vergados pelo peso dos frutos, e Lodhras e Ankolas florescentes; e Jamvus (árvores de amoras pretas) e Patalas e Kunjakas e Atimuktas; e Karaviras e Parijatas e outras espécies numerosas de árvores, sempre adornadas com flores e frutos e animadas com criaturas emplumadas de várias espécies. E aqueles arvoredos verdejantes sempre ressoavam com as notas de pavões enlouquecidos e Kokilas (melros). E lá havia várias casas de lazer agradáveis, brilhantes como espelhos, e numerosos caramanchões de trepadeiras, e pequenos morros artificiais encantadores, e muitos lagos cheios até a borda de água cristalina, e tanques fragrantes com lotos e lírios e adornados com cisnes e patos e chakravakas (patos brahminy). E havia muitos deliciosos reservatórios cobertos com excelentes plantas aquáticas. E havia também diversos açudes de grande beleza e dimensões. E, ó rei, a alegria dos Pandavas aumentava dia a dia, por consequência da sua residência naquele reino grande que era povoado com homens virtuosos.

Assim, por causa do comportamento virtuoso de Bhishma e do rei Dhritarashtra com relação a eles, os Pandavas fixaram sua residência em Khandavaprastha. Adornada com aqueles cinco guerreiros poderosos, cada um igual ao próprio Indra, aquela principal das cidades parecia com Bhogavati (a capital do reino inferior) adornada com os Nagas. E, ó monarca, tendo fixado os Pandavas lá, o heróico Krishna, obtendo sua permissão, voltou com Rama para Dwaravati.'

## 210

(Rajya labha Parva)

Janamejaya disse, 'Ó tu que possui riqueza ascética, o que fizeram aqueles homens de grandes almas, meus antepassados, os ilustres Pandavas, depois de obterem o reino de Indraprastha? Como sua esposa Draupadi obedecia a todos eles? Como também não surgiram divergências entre aqueles soberanos ilustres de homens, todos ligados a uma só esposa, Krishna? Ó tu cuja riqueza é o ascetismo, eu desejo saber tudo em detalhes a respeito do comportamento com relação uns aos outros daqueles soberanos de homens depois de sua união com Krishna.'

Vaisampayana disse, 'Aqueles destruidores de inimigos, os Pandavas, tendo obtido seu reino por ordem de Dhritarashtra, passaram seus dias em alegria e felicidade em Khandavaprastha com Krishna. E Yudhishtira dotado de grande energia e sempre fiel à verdade, tendo obtido a soberania, virtuosamente governou a terra, ajudado por seus irmãos. E os filhos de Pandu, dotados de grande sabedoria e dedicados à verdade e virtude, tendo vencido todos os seus inimigos, continuaram a viver lá em grande felicidade. E aqueles touros entre homens, sentados em assentos reais de grande valor, costumavam cumprir todas

as funções de governo. E um dia, quando todos aqueles heróis ilustres estavam assim sentados, foi até eles o Rishi celeste Narada, no curso de suas viagens. Vendo o Rishi, Yudhishtira ofereceu a ele o seu próprio assento belo. E depois que o Rishi celeste estava sentado, o sábio Yudhishtira devidamente lhe ofereceu o Arghya com suas próprias mãos. E o rei também informou o Rishi do estado de seu reino. O Rishi aceitando o culto, ficou bem satisfeito, e elogiando-o com bênçãos, mandou o rei se sentar. Mandado pelo Rishi, o rei tomou seu assento. Então o rei enviou a notícia para Krishna (nos aposentos internos) da chegada do homem ilustre. Sabendo da chegada do Rishi, Draupadi, se purificando devidamente, foi com uma respeitosa atitude para onde Narada estava com os Pandavas. A princesa virtuosa de Panchala, reverenciando os pés do Rishi celeste, ficou com as mãos unidas diante dele, devidamente velada. O ilustre Narada, pronunciando várias bênçãos sobre ela, mandou a princesa se retirar. Depois que Krishna tinha se retirado, o Rishi ilustre, endereçando-se em particular aos Pandavas com Yudhishtira em sua liderança, disse, 'A renomada princesa de Panchala é esposa de vocês todos. Estabeleçam uma regra entre vocês, assim a desunião não surgirá. Havia, antigamente, célebres pelos três mundos, dois irmãos chamados Sunda e Upasunda que viviam juntos e que não podiam ser mortos por alguém a menos que um assassinasse o outro. Eles governavam o mesmo reino, viviam na mesma casa, dormiam na mesma cama, sentavam no mesmo assento, e comiam no mesmo prato. E ainda assim eles se mataram por causa de Tilottama. Portanto, ó Yudhishtira, preserves a amizade de vocês e façam o que não possa produzir discórdia entre vocês.'

Ao ouvir isto Yudhishtira perguntou, 'Ó grande Muni, os Asuras chamados Sunda e Upasunda eram filhos de quem? De onde surgiu a discórdia entre eles e por que mataram um ao outro? De quem era filha também esta Tilottama por cujo amor os irmãos enlouquecidos mataram um ao outro? Ela era uma Apsara (divindade dos rios, ninfa) ou a filha de algum celestial? Ó tu cuja riqueza é o ascetismo, nós desejamos, ó Brahmana, ouvir em detalhes como tudo aconteceu. De fato, nossa curiosidade se tornou grande.'

## 211

(Continuação Rajya labha Parva)

Vaisampayana disse, 'Ouvindo estas palavras de Yudhishtira, Narada respondeu, 'Ó filho de Pritha, escute com teus irmãos enquanto eu narro esta velha história, ó Yudhishtira, exatamente como aconteceu. Antigamente um Daitya poderoso de nome Nikumbha, dotado de grande energia e força nasceu na linhagem do grande Asura, Hiranyakasipu. A este Nikumbha nasceram dois filhos chamados Sunda e Upasunda. Ambos eram poderosos Asuras dotados de grande energia e bravura terrível. Os irmãos eram ferozes e possuíam corações perversos. E aqueles Daityas tinham a mesma determinação e estavam sempre dedicados a realizar as mesmas tarefas e objetivos. Eles sempre compartilhavam

juntos a felicidade assim como a dor. Cada um falando e fazendo o que era agradável para o outro, os irmãos sempre estavam juntos, e nunca iam a qualquer lugar a menos que estivessem juntos. De exatamente a mesma disposição e hábitos, eles pareciam ser um indivíduo dividido em duas partes. Dotados de grande energia e sempre com a mesma resolução em tudo o que empreendiam, os irmãos gradualmente cresceram. Sempre tendo o mesmo propósito, desejosos de subjugar os três mundos, os irmãos, depois da devida iniciação, foram para as montanhas de Vindhya. E severas foram as penitências ascéticas que eles realizaram lá. Esgotados por fome e sede, com os cabelos emaranhados sobre suas cabeças e vestidos em cascas de árvores, eles adquiriram suficiente mérito ascético finalmente. Sujando-se com poeira da cabeça aos pés, vivendo só do ar, ficando sobre seus dedos dos pés, eles jogavam pedaços da carne de seus corpos ao fogo. Com seus braços erguidos, e olhar fixo, muito tempo foi o período pelo qual eles cumpriram seus votos. E durante o curso de suas penitências ascéticas, um incidente extraordinário ocorreu. As montanhas de Vindhya, aquecidas por longos anos pelo poder de suas austeridades ascéticas, começaram a emitir vapor de todas as partes de seus corpos. E vendo a severidade das austeridades deles os celestiais ficaram alarmados. Os deuses começaram a produzir numerosas obstruções para impedir o progresso do ascetismo deles. Os celestiais repetidamente tentaram os irmãos por meio de todas as poses preciosas e das mais belas garotas. Os irmãos não quebraram seus votos. Então os celestiais mais uma vez manifestaram, perante os irmãos ilustres, seus poderes de ilusão. Pois parecia que suas irmãs, mães, esposas, e outros parentes, com cabelos e ornamentos e mantos desordenados, estavam correndo em direção a eles aterrorizados, perseguidos e golpeados por um Rakshasa com uma lança na mão. E parecia que as mulheres imploravam a ajuda dos irmãos gritando, 'Ó salvem-nos!' Mas tudo isso foi por nada, pois firmemente unidos a eles, os irmãos ainda não quebraram seus votos. E quando foi percebido que tudo aquilo não produziu a menor impressão em nenhum dos dois, as mulheres e o Rakshasa desapareceram de vista. Finalmente o próprio Avô, o Senhor Supremo que sempre procura o bem-estar de todos, foi àqueles grandes Asuras e pediu a eles para solicitarem a bênção que desejassem. Então os irmãos Sunda e Upasunda, ambos de grande bravura, contemplando o Avô, ergueram-se de seus assentos e ficaram com as palmas unidas. E ambos os irmãos disseram ao Deus, 'Ó Avô, se tu estás satisfeito com nossas austeridades ascéticas, e estás, ó senhor, propício a nós, então que nós tenhamos o conhecimento de todas as armas e de todos os poderes de ilusão. Que nós sejamos dotados de grande força, e que possamos assumir qualquer forma que quisermos. E por último, que nós também sejamos imortais.' Ouvindo estas palavras deles, Brahman disse, 'Exceto a imortalidade que vocês pedem, lhes será dado tudo isso que desejam. Solicitem alguma forma de morte pela qual vocês possam ainda ser iguais aos imortais. E já que vocês praticaram estas severas austeridades ascéticas só pelo desejo de soberania eu não posso lhes dar o benefício da imortalidade. Vocês realizaram suas penitências ascéticas para subjugar os três mundos. É por isto, ó Daityas poderosos, que eu não posso conceder a vocês o que vocês desejam.'

Narada continuou, 'Ouvindo estas palavras de Brahman, Sunda e Upasunda disseram, 'Ó Avô, que nós então não temos qualquer coisa criada, móvel ou imóvel, nos três mundos, exceto somente um ao outro!' O Avô então disse, 'Eu concedo a vocês o que vocês pedem, já que este é o seu desejo.' E concedendo a eles este benefício, o Avô os fez desistir de seu ascetismo, e voltou para sua própria região. Então os irmãos, aqueles Daityas poderosos, tendo recebido aqueles vários benefícios tornaram-se incapazes de ser mortos por alguém no universo. Eles então voltaram para sua própria residência. Todos seus amigos e parentes, vendo aqueles Daityas de grande inteligência coroados com sucesso na questão dos benefícios que tinham obtido, ficaram muito contentes. E Sunda e Upasunda então cortaram seus cabelos emaranhados e puseram ornados em suas cabeças. Vestidos com mantos e ornamentos caros, eles pareciam extremamente belos. Eles faziam a lua se erguer sobre sua cidade todas as noites mesmo fora de sua época. E amigos e parentes entregaram-se à alegria e folia com corações contentes. 'Coma', 'alimente-se', 'conte', 'fique feliz', 'cante', 'beba', estes eram os sons ouvidos diariamente em todas as casas. E lá e cá erguiam-se altos tumultos de hilaridade misturados com aplausos que enchiam toda a cidade dos Daityas, que sendo capazes de assumir qualquer forma que quisessem, estavam dedicados a todos os tipos de diversão e esportes e mal reparavam no vôo do tempo, considerando até mesmo um ano inteiro como um único dia.'

## 212

(Continuação do Rajya labha Parva)

Narada continuou, 'Logo que aquelas festas tiveram fim, os irmãos Sunda e Upasunda, desejosos da soberania dos três mundos, deliberaram e mandaram suas forças serem organizadas. Obtendo a concordância de seus amigos e parentes, dos mais velhos da raça Daitya e de seus ministros de estado, e realizando os ritos preliminares de partida, eles saíram durante a noite quando a constelação Magha estava em ascendência. Os irmãos partiram com uma grande força Daitya vestida em armaduras e armada com maças e machados e lanças e clavas. Os heróis Daitya saíram em sua expedição com corações alegres, com os charanas (bardos) cantando laudatórios auspiciosos indicativos de seus futuros triunfos. Violentos em guerra, os irmãos Daitya, capazes de ir a todos os lugares à vontade, ascenderam aos céus e foram para a região dos celestiais. Os celestiais sabendo que eles estavam chegando e conhecendo também os benefícios concedidos a eles pela Divindade Suprema deixaram o céu e procuraram refúgio na região de Brahman. Dotados com destreza feroz, os heróis Daitya logo subjugarão a região de Indra, e vencendo as diversas tribos de Yakshas e Rakshasas e todas as criaturas que percorriam os céus, foram embora. Aqueles poderosos guerreiros em carros em seguida subjugarão os Nagas da região inferior, e então os habitantes do oceano e então todas as tribos dos Mlechchhas. Desejosos em seguida de subjugar toda a terra, aqueles heróis de domínio

irresistível, convocando seus soldados, lhes deram ordens cruéis, 'Brahmanas e sábios reais (na terra) com suas libações e outros alimentos oferecidos em grandes sacrifícios, aumentam a energia e força dos deuses, como também sua prosperidade. Engajados em tais atos, eles são inimigos dos Asuras. Todos nós, portanto, reunidos, devemos eliminá-los completamente da face terra!' Comandando seus soldados desta forma na costa leste do grande oceano, e tendo tal resolução cruel, os irmãos Asura seguiram para todas as direções. E aqueles que estavam realizando sacrifícios e os Brahmanas que estavam ajudando naqueles sacrifícios, os irmãos poderosos assassinavam imediatamente. E massacrando-os com violência eles partiam para algum outro lugar. Enquanto seus soldados jogavam na água os fogos sacrificais que estavam nos retiros de Munis com almas sob controle completo, as maldições proferidas pelos Rishis ilustres em cólera malogravam por causa dos benefícios concedidos (por Brahman), e não afetavam os irmãos Asura. Quando os Brahmanas viram que suas maldições não produziam o menor efeito como setas disparadas em pedras eles fugiram em todas as direções, abandonando seus ritos e votos. Mesmo aqueles Rishis sobre a terra que eram coroados com sucesso ascético, e tinham suas paixões sob controle completo e estavam totalmente absortos em meditação na Divindade, por medo dos irmãos Asura, fugiram como cobras à aproximação do filho de Vinata (Garuda, o comedor de cobras). Os retiros sagrados foram todos pisoteados e destruídos. Os jarros e recipientes sacrificais estando quebrados, seus conteúdos (sagrados) eram espalhados pelo chão. Todo o universo se tornou vazio, como se suas criaturas tivessem todas sido abatidas durante a época da dissolução geral. E, ó rei, depois que os Rishis tinham todos desaparecido e se fizeram invisíveis para ambos, os grandes Asuras, decididos a destruí-los, começaram a assumir várias formas. Assumindo as formas de elefantes enlouquecidos com têmporas rasgadas por excesso de sumo, o par Asura, procurando os Rishis que tinham se abrigado em cavernas, os enviavam para a região de Yama. Às vezes se tornando como leões e outra vez como tigres e desaparecendo no momento seguinte, por estes e outros métodos o par cruel, vendo os Rishis, os assassinavam imediatamente. Sacrifícios e estudos cessaram, e reis e Brahmanas foram exterminados. A terra ficou completamente desprovida de sacrifícios e festivais. E as pessoas apavoradas proferiram gritos de 'Oh' e 'Ai' e toda compra e venda parou. Todos os ritos religiosos cessaram, e a terra ficou desprovida de cerimônias sagradas e casamentos. A agricultura foi negligenciada e o gado não foi mais cuidado. Cidades e retiros se tornaram desolados. E com ossos e esqueletos espalhados sobre si, a terra assumiu um aspecto terrível. Todas as cerimônias em honra dos Pitris estavam suspensas, e o som sagrado de Vashat e todo o círculo de ritos propícios cessou. A terra ficou terrível de se contemplar. O Sol e a Lua, os Planetas e Estrelas, e Constelações, e os outros habitantes do firmamento, testemunhando as ações de Sunda e Upasunda, sofreram profundamente. Subjugando todos os pontos do céu por meio de tais atos cruéis, os irmãos Asura fixaram sua residência em Kurukshetra, sem um único rival.'

(Continuação do Rajya labha Parva)

Narada continuou, 'Então os Rishis celestes, os Siddhas, e os Rishis de grande alma possuindo os atributos de tranquilidade e autocontrole, vendo aquele ato de massacre universal, ficaram aflitos com grande dor. Com paixões e sentidos e almas sob completo controle, eles então foram à residência do Avô, movidos por compaixão pelo universo. Chegando lá, eles viram o Avô sentado com deuses, Siddhas, e Brahmarshis em volta de si. Estava lá presente aquele Deus de deuses, Mahadeva, e Agni, acompanhado por Vayu, e Soma e Surya e Sakra, e Rishis dedicados à contemplação de Brahma, e os Vaikhanasas, os Valakhilyas, os Vanaprasthas, os Marichipas, os Ajas, os Avimudas, e outros ascetas de grande energia. Todos aqueles Rishis estavam com o Avô, quando os celestiais e outros Rishis, se aproximando de Brahman com corações tristes, relataram a ele todas as ações de Sunda e Upasunda. E eles disseram ao Avô em detalhes tudo o que os irmãos Asura tinham feito, e como eles o tinham feito, e em que sequência. Então todos os celestiais e os grandes Rishis forçaram a questão perante o Avô. O Avô, ouvindo tudo o que eles disseram, refletiu por um momento e decidiu em sua mente o que ele deveria fazer. Resolvendo realizar a destruição dos irmãos Asura, ele convocou Viswakarman (o arquiteto celeste). Vendo Viswakarman diante de si, o Avô possuidor de mérito ascético supremo o ordenou dizendo, 'Crie uma donzela capaz de cativar todos os corações.' Curvando-se ao Avô e recebendo sua ordem com reverência, o grande artífice do universo criou uma moça celeste com atenção cuidadosa. Viswakrit primeiro reuniu todos traços bonitos sobre o corpo da donzela que criou. De fato, a moça celeste que ele criou era quase uma massa de pedras preciosas. E criada com grande cuidado por Viswakarman, a donzela, em beleza, era inigualável entre as mulheres dos três mundos. Não havia nem uma mínima parte do corpo dela que por sua riqueza de beleza não pudesse atrair o olhar dos observadores. E como a própria Sri incorporada, aquela donzela de extraordinária beleza cativava os olhos e corações de todas as criaturas. E porque ela tinha sido criada com porções de todas as pedras preciosas usadas em medidas exatas, o Avô deu a ela o nome de Tilottama. E logo que ele a iniciou para a vida, a donzela se curvou a Brahman e com as palmas unidas disse, 'Senhor de todas as coisas criadas, qual tarefa eu tenho que realizar e para a qual eu fui criada?' O Avô respondeu, 'Vá, ó Tilottama, aos Asuras Sunda e Upasunda. Ó amável, tente-os com tua cativante beleza. E, ó donzela, aja de tal modo que os irmãos Asura, por causa da riqueza da tua beleza, discutam entre si logo que eles lançarem seus olhos sobre ti.'

Narada continuou, 'Curvando-se ao Avô e dizendo, 'Assim será,' a donzela caminhou em volta do conclave celeste. O ilustre Brahman estava então sentado com o rosto virado para o leste, e Mahadeva com a face também em direção ao leste, e todos os celestiais com os rostos virados na direção norte, e os Rishis com os rostos para todas as direções. Enquanto Tilottama andou pelo conclave dos celestiais, Indra e o ilustre Sthanu (Mahadeva) foram os únicos que conseguiram

preservar sua tranquilidade mental. Mas extremamente desejoso como Mahadeva estava (de contemplar Tilottama) quando a donzela (em seu progresso ao redor do conclave celeste) estava ao seu lado, outro rosto como um lótus totalmente desabrochado apareceu no lado sul de seu corpo. E quando ela estava atrás dele, outro rosto apareceu no oeste. E quando a donzela estava no lado do norte do grande deus, um quarto rosto apareceu no lado do norte de seu corpo. Indra (que estava ávido para contemplar a donzela) veio também a ter mil olhos, cada um grande e ligeiramente avermelhado, na frente, atrás e em seus flancos. E foi assim que o grande deus Sthanu veio a ter quatro rostos, e o matador de Vala, mil olhos. E com relação à massa de celestiais e aos Rishis, eles viraram seus rostos em todas as direções enquanto Tilottama andava ao redor deles. Exceto o próprio Avô divino, os olhares de todos aqueles personagens ilustres caíram sobre o corpo de Tilottama. E quando Tilottama partiu (para a cidade dos Asuras) com a riqueza de sua beleza, todos consideraram a tarefa como já realizada. Depois que Tilottama tinha ido embora, o grande deus que era a Primeira Causa do Universo, despediu todos os celestiais e os Rishis.'

## 214

(Continuação do Rajya labha Parva)

Narada continuou, 'Enquanto isso os irmãos Asura, que tinham subjogado a terra, não tinham um rival. Quando a fadiga do esforço havia acabado, eles, tendo trazido os três mundos sob domínio igual, se consideraram como pessoas que não tinham mais nada para fazer. Tendo trazido todos os tesouros dos deuses, dos Gandharvas, dos Yakshas, dos Nagas, dos Rakshasas, e dos reis da terra, os irmãos começaram a passar seus dias em grande felicidade. Quando eles viram que não tinham nenhum rival (nos três mundos), eles desistiram de todo o esforço e dedicaram seu tempo ao prazer e à alegria, como os celestiais. Eles experimentaram grande felicidade por se darem todos os tipos de prazer, tais como mulheres, e perfumes e coroas florais e iguarias, e bebidas e muitos outros objetos agradáveis em profusão. Em casas e florestas e jardins, em colinas e em florestas, onde quer que eles quisessem eles passavam seu tempo em prazer e diversão, como os imortais. E aconteceu que um dia eles foram para propósitos de lazer para um planalto da cadeia de montanhas Vindhya, perfeitamente plano e pedregoso, e coberto com árvores florescentes. Depois que todos os objetos de desejo, todos da espécie mais agradável, haviam sido trazidos, os irmãos se sentaram em um assento excelente, com corações felizes e acompanhados por belas mulheres. E aquelas donzelas, desejosas de agradar aos irmãos, começaram uma dança em acompanhamento à música, e muitas cantavam docemente uma canção em louvor ao par poderoso.'

Enquanto isso Tilottama vestida em uma única peça de seda vermelha mostrando todo o seu encanto, se aproximou, colhendo flores selvagens em seu caminho. Ela avançou lentamente para onde aqueles Asuras poderosos estavam.

Os irmãos Asura, embriagados com as grandes porções que tinham bebido foram afetados ao verem aquela moça de beleza transcendente. Deixando seus assentos eles foram rapidamente para onde a donzela estava. Ambos estando sob a influência da luxúria, cada um procurava a moça para si mesmo. E Sunda agarrou aquela moça de belas sobrancelhas por sua mão direita. Inebriados com os benefícios que tinham obtido, com poder físico, com a riqueza e jóias que tinham apanhado de todos os quadrantes, e com o vinho que tinham bebido, enlouquecidos com tudo aquilo, e influenciados por desejo ansioso, eles se endereçaram um ao outro, cada um contraindo sua frente com raiva, 'Ela é minha mulher, e portanto tua superior,' disse Sunda. 'Ela é minha mulher, e portanto tua cunhada', Upasunda respondeu. E eles disseram um ao outro, 'Ela é minha e não tua.' E logo eles estavam sob a influência da raiva. Enlouquecidos pela beleza da donzela, eles logo esqueceram o amor e afeto que tinham um pelo outro. Ambos, carentes de razão pela paixão, então ergueram suas maçãs aterradoras. Cada um repetindo, 'Eu fui o primeiro, Eu fui o primeiro', (ao pegar a mão dela) golpeou o outro. E os Asuras ferozes, golpeados um pelo outro com a maçã, caíram sobre a terra, com seus corpos banhados em sangue, como dois sóis desalojados do firmamento. E vendo aquilo as mulheres que tinham ido lá, e os outros Asuras lá presentes, todos fugiram tremendo de angústia e medo e se refugiaram nas regiões inferiores. O próprio Avô de alma pura então foi até lá, acompanhado pelos celestiais e grandes Rishis. E o Avô ilustre elogiou Tilottama e expressou seu desejo de lhe conceder uma bênção. A Divindade Suprema, perante Tilottama, desejosa de conceder um a ela um benefício, alegremente disse, 'Ó bela donzela, tu deves vagar na região dos Adityas. Teu esplendor será tão grande ninguém será capaz de olhar para ti por qualquer duração de tempo!' O Avô de todas as criaturas, concedendo este benefício a ela, estabelecendo os três mundos em Indra como antes, voltou para sua própria região.'

Narada continuou, 'E foi assim que aqueles Asuras, sempre unidos e inspirados pelo mesmo propósito assassinaram um ao outro em cólera por Tilottama. Portanto, por afeto eu digo a vocês, ó principais da linhagem Bharata, que se vocês desejam fazer alguma coisa agradável para mim, façam algum acordo para que vocês não possam brigar um com o outro por Draupadi.'

Vaisampayana continuou, 'Os ilustres Pandavas, assim ouvindo o grande Rishi Narada, consultando uns aos outros, estabeleceram uma regra entre eles mesmos na presença do próprio Rishi celeste dotado de energia incomensurável. E a regra que eles fizeram era que quando um deles estivesse com Draupadi, qualquer um dos outros quatro que visse o outro daquela forma deveria se retirar para a floresta por doze anos, passando seus dias como um Brahmacharin. Depois que os Pandavas virtuosos tinham estabelecido aquela regra entre eles mesmos, o grande Muni Narada, satisfeito com eles, foi para onde desejava ir. Assim, ó Janamejaya, os Pandavas, instados por Narada, estabeleceram uma regra entre eles em relação à sua esposa em comum. E foi por isto, ó Bharata, que nenhuma disputa nunca ocorreu entre eles.'

(Arjuna vanavasa Parva)

Vaisampayana disse, 'Os Pandavas, tendo fixado tal regra, continuaram a residir lá. Pela destreza de seus braços eles trouxeram muitos reis sob seu domínio. E Krishna se tornou obediente a todos os cinco filhos de Pritha, aqueles leões entre homens, de energia imensurável. Como o rio Saraswati enfeitado com elefantes, os quais se deleitam naquele rio, Draupadi se deleitou com seus cinco maridos heróicos e eles também se deleitaram com ela. E pelos Pandavas ilustres serem extremamente virtuosos em sua prática, toda a linhagem dos Kurus, livre do pecado e feliz, cresceu em prosperidade.

Depois de algum tempo, ó rei, aconteceu que certos ladrões furtaram o gado de um Brahmana, e enquanto eles estavam carregando o roubo, o Brahmana, privado de sua razão pela raiva, foi para Khandavaprastha, e começou a criticar os Pandavas em palavras aflitas. O Brahmana disse, 'Ó Pandavas, deste teu domínio meu gado está agora mesmo sendo levado embora à força por canalhas desprezíveis e desgraçados! Persigam os ladrões. Ai, a manteiga sacrificial de um Brahmana pacífico está sendo roubada por corvos! Ai, o chacal desprezível invadiu a caverna vazia de um leão! Um rei que pega a sexta parte da produção da terra sem proteger o súdito é considerado pelos sábios como a pessoa mais pecaminosa de todo o mundo. A riqueza de um Brahmana está sendo roubada por ladrões! A própria virtude está sofrendo diminuição! Peguem-me pela mão, ó Pandavas, pois eu estou mergulhado na dor!'

Vaisampayana continuou, 'Dhananjaya, o filho de Kunti, ouviu aquelas palavras do Brahmana chorando em dor amarga. Logo que ele ouviu aquelas palavras ele ruidosamente assegurou o Brahmana, dizendo, 'Não tema.' Mas ocorreu que o aposento onde os Pandavas ilustres tinham suas armas estava então ocupado por Yudhishthira, o justo, com Krishna. Arjuna, portanto, era incapaz de entrar ou, de ir sozinho com o Brahmana, embora repetidamente suplicado (para fazer um e outro) pelas palavras chorosas do Brahmana. Convocado pelo Brahmana, Arjuna refletiu com coração triste, Ai, a riqueza deste Brahmana inocente está sendo roubada! Eu devo sem dúvida secar suas lágrimas. Ele veio até nosso portão, e está chorando até agora. Se eu não protegê-lo, o rei será tocado pelo pecado por causa da minha indiferença; nossa própria irreligiosidade será citada por todo o reino, e nós incorreremos em um grande pecado. Se, desconsiderando o rei, eu entrar no aposento, sem dúvida eu estarei me comportando falsamente com relação ao monarca sem um inimigo. Por entrar no aposento, eu incorro na pena de um exílio nas florestas. Mas eu devo observar tudo isto do alto. Eu não me importo se eu tiver que incorrer em pecado por desconsiderar o rei. Eu não me importo se eu tiver que ir às florestas e morrer lá. A virtude é superior ao corpo e permanece depois que o corpo perece!' Dhananjaya, chegando a esta resolução, entrou no aposento e falou com Yudhishthira. Saindo com o arco, ele alegremente disse ao Brahmana, 'Procedamos, ó Brahmana, com pressa, para que aqueles ladrões ordinários não fiquem muito à nossa frente. Eu te acompanharei e

restaurarei a tua riqueza que caiu nas mãos dos ladrões.' Então Dhananjaya, capaz de usar ambos os braços com igual habilidade, armado com arco e coberto com armadura e dirigindo sua carruagem de guerra decorada com um estandarte, perseguiu os ladrões, e perfurando-os com suas flechas os obrigou a desistir dos despojos. Beneficiando o Brahmana assim por lhe devolver suas vacas, e ganhando grande renome, o herói voltou à capital. Curvando-se a todos os mais velhos, e felicitado por todos, Partha finalmente se aproximou de Yudhishtira, e dirigindo-se a ele, disse, 'Dê-me permissão, ó senhor, para cumprir a promessa que fiz. Ao te ver com Draupadi eu violei a regra estabelecida por nós. Eu, portanto, irei para as florestas, pois foi este o nosso acordo.' Então Yudhishtira ouvindo de repente aquelas palavras dolorosas, ficou afligido pela tristeza, e disse em uma voz agitada, 'Por que!' Pouco depois, o rei Yudhishtira em aflição disse para seu irmão Dhananjaya de cabelo ondulado que nunca se desviou de seus votos, estas palavras, 'Ó impecável, se eu sou uma autoridade digna de respeito, escutes ao que eu digo. O herói, eu sei perfeitamente bem a razão porque tu entraste no meu aposento e fizeste o que tu consideras como um ato desagradável para mim. Mas não há descontentamento na minha mente. O irmão mais novo pode, sem cometer uma transgressão, entrar na câmara onde o irmão mais velho está com sua esposa. É somente o irmão mais velho que age contra as regras de retidão por entrar no quarto onde o irmão mais novo está com sua mulher. Portanto, ó tu de braços poderosos, desista do teu propósito. Faça o que eu digo. Tua virtude não sofreu diminuição. Tu não me desrespeitaste.'

Arjuna, ouvindo isto, respondeu, 'Eu tenho ouvido, até de ti, que preocupar-se com ninharias não é permitido no cumprimento do dever. Eu não posso me desviar da verdade. A verdade é minha arma.'

Vaisampayana continuou, 'Obtendo então a permissão do rei, Arjuna se preparou para uma vida na floresta; e ele foi à floresta para viver lá por doze anos.'

## 216

(Continuação do Arjuna vanavasa Parva)

Vaisampayana disse, 'Quando aquele propagador do renome da linhagem Kuru, Arjuna de braços fortes, partiu (para a floresta), Brahmanas conhecedores dos Vedas caminharam atrás daquele herói ilustre à certa distância. Seguido por Brahmanas conhecedores dos Vedas e seus ramos e dedicados à contemplação do Espírito Supremo, por pessoas habilidosas em música, por ascetas dedicados à Divindade, por narradores de Puranas, por narradores de histórias sagradas, por devotos levando vidas celibatárias, por Vanaprasthas, por Brahmanas que gentilmente recitavam histórias celestes, e por várias classes de pessoas de palavras gentis, Arjuna viajou como Indra seguido pelos Maruts. E, ó tu da linhagem Bharata, aquele touro entre os Bharatas viu, enquanto viajava, muitas

florestas encantadoras e pitorescas, lagos, rios, mares, províncias, e águas. Finalmente, ao chegar à fonte do Ganges o herói poderoso pensou em se fixar lá.

Escute agora, ó Janamejaya, a um feito extraordinário que aquele principal dos filhos de Pandu, de grande alma, fez, enquanto vivia lá. Quando aquele filho de Kunti, ó Bharata, e os Brahmanas que o tinham seguido tomaram residência naquela região, o último realizou inúmeros Agnihotras (ritos sacrificais por acender o fogo sagrado). E, ó rei, por causa daqueles eruditos observadores de votos e ilustres Brahmanas, que nunca se desviavam do caminho da justiça, diariamente fixando e acendendo com mantras nas margens daquela corrente sagrada, depois da realização de suas abluções, fogos para seus sacrifícios, e despejando libações de manteiga clarificada aos mesmos, e venerando aqueles fogos com oferendas de flores, aquela região onde o Ganges entrava nas planícies se tornou extremamente bela. Um dia aquele touro entre os Pandavas, enquanto residia naquela região no meio daqueles Brahmanas, desceu (como de hábito) ao Ganges para realizar suas abluções. Depois que suas abluções haviam terminado, e depois que ele tinha oferecido oblações de água para seus antepassados falecidos, ele estava para se levantar da correnteza para realizar seu ritos perante o fogo sacrificial, quando o herói poderoso, ó rei, foi puxado para o fundo da água por Ulupi, a filha do rei dos Nagas, incitada pelo deus do desejo. E aconteceu que o filho de Pandu foi levado à mansão bela de Kauravya, o rei dos Nagas. Arjuna viu lá um fogo sacrificial aceso para ele mesmo. Contemplando aquele fogo, Dhananjaya, o filho de Kunti, realizou seus ritos sacrificais com devoção. E Agni ficou muito satisfeito com Arjuna pelo destemor com que o herói despejou libações em sua forma manifesta. Depois que ele assim tinha realizado seus ritos perante o fogo, o filho de Kunti, vendo a filha do rei dos Nagas, dirigiu-se a ela sorridente e disse, 'Ó bela menina, que ato impetuoso fizeste. Ó tímida! De quem é esta região bela, e de quem tu és filha?'

Ouvindo estas palavras de Arjuna, Ulupi respondeu, 'Há um Naga de nome Kauravya, nascido na linha de Airavata. Eu sou, ó príncipe, a filha deste Kauravya, e meu nome é Ulupi. Ó tigre entre homens, vendo-te descer à corrente para realizar tuas abluções, eu fui privada da razão pelo deus do desejo. Ó impecável, eu ainda não sou casada. Atormentada como estou pelo deus do desejo por tua causa, ó tu da linhagem Kuru, satisfaça-me hoje por entregar-te a mim.'

Arjuna respondeu, 'Ordenado pelo rei Yudhishtira, ó amável, eu estou sob o voto de Brahmacharin por doze anos. Eu não estou livre para agir do modo que eu quiser. Mas, ó percorredora das águas, eu ainda desejo te satisfazer (se eu puder). Eu nunca falei uma inverdade em minha vida. Diga-me, portanto, ó donzela Naga, como eu posso agir para que, mesmo fazendo o que te agrada, eu não possa ser culpado de qualquer inverdade ou violação ao dever.'

Ulupi respondeu, 'Eu sei, ó filho de Pandu, por que tu vijas sobre a terra, e por que tu foste mandado levar a vida de um Brahmacharin pelo superior. Este mesmo era o acordo que todos vocês fizeram: que aquele entre vocês todos que possuem a filha de Drupada como sua esposa em comum que por ignorância entrasse no quarto onde um de vocês estivesse com ela, deveria levar a vida de um

Brahmacharin nas florestas por doze anos. O exílio de qualquer um entre vocês, portanto, é somente por causa de Draupadi. Tu estás somente cumprindo o dever resultante daquele voto. Tua virtude não pode sofrer qualquer diminuição (por concordar com a minha solicitação). Além disso, ó tu de olhos grandes, é um dever ajudar os afligidos. Tua virtude não sofrerá diminuição por me ajudar. Oh, se (por esta ação), ó Arjuna, tua virtude não sofre nem uma pequena diminuição, tu poderás adquirir grande mérito por salvar minha vida. Saiba que eu sou tua adoradora, ó Partha! Portanto, entregue-te a mim! Pois esta, ó senhor, é a opinião dos sábios (que um homem deve aceitar uma mulher que o solicita). Se tu não agires desse modo, saiba que eu destruirei a mim mesma. Ó tu de braços poderosos, ganhe grande mérito por salvar minha vida. Eu procuro tua proteção, ó melhor dos homens! Tu proteges sempre, ó filho de Kunti, os aflitos e os desamparados. Eu procuro a tua proteção, chorando em tristeza. Eu te suplico, estando cheia de desejo. Portanto, faça o que é agradável para mim. Cabe a ti satisfazer meu desejo por te entregares a mim.'

Vaisampayana disse, 'Assim ouvindo as palavras da filha do rei dos Nagas, o filho de Kunti fez tudo o que ela desejava, fazendo da virtude seu motivo. O poderoso Arjuna, passando a noite na mansão do Naga se levantou com o sol da manhã. Acompanhado por Ulupi ele voltou do palácio de Kauravya para a região onde o Ganges entrava nas planícies. A casta Ulupi, se despedindo lá, voltou para sua própria residência. E, ó Bharata, ela concedeu a Arjuna uma bênção tornando-o invencível na água, dizendo, 'Toda criatura anfíbia, sem dúvida, será vencível por ti.'

## 217

(Continuação do Arjuna vanavasa Parva)

Vaisampayana disse, 'Então o filho do manejador do raio narrou tudo àqueles Brahmanas (que residiam lá com ele), fixados no leito de Himavat. Chegando no local chamado Agastyavata, ele em seguida foi para o cume de Vasishtha. De lá o filho de Kunti procedeu para o cume de Bhriгу. Purificando-se com abluções e outros ritos lá, aquele principal dos Kurus doou para Brahmanas muitos milhares de vacas e muitas casas. De lá aquele melhor dos homens procedeu para o retiro sagrado chamado Hiranyavindu. Realizando lá suas abluções, aquele principal dos filhos de Pandu viu muitas regiões sagradas. Descendo daquelas alturas aquele chefe de homens, ó Bharata, acompanhado pelos Brahmanas, continuou sua jornada em direção ao leste, desejando ver as regiões que se situavam naquela direção. Aquele principal da linha Kuru viu muitas regiões de águas sagradas uma depois da outra. E contemplando na floresta de Naimisha o encantador rio Utpalini (cheio de lotos) e o Nanda e o Aparā Nanda, o afamado Kausiki, e os poderosos rios Gaya e Ganga, e todas as regiões de águas sagradas, ele se purificou, ó Bharata, (com os ritos usuais), e deu muitas vacas aos Brahmanas. Quaisquer regiões de águas sagradas e outros palácios santos

que houvesse em Vanga e Kalinga, Arjuna visitou todos. Vendo eles todos e realizando as cerimônias apropriadas, ele doou muitas riquezas. Então, ó Bharata, todos aqueles Brahmanas que estavam seguindo o filho de Pandu se despediram dele no portão do reino de Kalinga, e desistiram de prosseguir com ele mais adiante. O valente Dhananjaya, o filho de Kunti, obtendo sua permissão, foi em direção ao oceano acompanhado somente por poucos servidores. Cruzando o país dos Kalingas, o poderoso prosseguiu, vendo em seu caminho diversos países e locais sagrados e diversas mansões e casas encantadoras. Vendo a montanha Mahendra com os ascetas (residindo lá), ele foi para Manipura, procedendo lentamente pelo litoral. Contemplando todas as águas sagradas e outros lugares sagrados naquela província, o filho de Pandu de braços fortes finalmente foi, ó rei, ao virtuoso Chitravahana, o soberano de Manipura. O rei de Manipura tinha uma filha de grande beleza chamada Chitrangada. E aconteceu que Arjuna a viu no palácio de seu pai passeando em divertimento. Vendo a bela filha de Chitravahana, Arjuna desejou possuí-la. Indo ao rei (pai dela), ele lhe disse o que procurava. Ele disse, 'Dê-me tua filha, ó rei! Eu sou um ilustre filho de Kshatriya.' Ouvindo isso o rei perguntou, 'De quem tu és filho?' Arjuna respondeu, 'Eu sou Dhananjaya, o filho de Pandu e Kunti'. O rei, ouvindo isso falou a ele estas palavras em tons gentis, 'Houve em nossa linhagem um rei de nome Prabhanjana, que não teve filhos. Para obter um filho, ele praticou penitências ascéticas rígidas. Por seu ascetismo severo, ó Partha, ele satisfez aquele deus dos deuses, Mahadeva, o marido de Uma, o Senhor supremo que segura (o poderoso arco chamado) Pinaka. O Senhor ilustre concedeu a ele a bênção que cada descendente sucessivo de sua família teria um filho somente. Por causa daquela bênção somente um filho nasce a cada descendente sucessivo desta linhagem. Todos os meus antepassados (um depois do outro) tiveram cada um uma criança masculina. Eu, no entanto, tenho somente uma filha para perpetuar minha família. Mas, ó touro entre homens, eu sempre considero esta minha filha como meu filho. Ó touro da raça Bharata, eu devidamente a fiz um Putrika. Portanto, um entre os filhos que possam ser gerados nela por ti, ó Bharata, será o perpetuador da minha linhagem. Aquele filho é o dote pelo qual eu posso conceder minha filha. Ó filho de Pandu, se assim escolheres, tu podes obtê-la por meio deste acordo.' Ouvindo as palavras do rei, Arjuna aceitou-as todas, dizendo, 'Assim seja.' Recebendo a filha de Chitravahana (como sua esposa), o filho de Kunti residiu naquela cidade por três anos. Quando Chitrangada finalmente deu nascimento a um filho, Arjuna abraçou aquela bela princesa carinhosamente. E obtendo permissão do rei (pai dela), ele partiu em suas viagens novamente.'

## 218

(Continuação do Arjuna vanavasa Parva)

Vaisampayana disse, 'Então aquele touro da raça Bharata foi às águas sagradas nas margens do oceano sul, todas adornadas com os ascetas que lá residiam. E lá se situavam cinco regiões semelhantes dispersas onde também

moravam muitos ascetas. Mas aqueles próprios cinco lagos eram evitados por todos eles. Aquelas águas sagradas se chamavam Agastya, e Saubhadra e Pauloma de grande santidade, e Karandhama de grande auspiciosidade produzindo os frutos de um sacrifício de cavalos àqueles que lá se banhavam, e Bharadwaja, grande purificador de pecados. Aquele principal entre os Kurus, vendo aquelas cinco águas sagradas, e encontrando-as inabitadas, e averiguando também que elas eram evitadas pelos ascetas virtuosos que moravam perto, questionou aqueles homens pios com as mãos unidas, dizendo, 'Por que, ó ascetas, aqueles cinco lagos sagrados são evitados pelos reveladores de Brahma?' Ouvindo-o os ascetas responderam, 'Moram naquelas águas cinco grandes crocodilos que afastam os ascetas que tentam se banhar nelas. É por isto, ó filho da família Kuru, que aquelas águas são evitadas.'

Vaisampayana continuou, 'Ouvindo estas palavras dos ascetas, aquele principal dos homens dotado de braços poderosos, embora desaconselhado por eles, foi ver aquelas águas. Chegando no excelente lago sagrado chamado Saubhadra por causa de um grande Rishi, o bravo destruidor de todos inimigos de repente mergulhou nele para tomar banho. Logo que aquele tigre entre homens mergulhou na água um crocodilo grande (que estava nela) o agarrou pela perna. Mas Dhananjaya, o filho de braços fortes de Kunti, aquele principal de todos os homens dotados com poder, agarrou aquele habitante da água que se debatia e o arrastou à força para a margem. Mas arrastado pelo renomado Arjuna para a terra, aquele crocodilo se tornou (transformado em) uma donzela bela enfeitada com ornamentos. Ó rei, aquela donzela encantadora de forma celeste parecia brilhar por sua beleza e aparência. Dhananjaya, o filho de Kunti, contemplando aquela visão incomum, perguntou àquela donzela com o coração satisfeito, 'Quem tu és, ó bela? Por que tu tens sido uma habitante das águas? Por que também tu cometes tal pecado terrível?' A donzela respondeu, dizendo, 'Eu sou, ó poderoso, uma Apsara que se diverte nas florestas celestes. Eu sou, ó poderoso, Varga por nome, e sempre querida para o tesoureiro celeste (Kuvera). Eu tenho quatro outras companheiras, todas belas e capazes de ir a todos os lugares à vontade. Acompanhada por elas eu fui um dia à residência de Kuvera. No caminho nós vimos um Brahmana de votos rígidos, e extremamente bonito, estudando os Vedas em solidão. Toda a floresta (na qual ele estava) parecia estar coberta com o esplendor ascético dele. Ele parecia ter iluminado toda a região como o próprio Sol. Vendo sua dedicação ascética daquela natureza e sua beleza maravilhosa, nós descemos naquela região, para perturbar suas meditações. Eu mesma e Saurabheyi e Samichi e Vudvuda e Lata nos aproximamos daquele Brahmana, ó Bharata, ao mesmo tempo. Nós começamos a cantar e sorrir e de outras maneiras tentar aquele Brahmana. Mas, ó herói, aquele Brahmana (jovem) não fixou seu coração nem uma vez sobre nós. Com sua mente fixa em pura meditação, aquele jovem de grande energia não permitiu seu coração vacilar, ó touro entre os Kshatriyas, o olhar que ele lançou sobre nós foi um de cólera. E ele disse, nos fitando, 'Tornando-se crocodilos, percorram as águas por uma centena de anos.'

(Continuação do Arjuna vanavasa Parva)

Vaisampayana disse, 'Varga continuou, 'Nós ficamos então, ó principal da linhagem Bharata, profundamente angustiadas por causa daquela maldição. Nós procuramos aplacar aquele Brahmana de riqueza ascética que não se afastava de seu voto. Nos endereçando a ele nós dissemos, 'Infladas com uma noção da nossa beleza e juventude, e incitadas pelo deus do desejo, nós agimos muito imprópriamente. Cabe a ti, ó Brahmana, nos perdoar! Realmente, ó Brahmana, vir para cá tentar a ti de votos rígidos e riqueza ascética foi a morte para nós. Os virtuosos, no entanto, dizem que mulheres nunca devem ser mortas. Portanto cresça em virtude. Não cabe a ti nos matar assim. Ó tu que és conhecedor da virtude, é dito que um Brahmana é sempre amigo de todas as criaturas. Ó tu de grande prosperidade, que estas palavras dos sábios se tornem verdadeiras. Os eminentes sempre protegem aqueles que procuram proteção em suas mãos. Nós procuramos a tua proteção. Cabe a ti conceder-nos o perdão.'

Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado, o Brahmana de alma virtuosa e bons feitos e igual em esplendor, ó herói, ao sol ou à lua, tornou-se propício a elas. E o Brahmana disse, 'As palavras cem e cem mil são todas indicativas de eternidade. A palavra cem, no entanto, como empregada por mim é para ser entendida como um período limitado e não indicativa de um período sem fim. Vocês, portanto, virando crocodilos, capturarão e afastarão os homens (por somente cem anos como explicado por mim). No fim deste período, um indivíduo elevado vai arrastar vocês todas da água à terra. Então vocês retomarão suas formas reais. Eu nunca falei uma mentira nem em brincadeira. Portanto, tudo isso que eu disse deve vir a se passar. E aquelas águas sagradas (dentro das quais eu atribuo a vocês seus lugares), depois que vocês forem libertas por aquele indivíduo, se tornarão conhecidas no mundo inteiro pelo nome de Nari-tirthas (ou águas sagradas ligadas com os sofrimentos e a libertação de mulheres), e todas elas se tornarão sagradas e purificadoras de pecados aos olhos dos virtuosos e dos sábios.'

Vaisampayana continuou, 'Varga então endereçou-se a Arjuna, e terminou seu discurso, dizendo, 'Ouvindo estas palavras do Brahmana, nós o saudamos com reverência e andamos ao redor dele. Deixando aquela região nós fomos embora com corações pesados, pensando enquanto prosseguíamos, 'Aonde iremos todas nós logo nos reunir com aquele homem que nos devolverá às nossas próprias formas (depois da nossa transformação)?' Enquanto nós estávamos pensando nisto, em quase um momento, ó Bharata, nós vimos o eminente Rishi celeste Narada. Vendo aquele Rishi de energia incomensurável, nossos corações ficaram cheios de alegria. Saudando-o com reverência, ó Partha, nós ficamos perante ele, com rostos rubros. Ele perguntou de nós qual era a causa da nossa tristeza e nós dissemos tudo a ele. Ouvindo o que tinha acontecido o Rishi disse, 'Nas terras baixas que margeiam o oceano sul há cinco regiões de águas sagradas. Elas são encantadoras e eminentemente santas. Vão para lá sem demora. Aquele tigre

entre homens, Dhananjaya, o filho de Pandu de alma pura, logo as libertará, sem dúvida, desta situação difícil e triste.' Ó herói, ouvindo as palavras do Rishi todas nós viemos para cá. Ó impecável, a verdade é que eu hoje fui libertada por ti. Mas aquelas minhas quatro amigas estão ainda dentro de outras águas aqui. O herói, faça uma boa ação por libertá-las também.'

Vaisampayana continuou, 'Então, ó monarca, o principal dos Pandavas, dotado de grande bravura, alegremente libertou todas elas daquela maldição. Erguendo-se das águas todas elas recuperaram suas próprias formas. Aquelas Apsaras então, ó rei, pareciam todas como antes. Libertando aqueles lagos sagrados (do perigo pelo qual eles tinham sido notórios), e dando permissão às Apsaras para irem para onde elas escolhessem, Arjuna ficou desejoso de ver Chitrangada mais uma vez. Ele, portanto, foi em direção à cidade de Manipura. Chegando lá, ele viu no trono o filho que tinha gerado em Chitrangada, e que foi chamado pelo nome de Vabhruvahana. Vendo Chitrangada mais uma vez, Arjuna foi, ó monarca, em direção ao local chamado Gokarna.'

## 220

(Continuação do Arjuna vanavasa Parva)

Vaisampayana disse, 'Então Arjuna de destreza incomensurável viu, uma depois da outra, todas as águas sagradas e outros lugares santos que havia nas margens do oceano ocidental. Vibhatsu alcançou o local sagrado chamado Prabhasa. Quando o invencível Arjuna chegou àquela sagrada e encantadora região, o matador de Madhu (Krishna) soube disto. Madhava logo foi lá ver seu amigo, o filho de Kunti. Krishna e Arjuna se encontraram e abraçando um ao outro perguntaram-se sobre o seu bem-estar. Aqueles amigos queridos, que eram ninguém mais do que os Rishis Nara e Narayana de antigamente, sentaram-se. Vasudeva perguntou a Arjuna acerca de suas viagens, dizendo, 'Por que, ó Pandava, tu estás vagando sobre a terra, contemplando todas as águas sagradas e outros lugares santos?' Então Arjuna lhe disse tudo o que tinha acontecido. Ouvindo tudo, aquele poderoso herói da linhagem Vrishni disse, 'Isto é como deve ser.' E Krishna e Arjuna, tendo se divertido como lhes agradava por algum tempo em Prabhasa, foram à montanha Raivataka passar alguns dias lá. Antes deles chegarem a Raivataka, aquela montanha foi, por ordem de Krishna, bem adornada por muitos artífices. Muita comida também, por ordem de Krishna, foi reunida lá. Desfrutando de tudo o que havia sido reunido lá para ele, Arjuna sentou-se com Vasudeva para ver os desempenhos dos atores e dançarinos. Então o Pandava de grande alma, despedindo eles todos com o respeito apropriado, deitou-se em uma cama bem enfeitada e excelente. Quando aquele de braços fortes havia se instalado naquela cama excelente, ele descreveu para Krishna tudo acerca das águas sagradas, os lagos e as montanhas, os rios e as florestas que ele tinha visto. Enquanto ele estava falando disto, esticado sobre aquela cama celeste, o sono, ó Janamejaya, tomou conta dele. Ele se levantou de manhã, acordado por

doces canções e notas melodiosas do Vina (violão) e pelos laudatórios e bênçãos dos bardos. Depois que ele tinha passado pelas cerimônias e ações necessárias, ele foi afetuosamente abordado por aquele da linhagem Vrishni. Sobre um carro dourado, o herói então partiu para Dwaraka, a capital dos Yadavas. E, ó Janamejaya, para honrar o filho de Kunti, a cidade de Dwaraka estava bem enfeitada, até mesmo todos os jardins e casas dentro dela. Os cidadãos de Dwaraka, desejosos de ver o filho de Kunti, começaram a fluir avidamente às vias públicas às centenas de milhares. Nas praças públicas e ruas, centenas e milhares de mulheres, misturadas com os homens, aumentaram a grande multidão dos Bhojas, Vrishnis, e Andhakas que tinham se reunido lá. Arjuna foi recebido com respeito por todos os filhos dos Bhojas, dos Vrishnis, e dos Andhakas. E ele, em retorno, reverenciou aqueles que mereciam seu culto, recebendo suas bênçãos. O herói foi recebido com recepção afetuososa por todos os homens jovens da tribo Yadava. Ele repetidamente abraçou a todos os que eram iguais a ele em idade. Dirigindo-se então para a mansão encantadora de Krishna que era repleta de pedras preciosas e de todos os artigos de lazer, ele residiu lá com Krishna por muitos dias.'

## 221

(Subhadra harana Parva)

Vaisampayana disse, 'Ó melhor dos monarcas, dentro de poucos dias depois disto começou na montanha Raivataka um grande festival dos Vrishnis e Andhakas. No festival da montanha dos Bhojas, dos Vrishnis e dos Andhakas, os heróis daquelas tribos começaram a doar muita riqueza aos Brahmanas aos milhares. A região ao redor daquela colina, ó rei, era adornada com muitas mansões decoradas com pedras preciosas e muitas árvores artificiais de cor chamativa. Os músicos começaram a tocar em conjunto, os dançarinos começaram a dançar e os vocalistas a cantar. E os jovens da raça Vrishni, dotados de grande energia, enfeitados com todos os ornamentos, e sobre seus carros decorados com ouro, pareciam muito belos. Os cidadãos, alguns a pé e alguns em carros excelentes, com suas esposas e seguidores estavam lá às centenas e milhares. E lá estava o senhor Haladhara (Valarama), perambulando à vontade, hilário com a bebida, acompanhado por Revati (sua esposa), e seguido por muitos músicos e vocalistas. Lá estava Ugrasena também, o poderoso rei da raça Vrishni, acompanhado por suas mil esposas e seguido por amáveis cantores. E Raukmineya e Shamva também, sempre ferozes em batalha, perambulavam por lá, excitados com a bebida e enfeitados com coroas florais de grande beleza e com trajes caros, e se divertindo como um par de celestiais. E Akrura e Sarana e Gada, e Vabhru, e Nisatha, e Charudeshna, e Prithu, Viprithu, e Satyaka, e Satyaki, e Bhangakara, e Maharava, e Hardikya, e Uddhava, e muitos outros cujos nomes não são dados, acompanhados por suas esposas e seguidos por bandas de cantores, adornavam aquele festival da montanha. Quando aquele festival

encantador de grandeza imensa começou, Vasudeva e Partha andavam por lá, juntos, observando tudo em volta. Enquanto assim passeavam eles viram a bela filha de Vasudeva, Bhadra por nome, enfeitada com todos os ornamentos, no meio de suas servas. Logo que Arjuna a viu ele foi possuído pelo deus do desejo. Então, ó Bharata, aquele tigre entre os homens, Krishna, observando Partha contemplá-la com atenção absorta, disse com um sorriso, 'Como é isto? Pode o coração de um homem que perambula pelas florestas ser agitado pelo deus do desejo? Esta é minha irmã, ó Partha, e a irmã uterina de Sarana. Abençoado sejas tu, o nome dela é Bhadra e ela é a filha favorita do meu pai. Diga-me se teu coração está fixado nela, pois então eu mesmo falarei com meu pai.'

Arjuna respondeu, 'Ela é a filha de Vasudeva e a irmã de Vasudeva (Krishna); dotada com tanta beleza, a quem ela não poderia fascinar? Se esta tua irmã, esta donzela da linhagem Vrishni, se tornar minha esposa, realmente eu poderei obter prosperidade em tudo. Diga-me, ó Janardana, por quais meios eu posso obtê-la. Para consegui-la eu realizarei qualquer coisa que seja realizável por um homem.'

Vasudeva respondeu, 'Ó touro entre homens, a escolha de marido é ordenada para o casamento de Kshatriyas. Mas ele é duvidoso (em suas consequências), ó Partha, porque nós não sabemos o temperamento e inclinação desta moça. No caso de Kshatriyas que são corajosos, um sequestro forçoso para propósitos de casamento é aprovado, como os eruditos dizem. Portanto, ó Arjuna, leve embora esta minha bela irmã pela força, pois quem sabe o que ela pode fazer em uma escolha de marido?' Então Krishna e Arjuna, tendo assim decidido o que devia ser feito, enviaram alguns velozes mensageiros até Yudhishtira em Indraprastha, informando-o de tudo. Yudhishtira de braços fortes, tão logo soube do caso deu seu consentimento para isto.'

## 222

(Continuação do Subhadra harana Parva)

Vaisampayana disse, 'Então Dhananjaya, informado do assentimento de Yudhishtira, e averiguando, ó Janamejaya, que a moça tinha ido para a colina Raivataka, obteve o consentimento de Vasudeva também, depois de ter decidido em consulta com ele tudo o que precisava ser feito. Então aquele touro da raça Bharata, aquele principal dos homens, com o consentimento de Krishna, em seu carro bem construído de ouro, equipado com fileiras de pequenos sinos e com todos os tipos de armas, cujo ruído das rodas parecia o ribombar das nuvens e cujo esplendor era como aquele de um fogo ardente e que infligia terror nos corações de todos os inimigos e ao qual estavam unidos os corcéis Saivya e Sugriva, ele mesmo com sua armadura e armado com espada e com seus dedos envolvidos em luvas de couro, partiu, por assim dizer, em uma expedição de caça. Enquanto isso Subhadra, tendo prestado sua homenagem àquele príncipe das colinas, Raivataka, e tendo adorado as divindades e feito os Brahmanas

proferirem bênçãos sobre ela, e tendo também andado ao redor da colina, estava indo em direção a Dwaravati. O filho de Kunti, afligido pelas flechas do deus do desejo, avançou subitamente em direção à moça Yadava de feições impecáveis e a colocou à força em seu carro. Tendo sequestrado aquela menina de sorrisos doces, aquele tigre entre os homens procedeu em seu carro de ouro em direção à sua própria cidade (Indraprastha). Enquanto isso, os servidores armados de Subhadra, vendo ela assim capturada e levada embora, correram todos gritando em direção à cidade de Dwaraka. Alcançando todos juntos a corte Yadava eles chamaram pelo nome de Sudharma, e relataram tudo acerca da coragem de Partha ao oficial principal da corte. O oficial chefe da corte, tendo ouvido tudo daqueles mensageiros, soprou sua trombeta dourada de clangor alto, chamando todos às armas. Incitados por aquele som, os Bhojas, os Vrishnis, e os Andhakas começaram a afluir de todos os lados. Os que estavam comendo deixaram sua comida, e os que estavam bebendo deixaram sua bebida. Aqueles tigres entre homens, aqueles grandes guerreiros das tribos Vrishni e Andhaka, tomaram seus assentos sobre seus mil tronos de ouro cobertos com excelentes tapetes e matizados com pedras preciosas e corais e possuidores do brilho do fogo ardente. De fato eles tomaram seus assentos sobre aqueles tronos como fogos ardentes recebendo lenha para aumentar seu esplendor. E depois que eles estavam sentados naquela corte que era como um conclave dos próprios celestiais, o oficial chefe da corte, ajudado por seus auxiliares, falou da conduta de Jishnu. Os orgulhosos heróis Vrishni, de olhos vermelhos pelo vinho, logo que souberam disto se levantaram de seus assentos, incapazes de tolerar o que Arjuna tinha feito. Alguns entre eles disseram, 'Emparelhem nossos carros', 'Tragam nossas armas', 'Tragam nossos arcos caros e cotas de malha fortes'; e alguns ruidosamente chamaram seus cocheiros para arrear seus carros, e alguns, por impaciência, uniram eles mesmos seus cavalos enfeitados com ouro aos seus carros. E enquanto seus carros e armaduras e bandeiras estavam sendo trazidos, alto se tornou o tumulto daqueles heróis. Então Valadeva, branco e alto como o topo de Kailasa, enfeitado com guirlandas de flores selvagens e vestido em mantos azuis, e orgulhoso e embriagado com bebida, disse estas palavras:

'Ó homens insensatos, o que estão fazendo, enquanto Janardana está sentado silencioso? Sem saber o que está em sua mente, futilmente nós rugimos em cólera! Que Krishna de grande alma anuncie o que ele propõe. Façam prontamente o que ele deseja fazer.' Então todos, ouvindo aquelas palavras de Halayudha que mereciam ser aceitas, exclamaram, 'Excelente! Excelente!' Eles todos então ficaram silenciosos. Com o silêncio tendo sido restaurado pelas palavras do inteligente Valadeva, eles tomaram seus assentos mais uma vez naquela assembléia. Então Rama, aquele opressor de inimigos, falou a Vasudeva, dizendo, 'Por que, ó Janardana, tu ficas sentado, olhando silenciosamente? Ó Achyuta, foi por tua causa que o filho de Pritha foi bem vindo e honrado por nós. Parece, no entanto, que o patife vil não merecia nossa homenagem. Que homem nascido de uma família respeitável quebraria o prato depois de ter jantado dele? Mesmo que tal aliança seja desejável, ainda lembrando de todos os serviços que recebeu, quem haveria, desejoso de felicidade, de agir tão temerariamente?

Aquele Pandava desrespeitando a nós e a ti também hoje ultrajou Subhadra, desejando (alcançar) sua própria morte. Ele colocou seu pé na coroa da minha cabeça. Como eu, ó Govinda, tolerarei isto mansamente? Eu não deveria me ressentir, assim como uma cobra que é pisoteada? Sozinho eu hoje tornarei a terra desprovida de Kauravas! Eu nunca vou concordar com esta violação de Arjuna.' Então os Bhojas, Vrishnis, e Andhakas, lá presentes, aprovaram tudo o que Valadeva tinha dito, e rugiram profundamente como um timbale ou as nuvens.'

## 223

(Haranaharana Parva)

Vaisampayana disse, 'Quando os heróis da raça Vrishni começaram a falar repetidamente daquela maneira, Vasudeva proferiu estas palavras cheias de profunda importância e consistente com a moralidade verdadeira. 'Gudakesa (o conquistador do sono ou aquele de cabelo ondulado), pelo que fez, não insultou nossa família. Ele sem dúvida, mais propriamente aumentou nosso respeito. Partha sabe que nós da linhagem Satwata nunca somos interesseiros. O filho de Pandu também considera uma escolha de marido como duvidosa em seus resultados. Quem também concordaria em aceitar uma noiva de presente como se ela fosse um animal? Que homem há sobre a terra que venderia sua prole? Eu penso que Arjuna, vendo estas falhas em todos os outros métodos levou a donzela embora pela força, segundo a ordenança. Esta aliança é muito apropriada. Subhadra é uma moça renomada. Partha também possui renome. Talvez, pensando em tudo isso, Arjuna a levou à força. Quem não desejaria ter Arjuna como amigo, ele que é nascido na linhagem de Bharata e do renomado Santanu, e o filho também da filha de Kuntibhoja? Eu não vejo, em todos os mundos com Indra e os Rudras, a pessoa que possa pela força vencer Partha em batalha, exceto o deus de três olhos Mahadeva. Seu carro é bem conhecido. Unidos a ele estão aqueles meus corcéis. Partha como guerreiro é bem conhecido; e sua leveza de mão é bem conhecida. Quem será igual a dele? Esta é a minha opinião: vão alegremente atrás de Dhananjaya e por conciliação parem-no e tragam-no de volta. Se Partha for para sua cidade depois de ter nos vencido à força, nossa fama estará acabada. Não há ignomínia, no entanto, na conciliação.' Ouvindo, ó monarca, estas palavras de Vasudeva, eles fizeram como ele indicou. Parado por eles, Arjuna voltou para Dwaraka e foi unido em casamento com Subhadra. Reverenciado pelos filhos da raça Vrishni, Arjuna, divertindo-se lá como lhe agradava, passou um ano inteiro em Dwaraka. O último ano do seu exílio o exaltado passou na região sagrada de Pushkara. Depois que os doze anos estavam completos ele voltou para Khandavaprastha. Ele se aproximou primeiro do rei e então adorou os Brahmanas com respeitosa atenção. Finalmente o herói foi até Draupadi. Draupadi, por ciúmes, falou a ele, dizendo, 'Por que demoras aqui, ó filho de Kunti? Vá para onde a filha da raça Satwata

está! A primeira esposa sempre é deixada de lado!' E Krishna lamentou muito desta maneira. Mas Dhananjaya a acalmou repetidamente e pediu seu perdão. E voltando logo para onde Subhadra, vestida em seda vermelha, estava, Arjuna a enviou aos aposentos internos vestida não como uma rainha mas no traje simples de uma mulher do campo. Mas chegando ao palácio, a renomada Subhadra parecia bela naquele vestido. A célebre Bhadra de olhos grandes e levemente vermelhos primeiro reverenciou Pritha. Kunti por afeto cheirou a cabeça daquela menina de traços perfeitamente impecáveis, e pronunciou bênçãos infinitas sobre ela. Então aquela moça de rosto como a lua cheia foi rapidamente até Draupadi e a reverenciou, dizendo, 'Eu sou tua serva!' Krishna levantou depressa e abraçou a irmã de Madhava com afeição, e disse, 'Que teu marido não tenha nenhum inimigo.' Bhadra então, com o coração encantado, disse a Draupadi, 'Assim seja.' Daquele tempo em diante, ó Janamejaya, aqueles grandes guerreiros, os Pandavas, começaram a viver em felicidade, e Kunti também se tornou muito feliz.'

Vaisampayana continuou, 'Quando aquele destruidor de inimigos, Kesava de alma pura e olhos como pétalas de lótus, soube que o principal dos Pandavas, Arjuna, tinha alcançado sua própria cidade excelente de Indraprastha, ele foi para lá acompanhado por Rama e outros heróis e grandes guerreiros das tribos Vrishni e Andhaka, e por seus irmãos e filhos e muitos outros guerreiros corajosos. E Saurin chegou acompanhado por um exército grande que o protegia. E chegou lá com Saurin aquele opressor de inimigos, o extremamente generoso Akrura de grande inteligência e renome, o generalíssimo da brava hoste Vrishni. E lá também chegou Anadhrishti de grande coragem, e Uddhava de grande renome, de grande inteligência, de grande alma, e um discípulo do próprio Vrihaspati. E chegaram lá também Satyaka e Salyaka e Kritavarman e Satwata; e Pradyumna e Samva e Nisatha e Sanku; e Charudeshna, e Jhilli de grande coragem, e Viprithu também e Sarana de braços poderosos e Gada, o principal dos homens eruditos. Estes e muitos outros Vrishnis e Bhojas, e Andhakas foram para Indraprastha, levando com eles muitos presentes nupciais. O rei Yudhishtira, sabendo que Madhava tinha chegado, enviou os gêmeos para recebê-lo. Recebida por eles, a hoste Vrishni de grande prosperidade entrou em Khandavaprastha bem enfeitada com bandeiras e emblemas. As ruas estavam bem varridas e regadas e decoradas com coroas florais e ramos. Elas eram, também, borrifadas com água de sândalo que era fragrante e refrescante. Toda parte da cidade estava cheia com o doce perfume de aloés queimando. E a cidade estava cheia de pessoas alegres e saudáveis e adornada com comerciantes e negociantes. Aquele melhor dos homens, Kesava de braços poderosos, acompanhado por Rama e muitos dos Vrishnis, Andhakas e Bhojas, tendo entrado na cidade, foi reverenciado pelos cidadãos e Brahmanas aos milhares. Finalmente Kesava entrou no palácio do rei que era como a mansão do próprio Indra. Vendo Rama, Yudhishtira o recebeu com as cerimônias devidas. O rei cheirou a cabeça de Kesava e o abraçou. Govinda, satisfeito com a recepção, humildemente reverenciou Yudhishtira. Ele também prestou homenagem a Bhima, aquele tigre entre os homens. Yudhishtira, o filho de Kunti, então recebeu os outros homens principais das tribos Vrishni e Andhaka com as devidas cerimônias. Yudhishtira com reverência

adorou alguns como seus superiores, e deu as boas-vindas a outros como iguais. E alguns ele recebeu com afeto e por alguns ele foi adorado com reverência. Então Hrishikesa de grande renome deu ao partido do noivo muita riqueza. E para Subhadra ele entregou os presentes nupciais que foram dados a ela por seus parentes. Krishna deu aos Pandavas mil carros de ouro equipados com fileiras de sinos, e cada um dos quais tinha quatro corcéis guiados por quadrigários bem treinados. Ele também lhes deu dez mil vacas pertencentes ao país de Mathura, produzindo muito leite e todas de cor excelente. Bem satisfeito, Janardana também lhes deu mil éguas com arreios de ouro e de cor branca como os raios da lua. Ele também lhes deu mil mulas, todas bem treinadas e possuidoras da velocidade do vento, com crinas de cores preta e branca. E ele de olhos de pétalas de lótus também deu a eles mil donzelas bem hábeis em ajudar no banho e com bebidas, jovens e virgens todas antes do seu primeiro período fértil, bem vestidas e de aparência excelente, cada uma usando cem peças de ouro em volta de seus pescoços, de peles perfeitas, enfeitadas com todos os ornamentos, e habilidosas em todos os tipos de serviço pessoal. Janardana também lhes deu centenas de milhares de destacamentos de cavalos do país dos Valhikas como o dote da excelente Subhadra. Aquele principal da linhagem de Dasarha também deu para Subhadra como seu pecúlio dez cargas de ouro de primeira qualidade possuindo o esplendor do fogo, algumas purificadas e algumas em estado de minério. E Rama, tendo o arado como sua arma e sempre amando a coragem, deu para Arjuna, como presente nupcial, mil elefantes com secreções fluindo em três correntes das três partes de seus corpos (a têmpora, as orelhas, e o ânus) cada um grande como um topo de montanha, irresistíveis em batalha, decorados com cobertas e sinos, bem enfeitados com outros ornamentos dourados, e equipados com tronos excelentes em suas costas. E aquela grande onda de riquezas e pedras preciosas que os Yadavas presentearam, junto com os tecidos e cobertores que representaram sua espuma, e os elefantes seus jacarés e tubarões, e as bandeiras suas algas flutuantes, aumentando em grandes proporções, se misturou com o oceano Pandu e o encheu até a borda, para a grande tristeza de todos os inimigos. Yudhishtira aceitou todos aqueles presentes e reverenciou todos aqueles grandes guerreiros das linhagens Vrishni e Andhaka. Aqueles heróis ilustres das raças Kuru, Vrishni, e Andhaka passaram seus dias em lazer e alegria lá como homens virtuosos (depois da morte) nas regiões celestes. Os Kurus e os Vrishnis com corações alegres se divertiram lá, dando às vezes gritos altos misturados com aplausos. Passando lá muitos dias em esportes e alegria, e adorados pelos Kurus todo o tempo, os heróis Vrishni dotados com grande energia então voltaram à cidade de Dwaravati. E os grandes guerreiros das raças Vrishni e Andhaka partiram com Rama na dianteira, levando com eles aquelas pedras preciosas da mais pura refulgência que haviam sido dadas a eles por aqueles principais da raça Kuru. E, ó Bharata, Vasudeva de grande alma permaneceu com Arjuna na cidade encantadora de Indraprastha. E os ilustres vagavam pelas margens do Yamuna à procura de veados. E ele se divertiu com Arjuna perfurando com suas flechas veados e javalis selvagens. Então Subhadra, a irmã favorita de Kesava, deu à luz a um filho ilustre, como a filha de Puloma, (a rainha do céu) dando à luz a Jayanta. E o filho que Subhadra deu à luz tinha braços compridos, peito largo, e olhos tão grandes como os de um touro. Aquele

herói e opressor de inimigos veio a se chamar Abhimanyu. E o filho de Arjuna, aquele destruidor de inimigos e touro entre homens foi chamado de Abhimanyu porque ele era destemido e colérico. E aquele grande guerreiro foi gerado na filha da raça Satwata por Dhananjaya, como o fogo produzido em um sacrifício de dentro da madeira sami pelo processo de fricção. No nascimento daquela criança, Yudhishthira, o filho poderoso de Kunti, deu a Brahmanas dez mil vacas e moedas de ouro. A criança desde os seus primeiros anos se tornou o favorito de Vasudeva e de seu pai e tios, como a lua para todas as pessoas do mundo. Após seu nascimento, Krishna realizou os ritos usuais de infância. A criança começou a crescer como a Lua na quinzena clara. Aquele destruidor de inimigos logo se tornou familiarizado com os Vedas e adquiriu de seu pai a ciência de armas celestes e humanas, consistindo em quatro ramos e dez divisões.

Dotado de grande força, o menino também adquiriu o conhecimento de neutralizar as armas arremessadas nele por outros, e grande habilidade e rapidez de movimento para frente, para trás, transversal e circular. Abhimanyu se tornou como seu pai em conhecimento das escrituras e ritos de religião. E Dhananjaya, contemplando seu filho, ficava cheio de alegria. Como Maghvat contemplando Arjuna, o último contemplava seu filho Abhimanyu e ficava extremamente feliz. Abhimanyu possuía o poder de matar todos os inimigos e levava em seu corpo todos os sinais auspiciosos. Ele era invencível em batalha e tinha ombros largos como o touro. Possuindo um rosto largo como (o capelo) da cobra, ele era orgulhoso como o leão. Manejando um arco grande, sua bravura era como a de um elefante no cio. Possuidor de um rosto belo como a lua-cheia, e de uma voz profunda como o som do tambor ou da nuvem, ele era igual a Krishna em coragem e energia, em beleza e em caráter. A auspiciosa Panchali também, de seus cinco maridos, obteve cinco filhos todos os quais eram heróis de primeira categoria e imóveis em batalha como as colinas. Prativindhya com Yudhishthira, Sutasoma com Vrikodara, Srutakarman com Arjuna, Satanika com Nakula, e Srutasena com Sahadeva, estes foram os cinco heróis e grandes guerreiros que Panchali deu à luz, como Aditi dando à luz aos Adityas. E os Brahmanas, por sua presciência, disseram a Yudhishthira que como o filho dele seria capaz de suportar como as montanhas Vindhya as armas do inimigo, ele deveria se chamar Prativindhya. E porque a criança que Draupadi teve com Bhimasena nasceu depois de Bhima ter realizado mil sacrifícios Soma, ele veio a se chamar Sutasoma. E porque o filho de Arjuna nasceu após sua volta do exílio durante o qual ele tinha realizado muitas façanhas célebres, aquele filho veio a se chamar Srutakarman, enquanto Nakula chamou seu filho de Satanika em homenagem a um sábio real desse nome, na linha ilustre de Kuru. O filho que Draupadi teve com Sahadeva nasceu sob a constelação chamada Vahni-daivata (Krittika), portanto ele foi chamado, em homenagem ao generalíssimo da hoste celeste, de Srutasena (Kartikya). Os filhos de Draupadi nasceram cada um no intervalo de um ano, e todos se tornaram renomados e muito unidos uns com os outros. E, ó monarca, todos os seus ritos de infância e meninice, tais como Chudakarana e Upanayana (primeiro raspar da cabeça e investidura dos fios sagrados) foram realizadas por Dhaumya segundo a ordenança. Todos, de comportamento e votos excelentes, depois de terem estudado os Vedas, adquiriram de Arjuna o conhecimento de

todas as armas, celestes e humanas. E, ó tigre entre reis, os Pandavas, tendo obtido filhos que eram iguais aos filhos dos celestiais e dotados com peitos largos, e todos os quais se tornaram grandes guerreiros, se encheram de alegria.'

## 224

(Khandava daha Parva)

Vaisampayana disse, 'Depois que os Pandavas tinham tomado residência em Indraprastha por ordem de Dhritarashtra, Bhishma começou a trazer outros reis sob seu domínio. Todos os súditos (do reino) viviam muito felizmente dependendo de Yudhishthira, o justo, como uma alma vivendo feliz dependendo de um corpo abençoado com marcas propícias e feitos virtuosos. E, ó touro da raça Bharata, Yudhishthira prestava homenagem à virtude, prazer, e lucro, em criteriosa proporção, como se cada um fosse um amigo querido para ele como seu próprio ser. Parecia que as três buscas: virtude, prazer, e lucro, tinham se personificado na terra, e entre elas o rei brilhava como uma quarta. Os súditos tendo Yudhishthira como seu rei, obtiveram um monarca que era dedicado ao estudo dos Vedas, realizador de grandes sacrifícios, e protetor de todas as pessoas boas. Por causa da influência de Yudhishthira a boa sorte de todos os monarcas sobre a terra se tornou estacionária, e seus corações se tornaram dedicados à meditação no Espírito Supremo, e a própria virtude começou a crescer de todos os modos por toda parte. E no meio de e ajudado por seus quatro irmãos, o rei parecia mais resplandecente (do que ele pareceria se ele estivesse só), como um grande sacrifício que depende e é auxiliado pelos quatro Vedas. Muitos Brahmanas eruditos com Dhananjaya em sua liderança, cada um como Vrihaspati, serviam o monarca, como os celestiais ao Senhor da criação. Por grande afeição, os olhos e corações de todas as pessoas igualmente tinham grande encanto por Yudhishthira que era assim como a lua cheia sem uma mácula. As pessoas não tinham encanto por ele somente porque ele era seu rei mas também por afeto sincero. O rei sempre fazia o que era agradável para eles. Yudhishthira de fala gentil e de grande inteligência nunca proferia qualquer coisa imprópria ou falsa ou insuportável ou desagradável. O melhor dos monarcas da linhagem de Bharata, dotado de grande energia, passava seus dias alegremente pelo bem-estar de todos como do seu próprio. Seus irmãos também trazendo por sua energia outros reis sob seu domínio, passavam seus dias em felicidade, sem um inimigo para perturbar sua paz.

Depois de poucos dias, Vibhatsu, dirigindo-se a Krishna, disse, 'Os dias de verão começaram, ó Krishna! Portanto, vamos às margens do Yamuna. Ó matador de Madhu, divertindo-nos lá na companhia de amigos, ó Janardana, nós voltaremos à noite.' E Vasudeva disse, 'Ó filho de Kunti, este é também meu desejo. Vamos, ó Partha, nos divertir nas águas como nos agrada, na companhia de amigos.'

Vaisampayana continuou, 'Então, ó Bharata, tendo conversado assim entre si, Partha e Govinda, com a permissão de Yudhishtira, saíram, cercados por amigos. Alcançando um local excelente (nas margens do Yamuna) conveniente para propósitos de lazer, coberto com numerosas árvores e com várias mansões altas que faziam o lugar parecer a cidade celeste, e dentro das quais tinham sido reunidos para Krishna e Partha numerosas iguarias caras e bem temperadas e bebidas e outros artigos de lazer e coroas florais e vários perfumes, o grupo entrou sem demora nos aposentos internos adornados com muitas pedras preciosas de refulgência pura. Entrando naqueles aposentos, todos, ó Bharata, começaram a se divertir, segundo sua vontade. As mulheres do grupo, todas de quadris redondos e seios profundos e olhos bonitos, e modo de andar instável por causa do vinho começaram a se divertir lá por ordem de Krishna e Partha. Algumas entre as mulheres se divertiam como lhes agradava nas florestas, algumas nas águas, e algumas dentro das mansões, como instruídas por Partha e Govinda. Draupadi e Subhadra, um pouco embriagadas com vinho, começaram a dar de graça às outras mulheres que se divertiam suas vestes e ornamentos valiosos. E algumas entre aquelas mulheres começaram a dançar em alegria, e algumas começaram a cantar; e algumas entre elas começaram a rir e gracejar, e algumas a beber vinhos excelentes. Algumas começaram a obstruir o progresso umas das outras e algumas a brigar entre si, e a conversar entre si em particular. Aquelas mansões e as florestas, cheias com a música encantadora de flautas e violões e timbales, se tornou a cena da Prosperidade personificada.

Quando tal era o estado das coisas, Arjuna e Vasudeva foram a certo local encantador (naquelas florestas), não longe do lugar onde os outros estavam. Ó monarca, Krishna de grande alma e aquele subjugador de cidades hostis, Arjuna, indo para lá, se sentaram sobre dois assentos muito caros. Vasudeva e Partha se divertiram lá conversando sobre muitas realizações passadas de coragem e outros assuntos. Quando Vasudeva e Dhananjaya que estavam lá felizmente sentados como os Aswins no céu certo Brahmana chegou. O Brahmana que chegou lá parecia com uma alta árvore Sala. Sua cor era como a do ouro fundido; sua barba era amarela clara tingida de verde; e a altura e largura de seu corpo tinham proporções exatas. De cabelos emaranhados e vestido em trapos, ele parecia o sol da manhã em esplendor. De olhos como pétalas de lótus e de uma cor morena, ele parecia estar queimando com refulgência. Vendo aquele principal dos Brahmanas resplandecente com esplendor se aproximar em direção a eles, ambos, Arjuna e Vasudeva, ergueram-se rapidamente de seus assentos, e ficaram esperando (pelas ordens dele).'

## 225

(Continuação do Khandava daha Parva)

Vaisampayana disse, 'Então aquele Brahmana endereçou-se a Arjuna e Vasudeva da linhagem Satwata, dizendo, 'Vocês que estão agora tão perto de

Khandava são os dois principais heróis da terra. Eu sou um Brahmana voraz que sempre come muito. Ó tu da linhagem Vrishni, e ó Partha, eu lhes peço para me satisfazerem por me darem alimento suficiente.' Assim endereçados pelo Brahmana, Krishna e o filho de Pandu responderam, dizendo, 'Ó, diga-nos que espécie de comida te satisfará para que nós possamos nos esforçar para dá-la para ti.' O Brahmana ilustre, assim respondido, disse àqueles heróis que tinham perguntado sobre o tipo de comida que ele procurava, 'Eu não desejo comer alimento comum. Saibam que eu sou Agni! Dêem-me aquela comida que me seja adequada. Esta floresta de Khandava é sempre protegida por Indra. E como ela é protegida pelo ilustre, eu sempre fracasso em consumi-la. Nesta floresta vive, com seus seguidores e família, um Naga, chamado Takshaka, que é amigo de Indra. E é por causa dele que o manejador do raio protege esta floresta. Muitas outras criaturas também estão assim protegidas aqui por causa de Takshaka. Desejando consumir a floresta eu não tive êxito nas minhas tentativas por causa da destreza de Indra. Vendo-me brilhando, ele sempre despeja sobre mim água das nuvens. Portanto, eu não consigo consumir a floresta de Khandava, embora eu deseje muitíssimo fazer isto. Eu agora vim até vocês, vocês que são ambos habilidosos com armas! Se vocês me ajudarem eu certamente consumirei esta floresta, pois esta mesma é a comida que é desejada por mim! Como vocês estão familiarizados com armas excelentes, eu rogo a vocês para impedirem aquelas chuvas de caírem e qualquer das criaturas de escapar, quando eu começar a consumir esta floresta!'

Janamejaya disse, 'Por que o ilustre Agni desejava consumir a floresta de Khandava que estava cheia de várias criaturas vivas e era protegida pelo chefe dos celestiais? Quando Agni consumiu em cólera a floresta de Khandava era evidente que havia uma causa séria. Eu desejo, ó Brahmana, ouvir tudo isto de ti em detalhes. Diga-me, ó sábio, como a floresta de Khandava foi consumida antigamente.'

Vaisampayana disse, 'Ó chefe de homens, eu narrarei para ti a história da conflagração de Khandava como contada por Rishis no Purana. É dito, ó rei, no Purana, que havia um rei célebre de nome Swetaki que era dotado de força e destreza e que era igual ao próprio Indra. Ninguém sobre a terra se igualava a ele em sacrifícios, caridade, e inteligência. Swetaki realizou os cinco grandes sacrifícios e muitos outros, em todos os quais os presentes para os Brahmanas foram grandes. O coração daquele monarca, ó rei, estava sempre estabelecido em sacrifícios, ritos religiosos, e doações de todos os tipos. E o rei Swetaki de grande inteligência, ajudado por seus Ritwiks, realizou sacrifícios por muitos longos anos, até que aqueles sacerdotes sacrificais com os olhos atomentados pela contínua fumaça e ficando muito fracos, deixaram aquele monarca, desejando nunca mais ajudar em seus sacrifícios. O rei, no entanto, repetidamente pediu àqueles Ritwiks para irem a ele. Mas eles não foram ao seu sacrifício por causa do estado doloroso de seus olhos. O rei, portanto, convidou pela ordem de seus próprios Ritwiks outros como eles, e completou o sacrifício que tinha começado. Depois que alguns dias tinham passado, o rei Swetaki desejou realizar outro sacrifício que deveria se estender por cem anos. Mas o monarca ilustre não conseguiu qualquer

sacerdote para ajudá-lo nisto. O rei célebre então, com seus amigos e parentes, rejeitando toda a indolência, repetidamente cortejou seus sacerdotes com grande persistência, por se curvar a eles, por palavras conciliadoras, e por presentes de riqueza. Todos eles, no entanto, se recusaram a realizar o propósito que aquele rei de energia imensurável tinha em vista. Então aquele sábio nobre, ficando zangado, se endereçou àqueles Brahmanas sentados em seus retiros, e disse, 'Se, ó Brahmanas, eu fosse uma pessoa decaída, ou, se eu estivesse em falta com a homenagem e serviço a vocês, eu então mereceria ser abandonado sem escrúpulo por vocês e por outros Brahmanas ao mesmo tempo. Mas como eu não estou nem degradado nem em falta com as homenagens a vocês, não cabe a vocês obstruir a realização por mim do meu sacrifício ou me abandonar desta forma, ó principais dos Brahmanas, sem razão suficiente. Eu procuro, ó Brahmanas, a sua proteção! Cabe a vocês serem auspiciosos para mim. Mas, ó principais dos Brahmanas, se vocês me abandonarem só por inimizade ou qualquer motivo impróprio, eu irei a outros sacerdotes pedir sua ajuda para o meu sacrifício, e cativando-os por palavras gentis e presentes, eu descreverei para eles o trabalho que tenho à mão, para que eles possam realizá-lo.' Tendo dito isto o monarca ficou silencioso. E, ó destruidor de inimigos, uma vez que aqueles sacerdotes bem sabiam que não podiam ajudar no sacrifício do rei, eles fingiram estar zangados, e endereçando-se àquele melhor dos monarcas disseram, 'Ó melhor dos reis, teus sacrifícios são incessantes! Por te ajudar sempre nós todos estamos exaustos. E como nós estamos cansados por causa daqueles trabalhos, cabe a ti nos dar licença. Ó impecável, por perda do bom senso tu não podes esperar (mas nos solicita com insistência repetidamente). Vá até Rudra! Ele ajudará no teu sacrifício!' Ouvindo aquelas palavras de censura e cólera, o rei Swetaki ficou com raiva. E o monarca dirigiu-se às montanhas de Kailasa, e lá se dedicou ao ascetismo. E, ó rei, o monarca começou a cultuar Mahadeva, com atenção fixa, por cumprir os votos mais rígidos. E privando-se de toda comida às vezes, ele passou um longo período. O monarca comia somente frutas e raízes às vezes na décima segunda e às vezes na décima sexta hora de todo o dia. O rei Swetaki ficou por seis meses, absorto em atenção, com os braços erguidos e olhos firmes, como o tronco de uma árvore ou uma coluna enraizada na terra. E, ó Bharata, Sankara finalmente satisfeito com aquele tigre entre reis, que estava passando por tais penitências difíceis, se mostrou a ele. E o deus falou ao monarca em uma voz calma e grave, dizendo, 'Ó tigre entre reis, ó destruidor de inimigos, eu estou satisfeito com teu ascetismo! Abençoado sejas! Peça agora a bênção que tu, ó rei, desejas.' Ouvindo estas palavras de Rudra de energia incomensurável, o sábio real curvou-se àquela divindade e respondeu, dizendo, 'Ó ilustre, ó tu que és adorado pelos três mundos, se tu estás satisfeito comigo, então, ó deus dos deuses, ajude-me tu mesmo, ó senhor dos celestiais, no meu sacrifício!' Ouvindo estas palavras faladas pelo monarca o deus ilustre ficou satisfeito, e disse sorridente, 'Nós mesmos não ajudamos em sacrifícios, mas como tu, ó rei, sofreste penitências severas, desejoso de obter uma bênção, eu ó destruidor de inimigos, ajudarei no teu sacrifício, sob, ó rei, esta condição.' E Rudra continuou, 'Se, ó rei dos reis, tu puderes, por doze anos, despejar sem intervalo libações de manteiga clarificada no fogo, tu mesmo levando todo o tempo a vida de um Brahmacharin com atenção absorta, então tu obterás de mim o que

tu pedes.' O rei Swetaki, assim endereçado por Rudra, fez tudo o que lhe havia sido mandado fazer pelo manejador do tridente. E depois que doze anos tinham passado ele foi outra vez até Maheswara. E Sankara, o Criador dos mundos ao ver Swetaki, aquele monarca excelente, imediatamente disse, em grande satisfação, 'Eu fui gratificado por ti, ó melhor dos reis, com este teu próprio ato! Mas, ó destruidor de inimigos, o dever de ajudar em sacrifícios devidamente pertence a Brahmanas. Portanto, ó opressor de inimigos, eu mesmo não vou ajudar no teu sacrifício hoje. Há na terra um Brahmana exaltado que é uma porção do meu próprio ser. Ele é conhecido pelo nome de Durvasa. Aquele Brahmana dotado de grande energia o ajudará no teu sacrifício. Que, portanto, toda a preparação seja feita.' Ouvindo estas palavras proferidas por Rudra, o rei, voltando para sua própria capital, começou a reunir tudo o que era necessário. Depois que tudo tinha sido coletado, o monarca novamente se apresentou perante Rudra e disse, 'Todos os artigos necessários foram reunidos, e todos os meus preparativos estão completos, por meio da tua graça, ó deus dos deuses! Que eu, portanto, seja instalado no sacrifício amanhã.' Tendo ouvido estas palavras daquele rei ilustre, Rudra convocou Durvasa e disse: 'Este, ó Durvasa, é aquele melhor dos monarcas chamado Swetaki. Por minha ordem, ó melhor dos Brahmanas, ajude o rei no sacrifício dele.' E o Rishi Durvasa disse a Rudra, 'Assim seja.' Então o sacrifício para o qual o rei Swetaki tinha feito aqueles preparativos ocorreu. E o sacrifício ilustre do monarca foi realizado segundo a ordenança na época apropriada. E os presentes, naquela ocasião, para os Brahmanas foram grandes. E depois que o sacrifício daquele monarca tinha acabado, todos os outros sacerdotes que tinham chegado para assisti-lo partiram com a permissão de Durvasa. Todos os outros Sadasyas também, de energia incomensurável, que tinham sido instalados naquele sacrifício, então foram embora. Aquele monarca exaltado então entrou no seu próprio palácio, reverenciado por Brahmanas exaltados conhecedores dos Vedas, elogiado por cantores de hinos laudatórios e felicitado pelos cidadãos.

Tal é a história daquele melhor dos monarcas, o sábio real Swetaki, que, quando chegou a hora ascendeu para o céu, tendo ganhado grande renome sobre a terra, e acompanhado pelos Ritwiks e pelos Sadasyas que o tinham ajudado em vida.'

Vaisampayana continuou, 'Naquele sacrifício de Swetaki, Agni tinha bebido manteiga clarificada por doze anos. De fato, manteiga clarificada tinha sido despejada na boca de Agni em uma correnteza contínua naquele período. Tendo bebido tanta manteiga, Agni, saciado, não desejou beber manteiga outra vez da mão de ninguém mais em qualquer outro sacrifício. Agni ficou pálido, e tendo perdido a cor ele não podia brilhar como antes. Ele sentiu uma perda de apetite por indigestão, e sua própria energia diminuiu e a doença o afligiu. Então quando o bebedor de libações sacrificais percebeu que sua energia estava diminuindo gradualmente, ele foi à residência sagrada de Brahman que é adorado por todos. Se aproximando da grande Divindade sentada em seu assento, Agni disse, 'Ó exaltado, Swetaki (com seu sacrifício) me satisfez em excesso. Até agora eu estou sofrendo de indigestão a qual eu não posso dissipar. Ó Senhor do universo, eu

estou sendo reduzido em esplendor e força. Eu desejo recuperar, através da tua graça, minha própria natureza permanente.' Ouvindo estas palavras de Hutavaha, o ilustre Criador de todas as coisas sorrindo respondeu a ele, dizendo, 'Ó exaltado, tu comeste, por doze anos, uma corrente contínua de manteiga sacrificial despejada na tua boca! É por isso que a doença te acometeu. Mas, ó Agni, não te aflija por isso. Tu logo recuperarás tua própria natureza. Eu dissiparei esta tua indigestão e a hora para isto é chegada. A terrível floresta Khandava, aquela residência dos inimigos dos deuses, a qual tu antigamente uma vez reduziste a cinzas a pedido dos deuses, agora se tornou o lar de numerosas criaturas. Quando tu tiveres comido a gordura daquelas criaturas tu recuperarás tua própria natureza. Siga para lá com pressa para consumir aquela floresta com sua população viva. Tu então serás curado da tua enfermidade.' Ouvindo as palavras que saíram dos lábios da Divindade Suprema, Hutasana procedeu com grande velocidade e logo alcançou a floresta de Khandava em grande vigor. Chegado lá, ele de repente inflamou-se furiosamente, ajudado por Vayu. Vendo Khandava em chamas os habitantes (da floresta) que lá estavam fizeram grandes esforços para extinguir o incêndio. Elefantes às centenas de milhares, apressados em fúria, trouxeram água em suas trombas e a espalharam sobre o fogo. Milhares de cobras de muitos capelos, loucas com raiva, começaram rapidamente a espalhar sobre o fogo muita água daqueles muitos capelos delas. E assim, ó touro da raça Bharata, as outras criaturas que residiam naquela floresta, por meio de vários instrumentos e esforços, logo extinguiram o fogo. Desta maneira Agni queimou em Khandava repetidamente, até por sete vezes. E foi deste modo que o fogo ardente foi extinto muitas vezes pelos habitantes daquela floresta.'

## 226

(Continuação do Khandava daha Parva)

Vaisampayana disse, 'Então Havyavahana (Agni) em raiva e decepção, com sua doença não curada, voltou ao Avô. E ele descreveu para Brahman tudo o que tinha acontecido. A divindade ilustre, refletindo por um momento, disse a ele, 'Ó impecável. Eu vejo um caminho pelo qual tu podes consumir a floresta de Khandava hoje à vista de Indra. Aquelas divindades antigas, Nara e Narayana, se encarnaram no mundo dos homens para realizar o trabalho dos celestiais. Eles são chamados na terra de Arjuna e Vasudeva. Eles estão agora mesmo na floresta de Khandava. Peça a eles para te ajudarem a consumir aquela floresta. Tu então consumirás a floresta mesmo se ela for protegida pelos celestiais. Eles vão certamente impedir a população de Khandava de escapar, e impedir Indra também (de ajudar alguém na fuga). Eu não tenho dúvida disto!' Ouvindo estas palavras, Agni foi com pressa até Krishna e Partha. Ó rei, eu já te contei o que ele disse, tendo se aproximado do par ilustre. Ó tigre entre reis, ouvindo aquelas palavras de Agni que estava desejoso de consumir a floresta de Khandava contra a vontade de Indra, Vibhatsu disse a ele estas palavras bem adequadas à ocasião: 'Eu tenho

numerosas armas celestes excelentes com as quais eu posso lutar até com muitos manejadores do raio. Mas, ó exaltado, eu não tenho um arco adequado para a força dos meus braços, e que seja capaz de suportar o poder que eu posso aplicar em batalha. Por causa da rapidez das minhas mãos eu também preciso de flechas que nunca se esgotem. Meu carro também mal pode suportar a carga de flechas que eu desejaria manter perto de mim. Eu desejo corcéis celestes de branco puro, possuindo a velocidade do vento; e um carro possuidor do esplendor do sol cujo ruído das rodas pareça o ribombar das nuvens. Então, não há arma adequada para a energia de Krishna e com a qual Madhava possa matar Nagas e Pisachas. Ó exaltado, cabe a ti nos dar os meios pelos quais o sucesso possa ser alcançado e pelos quais nós possamos impedir Indra de despejar suas chuvas sobre esta extensa floresta. Ó Pavaka, nós estamos preparados para fazer tudo o que a virilidade e habilidade possam fazer. Mas, ó exaltado, cabe a ti nos dar os meios apropriados.'

## 227

(Continuação do Khandava daha parva)

Vaisampayana disse, 'Assim endereçado por Arjuna, Hutasana de bandeira de fumaça, desejoso de uma entrevista com Varuna, lembrou daquele filho de Aditi, aquela divindade que protege um dos pontos dos céus e que tem seu lar na água e governa aquele elemento. Varuna, sabendo que estava sendo lembrado por Pavaka, imediatamente apareceu perante aquela divindade. O celestial de bandeira de fumaça acolheu com reverência o soberano das águas, aquele quarto dos Lokapalas, e disse àquele deus eterno dos deuses, 'Dê-me sem perda de tempo aquele arco e aljava, e também aquele carro com bandeira de macaco que foram obtidos do rei Soma. Partha realizará uma grande tarefa com Gandiva, e Vasudeva também com o disco! Dê ambos, portanto, para mim hoje.' Ouvindo estas palavras, Varuna respondeu a Pavaka, dizendo, 'Bem, eu os dou.' Ele então deu aquela maravilhosa jóia de arco que era dotado de grande energia. Aquele arco era o realçador da fama e realizações, e era incapaz de ser prejudicado por qualquer arma. Ele era a principal de todas as armas, e o destruidor delas todas. Ele era o castigador de exércitos hostis e sozinho era igual a cem mil arcos. Ele era o multiplicador de reinos, e era matizado com cores excelentes. Ele era bem adornado, e belo de se olhar, e sem uma marca de fraqueza ou dano em qualquer lugar. E ele era sempre reverenciado pelos celestiais e Gandharvas. Varuna também deu duas aljivas inesgotáveis, e ele também deu um carro equipado com armas celestes e cuja bandeira portava um macaco grande. Unidos àquele carro estavam corcéis brancos como prata das nuvens fofas, nascidos na região dos Gandharvas, e enfeitados com arreios dourados, e que pareciam em velocidade o vento ou a mente. Ele estava equipado com instrumentos de guerra, e era incapaz de ser vencido pelos celestiais ou pelos Asuras. Seu esplendor era grandioso e os sons de suas rodas era tremendo. Ele encantava o coração de toda criatura que o olhasse. Ele tinha sido feito por Viswakarman, o arquiteto do universo e um dos

senhores da criação, depois de severa meditação ascética. Seu esplendor, como aquele do sol, era tão grande que ninguém podia fitá-lo. Ele era o próprio carro do qual o senhor Soma tinha vencido os Danavas. Resplandecente com beleza, ele parecia com uma nuvem ao anoitecer refletindo a refulgência do sol poente. Ele estava equipado com um excelente mastro de bandeira de cor dourada e grande beleza. E lá sobre aquele mastro de bandeira repousava um macaco celeste de forma feroz como aquela de um leão ou um tigre. Colocado no alto, o macaco parecia disposto a queimar tudo o que visse. E sobre as (outras) bandeiras havia várias criaturas de grande tamanho, cujos rugidos e gritos faziam os soldados do inimigo desfalecerem. Então Arjuna, vestido em armadura e armado com espada, e com seus dedos envolvidos em luvas de couro, andando ao redor daquele carro excelente adornado com numerosas bandeiras e curvando-se aos deuses, subiu nele como um homem virtuoso no carro celeste que o leva para o céu. E pegando aquele celestial e principal dos arcos criado por Brahman antigamente e chamado Gandiva, Arjuna ficou cheio de alegria. E curvando-se a Hutasana, Partha, dotado de grande energia pegou o arco e o encordoou forçosamente. Aqueles que ouviram o barulho que foi feito no momento em que o Pandava poderoso encordoou aquele arco tremeram de medo. E tendo obtido aquele carro e aquele arco, e as duas aljavas inesgotáveis, o filho de Kuntí ficou contente e se achou competente para ajudar na tarefa. E Pavaka então deu para Krishna um disco com um mastro de ferro anexado a um buraco no centro. Aquela era uma arma ígnea e se tornou sua favorita. Tendo obtido aquela arma, Krishna também ficou à altura da tarefa. Pavaka então, se endereçando a Krishna, disse, 'Com isto, ó matador de Madhu, tu serás capaz sem dúvida de vencer em batalha até inimigos que não sejam humanos. Com esta arma, sem dúvida, tu serás superior em batalha aos homens e deuses, e Rakshasas e Pisachas, e Daityas e Nagas. E certamente com ela tu serás capaz de derrotar a todos. E, ó Madhava, lançada por ti em batalha nos teus inimigos, esta arma irresistivelmente matará o inimigo e voltará novamente para tuas mãos.' E o senhor Varuna, depois disto, deu a Krishna uma maçã, de nome Kaumodaki, capaz de matar todo Daitya e que produzia, quando arremessada, um ribombar como aquele do trovão. Então Arjuna e Achyuta, cheios de alegria disseram a Pavaka, 'Ó exaltado, equipados com armas e sabendo seu uso, possuindo carros com bandeiras e mastros, nós somos agora capazes de lutar até com todos os celestiais e os Asuras (juntos), sem falar do manejador do raio desejoso de lutar por causa do Naga (seu amigo Takshaka).' Arjuna também disse, 'Ó Pavaka, quando Hrishikesa, dotado de energia abundante, se mover no campo de batalha com este disco na mão, não haverá nada nos três mundos que ele não será capaz de destruir por lançar esta arma. Tendo obtido o arco Gandiva e este par de aljavas inesgotáveis eu também estou preparado para conquistar em batalha os três mundos. Portanto, ó senhor, queime como quiseres, cercando esta floresta grande por todos os lados. Nós somos totalmente capazes de te ajudar.'

Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado por Dasarha e Arjuna, o deus ilustre então manifestou sua forma mais enérgica, pronto para consumir a floresta. A cercando todos os lados com suas sete chamas, ele começou a consumir a floresta de Khandava, exibindo sua forma que tudo consome como aquela no fim

do Yuga (ciclo). E, ó touro da raça Bharata, circundando aquela floresta e pegando-a por todos os lados com um rugido como o das nuvens, Agni fez todas as criaturas dentro dela tremerem. E, ó Bharata, aquela floresta queimando então parecia resplandecente como o rei das montanhas, Meru, refulgindo com os raios do sol caídos sobre ele.'

## 228

(Continuação do Khandava daha Parva)

Vaisampayana disse, 'Então aqueles principais dos guerreiros em carros (Krishna e Arjuna), conduzindo seus carros e se colocando em lados opostos da floresta, começaram uma grande matança, por todos os lados, das criaturas residentes em Khandava. Em qualquer ponto em que as criaturas residentes em Khandava pudessem ser vistas tentando fugir, para lá se apressavam aqueles poderosos heróis (para impedir sua fuga). De fato aqueles dois carros excelentes pareciam ser somente um, e também os dois guerreiros neles apenas um indivíduo. E enquanto a floresta estava queimando, centenas e milhares de criaturas vivas, proferindo gritos terríveis, começaram a correr para todos os lados em todas as direções. Algumas tinham membros específicos queimados, algumas estavam chamuscadas pelo calor excessivo, algumas saíam, e algumas corriam para lá e para cá por medo. E algumas abraçando seus filhos e algumas seus pais e irmãos, morriam tranquilamente sem, por excesso de afeição, serem capazes de abandonar aqueles que lhes eram queridos. E havia muitas lá que, mordendo seus lábios inferiores, se erguiam no ar e logo caíam girando no ardente elemento abaixo de si. E algumas eram vistas rolando sobre o solo com asas, olhos, e pés chamuscados e queimados. Aquelas criaturas eram todas vistas perecer quase imediatamente. Os tanques e lagos dentro daquela floresta, aquecidos pelo fogo ao redor, começaram a ferver; e os peixes e as tartarugas neles todos pereceram. Durante aquela grande matança de criaturas vivas naquela floresta, os corpos em chamas de vários animais faziam parecer que o próprio fogo tinha assumido muitas formas. As aves que levantavam vôo para escapar daquela conflagração eram todas perfuradas por Arjuna com suas flechas, e, cortadas em pedaços, elas caíam no elemento ardente abaixo. Perfuradas completamente pelas flechas de Arjuna, as aves caíam dentro da floresta ardente, proferindo gritos altos. Os habitantes da floresta, atingidos por aquelas setas, começaram a rugir e gritar. O clamor que eles ergueram era como o terrível tumulto ouvido durante o batimento do oceano (nos tempos antigos). As poderosas chamas do fogo ardente alcançaram o firmamento, causando grande ansiedade nos próprios celestiais. Então todos os habitantes ilustres do céu foram em grupo ao deus de cem sacrifícios e mil olhos, seu chefe, aquele destruidor de Asuras. Se aproximando de Indra, os celestiais disseram, 'Por que, ó senhor dos imortais, Agni queima estas criaturas abaixo? Chegou a hora da destruição do mundo?'

Vaisampayana continuou, 'Ouvindo estas palavras dos deuses, e ele mesmo vendo o que Agni estava fazendo, o matador de Vritra saiu para proteger a floresta de Khandava. E Vasava, o chefe dos celestiais, logo cobrindo o céu com massas de nuvens de todos os tipos começou a derramar chuva sobre a floresta ardente. Aquelas massas de nuvens às centenas e milhares, comandadas por Indra, começaram a despejar chuva sobre Khandava em pingos grossos como os mastros de bandeira dos carros de batalha. Mas as chuvas eram todas secadas completamente no próprio céu pelo calor do fogo e, portanto, não alcançavam o fogo em absoluto! Então o matador de Namuchi, ficando furioso com Agni, reuniu massas enormes de nuvens e as fez produzir um aguaceiro pesado. Com as chamas competindo com aquelas chuvas pesadas, e com massas de nuvens sobre si, aquela floresta, cheia de fumaça e luzes de relâmpagos, se tornou terrível de se olhar.'

## 229

(Continuação do Khandava daha Parva)

Vaisampayana disse, 'Então Vibhatsu, o filho de Pandu, invocando suas armas excelentes, impediu aquela chuva de Indra por meio de uma chuva de suas próprias armas. E Arjuna de alma incomensurável logo cobriu a floresta de Khandava com inumeráveis flechas como a lua cobrindo a atmosfera com um nevoeiro denso. Quando o céu acima daquela floresta estava assim coberto pelas flechas de Arjuna nenhuma criatura viva podia então escapar de baixo. E aconteceu que enquanto aquela floresta estava queimando, Takshaka, o chefe dos Nagas, não estava lá, tendo ido naquela hora ao campo de Kurukshetra. Mas Aswasena, o filho poderoso de Takshaka, estava lá. Ele fez grandes esforços para escapar daquele fogo; mas confinado pelas flechas Arjuna ele não conseguia achar um caminho. Foi então que a mãe dele, a filha de uma cobra, resolveu salvá-lo por engoli-lo primeiro. Sua mãe primeiro engoliu sua cabeça e então estava engolindo sua cauda. E desejosa de salvar seu filho, a cobra do mar ergueu-se (acima da terra) enquanto ainda estava empenhada em engolir a cauda do filho. Mas Arjuna tão logo a viu escapando separou a cabeça dela do corpo por meio de uma flecha afiada. Indra viu tudo aquilo, e desejando salvar o filho do amigo, o manejador do raio, por erguer um vento violento, fez Arjuna perder a consciência. Durante aqueles poucos momentos Aswasena conseguiu efetuar sua fuga. Vendo aquela manifestação do poder de ilusão, e enganado por aquela cobra, Arjuna ficou muito enfurecido. Ele em seguida cortou todo animal que procurava fugir pelos céus, em dois, três, ou mais pedaços. E Vibhatsu em fúria, e Agni, e Vasudeva também, amaldiçoaram a cobra que tinha escapado tão fraudulentamente, dizendo, 'Tu nunca serás famoso.' E Jishnu se lembrando do logro praticado sobre si, ficou furioso, e cobrindo o firmamento com uma nuvem de flechas procurou lutar com aquele de mil olhos. O chefe dos celestiais também, vendo Arjuna com raiva, procurou lutar com ele, e lançou suas próprias armas

violentas, cobrindo a larga extensão do firmamento. Então os ventos, fazendo um rugido alto e agitando todos os oceanos, juntaram massas de nuvens no céu, carregadas com torrentes de chuva. Aquelas massas de nuvens começaram a vomitar trovões e relâmpagos terríveis carregados com o estampido do trovão. Então Arjuna, possuindo o conhecimento de recursos, lançou a arma excelente chamada Vayavya com os mantras apropriados para dissipar aquelas nuvens. Com aquela arma a energia e força do raio de Indra e aquelas nuvens foram destruídas. E as torrentes de chuva com as quais aquelas nuvens estavam carregadas foram todas completamente secadas, e o relâmpago que vibrava entre elas foi também destruído. Em um momento o céu ficou limpo de poeira e escuridão, e uma brisa fresca e deliciosa começou a soprar e o disco do sol retomou seu estado normal. Então o comedor da manteiga clarificada (Agni), contente porque ninguém podia frustrá-lo, assumiu várias formas, e salpicado com a gordura exsudada pelos corpos das criaturas resplandeceu com todas as suas chamas, enchendo o universo com seu rugido. Então aves numerosas da tribo Garuda portando excelentes plumagens, vendo que a floresta era protegida por Krishna e Arjuna, desceram cheias de orgulho dos céus mais altos, desejosas de atingir aqueles heróis com suas asas como raios, bicos e garras. Nagas inumeráveis também, com rostos emitindo fogo, desceram do alto e se aproximaram de Arjuna, vomitando todo o tempo o veneno mais virulento. Vendo eles se aproximarem, Arjuna os cortou em pedaços por meio de flechas imersas no fogo da sua própria fúria. Então aquelas aves e cobras, privadas de vida, caíram no elemento ardente abaixo. E foram lá também, desejosos de lutar, inúmeros Asuras com Gandharvas e Yakshas e Rakshasas e Nagas proferindo gritos impressionantes. Armados com máquinas que vomitavam de suas gargantas bolas e projéteis de ferro, e catapultas para impulsionar pedras enormes, e foguetes, eles se aproximaram para atingir Krishna e Partha, com sua energia e força aumentadas pela fúria. Mas, embora eles despejassem uma perfeita chuva de armas, Vibhatsu, dirigindo-se a eles repreensivamente, cortou suas cabeças com suas próprias flechas afiadas. Aquele matador de inimigos, Krishna, também, dotado de grande energia, também fez um grande massacre de Daityas e Danavas com seu disco. Muitos Asuras de poder incomensurável, perfurados pelas setas de Krishna e atingidos pela força de seu disco, ficavam inertes como refugos encalhados na margem pela violência das ondas. Então Sakra, o senhor dos celestiais, montado em seu elefante branco, avançou naqueles heróis, e erguendo seu raio que nunca podia partir em vão, o arremessou com grande força. E o matador de Asuras disse aos deuses, 'Estes dois estão mortos.' Vendo o violento raio ser arremessado por seu chefe, todos os celestiais pegaram suas respectivas armas. Yama, ó rei, pegou a maça distribuidora de morte, e Kuvera sua clava com pontas de ferro, e Varuna seu laço e míssil belo. E Skanda (Kartikeya) pegou sua lança comprida e ficou imóvel como a montanha de Meru. Os Aswins estavam lá com plantas resplandecentes em suas mãos. Dhatri ficou com o arco na mão, e Jaya com uma maça grossa. Tvashtri de grande força ergueu com raiva uma montanha enorme e Surya ficou com um dardo brilhante, e Mrityu com um machado de batalha. Aryaman aproximou-se silenciosamente com uma clava terrível equipada de ferrões afiados, e Mitra ficou lá com um disco afiado como uma navalha. E, ó monarca, Pusha e

Bhaga e Savitri, em cólera, avançaram em Krishna e Partha com arcos e cimitarras nas mãos. E os Rudras e os Vasus, os Maruts poderosos e os Viswedevas e os Sadhyas, todos resplandecentes com sua própria energia, estes e muitos outros celestiais, armados com várias armas avançaram contra aqueles louvados pelos homens, Krishna e Partha, para prostrá-los. Então foram vistos naquele grande conflito magníficos portentos por toda parte, privando todas as criaturas de seus sentidos, e parecidos com aqueles que aparecem no tempo da dissolução universal. Mas Arjuna e Krishna, destemidos e invencíveis em batalha, vendo Sakra e os outros celestiais preparados para a luta, esperaram tranquilamente, com arcos nas mãos. Habilidosos em batalha, aqueles heróis em fúria atacaram a hoste de celestiais que avançava com suas próprias flechas como trovões. Os celestiais, repetidamente derrotados por Krishna e Arjuna, finalmente deixaram o campo de batalha por medo e procuraram a proteção de Indra. Os Munis que estavam testemunhando a batalha dos céus, vendo os celestiais derrotados por Madhava e Arjuna, ficaram cheios de admiração. Sakra também repetidamente testemunhando a bravura deles em batalha, ficou muito satisfeito, e mais uma vez apressou-se para o ataque. O castigador de Paka então produziu uma pesada chuva de pedras, desejando averiguar a destreza de Arjuna, que era hábil para usar o arco até com sua mão esquerda. Arjuna, em grande fúria, dissipou com suas flechas aquela chuva grossa. Então aquele de cem sacrifícios, vendo aquela chuva dissipada, mais uma vez produziu uma chuva grossa de pedras. Mas o filho do destruidor de Paka (Arjuna) satisfez seu pai por dissipar aquela chuva também com suas flechas velozes. Então Sakra, desejoso de derrotar o filho de Pandu, arrancou com suas mãos um grande topo de Mandara, com árvores altas nele, e o arremessou. Mas Arjuna dividiu aquele topo de montanha em mil pedaços com suas flechas rápidas e de bocas de fogo. Os fragmentos daquela montanha, ao caírem através dos céus, fizeram parecer que o sol e a lua e os planetas, deslocados de suas posições, estavam caindo na terra. Aquele topo enorme caiu sobre aquela floresta e por sua queda matou numerosas criaturas vivas que moravam em Khandava.'

## 230

(Continuação do Khandava daha Parva)

Vaisampayana disse, 'Então os habitantes da floresta de Khandava, os Danavas e Rakshasas e Nagas e lobos e ursos e outros animais selvagens, e elefantes com têmporas rasgadas, e tigres, e leões com jubas e veados e búfalos às centenas, e aves, e várias outras criaturas, assustadas pelas pedras caindo e extremamente ansiosas, começaram a fugir em todas as direções. Elas viram a floresta (queimando por toda parte) e Krishna e Arjuna também prontos para abatê-los com suas armas. Assustadas pelos sons terríveis que eram audíveis lá, aquelas criaturas perdiam seu poder de movimento. Vendo a floresta queimando em inúmeros lugares e Krishna também pronto para golpeá-las com suas armas,

elas todas soltaram um rugido terrível. Com aquele clamor terrível como também com o rugido do fogo, todo o firmamento ressoou, por assim dizer, com a voz de nuvens portentosas. Kesava de cor escura e braços poderosos, para atingir sua destruição, arremessava neles seu grande e feroz disco resplandecente com sua própria energia. Os habitantes da floresta incluindo os Danavas e os Rakshasas, atingidos por aquela arma, eram cortados em centenas de pedaços e caíam na boca de Agni. Mutilados pelo disco de Krishna, os Asuras ficavam lambuzados de sangue e gordura e pareciam com nuvens noturnas. E, ó Bharata, aquele da linhagem Vrishni se movia ágil com a própria morte, matando Pisachas e aves e Nagas e outras criaturas às milhares. O próprio disco, repetidamente lançado das mãos de Krishna, o destruidor de todos os inimigos, voltava para suas mãos depois de massacrar inumeráveis criaturas. A face e a forma de Krishna, aquele espírito de todos os seres criados, se tornaram aterradores de se ver enquanto ele estava assim empenhado na matança de Pisachas, Nagas e Rakshasas. Ninguém entre os celestiais, que tinham se reunido lá, podia vencer Krishna e Arjuna em batalha. Quando os celestiais viram que eles não podiam proteger aquela floresta do poder de Krishna e Arjuna por extinguir aquele incêndio eles se retiraram da cena. Então, ó monarca, aquele de cem sacrifícios (Indra), vendo os imortais retrocederem, ficou cheio de alegria e aplaudiu Krishna e Arjuna. E quando os celestiais desistiram da luta, uma voz incorpórea, profunda e alta, endereçando-se àquele de cem sacrifícios, disse, 'Teu amigo Takshaka, o chefe das cobras, não foi morto! Antes do incêndio começar em Khandava ele foi para Kurukshetra. Saiba por minhas palavras, ó Vasava, que ninguém é capaz de vencer Vasudeva e Arjuna em batalha! Eles são Nara e Narayana, aqueles deuses antigos conhecidos! Tu sabes qual é a energia e qual é a bravura deles. Invencíveis em batalha, aqueles melhores dos Rishis antigos são invencíveis por alguém em todos os mundos! Eles merecem a adoração mais reverencial de todos os celestiais e Asuras; de Yakshas e Rakshasas e Gandharvas, de seres humanos e Kinnaras e Nagas. Portanto, ó Vasava, cabe a ti sair daqui com todos os celestiais. A destruição de Khandava foi ordenada pelo Destino!' Então o chefe dos imortais, verificando que as palavras eram verdadeiras, abandonou sua cólera e ciúmes, e voltou para o céu. Os habitantes do céu, ó monarca, vendo o ilustre Indra abandonar a luta, o seguiram com todos os seus soldados. Então aqueles heróis, Vasudeva e Arjuna, quando viram o chefe dos celestiais se retirar acompanhado por todos os deuses, deram um rugido leonino. E, ó monarca, Kesava e Arjuna, depois de Indra ter deixado a cena, ficaram extremamente contentes. Aqueles heróis então destemidamente ajudaram na queima da floresta. Arjuna dispersou os celestiais como o vento espalha as nuvens, e matou com chuvas de suas flechas inúmeras criaturas que moraram em Khandava. Mortas pelas flechas de Arjuna, nenhuma entre as criaturas inumeráveis podia escapar da floresta ardente. Longe de lutarem com ele, nenhuma mesmo entre as mais fortes criaturas reunidas lá podia olhar para Arjuna cujas armas nunca eram infrutíferas. Às vezes perfurando cem criaturas com uma seta e às vezes uma única criatura com cem setas, Arjuna se movimentava por lá em seu carro. As próprias criaturas, carentes de vida, começaram a cair na boca de Agni (deus do fogo), como se tivessem sido derrubadas pela própria morte. Nas margens de rios ou em planícies irregulares ou em crematórios, aonde quer que fossem, as criaturas (que

habitavam em Khandava) não encontravam alívio, pois onde quer que elas procurassem abrigo lá elas eram afligidas pelo calor. E hostes de criaturas rugiam de dor, e elefantes e veados e lobos soltavam gritos de aflição. A este som os peixes do Ganges e do mar, e as várias tribos de Vidyadharas que moravam naquela floresta todos ficaram aterrorizados. Ó tu de braços poderosos, ninguém podia nem olhar para Arjuna e Janardana de cor escura, quanto mais lutar com eles. Hari matava com seu disco aqueles Rakshasas e Danavas e Nagas que avançavam nele em bandos. De corpos enormes, suas cabeças e troncos eram cortados pelo rápido movimento do disco, e privados de vida eles caíam no fogo ardente. Satisfeitas com grandes quantidades de carne, sangue e gordura, as chamas se ergueram até uma grande altura sem uma ondulante espiral de fumaça. Hutasana (deus do fogo) com olhos ardentes e acobreados, e língua flamejante e boca larga, e os cabelos no topo de sua cabeça todos ígneos, bebendo, com a ajuda de Krishna e Arjuna, aquele rio como néctar de gordura animal, ficou cheio de alegria. Imensamente gratificado, Agni derivou muita alegria.

E ocorreu que o matador de Madhu de repente viu um Asura de nome Maya escapando da residência de Takshaka. Agni tendo Vayu como seu condutor, assumindo um corpo com cabelos emaranhados na cabeça, e rugindo como as nuvens, perseguiu o Asura, desejoso de consumi-lo. Vendo o Asura, Vasudeva ficou com sua arma erguida, pronto para derrubá-lo, vendo o disco erguido e Agni perseguindo-o por trás para queimá-lo, Maya disse 'Corra para mim, ó Arjuna, e me proteja!' Ouvindo sua voz aterrorizada Arjuna disse, 'Não tema.' Aquela voz de Arjuna, ó Bharata, pareceu dar a Maya sua vida. Como o filho piedoso de Pritha disse a Maya que não havia nada a temer, aquele da linhagem Dasarha não mais desejou matar Maya, que era o irmão de Namuchi, e Agni também não o queimou.'

Vaisampayana continuou, 'Protegido de Indra por Krishna e Partha, Agni dotado de grande inteligência queimou aquela floresta por quinze dias. E enquanto a floresta queimava Agni poupou somente seis de seus habitantes, Aswasena, Maya, e quatro aves chamadas Sarngakas.'

## 231

(Continuação do Khandava daha Parva)

Janamejaya disse, 'Ó Brahmana, diga-me por que e quando aquela floresta queimou daquela maneira Agni não consumiu as aves chamadas Sarngakas? Tu citaste, ó Brahmana, a causa de Aswasena e do Danava Maya não terem sido consumidos. Mas tu não disseste até agora qual foi a causa da fuga dos Sarngakas. A fuga daquelas aves, ó Brahmana, me parece surpreendente. Nos diga por que eles não foram destruídos naquela conflagração terrível.'

Vaisampayana disse, 'Ó destruidor de todos os inimigos, eu te direi tudo quanto ao porque Agni não queimou aquelas aves durante a conflagração. Havia, ó rei, um grande Rishi conhecido pelo nome de Mandapala, conhecedor de todos os shastras, de votos rígidos, dedicado ao ascetismo, e o principal de todos os homens virtuosos. Seguindo o mesmo caminho dos Rishis que tinham parado seu fluido viril, aquele asceta, ó monarca, com todos os sentidos sob controle completo, se dedicava ao estudo e virtude. Tendo alcançado as margens opostas do ascetismo, ó Bharata, ele deixou sua forma humana e foi à região dos Pitris. Mas indo para lá ele fracassou em obter o (esperado) fruto de seus atos. Ele perguntou aos celestiais que estavam sentados ao redor do rei dos mortos quanto à causa de seu tratamento, dizendo, 'Por que estas regiões se tornaram inalcançáveis por mim, regiões que eu pensei que tinham sido alcançadas por mim por minhas dedicações ascéticas? Eu não realizei aqueles atos cujos frutos são estas regiões? Ó habitantes do céu, me digam por que estas regiões estão fechadas diante de mim! Eu farei o que me dará o fruto das minhas penitências ascéticas.'

Os celestiais responderam, 'Saiba, ó Brahmana, daqueles atos e coisas por causa dos quais os homens nascem devedores. Sem dúvida, é por ritos religiosos, estudos segundo a ordenança, e progênie que os homens nascem devedores. Estas dívidas são todas pagas por meio de sacrifícios, ascetismo, e prole. Tu és um asceta e também realizaste sacrifícios; mas não tens nenhuma prole. Estas regiões estão fechadas para ti somente por falta de filhos. Gere filhos, portanto! Tu então desfrutarás de diversas regiões de felicidade. Os Vedas declaram que o filho resgata o pai de um inferno chamado Put. Então, ó melhor dos Brahmanas, esforce-te para gerar prole.'

Vaisampayana continuou, 'Mandapala, tendo ouvido as palavras dos habitantes do céu, refletiu como melhor ele poderia obter o maior número de prole dentro do mais curto período de tempo. O Rishi, depois de reflexão, compreendeu que de todas as criaturas somente as aves eram abençoadas com fecundidade. Assumindo a forma de um Sarngaka o Rishi se uniu com uma ave fêmea da mesma espécie chamada pelo nome de Jarita. E ele gerou nela quatro filhos que eram todos narradores dos Vedas. Deixando todos aqueles seus filhos com sua mãe naquela floresta, enquanto eles ainda estavam dentro dos ovos, o asceta foi até (outra esposa chamada pelo nome de) Lapita. E, ó Bharata, quando o sábio exaltado partiu pela companhia de Lapita, movida por afeição por sua prole, Jarita ficou muito zelosa. Embora abandonados por seu pai na floresta de Khandava, Jarita, ansiosa em seu afeto por eles, não pôde abandonar sua prole, aqueles bebês Rishis envolvidos em ovos. Movida por afeição materna, ela criou aquelas suas crianças, ela mesma seguindo as perseguições apropriadas para sua própria espécie. Algum tempo depois, o Rishi, ao vagar por aquela floresta na companhia de Lapita, viu Agni vindo em direção a Khandava para queimá-la. Então o Brahmana Mandapala, sabendo da intenção de Agni e se lembrando também de que seus filhos eram todos jovens, movido pelo medo, agradou ao deus do elemento ardente, aquele regente do universo, dotado de grande energia. E ele o fez, desejando falar em favor de sua prole implume. Dirigindo-se a Agni, o Rishi

disse, 'Tu és, ó Agni, a boca de todos os mundos! Tu és o carregador da manteiga sacrificial! Ó purificador (de todos os pecados), tu te moves invisível com o corpo de toda criatura! Os eruditos falam de ti como Um, e também como possuidor de natureza tripla. Os sábios realizam seus sacrifícios diante de ti, tomando-te como consistindo em oito (bocas). Os grandes Rishis declaram que este universo é criado por ti. Ó tu que te alimentas da manteiga sacrificial, sem ti todo este universo seria destruído em um único dia. Reverenciando a ti, os Brahmanas, acompanhados por suas esposas e filhos, vão para eternas regiões ganhas por eles por ajuda de seus próprios atos. Ó Agni, os eruditos te descrevem como as nuvens nos céus carregadas com relâmpagos. Ó Agni, as chamas manifestadas por ti consomem todas as criaturas. Ó tu de grande esplendor, este universo é criado por ti. Os Vedas são tua palavra. Todas as criaturas, móveis e imóveis, dependem de ti. A água primeiramente depende de ti, assim como todo este universo. Todas as oferendas de manteiga clarificada e oblações de comida aos pitris são colocadas em ti. Ó deus, tu és o consumidor, tu és o criador e tu és o próprio Vrihaspati (em inteligência). Tu és os gêmeos Aswins; tu és Surya; tu és Soma; tu és Vayu.'

Vaisampayana continuou, 'Ó monarca, assim louvado por Mandapala, Agni foi gratificado por aquele Rishi de energia incomensurável; e o deus, bem satisfeito, respondeu, 'Que bem eu posso fazer por ti?' Então Mandapala com as palmas unidas disse ao carregador da manteiga clarificada, 'Quando tu queimares a floresta de Khandava poupe meus filhos.' O ilustre portador da manteiga clarificada respondeu, 'Assim seja.' Foi por isso então, ó monarca, que enquanto consumia a floresta de Khandava ele não efetuou a destruição dos filhos de Mandapala.'

## 232

(Continuação do Khandava daha Parva)

Vaisampayana disse, 'Quando o fogo resplandeceu na floresta de Khandava, as aves bebês ficaram muito aflitas e angustiadas. Cheias de ansiedade, elas não viram quaisquer meios de fuga. Sua mãe, a desamparada Jarita, sabendo que eles eram jovens demais para fugir, estava cheia de tristeza e lamentou alto. E ela disse, 'Oh, a terrível conflagração, iluminando todo o universo e queimando a floresta, se aproxima em direção a nós, aumentando a minha dor. Estes bebês com mente imatura, sem penas e pés, e o único refúgio dos nossos ancestrais falecidos, me afligem. Oh, o fogo se aproxima, espalhando medo por toda parte, e lambendo com sua língua as árvores mais altas. Mas minhas crianças implumes são incapazes de efetuar sua fuga. Eu mesma não sou capaz de escapar levando todos eles comigo. Nem sou capaz de abandoná-los, pois meu coração está aflito por sua causa. Quem entre meus filhos eu deixarei para trás, e quem eu levarei comigo? Que (ato) eu devo fazer agora que seja compatível com o dever? O que também vocês, meus pequenos filhos, acham? Eu, mesmo por reflexão, não vejo

qualquer meio de fuga para vocês. Eu cobrirei vocês com minhas asas e morrerei com vocês. Seu pai cruel me deixou algum tempo atrás, dizendo, 'Deste Jaritari, porque ele é o mais velho dos meus filhos, minha linhagem dependerá. Meu segundo Sarisrikka gerará prole para o desenvolvimento da raça dos meus antepassados. Meu terceiro, Stamvamitra, será devotado ao ascetismo, e o mais jovem, Drona, se tornará o principal daqueles conhecedores dos Vedas.' Mas como esta calamidade terrível nos alcançou quem eu levarei comigo? Como eu estou privada do bom senso, o que eu devo fazer que seja compatível com o dever? Eu não vejo, pelo exercício do meu próprio julgamento, a fuga dos meus filhos do fogo!

Vaisampayana disse, 'Para sua mãe, que se entregava a estas lamentações, os bebês disseram, 'Ó mãe, abandonando tua afeição para conosco, vá para um lugar onde não haja fogo. Se nós formos mortos aqui tu poderás ter outros filhos. Se tu, ó mãe, fores morta, nós não poderemos ter mais crianças na nossa linhagem. Refletindo sobre ambas estas calamidades chegou a hora, ó mãe, de tu fazeres o que é benéfico para nossa raça. Não seja influenciada pela afeição por tua prole, a qual promete destruir a nós e a ti. Se tu te salvares, nosso pai, que está desejoso de alcançar as regiões de felicidade, poderá ter seus desejos satisfeitos.'

Ouvindo o que os bebês disseram Jarita respondeu, 'Há um buraco aqui no chão perto desta árvore, pertencente a um camundongo. Entrem neste buraco sem perda de tempo. Vocês então não terão que temer o fogo. Depois de vocês terem entrado, eu, ó filhos, cobrirei sua entrada com poeira. Este é o único meio que eu vejo de escapar do fogo ardente. Então quando o fogo se extinguir eu voltarei para cá para remover a poeira. Sigam este meu conselho se vocês querem escapar do incêndio.'

As aves bebês responderam, 'Sem penas nós somos apenas algumas bolas de carne. Se nós entrarmos no buraco é certo que o camundongo carnívoro destruirá todos nós. Vendo este perigo à nossa frente nós não podemos entrar no buraco. Ai, nós não vemos quaisquer meios pelos quais nós podemos escapar do fogo ou do camundongo. Nós não vemos como o ato de procriação do nosso pai pode ser impedido de se tornar inútil, e como também nossa mãe pode ser salva. Se nós entrarmos no buraco o camundongo nos destruirá; e se nós permanecermos onde estamos o fogo que percorre o céu nos destruirá. Refletindo sobre ambas as calamidades, uma morte pelo fogo é preferível à uma morte por ser comida. Se nós formos devorados pelo camundongo dentro do buraco, esta morte será certamente ignóbil, uma vez que a destruição do corpo pelo fogo é aprovada pelos sábios.'

## 233

(Continuação do Khandava daha Parva)

Vaisampayana disse, 'Ouvindo aquelas palavras de seus filhos, Jarita continuou, 'O pequeno camundongo saiu do buraco e foi apanhado por um falcão com suas garras que o carregou para longe daqui. Portanto, vocês podem sem medo entrar neste buraco agora.' Os jovens responderam, 'Nós não estamos por quaisquer meios certos de que aquele camundongo foi levado pelo falcão. Podem haver outros ratos vivendo aqui. Deles nós todos temos medo. Ao passo que é duvidoso se o fogo se aproximará daqui. Nós já vemos um vento adverso soprando as chamas para longe. Se nós entramos no buraco, a morte será certa nas mãos dos habitantes do buraco. Mas, se nós permanecemos onde estamos a morte é incerta. Ó mãe, uma posição na qual morte é incerta é melhor do que uma na qual ela é certa. É teu dever, portanto, escapar, para que, se tu viveres, tu possas obter outros filhos igualmente bons.'

Sua mãe então disse, 'Ó filhos, eu mesma vi o falcão poderoso, aquela melhor das aves, mergulhar e voar para longe com o rato do buraco. E enquanto ele estava indo embora rapidamente, eu o segui e pronunciei uma bênção sobre ele por ter levado embora o camundongo do buraco. Eu disse a ele: 'Ó rei dos falcões, porque tu estás voando para longe levando nosso inimigo, o camundongo, em tuas garras, que tu possas, sem um inimigo, viver no céu com um corpo dourado.' Depois quando aquele falcão devorou o rato, eu vim embora, obtendo sua permissão. Portanto, ó crianças, entrem neste buraco confiantemente. Vocês não tem nada a temer. O camundongo que era seu ocupante foi capturado e morto pelo falcão à minha vista.' Os jovens outra vez disseram, 'Ó mãe, nós não sabemos por nenhum meio se o camundongo foi morto pelo falcão. Nós não podemos entrar no buraco no chão sem estarmos certos do fato.' Sua mãe disse, 'Eu sei com certeza que o camundongo foi levado embora pelo falcão. Portanto, ó crianças, vocês não tem nada a temer; façam o que eu digo.' Os jovens novamente disseram, 'Nós não estamos dizendo, ó mãe, que tu estás dissipando nossos medos com uma história falsa. Pois o que quer que seja feito por uma pessoa quando sua razão está perturbada mal pode ser considerado como uma ação intencional da pessoa. Tu não tens sido beneficiada por nós, nem sabe quem nós somos. Por que, portanto, tu te esforças por nos proteger a tanto custo para ti mesma? Quem somos nós para ti? Tu és jovem e bela, e capaz de procurar teu marido. Vá ao teu marido. Tu obterás bons filhos novamente. Deixe que nós por entrarmos no fogo alcancemos regiões de felicidade. Se, no entanto, o fogo não nos consumir, tu poderás voltar e nos obter novamente.'

Vaisampayana disse, 'A mãe ave então, assim endereçada por seus filhos, deixou-os em Khandava e foi depressa para um local onde não havia fogo e havia segurança. Então Agni rapidamente e com chamas ferozes se aproximou do local onde os filhos de Mandapala estavam. As aves jovens viram o fogo ardente indo em direção a elas. Então Jaritari, o mais velho dos quatro, na audição de Agni, começou a falar.'

(Continuação do Khandava daha Parva)

Jaritari disse, 'A pessoa que é sábia permanece alerta em virtude da morte. Conseqüentemente, quando a hora da morte se aproxima, ela não sente aflições. Mas a pessoa de alma desorientada, que não permanece vigilante, quando chega a hora da morte sente as angústias da morte e nunca alcança a salvação.'

O segundo irmão Sarisrikka, disse, 'Tu és paciente e inteligente. Chegou a hora na qual nossas vidas estão ameaçadas. Sem dúvida, somente um único entre muitos se torna sábio e corajoso.'

O terceiro irmão, Stamvamitra, disse, 'O mais irmão mais velho é chamado de protetor. É o irmão mais velho que salva (os mais jovens) do perigo. Se o próprio irmão mais velho falha em resgatá-los, o que podem os mais novos fazer?'

O quarto e mais novo irmão, Drona disse, 'O cruel deus do fogo, com sete línguas e sete bocas vem rapidamente em direção à nossa habitação, brilhando em esplendor e lambendo tudo em seu caminho.'

Vaisampayana continuou, 'Tendo se endereçado um ao outro dessa forma, os filhos de Mandapala então cada um devotamente endereçou um hino laudatório para Agni. Ouça agora, ó monarca, àqueles hinos enquanto eu os recito.'

Jaritari disse, 'Tu és, ó fogo, a alma do ar! Tu és o corpo da vegetação da Terra! Ó Sukra, a água é tua origem como tu és a origem da água! Ó tu de grande energia, tuas chamas, como os raios do sol, se estendem acima, abaixo, atrás, e a cada lado.'

Sarisrikka disse, 'Ó deus de bandeira de fumaça, nossa mãe não é vista, e nós não conhecemos nosso pai! Nossas penas ainda não cresceram. Nós não temos ninguém para nos proteger exceto tu. Portanto, ó Agni, como nós somos bebês, proteja-nos! Ó Agni, como nós estamos aflitos, proteja-nos com aquela forma auspiciosa que tens e com aquelas tuas sete chamas! Nós procuramos proteção em tuas mãos. Somente tu, ó Agni, és o dador de calor (no universo). Ó senhor, não há ninguém mais (além de ti) que dá calor aos raios do sol. Ó, proteja a nós que somos jovens e que somos Rishis. Ó Havyavaha (carregador da manteiga sacrificial), fique satisfeito em seguir daqui por alguma outra rota.'

Stamvamitra disse, 'Somente tu, ó Agni, és tudo! Todo este universo está estabelecido em ti! Tu sustentas todas as criaturas, e tu suportas o universo! Tu és o transportador da manteiga sacrificial, e tu és a própria manteiga sacrificial excelente! Os sábios te conhecem como um (como causa) e muitos (como efeitos)! Tendo criado os três mundos, tu, ó Havyavaha, novamente os destrói quando chega a hora, expandindo-te! Tu és a causa produtiva de todo o universo, e tu também és a essência na qual o universo se dissolve!'

Drona disse, 'Ó senhor do universo, crescendo em força e permanecendo dentro de seus corpos, tu fazes a comida que as criaturas vivas comem ser digerida. Tudo, portanto, está estabelecido em ti. Ó Sukra, ó tu de cuja boca os Vedas emergiram, és tu quem assume a forma do sol, absorve as águas da terra e todo o suco líquido que a terra produz, e os devolve com o tempo na forma de chuva e faz tudo crescer! De ti, ó Sukra, são estas plantas e vegetações com folhagem verde! De ti surgiram estes tanques e lagos, e também o grande oceano que é sempre abençoando! Ó tu de raios ferozes, este nosso corpo (humano) depende de Varuna (o deus da água)! Nós somos incapazes de suportar teu calor. Seja, portanto, nosso auspicioso protetor! Ó, não nos destrua! Ó tu de olhos da cor do cobre, ó tu de pescoço vermelho, ó tu cujo caminho é marcado pela cor preta, salve-nos por seculares ao longo de qualquer rota afastada, como de fato, o oceano salva a casa em suas margens!'

Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado por Drona, aquele proferidor de Brahma, Agni, bem satisfeito com o que ouviu, e se lembrando também da promessa que tinha feito para Mandapala, respondeu a ele, dizendo, 'Tu és um Rishi, ó Drona! Pois o que tu disseste é Brahma (verdade Védica). Eu farei tua vontade. Não tema! De fato, Mandapala me falou de vocês com o propósito de eu poupar seus filhos, enquanto consumisse a floresta. As palavras que ele falou e o teu discurso também têm grande importância para mim. Diga o que eu devo fazer. Ó melhor dos Brahmanas, eu fiquei muito satisfeito com teu hino. Abençoado sejas, ó Brahmana!'

Drona disse, 'Ó Sukra, estes gatos nos incomodam todo dia. Ó Hutasana; consuma-os com seus amigos e parentes.'

Vaisampayana continuou, 'Então Agni fez o que os Sarngakas lhe pediram para fazer, dizendo a eles suas intenções. E, ó Janamejaya, aumentando em força, ele começou então a consumir a floresta de Khandava.'

## 235

(Continuação do Khandava daha Parva)

Vaisampayana disse, 'Ó tu da linhagem Kuru, o Rishi Mandapala ficou muito ansioso por seus filhos, embora ele tivesse falado deles ao deus de raios ferozes. De fato, sua mente não estava em paz. Aflito por causa de seus filhos, ele se dirigiu a Lapita (sua segunda mulher com quem ele então estava), dizendo, 'Ó Lapita, como meus filhos são incapazes de se locomover, como estarão eles? Quando o fogo crescer em força e o vento começar a soprar violentamente meus filhos mal poderão se salvar. Como sua mãe poderá resgatá-los? Aquela mulher inocente sofrerá de grande tristeza quando se encontrar incapaz de salvar sua prole. Oh, como ela se acalmará, proferindo várias lamentações por causa dos meus filhos que são todos incapazes de voar ou elevar-se no ar? Oh, como estará

Jaritari, meu filho, e como estará Sarisrikka, e como estará Stamvamitra, e como estará Drona, e como também estará sua mãe desamparada?'

Ao Rishi Mandapala lamentando dessa maneira na floresta, Lapita, ó Bharata, assim respondeu, sob a influência dos ciúmes, 'Tu não precisas te preocupar com teus filhos que, como tu me asseguraste, são todos Rishis dotados de energia e destreza! Eles não podem ter medo do fogo. Tu não falaste a Agni, na minha presença, em favor deles? A divindade ilustre não te prometeu salvá-los? Um dos regentes do universo como Agni é, ele nunca falsificará suas palavras. Tu não tens ansiedade, nem o teu coração é inclinado a beneficiar amigos. É somente por pensar nela, (Jarita) minha rival, que tu estás tão perturbado! Certo é que o amor que tens por mim não é igual ao que tu tiveste por ela a princípio. Aquele que tem dois partidos dividindo sua atenção pode facilmente ver um daqueles sofrer todos os tipos de angústias; mas ele não deve desconsiderar o partido que está próximo ao seu coração. Então vá para Jarita, por quem teu coração está entristecido! Quanto a mim, eu de agora em diante vagarei sozinha, como uma justa recompensa por ter me ligado a uma pessoa má.'

Ouvindo estas palavras, Mandapala respondeu, 'Eu não vago sobre a terra com tais intenções como tu imaginas. É somente por causa de filhos que eu estou aqui. E aqueles que eu tenho estão em perigo. Aquele que rejeita o que tem por causa do que ele pode adquirir é uma pessoa má. O mundo o despreza e o insulta. (Portanto, eu devo ir). Quanto a ti mesma tu estás livre para fazer o que escolheres. Este fogo ardente que lambe as árvores causa tristeza no meu coração ansioso e cria nele maus pressentimentos.'

Vaisampayana continuou, 'Enquanto isso, depois que o fogo tinha deixado o local onde os Sarngakas moravam, Jarita, muito ligada a seus filhos, foi até lá rapidamente para ver como eles estavam. Ela verificou que todos tinham escapado do fogo e estavam perfeitamente bem. Vendo sua mãe, eles começaram a chorar, embora sãos e salvos. Ela também derramou lágrimas ao vê-los vivos. E ela abraçou, um a um, todos os seus filhos chorosos. Justamente naquela hora, ó Bharata, o Rishi Mandapala chegou lá. Mas nenhum de seus filhos expressou alegria ao vê-lo. O Rishi, no entanto, começou a falar a eles um depois do outro e a Jarita também, repetidamente. Mas nem seus filhos nem Jarita falaram qualquer coisa boa ou má a ele em retorno.'

Mandapala então disse, 'Quem entre estes é teu primogênito, e quem é o seguinte depois dele? E quem é o terceiro, e quem é o mais novo? Eu estou falando a ti aflitivamente; por que tu não me respondes? Eu te deixei, é verdade, mas eu não estava feliz onde estava.'

Jarita então disse, 'O que tu tens feito com o mais velho destes, e com o seguinte? E o que com o terceiro e com o mais novo? Vá agora até aquela Lapita de sorriso doce e dotada de juventude, a quem tu foste há algum tempo atrás, me achando imperfeita em tudo!' Mandapala respondeu, 'Em relação a mulheres, não há nada tão destrutivo da sua felicidade neste ou no outro mundo como uma co-esposa e uma amante clandestina. Não há nada como estas duas para inflamar o

fogo da hostilidade e causar tal ansiedade. Mesmo a auspiciosa e bem comportada Arundhati, célebre entre todas as criaturas, ficou ciumenta do ilustre Vasishtha de grande pureza de mente e sempre dedicado ao bem de sua esposa. Arundhati insultou até o sábio Muni entre os sete (celestiais). Por causa de tais pensamentos insultantes dela, ela se tornou uma estrela pequena, como fogo misturado com fumaça, às vezes visível e às vezes invisível, como um augúrio pressagiando nenhum bem (entre uma constelação de sete estrelas brilhantes representando os sete Rishis). Eu olho para ti por causa das crianças. Eu nunca fui injusto contigo, como Vasishtha que nunca foi injusto com sua mulher. Tu, portanto, por teus ciúmes, te comportaste em relação a mim como Arundhati com relação a Vasishtha antigamente. Homens nunca devem confiar nas mulheres mesmo que elas sejam suas esposas. Mulheres, quando se tornam mães, não se dedicam muito a servir seus maridos.'

Vaisampayana continuou, 'Depois disto todos os seus filhos se adiantaram para reverenciá-lo. E ele também começou a falar bondosamente a eles todos, dando-lhes toda a segurança.'

## 236

(Continuação do Khandava daha Parva)

Vaisampayana disse, 'Mandapala então se dirigiu a seus filhos, dizendo, 'Eu tinha falado a Agni pela segurança de vocês todos. A divindade ilustre me assegurou de que concederia meu desejo. Por aquelas palavras de Agni, e conhecendo a disposição virtuosa de sua mãe, como também da grande energia que está em vocês mesmos, eu não vim aqui mais cedo. Portanto, ó filhos, não nutram em seus corações algum ressentimento com relação a mim. Vocês são todos Rishis conhecedores dos Vedas. Até Agni os conhece bem.'

Vaisampayana continuou, 'Tendo dado tais garantias a seus filhos, o Brahmana Mandapala tomando consigo sua esposa e filhos e deixando aquela região, foi para algum outro país.

E foi assim que o deus ilustre de raios ferozes, tendo crescido em força, consumiu a floresta de Khandava com a ajuda de Krishna e Arjuna, pelo bem do mundo. E Agni tendo bebido vários rios de gordura e medula ficou muito satisfeito, e se mostrou para Arjuna. Então Purandara, cercado pelos Maruts, desceu do firmamento e dirigiu-se a Partha e Kesava dizendo, 'Vocês realizaram uma façanha que nem um celestial poderia realizar. Peçam cada um uma bênção que não seja obtível por nenhum homem. Eu estou satisfeito com vocês.'

Vaisampayana continuou, 'Então Partha pediu de Indra todas as suas armas. A isto Sakra de grande esplendor, tendo fixado o momento para dá-las, disse, 'Quando o ilustre Madhava ficar satisfeito contigo, então, ó filho de Pandu, eu te darei todas as minhas armas! Ó príncipe da linhagem Kuru, eu saberei quando

chegar a hora. Igualmente por teu ascetismo austero eu te darei todas as minhas armas de fogo e todas as minhas armas Vayavya, e tu também aceitarás elas todas de mim.' Então Vasudeva pediu que sua amizade com Arjuna pudesse ser eterna. O chefe dos celestiais concedeu ao inteligente Krishna a bênção que ele desejava. E tendo concedido estes benefícios para Krishna e Arjuna, o senhor dos Maruts, acompanhado pelos celestiais, ascendeu para o céu, tendo também falado com Hutasana (aquele cuja comida é a manteiga sacrificial). Agni também, tendo queimado aquela floresta com seus animais e aves por quinze dias, ficou satisfeito e parou de queimar. Tendo comido carne em abundância e bebido gordura e sangue, ele ficou muito satisfeito, e se dirigiu a Achyuta e Arjuna dizendo, 'Eu fui satisfeito por vocês dois tigres entre homens. Por minha ordem, ó heróis, vocês serão capazes de ir aonde quer que escolham!' Assim endereçados pelo ilustre Agni, Arjuna e Vasudeva e o Danava Maya também, aqueles três, tendo vagado um pouco finalmente se sentaram nas margens encantadoras de um rio.'

**Fim do Adi Parva.**